UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

YURI FABRI VENANCIO

**Um estudo etimológico de internacionalismos: cognatos na
língua portuguesa e norueguesa**

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

**Um estudo etimológico de internacionalismos: cognatos na
língua portuguesa e norueguesa**

YURI FABRI VENANCIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F448a

Fabri Vanancio, Yuri
Um estudo etimológico de internacionalismos:
cognatos na língua portuguesa e norueguesa / Yuri
Fabri Vanancio ; orientador Mário Eduardo Viaro. -
São Paulo, 2016.
459 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo, Departamento de Letras Clássicas e
Vernículas. Área de concentração: Filologia e Língua
Portuguesa.

1. ETIMOLOGIA. 2. LÍNGUA PORTUGUESA. 3. LÍNGUA
NORUEGUESA. 4. LINGÜÍSTICA HISTÓRICA. 5. LINGÜÍSTICA
INDO-EUROPEIA. I. Eduardo Viaro, Mário, orient. II.
Título.

VENANCIO, Y. F. **Um estudo etimológico de internacionalismos: cognatos na língua portuguesa e norueguesa.** Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço ao professor e orientador Mário Eduardo Viaro pela assistência e incentivo ininterruptos nesta dissertação;

Aos colegas do NEHiLP, principalmente ao Prof. Dr. Aldo Bizzocchi, ao Prof. Dr. Bruno Maroneze, ao Prof. Dr. Daniel Kölligan, à Profa. Dra. Érica Santos Soares de Freitas, à Jasmim Sedie Drigo, ao Prof. Dr. José Marcos Mariani de Macedo, à Dra. Nilsa Areán-Garcia, ao Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza e ao Prof. Dr. Vanderlei Gianastacio;

Aos meus professores nas disciplinas de mestrado – Profa. Dra. Margarida Taddoni Petter, à Profa. Dra. Mária Clara Paixão de Souza, ao Prof. Dr. Thomas Daniel Fimbow e, novamente, aos Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, os conhecimentos transmitidos;

Ao Prof. Dr. Francis Henrik Aubert, os conhecimentos adquiridos em Tradução e Língua norueguesa;

À FFLCH-USP, o apoio institucional as oportunidades e facilidades concedidas durante o período da elaboração desta dissertação;

À CAPES, a concessão de bolsa de estudo;

À Biblioteca Nacional da Noruega, todos os livros disponíveis;

Ao meu amigo norueguês e linguista Bror-Magnus Sviland Strand, o apoio e companheirismo;

Aos meus amigos Bruno Cruz Marques, Eduardo Sadalla Bucci, Guilherme Stecher Pinto, João Henrique Simon de Medeiros, Ricardo Rossi, Sthefan Fugagnolli Pegorari e Wendel Mene Costa, o apoio e companheirismo;

Aos meus pais, Luís Antônio Venancio e Lilian Cristina Fabri Venâncio, por acreditarem e investirem em mim;

Ao meu irmão, Matheus Fabri Venancio; aos meus avós José Luís Fabri e Claudete Therezinha Marchi Fabri; Sétimo Venancio e Ana Fischer Blumer Venancio. À toda minha família;

A todos grandes autores que li em minha vida, os conhecimentos adquiridos.

*Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.*

Como desencantá-la?

*É a senha da vida
a senha do mundo.*

Vou procurá-la.

*Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.*

*Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.*

*Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.*

(A Palavra Mágica – Carlos Drummond de Andrade)

Kvat er no ein Nation? Ordet kjem av Latinen og tyder eigenlega eit Føde (fødselskull), ei Ætt elder Slægt, og dernæst ei Landsætt (elder Tjod), eit stort Folkaslag av same Uppkoma og soleides nokorlunda med same Hug og Seder, med same Maal og same Minne. Naar no slikt eit Folkaslag kann bu i eit Land fyre seg sjølv og skipa eit Rike, soleides som vaart Folk, so er det ein Landslyd. (Lyd er Familie.).

Ivar Aasen

(Minningar fraa Maalstriden – 1859)

Resumo

Esta dissertação é principalmente um estudo de Etimologia; porém, tem um caráter interdisciplinar, pois nos valhamos de outros estudos linguísticos, como a Morfologia, Fonologia, Linguística Histórica, Semântica, assim como os Estudos de Tradução e de Filologia.

O objetivo desta dissertação é analisar a etimologia de alguns elementos lexicais terminados em *-ção*, que têm cognatas em *-sjon* no norueguês. Estes elementos são atribuídos aos chamados internacionalismos que, por sua vez, integram o conjunto de empréstimos na língua. Para analisar a etimologia de cada uma das palavras da amostragem, pesquisamos o *terminus a quo* de cada cognata, tanto do português quanto do norueguês, e também de outras línguas do ramo latino e germânico a fim de traçar o caminho percorrido pelo elemento lexical. Propusemos outros procedimentos para fortalecer a determinação do étimo destes elementos lexicais. A análise deste tipo de elemento lexical é um grande desafio, uma vez que suas cognatas têm grafia e pronúncia muito parecidas.

Também nos propusemos a comparar os resultados de nossa pesquisa etimológica com as informações contidas em outros dicionários: no *Grande Dicionário Houaiss*, para a língua portuguesa, no *Bokmål Ordbok*, no *Nynorsk Ordbok* (ambos da Universidade de Bergen), no *Norsk Ordbok* e no *Rismålsordbok*, para a língua norueguesa.

Consultamos muitas obras online e *corpora* para a realização dessa pesquisa. O *Google Books* e a Biblioteca Nacional da Noruega (*Nasjonalbibliothek*) foram fundamentais para este fim.

PALAVRAS-CHAVE: Etimologia, Linguística Histórica, Língua norueguesa, Língua portuguesa, Morfologia Diacrônica

Abstract

The present dissertation is mainly an etymological study. It has, however, an interdisciplinary character as it is part of other linguistics studies, such as Morphology, Phonology, Historical Linguistics, Semantics, as well as Translation Studies and Philology.

The aim of this work is to analyse the etymology of some lexical elements formed by the derivational suffix *-çãõ* in the Portuguese language with cognates formed by *-sjon* in the Norwegian language. These elements are assigned to the internationalisms which, in turn, are part of the set of loanwords in the language. With a view to analysing each of the collected lexical elements of the sampling, we searched for the *terminus a quo* of each cognate both in the Portuguese language and in the Norwegian language as well as in the other Romance and Germanic languages. From this collection, we succeeded in tracing the path each word took. Furthermore, we proposed other procedures to strengthen the establishment of the etymon of these lexical elements. Such an analysis is a big challenge, since the cognates are very alike both in the spelling and in the pronunciation.

We also aimed to compare the results of our research with the etymological information provided by the *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* and by some Norwegian dictionaries, such as *Bokmål Ordbok*, *Nynorsk Ordbok* (both from the Bergen University), *Norsk Ordbok* and *Riksmålsordbok*.

We accessed many online works and corpora in order to carry out our research. The Google Books and the National Library of Norway (Nasjonalbibliothek) were fundamental for this end.

KEY WORDS: Etymology, Historical Linguistics, Norwegian language, Portuguese language, Diachronic Morphology

Lista de símbolos e abreviaturas

Símbolos:

$x \rightarrow y$ ou $y \leftarrow x$	o dado linguístico y é derivado morfológico de x
$x \Rightarrow y$ ou $y \Leftarrow x$	o dado linguístico y é afetado por analogia com x
$x \blacktriangleright y$ ou $y \blacktriangleleft x$	o empréstimo x transforma-se em y
$x \equiv y$	x e y são homófonos
$x \cong y$	x é cognato de y
$x \approx y$	x é uma variante de y
$x \sim y$	x e y são flexões do mesmo paradigma
$x+y \rightarrow z$	z é uma composição de x e de y
$x > y$ ou $y < x$	x é étimo/origem de y
$x \gg y$ ou $y \ll x$	x mudou semanticamente para y
$x \geq y$ ou $y \leq x$	y é um decalque de x

Abreviação das línguas:

AAA	antigo alto-alemão
AEE	antigo eslavônico-eclesiástico
AFranc.	Antigo frâncico
AFris.	antigo frísio
AHol.	antigo holandês
AD	antigo dinamarquês
Ai.	Antigo índico
ale.	alemão
AN	antigo nórdico
AS	antigo saxão
ASue.	antigo sueco
ATch.	Antigo tcheco
av.	avéstico
din.	dinamarquês
EsC.	Escandinavo comum

fr.	francês
fr.ant.	francês antigo
Go.	gótico
germ.oest.	germânico do oeste
gr.	grego
IA	inglês antigo
ing.	inglês
isl.	islandês
lat.	latim
LEsc	línguas escandinavas
MBA	médio baixo-alemão
MHol.	Médio holandês
nbok.	norueguês <i>bokmål</i>
nyn.	norueguês <i>nynorsk</i>
PN	proto-nórdico
pt.	português
rún.	Rúnico
snsr.	sânscrito
sue.	sueco

Abreviação de algumas obras:

CLG	Curso de linguística geral
Deli	Dizionario Etimologico della Lingua Italiana
DHW	Dicionário - das Herkunftswörterbuch
LPR	Le Petit Robert 2014
NbUiB	Dicionário - <i>bokmål ordbok</i> (Universidade de Bergen)
NyUiB	Dicionário - <i>nynorsk ordbok</i> (Universidade de Bergen)
NTG	Dicionário - <i>norsk ordbok (riksmål/moderat bokmål)</i> (GUTTU)
OADS	Dicionário - <i>Ordbog til det ældre danske sprog</i>
ODS	Dicionário - <i>Ordbog over det danske sprog</i>
ROB	Dicionário - <i>riksmålsordbok</i>

SAO	Dicionário - <i>Svenska Akademiens Ordbog</i>
TLF	Dicionário - <i>Trésor de la langue française</i>
VHCPM	Vocabulário histórico-chronológico do português medieval
WNT	Dicionário - <i>Woordenboek der Nederlandsche Taal</i>

Sumário

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Objeto de estudo	19
1.2A Etimologia, a origem das línguas e a Linguística Histórica na Escandinávia até o século XIX	21
1.2.1 O pensamento linguístico tradicional até o século XVIII	22
1.2.1.1 <i>Os vernáculos como reflexões imperfeitas da lógica</i>	<i>22</i>
1.2.1.2 <i>O vernáculo como continuação da língua do Éden e a Etimologia vista como semântica da explicação</i>	<i>25</i>
1.2.2 O pensamento comparativo na realização da Etimologia	33
1.2.3 Rasmus Rask	36
1.2.3.1 <i>Algumas considerações sobre o capítulo Etimologia de Rasmus Rask (Om Etymologien overhovedet)</i>	<i>36</i>
1.2.3.2 <i>Alguns exemplos dados por Rasmus Rask suas relações com a Linguística Histórica atual</i>	<i>41</i>
1.2.4 Outros nomes contemporâneos ou posteriores a Rasmus Rask	49
1.3A Etimologia e os processos etimológicos na Noruega	51
1.4 Os dialetos e as duas formas oficiais de escrita do norueguês	62
1.4.1 Os dialetos	62
1.4.1.1 <i>Introdução aos dialetos e às duas formas oficiais</i>	<i>62</i>
1.4.1.2 <i>Exemplos de dois dialetos</i>	<i>64</i>
1.4.1.3 <i>Algumas características gerais dos dialetos</i>	<i>68</i>
1.4.2 As línguas escritas oficiais: bokmål e nynorsk	74
1.4.2.1 <i>As línguas na Noruega antes de 1814</i>	<i>74</i>
1.4.2.2 <i>As reflexões linguísticas na Noruega após 1814</i>	<i>76</i>
1.4.2.3 <i>Ivar Aasen e a målreising</i>	<i>80</i>
1.4.2.4 <i>Knud Knudsen e o fornorsking</i>	<i>83</i>
1.4.2.5 <i>A reforma de 1907 (bokmål)</i>	<i>88</i>
1.4.2.6 <i>A reforma de 1901 (nynorsk)</i>	<i>92</i>
1.4.2.7 <i>Outras reformas</i>	<i>94</i>
1.4.2.8 <i>Quando se inicia o uso das duas formas escritas da língua norueguesa?</i>	<i>96</i>
2 O MÉTODO ETIMOLÓGICO	103
2.1A semelhança entre vocábulos	103
2.2A língua, o dialeto e o sistema	109
2.3 As sincronias pretéritas das línguas portuguesa e norueguesa e as modificações formais	113
2.3.1 Do português	115
2.3.2 Do norueguês	116
2.3.2.1 <i>SN¹ – O germânico do continuum Norte-Oeste</i>	<i>120</i>
2.3.2.2 <i>SN² – O rúnico primitivo</i>	<i>125</i>

2.3.2.3	SN ³ – A Era das síncope	134
2.3.2.4	SN ⁴ – A Era dos Vikings	151
2.3.2.5	SN ⁵ – O antigo nórdico	154
2.3.2.6	SN ⁶ – O médio norueguês	159
2.3.2.7	SN ⁷ – A era dinamarquesa	163
2.3.2.8	SN ⁸ – A era norueguesa	165
2.4	Étimo (de herança, de língua anterior e de empréstimo), a origem e o terminus a quo	168
2.4.1	Definição do étimo	168
2.4.2	Étimo de empréstimo ou de decalque	176
2.4.3	Terminus a quo	177
2.4.4	Origem	178
2.4.5	Um estudo de caso para apresentar o étimo e a origem em uma palavra norueguesa	187
2.5	A discussão etimológica: herança, empréstimo, decalque, derivação, entre outros...	193
2.5.1	Herança	194
2.5.2	Empréstimo	194
2.5.3	Decalque	196
2.5.4	Derivação	200
2.6	Levantamento da amostragem para análise e o método de pesquisa	205
2.7	Obras, dicionários e corpora utilizados	206
2.8	Grau de certeza	209
2.8.1	Introdução	209
2.8.2	O terminus a quo e outros elementos que podem fortalecer/enfraquecer a determinação do étimo de empréstimo ou de decalque	212
3	ANÁLISE	218
3.1	Aberração/Aberrasjon	221
3.1.1	Apresentação dos dados	221
3.1.1.1	Mundo germânico	221
3.1.1.2	Mundo românico	232
3.1.2	Determinação do étimo	241
3.1.3	Fichas	243
3.1.3.1	Para o português	243
3.1.3.2	Para o norueguês	245
3.2	Adoção/Adopsjon	252
3.2.1	Apresentação dos dados	252
3.2.1.1	Mundo germânico	252
3.2.1.2	Mundo românico	259
3.2.2	Determinação do étimo	264
3.2.3	Fichas	266
3.2.3.1	Para o português	266

3.2.3.2	<i>Para o norueguês</i>	267
3.3	Argumentação/argumentasjon	270
3.3.1	Apresentação dos dados.....	270
3.3.1.1	<i>Mundo germânico</i>	270
3.3.1.2	<i>Mundo românico</i>	276
3.3.2	Determinação do étimo	283
3.3.3	Fichas	285
3.3.3.1	<i>Para o português</i>	285
3.3.3.2	<i>Para o norueguês</i>	286
3.4	Deflação/Deflasjon	291
3.4.1	Apresentação dos dados.....	291
3.4.1.1	<i>Mundo germânico</i>	291
3.4.1.2	<i>Mundo românico</i>	296
3.4.2	Determinação do étimo	302
3.4.3	Fichas	304
3.4.3.1	<i>Para o português</i>	304
3.4.3.2	<i>Para o norueguês</i>	306
3.5	Gravitação/Gravitasjon	311
3.5.1	Apresentação dos dados.....	311
3.5.1.1	<i>Mundo germânico</i>	311
3.5.1.2	<i>Mundo românico</i>	316
3.5.2	Determinação do étimo	320
3.5.3	Fichas	321
3.5.3.1	<i>Para o português</i>	321
3.5.3.2	<i>Para o norueguês</i>	323
3.6	Infecção/Infeksjon	326
3.6.1	Apresentação dos dados.....	326
3.6.1.1	<i>Mundo germânico</i>	326
3.6.1.2	<i>Mundo românico</i>	338
3.6.2	Determinação do étimo	345
3.6.3	Fichas	349
3.6.3.1	<i>No português</i>	349
3.6.3.2	<i>No norueguês</i>	350
3.7	Libração/Librasjon	354
3.7.1	Apresentação dos dados.....	354
3.7.1.1	<i>Mundo germânico</i>	354
3.7.1.2	<i>Mundo românico</i>	358
3.7.2	Determinação do étimo	365
3.7.3	Fichas	367

3.7.3.1	<i>Para o português</i>	367
3.7.3.2	<i>Para o norueguês</i>	368
3.8	Navegação/Navigasjon	371
3.8.1	Apresentação dos dados	371
3.8.1.1	<i>Mundo germânico</i>	371
3.8.1.2	<i>Mundo românico</i>	388
3.8.2	Determinação do étimo	394
3.8.3	Fichas	397
3.8.3.1	<i>Para o português</i>	397
3.8.3.2	<i>Para o norueguês</i>	398
3.9	Plastinação/Plastinasjon	402
3.9.1	Apresentação dos dados	402
3.9.1.1	<i>Mundo germânico</i>	402
3.9.1.2	<i>Mundo românico</i>	405
3.9.2	Determinação do étimo	407
3.9.3	Fichas	409
3.9.3.1	<i>Para o português</i>	409
3.9.3.2	<i>Para o norueguês</i>	410
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	411
5	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	421

1 Introdução

Este trabalho é principalmente um estudo de Etimologia, embora nos valhamos também de outros estudos linguísticos, como a Morfologia, Fonologia, Linguística Histórica, Semântica, assim como os Estudos de Tradução e de Filologia.

No Brasil há inúmeras obras no mercado que se dizem etimológicas, principalmente aquelas que tratam da etimologia dos nomes próprios. Elas, entretanto, não seguem um método rigoroso de investigação, sendo apenas livros de diversão. A partir de muita imaginação, formam-se conclusões pouco fundamentadas (vide os inúmeros livros sobre nomes para bebês, por exemplo). Segundo Viaro (2011, p. 97-99), a pesquisa etimológica assemelha-se, quanto ao rigor, à uma edição crítica. Deve passar por inúmeras etapas rigorosas e, mesmo assim, suas conclusões são variadas e sujeitas à revisão, ou seja, não é possível apresentar os étimos como versões definitivas e com frequência pode haver várias hipóteses etimológicas. Com o surgimento de novos dados e argumentos igualmente bem fundamentados, cabe a outros confirmar ou rejeitar tais hipóteses. A explicação que remete a um determinado étimo pode sofrer modificações ao longo do tempo por meio de novas informações descobertas: um livro que é descoberto pode conter alguma atestação que mude completamente a história desse possível étimo. Portanto, a simples semelhança formal entre o étimo proposto e as palavras investigadas é insuficiente para tirarmos conclusões certas. No mercado norueguês há também muitas obras pouco fundamentadas com o único objetivo de entreter o leitor. Por conta disso, estudos científicos são necessários para a Etimologia.

O português e o norueguês foram as línguas escolhidas nessa dissertação porque são periféricas e, conseqüentemente, estão mais distantes dos centros difusores de cultura. Portanto, é possível que em tais línguas essas palavras internacionais não entrem diretamente a partir da língua difusora, mas por uma língua intermediária, o que será discutido na análise da dissertação. A escolha da língua norueguesa se deve ao fato de que os estudos etimológicos na Noruega não são adequadamente realizados e, também, por não haver dicionários etimológicos muito criteriosos.

Apresentaremos inicialmente (subcapítulo 1.2) um estudo historiográfico sobre a Etimologia na Escandinávia até o século XIX, que teve como principalmente representante o dinamarquês Rasmus Rask. O subcapítulo seguinte (1.3.) retratará a maneira como a Etimologia é realizada na Noruega atualmente. Em vista disso, há comentários sobre a Etimologia de algumas palavras em dicionários atuais e, também, tentamos coletar métodos etimológicos e explicações sobre como a Etimologia é compreendida. Neste subcapítulo se encontra um dos motivos da inclusão da língua norueguesa nessa dissertação: as informações etimológicas nos dicionários noruegueses são errôneas, com base em nossos pressupostos. O subcapítulo 1.4. demonstrará as duas línguas germânicas oficiais e os dialetos do norueguês. Para tal, apresentamos as características dos dialetos e a formação dessas duas línguas oficiais, o *bokmål* e o *nynorsk*, que surgiram em um período em que o dinamarquês era a única língua oficial.

No capítulo 2, retrataremos inicialmente a semelhança entre vocábulos (subcapítulo 2.1), que nem sempre se deve a uma origem comum. No subcapítulo 2.2. definiremos a maneira como entendemos a língua, o dialeto e o sistema. As sincronias da língua estudada têm o testemunho de como ela funcionava em cada um dos períodos e, por conta disso, são indispensáveis; conseqüentemente, no subcapítulo 2.3. apresentaremos os processos e desenvolvimentos linguísticos que contribuíram tanto para a formação do português quanto para a formação do norueguês. O subcapítulo 2.4. tratará do étimo, da origem e do *terminus a quo*. A discussão etimológica, que envolve herança, empréstimo, decalque, derivação, etc. estarão apresentadas no subcapítulo 2.5. No subcapítulo 2.6. descreveremos como realizamos o método de pesquisa e no subcapítulo 2.7. apresentaremos as obras, dicionários e *corpora* utilizados. O subcapítulo final (2.8.) abordará os graus de certeza do étimo, que até o momento se relacionaram com os elementos lexicais herdados; em vista disso, no subcapítulo 2.8.2. apresentaremos de que maneira o *terminus a quo* e outros procedimentos podem fortalecer/enfraquecer a determinação do étimo de elementos lexicais emprestados.

No capítulo 3 se encontrará a análise dos nove elementos lexicais estudados nessa dissertação. As considerações finais estarão descritas no capítulo 4.

1.1 Objeto de estudo

A presente dissertação tem como objetivo analisar a etimologia de alguns elementos lexicais terminados em *-ção*, que têm cognatas em *-sjon* no norueguês. Estes elementos são atribuídos aos chamados *internacionalismos* que, por sua vez, fazem parte das palavras emprestadas dentro de uma determinada língua. Nas análises aplicaremos alguns procedimentos que podem fortalecer ou enfraquecer a determinação do étimo de elementos lexicais desse tipo. Pesquisadores do NEHiLP¹ criaram os graus de certeza para a avaliação da etimologia dos elementos lexicais herdados do português, os quais serão apresentados no capítulo 2.8.

De acordo com Kocsány (2010), *internacionalismos* são importantes mediadores entre culturas e considerados como representantes de um globalismo positivo no nível das ciências e da moral (p. 72). Para Volmert (2003), o termo *internacionalismo* é discutível e aparece nos dicionários, de maneira muito ingênua, como uma “palavra que há em muitas línguas” e, por isso, segundo o autor, não pode ser considerado um conceito linguístico. Ele define o internacionalismo da seguinte maneira (p.24)

Internacionalismos são ocorrências linguísticas com formas iguais ou quase iguais que aparecem em várias línguas, em um determinado período, e têm um mesmo conteúdo; por conta disso, são entendidas sem a necessidade de uma tradução (p. 24 - tradução nossa)

O autor afirma que elementos lexicais desse tipo podem surgir em vários setores lexicais, como por exemplos na área das novas tecnologias (computadores). Por fim, ele define mais precisamente o conceito *internacionalismo* da seguinte maneira:

É uma palavra que se difunde com o mesmo (ou similar) plano de expressão, com o mesmo (ou similar) significado em diferentes línguas e, na grande maioria dos casos, é compreendida

¹ Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa, coordenado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro. O núcleo tem como objetivo a criação de um novo dicionário etimológico da língua portuguesa.

espontaneamente sem a necessidade de tradução (p. 25 – tradução nossa)

Uma vez que os *internacionalismos* são muito parecidos nas diferentes línguas, eles desafiam a deliberação de uma etimologia apenas pela análise da forma do elemento lexical. A respeito do sufixo *-ção* do português, o elemento lexical surge via empréstimo por conta de tradução, que é a substituição do sufixo da língua-fonte (por exemplo, *-tio* do latim ou *-tion* do francês, etc.) para o herdado *-ção*, que existe em elementos lexicais como *canção* e *lição*. No norueguês, por outro lado, como ocorre no francês, o sufixo é importado na sua forma original latina, uma vez que não há elementos lexicais terminados em *-tion*. Além do mais, a reforma ortográfica do norueguês em 1917 transformou a grafia *-tion* para *-sjon*, adaptação ortográfica que pretende assemelhar-se mais à pronúncia.

Tomemos, por exemplo, o elemento lexical *deflação* em algumas línguas latinas e germânicas:

Língua	Forma	Pronúncia	Radical
Espanhol	Deflación	[defla'θjon]	Defl-
Francês	Déflation	[defla'sjɔ̃]	Défl-
Italiano	Deflazione	[defla'tsjone]	Defl-
Português	Deflação	[defla'sẽw]	Defl-
Alemão	Deflation	[defla'tsjo:n]	Defl-
Dinamarquês	Deflation	[,defla'fʊ:n]	Defl-
Holandês	Deflatie	[dɪ'fleɪjən]	Defl-
Inglês	Deflation	[dɪ'fleɪjən]	Defl-

Norueguês	Deflasjon	[,defla'ʃu:n]	Defl-
Sueco	Deflation	[,defla'ʃu:n]	Defl-

Vale considerar que não encontramos o verbete *deflatio* no latim.

Fica claro com base nesse exemplo que essas cognatas são muito parecidas na escrita (e também na pronúncia). Disso gera-se uma problematização e a seguinte pergunta: *quais outros meios poderiam ser utilizados para definir o étimo de um internacionalismo quando a forma das cognatas nada indica?* A similaridade entre as cognatas é devido à manutenção do radical, que muitas vezes é latino, ocorrendo apenas a adaptação do sufixo.

1.2 A Etimologia, a origem das línguas e a Linguística Histórica na Escandinávia até o século XIX

Uma vez que essa dissertação também trata da Etimologia e da Linguística Histórica da língua norueguesa, fez-se necessário realizar uma introdução sobre como esses estudos foram desenvolvidos e abordados por toda a Escandinávia até o século XIX.

Primeiramente é necessário ter em mente que o estudo da origem das línguas e de suas características foi um tema popular na Europa após a Renascença. Hovdhaugen *et al.* (2000) afirmam que tal tema foi primeiramente discutido como uma questão teológica: o hebraico era aceito como primeira língua a partir da qual todas as outras se desenvolveram. Tentativas foram realizadas para relacionar certas línguas europeias como holandês e sueco (ou estágios mais antigos das línguas germânicas) diretamente ao hebraico. Os autores também afirmam que o termo *Etimologia* tinha um significado diferente do atual, adquirido no século XIX, pois era entendido antes de 1800 como uma análise morfológica de uma palavra e/ou uma comparação entre uma palavra (ou seus morfemas) com outras palavras (e seus

próprios morfemas) com o intuito de obter um melhor conhecimento e compreensão do significado da palavra em questão (p. 66)².

Segundo Rischel (2002a), o estudo da Linguística Histórica e da Etimologia na Escandinávia antes do século XVIII era puramente especulativo; contudo, num campo que hoje em dia poderíamos chamar de Linguística Aplicada, foram realizados bons trabalhos nesse período, como, por exemplo, o estudo da estrutura sonora da língua por motivação da Reforma com o intuito de adaptar novos hinos e estabelecer ortografias consistentes para, por exemplo, as edições bíblicas (p. 108). O autor também afirma que o pensamento linguístico tradicional até o século XVIII pode ser entendido como detentor de três perspectivas: o vernáculo como reflexões imperfeitas da lógica, o vernáculo como continuação da língua do Éden e a Etimologia vista como semântica de explicação (p. 108-109), que serão resumidos a seguir.

1.2.1 O pensamento linguístico tradicional até o século XVIII

1.2.1.1 Os vernáculos como reflexões imperfeitas da lógica

A respeito da primeira perspectiva, o método humanista e medieval para o estudo da língua era baseado na ideia clássica de que haveria uma língua ideal que estaria de acordo com a estrutura lógica do mundo e, por conta disso, as línguas, como as conhecemos, são reflexos mais ou menos perfeitos de uma língua *lógica*, ao passo que as línguas europeias *vulgares* são vistas como resultado de uma corrupção que vem ocorrendo desde a antiguidade. Assim, o grego e o latim eram mais relevantes para um método baseado na nessa *lógica*.

2 Com relação a essa afirmação, temos apenas que tomar cuidado de não cair no anacronismo uma vez que termos como morfema e seu significado ainda não existiam.

Os representantes escandinavos da teoria linguística da Europa medieval, da escola modista (gramáticos especulativos), eram quatro eruditos dinamarqueses: Martinus de Dacia, Boetius de Dacia, Johannis de Dacia e Simonis de Dacia. Eles estiveram em atividade na França a partir da metade do século XIII. De acordo com Bursill-Hall (1975), eles construíram suas gramáticas na teoria do *modus significandi* "modo de significado, expressão semântica" e o trabalho deles inicia, de maneira muito sistemática, a filosofia da linguagem que filósofos acadêmicos estavam desenvolvendo; por isso, representa o apogeu da teoria gramatical medieval (p. 164).

Bursill-Hall (1975) também atesta que Boetius de Dacia era o mais antigo e mais importante teórico do grupo, pois realizou uma minuciosa investigação sobre a base epistemológica e teórica da gramática e, nesse sentido, pode ser considerado um prolegômeno para a gramática modista. Ele percebeu de maneira muito clara que o linguísta deve tratar das abstrações linguísticas, das quais a *pars orationis* "parte da fala" é a mais importante e também o elemento por excelência da estrutura profunda; tal percepção foi descrita da seguinte maneira: *significatum* "componente semântico, aquilo que é significado", *modus significandi* "interpretação semântica" e *vox* "expressão". Desse modo, assim como outros eruditos e a maioria dos linguístas modernos, Boetius reconheceu que todas as afirmações sobre a linguagem são, por fim, afirmações sobre significado; e a linguagem, por conta disso, se relaciona com aquilo que é significável, e tudo que é significável é passível de se conhecer. Portanto, para Boetius a gramática preocupa-se com o *res* "coisa" e suas propriedades e, por conta disso, o *modus significandi* e todas as suas variações adquiriram uma posição central no sistema semiótico, tendo em vista que é durante o ato de significar que nós indicamos nosso conhecimento e entendimento das coisas e suas propriedades (p. 176).

Com relação ao ponto de vista dos gramáticos medievais sobre a gramática, o autor afirma que consideravam a gramática fora da própria linguagem. Segundo os modistas, haveria uma gramática

universal, uma atitude que se ajusta a todo o teor da vida intelectual medieval, que era dependente da estrutura da realidade; como resultado, as regras gramaticais eram independentes de qualquer língua natural usada para expressá-las e havia, portanto, um sistema gramatical válido universalmente para todas as línguas. Era a função dos filósofos da linguagem descobri-lo (p. 165)

Referente ao surgimento da escola modista, o autor atesta que toda uma atividade anterior de estudos da gramática culminou na doutrina gramatical deles: os gramáticos do século XII criticavam com sucesso o gramático latino Priscianus Caesariensis (ca. 500 a.C.), que escreveu o manual *Institutiones grammaticae*, e iniciaram o processo da mudança na teoria linguística; o início do século XIII nos apresenta elementos característicos de operações de correção como, por exemplo, a introdução da noção da gramática universal, extensão do conceito de *modus significandi*, a semantização concomitante das categorias linguísticas e o desenvolvimento da separação do estudo da gramática com suas associações humanísticas relacionadas ao estudo da literatura e sua transformação em uma ciência cada vez mais especulativa em associação com a lógica (p. 166).

O termo *modus significandi* foi utilizado entre 1260 e 1330 com independência pela gramática especulativa, mesmo ele também sendo comum para a filosofia e teologia. Inicialmente, o termo era oposto na gramática a *significatum*, ao passo que após 1280 o termo *significatum* foi substituído por *modus significandi passivus* e o termo *modus significandi* se torna *modus significandi activus*. Portanto, o termo sofre um desenvolvimento paralelo na gramática, teologia e filosofia; com relação à gramática, no início do período parece ter um conceito morfológico e no trabalho de Gerson (1426), é certamente de relevância sintática (KELLY, 1959, p. 159).

1.2.1.2 O vernáculo como continuação da língua do Éden e a Etimologia vista como semântica da explicação

Além da primeira perspectiva, temos um tema que se aproxima da tentativa de explicar a origem das línguas. Rischel afirma que esses eram os principais eventos tomados pelos linguistas como ponto de partida: a) o fato de Adão e Eva utilizarem palavras para nomear coisas, ou seja, havia uma língua original falada no Paraíso; b) após um período de monolinguismo, a língua se dividiu em várias línguas não inteligíveis por causa da construção da Torre de Babel. Esses eventos explicam o motivo pelo qual a língua hebraica foi tomada como língua original. Por conta disso, na Dinamarca, Peder J. Wandal publicou uma lista de palavras que comparava o dinamarquês e o hebraico (1651) e Peder Pedersen Syv (1631 -1702) escreveu uma monografia sobre a língua dinamarquesa com o título de *Nogle Betænkninger om det Cimbriske Sprog* (1663)³. Os cimbrós, segundo Tacitus em *Germania* (capítulo 37), eram um povo que vivia numa região ao norte da Alemanha perto do Mar do Norte; porém, Rischel (2002a) afirma que Syv compreendia este termo como simplesmente "germânico", ou seja, um estágio inicial de todas as línguas germânicas.

Syv afirmou que essa língua tinha muito mais em comum com o hebraico do que com o grego ou o latim e, portanto, era anterior a elas; porém, após a chegada de Odin, que veio da Ásia, na Escandinávia, ela se diferenciou do hebraico, o que causou uma mistura com a linguagem dos deuses (p. 109). Outro autor do mesmo período que trata desse assunto é o islandês Runolfur Jónsson (lat. Runolphus Jonas), em cuja obra *Linguæ septentrionalis elementa tribus assertionibus adstructa* (1651), que aborda as relações genéticas entre as línguas, afirma-se que uma vez que Odin falava o antigo nórdico no poema *Hávamal*, essa deve ter sido a língua falada por ele em sua

³ Trad. nossa: "algumas considerações sobre a língua dos cimbrós"

chegada na Escandinávia (HOVDHAUGEN, 1987, p 75). A crença desses autores do século XVII de que Odin tinha origem na Ásia deve-se ao prólogo da obra Edda em prosa do islandês Snorri Sturluson (1179-1121). Lá narra-se a trajetória de Odin, que tinha o dom da profecia (*spadom*), e, por conta disso, descobriu que seu nome iria ser famoso na parte norte do mundo e honrado por todos os reis. Por isso, ele partiu da Turquia (*byria ferþ sina af Tyrklandi*) e só fez uma pausa quando chegou no Norte do que é chamado hoje em dia de "terra dos saxões" (*oc þeir gefa eigi stað ferþini, fyr en þeir koma norðr i þat land, er nv er kallat Saxland*). Depois foi para o norte, no que agora é chamado de "nação dos svea"⁴. Lá havia um rei, que era conhecido como Gylfi, e quando ele soube da viagem desses homens da Ásia, que eram chamados de *æsir*⁵, encontrou com eles e oferece a Odin o quanto bastasse de território (*Eptir þat for hann norðr, þar sem nv heitir Svíþioð. Þar var sa konvng, er Gylfi er nefndr. En er hann spyR til ferþar þeira Ásiamanna, er er æsir voro kallaðir, fór hann i moti þeim ok bavð, at Opinn skyldi slikt vald hafa ihans riki, sem hann vildi sialfr*). O texto original se encontra na edição de Finnur Jónsson (p. 3-6, 1931).

No que se diz a respeito das classificações das línguas, Hovdhaugen *et al.* comentam que Syv estava convencido de que o hebraico era a língua de Adão e que todos a falavam, de uma forma ou de outra, e que a primeira maior alteração ocorreu pro conta da mistura das línguas realizada por Deus na Torre de Babel; ele também as divide em quatro grupos: grego, latim (italiano⁶, espanhol e francês), línguas eslavas (russo, que segundo Syv era originalmente uma língua germânica, croata, tcheco e polonês) e as línguas cimbrias (dinamarquês, sueco, norueguês, alemão, etc); o húngaro não foi analisado por ele porque ele acreditava que ela não pertencia a nenhum desses grupos, por ser proveniente da Ásia.

⁴ Suécia

⁵ um dos panteões dos deuses nórdicos, ao qual pertence Odin

⁶ *vøelsk*

Hovdhaugen *et al.* também citam um dinamarquês anônimo de 1727 que, da mesma maneira, atestou que as línguas vieram de uma única só, aquela dada por Deus para Adão e Eva, mas não ousava dar um nome para ela e criticava aqueles que consideravam que era o hebraico. Na opinião dele nenhuma língua veio da outra, o que seria algo tão estranho quanto determinar que frutas, peixes, pássaros e animais das mesmas espécies vieram um dos outros. Na opinião dele, os europeus, isso inclui os dinamarqueses, eram filhos de Jafé, uma tradição aparentemente iniciada por Isidoro de Sevilla (580-636). Deus teria arranjado a língua original para formar cada uma das línguas existentes na época; para suportar tal argumentação foi realizada uma analogia com a música, ou seja, tendo em vista que um número infinito de melodias pode ser criado por meio de um conjunto finito de tons musicais, numerosas línguas poderiam ser formadas com base em um conjunto finito de "letras" (que representava no período os sons). Ele introduz certas formas de metáteses como *die press, en perse ... die furcht, en frøgt ... das kraut, en urt*⁷, ou seja, uma mistura de alemão e dinamarquês, como exemplos da maneira que Deus rearranjou os sons da língua original e assim ele conseguia provar como as línguas poderiam ser similares e ainda assim não derivadas diretamente uma das outras. Referente ao latim, francês e italiano, ele acreditava que tais línguas eram paralelas e mutualmente independentes (p. 67).

Realizaremos aqui um pequeno adendo sobre o que Isidoro atesta sobre Jafé. O autor publicou a obra *Etymologiae* (600-625), considerada a primeira enciclopédia escrita na cultura do Ocidente, que contém um compêndio sobre grande parte da erudição dos antigos mundos greco-romano e cristão primitivo (BARNEY, S. *et al.* 2006, p. 3). No livro 7, capítulo 6, em que há realizações de etimologias do nome de alguns povos, Isidoro atesta que Adam "Adão", de acordo com o São Jerônimo, significa *homo* "humano", *terrenus* "terrâneo" ou *terra rubra* "terra vermelha", pois da terra a carne foi moldada e o humus era o material utilizado para tal moldagem; os antigos acreditavam que as

⁷ "Uma prensa, uma prensa ... um temor, um temor ... uma erva, uma erva"

raízes entre hebr.bibl. *adamah* "terra" ou "chão" e Adam estavam relacionadas. *Iapheth* "Jafé", por sua vez, significa *latitudo* "largura, amplitude", pois dele nasceram as nações pagãs e muito ampla é "a multidão de crentes entre os pagãos" (*ex gentibus multitudo credentium*). No livro IX, capítulo 2, Isidoro também cita as tribos que surgiram por toda a Europa a partir dos filhos de Jafé: Gomer, a partir de quem surgiram os *Galatae* "gálatas", ou seja, os *Galli* "gauleses"; Magog, a partir de quem julga ter dado origem aos *Scythae* "citas" e *Gothi* "godos"; Madai, aos *medos*; Iavan, aos *Iones* "jônios", que também são os gregos, então *mare Ionium* "mar jônico"; Thubal, aos *Iberi* "ibéricos", que também são os *Hispani* "habitantes da Hispânia, hispânicos", embora alguns suspeitam que os *Itali* também surgiram deles; Mosoch, aos *Cappadoces* "capadóciolos";⁸ Thiras, aos *Thraces* "trácios", cujo nome não foi muito alterado (*quasi Tiraces*). No mesmo capítulo, Isidoro também afirma que talvez os godos sejam descendentes de Magog por causa da similaridade da última sílaba entre as duas palavras e que os antigos os chamam de *Getae*. Segundo ele, era um povo vigoroso e mais poderoso, com corpo massivo e alto e terríveis por conta das armas que usam. Percebemos, de fato, uma tradição que passou por Isidoro de Sevilha e chegou até a Dinamarca, apenas nos resta saber se realmente tal tradição foi iniciada por Isidoro.

Alguns autores escandinavos até mesmo se apropriaram da ideia de que havia um local onde uma língua primitiva e original era falada com o intuito de exaltar certo nacionalismo. Rischel (2002a) cita o patriotismo exacerbado do sueco Olaus Rudbeck (1630-1702), que julgou a Suécia na obra *Atland eller Manheim* (1679-1702) como o berço da civilização, ou seja, a própria Atlântida, onde a língua de Adão era falada (p. 109). Hovdhaugen *et al.* afirmam que a intenção de Rudbeck era mostrar que a ilha de Platão, Atlantis, era de fato a Suécia e que o sueco era a língua do paraíso e que sua obra é uma manipulação de fatos para argumentar essa conclusão. Ele também realiza comparações sistemáticas entre línguas por meio de uma lista de

⁸ até hoje em dia há uma cidade no território deles chamada de Mazaca

correspondências como sue. F e lat. P, sue. K e lat. C e sue. K e lat. G como, por exemplo, sue. *åker* e lat. *ager* "terra, campo" ou sue. *leka* e din. *lege* "brincar". Seu filho, Olaus Rudbeck Jr., também seguiu os passos do pai para promover tais ideias de patriotismo exagerado. Ele tentou provar conexões entre a língua sami e o hebraico, gótico com o chinês e o finlandês com o húngaro, interpoladas com todos os tipos de etimologias de palavras hebraicas, que são comparadas com outras línguas semíticas, com o grego, italiano, gótico, anamita e ao que hoje chamamos de línguas bantu; por fim, está totalmente incerto quais línguas estão relacionadas (p. 73). Dois exemplos de etimologia entre o gótico e o chinês seriam: chin. *cym*, sue. *thim*, *tima* "tempo" e chin. *dau*, got. *dau*, *du*, *dug* "chuva" (RUDBECK, 1717, p. 64-67, In: HOVDHAUGEN, 2000). A caligrafia rúnica também foi considerada muito antiga tanto na Dinamarca quanto na Suécia, algumas vezes até mais antiga do que o alfabeto grego e latino e foi tomada como algo de orgulho nacional. Em 1650 o islandês Magnús Ólafsson of Laufás publicou o livro *Specimen Lexici Runici* em que a primeira entrada de cada palavra do dicionário era dada em alfabeto rúnico e latino.

De acordo com Hovdhaugen *et al*, no geral, a teoria dominante na Dinamarca era de que o hebraico era a primeira língua e a fonte principal de todas as outras línguas. Além de Wandal e Syv, também havia Henricus Muhle, que atestava que tudo poderia ser explicado como originário do hebraico, mas não tinha nenhum senso de cronologia e até mesmo assumia que uma palavra era emprestada do anglo-saxão para o grego, que poderia ser realizada uma comparação entre o *umlaut/ablaut* no alemão com as alterações vocálicas dos verbos hebraicos (MUHLE, 1692, p. 110-112, In: HOVDHAUGEN, 2000). Muhle também tinha a opinião de que o grego, o latim e o alemão tinham a mesma sintaxe gramatical, uma vez que os textos poderiam ser traduzidos quase ao pé da letra de uma dessas línguas para a outra. Outro estudioso foi Ivar Abel (1720-1788), que publicou três estudos comparativos de qualidade variada. Ele assumiu que as línguas dos indígenas americanos tinham uma conexão com todos os grupos de

línguas europeias, mas que tais indígenas eram primeiramente descendentes dos turcos. Ele tentou relacionar geneticamente esses grupos por meio de similaridades fonotáticas e até mesmo afirmou que, por conta das mesmas restrições fonotáticas em finlandês e em "brasileiro" (i.e. tupi), daria para afirmar solidamente uma relação entre essas duas línguas (ABEL, 1783, p. 25, In: HOVDHAUGEN, 2000, p. 69). Com relação à mudança linguística e semelhança genética, Rischel (2002a) afirma que por um longo tempo a mudança linguística foi entendida como algo que corrompe a língua e que os estudos comparativos foram distorcidos por fundamentalistas religiosos e crenças ingênuas sobre mitos migratórios (p. 109).

Com relação ao território sueco, Hovdhaugen *et al.* (2000) citam Georg Stiernhielm (1598-1672), que é considerado o fundador da Linguística Histórica-Comparativa sueca. Ele propôs, como base teórica, que todas as línguas existentes no mundo antigo vieram de uma só língua e que essas línguas vieram de Adão e Noé e da diversificação das línguas e também excluiu explicitamente as línguas da América e as ilhas caribenhas, porque os povos de lá devem ter sido originados naquela área e possivelmente não seriam descendentes de Adão e Eva (p. 71). Stiernhielm (1671) exclui tais línguas porque ele não detecta nelas nenhum traço de sistema, de coerência ou de familiaridade (p. iv). A classificação familiar proposta por ele se iniciou com os três filhos de Noé. Sem era o pai das línguas semíticas (hebraico, árabe e assírio) e Cam, do egípcio, etiópico, fenício, etc. Stiernhielm via a relação entre esses dois grupos e não acreditava que o hebraico era a língua original, mas sim um dialeto da língua comum. Jafé, o primeiro filho de Noé, segundo o relato da Gênesis, era o pai do latim, das línguas românicas, do grego, persa, germânico e eslavo. Tal grupo era chamado por Stiernhielm de citas e até mesmo as línguas frígia e trácia são atribuídas a esse grupo. Ele apontou a relação interna entre as línguas românicas, que se desenvolveram a partir dos dialetos do latim que, por sua vez, se desenvolveu de um dialeto dos citas (p. 71-72). Percebemos aqui que o ponto de vista de Stiernhielm se diferencia do

de Isidoro de Sevilha e do dinamarquês anônimo, pois inclui mais grupos de línguas, além do germânico ou citas, como descendentes de Jafé. Os autores também afirmam que Stiernhielm forneceu umas das primeiras representações tabulares primitivas da relação entre as línguas germânicas. De acordo com Metcalf (2013), na representação de Stiernhielm, ele demonstra a emergência de uma "nova" (mas relacionada) língua para enfatizar que várias formações linguísticas (hoje em dia entendidas como dialetos) são ainda parte de uma "língua".

Para provar isso, propõe que falantes de *brabantian*, *suevica* "sueco" e *mechlenburgian* fossem levados a uma cidade, onde, segundo ele, no decorrer do tempo, desenvolveriam uma nova formação linguística unificada, que chamou de "lingua nova", diferente de cada uma das três formas originais e ainda assim germânica. Um dos grandes méritos desse autor é a clareza em que ele define "língua" e "dialeto" e também a afirmação de que todas as línguas estão sujeitas à modificação (p. 49-50). Segundo Stierhielm: "qualquer língua, mesmo aquela que não se mistura e não se contamina por outras, por simples deficiência ou virtude de um longo período de tempo, assume sucessivamente, enquanto ainda se permaneça por si só, uma outra aparência" (STIERNHIELM, 1671, p. viii, In: METCALF, 2013). Percebemos aqui uma visão de que a língua não é estável por natureza e de que vive em constante desenvolvimento. O autor também atribui às línguas o envelhecimento, a morte e a ressurreição: "reconheço que as línguas sofrem envelhecimento, tornam-se obsoletas e morrem; por outro lado, renascem, entram num estágio de juventude, crescem e ficam com uma maturidade vigorosa" (p. ix).

Haquin Spegel (1645-1714) em seu dicionário *Glossarium sveogothicum eller swensk ordabook* de 1712 criticou tanto as especulações etimológicas de Stiernhielm quanto as de Rudbeck; ele acreditava que tentativas de relacionar línguas como sueco ou holandês ao hebraico, ao jardim do Édem ou aos filhos de Noé eram arbitrárias e heréticas (HOVDHAUGEN *et al*, 2000, p. 74).

Com relação à Dinamarca, Rischel (2002a) também cita Hans Mikkelsen Ravn (1610-1663), que tinha um ponto de vista muito aceito sobre a mudança linguística na época, ou seja, Ravn acreditava que sua língua materna sofreu um declínio durante o tempo por causa das influências estrangeiras que a corromperam. Rischel cita também Oluf Borch (1626-1690), que se interessava pelas razões das quais as línguas se tornaram tão diferente após a Torre de Babel. Interessante na teoria de Borch era sua crítica às faltas de cuidado com relação aos fatores na mudança linguística, ou seja, ele antecipou percepções posteriores.

Na Noruega parece não ter nenhum representante que tratasse de fato as questões aqui abordadas. Mas, de acordo com Hovdhaugen *et al.* (2000), uma vez que por 300 anos não houve uma língua escrita norueguesa por conta da dominação política e cultura dinamarquesa, os dialetos noruegueses passaram a ser um tema de interesse por alguns eruditos, principalmente de clérigos como, por exemplo, o dinamarquês Jørgen Thomassøn, que serviu como vigário na Noruega e foi por volta de 1625 o primeiro a se interessar pelos dialetos, estabelecendo as correspondências sonoras básicas entre eles e o dinamarquês e comparando tal situação com a relação entre os dialetos do grego antigo (p. 33). Portanto, havia um interesse esporádico em diferenças dialetais e até mesmo na relação entre dialetos e a língua padrão já nesse período.

Com relação ao último ponto, Rischel (2002a) comenta que no período a Etimologia traçava a origem de uma palavra por análise comparativa de significados de palavras que indicavam pronúncias que sugeriam uma relação lógica entre elas. Isso novamente nos remete aos estudos dos modistas dinamarqueses, mas a ênfase era em propriedades universais de linguagem e não em uma história da língua (2002a, p. 108-109).

1.2.2 O pensamento comparativo na realização da Etimologia

No que concerne à Etimologia, segundo Rischel (2002a), não havia exigências muito restritas referentes às similaridades gráficas ou fonéticas para considerar que duas línguas estavam relacionadas, como também não existiam critérios com base em uma rígida metodologia (comparação sistemática de línguas com formas parecidas), pois os eruditos estavam preocupados apenas com as normas ortográficas das línguas da Antiguidade e de eventuais línguas do período; por conta disso, no período não seria possível que eles assumissem que as línguas tendiam a mudar durante a história e, menos ainda, que tais mudanças tendiam a ser sistemáticas e irregulares. Por não haver nenhuma teoria explícita, levou muito tempo para entender que havia a necessidade de formular critérios operacionais por meio de uma base metodológica rígida. O autor conclui que não houve nenhum progresso metodológico considerável nas tentativas de realizar etimologia do século XVII até a obra comparativa realizada por Rask no século XIX (p. 110), embora tenham existido interessantes antecipações da linguística comparativa, como já citado, com Jørgen Thomassøn (1625).

Além de Thomassøn, outro bom exemplo é o sueco Ericus Schroderus (Eric Schröder), que escreveu obra *Lexicon Latino-Scondicum* de 1637, cuja introdução trata da linguística comparativa. Schröder é bem explícito sobre as comparações regulares entre línguas muito próximas geneticamente. Ele compara o gótico (i.e. o sueco para o autor) com o alto alemão, derivando o segundo do primeiro e, a partir disso, percebe a relação do alemão *p* com o gótico *b*, como em *beck/pech* "piche, breu", e alemão *b* com gótico *f* (que representa o [v]) ou também *g* em *graff/grab* "túmulo", *fārga/farb* "cor", *korgh/korb* "cesto". Suas antecipações já eram uma premonição do conceito da segunda mutação consonantal como também percebeu a relação do alemão *t* com o sueco *d* em *dufwa/taube* "pombo", *Dagh/tag* "dia" e que o *t* do sueco tinha várias correspondências no alemão, por causa da posição na sílaba, ou seja, "Gothicum T ab initio vocis fermè mutatur in

Z" *twå/zwey* "dois", mas "in media voce, vel in calce fermè transit in D", *pant/pffand* "penhor, garantia", "vel in Germinum S", *slott/schloß* "castelo". A ideia da mutação consonantal também apareceu no gramático dinamarquês Eric Pontoppidan em 1663, que elucidou a mudança do *c* para *h* em palavras como *collum/hals* "pescoço", *cornu/horn* "chifre", etc (p. 111).

Após as obras citadas, houve uma grande pausa de mais de um século; entretanto, na metade do século XVIII, o sueco erudito Johan Ihre (1707-1780) publicou o livro *De origine linguarum* (1759), que parecia tradicional até mesmo com relação ao método etimológico do século XVII. No dicionário publicado em 1769 intitulado *Glossarium Suio Gothicum* que, segundo Rieschel (2002a), é uma sequência da obra de Schröder, Ihre fornece traduções e explicações latinas com paralelos em dinamarquês e islandês e até mesmo em sua introdução há cognatos lexicais tirados de línguas como celta e iraniano; porém, mesmo com algumas etimologias boas e promissoras, há muitos erros etimológicos e simplificações de relação, como, por exemplo, a relação entre *t* (sueco) e *l* (latim) no cognato *tunga/lingua* "língua". Ele também cria correspondências entre as letras do sueco e do latim, que apresentam correspondências com o desenvolvimento fonológico que futuramente seria conhecido como a segunda mutação consonantal, como "t por d", "h por k", "g por h", mas não faz nenhuma conexão sistemática. O autor conclui que, apesar do relativo sucesso em realizar etimologias naquele período, não há quase nenhum progresso metodológico e teórico do trabalho do século XVII de Schröder, pois ele se preocupa apenas com a grafia e não com as sistematizações fonéticas ou por qualquer medida de plausibilidade fonética, mesmo com o reconhecimento da relevância fonética para os estudos etimológicos em um período anterior referida, por exemplo, por Pontoppidan (1663) e também com a ênfase dada à fonética na enciclopédia de Diderot (1750-1772) no artigo *Étymologie*, alguns anos antes de Ihre. Mesmo que Rask não tenha dado tanta consideração ao trabalho de Ihre, Rieschel afirma que as descobertas dele foram, de fato,

de importância direta para o século XIX, inclusive para o próprio Rask (p. 111-112).

Teleman (2002) também afirma que no período entre o século XVI ao XVIII a palavra "etimologia" tinha dois sentidos. Um deles tinha relação com a estrutura da palavra, que é a parte flexional da palavra nas gramáticas atuais; o outro tinha a ver com o *background* histórico da palavra e sua relação com as outras línguas (p. 1382). O autor cita o "princípio etimológico" que, junto com o "princípio alfabético", "princípio de uso", "princípio do gênio da língua" e "princípio da desambiguação", era utilizado a favor do "princípio da padronização" como base para o estabelecimento de normas de ortografia (TELEMAN, 2002 p. 1380-1381).

O "princípio etimológico", de acordo com Teleman (2002, p. 1382), era primeiramente utilizado para fornecer argumentos para que as palavras fossem grafadas da mesma maneira quando for um afixo em derivações ou um lexema independente. Cita Syv (1663, 1685), que iguala a derivação com a flexão, e Laurel (1750), que tentou manter uma ortografia de certos sufixos flexionais de maneira uniforme, apesar da variação na pronúncia interligada foneticamente, por exemplo, para ele todos os verbos fracos deveriam ser grafados em *-de* (p. 1391). Nesse caso, o "princípio etimológico" dificilmente é separado do "princípio do gênio da língua". Esse princípio, embora seja de noção muito vaga, é entendido como sendo a natureza da língua como uma norma para a padronização; *grosso modo*, isso corresponde à sua gramática básica e, para seguir tal princípio, ortografias e formas de palavras duvidosas deveriam ser padronizadas de acordo com essas regras básicas. Syv acreditava que a escrita correta era aquela de acordo com as "regras e qualidades" da língua (TELEMAN, p. 1382).

1.2.3 Rasmus Rask

1.2.3.1 Algumas considerações sobre o capítulo Etimologia de Rasmus Rask (*Om Etymologien overhovedet*⁹)

Para Viaro (2011, p. 64), as ideias mais revolucionárias para o estabelecimento das etimologias científicas se devem a Rasmus Rask (1787 - 1832). O linguista dinamarquês contribuiu mais evidentemente para um rigor na utilização dos dados fornecidos pelas línguas, o que posteriormente seria assumido pela Linguística alemã (p. 71). Segundo Rischel (2002b), o método de Rask era uma complexa especulação que poderia ser resumida em dois objetivos inter-relacionados: a) apresentar a gramática e a fonologia no modo apropriado e b) posicionar a língua em sua relação apropriada com as outras línguas. Com esse estudo, estabeleceu virtualmente alguns dos campos atuais do estudo da linguística sistemática e comparativa (p. 124). A sua principal obra é a *Undersøgelse om det gamle Nordiske eller Islandske Sprogs Oprindelse*¹⁰ de 1818, que foi premiado pela Academia Real Dinamarquesa de Ciências num concurso sobre a origem das línguas escandinavas. O objetivo de sua obra era identificar a origem do antigo nórdico ao compará-lo com outras línguas (extintas, mas documentadas ou ainda existentes) e tal conceito de "origem" não remetia à reconstrução, mas implicava que era possível apontar para uma outra língua conhecida como sendo a fonte de outras línguas conhecidas. No final da introdução, Rask (1818) afirma que não é possível descobrir a origem das línguas por meio de "raciocínio isolado", pois as regras não nos dizem como descobrir, mas sim quais são as propriedades que um idioma deve ter para ser a fonte do outro, ou seja, servem apenas como "pedras-de-toque". O único modo de encontrar a resposta para isso é por meio da comparação envolvendo línguas próximas (p. 10).

⁹ Trad nossa: sobre a Etimologia no geral

¹⁰ Trad nossa: investigação sobre a origem da antiga língua nórdica ou islandesa

Segundo Rischel (2002b), a obra não teve tanta relevância nos movimentos posteriores de reconstrução do Indo-Europeu, porque o sânscrito não foi incluído no leque de idiomas utilizados na comparação; por outro lado, o escopo definido de sua tarefa permitiu que ele realizasse comparações mais aguçadas entre as línguas europeias, o que talvez não teria sido possível com a presença do sânscrito, tanto com relação aos cognatos lexicais quanto aos gramaticais (p. 125).

Rask afirma que não podemos culpar os gregos e romanos por não terem estudado a Etimologia, pois eles não tinham nenhuma noção sobre ela e tampouco havia predecessores que teriam deixado dados para trabalho e classificação. Para estudar etimologia são necessários tanto uma considerável intuição sobre todas as partes e cantos da língua (*Indsiget i alle Dele og Kroge af Sproget selv*) em questão quanto uma extensiva familiaridade com as línguas relacionadas e com as línguas ancestrais, das quais é possível colher informações. As línguas ancestrais (*Stammesprog*) da Grécia e da Itália, entretanto, eram pouco conhecidas aos antigos, porque não havia significantes resquícios escritos (*betydelige skrevne Lævninger*) naquele período disponível a eles (p. 12)

Na obra Rask afirma que o etimólogo pode utilizar seus conhecimentos em línguas estrangeiras e sem uma competência nas línguas aparentadas o estudo etimológico seria fútil; e este é o principal erro no estudo da Etimologia pelos antigos: eles conheciam muito pouco ou nada sobre outras línguas, mas mesmo assim queriam realizar derivações a qualquer custo. Portanto, o etimólogo, equipado com tais conhecimentos, deveria se abster de derivar palavras de toda uma classe de línguas e, por isso, nunca afirmar que uma palavra é cita, sármata, gótica, cimbriana, céltica, etc. (p. 31). A respeito das semelhanças das línguas, Rask afirma que uma língua pode ter muitas semelhanças com uma outra tanto no vocabulário quanto em seu mecanismo e, mesmo assim, pode ser quase impossível descobrir a mínima concordância entre elas ao estudar um trecho de um texto

traduzido e uma para a outra. Dessa maneira, é inapropriado tirar conclusões a respeito da concordância entre línguas desconhecidas com base nas traduções do *Pai Nosso*, como se tem feito há muito tempo, e como Adelund novamente sustentou¹¹ (p. 37).

Ele julga necessário conhecer bem a língua para fazer etimologia como qualquer outro objeto de estudo e, para isso, não existe nenhum atalho (*Gjenvej*). Afirma que diferentes pontos de vista tomados por vários estudiosos ao olhar para um único objeto, que duas línguas diferentes têm, e também os diferentes modos em que as línguas apresentam características exatamente equivalentes, podem facilmente cegar aquele que não tem nenhum entendimento tanto nas estruturas das línguas (*Sprogenes Bygning*) quanto em suas essências mais íntimas (*inderste Væsen*) (p. 37).

Outros exemplos fornecidos por Rask para justificar que o etimólogo (*Etymologen*) tem que utilizar seus conhecimentos de línguas estrangeiras para seu próprio benefício, pois sem um entendimento sobre as línguas relacionadas é inútil (*forgjæves*) se dedicar à análise de línguas, são das palavras francesas *vent* "vento", *nuît* "noite" e *sel* "sal". Ele afirma que essas palavras, assim como outras que se tornaram irreconhecidas, e que seriam ainda mais se a ortografia francesa fosse mais adaptada à pronúncia, servem como uma advertência para que os estudantes das línguas sejam mais cautelosos em não condenar todas as semelhanças ou derivações como simples casos "estranhos ou engraçados" (*Grillenfænger*) apenas porque nem todas as letras são parecidas nas palavras que se quer comparar e esclarecer. E, portanto, se aceitar (*tilstaar*) que essas três palavras são de origem latina, então não se poderá negar uma relação com *ventus*, *nox* (*nocte*) e *sal* e islandês *vindur*, *nótt* (alemão *Nacht*) e *salt*. Segundo ele, essa despreocupação era um erro na etimologia antiga (*Gamles Etymologi*) (p. 31).

¹¹ Referência à obra *Mithridates, oder allgemeine Sprachenkunde mit dem Vater Unser als Sprachprobe in bey nahe fünfhundert Sprachen und Mundarten* (1806).

No mesmo parágrafo ele também argumenta que apenas por meio uma investigação mais detalhada (*nærmere Undersøgelse*) é possível saber se a semelhança entre várias palavras é fruto de um parentesco primitivo (*oprindeligt Slægtskab*) ou de empréstimo em tempos posteriores (*Laan i senere Tider*) (p. 30).

O "esclarecedor das línguas" (*Sprogforklaren*), utilizado por Rask como sinônimo de etimólogo, equipado com tais conhecimentos, deve evitar deduções que indicam que uma determinada palavra faz parte de toda uma classe de línguas (*en hel Sprogklasse*) e, por isso, nunca indicar uma palavra como cita, sármata, gótica, cimbria ou celta, mas especificar claramente em qual ou quais línguas ela se encontra. Ele critica tais termos, pois, por experiência, foram na maioria dos casos inventados para embelezar (*besmykke*) uma opinião preconcebida (*forudfattet Mening*) de uma maneira que fique difícil de refutá-la, uma vez que não se sabe em qual língua ou em que tipo de língua se deve procurar a palavra em suspeita ou talvez para ganhar reputação por meio de erudição junto aos ignorantes (p. 31-32)

Independente de quão misturadas duas línguas possam ser, Rask afirma que caso haja semelhança de vocabulários mais antigos (*ældste Ordforrad*) em cada uma delas, ou seja, se as primeiras palavras, que são as mais concretas, insubstituíveis e essenciais, forem comuns, tais línguas podem ser dadas como de mesma origem. Por outro lado, nada se pode concluir das palavras técnicas, de cortesia e de comércio ou das daquelas que se associam às coisas do "outro", ou seja, de palavras provenientes de intercuro social, cultural e atividades de formação, que possam ter sido inseridas tardiamente ao vocabulário mais antigo, pois isso depende de muitas circunstâncias que apenas podem ser conhecidas pela história, ou seja, se os povos simplesmente emprestaram tais palavras ou se as desenvolveram por si próprio (p. 35-36).

Vemos aqui uma distinção clara entre palavras herdadas e empréstimos e a argumentação de que apenas por meio da comparação

entre línguas e da utilização de outras ciências como a História podemos desvendar qual a origem de uma determinada palavra, ideia que segue a mesma linha de nossa dissertação.

Rask propõe, portanto, evitar etimologias forçadas ou falsas e exemplifica, por exemplo, com o já citado Peder Syv, que explica a palavra *Søndag* "domingo" como "Sohntag", ou seja, *at man da skal forsonne sine Synder* "que os pecados serão reconciliados" ao invés de remeter a palavra dinamarquesa ao islandês *sunnudagr* e ao alemão *Sonntag*, derivados da antiga palavra para "sol" *sunna*, alemão *Sonne* (p. 14). Ele também cita casos de palavras herdadas cuja palavra primitiva ou outras correspondentes, que poderiam explicá-la, estão perdidas, por exemplo, din. *Kvæg* "gado", que correspondente ao antigo islandês *kvíkr* "que vive" (p. 32); nesse exemplo ele não considera que até mesmo seja possível que a palavra *Kvæg* seja uma derivação de *kvíkr*, ou seja, a inexistência de uma sincronia anterior.

O autor também argumenta casos em que uma palavra é completamente estrangeira e entra na língua acidentalmente, por necessidade ou comodidade, por exemplo, din. *Maskine*, que vem do ale. *Maschine*, que vem do fr. *machine*, que vem do lat. *machina* e que, por fim, vem do gr. *μηχανή*. Ele também comenta sobre palavras resultantes de uma *blindt oversat* "tradução cega", ou seja, um caso de decalque, por exemplo, din. *Jordbeskrivelse* do ale. *Erdbeschreibung* "geografia". Por fim, ele também cita casos de composição como forma de formação de uma palavra como, por exemplo, *kjærkommen* "bem-vindo", composta de *kjærlig* "carinhoso" e *komme* "vir" (p. 32-33). Também encontramos no capítulo sobre etimologia um comentário sobre a semântica da palavra como indício de "boa etimologia". Rask afirma que quando a mesma palavra é encontrada em várias línguas, presume-se que ela pertença à língua na qual a palavra tem o significado mais insubstituível, concreto e geral como, por exemplo, sue. *Pojke*; din. *Paag* "menino" provavelmente provém do finlandês *pojca* "filho" (p. 40), o que é aceito por Hellquist (1922), hoje grafado *poika*.

1.2.3.2 Alguns exemplos dados por Rasmus Rask suas relações com a Linguística Histórica atual

Relação entre substantivos da 4a declinação do latim e da 3a do grego antigo:

Anteriormente afirmamos que Rask atesta que é necessário conhecer bem as línguas para o estudo da Etimologia. Ele exemplifica com a quarta declinação do latim ao afirmar que para muitos ela parece representar uma grande discrepância do grego antigo, mas na verdade, concorda perfeitamente com ele, pois é nada menos do que uma contração da terceira classe do grego (p. 37)¹². Os substantivos de 3ª declinação no grego antigo têm temas terminados por uma consoante (maioria), vogais ou ditongos e, para que seja possível reconhecer o tema da palavra, retira-se o -ος do genitivo singular.

Rask parece ter percebido por meio da palavra do grego antigo (3ª classe) ἰχθύς "peixe", que tem a seguinte declinação: N ἰχθύς, G ἰχθύος, D ἰχθύϊ e A ἰχθύϊν. Hoje sabemos que a terceira classe com tema vocálico em -ύ- (sem contrações) segue tal paradigma: N -ς, G -ος, D -ϊ, A -ϊν¹³ e que o latim tem o seguinte paradigma na quarta classe: N -ūs, G -ūs, D -uī e A -um. De acordo com Beekes (2011), a terminação de acusativo do IE, que era um simples -m, era vocálica após uma consoante (-m̥), o que resultou no grego a terminação -a; o latim, por sua vez, herdou apenas a nasalização -m (p. 187); compare gr. πόδι-ᾱ "pé" em ac.sing. (< IE *pód̥m̥) e latim uoc-em "voz" em ac.sing. (< *wók̥m̥) (FORTSON IV, 2004, p. 104).

Rask se direcionava por meio das classes das declinações que existiam em seu período; no entanto, hoje sabemos que a quarta classe

¹² F. Eks. den fjerde Dekl. i Latinen synes at være en stor Afvigelse fra Græskene, men stemmer dog fuldkommen overens dermed, da den er hverken mer eller mindre end en Sammendragelse af den tredie [...]

¹³ Os temas em consoante terão uma terminação de acusativo -ᾱ. Exemplo de uma palavra com tema em -r πατήρ "pai": nom. πατήρ, gen. πατρός, dat. πατρί, ac. πατέρα

do latim reflete os substantivos de tema em *-u* do IE (considerado por Beekes como um substantivo de tema consonantal).

Fortson IV (2004) também afirma que tradicionalmente os substantivos atemáticos, que têm tema terminado em consoante, eram diferenciados daqueles com tema em *-u* ou *-i*, mas essa diferenciação é desnecessária porque mascara o comportamento fundamentalmente idêntico desses dois grupos frente aos substantivos temáticos (com tema em *-o-*).

Com referência à formação dos temas nominais atemáticos, mais especificamente às classes de acento e *ablaut*, os substantivos atemáticos têm terminações adicionadas diretamente na raiz ou no sufixo sem a intervenção de uma vogal temática (p. 103) e consistem em três partes (raiz, sufixo e terminação), que podem se apresentar em diferentes graus de *ablaut*, dependendo principalmente da posição do acento, que pode cair em qualquer um desses três morfemas. De acordo com a teoria padrão, em qualquer forma de caso dada de um substantivo atemático, os morfemas átonos aparecem no grau zero, enquanto os morfemas tônicos em um grau mais forte que o zero: com vogal, geralmente *e*, mas também *o* (p. 107). Também é possível ocorrer derivação interna (p. 110)

A respeito dos sufixos derivacionais atemáticos, que também fazem parte da formação dos temas nominais atemáticos, os sufixos mais prominentes terminavam em *n*, *r*, *s*, e *t*, formando assim tema em *-n*, tema em *-r*, etc. Com relevância ao caso citado acima sobre Rask, há os temas em *-i* e *-u* que se formaram por conta do sufixo **-i-* e **-u-*, respectivamente, no grau zero e **-ei* e **-eu* no grau pleno. (p. 112-113).

Os substantivos de tema em *-u-*, como os de tema em *-i-*, são considerados consonantais porque o **i* é uma forma vocálica do glide **y* (grau zero), com grau pleno sendo *-ey*, igualmente com **u*, que é forma vocálica de **w* (grau zero) e tem grau pleno em *-ew*. Além do mais, suas terminações se comportam como aqueles de tema em consoantes, compare a terminação de instrumental *-bhi* em todos os temas, menos

em -o- (cf. Fortson IV, p. 113 e Sihler, 1995, p. 248 para visualizar as diferenças). Sihler (1995) também atesta que os temas em -i e -u são, na verdade temas -i/-ey/-oy/-ēy e -u/-ew/-ow/-ēw, respectivamente; além do mais, essa ordem de formas-tema é paralela aos temas em -n e -r, mas a distribuição de graus é bastante diferente (p. 249).

Vejamos a tabela das formas no singular, de Sihler (p. 248):

Stems:	Cons.	o-stems	eH ₂ -stems	i-stems	u-stems
Nom.	-s, -ø	-o-s	-eH ₁ -ø	-i-s	-u-s
Voc.	-ø	-e-ø	-eH ₁ -ø	-ey-ø	-ew-ø
Acc.	-ŋ	-o-m	-eH ₁ -m	-i-m	-u-m
neut.	-ø	-o-m	-	-i-ø	-u-ø
Instr.	-bhi, -mi -(e)H ₁	-o-H ₁ , -e-H ₁	-eH ₁ -bhi, -eH ₁ -eH ₁ ?	-i-bhi -i-H ₁	-u-bhi, -u-H ₁
Dat.	-ey	-ōy	-eH ₁ -ey	-ey-ey	-ew-ey
Gen.	-s, -os, -es	-ī, -osyo	-eH ₁ -es, -eH ₁ -os	-oy-s	-ow-s
Abl.	= Gen.	-āt, -āt	= Gen.	= Gen.	= Gen.
Loc.	-i, -ø	-o-y, -e-y	-eH ₁ -i	-ēy-ø	-ēw-ø

Lembremos que a única forma temática ocorre com tema em o e que o eH₂ representa a vogal a posterior. Beekes afirma que esse tema deveria ser um tema consonantal, uma vez que ambas se comportam de maneira parecida (p. 190); ela servia para formar o feminino de adjetivos com tema em -o (p. 199). Fortson IV (2004) declara que esse tema é o sufixo que feminiza -h₂ adicionado à vogal temática ou simplesmente o grau pleno do sufixo que feminiza (p. 119).

No tocante às terminações dos casos na tabela acima vemos algumas variações no instrumental do tema atemático ao comparar com o tema em -o (cf. Fortson IV, p. 105 para atemática e 114 para temática). O dativo em -ōy, por sua vez, nada mais é, segundo Fortson IV, do que uma contração de *o-ei, portanto o sufixo originalmente seria *-ei, como nas formas dos atemáticos. O nominativo termina em -s e o acusativo em -m (ou *ŋ pós consoantes). Substantivos animados atemáticos que terminam em ressonantes apresentam um grau alongado do tema e perdem o -s, por exemplo,

gr. *patér* "pai". De acordo com Fortson IV, é muito aceito que essas formas de singular originalmente tinham um grau pleno mais *-s, e que uma mudança sonora (Lei de Szemerényi) ocorreu no IE, fazendo com que o -s sofresse apócope em compensação ao alongamento da vogal: **ph₂ter-s* > *ph₂tēr* (p. 104). De acordo com Beekes (2011), a classe temática em -o ocupa uma posição especial porque têm os temas como vogais (os temas em -i e -u devem ser vistos como temas consonantais), não há mutações como ocorrem com as aтемáticas e têm terminações especiais (p. 211).

Com relação aos temas, percebemos que onde há grau zero na forma com tema em o e, por isso o tema fica em o, temos os temas i e u nas formas com temas i e u, ao passo que quando há o grau pleno no tema em o, ou seja, o tema fica em e, temos -ey e -ew nas formas com temas em i ou u, respectivamente. Isso quer dizer que a forma em grau zero é apenas a forma vocálica das semivogais y e w.

A saber, Fortson IV afirma que a primeira classe do latim, com tema em a, reflete o tema em a do IE (p. 255), que é contraída do -eh₂; a segunda classe, com tema em u (Pr.it. *o) reflete a o tema vocálico em o do IE, grupo de masculinos e neutros; a terceira classe dá continuidade tanto aos temas consonantais quanto ao tema em i, ao passo que o tema em u origina a quarta declinação. A quinta declinação, por sua vez, não é um tipo herdado, mas uma combinação de várias formações, devido a mudanças sonoras, que vieram a ter um tema em e (p. 255).

Em suma, a única classe temática é a em o; o tema em a é aтемática porque a terminação de caso é adicionada diretamente à laringal (p. 119) e a classes de tema em i e u também são porque o i e u são sufixos acrescentados em um grau zero e *-ei e *-eu são formas adicionadas em um grau pleno. A explicação para a não ocorrência de um tema em e se encontra em Beekes (2011, p. 215-216).

Com relação ao grego, a primeira classe, com tema em a, também reflete o tema em -eh₂ do IE; porém, diferentemente do latim, há 5 subtipos (SIHLER, 1995, p. 266), que não discutiremos aqui. O

tema em -o reflete o tema em -o do IE (segunda declinação) (SIHLER, 1995, p. 256). O autor também apresenta comparações entre as diferenças de alguns casos entre latim e grego no singular de palavras com este tema (p. 256-259) e com tema em *a* (p. 266-270). De acordo com Fortson IV, as declinações com tema consonantal são mais simples do que no IE, já que as terminações não sofrem mais mutação vocálica (*ablaut*) (mas os temas às vezes sofrem, p.ex. *kúōn* "cachorro", tema *kun-*) (p. 235). Os substantivos de temas em *u* entram na terceira classe do grego antigo.

Portanto, Rask afirma que a quarta declinação do latim, dos substantivos terminados em *-us* (com origem atemática de tema em *u*) é nada menos do que uma contração da terceira classe do grego, a qual está atribuída a palavra *ἰχθυῖς* (IE *dg^uH-*, de acordo com Beekes, p. 2010, p. 606). Rask percebeu esse fenômeno num período muito anterior a tais estudos e sem a ajuda do sânscrito. Seu único erro foi afirmar que uma é contração da outra; na verdade, são dois processos de mesma origem (palavra de origem atemática com tema em *u*), que foram inseridas em classes diferentes em cada uma das línguas.

Mudanças consonantais:

Rask também contribuiu para mudanças consonantais e vocálicas ao criar sistemáticos estudos entre as línguas, como a troca de vogais (p. ex. a-e, a-o), troca de letras mudas (p.ex., j-g, h-g), troca de letras líquidas (p. ex., r-l, l-n), trocas mútuas de vogais e consoantes (p. ex. a-en, em, i,e-j), trocas mútuas de letras mudas e líquidas (p. ex., m-v,f,b, l-d,t,), transposição de letras, incremento de letras no início de palavras e inserção de letras ou anexos no fim das palavras (p. 50-54). Segundo Rischel (2002b), essas correspondências são geralmente chamadas de "sound shifts", embora os elementos envolvidos nas comparações genéticas não sejam tipicamente sons (e nem mesmo fonemas), mas símbolos alfabéticos de línguas escritas extintas cujos valores fonéticos são, em princípio, hipotéticos e podem apenas ser

deduzidos por reconstruções comparativas e internas (p. 125). Rask chamou tais "trocas de letras" de *Bogstavovergange*. Mas uma de suas demonstrações de correspondências regulares mais ilustres entre elementos de duas línguas como evidência de parentesco é a substituição do sistema de consoantes plosivas que separou o germânico das outras línguas indo-europeias. Rask fornece os seguintes exemplos da transição do grego e latim para o islandês (*overgange fra Græsk og Latin til Islandsk*) (p. 169):

π se transforma em f , como em gr. *πλατύς* e isl. *flatur* "plano";

τ/t se transforma em p , como em gr. *tu*, lat. *tu* e isl. *pú* "tu";

x/c [k] se transforma em h [x], como lat. *cornu* e isl. *horn* "corno"; gr. *χρεας* "carne", isl. *hær* "cadáver"

δ/d se transforma em t , como lat. *dignus* e isl. *tíginn* "elevado"; *δαμαω* "domar"; AN *tamr* "habitudo"

γ/g se transforma em k , como em gr. *γένος*, *gena* e isl. *kyn* "descendência, família" e "sexo, raça", respectivamente;

ϕ/f se transforma em b , como em gr. *φέρω*, lat. *fero* e isl. *eg ber* "eu carrego"

θ se transforma em d , como em gr. *θύρα* e ant. isl. *dyr* "porta", mas também gr. *θεος* e lat. *deus*

χ se transforma em g , como em gr. *χύτρα* "panela" e isl. *grýta* "panela de barro"

Rask apenas percebe as diferenças por comparação; no entanto, foi por Jakob Grimm que tais correspondências foram conhecidas, as chamadas "Leis de Grimm". Como ele não estudou o sânscrito, não teria como ter exemplos ainda mais próximos do indo-europeu, mas é a ele que devemos atribuir os primeiros esforços para realização da boa etimologia, ou seja, com base na comparação,

mesmo com o fato de que ele não tinha quase nenhum trabalho predecessor.

Comentaremos apenas sobre a transformação de θ para d citada acima. Hoje sabemos, de acordo com as leis fonéticas, que não foi o θ do grego que se transformou em d no germânico e muito menos em d no latim. Primeiramente, cada forma provém de um vocalismo a partir do IE $*dh$, compare scr. *mádh* "mel, vinho", gr. *μέθυ* "vinho", germ. **medu* "hidromel" e, conseqüentemente, ing. *mead*, isl. *mjóður*, nor. *mjød* e ale. *Met*, mas ele está correto em afirmar a relação entre *θύρα* e *dyr* "porta", apesar de não ser uma transformação, pois ambos provêm do IE $*dhwō$. Portanto: IE $*dh >$ (scr. *dh* $\cong$ gr. Θ $\cong$ lat. *f/d/b*¹⁴ $\cong$ germ. *d*).

De acordo com as leis fonéticas, o IE $*dh$ vira *f* no latim quando se encontra no início de sílaba, portanto, *foris* "porta" e d no germânico, sendo o último um dos processos da Lei de Grimm.

Em segundo lugar, apesar de podermos relacionar o gr. θ com o d no germânico, não podemos relacionar com o d do latim pois, como já dito, deveria ser um *f*, por ser inicial.

Portanto, a palavra "deus" provém de uma palavra que inicia com $*d$ no IE e não $*dh$ (ou θ como atesta Rask). De acordo com Mallory & Adams (2006), essa palavra tem origem em IE $*deiwós$, que é um derivativo de tema em "o" de $*dyeu-$ "céu, dia" e originou palavras que significam "deus" como, por exemplo, OIr. *dīa*, lit. *dievas*, hit. *sīus*, skr. *devá-* e também "demônio", como em av. *daēva-*, que é um resultado de uma formação religiosa que degradou divindades anteriores para substituí-las por aquelas da nova religião pregada por Zaratustra (p. 408-409); além do AN *tivar* "deuses" ($< *teiwaz$) que, segundo os manuscritos medievais, é a designação de um dos grupos de divindades com o singular em Týr, que parece corresponder "à divinda de" nórdica

¹⁴ De acordo com Fortson IV (2011, p. 205), $*dh > f$ quando estava no início de palavra ($*dhegʷh-$ "queimar" $> fouēre$ "manter aquecido"); $*dh > b$ depois de *u* ($*h_1rudh-$ "vermelho" $> rubēre$ "enrubescer-se"), *r* ($*uerdho-$ $> uerbum$ "palavra") ou antes de *r* ($*ghladh-ro-$ $> glabro-$ "liso") ou *l* ($*sth_2-dhlo-$ $> stabulum$ ($*stablum$) "estábulo") e $*dh > d$ em qualquer lugar no meio da palavra ($*medhio-$ $> lat. medius$).

(REICHERT, 2002, p. 398) e é considerado na antiga literatura escandinava o deus do céu, da guerra e da assembleia e o único deus germânico cujo significado se desenvolve até o indo-europeu (SIMEK, 1983, p. 419). Óðinn parece ter substituído Týr em sua posição pré-eminente (REICHERT, 2002, p. 398). Na literatura islandesa medieval, *tívar* aparece no poema *Þrymskviða* (estrofe 14).

Ernout & Meillet [1932 (2001⁶)] afirmam que a forma temática IE **deiwo* designava pelos indo-europeus os seres "celestes" em geral, em oposição ao homem *homō* que é terrestre por natureza (p 171). A forma **deiwo-* sofreu uma monotongação para **dēu-* e em um certo estágio o **w/ɥ* sofreu apócope antes de vogais posteriores (no caso o "o"), mas não antes de vogais anteriores; por conta disso, o *ē* se manteve na frente do *u* < **wo* e também o *ē* se transformou em *e*; portanto: **deiwo* (IE) > **deiw-* (proto-italico) > **dēwos* > **deus* > *deus* (de VAAN, 2008, p. 167-168; BEEKES; 2011, p. 78).

A forma **dyeu-* que, como já mencionado, também significava "dia", formou lat. *dies* "dia", Oir. *dīa* "dia" e gr. *éndios* "no meio do dia" (MALLORY & ADAMS, 2006, p. 301). A partir de **dyēus phatér* "pai do céu" também surgiram formações como lat. *Jupiter*, gr. *Zeus patér*, skr. *dyáuṣ pitā* e também o adjetivo derivado **diwyós* "divino" (lat. *dīus*, gr. *dīos*, skr. *divyá-*) (MALLORY & ADAMS, 2006, p. 408-409). A forma **d(i)yēus* "deus do céu; céu; dia"(que originou **deiwos*) provém da raiz **dei-* "brilhar", que está relacionada com o AN *teitr* "feliz, alegre" e gr. *déato* "é visto" e que deve ter sido primeiramente relacionada com a luminosidade do céu (MALLORY & ADAMS, 2006, p. 329).

- IE **dei-*"brilhar"→**dyeu-*"céu, dia" → **deiwós* > "seres celestes" (Oir. *dīa* ≅ lit. *dievas* ≅ hit. *sius*, skr. *devá-* ≅ av. *daēva-* "demônio" ≅ germ. **teiwaz* "deuses" ≅ Pit. **deiw-* [>**dēwos* > **deus* > lat. *deus*])
- IE **dei-* "brilhar"> AN *teitr* "feliz, alegre" ≅ gr. *δέατο* "é visto"

- IE **dyeu-* "céu, dia" > lat. *dies* ≅ Air. *dīa* "dia" ≅ gr. *éndios* "no meio do dia"
- IE **dyēus ph₂tér* "pai do céu" > lat. *Jupiter* ≅ gr. *Zeuspatér* ≅ skr. *dyáuṣ pitā*

De acordo com Ernout & Meillet [1932 (2001⁶)], tal derivativo antigo "luminoso" está conservado em forma adjetiva em certas expressões consagradas como *sub dīuō caelō* "sob céu aberto"; em seguida, o "céu luminoso" foi considerado animado e deificado ou como inanimado e passou-se a dizer *Deiuos*, *Deus*, *Deiua*, *Dīua* ou *deiuom* (p. 170).

Com relação ao grego, *θεός* provém do IE **dhēh₁s*, que também originou arm. *dik* "os deuses", mas também é atestado em formas cognatas remanescentes como, por exemplo, lat. *fēriae* "dia festivo", skr. *dhiṣāna-* "epíteto de vários deuses" (MALLORY & ADAMS, 2006, p. 410), ou seja, a semelhança com *deus* é uma coincidência, assim como *teotl* em asteca (SIHLER, 1995, p.1). As leis fonéticas indicam que o IE **d* se transforma em *δ* no grego (SIHLER, 1995, p. 147-148), por exemplo, IE **dékm̥*, lat. *decem*, mas got *taihun*; gr. *δέκα*.

Mesmo assim, Rask estava um século à frente de seu tempo por conta de seu programa de pesquisas que envolvia a produção de gramáticas descritivas concisas de um grande número de línguas porque ele tinha a convicção de que a descrição sistemática de cada língua em acordo restrito com um conjunto comum de princípios analíticos é um pré-requisito para realizar uma análise interlinguística (RISCHEL, 2002b, p. 126).

1.2.4 Outros nomes contemporâneos ou posteriores a Rasmus Rask

Com importância secundária a Rask, há os estudiosos dinamarqueses Jakob Hornemann Bredsdorff (1790-1841) e Niels

Matthias Petersen (1791-1862). Bredsdorff, junto com Rask, também considerava a influência entre línguas como um fator na mudança linguística, mas uma de suas contribuições mais importantes é a taxonomia das causas internas da mudança linguística; para tal, ele elaborou uma variedade de causas e propôs sugestões que estão muito além do pensamento dessa área no período. Ele também avançou no estudo das runas, pois distinguiu entre as runas do antigo Futhark e do novo Futhark e contribuiu com a primeira leitura essencialmente correta do chifre de Gallehus, objeto arqueológico encontrado na Dinamarca. Petersen escreveu um ensaio sobre as línguas norueguesa, dinamarquesa e sueca em 1829, traduziu as sagas, escreveu a primeira história literária científica dentro da filologia nórdica e questionou a relação histórica entre a língua escrita e falada.

Na Suécia se destaca Carl Fredrik Sävje (1812-1876), que se especializou em dialetologia e foi o pupilo favorito de Petersen. Na Noruega, por sua vez, o principal nome é Ivar Aasen, que foi um pesquisador de línguas e se elevou a um alto nível de excelência por conta da aprendizagem dos empreendimentos de Rask. Ele se preocupou com a língua norueguesa que se sucumbiu por conta da norma escrita dinamarquesa e a sua grande descoberta se deve ao fato de que a língua ainda estava muito viva nos dialetos rurais noruegueses e, por conta disso, colocou como objetivo a criação de uma norma escrita com base em tais dialetos, o que levaria ao futuro *nynorsk*.

Nesse período o feroês, a língua nórdica mais negligenciada, também entra em cena: Venceslaus Ulricus Hammershaimb (1819-1909) publicou exemplares de texto e uma gramática experimental em uma ortografia fortemente de cunho etimológico que ele próprio criou com base na ortografia do islandês (RISCHEL, 2002b, p. 127-129).

1.3 A Etimologia e os processos etimológicos na Noruega

Neste subcapítulo apresentaremos a fragilidade das obras etimológicas em língua norueguesa. Os dicionários etimológicos consultados foram: *våre arveord* de Bjorvand e Lindeman (2000), *Norsk etymologisk ordbok* (2013) de Yann de Caprona, *Nynorsk etymologisk ordbok* (1919) de Alf Torp e o *Etymologisk ordbog over det norske og det danske sprog* de Hjalmar Falk e Alf Torp (1900-1906). Os não etimológicos foram: *Norsk ordbok* de Tor Guttu (bokmål moderado), *Norsk Riksmålsordbok*¹⁵ (1937-1957) da Det Norske Akademi for Sprog og Litteratur, *Bokmålsordboka* e *Nynorskordboka*, ambos da Universidade de Bergen em conjunto com a *Språkrådet* e, por fim, o *Norsk Ordbok 2014* (Nynorsk) da Universidade de Oslo. Todos esses dicionários estão disponíveis *online* e apenas os dois primeiros são pagos.

O dicionário *våre arveord* é uma coleção de artigos sobre as palavras norueguesas mais antigas. Estas podem ser herdadas ou palavras que entraram na língua há muito tempo que não são mais vistas como importadas (*fremmendord*). Como exemplo de verbete:

brøk m. “brutt tall” er et lånord fra mnt. *brōk(e)* m. “brudd” som kommer av germ. **bruki-* m. liksom mnl. *brueke*, nl. *breuk*, gs. *bruki*, gfris. *breke*, *breze*, fris. *brek*, geng. *bryce*, ght. *bruh*, ty. *Bruch*. Alle formene hører til et germ. sterkt verb, inf. **brekan-* som vi ser i ty. *brechen* osv., se under *brekke*. Det dreier seg om et oversettelseslån fra mlat. *fractio* “brudd, brytning” (eng. *fraction* “brøk”), jf. frmo. som *fraktur*, *fraksjon*.

16

¹⁵ Apesar do termo *riksmål* ter sido substituído por *bokmål* a partir de 1929, o termo continuou a ser utilizado para designar a variante escrita mais conservativa, principalmente após 1938, que mantém pontos essenciais da tradição de escrita de 1917. A partir de 1953 o *riksmål* é normatizado pela *Det Norske Akademi for Sprog og Litteratur* com esse dicionário.

¹⁶ *Brøk* m. “número quebrado” [fração] é um empréstimo do MBA *brōk(e)* m. “quebrado” que vem do germ. **bruki-* m. assim como o m.hol. *brueke*, hol. *breuk*, AS *bruki*, AFris. *breque*, *breze*, fris. *brek*, IA *bryce*, AAA *bruh*, Ale. *bruch*. Todas as formas pertencem ao verbo forte alemão **brekan-* (infinitivo), que vemos no Ale. *brechen*, etc. Consulte *brekke*. Trata-se de um decalque

Apesar do raciocínio estar correto, uma vez que *brøk* é um empréstimo do médio baixo alemão *brök(e)* que, por sua vez, segundo o dicionário, “vem” do antigo germânico, preferimos desenvolver uma terminologia menos vaga e também aperfeiçoar as etapas sincrônicas. Na afirmação do verbete dá a entender, portanto, que a palavra do médio baixo alemão veio direto do antigo germânico, o que não poderia ocorrer porque há um período de aproximadamente 1300 anos entre essas duas sincronias. Portanto, isso vai contra os nossos pressupostos¹⁷ porque temos o objetivo de definir uma nomenclatura sistematizada que seja aplicada tanto ao português quanto ao norueguês, para não falarmos de outras línguas.

No dicionário de Caprona (2013) encontramos muitas inconsistências terminológicas e processuais. Verbetes *pessimisme*¹⁸:

Verbetes *optativ*¹⁹:

do latim médio *fractio* “quebrado, quebra” (ing. *fraction* “fração”), compare palavras estrangeiras como *fraktur*, *fraksjon*.

¹⁷ Os pressupostos sobre étimo e origem aqui assumidos derivam de definições utilizadas pelo GMHP e pelo NEHiLP.

¹⁸ “Pessimismo: a compreensão de que a vida é sofrimento e a existência não tem valor; *svartsyn* (sinônimo). Neologismo do latim *pessimus* “pior”, superlativo de *malus* “ruim” (Rey) (tradução nossa).

¹⁹ “Optativo: forma desejada. Do lat. *optativus* “que expressa um desejo”, derivado de *optare* “desejar, escolher”, sem Etimologia certa, que reconhecemos em palavras como *adoptere*, *optere* e *opsjon* (Kluge, E & M)” (tradução nossa)

optativ: ønskeform. Av latin *optativus* «som uttrykker et ønske» avledet av *optare* «ønske, velge», uten sikker etymologi, som vi gjenkjenner i lånordene *adoptere*, *optere* og *opsjon* (Kluge, E & M).

Verbete *reaksjonær*²⁰:

reaksjonær: bakstreværsk, framskrittstfiendtlig. Av fransk *réactionnaire*, som likesom lånordet *reaksjon* stammer fra lavlatin *reagere* «trykke på nytt», som bygger på *re-* «tilbake, igjen, på nytt» + *agere* «agere», beslektet med norsk *ake* (se dette ordet i kapitlet *Idrett*, s. 687) (Katlev, Rey).

De acordo com o dicionário, a primeira palavra é um neologismo da palavra latina em forma superlativa *pessimus* “o pior”, de *malus* “mau”. O leitor compreende por esse verbete que a palavra foi criada na língua norueguesa; todavia, o LPR afirma que ela tem origem no francês em 1759. O mesmo ocorre com a palavra *optativ*, mas aqui o autor cita Kluge, E & M. A palavra é dada como originária do latim *optativus* “que expressa um desejo”, derivado do verbo *optare* “desejar, escolher”, que tem etimologia incerta e é reconhecido em empréstimos como *adoptere*, *optere* e *opsjon*. Percebe-se que nesse caso o autor, na verdade, está buscando a origem da palavra e não o étimo.

No tocante à terceira palavra *reaksjonær*, ela é dada como av *fransk* “do francês” *réactionnaire* que, igualmente ao empréstimo *reaksjon*, é originária do baixo latim *reagere* “empurrar de novo”. Aqui há dois problemas: falta de terminologia, quer dizer, a preposição av “do” é ambígua pois pode remeter tanto ao étimo quanto à origem, portanto o autor deveria utilizar “de étimo francês”. O outro problema é afirmar que ela, assim como a palavra norueguesa *reaksjon*, deriva do

²⁰ Reacionário: “bakstreværsk”, “framskrittstfiendtlig”. Do francês *réactionnaire*, que, assim como o empréstimo *reaksjon*, deriva do baixo latim *reagere* “impulsionar novamente”, que se formou por meio de *re-* (de volta, novamente) + *agere* “agir”, relacionado com o norueguês *ake* (consulta essa palavra no capítulo *Idrett*, p. 687) (Katlev, Rey) (tradução nossa).

baixo latim *reagere*; não seria um problema realizar essa afirmação se ele estivesse falando de sua origem, uma vez que essa palavra se formou por derivação no latim medieval. De acordo com nossos pressupostos, o autor deveria afirmar que *reaksjon* tem étimo na língua que emprestou para o norueguês, assim como a palavra *reaksjonær* tem étimo francês; além do mais, que *reactio* deriva do particípio *reactus*, que é uma forma que sofreu analogia com o latim *actio* “execução, realização” (← *actus*) (PARASCHKEWOW, 2004, p. 292).

Mas no verbete *arbeid*²¹ “trabalho”, que tem étimo do médio baixo alemão, o autor realiza um bom procedimento, apenas falta uma boa nomenclatura:

A respeito desses dois últimos dicionários, percebemos que ambos não colocam nem datação e nem o local de quando a palavra foi escrita pela primeira vez.

Exemplo do verbete *dust*²² no dicionário *Nynorsk etymologisk ordbok* de Alf Torp:

²¹ Trabalho: atividade, labor, labuta; trabalho com salário fixo; produto de uma atividade. Do médio baixo alemão *arbeit* “labuta”, que remonta à forma germânica que pode ser **arbaiþi*- “esforço, aflição, incômodo” [...]. *Arbeid* pode pertencer ao indo-europeu **orbh*- “aquilo que é tirado”.

²² *Dust* (batalha em contos folclóricos), antigo nórdico *dust* “torneio”; do médio baixo alemão *dust* = médio alto alemão *tjost*, *tjust*, que vem do antigo francês *joste*, *juste* (francês *joûte*) “duelo em cavalos”, que vem do latim *juxta*, que vem do latim *juxtare* “participar de torneio”.

Dust *m* (dyst, kamp, i folkeviser), gno. *dust* dystrend, turnering, gsv. *diost*, *dust*, da. *dyst*; fra mnt. *dust* ds. = mht. *tjost*, *tjust*, som er fra gfra. *joste*, *juste* (nfr. *joute*) ridderlig tvekamp. Dette av lat. *juxta* jevnside, hvorav mlat. *jutare*, *turnere*.

Torp apresenta que a palavra “vem” do antigo nórdico *dust*, com as formas cognatas *diost* e *dust* no antigo sueco e também apresenta a forma dinamarquesa *dyst*. Além do mais, afirma que a palavra “vem” do médio baixo alemão *dust*, que “é do” antigo francês *joste*, *juste* que, por sua vez, “é do” latim *juxta*.

Exemplo do verbete *Kirke* no dicionário *Etymologisk ordbog over det norske og det danske sprog* de Hjalmar Falk e Alf Torp (1900-1906):

Kirke, sv. *kyrka*, oldn. *kirkja*, *kyrkja*, laant fra ags. *cirice*, *cyrice* (eng. *church*) = osax. *kirika* (holl. *kerk*), oht. *kiricha* (nht. *Kirche*). Skjønt ordet ikke er paavist i gotisk, maa dog en gotisk stamme ha formidlet dets optagelse fra den græske kirke; sml. det fra gotisk laante oslav.

O autor apresenta os cognatos da palavra: sue. *kyrka* e AN, *kirkja* ou *kyrkja*, misturando duas sincronias. Afirma que é um empréstimo do anglo-saxão *cirice*, *cyrice* (ing. *church*); cognatos também do AS *kirka*, AAA *kiricha* (ale. *Kirche*) [...]. Em seguida ele propõe a origem da palavra.

Outra palavra analisada desse dicionário foi *arbeide* “trabalho”. O autor cita as cognatas dinamarquês antigo *arbede*, *arbeid* e sueco *arbete*, portanto ele não divide as sincronias. Afirma, também

que a palavra é um empréstimo do médio baixo alemão *arbeit*, como já citado anteriormente.

Em todas essas obras citadas não há uma nomenclatura e nem uma definição do que é o *étimo* e a *origem* e também há anacronismos, pois, como exemplificado em *arbeide*, o antigo dinamarquês não poderia ser um cognato do sueco, uma vez que o primeiro pode ser o étimo do segundo já que o período de tempo entre as duas palavras é enorme.

Com exceção do dicionário de Caprona (2013), nenhum deles inserem uma introdução em que se explica o que se entende por Etimologia. O dicionário de Bjorvand e Lindeman, por exemplo, apenas apresentam um breve escopo do desenvolvimento das línguas germânicas a partir do germânico antigo. Também mostram as mutações consonantais germânicas (lei de Grimm e lei de Verner).

Com relação aos dicionários não etimológicos, apresentamos abaixo suas representações da etimologia. Escolhemos aleatoriamente quatro palavras de origem latina, duas que passaram pelo médio baixo alemão e duas herdadas, das quais uma remonta ao antigo nórdico e a outra é de origem norueguesa:

Meditasjon “meditação”:

- fr. *méditation* , lat. *meditatio*; de ►*meditere* (verbo) (*Norsk Riksmålsordbok*)

substantivo verbal latino; ►*meditere* (*Norsk Ordbok* de Tor Guttu)

- do lat.; veja *meditere* (*Bokmålsordboka*)
- do lat.; ver *meditere* (*Nynorskordboka*)
- do lat. *meditatio*, de *meditera* (*Norsk Ordbok* 2014)

Naturalisasjon “naturalização”:

- fr. *naturalisation* (*Norsk Riksmålsordbok*)
- derivação francesa; ►ver *naturalisere* (*Norsk Ordbok* de Tor Guttu)
- Sem etimologia (*Bokmålsordboka*)
- Não há a palavra (*Nynorskordboka*)
- Não há a palavra (*Norsk Ordbok* 2014)

Regiment “regimento”:

- ale. Regiment, fr. régiment , do lat. *regimentum* , forma paralela de *regimen*, compare ►*regime* (*Norsk Riksmålsordbok*)
- forma paralela francesa, latina de *regime* (*Norsk Ordbok* de Tor Guttu)
- do lat. (*Bokmålsordboka*)
- do lat. «controlar» (*Nynorskordboka*)
- do mlat. (*Norsk Ordbok* 2014)

Sedimentasjon “sedimentação”:

- de *sediment* (*Norsk Riksmålsordbok*)
- Não há etimologia (*Norsk Ordbok* de Tor Guttu)
- Não há palavra (*Bokmålsordboka*)
- Não há etimologia (*Nynorskordboka*)
- Não há (*Norsk ordbok* 2014)

Desses dicionários apenas o *Norsk Riksmålsordbok* apresenta um possível caminho da entrada do léxico no *riksmål*, mesmo que não haja uma nomenclatura adequada como, por exemplo, nas palavras *meditasjon* e *regiment*. Os outros, por outro lado, afirmam erroneamente que a palavra veio do latim. O *Norsk Ordbok* não toma partido se *regiment* vem do francês ou latim e cita os dois. A respeito da palavra *naturalisasjon*, o *Norsk Riksmålsordbok* afirma que vem do francês e o *Norsk ordbok*, que é uma derivação francesa. Em vista disso, apenas o primeiro propõe de fato uma possível etimologia na língua norueguesa, já que o segundo cita a formação da palavra no francês. Porém, com o elemento lexical *sedimentasjon*, o dicionário de *riksmål* se equivoca ao afirmar que *sedimentasjon* é uma formação de *sediment*, pois o leitor pode entender que foi uma formação no próprio norueguês.

skje “ocorrer, acontecer”:

- médio baixo alemão (*ge*)*schên* (*Norsk Riksmålsordbok*)
- médio baixo alemão (*Norsk Ordbok* de Tor Guttu)
- baixo alemão (*ge*)*schen* (*Bokmålsordboka*)
- baixo alemão (*ge*)*schen* (*Nynorskordboka*)
- do baixo alemão (*ge*)*schen* (*Norsk ordbok* 2014)

tallerken “prato”:

- médio baixo alemão *tallorken*, diminutivo em *-ken* do médio baixo alemão *tallôr*, *teller*; dos romanos; comp.. fr. ► *tailloir*, ital. *tagliere* “tábua de cortar”, do verbo fr. *tailler*, ital. *tagliare* “cortar” (*Norsk Riksmålsordbok*)
- médio baixo alemão - diminutivo (compare alemão *Teller*), do francês *tailloir* (*Norsk Ordbok* de Tor Guttu)

- por meio do médio baixo alemão, do fr. *tailleur* ou it. *tagliere* “tábua de cortar” (*Bokmålsordboka*)
- baixo alemão *tallorcken*, diminutivo de *tallor*, dos romanos, compare fr. *tailloir*, it. *tagliere* “tábua de cortar” (*Nynorskordboka*)
- do baixo alemão *tallorcken*, dimin. de *tallor*, do fr. *tailloir* “tábua de cortar”, til *tailleur* “cortar” (*Norsk ordbok 2014*)

No tocante ao verbo *skje*, todos os dicionários são bem sucintos ao afirmar que veio do médio baixo alemão, o que se diferencia muito do substantivo *tallerken*, pois esse último empréstimo eles explicam como uma palavra na forma diminutiva do médio baixo alemão. Os dicionários *Norsk Riksmålsordbok* e *Nynorskordboka* assumem que a palavra veio dos romanos e sugerem uma comparação com o francês *tailloir* “prato antigo onde se cortava carne”, que é uma derivação de *tailleur* “cortar”. Com essa afirmação, os dicionários provavelmente indicam indiretamente que os romanos (falante do francês antigo) trouxeram essa palavra para o mundo dos falantes do médio baixo alemão. O *Bokmålsordboka* não decide se a palavra vem do francês *tailloir* ou do italiano *tagliere* “tábua de cozinha”. A melhor etimologia é do *Norsk Ordbok 2014*, pois apresenta os processos de maneira direta, com o possível caminho da palavra e também apresenta a sua derivação na língua francesa.

søknad “aplicação, solicitação escrita”:

- não há (*Norsk Riksmålsordbok*)
- derivado de *søke* “buscar” (*Norsk Ordbok* de Tor Guttu)
- de *søke* (*Bokmålsordboka*)
- de *søke* (*Nynorskordboka*)
- de *søkja* (*Norsk ordbok 2014*)

snø “neve”:

- não há (*Norsk Riksmålsordbok*)
- antigo nórdico *snjór, snær* (*Norsk Ordbok* de Tor Guttu)
- antigo nórdico *snjór, snær* (*Bokmålsordboka*)
- antigo nórdico *snjór, snær* (*Nynorskordboka*)
- antigo nórdico *snjár, snjór, snær* (*Norsk ordbok* 2014)

Com relação às palavras herdadas, os dicionários apenas citam a forma delas no antigo nórdico, como é o caso de *snø* ou apresentam a derivação na própria língua norueguesa, como é o caso de *søknad*.

Além da desorganização e da falta de nomenclaturas (*étimo* ou *origem*), nenhum desses dicionários apresentam a datação e o *terminus a quo*, que são de extrema importância para a deliberação da etimologia de uma determinada palavra.

Um outro ponto negativo atribuído a esses dicionários é a falta de um método etimológico ou de até mesmo uma explicação em que se explica o que é a Etimologia. Apenas o dicionário de Caprona (2013) realiza uma introdução sobre os processos etimológicos e define o que é a Etimologia:

A Etimologia é a ciência que estuda a descendência, origem, as condições de parentesco e a história do significado das palavras. Ela é utilizada também para esclarecer o significado básico de uma palavra [...] (p. 15)

Ainda na introdução, o autor mostra qual é o objetivo do dicionário: rastrear a origem de uma palavra dentro de um determinado tema. Cada tema é tratado em um capítulo e dentro dele são encontradas as palavras mais comuns. O autor também esclarece que

as explicações são de fácil compreensão e para serem lidas como uma “boa estória”. Se houver várias hipóteses para a etimologia de uma determinada palavra, ele escolherá a melhor ou comentará as diferentes propostas através das fontes mais seguras como, por exemplo, Bjorvand & Lindeman, Kluge, Rey, Ernoult & Meillet e Chantraine. Além disso, o autor apresenta as diferentes formas que uma palavra pode ter para compreender melhor sua etimologia, por exemplo, a forma genitiva παιδός “da criança” é mais facilmente relacionada com *pedagog* e *pediatri* do que a forma nominativa παῖς “criança”. De acordo com o autor, para deixar o texto mais vivo, ele também explica a origem de expressões, topônimos ou nomes ligados a uma determinada palavra e adiciona fatos e anedotas e, também, afirma que uma parte importante da Etimologia é comparar uma palavra com suas cognatas da própria ou de outra língua e, por isso, também são realizadas, quando necessárias comparações com línguas como albanês, armênio e hitita, quer dizer, o autor entende aqui Etimologia como “origem” da palavra.

Por fim, o autor afirma que poderá haver explicações para cada tipo de leitor e que estes poderão escolher o que acham mais interessante: 1. descobrir o significado original, 2. por quais meios a palavra chegou no norueguês, 3. os desenvolvimentos de significado, 4. palavras cognatas em outros idiomas e eventuais palavras que o norueguês emprestou, 5. extensão em parentesco e 6. fatos/anedotas histórico-culturais ligadas à palavra em questão.

Porém, ao analisarmos as palavras escolhidas aleatoriamente acima, essas informações não foram passadas de maneira satisfatória. Da maneira que a palavra é apresentada, o leitor pensa que as palavras *pessimisme* e *optativ* se formaram no norueguês e, também, afirmar que a palavra norueguesa *reaksjon* é uma derivação do latim *reagere* está muito aquém do que propõe o ponto 2.

Percebemos que o dicionário tem o objetivo de analisar a origem da palavra e não o étimo. No verbete *kosmetikk* “cosmético”, por exemplo, que é citado de Katlev, Onions, Pfeifer, Rey e Chantraine,

apenas é elucidado que a palavra é grega (i.e. *κοσμητική* “arte de se enfeitar”, derivada de *κόσμος* “adorno”).

O dicionário, portanto, falha em não apresentar um método etimológico. Concluimos que o dicionário parece ter uma intenção muito mais de organizar hipóteses etimológicas já existentes para cada palavra (no âmbito da origem) do que, de fato, estudar e propor um método etimológico para as palavras norueguesas.

Em seguida o dicionário apresenta as leis fonéticas e a genealogia das línguas, semelhante ao que Bjorvand & Lindeman fazem na introdução do dicionário *våre arveord*.

Com relação a obras que tratam da língua norueguesa diacronicamente e não lexicográficas, não encontramos nenhuma que propusesse um método etimológico.

Por conta da falta de um método etimológico, justifica-se a utilização das propostas do NEHiLP no estudo de palavras norueguesas.

1.4 Os dialetos e as duas formas oficiais de escrita do norueguês

1.4.1 Os dialetos

1.4.1.1 Introdução aos dialetos e às duas formas oficiais

Neste capítulo demonstraremos como as duas variantes escritas norueguesas surgiram em um momento que só havia basicamente uma escrita no país (a escrita dinamarquesa), embora houvesse substratos dialetais em discurso direto para retratar o camponês norueguês ou até mesmo textos escritos em dialeto. Tal separação é importante para podermos indicar o *terminus a quo* e os étimos em cada uma dessas duas variantes. Apresentaremos as mudanças formais e ideológicas que contribuíram para que pudesse ocorrer essa separação,

mas não nos prolongaremos nas mudanças ortográficas posteriores, realizadas em um momento em que a Noruega já havia oficializado essas duas variantes escritas.

Realizaremos aqui um breve comentário sobre o porquê da existência de duas línguas oficiais e tantos dialetos, todos de base germânica. Inicialmente comentaremos sobre os dialetos e por quais características eles são classificados. Em seguida, para motivos metodológicos referente à dissertação, apresentaremos as razões políticas e ideológicas e as mudanças formais que fizeram com que uma língua escrita, basicamente dinamarquesa, existente a partir do século XVI até o fim do século XIX, deu lugar a duas formas escritas, o *riksmål* e o *landsmål* que, num momento posterior, passariam a ser chamados de *bokmål* e o *nynorsk*. O surgimento dessas duas formas oficiais se deu em todo o século XIX e os debates entre os apoiadores de cada uma das vertentes é conhecido como *den norske språkstriden* "a guerra de idiomas norueguesa".

Na realidade, atualmente a Noruega tem três idiomas oficiais: os já citados *bokmål* e *nynorsk*, mas também o sami (subdividido em sami do sul, sami de Lule, e sami do norte). Os dois primeiros têm origens distintas, mas ambos são germânicos e de uso escrito; o terceiro, por sua vez, tem origem fino-ugriana e utilizado, em sua maior parte, nas regiões ao norte da Noruega como Finnmark e Nord-Troms.

Além dos idiomas oficiais, a Noruega tem centenas de dialetos. Apesar de haver algumas formulações de escrita para eles, são restritos à fala, já as duas línguas oficiais são utilizadas por documentos do Estado e pela mídia. De acordo com Jahr (1990, p. 7), a geografia norueguesa teve uma grande importância na formação dos dialetos, uma vez que os fiordes separavam e o mar unia as pessoas na região costeira aos tempos antigos; na parte continental, entretanto, havia altas montanhas, amplos planaltos e florestas, e grandes distâncias que criaram um bloqueio para o transporte e comunicação entre os habitantes de cada aldeia.

Outra causa é a utilização do idioma dinamarquês como língua oficial escrita do século XVI até início do XIX. Em 1814, quando o domínio dinamarquês acabou, as pessoas reconheciam apenas seus dialetos como o

verdadeiro norueguês e queriam que os alunos não utilizassem uma forma normatizada quando fossem para a escola. Esse foi o motivo mais importante para que o *Odelstinget* do *Stortinget*²³ em 1878 determinasse que os alunos deveriam ter aulas em seus próprios dialetos. Em 1915 e 1917 esse princípio veio para as leis escolares e lá ainda se encontra (p. 8-9). No parágrafo § 5 que trata das formas de fala no ensino fundamental do capítulo 2 da Lei sobre o ensino fundamental e médio, ou também conhecida como Lei da aprendizagem, determina-se:

"Nas aulas orais os alunos e o pessoal de ensino decidem por si próprios quais formas de fala utilizarão" (tradução nossa).

A importância dos dialetos na Noruega vai de encontro à maioria dos outros países europeus, que veem seu uso como algo rude e típico de pessoas não estudadas. Jahr (1990) descreve tal importância da seguinte maneira:

Na Noruega ser *de* um local é muito importante [...]. Identificar-se com o local de que se vem é importante para muitos noruegueses. Dessa maneira, o uso do dialeto está intimamente ligado a isso. Ele conta aos outros de onde viemos e faz com que sempre saibamos onde o *lar*, de fato, se encontra" (p. 7) (tradução nossa)

1.4.1.2 Exemplos de dois dialetos

Como exemplo de um dialeto que deve suas características à geografia por conta do isolamento temos o *vallemål*²⁴, dialeto do município de Valle, na região Sørlandet e que se encontra no meio de Setesdal, que é um vale e também um distrito no condado de Aust-Agder. Por conta de tal isolamento, ele tem muitas características particulares, que podem ser conservação do antigo nórdico ou um desenvolvimento à parte e exclusivo:

a) preposições regidas por dativo, inexistente na maioria dos dialetos noruegueses; muitas delas apresentam uma conservação do antigo nórdico, p. ex., *frå*, AN *frá* "de"; *av*, AN *af* "de"; *sjå*, AN *hjá* "junto de", etc.

²³ Stortinget é o parlamento norueguês. O Odelstinget era uma de suas câmaras.

²⁴ www.vallemal.no

b) ditongação ocasionada por fatores fonológicos: *i* se transforma em *í*, pronunciado [æj]; *e* torna-se *é*, pronunciado [ej]; *y* torna-se *ý*, pronunciado [uj]; *o* torna-se *ó*, pronunciado [ow]; *u* torna-se *ú*, pronunciado [ew] e *ø*, por fim, torna-se *ø*, pronunciado [øj]. Alguns ditongos ocorrem apenas nessa região, por isso não é uma conservação do antigo nórdico, p. ex., AN *nýr* [y:] "novo", IS *nýr* [i:], mas no dialeto *ný'e* (ɛj); AN *hví* [i:] "por que", IS *hví* [i:], mas no dialeto *kví* [ej].

c) declinação de caso dativo na forma definida (TORP, 1990, p. 36)

- além da flexão de gênero do número *um*, ou seja, *en*, *ei*, *ett*, em masculino, feminino e neutro, respectivamente; também se flexionam, como no antigo nórdico, os números dois, três e o quatro, p. ex: no masculino *tvei*, *trí* (pronuncia ['trej]), *fjouri hesta*; AN *tveir*, *þrír*, *fjórir hestar*, "dois, três, quatro cavalos"; no feminino *tvæ*, *trjá*, *fjórel/fjóra* (pronuncia-se [fjowre/fjowra]) *bóka*, AN *tvær*, *þrjár*, *fjórar bækur* "dois, três, quatro livros e no neutro *tvau*, *trjú*, *fjögó* (pronuncia ['fjogow]) *hús*, AN *tvau*, *þrjú*, *fjögur hús* "uma, duas, três casas".

Por outro lado, como exemplo de dialeto também influenciado pela geografia, mas que não se manteve isolado e sim em contato, há o dialeto da cidade de Bergen. De acordo com estudiosos do dialeto (NESSE, 2003, p. 79), o *bergensk* se simplificou ou sofreu modificações morfológicas por conta do contato com o médio baixo-alemão no período da Liga Hanseática, que o influenciou com suas características e fez com que ficasse muito diferente dos dialetos das cidades ao seu redor. Algumas características:

a) ausência do morfema de plural no predicativo do sujeito:			
Bergensk:	di	e'	avhengig
	3pp.	Verbo	Q ²⁵ (- morf.pl.)
Forma não marcada:	de	er	avhengige
	3pp.	Verbo	Q (+ morf.pl.)
Tradução:	<i>eles</i>	<i>são</i>	<i>dependentes</i>

b) apenas os gêneros comum e neutro ao invés de masculino, feminino e neutro. Na gramática normativa, tradicionalmente, denominados "artigos" e "pronomes adjetivos". Em todos os dialetos o <i>den</i> representa masculinos e femininos e o <i>det</i> representa os neutros:			
Bergensk:	den	første	natten
	(Det ²⁶ . M/F)	(Q)	(subs. gênero comum)
Forma não marcada:	den	første	natta
	(Det. M/F)	(Q)	(subs. gênero femin.)
Tradução:	<i>a</i>	<i>primeira</i>	<i>noite</i>

O substantivo *natt*, que é feminino em quase todos os dialetos, se comporta da mesma maneira que o masculino.

²⁵ qualificador

²⁶ determinante

c) morfema <i>-et</i> ao invés de <i>-a</i> como marcador de pretérito dos verbos fracos da primeira conjugação:				
Bergensk:	me	snakket	om	jenten
	2pp.	verb.pret.	preposição	(gênero comum)
Forma não marcada:	vi	snakka	om	jenta
	2pp.	verb.pret.	preposição	(subs. gênero femin.)
Tradução:	<i>nós</i>	<i>falamos</i>	<i>sobre</i>	<i>a menina</i>

d) marcador de infinitivo <i>te</i> em vez de <i>å</i> :				
Bergensk:	te	bruke	beinene	sine
	marc.infinitivo	verbo.inf.	subst.det.pl.	pron.poss.
Forma não marcada:	å	bruke	beinene	sine
	marc.infinitivo	verbo.inf	subst.det.pl.	pron.poss.
Tradução:	Ø	usar	as pernas	suas

Os dialetos são divididos *grosso modo* em quatro categorias baseadas na posição geográfica: *østnorsk*, *vestnorsk* (*sørlandsk* incluso), *trøndersk* (Nordmøre incluso) e *nordnorsk* (JAHR, 1990, p. 10). Muitas são as

características e combinações das mesmas que atribuem um determinado dialeto a uma dessas categorias e muitas dessas características podem existir em mais de uma categoria, como uma forma de *continuum*.

1.4.1.3 Algumas características gerais dos dialetos

A) Tom:

Os dialetos noruegueses são tonais e podem ser divididos com base em dois tonemas: *høytone* (tom alto) e *lavtone* (tom baixo). O *høytone* se refere a um tom alto na primeira sílaba da palavra, ao passo que o tom na próxima sílaba é baixo; com relação ao *lavtone*, o processo é ao contrário. Essas duas categorias são separadas geograficamente com base na região de Trøndelag (centro da Noruega e onde está a categoria *trøndersk*): ao norte e ao oeste, como também em Sørlandet, estão os dialetos com *høytone* e ao leste e na própria região de Trøndelag há o *lavtone*. Isso quer dizer que os dois tonemas noruegueses são pronunciados diferentemente nesses dois cortes geográficos (HANSSEN, 2010, p. 59-61; JAHR, 1990, p. 10). Por exemplo, como na imagem a seguir retirada do *Lingvistik Institutt* (disponível em: http://www.ling.hf.ntnu.no/ipa/no/tema_008.html):

Mapa do corte geográfico dialetal na Noruega:

B) Tjukk-L “L espesso”

Tal característica existe em alguns dialetos noruegueses como, por exemplo, em toda a porção leste, em toda a região de Trøndelag, em Romsdal, em Nordmøre, na parte leste de Telemark, e também em alguns dialetos suecos, mas não em dialetos dinamarqueses (HANSSEN, 2010, p. 67-69). Temos, portanto, *sol* “sol” pronunciado como [so:r]

C) Consoantes retroflexas e suas consequências

Nos casos em que o *r* é seguido das consoantes *l*, *t*, *d*, *n* e *s*, ocorre a transformações destas da seguinte maneira *rl* [ɭ], *rt* [ʈ], *rd* [ɖ], *rn* [ɳ] e *rs* [ʂ], respectivamente. É um processo de assimilação que resulta na retroflexão (HANSSEN, 2010, p.70). Jahr afirma que tais características ocorrem ao leste da Noruega, em Trøndelag, na região Nord-Norge, em Romsdal, Molde e Ålesund. Portanto: *gult* [gʊʈ] “l truncado”; *surt* = [sʊʈ] “azedo”; *ferdig* [fæɖi] “pronto”; *perle* [pæ:ɭə] “pele”; *bjørn* [bjø:ɳ] “urso” e *forsynt* [foʃyɳt] “provido, fornecido”.

D) Palatalização das alveolares

Tal característica não se encontra na parte sul da região Østlandet; em Vestlandet, por outro lado, se encontra apenas no Norte de Sognefjorden; está presente em toda a região de Trøndelag e na região Nord-Norge, com relativa presença no interior de Finnmark. Nesse processo ocorre a palatalização das consoantes alveolares *l*, *n*, *d* e *t* quando elas estão longas, ou seja, *ll*, *nn*, *dd* e *tt*. Portanto ocorrem tais mudanças sonoras: *vill* pronuncia-se [viʌ] “selvagem”, *mann* pronuncia-se [maɲ] “homem”, *kvitt* pronuncia-se [kvic, kviʲ] “branco” e *vidde* pronuncia-se [viʲə] “amplidão”. Muitos textos representam esses sons por dígrafos ou trígrafos com *j* ou *i*, portanto, *mannj* “homem”, *danjs* “dança” ou *mainn*, *dains* (HANSSEN, 2010, p. 75). É um desenvolvimento parecido com o lat. *ll/nn* > esp. *ll/ñ*.

E) Palatalização das velares

Jahr (1990) cita um outro tipo de palatalização que ocorre por toda a Noruega, mas que é mais difundido no oeste, a saber, a palatalização das oclusivas velares *k* e *g*, que são empurradas para o palato diante das vogais *i* e *e* (p. 15). Hanssen (2010) exemplifica com *bakke* (pronuncia-se [bacə]) “encosta”, *rike* (pronuncia-se [ri:cə]) “reino”, *dagen* (pronuncia-se [dajən]) “o dia”, *ringen* (pronuncia-se [rijən]) “o anel” e *banken* (pronuncia-se [baŋcən]) “o banco”, ou seja, [k] > [c]; [g] > [j]; [ŋ] > [ɲ] e [ŋk] > [ɲc] (p. 76). Também é um processo que parece ocorrer com o latim vulgar, pois temos ocorre a passagem de *[k] > *[c] > *[ts] > *[s] (VIARO, 2011, p. 176) em palavras como, por exemplo, lat. *centum* > pt. *cento* e lat. *lancĕam* > pt. *lança* quer dizer, o dialeto norueguês para no segundo estágio. Esse processo dialetal é comum em Vestlandet, antigamente também em partes da região Nord-Norge. A autora também afirma que em algumas partes da Noruega como, por exemplo, em Nord-Norge, em Trøndelag e em muitas cidades de Vestlandet, está ocorrendo um processo de forma hipercorretiva, pois muitos falantes não estão mais pronunciando a de maneira palatalizada, mas sim velarizada (p. 76).

F) R gutural

É um processo que ocorre na costa em Sørlandet e no Sul de Vestlandet. De acordo com Jahr (1990) é a característica linguística que está mais se avançando nos dias atuais, pois está se espalhando para o Norte da costa da região Vestlandet e da costa para o continente. Jahr afirma que o R gutural surgiu como uma pronúncia de moda em Paris no século XVII e de lá se espalhou para muitas partes da Europa ocidental como, por exemplo, Dinamarca e Sul da Suécia (p. 15). Também encontramos esse som em várias regiões da Alemanha. Hanssen (2010) é da mesma opinião e afirma que o som está sendo usado por jovens em áreas que não utilizavam antes; por isso, o processo continua. O autor também comenta que esse processo foi cartografado em 1900 e a partir daí é possível seguir sua expansão (p. 73).

G) Forma do infinitivo

De acordo com Jahr (1990, p. 16), os dialetos noruegueses apresentam uma variedade de formas de infinitivo:

- ▶ terminados em -e como em *finne* "encontrar". Existentes em algumas partes de Troms e Finnmark, em Aust-Agder da região Sørlandet e na parte norte de Vestlandet;
- ▶ terminados em -a como em *finna* "encontrar". Existentes em Vest-Agder (região da Sørlandet) e no centro e sul da Vestlandet;
- ▶ alguns terminam em -e (*overvekt*²⁷), como *finne*, e outros em -a (*jamvekt*²⁸), como *væra* "ser". Esse processo é conhecido como *kløyvd infinitiv*²⁹ "infinitivo cindido" e é realizado em Østlandet e Trøndelag. Também ocorre a apócope nas palavras *overvekt*, mas apenas em Trøndelag. Em Salten (Norland) também ocorre esse processo.

²⁷ Propomos a tradução como "sobrepeso", ou seja, a entonação ocorre em uma das sílabas.

²⁸ Propomos a tradução como "balanceado", ou seja, a entonação ocorria na primeira sílaba e na seguinte.

²⁹ O *kløyvd infinitiv* ocorre nas regiões onde há o tonema 2 realizado em tom baixo em palavras de duas sílabas. Se consultarmos acima, veremos que o tom começa alto, desce e volta a ser alto. Para que seja possível entender o motivo pelo qual os infinitivos de alguns verbos terminam em -a e outros em -e, é preciso ter em mente que o antigo nórdico tinha apenas a forma infinitiva em -a (*finna, kasta, vera*). A quantidade silábica do antigo nórdico, portanto, foi determinante para a ocorrência da redução em -e (*overvekt* "sobrepeso") ou da manutenção do -a (*jamvekt*) "balanceado" nas sincronias futuras. O antigo nórdico tinha as seguintes quantidades silábicas: VK (sílabas curtas), VVK, VKK (ambas sílabas longas) e VVKK (sílabas super longas) e os dialetos noruegueses, de modo geral, mantiveram apenas as formas *b* e *c*, ou seja, não há sílabas curtas ou super longas. Essa diferenciação hoje em dia é demonstrada na grafia, quer dizer, se a vogal for longa, a consoante seguinte será curta (consoante simples) e se a vogal for curta, a consoante seguinte será longa (consoante geminada); a sílaba, portanto, sempre será longa. Com a remodelagem silábica, deixou de existir a diferença quantitativa entre uma palavra *overvekt*, que tinha a sílaba da raiz longa, e uma palavra *jamvekt*, que tinha sílaba da raiz curta com um certo acento na segunda sílaba (havia apenas uma consoante entre a vogal da raiz e a vogal da sílaba final como em *fara* "viajar"), pois todas passaram a ser *overvekt*. Por conta disso, ocorreu uma redução -a > -e nas palavras que eram outrora *overvekt* e uma manutenção nas que eram *jamvekt*, pois havia uma entonação na última sílaba por conta do tonema 2 e também havia uma distribuição de maneira balanceada entre a sílaba curta da raiz e a final, por isso o termo "balanceado" (TORP & VIKØR, 2000, p. 70). Os dialetos que seguem essa regra, quer dizer, que têm o *kløyvd infinitiv*, são geralmente chamados de *jamvektsmål* "dialetos balanceados" e essa regra é chamada de *jamvektsregel*.

Exemplo dado por TORP & VIKØR (2000, p. 70):

► AN *kasta* > dialeto *kaste* /'kaste/ “jogar” (infinitivo em –e, sílaba longa por conta do –st–). Com relação à apócope temos: *kaste* > /kast/; *live* > /liv/ “viver”. É comum na região de Trøndelag. Estas são as palavras *overvekt*.

► AN *fara* > dialeto *fara* /'far'a/ > /fa:ra/ “andar, viajar” (remodelagem, infinitivo em –a, perceba que a sílaba inicial, que antes era curta, ficou longa, antes tanto a vogal quanto a consoante eram curtas e, uma vez que nesses casos o antigo nórdico tinha uma certa entonação no –a da sílaba final por conta da distribuição balanceada do acento, o –a se manteve). Esta é uma palavra *jamvekt*.

Jahr (1990, p. 18) também afirma que nessa região ocorre um processo chamado de *jamning* “assimilação entre vogais” nos verbos em –a. Portanto, pode haver assimilação total ou parcial entre as vogais:

► AN *koma* /'kom'a/ “vir” (*jamvekt*) > dialeto *kåmmå* /'kom'o/ (assimilação total) > /'kom:o/ (remodelação silábica).

► AN *vita* /'vit'a/ > *vætta*, *vatta*, ou *våttå* “saber” (assimilação parcial e total).

A intensidade aumenta gradualmente para o norte e nas regiões como Nord-Østerdalen e Indre Trøndelag, onde se encontra o foco dessa assimilação total (p. 18).

O –a– também podia ser impedido de sofrer a redução quando ele não era final. O antigo nórdico tinha o seguinte modelo de conjugação do verbo (infinitivo, presente, pretérito, particípio):

kasta - kastar - kastaði – kastat

Com a redução vocálica, o *kasta* passou a ser *kaste* em alguns dialetos, mas o a das outras formas se manteve. Em outros dialetos não ocorreu

essa redução vocálica em *e*, por isso, eles têm as formas acima demonstradas em *-a*.

Outras características definidoras são a sonorização do *p*, *t* e *k* em Sørlandet e em grande parte de Sørvestlandet, a negação nas formas *ikkje*, *itte*, *inte* ou *ikke*, o pronome pessoal em primeira pessoa singular representados como *jeg*, *eg*, *je*, *i*, *jæ*, *aiæi*, *æig* ou de primeira pessoa plural, como *me*, *vi* e *oss* e também a presença ou não do caso dativo.

1.4.2 As línguas escritas oficiais: *bokmål* e *nynorsk*

Trataremos agora sobre as duas línguas oficiais da Noruega, o *bokmål* (antigo *riksmål*) e o *nynorsk* (antigo *landsmål*). De acordo com o *Språkrådet* (Conselho do idioma norueguês), de 7 a 15% da população usa o *nynorsk* como língua escrita e o restante usa o *bokmål*; o *nynorsk* é a forma escrita estritamente predominante nos condados como Hordaland, Sogn og Fjordane, Møre og Romsdal, aos passos que os outros condados são neutros (escolhem qualquer uma das duas) ou usam o *bokmål*. Este é estritamente predominante nos condados Østfold, Vestfold e Finnmark. Para mais informações, consulte o *Lovdata*³⁰.

Antes de comentarmos a origem das duas formas escritas é importante conhecer o momento político, que resultou na *språkstrid* “guerra de idiomas”, ocorrido na Noruega. O período, no caso, é o “renascimento nacional”, que se inicia em 1814.

1.4.2.1 As línguas na Noruega antes de 1814

A Noruega passou por uma dominação dinamarquesa do séc. XVI até o início do séc. XIX; conseqüentemente, a literatura norueguesa era muito escassa e se baseava apenas em alguns autores que escreviam em

³⁰ Disponível em: <https://lovdata.no/dokument/SF/forskrift/2007-04-01-378>

dinamarquês, mas que incluíam um certo substrato norueguês dialetal como, por exemplo, os padres humanistas Absalon Pederssøn Beyer (1528-1575) e Peder Claussøn Friis (1545-1614). Segundo Haugen (1972), esse é o período inicial em que começaram a se desenvolver as línguas nacionais oficiais. A língua de aprendizagem ainda era o latim e a do comércio, o baixo-alemão médio; porém, as línguas escandinavas tornaram-se gradualmente línguas administrativas. O sueco, no reino da Suécia e o dinamarquês na Dinamarca e Noruega. A região de Schleswig-Holstein continuava a utilizar o baixo-alemão (p. 351-352).

Como a presença dinamarquesa era intensa e bem estabelecida, tanto no âmbito político como no religioso, e a Noruega era muito pobre, cujas vilas eram pouco povoadas e distantes uma das outras, era de se esperar que haveria pouca resistência por parte dos noruegueses contra a obrigatoriedade de utilizar o dinamarquês, já esta língua era vista como superior e, ademais, era a língua em que a Bíblia tinha sido traduzida. Hognestad (2000) afirma que a Dinamarca obteve sua primeira oficina de impressão em 1482 com o alemão Johan Snell; a Noruega, por sua vez, apenas em 1643 na Christiania (atual Oslo) com os dinamarqueses Tyge Nilssøn e Christen Bang. Esse estabelecimento tardio de uma oficina de impressão na Noruega reflete o desinteresse da população pobre e dominada em reivindicar uma língua nacional.

De 1600 até 1800 os principais representantes da literatura norueguesa eram Dorothe Engelbretsdotter, Peter Dass e Ludvig Holberg, num período que abrange o Barroco, o Classicismo e o Iluminismo norueguês. Com a parcial e gradual normatização da língua no reino, os dialetos passaram a ser vistos com maus olhos pelos dinamarqueses. Ao mesmo tempo que a tradição de escrita norueguesa morre, encontra-se pela primeira vez gêneros que têm como base os dialetos como, por exemplo, as canções folclóricas e populares. É o período também em que são criados glossários por funcionários públicos para que eles conseguissem compreender os dialetos noruegueses ou palavras antigas (p. 67). Segundo Torp e Vikør (2000), em todo esse período não havia nenhuma contestação e questionamento sobre a língua norueguesa, embora houvesse alguns *norvegisme* "norueguismos" em obras entre a metade do século XV e XIX. De acordo com Hoel, (1996) por volta de 1800 havia no mínimo quatro expressões linguísticas na Noruega (p. 29):

- 1) Dinamarquês: língua da alta classe de Copenhagen, falada por dinamarqueses na Noruega
- 2) *Høgtidsmålet* "língua solene": pronúncia com base na escrita, (pronúncia de leitura) que os noruegueses tinham da língua escrita dinamarquesa. Era utilizada em eventos oficiais e formais, principalmente por padres, funcionários públicos e nas escolas
- 3) *Den dana daglegtale* "a fala culta do dia-a-dia": quer dizer, uma língua misturada chamada de dano-norueguesa com uma boa parte de inserção de elementos nativos e que a partir do século XVII foi a língua materna de parte da elite norueguesa
- 4) Dialetos: falares das aldeias utilizados pela grande parte da população e que se desenvolveu do antigo nórdico sem influência do dinamarquês

Torp & Vikør (2000) também fazem uma classificação, mas consideram apenas o falar dos nascidos na Noruega e diferencia a parte dialetal em *folkeleg bymål* "dialetos populares de cidades", que são falados pelos artesãos e operários e *bygdedialektane* "dialetos das aldeias", falados pelos pescadores e camponeses (p. 127).

1.4.2.2 As reflexões linguísticas na Noruega após 1814

Segundo Torp & Vikør (2000), a Noruega em 1814 tornou-se um Estado propriamente dito, mas com uma autonomia limitada devido a uma união com a Suécia, que obteve da Dinamarca por meio do tratado de Kiel. Nesse ano, a Suécia aceitou a Constituição e o Parlamento da Noruega por meio da Convenção de Moss; posteriormente, mas no mesmo ano, a união entre os reinos separados da Suécia e Noruega foi aprovada pelo parlamento, que duraria até 1905 sob um único rei, mas com constituições e leis separadas. Isso criou um

ambiente para uma indagação linguística nacional, uma vez que a Noruega nesse momento se tornou uma nação independente e, ainda assim, utilizava o dinamarquês como língua escrita. Os principais pensadores sobre esse tema foram Henrik Wergeland (1808-1845), Peter Andreas Munch (1810-1863), Ivar Aasen (1813-1896), Peter Christen Asbjørnsen (1812-1885), Bjørnstjerne Bjørnson (1832-1903) e Knud Knudsen (1812-1895). Os "tempos modernos" se iniciam em 1907, quando ocorre o primeiro acordo ortográfico na Noruega, embora o *landsmål* tenha recebido sua primeira escrita oficial em 1901.

Esses pensadores se agruparam em duas correntes: uma formou a norma *riksmål* e a outra, a norma *landsmål*, que posteriormente chamariam *bokmål* e *nynorsk*, respectivamente. A diferença entre essas duas normas é o resultado de diferentes visões de uma língua nacional; por um lado, querem manter a linha dinamarquesa e, por outro, reviver uma língua norueguesa outrora perdida por conta da dominação dinamarquesa. O período que abrange desde o germânico até o final da dominação dinamarquesa está detalhado no subcapítulo 2.3.2.

Trataremos a seguir dos acontecimentos após 1814. Determina-se tais eventos como os mais importantes para o período de formação das duas formas escritas, com base em Torp & Vikør (2000, 313-316):

- ▶ 1814: Noruega independente e união com a Suécia
- ▶ 1814-1858: foram publicadas inúmeras obras que defendiam a vertente que futuramente seria o *bokmål* e aquela que seria o *nynorsk*.
- ▶ 1862: ocorre a primeira reforma oficial na Noruega, em resumo, apenas convenções gráficas.
- ▶ 1869: ocorre o encontro escandinavo em Estocolmo e algumas medidas em comum foram adotadas.
- ▶ 1878: o *Odelstinget* aceita que a aula oral na *barneskole* (escola da primeira até a sétima série) poderia ocorrer no "próprio dialeto das crianças".
- ▶ 1884: o Parlamentarismo é inserido na Noruega

- ▶ 1885: o *Stortinget* aceitou a igualdade das duas línguas escritas.
- ▶ 1887: o *Kirke- og undervisningsdepartement* "Departamento da Igreja e do Ensino" determina que a *dannede dagligtale* "falar culto do dia-a-dia" seja a norma utilizada para a pronúncia de leitura na escola.
- ▶ 1892: o *Stortinget* regulamenta por lei o direito de utilizar o *landsmål* como língua de aprendizagem nas escolas (*Folkeskole*), após determinação da diretoria de cada escola.
- ▶ 1893: o departamento dá o direito às crianças de utilizar as formas norueguesas no dano-norueguês que estão impressas no livro de leitura de Nordahl Rolfsen, pedagogo norueguês.
- ▶ 1901: o *landsmål* obtém sua primeira escrita oficial com base na norma de Hægstad (com a norma de *midland* como variante secundária).
- ▶ 1902: palavras como *hovudmål* "língua principal" e *sidemål* "variante secundária" são inseridas no linguajar das escolas.
- ▶ 1905: a união com a Suécia é dissolvida.
- ▶ 1906: surge a *Norigs Maalag*³¹ "organização linguística da Noruega".
- ▶ 1907: a língua escrita dano-norueguesa recebe uma nova reforma ortográfica, que representa a principal quebra com o dinamarquês como base de norma (e a partir daqui começa a ser mais chamada de *riksmål*); além disso, a redação em variante secundária é introduzida no ginásio. Cria-se o *Riksmåalforbundet*³² "aliança do Riksmål".
- ▶ 1910: o *landsmål* recebe uma outra reforma.
- ▶ 1917: ocorrem reformas tanto no *riksmål* quanto no *landsmål*.
- ▶ 1919: o *Stortinget* aceita a proposta da mudança de nome de ambas as formas escritas para *bokmål* e *nynorsk*.

³¹ Organização que tem o intuito de promover o *landsmål* (*nynorsk*)

³² É uma organização que tinha o intuito de apoiar a posição do *riksmål* como língua escrita oficial. De início era esse o propósito principal, hoje em dia eles também apoiam a posição do *riksmål* e do *bokmål* moderado (forma mais conservadora do *bokmål*)

A partir do período de união com a Suécia em 1814 começaram as reflexões sobre o fato da Noruega não ter uma língua própria. Segundo Vikør e Torp (2000), nos primeiros anos após essa união o sueco era visto como a principal ameaça contra uma independência linguística norueguesa. Uma proposta contra essa ameaça era manter o dinamarquês tão puro quanto possível sem influências suecas, mas gradualmente percebeu-se que a Suécia não tentaria influenciar o uso da língua e o medo de uma possível pressão parou de existir. Na verdade, a grande disparidade entre o dinamarquês e os dialetos falados pela maioria da população foi vista como um problema nacional apenas a partir de 1830. Henrik Wergeland (1808-45) foi o primeiro que tomou ciência sobre isso e, por conta disso, desejava colocar palavras e formas norueguesas na língua escrita de maneira gradual para fazer com que ela se tornasse verdadeiramente norueguesa. Ele, portanto, parte da frente moderada conhecida como *fornorsking* "ato de norueguizar" (p. 119-120). Em seu artigo *Om norsk Sprogreformation* (1832) "sobre a reforma linguística norueguesa" ele afirma (AMUNDSEN; SEIP, 1959, p. 296):

men nu er det virkeligheden af et selvstændigt Skriftsprog, som fremæsker Norges Aander

"mas agora deve-se tornar realidade uma língua escrita autônoma, que encoraje o espírito da Noruega" (trad. nossa)

O contraponto de Wergeland era Peter Andreas Munch (1810-1863), que apoiava que a língua era uma totalidade dependente que não poderia mudar sua nacionalidade apenas com a inserção de palavras e formas de uma outra língua. Ele refutou o *fornorsking* e sugeriu que fosse elaborada uma nova língua escrita com base em um dialeto norueguês que, em seguida, seria normatizado sob princípios etimológicos (TORP & VIKØR, 2000, p. 120); tal ideal daria o pontapé inicial à *måltreising* "edificação da língua".

Em seu artigo *Norsk Sprogreformation* de 1832 ele afirma (STORM, G. 1873, p. 25):

Vi raade Sprogreformatorerne [...]; de kunne da fornuftigere og mere

konsekvant anvende deres Liebhaber til at bringe en af vore reneste Almuedialekter i en ordentlig Form sammenholdt med vort Oldsprog, istedetfor som nu skjændigen at forhutle og sammenjaske vore Dialekter i vild Uorden.

"Nós aconselhamos aos reformadores [...]; eles poderiam utilizar de maneira mais sensata e mais consequente suas afeições para organizar um de nossos dialetos camponeses mais puros de uma maneira ordenada em confronto com nossa antiga língua, em vez do que acontece agora, pois miseravelmente baluciamos nossos dialetos em uma desorganização selvagem". (tradução nossa)

Todo o trabalho de Munch era baseado na visão de que a Noruega tinha mil anos e que era necessário, para almejar um futuro nacional, estabelecer um vínculo comunicativo com a longínqua Idade Média em que o país era autônomo. Ele defendia que a antiga língua nórdica, que se afunilou em grande parte nos registros islandeses e noruegueses, deveria ser conhecida pelos pesquisadores dinamarqueses como *oldnorsk* "antigo norueguês" e não *oldnordisk* "antigo nórdico" (TORP & VIKØR, 2000, p. 143). Os seguidores dessas duas vertentes obtiveram resultados mais decisivos do que os idealizadores.

1.4.2.3 Ivar Aasen e a *målreising*

Como principal nome da tendência radical *målreising* está Ivar Aasen (1813-1896), que foi o fundador do que levou à formação de uma das línguas oficiais atualmente na Noruega, o *nynorsk*. Ele compreendeu que os dialetos, principalmente por meio do estudo de seu dialeto nativo, o *sunnmørsmål* do município de Sunnmøre no condado de Møre og Romsdal, representavam um norueguês comum que se diferenciava sistematicamente das outras línguas escandinavas. Inspirado pelos ideais românticos que dominaram o país nesse período, empenhou-se em coletar os dialetos do oeste da Noruega e formular uma língua nacional (TORP & VIKØR, 1993, p. 147). O anseio de Aasen está muito bem demonstrado no artigo *Om vort skriftsprog* (1836) "sobre nossa língua escrita":

[...] *dersom Norge gjennem disse Sekler havde hævdet sin politiske Selvstændighed, da skulde vort Hovedsprog ogsaa været Almuens*³³

[...] se a Noruega tivesse conquistado sua autonomia política durante esses séculos, nossa língua principal poderia ser aquela da gente comum" (trad. nossa).

A partir de seus trabalhos, surgiu o termo *Landsmaal* "língua do país" ou "língua da terra", que foi primeiramente registrado em uma carta de 2 de outubro de 1849³⁴. Em seu livro *Prøver af Landsmaalet i Norge* (1853) "Testemunhos da língua do país/da terra na Noruega", ele coleta 20 testemunhos dialetais com o objetivo de unificar os dialetos. Em um adendo aos dialetos registrados, Aasen propõe uma forma de escrita que é uma tentativa de formar uma língua comum norueguesa ou de unificar os falares camponeses em uma construção formal gramaticalmente unificada; portanto, ele queria fundar um *landsmål* comum para todos os dialetos (AASEN, 1853, p. 72). No entanto, as normas desse construto só foram publicadas em sua gramática (*Norsk Grammatik*, 1864) e em seu dicionário (*Norsk Ordbog*, 1873).

Algumas características da norma de Aasen são:

► Características ortográficas e gráficas (sem consequências para a pronúncia):

- escrita gótica;
- substantivos com a primeira letra maiúscula;
- *aa* em vez de *å*;
- *hj* quando houvesse na língua dinamarquesa e no antigo nórdico:
Hjarta "coração", *hjelpa* "ajudar";

³³ Disponível em http://www.aasentunet.no/1836+Om+vort+Skriftsprog.b7C_wJnW5O.ips (último acesso em 12 de agosto de 2015)

³⁴ Disponível em http://www.aasentunet.no/iaa/no/ivar_aasen/brev_og_dagboker/brev_1828-1896/1846-1850/120+Olaus+Vullum%2C+2.10.1849.b7C_xdzl3N.ips (último acesso em 3 de agosto de 2015)

- *gj*, *kj* e *skj* antes de *e*, *æ* e *ø*: *gjera*, *kjær*;

► Fonéticas:

- *kv* correspondente à escrita dinamarquesa e ao nórdico *hv*: *kval* “baleia”, *kvit* “branco”;
- *mn* correspondente à escrita dinamarquesa e ao nórdico, *fn*: *namn* “nome”;
- *m* correspondente à escrita dinamarquesa e ao nórdico: *barn* “criança”;

► Morfológicas:

- três gêneros (com três paradigmas no masculino e feminino) e um no neutro.
- dativo plural em *-om*;
- infinitivo do verbo terminando em *-a*;
- presente com *-r* nos verbos fracos (*kastar* “jogar”), mas ausente nos fortes (*les* “ler”, *skriv* “escrever”);
- pretérito em *-ade*, *-de*, *-te* e *-dde* em verbos fracos

Um dos seguidores de Aasen foi Arne Garborg, que em 1877 apareceu como um ideólogo da língua com o livro *Den nynorske Sprog- og Nationalitetsbevægelse* “o movimento nacional e linguístico do novo norueguês”, cujo conteúdo apoiava o *landsmål* como a única expressão linguística adaptada à nacionalidade norueguesa; no mesmo ano ele criou o jornal *Fedraheimen*, que era a principal mídia de apoio ao *målrørsla* “movimento da língua” durante um pouco mais de uma longa década de discussão (de 1877 até 1891). *Målrørsla* é conhecido como o movimento que pleiteava elevar a escrita do *nynorsk* à sua total utilização e com todos os direitos.

1.4.2.4 Knud Knudsen e o *fornskning*

Segundo Torp & Vikør (1993, p. 122), as bases ideológicas para a vertente moderada *fornskning* foram realizadas por Knud Knudsen (1812-1895). De acordo com os autores, Knudsen era um ortofonista. De início, ele se dedicou à ortografia de algumas palavras com vogais dobradas como, por exemplo, *deels* "em parte", *Priis* "prêmio" e o e mudo após vogal longa. Com relação aos dialetos, de acordo os autores, Knudsen não apoiava a utilização dos dialetos como base para uma língua escrita porque eram limitados geográfico e socialmente; por outro lado, o melhor caminho seria representar na escrita a pronúncia do dia a dia que a alta classe norueguesa realizava da língua escrita dinamarquesa, e isso era o que Knudsen entendia por *landsdyldige daglegtalen* "falar do dia a dia válido para todo o país"; portanto, queria aos poucos segregar as características comuns dinamarquesas na escrita e substituir pelas características comuns norueguesas.

Em 1850 Knudsen concentrou-se em dar prestígio ao *dannede dagligtale* "falar culto do dia a dia" com a finalidade de apoiar a ideia de que as características norueguesas nessa pronúncia eram reconhecidas na língua do teatro, que era a forma de falar com maior prestígio naquele período. De início, com relação ao "escrever correto", ele se contentou em se dedicar às reformas que não tangiam a diferença entre a pronúncia "solene" (*høgtid*) e do "dia a dia" (*dagleg*); as palavras estrangeiras eram escritas mais de acordo com a pronúncia (p. 122).

Por conta disso, de acordo com Torp & Vikør (2000) iniciou-se um debate sobre o modo de escrever, que não refletia a pronúncia do período, e uma solução foi dada em 1862, período em que se apresentou a primeira reforma oficial norueguesa, mas não era senão algumas mudanças em convenções gráficas (p. 186):

- supressão do e mudo
- fim das vogais duplas: *ee* > *e*; *ii* > *i* e *uu* > *u* como indicação de alongamento vocálico

- supressão de *c*, *ch* e *q* como representação do som [k], que passa a ser escrito apenas como *k*
- supressão de *ph* como representação do som [f], que passa a ser escrito apenas como *f*

Os autores afirmam que isso ocorreu por conta da agitação criada por Knudsen; em contrapartida, já a partir de 1844 ele afirmava que o *den skriftrette høgtidstalen* "o falar solene adequado para escrita" não era o falar natural de nenhum norueguês e só por isso já seria um bom motivo para uma reforma de escrita. Esta, portanto, deveria ter como ponto de partida a chamada *den almindeligste Udtale af Ordene i de Dannedes Mund* "pronúncia mais corriqueira de palavras no linguajar culto", quer dizer, o *Den dana daglegtala* "a fala culta do dia a dia" e, a partir daí, começou a questionar as consoantes sonoras (*b*, *d*, *g*) e o encurtamento de formas como *bede* "rezar, pedir" e *fader* "pai" para *be* e *far*, pontos que veremos a seguir.

Knudsen foi muito ativo nas questões linguísticas na década de 1850; se preocupava, entretanto, mais com a pronúncia; ele também foi consultor linguista do *Det Norske Theater* (Teatro Norueguês). Nessa época, o pessoal do teatro era formado em sua maioria por atores dinamarqueses porque a pronúncia norueguesa era vista como inaceitável nas apresentações. O objetivo do *Det Norske Theater* era tirar a hegemonia dos dinamarqueses e estabelecer tanto a profissão de ator para os noruegueses como uma dramaturgia genuinamente norueguesa. Knudsen, em vista disso, se esforçou para fazer com que as consoantes *p*, *t*, *k* e outras características tornassem vistas como uma pronúncia normal. Além do mais, começou a influenciar os dramaturgos Henrik Ibsen e Bjørnstjerne Bjørnson para a "norueguização" da língua escrita (TORP & VIKØR, 2000, p. 186-187).

Em 1869 outras mudanças ortográficas ocorreram por conta de um encontro escandinavístico em Estocolmo com o objetivo de propor uma aproximação entre a escrita dinamarquesa e a sueca; entre os enviados noruegueses, estavam Knudsen e Ibsen. Tal encontro propôs muitas

modificações ortográficas nos três países. As mais importantes com relação ao dinamarquês foram essas:

- 1) supressão do *j* antes de *e*, *æ* e *æ*: *kjende* > *kende* "conhecer, saber"; *skjære* > *skære* "cortar"; *gjøre* > *gøre* "fazer"
- 2) supressão do *d* antes de *s*: *krands* > *krans* "coroa" e *tydsk* > *tysk* "alemão"
- 3) *ai* > *aj*, *ei* > *ej* e *øi* > *øj*
- 4) *aa* > *å*
- 5) substantivos em letra minúscula
- 6) *e* > *æ* onde há motivos fonéticos ou etimológicos como base para isso
- 7) *o* > *å* onde há motivos fonéticos ou etimológicos como base para isso

De acordo com Torp & Vikør (2000, p. 187), Knusen apoiou toda sua vida para a realização dessas modificações, mas sem êxito. Os pontos 2, 4 e 5 ocorreram apenas após a sua morte e os outros não foram realizados no norueguês até hoje, mas sim no dinamarquês, com exceção do ponto 7.

Em 1876 foi publicada a obra de Knusen chamada de *den landsgyldige norske uttale* "pronúncias norueguesas válidas para o país", cujo conteúdo abordava que a pronúncia *landsgyldig* "válida para o país" era uniforme e não "acatada", pois as diferenças entre a pronúncia "cultura" na Kristiania (atual Oslo), Bergen, Trondheim e Tromsø eram tão pequenas que não se poderia falar de diferenças dialetais, mas apenas de acentuação. Portanto, o argumento de Knudsen para apostar nessa pronúncia e não diretamente na *Folkespraag* "língua do povo" era prático: se tiver que construir uma língua com base na língua do povo, teria que favorecer uma pronúncia local ou construir uma língua que não existe em nenhum local, e foi isso que Aasen realizou.

Knudsen também apoiava o futuro aprimoramento dessa possível língua escrita de acordo com a necessidade popular, algo que deveria ocorrer gradualmente. Era o *caminho* para chegar a uma língua escrita norueguesa que ele discordava, mas não o *objetivo*. Em frente aos conservadores ele sublinhou que para que essa "marcha" do *landsmål* pudesse parar, a característica dinamarquesa deveria ser removida do *Bogmaal* (TORP & VIKØR, 2000, p. 189).

Como apresentado anteriormente, essa língua escrita até 1892 era conhecida de várias maneiras: *Bogmaal* "língua do livro", *Skriftsprog* "língua escrita", *Bogsprog* "língua do livro" e *det skrevne Sprog* "a língua escrita", ou seja, era o falar da classe culta norueguesa, o dano-norueguês, ou *den dana daglegtale*. A difusão de um nome para ela se iniciou em uma conferência realizada pelo poeta e dramaturgo Bjørnstjerne Bjørnson (1832-1910) em 1899, que a nomeou de *rigsmaal* "língua do reino", que era a "língua da cultura" (HAUGEN, 1968, p. 37). Esse termo era conhecido na academia norueguesa e dinamarquesa como uma variante da palavra *rigssprog* "língua do reino". É um decalque do alemão *Reichssprache*, uma denominação para o alto alemão padrão na forma escrita. Quando esse termo foi inserido ela apenas significava "língua comum livre de marcas dialetais" (HAUGEN, 1968, p. 38).

Torp & Vikør (2000, p. 197) citam as algumas das propostas de Knudsen para diferenciar a língua escrita norueguesa do dinamarquês. Grande parte delas trata-se de modificações ortográficas:

- 1) utilização das consoantes surdas *p, t, k* em vez das sonoras *b, d, g*
- 2) supressão de *d* após *l* e *n*: *falle* "cair" ao invés de *falde*; *finne* "encontrar" em vez de *finde*
- 3) supressão do *d* e *t* antes de *s*: *besk* "amargo" ao invés de *bedsk*; *Pels* em vez de *Pelts*
- 4) supressão de *j* antes de *e, æ* e *ø*. *skje* > *ske* "ocorrer"; *kjær* > *kær* "querido"
- 5) supressão do *e* mudo no passado: *nådde* "graça, clemência" em vez de *nâede*

- 6) *fødde* e *bredde* “nasceu, estendeu” em vez de *fødte* e *bredte*
- 7) troca *g* por *v* em palavras como *Have* > *Hage* “jardim”; *Skov* > *Skog* “floresta”; *Torv* > *Torg* “praça”
- 8) encurtamento de alguns verbos: *drage* > *dra* “puxar”; *bede* > *be* “pedir”; *tage* > *ta* “tomar”
- 9) “norueguização” de algumas palavras: *kold* > *kald* “frio”; *Sne* > *Snø* “neve”; *råbe* > *rope* “gritar, chamar alg.”
- 10) inserção da declinação de plural norueguesa do feminino e neutro: *Heste* > *Hester* “cavalos” e *Huse* > *Hus* “casas”
- 11) supressão da pronúncia do *-t* em palavras neutras como *Huset* “a casa” e em formas do particípio como *sprunget* “saltado”
- 12) remoção de alguns afixos alemães como: *an-*, *be-*, *bi-*, *er-*, *for-*, *ge-*, *-het*, *-agtig*, *-bar*, *-inde*, etc.
- 13) inserção dos ditongos *au*, *ej*, *øy*
- 14) introdução do *a* em diferentes terminações de flexão, tanto no substantivo (formas de plural como *Fantar* “ambulantes”), adjetivo comparativo e superlativo (*kortare* – *kortast* “mais curto – “o mais curto”) e verbos (*elskar* – *elska* “amar”)
- 15) realização do feminino como categoria gramatical

Essas formulações estão no livro *Hvem skal vinne?* (1886) “quem irá ganhar” de Knudsen. De acordo com Vikør & Torp, as primeiras doze propostas eram entendidas por ele como adequadas para a “política atual” e as três últimas seriam objetivos mais distantes que eventualmente poderiam ser discutidas. Para os autores, as propostas mais radicais são a 13, 14 e 15. Os pontos 3 e 4 já reconhecemos do citado encontro em Estocolmo em 1869. Ele fez muita propaganda para a realização da utilização do *ej* e *øy* em vez de *ei* e *øi*, de *æ* em vez de *e* e *å* em vez de *o*, mas para isso não encontrou apoio (p. 197-198).

Assim como Aasen, ele foi muito ativo e publicou muitos livros, revistas, panfletos e artigos. Todas essas publicações tratavam da questão da língua e aos

poucos se juntaram como um núcleo referente à questão da "escrita correta", que tinha a haver com a base da escrita correta na transição do dinamarquês para o norueguês. Entre 1880 e 1890 suas ideias vieram rapidamente para esse debate, em paralelo com a rapidez com que o *landsmål* também veio para participar, juntamente com o estabelecimento das escolas e da aprendizagem de escrita e leitura.

1.4.2.5 A reforma de 1907 (*bokmål*)

Vikør & Torp (2000, p. 201) dividem o uso da língua nesse período em três esferas: literatura, escola e geral (privado e público). As formas com consoantes *p*, *t*, *k* e o encurtamento de verbos apareciam na literatura e parcialmente na imprensa, mas em pequeno grau e mais como um símbolo visível de orientação para o partido da esquerda (*Venstre*). Os autores também afirmam que com relação à literatura, havia apenas um mercado de livros compartilhado entre a Noruega e a Dinamarca; e, ademais, atores consagrados como Bjørnson, o mais obstinado e que mais utilizava características do norueguês, Ibsen, Kielland, Lie, Amalie Skram, etc. tinham que publicar seus livros por meio de uma editora dinamarquesa conhecida como Gyldendal e por conta disso, eles tinham que frequentemente pedir permissão ao diretor da editora, Niels Hegel, para usar algumas características do norueguês. Portanto, esse é um dos motivos pelo qual não se desenvolveu uma língua literária dano-norueguesa com base na acepção de Knudsen.

Na escola também era a escrita tradicional que dominava, mas em 1878 uma medida do *Odelsting* determinou que as aulas deveriam ocorrer no próprio dialeto das crianças; a questão da leitura, por outro lado, ainda não havia sido resolvido. Em 1885, o parlamento, *Stortinget*, mostrou um claro suporte à linha de "norueguização" de Knudsen no processo chamado de *likestillingsvedtak* "medida de igualdade" (ao *landsmål*) e em 1887 determinou-se que as crianças deveriam se sujeitar ao "falar culto do dia a dia" e dar preferência à pronúncia norueguesa onde fosse possível, ou seja poderia pronunciar as consoantes *p*, *t*, *k*

onde houvesse *b*, *d*, *g* e também encurtar palavras que possibilitavam isso. Por exemplo:

Escrita: *han lader fem være lige og bryder sig ikke om at broderen raaber og leder efter ham*

Leitura: *han lar fem være like og bryr seg ikke om at broren roper og leter efter ham*

“para ele tudo é indiferente e não se importa que o irmão grite e o procure” (trad. nossa).

Tal medida agradou a alguns, mas não às crianças das aldeias, pois elas frequentavam aulas em dialeto e, quando tinham que ler alto, se deparavam com um texto basicamente escrito em dinamarquês que tinha que ser pronunciado em uma forma norueguesa que eles não conheciam. Em 1892 o pedagogo Nordahl Rolfsen publicou o primeiro volume de seu livro de leitura para as escolas (*Læsebog for folkeskolen*), cuja escrita, que tinha algumas variações entre *p/b*, *t/d*, *k/g* e também encurtamentos como *bror*, *far*, *mor* (de *broder*, *fader* e *moder*) “irmão, pai, mãe”, foi aceita pelo consultor linguístico da época, Moltke Moe (TORP & VIKØR, 2000, p. 203; SKARD, 1979, p. 47). A partir daí, os alunos poderiam ler uma forma norueguesa que estava de acordo com a pronúncia deles, mas eles não podiam escrever tais formas; isso, entretanto, mudou em 1893 quando o Departamento da Igreja e do Ensino, em um comitê formado por Aars, Hofgaard e Moe, formulou uma proposta que causou a liberação da utilização pelos alunos das formas contidas no livro de Rolfsen. E por conta disso fez-se necessária uma reforma oficial nesse *bogsmaal*.

A partir desse período até 1907 o principal porta-voz para tais reformas foi o já citado consultor linguístico Moltke Moe (1859-1913), filho do folclorista Jørgen Moe dos contos de Asbjørnsen e Moe. Ele encontrou muitos opositores, principalmente Johan Storm, que era o principal defensor do conservadorismo; portanto, Knudsen se encontrava entre Aasen e Storm (TORP & VIKØR, 2000, p. 194).

Em 1907 ocorreu o marco definitivo para que a língua escrita até agora conhecida como *riksmål* fosse uma língua escrita “norueguesa” que deveria ser

normatizada com base no falar "norueguês", a saber, o falar culto nas cidades. Os autores também afirmam que era difícil para os falantes saber quais modificações que *deveriam* ou que *poderiam* ser realizadas, ou seja, o conceito de *liberdade de escolha* foi pela primeira vez instituído (p. 123)

Torp & Vikør (2000, p. 123) consideram que a reforma de 1907 (apenas no *bokmål*) foi consolidada rapidamente, uma vez que estava de acordo com o falar comum do dia a dia das classes cultas e, por tanto, não foi estigmatizado socialmente. Apenas representou um ajuste no uso da fala culta. Além do mais, os debates nos anos anteriores à reforma, junto com o *pathos* nacional, após o dissolvimento da união com a Suécia em 1905, fizeram com que muitos vissem essa reforma nacional de maneira positiva. Em 1910 quase toda a imprensa norueguesa usava essa nova forma de escrita, apenas os jornais conservadores *Aftenposten* e *Bergens Aftenblad* mantiveram a posição até 1923 (TORP & VIKØR, 2000, p. 240-242).

Ocorreram as seguintes mudanças:

► Ortográficas:

1) Inserção de consoantes para evitar homonímia (*buk* > *bukk* “cervo”; *bal* > *ball* “baile”)

► Fonológicas:

1) Ensurdimento *b, d, g* > *p, t, k*. Após vogais longas, mas com exceções como, por exemplo, palavras compostas. Apenas na reforma de 1917 todas as palavras foram afetadas.

Obrigatório: *dræbe* > *dræpe* “matar”; *aaben* > *aapen* “abrir”; *vide* > *vite* “saber”; *kage* > *kake* “bolo”;

Obrigatório manter: *skib* “navio”, *vaaben* “arma”, *arm* “braço”, *saglig* “adj. objetivo”, *aabenbar* “evidente”, *videnskap* “conhecimento”;

Optativo: *eple/æble* “maçã”, *bot/bod* “multa”, *klok/klog* “inteligente”, *bok/bog* “livro”.

► Morfológicas:

1) Plural em *-er* (<-e)

Obrigatório: na forma indeterminada do gênero comum; *heste* > *hester* “cavalos”

Optativo: em algumas palavras como *dage/dager* “dias”

2) Plural sem a terminação do gênero neutro na forma indeterminada

Obrigatório: *huse* > *hus* “casas”

Optativo: em algumas palavras como *blad/blade* “folhas”

3) Passado e particípio de verbos fracos como no dinamarquês *-ede* dividido em três classes:

■ Pass.-et e part. -et (*kastede* > *kastet*; *fiskede* > *fisket* “jogar; pesar”) (tanto no pass. quanto no pret.)

■ Pass. -te e part. -t (*svarede* > *svarte* e *svaret* > *svart* “responder”) Pass. -(d)de/ e part. (d)d (*boede* > *bodde* e *boet* > *bodd*; *levede* > *levde* e *levet* > *levd* “morar, viver”)

4) Supressão da forma do neutro em *-t* nos adjetivos terminados em *-ig*:

■ *et heldigt barn* > *et heldig barn*; *et ærligt menneske* > *et ærlig menneske* “uma criança sortuda”; “um homem honrado”

5) Encurtamento de verbos e substantivos:

Optativo: *drage* ≈ *dra*; *have* ≈ *ha*; *blive* ≈ *bli*; *tage* ≈ *ta* (inf.); *sagde* ≈ *sa* (pass.); *fader* ≈ *far*; *moder* ≈ *mor*; *broder* ≈ *bror*

Obrigatório: *i fjæder* > *i fjær*; *foder* > *fôr*

1.4.2.6 A reforma de 1901 (*nynorsk*)

Com relação ao *landsmål*, no ano de 1884, a esquerda conseguiu romper com a imposição do parlamentarismo e construiu um governo de mesma direção política com Johan Sverdrup, primeiro-ministro e reconhecido como fundador do parlamentarismo norueguês. Isso levou ao já citado suporte às ideias de Knudsen, mas também determinou em 12 de maio de 1885 que a língua popular (*Folksprog*) se igualasse à "nossa ordinária língua de livro e de escrita" (*vort almindelige Skrift- og Bogsprog*); no processo "medida de igualdade", citado anteriormente. Segundo Torp & Vikør (2000), essa medida é vista como o reconhecimento formal da *landsmål* como língua oficial ao lado da língua de livro e de escrita (p. 170).

É curioso perceber que a declaração do parlamento compara o *landsmål* com uma *skrift- og bogsprog*, ou seja, uma "descrição de língua", a língua de livro e de escrita, uma língua ainda anônima. De acordo com Torp & Vikør (2000, p. 170), em 1892 o *landsmaal* conquistou mais uma vitória, pois determinou-se pelo parlamento que os diretores das escolas tinham o direito de decidir qual das duas formas utilizariam. Em 1915 foi determinado e estabelecido por lei o sistema de votação, que permanece até hoje, sobre a língua da escola.

A primeira reforma ortográfica oficial do *landsmål* ocorreu em 1901. O Departamento da Igreja e do Ensino autorizou duas normas (TORP & VIKØR, 2000, p. 122). Os principais representantes foram Arne Garborg, Rasmus Flo e Marius Hægstad, divididos em dois grupos: Garborg e Flo elaboraram a norma de *midland* (junto com Steinar Schjøtt e Hans Ross), que era baseada no dialeto de Telemark utilizada por Steinar Schjøtt na tradução da obra em antigo nórdico *Heimskringla* (saga dos reis noruegueses); a segunda norma, de Hægstad, por sua vez, seria uma edição modificada da norma de Aasen. O Departamento decidiu autorizar a norma de Hægstad para uso escolar em 1901 e a norma de *midland* como variante secundária.

Norma de *midland* (FLO, 1906, p. 10-12):

- baseada no dialeto de Vesttelemark;
- *kløyvd infinitiv* "infinitivo cindido";
- *kløyvd svake honkjønn* "substantivo cindido de gênero feminino": *ei kiste* - *kista* "caixão, cofre" (palavra *overvekt*) e *sogu* - *sogo* "causo, narração" (palavra *jamvekt*) ;
- *i* e *u* em vez de *e* e *o* nas determinações de flexões de feminino plural (indeterminado e determinado): *kvister* – *kvistene* > *kvistir* - *kvistine* "galhos" e *kistor* – *kistone* > *kistur* – *kistune* "caixão, cofre";
- formas adjetivas como *opin* "aberto" (p. 12) e de particípio como *funni* "encontrado";
- formas de passado como *kasta* (em vez de *kastade*) "jogou";

De acordo com Torp & Vikør, o *-t* mudo na forma neutra definida não é grafado como, por exemplo, *produkte* "o produto" e *eple* "a maçã" e há formas participais como *gjengin* "ido" (do verbo *gaa*); além do mais, uma forma especialmente inspirada no dialeto de Telemark é a utilização da vogal *a* no plural de antigas raízes consonantais: *føtar* "pés" e *hendar* "mãos" em vez das outras formas do *landsmaal* *føter* e *hender* (p. 176).

Norma de Hægstad:

- forma de passado dos verbos fracos *kasta*, em vez de *kastade* "jogou" (HÆGSTAD, 1901, p. 37).
- supressão do *-t* das formas de particípio dos verbos fortes, então, *funne* (p. 31). Na norma de Aasen seria *funnet* e de midland, "encontrado".
- forma neutra de adjetivos terminados em *-n* como *opet* ficam *ope* "aberto" (p. 21);

- substantivos neutros terminados em vogais, na forma determinada como, por exemplo, *augat* “o olho”, perdem o -t, *auga* (p. 18), assim como o pronome *nokon* “alguém” “alguém”, que no neutro seria *nokot*, mas na norma fica *noko* “algo” (p. 26).
- formas do feminino plural (indeterminado e determinado) são: *skaaler* e *skaalerne* “tigelas, as tigelas”; e *visor* e *visorne* “canções, as canções” (p. 16 e 17).
- não há *kløyvd infinitiv*, os verbos no infinitivo terminam apenas em -a (p. 34)

Apenas em 1910 ocorreu a liberação da escrita do *landsmaal* (norma do Hægstad) para os alunos (VIKØR & TORP, p. 242). Foram permitidas as seguintes formas:

- utilização da forma indeterminada em -e permitida para substantivos femininos fracos: *ei vise/ei visa* “canção”
- utilização dos verbos com infinitivo em -ere permitida na declinação em e (*studerer/studerar*; *studerte/studera* “estudar”)
- Forma determinada de substantivos femininos e masculinos plurais poderia ser escrita sem a grafia do -r-: *hestarne* > *hestane* “os cavalos”; *skålene* > *skålerne* “as tigelas”; *visone* > *visorne* “as canções.
- cerca de 35 palavras poderiam receber um -y- em vez de -ju-/l-jo- (*brjota* > *bryta* “romper, quebrar”; *bljug* > *blyg* “tímido”; *krjupa* > *krypa* “arrastar-se”; *ljon* > *lyn* “relâmpago, raio”)

1.4.2.7 Outras reformas

Não traremos detalhadamente dos acontecimentos posteriores; alguns pontos, entretanto merecem nossa consideração: na reforma ortográfica de 1917, o sufixo -*tion* passou a ser escrito como -*sjon* por conta da “norueguização” de

palavras importadas e em 1929 o *Stortinget* determinou que as duas formas escritas deveriam chamar *bokmål* e *nynorsk*.

Nas décadas seguintes também foram refletidas políticas de escrita como, por exemplo, o *samnorsk*, que durou de 1917 até 1966 e que tinha como objetivo elaborar uma forma comum para o *bokmål* e o *nynorsk*. Na reforma de 1938, que afetou ambas as normas, algumas mudanças foram realizadas para que o *bokmål* se aproximasse mais do *nynorsk*. Dois exemplos seriam: a terminação de feminino –a era obrigatório em mais de mil palavras (palavras do dia a dia, sobre o campo e a natureza, etc.), a terminação de plural determinado – a era obrigatória em algumas palavras (*barna* “as crianças”, *dyra* “os animais”, etc.), mas optativa em todas as palavras terminadas em consoantes.

A partir de 1917 a diferença entre *hovedformer* “formas principais” e *sideformer* “variantes” foi inserida na ortografia norueguesa. As formas principais eram obrigatórias em livros didáticos para o ensino fundamental e ginásio; as variantes, por sua vez poderiam ser utilizadas pelos alunos (*Språkråd*, 2012, p. 3)³⁵.

A forma do *bokmål* mais aproximada do *nynorsk* é conhecida como *radikalt bokmål* e aquela mais aproximada do *riksmål*, como *moderat bokmål*³⁶. Uma outra forma variante de *nynorsk* foi desenvolvida, conhecida como *høgnorsk* (alto norueguês), que rejeita a maioria das reformas oficiais realizadas para aproximar as duas formas escritas, como as de 1917 e 1938. O *høgnorsk* trocou, por exemplo, o sufixo que marca a determinação dos substantivos femininos fortes –i por –a, quer dizer, o –i ficou como variante; portanto, *boka* “o livro” e *boki*, como variante.

Por fim, após outras reformas, em 2012 a diferença entre *hovudform* e *sideform* no *nynorsk* foi abolida e a partir dessa data só é possível escrever *boka* “o livro” (entre outros exemplos). O mesmo processo de abolição ocorreu na reforma do *bokmål* em 2005. Se, por um lado, ela trouxe formas da *sideform* para a *hovudform*, pois agora se pode escolher entre –en (*moderat bokmål*) ou –a

³⁵ <http://www.sprakradet.no/globalassets/vi-og-var/publikasjoner/ny-nynorskrettskriving.pdf>

³⁶ http://www.sprakradet.no/Vi-og-var/Publikasjoner/Spraaknytt/Arkivet/Spraaknytt_1997/Spraaknytt_1997_1/Hvordan_ser_bokmaalet_ut/

(*radikalt bokmål*) como sufixo que marca a determinação dos substantivos femininos fortes (*boka/boken*), por outro, banuiu formas da *sideform* como: *kløyvd infinitiv*, alguns tipos de substantivos que no plural na forma indeterminada poderiam ser escritos como *lærer* "professores", agora só podem ser escritos como *lærere*, entre muitos outros no âmbito da morfologia, fonética e grafia³⁷. Muitos entendem o *moderat bokmål* como *riksmål* hoje em dia, tanto que há a já citada organização *Riksmålsforbundet*, que tem o objetivo de defender a posição dessa forma de escrita na vida social norueguesa: como língua escrita oficial, como língua de cultura e como língua comum falada em momentos que há a necessidade de uma comunicação entre membros de vários locais do país³⁸.

1.4.2.8 Quando se inicia o uso das duas formas escritas da língua norueguesa?

Com base nessa análise podemos inserir um ponto de partida para aquilo que consideramos a língua norueguesa. A princípio, aceitaremos como "norueguês" os textos em *nynorsk* a partir de 1901 e em *bokmål* a partir de 1907. Anteriores ao ano de 1907, também podemos atribuir ao *bokmål* textos com bastante características sugeridas pelos participantes da "guerra de idiomas", pois apesar de tais características não terem sido oficialmente aceitas, muitos textos já as utilizavam; portanto, se houver apenas alguns norueguismos (*norvegisme*), como utilização aleatória do sufixo –a em infinitivos, não achamos que seja suficiente para afirmar que é um idioma escrito de base norueguesa. A respeito do *landsmål*, já havia muitos textos escritos anteriores à 1901.

Skard (1972) atesta que há mais "norueguismos" no registro jurídico, que manteve características que não são encontradas em outros registros como, por exemplo, conservação das vogais "a", "o" e "u" em posição átona e formas como *deira* "deles", e *gamal* "velho", *nockor* "alguém" em vez do dinamarquês *deres*, *gammel* e *nogen*. Uma menor quantidade de norueguismos é encontrada na literatura histórica e topográfica e ainda menos nas escrituras religiosas, pois

³⁷ <http://www.sprakradet.no/globalassets/spraka-vare/norsk/rettskriving2005.pdf>

³⁸ <http://riksmalsforbundet.no/organisasjon>

seguia o novo modelo dominante da literatura dinamarquesa de Reforma (p. 39). O autor (1972) também afirma que o perecimento da escrita norueguesa ocorre em 1525, mas após essa data ainda houve locais que mantinham registros nessa antiga língua escrita: os diplomas escritos em zonas rurais, principalmente nas partes sul e leste do país, e os *jordebok*³⁹. O último diploma escrito em norueguês é de Telemark (1583 ou 1584) e muitos dos diplomas do *lagman*⁴⁰ Jon Simonsson. Embora esses diplomas começassem a ser escrito em dinamarquês a partir de 1525, é possível encontrar formas norueguesas neles.

Encontramos um poema escrito em 1525 em dialeto norueguês (VENÂS, 1990, p. 35). Ele é considerado o mais antigo existente em norueguês (SKARD, 1973, p. 32):

*Hans myn dreng quaat kant tv göra kant tv tryskia held kant tv mala held //
kant tv den plogen aat drive ieegh giffv deegh eet paar vaska [hestar] deen //
sommaren [du] hoos meegh bliue.*

“Hans, meu garoto, o que tu podes fazer, você pode malhar ou pode pintar, ou você pode trabalhar com arado? Eu dou a ti alguns cavalos rápidos no verão em que estiver em minha companhia” [tradução nossa].

O livro de Venås trata sobre registros escritos em dialeto norueguês nesse período de escrita dinamarquesa.

No poema do padre Peter Dass (1647-1707) *Nordlands Trompet* vemos a utilização do dialeto da região do autor, Helgeland (Nordland). Alguns trechos:

- 1) *Æg sa, min goe Granne: Bruch qvænna me me.*
- 2) *Aa sloe saa mi qvæn uti stykia.*
- 3) *Men nu vil æg vitta min kiære Landdrot*
- 4) *Hand sagde goe Skrivar, Æg hæve ey Sag*⁴¹

³⁹ Livro sobre registro de terras da Coroa, da Noruega e privadas.

⁴⁰ Era aquele que memorizada as leis e recitar as leis no Thing (assembleia de homens livres).

⁴¹ 1) Eu disse, meu bom vizinho: utilize o moinho comigo; 2) e destruiu meu moinho em pedaços; 3) mas agora eu quero saber, meu caro senhor da terra; 4) ele disse ao bom escrivão: eu tenho um caso/assunto (tradução nossa)

Esse poema está de acordo com o dialeto da área do escritor. 1) Forma do substantivo forte de gênero feminino termina em –a (*qvænna* “o moinho”); 2) Plural neutro terminado em –a (*stykia* “os pedaços”); 3) a queda do *d* em sílaba final pós-vocálica (*me* em vez de *med* “com”); 4) Infinitivos terminados em –a (*vitta* “saber”); 5) presente dos verbos fracos terminados em –e (*æg hæve* “eu tenho” 6). Palatalização (*stykia* em vez de *styka* “os pedaços”); 7). Assimilação de *rn* para *nn* (*qvænna* em vez de ★*qværna*); etc. Com base para essas considerações utilizamos a obra de Jakobsen (1952, p. 43-45).

Como exemplo de textos em dinamarquês publicados na Noruega apresentamos um comentário sobre o estado de São Paulo no livro de Karl Andree (1873, Band II, p. 829-830):

San Paulo, en af Rigets vigtigste Provindser, tæller over ½ Million Indbyggere [...]. Den har en frugtbar Jordbund og store Kaffeplantager. Byen Santos er en af de ældste i Landet og har i de senere Aar hævet sig stærkt ved Kaffeudskibning, der i 1864 til 1865 beløb sig til 328,139 Sække. [...]. Provindsialhovedstaden S. Paulo har 12.000 Indbyggere [...]. Richard Burton har som engelsk Konsul i Santos paavist, at der i Provindsen findes rige Lagere af Stenkul og Petroleum.

“São Paulo, uma das províncias mais importantes do país, conta com mais de meio milhão de habitantes [...]. Ele tem um solo muito produtivo e grandes plantações de café. A cidade de Santos é uma das mais antigas do país e, nos últimos anos, se desenvolveu intensamente com a exportação de café. Entre 1864 e 1865 chegou a Santos 328.139 sacas. [...]. A capital da província, São Paulo, tem 12.000 habitantes [...]. O côsul inglês de Santos indicou que há na província ricas jazidas de carvão e petróleo”. (trad. nossa)

E também um comentário sobre o Brasil e o Rio de Janeiro em um livro que trata brevemente sobre a Geografia, escrito por Geemuyden (1893):

Brasilien er en republik under navnet «Brasiliens forenede stater», idet hver af de tidligere provinser er en egen stat. Præsidenten vælges for 6 aar. Kongressen (stortinget) bestaar af to kamre. – Religionen er katholsk, oplysningen ikke er synderlig stor. [...] Rio de Janeiro, hovedstaden, ligger ved en havbugt, som er en af de skønneste i verden; folketallet siges at være 800.000. Den har en livlig og udbredt handel med kaffe paa alle verdensdele.

Paa den anden side af vendekredsen sidder Santos, en by af Trondhjems folketal.

“O Brasil é uma república sob o nome de “Estados Unidos do Brasil”, ao passo que cada uma das antigas províncias é um próprio estado. O presidente é escolhido para governar por 6 anos. O Congresso consiste em duas câmaras. – A religião é católica e o acesso à informação não é especialmente grande. [...] O Rio de Janeiro, a capital, se localiza em uma baía, que é uma das mais bonitas do mundo. Diz-se que o número de habitantes é por volta de 800.000. Há um comércio vivo e espalhado com café em todo o Continente. Do outro lado do trópico se encontra Santos, uma cidade com o número de habitantes de Trondheim.” (trad. nossa)

Nesses dois está escrito basicamente na língua dinamarquesa, pois não encontramos nenhum caso de consoante surda em vez de sonora, muito pelo contrário: *Rige* “reino”, *frugtbar* “fértil”, *lige* “estar localizado”, *aaben* “aberto”, *beløb* “ascendeu-se a”, *vide* “saber”, etc. em vez de *Rike*, *fruktbar*, *like*, *aapen*, *beløp*, *vite*. As formas no pretérito são em –ede, por exemplo, *svarede* “respondeu”, *kastede* “jogou” em vez de *svaret* e *kastet*. Também ocorre a manutenção da forma do neutro em –t nos adjetivos terminados em –ig: *et uansvarligt menneske* “um homem irresponsável” e as formas no plural indefinido *heste* “cavalos” e *hunde* “cães”, exemplos do livro de Geemuyden.

Apesar do texto literário de LIE (1901, p. 5) ser de um período anterior à data convencionada por nós (1907), poderíamos considerar esse texto como *rigsmaal*:

Stod der ingen anden utvei aapen, var han evig fuld av undskyldninger, hvorav han sendte den ene frem for sig efter den anden som en feltherre sine hærlinjer indtil sidste reserve. Saa hadde han tilfældigvis faat vite gal lekse igaar, - saa var netop dette blad ute av boken hans, eller han hadde en ældre utgave (....)

“Se não houvesse nenhuma outra solução, ele vinha sempre cheio de desculpas, que chegavam uma após a outra como tropas de exército enviadas por um general até não houver nenhuma outra reserva. Então se ele tivesse eventualmente sabido sobre uma lição difícil no dia anterior, no mesmo momento a folha dela teria se perdido do livro ou ele teria uma tarefa mais antiga [...] (trad. nossa)”

Nesse trecho narram-se as desculpas dadas pelo aluno Svend Bidevind por causa dos exercícios. Consideramos esse texto como *rigsmaal*

porque ele tem características como: utilização das consoantes surdas “p” (*aapen* “aberto”), “t” (*vite* “saber” *ute* “fora”, *utgave* “exercício”), também há em outras páginas a forma em “k” (*like* “parecido”) em vez das consoantes sonoras (*aaben*, *vide*, *ude*, *udgave*, *lige*). Também encontramos as formas *hester* “cavalos” (terminação em –er da forma indeterminada do gênero comum em vez de –e no dinamarquês). Outra característica existente é a forma de pretérito em –te e –dde (*svarte* “respondeu”, *bodde* “morou”) em vez de –ede e em ambos os casos). Encontramos também vários casos de supressão da forma do neutro em –t nos adjetivos terminados em –ig: *et eller andet ubegripelig vis* “de alguma maneira incompreensível” em vez de *et eller andet ubegribeligt vis*, além da palavra também ser escrita com “p” e não com “b”.

Com relação ao *landsmaal*, encontramos atestações muito antes das primeiras atestações em *rigsmaal*. O seguidor de Aasen, Aasmund Vinje, publicou o primeiro jornal em *landsmaal* em 1858, conhecido como Dølen:

Artigo do dia 23 de janeiro de 1859⁴²:

Sobre a guerra no estrangeiro

“Parece que a guerra vai eclodir entre os cinco, assim chamados, grandes poderosos: França, Áustria, Rússia, Inglaterra e Prússia. A partir daí teríamos uma batalha! E então viriam os adultos para a batalha, como também suas crianças, e então a Europa entraria em guerra, talvez junto com a América do Norte [...]” (trad. nossa)

Percebe-se que nesse texto há muitas das propostas sugeridas por Aasen: infinitivo terminando em –a (*brjota* “romper”, *verda* “tornar-se”), assim como outras características não citadas anteriormente como, por exemplo: utilização do *dei* “eles/elas” em vez de *de*, o ditongo *au* (*laus*) em vez de *ø*, o pronome reflexivo de terceira pessoa *seg*, que é grafado *sig* em *rigsmaal* e dinamarquês. Em outras partes desse artigo também encontramos a utilização da forma em feminino, por exemplo, *ei Jord* “terra”, que é diferente da forma do dinamarquês e *rigsmaal*, pois estes utilizam o artigo comum (tanto para masculino como para feminino), *en Jord*. Também há o morfema –i da forma definida singular do feminino, portanto, *Soli* “o sol” em vez de do morfema –en do *rigsmaal* e dinamarquês, *Solen*.

Concluimos que a língua escrita norueguesa (como um sistema que tem vários dialetos) nunca deixou de existir, pois, por menor que seja a

⁴² Disponível em: <http://sedak.ikamr.no/2012/sed0012-aasentunet/sed0012004/01/#/32/zoomed>

quantidade de registros, há várias canções populares e poemas. Podemos apenas considerar que tenha deixado de existir como língua política e de administração. O *nynorsk* (anteriormente *landsmål*) seria, portanto, uma expressão escrita formada a partir do cálculo de um denominador comum dos dialetos do Leste, que se normatizou e conseguiu atender à necessidade norueguesa de uma língua nacional. Delimitamos, como será demonstrado no subcapítulo 2.3.2, o norueguês escrito com textos a partir de 1901 (*nynorsk*) e 1907 (*bokmål*), embora possam haver textos com as características, que definimos como próprias do norueguês, em textos anteriores a essa data.

2 O MÉTODO ETIMOLÓGICO

Definimos Etimologia como o estudo dos étimos e das origens do léxico, das estruturas sintáticas, dos elementos morfológicos e demais componentes morfológicos de uma determinada língua, tanto do ponto de vista da sua expressão (ortográfica, fonética, fonológica) quanto do seu conteúdo.

2.1 A semelhança entre vocábulos

Viaro (2011, p. 98-99) afirma que a semelhança entre vocábulos de duas línguas, tanto no significante, quanto no significado, deve-se basicamente a três fatores distintos: coincidência formal, empréstimo e semelhança por origem.

A *coincidência formal* entre palavras de duas línguas diferentes, segundo o mesmo autor, é mais corriqueira do que se possa imaginar. Caso haja palavras em línguas distintas com formas muito similares, mas nem documentos em sincronias pretéritas nem línguas afins servem para comprovar a afinidade entre elas, não é possível postular um étimo comum para as duas línguas, pois só é possível concluir que se trata de uma coincidência formal (p. 98). Ela pode ocorrer em vários processos. Fortson IV (2004) chama um desses processos de *universais da linguagem*, que englobam, por exemplo, a onomatopeia ou simbolismo do som e o *baby-talk*. Salmons (2012) acrescenta que no processo onomatopaico da imitação dos sons de animais as línguas tendem a utilizar frequentemente sons similares. Outro caso ocorre durante a aquisição da linguagem: as crianças tendem a produzir alguns sons parecidos e duplicá-los, por exemplo, *papa*, *caca*, *mama* (p. 12-13).

Outro processo citado por Fortson IV (2004) é o *acaso*, tendo em vista que há um número de sons limitados que a voz humana pode produzir e suas combinações também são limitadas. Por conta disso, são formadas certas palavras que coincidentemente lembram umas às outras em línguas coletadas aleatoriamente, como as palavras *théos* no grego e *deus* no latim (p. 1). Consideramos como reais similaridades acidentais e podemos exemplificar com a

palavra *inà* "cachorro" da língua indígena de Oaxaca, sul do México, conhecida como mixteca de Chalcatongo. Ela se assemelha muito com a palavra japonesa para cachorro *inu*. Uma outra similaridade ocorre com as formas *Mann* "homem" no alemão e *man* "marido" no guajajara, língua indígena brasileira (SALMONS, 2012, p. 13-4). Viaro (2011) exemplifica com a palavra que significa "mau", cuja forma tanto no inglês quanto no persa é *bad* (p. 98). Ora, tanto o par mixteca e japonês quanto o par alemão e guajajara não tiveram absolutamente nenhum contato relevante entre os tempos. Os termos "cachorro" e "homem" fazem parte do vocabulário básico, que dificilmente é emprestado entre as línguas, ainda mais por aquelas que não sofrem nenhuma influência de outra. Já o par inglês e persa, apesar de haver maciça influência cultural do inglês em todo o mundo, também é uma coincidência formal, pois é provado que o persa médio tinha a forma *vat* que se desenvolveu em *bad* (SAMUELIAN, 1979, p. 135).

O *empréstimo* é um outro fator que leva à exigência de vocábulos parecidos ou idênticos. Segundo Viaro (2011), tal processo ocorre quando há comprovadamente um contato direto entre línguas, envolvendo ou não o bilinguismo ou quando há um prestígio e influência cultural de uma sobre a outra (nesse caso, não é necessário supor uma contiguidade espacial). O autor exemplifica o primeiro caso com o português e o espanhol nos séculos XVI e XVII e o segundo, com o português e o italiano no século XVI e com o francês durante toda a história até o início do século XX (p. 99). Outro exemplo relevante para essa dissertação é a influência que o latim eclesiástico medieval, que penetrava em todas as camadas e atividades da Idade Média, teve sobre os desenvolvimentos românicos do latim vulgar e, conseqüentemente, na formação das línguas neolatinas. O latim culto medieval supria as deficiências da pobreza e limitação das línguas românicas populares (MAURER JR., 1951, p. 37-38), com exceção da língua romena, que foi privada da fonte de empréstimos desse latim por ter ficado isolada da România ocidental por conta da retirada das legiões romanas da Dácia pelo imperador Aureliano em 270 d.C (BASSETTO, 2005, p. 136-137). Mas a influência desse latim culto não ocorreu apenas sobre a área do Romance, mas também sobre a Escandinávia, já que as línguas dos países nórdicos não tinham termos específicos para determinadas abstrações cristãs e, por conta disso, quando não criavam palavras novas, as tomava por emprestado.

O terceiro ponto, segundo Viaro (2011), é a *semelhança por origem*. Campbell e Poser (2008) afirmam que para estabelecer uma hipótese plausível para uma relação genética é necessário eliminar o acaso, as onomatopeias, os universais e também o empréstimo.

Por outro lado, deve-se considerar a relação genética, a semelhança por origem, mas não com base nas similaridades entre as línguas, mas sim nas *correspondências sistemáticas* entre os sons das palavras comparadas, especialmente no vocabulário básico e na evidência gramatical padronizada (p. 10-11). É de extrema importância que o método siga tais pressupostos tanto para a realização de uma reconstrução quanto para a determinação de um étimo.

Como já dito, as línguas românicas têm uma vantagem na determinação de um étimo pois há um *terminus a quo*⁴³, já que os étimos são frequentemente documentados, algo diferente do que se passa com as línguas germânicas, em que há poucos registros das sincronias anteriores e eles se resumem em runas a partir do século IV⁴⁴, quando havia uma certa unidade germânica. Esgotadas tais fontes, a única maneira é recorrer à reconstrução. O filólogo alemão August Schleicher, que é considerado como um dos primeiros a trabalhar com o conceito de uma reconstrução linguística em sua obra *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen* (1861), utilizou as três vogais do indo-europeu (*a, i, u*) e um total de quinze consoantes; contudo, futuramente seria apresentado um modelo de até 25 consoantes e 10 vogais. Porém, além da tentativa de reconstrução da língua "unificada" falada pelos povos germânicos, também se julga necessário a reconstrução do latim vulgar (ou, de um ponto de visto mais histórico, do protorromance). Embora haja, como já considerado, inscrições rúnicas de tempos muito remotos, quando havia uma certa unificação entre os germânicos, as fontes do latim vulgar são muito mais numerosas. Bassetto (2005) cita, por exemplo, inscrições populares, papiros antigos, gramáticos e mestres de retórica que faziam "correções" da forma vulgar, relatos de peregrinações, textos latinos tardios, textos cristãos e glossários (p. 110-135). O autor conclui, por fim, que a partir dos dados colhidos nas fontes é "possível reconstruir o latim vulgar, falado,

⁴³ Definido no subcapítulo 2.1.3.

⁴⁴ Consulte o capítulo 2.1.5.

até um ponto razoável e mais ou menos completo, ainda que o recurso às fontes, incoerentes e incompletas, exija sempre muito critério e prudência” (2005, p. 138), mas tais fontes “não são suficientes para a reconstrução completa do latim vulgar” (p. 135). Portanto, “não existindo nenhum escrito totalmente em latim vulgar, por ter sido apenas falado, essas fontes indiretas, além de incoerentes, não conseguem cobrir seu universo.” (p. 135). Além do mais, o autor destaca que as línguas românicas têm uma situação privilegiada, das quais se conhecem o *terminus a quo* e o *terminus ad quem* e, com isso, permite-se traçar com segurança a história externa e interna da evolução das línguas românicas, o que não acontece com a germanística e com a eslavística, às quais falta um conhecimento mais pormenorizado e documentado do *terminus a quo* (p. 138). O autor tem razão em afirmar isso, se também estiver considerando o registro do latim arcaico, clássico, medieval e vulgar, uma vez que as línguas germânicas têm um número de mais ou menos 6.000 inscrições rúnicas (ZILMER, 2005, p. 38), o que não é muito se compararmos aos registros do mundo românico. Por outro lado, a respeito das línguas germânicas, há inúmeros registros na maioria de seus dialetos, o que se torna possível conhecer o *terminus a quo* e realizar a reconstrução.

Por meio das correspondências sistemáticas entre as línguas, e não apenas se debruçando sobre os metaplasmos internos de uma determinada língua é possível determinar tanto a reconstrução do latim vulgar quanto do antigo germânico. A respeito das correspondências sistemáticas, Campbell e Poser (2008) afirmam que é importante ter em mente que elas são cruciais e não meras similaridades, que tais correspondências não necessariamente envolvem sons que são foneticamente similares e que as mudanças sonoras que levam a correspondências pouco parecidas sempre alteram as palavras cognatas de maneira que o parentesco não seja facilmente reconhecido até que as correspondências sistemáticas sejam compreendidas (p. 172-173).

Tomemos, como exemplo, as palavras do gótico *sauhts* “doença”, *haur* “chifre” e *gulf* “ouro”. Suas formas nas línguas cognatas germânicas são:

(germ. **suxti-* >) Go. *sauhts* **[soχts]* ≅ AAA/AS *suht* ≅ AFris. *sechte* ≅ AN *sótt*

(germ. **hurna*) > Go. *haur̥n* **[horn]* ≅ rún. *horna*⁴⁵ (> AN/AS/AI/AFris./AAA *horn*)

(germ. **gulpa*) > Go. *gulf* ≅ rún. **golda* (> AS/AI/AAA/AFris. *gold* ≅ AN *gull* ou *goll*)

Observando de maneira superficial, sem considerar as correspondências similares, ou metaplasmos, se realizaria as seguintes reconstruções: no primeiro caso, **suxti-* ou **soχti-*, no segundo caso **horna*, já que todas as formas em sincronias posteriores estão em **[o]* e, no terceiro, em **gulpa* ou **golpa*; tais reconstruções, no entanto, seriam errôneas. Por serem correspondências sistemáticas, é de grande ajuda para a investigação a comparação com outras palavras, cujas formas nas sincronias posteriores têm o **[o]*, *au* **[o]* ou *u* **[u]*:

Go	Rúnico	AN	Outras	Significado	
<i>sunus</i>	X	<i>sunr</i> (ou <i>sonr</i>)	<i>sunu</i> (AI/AS); <i>suno</i> (Fris.A.); <i>sun(u)</i> (AAA)	“filho”	Manteve *[u]
<i>hunds</i>	<i>-hudaz</i> (sec. III, fecho de Himlingjøje, Din. 200	<i>hundr</i>	<i>hunt</i> (AI/AAA); <i>hund</i> (AS/Fris.A.)	“cachorro”	Manteve *[u]

⁴⁵ Séc. V, Gallehus

d.C.)					
<i>ward</i> *[word]	X	<i>ord</i>	<i>word</i> (AS/Frs.A.); <i>wort</i> (AAA)	palavra	No Go. Tornou-se au *[o], por causa do <i>r</i> posterior
<i>auhsa</i> *[ohsa]	X	<i>oxi</i>	<i>ohso</i> (AAA/AS); <i>oxa</i> (Fris.A/IA)	“touro”	No Go. Tornou-se au *[o], por causa do <i>h</i> *[χ] posterior

Desses exemplos, podemos concluir que o gótico sempre vai manter a vogal *[u], quando posteriormente haver um -a *[a] final, diferentemente das outras línguas parentes que transformam o *[u] em *[o] (Go. *gulf* ≅ as outras *gold*). Vemos, por outro lado, que há casos em que o gótico transforma o *u* *[u] em *au* *[o], tendo ou não um -a *[a] final, mas nesse caso há uma condição: a existência de uma fricativa *[χ] ou um *[r] posteriores (1. Go. *sauhts* ≅ outras *suht*, *sechte* ou *sótt*; 2. Go. *haur* ≅ outras *horn*; 3. *ward* ≅ outras *ord*, de um germ. **wurdą* e 4. Go. *auhsa* ≅ outras *ohso*, *oxa* ou *oxi*, de um germ. **uχsan-*).

O *a* final, que gerou a apofonia de *u* *[u] em *o* *[o], sofreu apócope nas sincronias posteriores. Não encontramos outros registros no rúnico, que têm esse *a* final. Em todos os exemplos em que ele não existe, o *u* *[u] permanece inalterado, como é o caso das palavras herdadas do rúnico (séc. III) *hudaz-* e germ. **sunu*. A forma AN *gull* é uma variante de acordo com Haugen (1982, p. 33). Schuhmann (2009, p. 16) afirma que em alguns casos a mutação causada pelo *a* final não ocorria, o que permitiu a formação dessa variante. A forma variante AN *sonr* também ocorre posteriormente.

A mutação de *u* *[u] para *o* *[o] causada pelo *a* *[a] final é conhecida como *a-omlyd* (TORP, A; VIKØR, S, 2000, p. 35) e *a-Umlaut* (RANKE, F.; HOFMANN, D., 1988, p. 30) ou simplesmente assimilação regressiva causada pelo *a* *[a] final. A palavra *horna*, por ser um registro bem mais antigo, deixa o vestígio do *a* final, que posteriormente sofreria apócope; *hundaz*, por sua vez, não sofre a mutação porque há um travamento de nasal na coda silábica, o qual impede o processo (RANKE, F.; HOFMANN, D., 1988, p. 30).

Esses dados levaram às reconstruções de tais palavras como: **hurna*, **suχti-*, **uχsan-*, **wurda-*, **gulpa*, **sunu* e **hundaz* (KROONEN, G., 2003). Percebe-se que não há nenhuma reconstrução com a vogal curta *o* *[o]. Por conta disso, é sabido que essa vogal não existia no proto-germânico e que a apofonia causada pelo *a* *[a] final fez com que o *u* *[u] curto se transformasse em *o* *[o] curto, por assimilação, preenchendo assim o espaço vazio existente entre as vogais do germânico, nesse ponto, o *o* *[o] curto não era um fonema propriamente dito, pois, uma vez que havia um *a* *[a] final posterior, ele seria considerado apenas um alofone combinatório do *u* *[u] curto, mas assim que o *a* *[a] final sofreu apócope por conta da passagem das tônicas para as sílabas iniciais, o *o* *[o] curto gradualmente passou de alofone para um fonema propriamente dito (TORP, A; VIKØR, S, 2000, p. 35-36). Outra prova de que esse *o* *[o] curto não existia é a lista de palavras do gótico, língua registrada mais antiga, em que são contidas apenas palavras em *u* *[u] curto. Para consultar as vogais (e consoantes) do proto-germânico, consulte Ringe (2006, p. 214).

2.2 A língua, o dialeto e o sistema

Definimos língua com base nas ideias de Saussure: "é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos" (SAUSSURE, 1916[2010]³², p. 17) e também:

[...] é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem

necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; somente pouco a pouco a criança a assimila (p. 22)

Uma outra definição constantemente citada é a de Max Weinreich, que afirmou, em Ídiche (1945, p. 13)⁴⁶:

אַ שפּראַך איז אַ דיאַלעקט מיט אַן אַרמיי און פֿלאָט
<a *shprakh iz a dialekt mit an armey un flot*>

"uma língua é um dialeto com um exército e uma marinha".

Falamos aqui de uma imposição de uma variedade linguística em meio a outras variedades (variação diatópica). Trata-se de um sistema em uma sincronia, que se impõe sobre os outros sistemas e que alça à condição politicamente conhecida como uma "língua". Consequentemente, devem ser aprendidas suas normas por aqueles que desejam ter poder e prestígio e fazer exercício de funções. Os outros sistemas, dentro desse espaço geográfico são considerados dialetos. Bem sabemos também que um dialeto nem sempre precisa ter a mesma origem da língua dentro desse espaço geográfico: basta lembrar do basco, que está dentro da Espanha e há pouco tempo não era conhecido como língua autônoma, mas como "dialeto".

A problemática entre o dialeto e a língua é bem complexa. Tomemos como exemplo o galego, que há pouco tempo não tinha o *status* de língua. Se não era considerado língua, seria um dialeto. Mas dialeto de qual língua? Do espanhol, devido ao espaço geográfico e político em que se encontra? Essa situação seria estranha porque ele é muito mais próximo do português quando consideramos a sua estrutura e a inteligibilidade mútua.

Se mantivermos em mente a afirmação de Weinreich, perceberemos que o sistema *dialeto português* ganhou força e foi imposto como língua, em oposição ao sistema *dialeto galego* (na

⁴⁶ Weinreich teria ouvido essa afirmação de um estudante provavelmente chamado de Joshua Fishman, que assistia uma de suas palestras (BRIGHT, 1997, In: do COUTO, 2007, p. 323).

sincronia *galego-português*), pois foi suportado pelo exército de D. Afonso Henriques, que iniciou a conquista dos territórios do sul e, assim, configurou geograficamente o que viria ser o estado português povoado por falantes de variantes dentro da sincronia *português arcaico* que se diferenciaria ainda mais do *galego arcaico* por conta das influências de substrato das regiões do sul.

Haugen (1976) afirma que por ser o desenvolvimento dos dialetos geográficos mais antigos do que a formação das nações atuais, as fronteiras nacionais não constituem geralmente as fronteiras dialetais e exemplifica com o caso dos dialetos do norte da Noruega que são semelhantes aos dialetos do norte da Suécia, por causa das isoglossas (p. 53-54).

Hock (1991) sugere um ponto de vista bem mais científico e menos social ao sugerir um *uso técnico* de que inglês vernáculo afro-americano e o inglês padrão são ambos dialetos da *língua inglesa* e que estão em pé de igualdade, se considerarmos num puro ponto de vista linguístico. O autor também afirma que as variedades da fala, cujas divergências são pequenas, são chamadas de *diferentes dialetos de uma língua* e *língua* seria uma união abstrata de tais dialetos, sejam eles de características normativas, vernáculas, urbanas ou rurais e regionais ou supraregionais. Por outro lado, as variedades da fala que diferem uma das outras notavelmente são consideradas *línguas diferentes* e conclui com o ponto de vista de que idealmente tudo está baseado na noção de *mútua inteligibilidade*. O autor ainda argumenta que o teste de *mútua inteligibilidade* nem sempre funciona, pois, o norueguês e o sueco, apesar de serem duas línguas normatizadas e tinham uma forte tradição literária, são mutualmente inteligíveis por muitos falantes (p. 380-381). Tal inteligibilidade ocorre porque ambas as línguas foram normatizadas mediante duas variedades dialetais, cada uma dentro de um espaço geográfico definido (por um lado, Noruega; por outro lado, Suécia), mas elas provêm de um sistema linguístico comum, chamado por Seip (1931) de Era das síncope (p. 7-38) e por Haugen (1976) por Escandinavo comum (p. 132).

Essa inteligibilidade ainda existente talvez seja explicada pelo fato de que durante todo esse longo período de tempo a partir da fragmentação dialetal não ocorreram influências significativas de superestrato ou substrato em ambas as regiões, mantendo algumas isoglossas intactas. Por fim, Hock (1991) assume que não há nenhuma demarcação evidente entre *dialeto diferente* e *língua diferente*. Em vista disso, não é um caso de "sim" ou "não", mas de um gradiente entre "menos" ou "mais"; além do mais, a inteligibilidade mútua depende não apenas de fatores linguísticos, mas também de fatores sociolinguísticos (p. 380-381).

Concluimos, ampliando a metáfora de Weinreich, dizendo que uma língua é um dialeto, que dentro de uma sincronia com outros dialetos, ganha um status político e social de maior relevância e, assim, com exército e marinha, se instala numa determinada região e, conseqüentemente, domina outros sistemas linguísticos, que nem sempre são mutualmente inteligíveis.

Por alguns momentos também utilizaremos o termo *sistema*. Este definimos como um conjunto de paradigmas fonológicos ou morfológicos e de regras sintáticas, associados a significados específicos e existentes numa determinada sincronia. Uma determinada sincronia também pode conter vários sistemas: a língua portuguesa na verdade é uma abstração que envolve sistemas conhecidos como *português paulista*, *português carioca*, *português brasileiro*, *português angolano*, *português de Portugal*, etc. A noção de sistema, por conseguinte, depende da abrangência da investigação. A sincronia atual da língua norueguesa, por sua vez, tem vários sistemas: os sistemas escritos normatizados *bokmål* e *nynorsk*, além dos sistemas diatópicos: sistema *bergensk* “de Bergen”, sistema, *trøndersk* “de Trøndelag”, sistema *hallingmål* “de Hallingdal”, etc. Como a Noruega tem centenas de dialetos, tem, portanto, centenas de sistemas com variação diatópica. Ao comparar sistema com língua, Viaro (2015) afirma que a língua, diferentemente do sistema, perpassa o eixo da diacronia e da sincronia porque é sabidamente uma entidade política e não apenas

cognitiva, em outras palavras, a língua tem sua parte Histórica e Psicológica (p. 96-97).

Diacronicamente, diremos que a fase anterior artificialmente recortada da língua portuguesa, entendida como unidade política, é o *português arcaico*, que também tinha muitos outros sistemas com variações diatópicas, diastráticas e diafásicas, pois, para dizer que a sincronia mudou, o sistema linguístico precisa mudar.

Como não houve uma língua escrita norueguesa antes do período da “guerra de idiomas norueguesa” (fim do séc. XIX), visto que o dinamarquês era a única língua escrita a partir de meados do séc. XVI, salvo algumas canções e anotações folclóricas, teria que ser realizada uma reconstrução dos dialetos noruegueses, com ajuda com documentos escassos em dialetos, para atestar as sincronias anteriores ao *nynorsk*, que é, como já demonstrado, uma criação do filólogo Ivar Aasen. Veremos essas sincronias no subcapítulo 2.3.2.

Com base em Saussure, fica evidente que não existe sistema em diacronia; portanto, a noção de sistema é eminentemente sincrônica. Isso não contradiz o fato de os sistemas serem dinâmicos. Apenas metodologicamente é possível congelá-los em uma determinada sincronia e, no meio de seu funcionamento, existirá sempre tanto a divergência natural quanto a convergência (causada, por exemplo, por tentativas preventivas ou por *koiné*, frutos de ações políticas e econômicas).

2.3 As sincronias pretéritas das línguas portuguesa e norueguesa e as modificações formais

Neste subcapítulo apresentaremos as sincronias tanto do português quanto do norueguês. As sincronias de uma língua são períodos que têm o testemunho de seu funcionamento. A respeito da língua latina, por exemplo, há testemunhos do período “arcaico”, do período “clássico”, do período “medieval”, etc.

Também se deve levar em consideração que a passagem temporal não ocorre apenas em diacronia, mas também em sincronia, uma vez que é possível perceber a mudança da língua durante a nossa vida. De acordo com Viaro (2015):

Metodologicamente falando, a “sincronia atual” poderia definir-se como o período de tempo transcorrido entre a data de nascimento do falante mais idoso de uma língua até o dia de hoje. Contudo, como esse critério não seria aplicável para as sincronias pretéritas, recorre-se às divisões arbitrárias, baseadas em dados da chamada “história externa” à língua. A mudança de um sistema para o outro configura-se, no jargão do *Cours*, um movimento temporal conhecido por diacronia (p. 96-97)

Portanto, uma abordagem teórica é fundamental para que seja realizada uma descrição sincrônica de um sistema e a compreensão de sua diacronia, em direção a um sistema subsequente, uma vez que são conceitos muito abstratos. O autor também postula que uma sincronia de uma língua em uso não é apenas teórica, abstrata e uniforme, mas pode ser entendida como real, concreta e múltipla. Os seus testemunhos seriam o elemento concreto, nos quais há como regra a multiplicidade (ainda mais quando um elemento normativo não é excessivamente forte). Para ser analisável, uma sincronia só pode ser artificial e conceitos como “português arcaico” e “português moderno” não são sistemas, mas períodos artificialmente recortados da mesma língua, que é entendida como unidade política. Haveria vários sistemas dentro de cada um desses recortes.

Por fim, o autor afirma que convém que as sincronias sejam verossímeis, uma vez que são períodos em que se situam teoricamente os contrutos artificiais dos sistemas e, assim, é possível realizar o teste popperiano da refutação. Por conta disso, a descrição das leis fonéticas é fundamental, já que podemos saber se uma certa afirmação é válida ou não no estudo etimológico, que varre sincronias pretéritas e diacronias rumo à sincronia atual (p. 98).

2.3.1 Do português

Viaro (2015) elencou a respeito da transição do latim ao português seis sincronias (p. 98-99). Elas são arbitrárias, mas interligadas a eventos históricos importantes que provavelmente se integram a mudanças sociais e linguísticas. Em vista disso, cada palavra, sendo de origem latina, passou por todas essas sincronias. Estas são as sincronias pretéritas da língua portuguesa:

S⁰ – Do latim comum à formação da *koiné* latina (ou latim vulgar) (entre o século I a.C. e o século V d.C.)⁴⁷;

S¹ – Do latim arcaico à formação do iberorromânico (entre o século III a.C. e o século V d.C.)⁴⁸;

Essas duas sincronias são coexistentes, pois uma é importante para a história do português e outra, para a história do latim. Nesse momento, há a aprendizagem incompleta de segunda língua pelos povos da Gallaecia pré-românica, o que deixou algum vestígio nesse sistema latino arcaico que veio do Sul da península e, em seguida, a koinização dos dialetos latinos, formando o latim vulgar, que influenciou o latim arcaico já existente⁴⁹ e permitiu a formação desse iberorromânico.

S² – Do iberorromânico à formação do iberorromânico do Noroeste Peninsular (entre o século VI e o IX);

S³ – Do iberorromânico do Noroeste Peninsular à formação do galego-português (entre o século X e o século XIII);

⁴⁷ O latim vulgar que foi levado pelos romanos para a Gália, com suas características sintáticas, fonéticas e morfológicas, se sobreporia à variante diatópica “ibérica” (com arcaísmo do período arcaico, primeiro passo do chamado “iberorromânico”) como língua vernácula, mas não removeria todas as suas características arcaicas (Manual do NEHiLP, 2015, p. 119)

⁴⁸ O latim arcaico é anterior ao latim vulgar no que se refere à Península Ibérica meridional.

⁴⁹ Ele também pode ser entendido como uma *koiné* itálica, uma vez que os romanos o trouxeram quando entraram no sul da Península Ibérica por volta de 218 a.C. e, a partir desse ponto, essa variante latina, que tinha certa conservação de uma forma mais antiga (do período de Plauto) entrou em contato com os falares autóctones já existentes na Península. Foi essa *koiné* que chegou na Gallaecia por volta da metade do século I a.C.

S⁴ – Do galego-português à formação do português antigo (entre o século XIV e o XVII);

S⁵ – Do português antigo à formação do português moderno (entre o século XVIII e o século XXI);

O S⁰ ocorre simultaneamente ao S¹: é sincronia mais antiga e o S⁵ é a sincronia que vai do português antigo até o período anterior ao nascimento do falante mais antigo da língua portuguesa. Ambas são sincronias pretéritas. Tais sistemas são atribuídos à língua portuguesa de hoje em dia, por ela ter sido formada a partir dessas modificações linguísticas em um determinado espaço geográfico. Nosso recorte não abrangerá as sincronias mais antigas que S⁰ e S¹, ou seja, S⁻¹ (do latim arcaico à formação do latim comum), S⁻² (do itálico à formação do latim arcaico) e S⁻³ (do do-europeu à formação do itálico), pois teríamos que nos servir muito da reconstrução e também para nos mantermos apenas no escopo entre língua latina e língua portuguesa com seus respectivos sistemas.

As reconstruções das pronúncias de todos esses sistemas são encontradas em Viaro (2015).

2.3.2 Do norueguês

Com relação às línguas escritas oficiais da Noruega, propõe-se as seguintes sincronias pretéritas (as sincronias são parcialmente influenciadas pelos autores Skard (1972, 1973), Haugen (1982), Seip (1955), Antonsen (1975) e Nielsen (2000):

Primeiramente deve-se considerar que as sincronias a partir do germânico até as línguas nórdicas são bem discutíveis. Seguirei aqui o modelo proposto por Nielsen (2000). A principal discussão é se alguns ou todos os dialetos do germânico ocidental (i.e. alemão antigo, dialetos do alemão antigo, saxão antigo, inglês antigo, frísio antigo) deveriam

ser considerados sucessores do *rúnico primitivo* (RP)⁵⁰, que são as inscrições rúnicas datadas do ano 150-200 a cerca de 450-550 d.C, seguidas de um período de transição entre 500 e 750 para o rúnico da Era viking. Há cerca de 60 inscrições desse tipo na Noruega (Skard, p. 25).

Antes apresentaremos um mapa para localização geográfica do leitor:

⁵⁰ Kuhn (1955) afirma que a língua das inscrições rúnicas do início do período não era nem nórdico nem germânico do Oeste, mas comum a toda área germânica, com a exceção do gótico. Tal assumpção foi compartilhada por Antonsen, só que este em 1965 atribuiu tais inscrições ao germânico do Noroeste em vez de toda a área germânica. A razão para o surgimento desse novo termo era um conjunto de isoglossas que gradualmente demarcavam a fronteira (cronológica) entre o germânico e o germânico do Noroeste como, por exemplo, inovações na reestruturação dos alofones de /i/ e /e/, a fonemização de [o] > /o/ e da mudança de abertura /ē¹/ > /ā/ e na emergência do /ē²/. Antonsen também adverte sobre considerar a inscrições rúnicas mais antigas como “proto-escandinavo” ou “proto-nórdico” antecessor de todas as línguas escandinavas, uma vez que uma reconstrução baseada nas línguas escandinavas não seria idêntica à essa língua rúnica primitiva, mas sim a um *nórdico comum* que, por sua vez, é descendente da língua representada nessas inscrições mais antigas. Haugen (1976, p. 125) chama essa língua de *Runic*; alguns pesquisadores escandinavos, de *urnodisk* (em alemão *urnordisch*) e de língua inglesa de *Proto-Nordic*. Antonsen em 1975, por outro lado, mudou sua teoria em um aspecto: a língua das inscrições rúnicas mais antigas não seria antecessora de todos os dialetos do germânico Ocidental, mas apenas do germânico do tipo *Ingveonic*, ou seja, dos dialetos perto do mar do Norte, deixando, assim, os dialetos do antigo alto alemão fora desse escopo (Nielsen, 2000, p. 58-59). De acordo com Nielsen (2000), do total de 350 inscrições rúnicas entre III e VIII, 70 são de origem continental e 280 têm origem em território escandinavo. O autor, para evitar problemas de terminologia, sugere o termo *Early Runic*, traduzido nessa dissertação em *rúnico primitivo*. Ele também afirma que essas inscrições estão distribuídas numa área que compreende a Noruega e a Suécia, no Norte, respectivamente Trøndelag e Uppland, a ilha de Gotland e na Dinamarca (em Skåne e Slesvig), sendo o território medieval dinamarquês onde se encontra a maior concentração desses monumentos em Rúnico primitivo (p. 31-32).

A cor azul apresenta os dialetos do germânico do Norte; a cor vermelha, germânico do Noroeste; laranja, germânico do Weser-Rêno (do Oeste); amarela, germânico do Elba (do Oeste) e verde, germânico do Leste. Designaremos como germânico do Ocidente quando considerarmos tanto o germânico do Noroeste quanto do Oeste. O único representante do germânico do Leste é o gótico.

É também um período em que ainda havia uma certa unidade de tribos germânicas entre o sul da Noruega e norte da Alemanha, embora algumas tribos já tivessem partido como, por exemplo, os godos que por volta do ano 200 estavam na área entre os rios Oder e Weichel a caminho do Mar Negro (SCHWARZ, p. 51), os marcomanos e os quados que já estavam na boêmia no século II, os francos que já se encontravam no Reno no fim do século III e estabeleceram um novo poder cristão sob Clóvis no fim do século V, os alamanos no oeste, etc.

Demonstraremos os desenvolvimentos no que diz respeito ao rúnico primitivo: sincronia i - que afetaram todos os dialetos do mundo germânico (*continuum* Norte-Oeste), com exceção do gótico, e que são evidenciados pelo rúnico primitivo (a partir do ano 100) e sincronia ii - que afetaram apenas os dialetos do germânico do Norte e do Noroeste e que são evidenciados pelo rúnico primitivo (a partir do ano 200).

Há dois cânones no estudo do rúnico primitivo: Wolfgang Krause com a obra *Die Sprache der urnordischen Runeninschriften* (1971) e Elmer Antonsen com a obra *A Concise Grammar of the Older Runic Inscriptions* (1975) e ambas têm grandes divergências sobre esse assunto. Krause afirma que o rúnico primitivo é imediatamente predecessor do nórdico, mas não do germânico do Oeste (p. 18-20), assumindo, assim, haver um buraco linguístico entre a área dos falantes do *urnordisch* e da região do germânico do Oeste, que ficava ao sul da Jutlândia. Krause (1971) se baseia em a) o reflexo do *-z, que é mantido e representado pela letra rúnica ʀ (e como -r em antigo nórdico), mas se perdeu em uma sincronia mais antiga no germânico do Oeste e b) formações de aoristo nas formas do indicativo pretérito

singular de 2ª pessoa como, por exemplo, IA *bude* e AAA *buti* vs. AN *bauzt* “tu ofereceste”, embora não haja nenhum testemunho dessa forma no rúnico primitivo e, mesmo assim, ele reconstruiu como **bautst* no RP (p. 126). O que Krause queria demonstrar, mesmo de maneira extrapolada, era a grande diferença do RP com relação aos dialetos do germânico do Oeste (NIELSEN, 2000, p. 147). Antonsen (1975), por sua vez, afirma que por meio de pontos de vista fonológico, morfológico e sintático, o germânico do Noroeste pode ser considerado língua paterna não apenas do escandinavo, mas também dos dialetos do germânico do Oeste do tipo *Ingveonic*, portanto, de acordo com o autor, não há características atestadas nas inscrições que contradiga isso (p. 26).

Portanto, Antonsen é da opinião que o germânico do Noroeste seria a sincronia anterior ao rúnico primitivo e ao germânico do tipo *Ingveonic*. Um problema, porém, não foi resolvido por ele no que diz a respeito da determinação do fim do período “germânico do Noroeste”. Ele levanta dúvidas, por exemplo, se as isoglossas do germânico do Norte (alguns exemplos: medial /w/ antes de /u/ > Ø; /ht/ > /tt/ e /j/ inicial > Ø) não refletiriam, na verdade, um dialeto tardio do “germânico do Noroeste” em vez de um dialeto separado do germânico do Norte. Ele não tinha dúvidas a respeito da língua das inscrições de Blekinge (período de transição que, em seguida, veremos ser a transição entre o rúnico primitivo e o nórdico primitivo), por exemplo, em que ocorre uma considerável ruptura no *continuum* do germânico do Noroeste para uma língua escandinava discernível linguisticamente. Em seguida veremos que a teoria de Nielsen difere consideravelmente desse ponto de vista de Antonsen.

Sincronias do germânico até o médio-norueguês (com base em Nielsen, 2000 no que se refere):

2.3.2.1 SN¹ – O germânico do *continuum* Norte-Oeste

Esta sincronia norteia a fase inicial do rúnico primitivo, período até aprox. 200 d.C. O germânico do *continuum* Norte-Oeste é uma sincronia posterior ao germânico. Não iremos reconstruir as palavras dessa sincronia, mas sim dar exemplos de atestações, mesmo que em sincronias posteriores, para comprovar tal unidade, da qual o gótico não participou.

a) Germ. *ē¹ se manteve no Go. *gadēps* "feito, ato", mas nos dialetos germânicos do Noroeste (e também do Sul) adquiriu uma qualidade sonora mais aberta como em AN *dáð*, IA *dæd*, AAA *tāt*⁵¹. No sistema rúnico antigo Futhark a vogal também é mais aberta como, por exemplo, *-mariz* ("famoso", nom.m.s., bainha de Thorsberg, Schleswig, Alemanha, 200 d.C.), vide AS/AAA *māri*, mas Go. *-mēreis*. Também há a atestação dessa mudança mais ao sul na região da Boêmia, onde ocorreram as guerras marcomanas no século II e que tinha como líder Ballomar (170 d.C.), sendo o último elemento *-mar* "famoso" (Nielsen, p. 205). Portanto, de acordo com Nielsen esse processo antecede claramente o período do qual estamos tratando, que é de 200 a 500 d.C. (NIELSEN, 2000, p. 205).

b) como havia um espaço vazio no sistema de vogais curtas, quer dizer, faltava o *[o] no sistema vocálico germânico, ocorreu uma mutação causada por *a* (*a-umlaut*) não acentuado que fez com que o *[o] não fosse mais um alofone de *[u] em distribuição complementar, mas um fonema *[o] por excelência; logo, percebe-se que ocorreu uma assimilação regressiva, cp. germ. **gulpa-* "ouro" > AN *†goll* (>

⁵¹ De acordo com Fortson IV (2004), o germânico tinha dois *ē: o *ē¹ seria uma continuação do IE *ē e o *ē² é considerado ter diferentes origens e nem todas explicadas. Ambas se mantiveram *ē no gótico; nas línguas do *continuum* Norte-Oeste, por outro lado, o *ē² se manteve *ē (AI/AAA *hēr* e AN *hēr*) enquanto o o *ē¹ se transformou em *ā (p. 304). De acordo com van Coetsem (1994, p. 79), após a fixação do acento na primeira sílaba, o *ē² surgiu no sistema de vogais longas como um produto reduzido do ditongo *ei*; *ē¹, por sua vez, se abriu para *[æ] após a "fragmentação dialetal permanente". Esse *ē¹ recebeu um traço mais aberto por conta da introdução do *ē², que realizou a abertura do *ē¹ *[æ] por motivos de distinção e, em sincronia posterior, se transformou em *ā* nas línguas germânicas do *continuum* Norte-Oeste. No Go., por outro lado, ocorreu a fusão do *ē¹ com o *ē² (p. 98-113, esp. 113).

isl./no./din. *gull*, sue. *guld*), AS, IA e AAA *gold*, mas Go. *gulp*. A ocorrência do *o* *[*o*] nos chifres de Gallehus (Møgeltønder, Dinamarca, séc. V) nas palavras *holtjaz*⁵² e *horna* e *dohtriz* “filhas” na pedra rúnica Tune (Østfold, Noruega, 200-450 d.C.) mostra que o *o* *[*o*] já tinha adquirido um status fonêmico no rúnico primitivo (NIELSEN, 2000, p. 206). É importante ressaltar que uma parte dos dialetos nórdicos, da parte leste, têm formas sem a mutação causada por *a* como, por exemplo, no sueco antigo *hult* (< germ. **hulta*- “bosque”), ao passo que nos outros dialetos nórdicos seria *holt* e também no norueguês *gol/v* (< *germ. **gulva*- “chão”), mas no dinamarquês *gulv*.

c) transformação do germânico *-ō final não acentuado⁵³ para -*u*. No RP há as seguintes atestações: *lapu* (“convite” nom.f.s.; bracteata de Darum, Jutlândia, Dinamarca, 450-550 d.C., germ. < **lapō*; no IE era *-ā, compare sanscr. *ásvā* “égua” e lat. *filia* “filha”), *minu* (“minha”, pron.f.m.s. com tema em ā, pedra de Opedal, Hordaland, Noruega, 350 d.C., < **meinō*) e *liubu* (“querida”, nom.f.s. com tema em *a*, mesma que a anterior, < germ. **leubō*). Correspondentes ao RP *lapu*, há IA. *laðu*, AN. *lqð*, MAA. *lat*, Go. *Lapons*. No gótico o tema é em -ōn). No AN tanto *lqð* quanto *bqrn* (“crianças”, nom.n.p.) sofreram primeiramente mutação causada pelo *u*, um processo exclusivo das línguas nórdicas, e em seguida, síncope, AN *bqrn* < **bqrnū* < germ. **barnō*, compare IA *bearn*, AS./AAA. *barn* (nesses casos o -*u* também sofre apócope após uma sílaba longa). A terminação germânica *-ō se encontra, portanto, no nom.f.s. com tema em *ō* **lapō* e **gebō* “presente” e no nom.n.p. com tema em ā como RP **barnō*. No Go., por outro lado, o descendente do germânico *-ō foi -*a*, cp. *giba* e *barna*.

d) germ. **ai* e **au* não acentuados sofreram monotongação em *ē* e *ō*, respectivamente. Como exemplos no RP há: *woduride* (“cavaleiro furioso”, dat.m.s. com tema em ā, Tune, Østfold, Noruega, 200-450 d.C.) e *magoz* (< germ. **magauz*, “do filho”, gen.s. com tema em *u*,

⁵² É um nome composto a partir de **Holta-gastiz*. Compare AAA *holtz*, AS, AI *holt* “madeira”. *Gastiz* seria “convidado”.

⁵³ Tem origem no IE *-ā

pedra de Vetteland, Noruega, 350 d.C). Compare, por exemplo, AN *degi*⁵⁴ ≈ AI *dæge* ≈ AS *dage* ≈ AAA *tage* “dia” (< germ. **dagai* “dia”, dat.s.) e AN *sonar* ≈ AS *suno* ≈ IA *suna* ≈ AAA *fridoo* (< germ. **sunauz* “do filho” e < germ. **fripauz* “da liberdade”, ambos gen.s.)⁵⁵. A terminação de 3 pessoa singular do subjuntivo de verbos fortes da classe IV também termina em *-ai*. Por exemplo: **beranan* “levar”: germ. **berai* “leva” > Go. *baírai* ≈ (> PR *berē* > AN *beri*) ≈ AI *bere* ≈ AAA *bere*. No Go. *daga* e *sunauz* como correspondentes dos exemplos acima (NIELSEN, 2000, p. 206).

Não evidenciadas pelo rúnico primitivo, mas que poderiam ser reconstruídas:

e) germ. inicial *pl-* permanece igual no gótico, mas se transforma em *fl-* nas outras línguas germânicas (AN *flýja* ≈ AI *flēon* ≈ AFris. *fliāa* ≈ AS/AAA *fliohan*, mas Go. *pliuhan* (SCHIMIDT, 2007, p. 58; NIELSEN, 2000, p. 213).

f) enquanto o germ. *z* (IE *z* ou *s* (Lei de Verner))⁵⁶ é mantido no gótico em posição final como *s*, ele se torna *r* no germânico do Norte e do Oeste. No germânico do Norte se torna *r* em todas as posições, mas no do Oeste apenas medialmente (e em posição final acentuada), sendo que em posição final não acentuada o *-z* desaparece em períodos mais antigos (NIELSEN, 2000, p. 213-214). Ex: germ. **dagaz* (> Go. *dags* e AN *dagr*, mas IA *dæg*, AFris. *dei*, AS *dag*, AAA *tag*); germ.

⁵⁴ O *-e* final do RP se transforma regularmente em *-i* no AN

⁵⁵ O germânico **-auz* vira *-o* no RP que, em sincronia posterior, se transforma em *-a*. Em uma sincronia anterior ao AS e AI havia, provavelmente o som **[ʒ]*, que originou *-a* no IA e AS (ou também o *-o* no AS).

⁵⁶ De acordo com Nielsen (2000, p. 214), não é fácil datar a mudança do *z* para o *r*. Ele critica as propostas de Schwarz (1951, 257) e afirma seguramente que tal mudança não foi implementada na Escandinávia até o final da sincronia do rúnico primitivo, pois não há confusão nas inscrições rúnicas entre as runas *ʝ* **[z]* e *ʀ* **[r]* em posição medial e final. Na inscrição rúnica de By (500-550 d.C., Buskerud, Noruega), Antonsen (1975, p. 80) demonstra que há *hrozaz* (AN *hrøra*, AAA *hruoren* “mover rapidamente”), *hroze* (veja *hrozaz*) e *azina* (AAA *arin*, *erin* “chão”, AN *arinn* “terra, plataforma”; compare latim *area* (IE **asynom*)). De acordo com Nielsen (2000), no território do germânico do Oeste, a mudança deve ter ocorrido um pouco mais cedo, mas os rastros cronológicos não estão disponíveis (p. 214). Nielsen (2000) afirma que a queda no germânico Ocidental é bastante tardia e que não deve ter ocorrido até (ou depois) do século III a.D (p. 166-167 e p. 243); Grønvik (1998, p. 96-98 apud Nielsen, 2000, p. 266, nota 2) atesta que esse processo se completou no germânico do Oeste cerca de 200 a.D., o que, de acordo com Nielsen (2000, p. 266), é pouco provável.

**maizan-* “mais” (> Go. *maiza*, mas AN *meiri*, Al *māra*, AS, AAA *mēro* e germ. **deuza* “animal selvagem” (> Go. *dīus*, mas AN *dýr*, Al *dēor*, AS *dior*, AAA *tior*). A transformação de *z* para *r* também não está evidenciada no rúnico primitivo (NIELSEN, 2000, p. 213) O gótico, que mantém como *s*, demonstra a conservação, justificada por conta da precoce separação.

g) De acordo com Fortson IV (2004), havia uma tendência do (IE **ě* >) **ě* virar **i*, sobretudo no gótico, onde ocorria em todos os ambientes. Ringe (2006, p. 220-224) afirma que, com relação ao *continuum* Norte-Oeste, tal alternância ocorreu nos seguintes casos: 1) quando a sílaba seguinte tinha um *i*, sobretudo no indicativo e imperativo presente de verbos temáticos (em sua maioria parte, verbos fortes): (germ. **bero* “eu levo” > IA *bere*; germ. **birizi* “tu levas” > IA *birst*)⁵⁷; 2) quando havia um **j* não silábico na sílaba seguinte: IE **séd-ie-* > germ. **set(j)an* > germ. do *continuum* Norte-Oeste **sitjan-* “sentar-se” (> AN *sitja*, IA *sittan*, AAA *sizzen*) e IE **lég^h-ie-* > germ. **leg(j)an* “deitar-se” (> AN *liggja* ≈ IA *licjan* ≈ AS *liggian* ≈ AAA *lickan/ligan* ≈ Go. *ligan*), mas IE **h¹ēd-* > germ. **etan* “comer” > (> AN *eta* ≈ IA/AS *etan* ≈ AAA *ezzan*, mas Go. *itan*) e IE **uōğh-éje-* > germ. **weganan* “se mover” (> AN *vega* ≈ Al *wegan* ≈ AS *gi-wegan* ≈ AAA *wegan*, mas Go. *ga-wigan*) e 3) antes de uma nasal na coda da mesma sílaba (nasal mais consoante): IE **b^hénd^h-e-* germ. > **bendan*⁵⁸ > germ. do *continuum* Norte-Oeste **bindan*-⁵⁹ “atar, ligar” (> AN *binda* ≈ Al/AS *bindan* ≈ AAA *bintan*; Go. *bindan*). As reconstruções do IE foram retiradas de Wodtko, Irslinger e Schneider (2008) e Kroonen (2013); do germânico de Kroonen (2013) e Ringe (2006).

⁵⁷ De acordo com Ringe, o IA foi o dialeto que melhor preservou essa alternância; o AN, por outro lado, nivelou todo o paradigma em favor do *e* (i.e. *ber*, *berr*); no AAA a alternância do *-*ō* final para *-*u* influenciou o nivelamento de **e* para **i* (i.e. *biru*, *biris*)

⁵⁸ Nenhum autor cita diretamente essa reconstrução, mas a colocamos por motivos didáticos

⁵⁹ Isso explica o motivo de haver duas vogais diferentes no infinitivo dos verbos fortes da classe III. Por exemplo, o já citado **bindan* (sequência de ablaut: *i*, *a*, *u* e *u*) vs. **helpan-* “ajudar” (*e*, *a* *u* e *u*) ou **werpan-* “jogar” (RINGE, 2006, p. 224); no Go., por sempre se tornar *i*, é *hilpan* e *wairpan*, que se pronuncia *[e].

h) De acordo com Nielsen (2000, p. 215), o IE *o* de palavras com, por exemplo, tema em *ō* e que precede uma nasal simples em uma sílaba medial não acentuada, se desenvolve para Go. *a*: 1ª pes.pl.ind. IE **bheromes* “levamos” > germ. **beromaz* > Go. *baíram*⁶⁰, ao passo que nos dialetos do *continuum* Norte-Oeste a vogal se mantém como *o* (> *u*) por conta da nasal seguinte (AN *berum*): germ. **dagamaz* (> Go. *dagam*) ≈ **dagomaz* (> **dagum* (> AN *dōgum* ≈ IA/AS *dagum* ≈ AFris. *degum* ≈ AAA *tagum* (“dia”, dat.p.m. com tema em *a*)))⁶¹. Não há cognatas das palavras acima no rúnico primitivo, mas há duas atestações em pedras rúnicas transicionais, que dizer, da sincronia posterior Era das síncope: *haborumz* “he-goats” e *hagestumz* “corcéis” (< germ. **haboromz* e **hagestomz*, dat.p.m. com tema em *a*, pedra de Stenottoften, Suécia, por volta de 600 d.C.)

Além de outras correspondências fonológicas entre o germânico do Norte e do Ocidente, Nielsen também exemplifica correspondências morfológicas, evidenciadas ou não no rúnico primitivo. Consulte Nielsen (2000) entre as páginas 205 e 208 para os paralelos evidenciados pelo rúnico primitivo e, na obra do mesmo autor, entre as páginas 210 e 215 para os paralelos que não são evidenciados.

Resumindo e com relação à cronologia: o processo a) **ē¹* > *ā* provavelmente antecede o ano de 200 d.C. e, de acordo com Nielsen (2000, p. 272), deve ou não deve ter ocorrido independentemente em vários locais do mundo germânico do *continuum* Norte-Oeste e b) evolução a vogal faltante **[o]* é secundária ao caso anterior. Também ocorreu uma simplificação das vogais utilizadas em sílabas não

⁶⁰ No AN e no IA

⁶¹ Os substantivos de tema em *o* no IE viram de temas em *a* no germânico (masculino e neutro) e os de tema em *eh²* no IE viram de tema em *ō* no germânico (RINGE, 2006, p. 269; FORTSON IV, 2004, p. 305). Segundo Fortson IV (2004), as terminações de plural de substantivos temáticos (com tema em *o*) são nom.animado/voc. **-ōs* (< **-o-es*), ac.animado **-ons*, nom.ac.não animado **-ā* (< **e-h²*), gen. **ōm*, abl./dat./instr. **o(i)bh-* e loc. **oisu* (p. 114). Com referência ao dativo plural: IE **-o(i)bh-* > Go. *-am*, mas nos outros dialetos germânico a forma *-om* que, segundo Nielsen, é mantida como *o* (> *u*); por isso supomos que a forma germânica deveria ser **dagomaz*, com uma variante **dagamaz*, que só deu origem no gótico. Com relação ao verbo germ. **beranan* “levar”, a forma em 1ª pes.pl.ind. **beromaz* com variante **beramaz* no Go.

acentuadas no RP, que exibe um máximo de sete vogais. Algumas modificações são: c) $*-\bar{o} > *(-\bar{u}) > *-u$ e d) $*-ai, *-au > \bar{e}$ e $\bar{o}$, respectivamente. Em termos de cronologia, a mudança $*-\bar{o} > *-u$ precedeu a $*au > \bar{o}$, que representam uma ordem de desenvolvimento chamada por van Coetsem (1994, p. 57-58) de relação *counterfeeding*. Com relação aos desenvolvimentos morfológicos não citados aqui, Nielsen (2000, p. 272-273) afirma que eles são difíceis de datar, da mesma forma que os paralelos fonológicos não atestados no rúnico primitivo, como por exemplo item e). Com relação ao item f), como a transformação de *z* para *r* não está evidenciada no rúnico primitivo (NIELSEN, 2000, p. 213), pois o RP apresenta apenas o *-z-* medial (Buskerud, Noruega, 500-550 d.C.), esse processo não se encaixa nessa sincronia.

Nielsen (2000) também apresenta paralelos entre o germânico do Noroeste e o nórdico; descarta, assim, os dialetos que formariam o antigo alto alemão. De acordo com o autor, tais inovações só podem ser posteriores às inovações gerais do germânico (com a não participação do gótico), acima apresentadas (p. 288-289).

2.3.2.2 SN² – O rúnico primitivo

Esta sincronia trata de inovações que se apresentam no RP (rúnico primitivo), com participação ou não do germânico do Noroeste. O período é a partir de 200 d.C.

l) do *continuum* Norte-Oeste ao rúnico primitivo (inovações que se apresentam no RP e com participação do germânico do Noroeste) (a partir de 200 d.C.):

a) a única terminação de participio passado forte atestada no rúnico primitivo é *-inaz* (IE **-enos*) de *faikinaz* (“ameaçado”, pedra de Vetteland, Noruega, 350 d.C.), *haitinaz* (“chamado, comandado”, pedra de Kalleby, Suécia, 400 d.C.) e *slaginaz* (“assassinado”, pedra de

Möjbro, Suécia, 400-550 d.C.). Reflexos do germ. **-inaz* ocorreram principalmente no nórdico⁶², antigo inglês e antigo frísio (junto com reflexos do germ. **-anaz* (< *IE *-onos*)). No AI há reflexos desse sufixo em *binumini* “tirado para longe de”, *forsleginum* „batido, morto“, no Afris. *fenszen* “pego“, *hvendsen* “enforcado” (mutação do *i* e palatalização). No AAA, Go. e alguns casos do AS e AI há reflexos do germ. **-anaz* ((> AAA *gibotan* ≈ Go. *budans*) < germ. **budanaz* “comandado”); ((AS/AAA *giboran* e IA *boren*) < germ. **buranaz* “carregado, trazido”), todos exibindo mutação causada por *a*, menos o gótico. Há, todavia, casos de **-inaz* em Go. como, por exemplo, *aigin* “propriedade”, adj. *fulgins* “escondido” vs. *aigan* “possuir”, filhan “esconder” e pp. *fulhans* “escondidos”, como também no AAA, pp. *abasnitine* “cortado” e talvez até mesmo no AS pp. *bismitin* “corrompido, poluído” e pp. *kumin* “vindo”.

De acordo com Markey (1976), a seleção de uma alternância competitiva entre os dialetos não pode ser utilizada como evidência para agrupamento dialetal (p. 26, apud NIELSEN, 2000, p. 165), o que não ajuda para posicionar o espaço dialetal do RP dentro do mundo germânico. A origem do AN como, por exemplo, *gripinn* (< “apreendido, captura”) parece ser **-inaz*, mas como há uma mutação causada pelo *a* nos verbos fortes de classe II e IV no AN, assume-se que a terminação **-anaz* já existia no nórdico. No entanto, muitas dúvidas surgiram ao tentar posicionar o rúnico primitivo dentro da geografia dialetal germânica utilizando dessa característica (i.e. **-inaz*) (NIELSEN, 2000, p. 208-209 e 164-165).

b) vocalismo analógico causado por *a* nos casos dat./gen.m.s.singular com tema em *n*. Nomes como *kepan* (“de kepa“, pedra rúnica de Belland, Noruega, 500 d.C.) e *halaiban* (“do pão“, estela

⁶² Os participios dos verbos fortes das classes II e IV são os únicos que têm a vogal **-o-* na sílaba anterior à terminação (classe II: germ. **fuzanas* “congelado” > AN *frosinn*; classe IV: germ. **buranaz* “carregado” > AN *borinn*). O participio da classe I tem a vogal **-i-* (germ. **gripanaz* “apreendido, tomado” > AN *gripinn*). De acordo com Nielsen (2000), a mudança do *u* de **buranaz* e **fuzanas* para *o* de *frosinn* e *borinn* só poderia ser explicada, de acordo com as leis fonéticas, se houvesse uma mutação causada pelo *a* (**u* > **o*), portanto provavelmente havia o *o* do sufixo **-anaz* no nórdico, mas ele foi analogicamente substituído pelo reflexo de **-inaz*, após a mutação consonantal: **fuzanas* > **frozanas* > **frozinas* > *frozinn* e, conseqüentemente, **gripanaz* > X > **gripinaz* > *gripinn*, como também as outras classes.

rúnica de Tune, Østfold, Noruega, 200-450 d.C.) correspondem ao AN *hana*, Al *honan*, AS *hanan* “galo”, em contraposição à terminação do IE **-en-*, que é um elemento que aparece no AAA (*hanen*, *-in*), ABFranc. *namin* “nome”, Go. gen. *hanins* e dativo *hanin* (NIELSEN, 2000, p. 209 e p. 155).

c) os substantivos com tema em *a*, que no gen.s.m./n. apresentam a terminação *-as* como, por exemplo, no rúnico primitivo *godagas* (“nome próprio” no genitivo, inscrição do penhasco Valsfjord, Noruega, 400 d.C.) e *asugisalas* (“nome próprio” no genitivo, cabo da lança Kragehul, Dinamarca, 300 d.C.), eram originalmente uma terminação pronominal idêntica não apenas ao sufixo da forma de escrita primitiva do IA, como em *dægæs* “do dia”, mas também às formas pronominais em gen.s.m/n. como IA *þæs* e *hwæs* (que pressupõe um *< *-as(a) < IE *-oso*). O AAA *tages* e Go. *dagis* (gen.m.s. com tema em *a*), por outro lado, se relacionam com as formas pronominais correspondentes a, por exemplo, *des*, (*h*)*wes* e *þis* e *hvis* “daquele” e “de quem” (*< *-es(a) < IE *-eso*); no AS há uma nuância entre *dagas* e *dages*. No AN o *a* sofreu síncope (por exemplo, *dags* “do dia”), mas as formas pronominais do islandês antigo *þess* e *hvers* apontariam para um vocalismo em *e*. Todavia, as formas pronominais do gen.s.m./n. em *-a-* são atestadas no sueco e dinamarquês antigos (*hwass*) junto com formas em *-e-* (*hwess*). (p. 150 e 209, consulte também BRØNDUM-NIELSEN, 1965, p. 387).

d) O sufixo de adjetivo forte do pronome possessivo masculino e singular em caso acusativo **-inō* em *minino* (“meu”, pedra rúnica de Kjølevik, Rogaland, Noruega, 450 d.C.) é, de acordo com Kruse (1971, p. 108) e Brøndum-Nielsen (IV 1962, p. 10), um reflexo acentuado de maneira fraca de **-āno* (**mīnanō*, compare Go. *meinana* e AAA *mīnan*), mas se levamos Brunner (1965, §324, apud NIELSEN, 200, p. 157) em consideração, a terminação deriva do IE **-inōm*, que reflete no IA *ænne* “um” em ac.m.s. e, de acordo com Streitberg (1974, 269b, apud NIELSEN, 200, p. 157) no pronome demonstrativo do dialeto anglo do IA *þene* “aquele” na forma ac.m.s. Nielsen, portanto, afirma que é muito

mais seguro conceber o sufixo IE **-inōm* como uma herança não só de *minimo* mas também de *hino* (“isso”, pron.dem. no caso ac.ms.s., pedra de molar de Strøm, Sør-Trøndelag, Noruega, 450 d.C.).

O autor também faz uma lista sobre inovações que ocorreram no germânico do Norte e do Noroeste, mas sem atestação no rúnico primitivo. Não iremos entrar em detalhe aqui, mas consideraremos duas:

a) O tema em *r* (genitivo singular) do Go. *fadrs* “do pai”, que corresponde ao IA *fæder*, AFris. *feder*, AS *fader*, AAA *fater* remete a um IE **pətrés/ós* (com uma substituição do germânico do Ocidente do grau zero por um sufixo temática de grau pleno), ao passo que o AI (AN) tem *fǫður*, que deriva de uma forma germ. **faðurz* (IE < **pətʰrs*), compare o sânscrito *pitúr* no grau zero e latim *patris* no grau pleno. O importante é citar que, além do AN, há paralelos nos dialetos de Mércia (i.e. *feadur*, *fædor*) e Nortumbria (*-fadur*, *fador*).

b) formas dos pronomes interrogativos e demonstrativos: AN *þeim* “aqueles” e *hveim* “a quem”, IA *þæm*, *hwæm*, AFris. *thām*, *hwām* (< vogal IE **-oi-*). Essas formas, como dito acima, não são atestadas no rúnico primitivo, mas no rúnico da Era viking há *þaim* (pedra Eggja, Noruega, 700) e *uiam* (pedra Rök, Suécia, 800). O vocalismo do *e*, representado no AS *them(u)* e *hwem(u)*, ABFranc. *themo* e AAA *demu* e *(h)wemu*, de acordo com Krahe, vem do IE **e-smō*, mas Dal tem a opinião de que as formas monosilábicas apresentadas pelo AS têm vogais longas e *(thēm, hwēm)*, por isso, são paralelas às formas do AN, AI e AFris (*ē* < *ai*). Em contraste, o AAA *themu* “deve ser considerado como um invasor do Sul” (1971, p. 184 apud NIELSEN, 2000, p. 218).

Uma apresentação desses e outras características encontradas no RP e comparadas com os outros dialetos se encontra em Nielsen (2000) entre a página 149 e 167. Os mais relevantes foram comentados aqui. De acordo com o autor, o item b), c) e d) mostram um claro vínculo entre o RP e o AS, IA e AFris. O a), apesar de ser um pouco duvidoso, também pode ser interpretado assim.

Há um outro item não citado aqui em que nas inscrições do RP o *n* é deixado de fora antes de *d* (ou *p*) (compare *widuhudaz* “cão da floresta”, fecho de Himlingøje, Dinamarca, 200 d.C, se esperaria **widuhundaz*); portanto, seria natural assumir que o *n* foi omitido antes do -s no primeiro elemento dos nomes pessoais *asugisalas* (“convidado de deus”, pedra rúnica Myklebostad, Noruega, 400 d.C.) e *asugisalas* (“nome próprio” no genitivo, cabo da lança Kragehul, Dinamarca, 300 d.C.), compare *ansu-* “deus”. Seria, de acordo com o autor, uma convenção de ortografia (p. 248). Por outro lado, vale lembrar que no nórdico o *n* cai antes de *s*: germ. **gans* “ganso” (> AI, AFris. *gōs*, AS **gōs/gās* [> MBA *gōs/gās*], mas AAA *gans* e GO. *gans*) e germ. **ansu-* “deus” (> AI *ōs*, AS *ās/ōs*) (NIELSEN, p. 166 e 208). Compare os nomes *Oswald* e *Anselm*. De acordo com Harrison (1918), o primeiro é uma composição entre *oss* “deus” e *w(e)ald* “poder” (compare AN *áss*, *óss*, pl. *æsir*), mas Go.*ans* e AAA *ans* e o segundo é uma composição entre *ans* “deus” e *helm* “capacete”.

Os dialetos do germânico do Noroeste trataram essa queda do *n* (antes do *f*, *s* e *p*) de maneira mais radical e sistemática e Nielsen (2000) afirma que a perda dessas nasais possivelmente ocorreram antes da partida dos anglos e dos saxões do Continente e também vincula essa mudança à criação de fonemas a partir do *ą* nasalizado (p. 248). Não há, ainda segundo o autor, atestações seguras de queda do *p* antes do *n* no AN e o número de palavras que apresentam a perda do *f* é restrito a duas (AN *fífl* “monstro, gigante” e ADin. e ASue. *toft* “local para construção”). A queda do *s*, por outro lado, é mais comum no mundo nórdico, como já mostrado acima.

A respeito da cronologia dessa queda, Nielsen comenta o nome pessoal *ąsmut*, inscrito na pedra Sölvesborg (pedra rúnica da igreja de St. Nicolai em Sölvesborg, Suécia, 750-800 d.C.). Na inscrição utiliza-se a runa **ansuz* (f), que serve para denotar o *ą* nasal e, por conta disso, indica que a perda do *n* não poderia ter ocorrido muito tempo antes da composição dessa inscrição, ou seja, entre o ano 750 e

800 d.C. e, conseqüentemente, não corrobora com a hipótese de que o desaparecimento do *n* antes de *s* foi um desenvolvimento compartilhado entre o germânico do Norte e do Noroeste. Discordando de Kuhn (1995, p. 41) que data a perda da nasal antes de fricativas no germânico do Noroeste à Era das grandes migrações, na assumpção de que o germânico do Norte estava parcialmente envolvido na perda mas, afirma que a perda da nasal antes de *s* (e *f*) é considerada uma mudança tardia e independente no germânico do Norte e que os desenvolvimentos no germânico do Noroeste devem ter ocorrido anterior ao período suposto por Kuhn.

II) do continuum Norte-Oeste ao rúnico primitivo (inovações que se apresentam apenas no RP) (a partir de 200 d.C.):

a) o ditongo germânico **ai*, que se torna **ā* antes de **h* e **r*, se manteve no RP *faihido* (“eu pintei”, pedra de Vetteland, Rogaland, Noruega, 350 d.C.), mas aparece como monotongo em *fahido* (pedra rúnica Rö, Bohuslän, Suécia, 400 d.C.). De acordo com Karl Martin Nielsen, ocorreu um desenvolvimento **ai* > **ā* antes de *h* e ele julga ser a única inovação peculiarmente escandinava (1975, p. 12 apud NIELSEN, 2000, p. 165). A mudança no AI e AFris de **ai* > **ā*, de acordo com Nielsen (2000), deve ser concebida como um desenvolvimento independente e sem conexão com o que ocorreu no NA e no RP (p. 165).

Conclui-se que o RP se distanciou do continuum Norte-Oeste e apresentou algumas inovações compartilhadas com o germânico do Noroeste, por conta provavelmente da imigração. Nielsen (2000) apresenta dois gráficos que explicam esses desenvolvimentos no mundo germânico:

Modelo estático (p. 288-290)⁶³:

⁶³ I: inovações de todos os dialetos do germânico (com exceção do gótico) (a partir do ano 100); II: inovações dos dialetos do germânico do Norte e do Noroeste (a partir do ano 200); III: inovações do germânico do Ocidente (ano 300); IVa: inovações do germânico do Noroeste (após

Nielsen apresenta algumas características principais, já discutidas aqui, em cada uma dessas áreas:

- I. Germânico do Norte/Oeste (100 d.C.) – (1) $\bar{e}^1 > \bar{a}$, (2) [o] > /o/, (3) $-\bar{o} > -u$ e (4) $-ai, -au > -\bar{e}, -\bar{o}$
- II. Germânico do Norte/Noroeste (200 d.C.) – (1) gen.d.m.s. com tema em *n*, $-an$; (2) gen.m.s. pronominal com tema em *a*, $-as$, (3) pronome interrogativo ou demonstrativo no caso dat.m. ou n.s. $-aim$, (4) gen.s. com tema em $-r$ AN *fōður*, IA (Angl.) *feadur*, *fador*.
- III. Germânico do Oeste (cerca de 300) – (1) perda do germ. $*-z$ não acentuado, (2) geminação consonantal antes de j^{64} , (3) pronomes demonstrativos utilizados em função relativa

ano 400); IVb: inovações no AAA (a partir ano 450) e V: inovações no germânico do Norte (ano 500).

⁶⁴ Geminação de consoantes (com exceção do *r*) antes de *j* e após sílabas curtas como, por exemplo, em substantivos de tema em *ja* e *jo* (germ. **kunja* “clã, família” (> IA *cynn* ≈ AS *kunni* ≈ AAA *chunni* ≈ AFris. *kenn*, mas AN *kyn* e Go. *kuni*) e nos verbos fracos da classe I, que são formados por um sufixo $-j-$: germ. **satjana* “colocar sentado” > (IA *settan* ≈ AS *settian* ≈ AAA *sezzen* ≈ AFris. *setta*, mas NA *setja* e Go. *satjan*). Nielsen (2000) ainda afirma que tal inovação foi ao Norte em uma escala reduzida (p. 214-215). No rúnico primitivo há uma atestação: *kunni* (runas Weser Brake, Baixa-Saxônia, 300 d.C.), que está um pouco distante do ambiente

- IV. IV. Germânico do Noroeste (após 400 d.C.) – (1) ruptura do *a* para um *ā* nasalizado e outro não nasalizado, (2) perda da nasal antes de *f*, *s*, e *þ* com alongamento vocálico compensatório, (3) terminações uniformes no pres.ind.pl. e (4) *h*- adicional ao pronome pessoal (nom.m.s.) “he”.
- V. IVb. Antigo Alto Alemão (após 450) – (1) mutação consonantal, (2) ditongação do *ē*² para *ō*, (3) introdução do -e ao dat.m. ou n. s. dos pronomes interrogativos e demonstrativos e (4) generalização dos pronomes monossílabos em -*r*.
- VI. V. Germânico do Norte (após 500) – (1) perda do *j*- e *w*-, (2) síncope do *a*, *i* e *u*, (3) ruptura e (4) introdução dos sufixos morfológicos do nórdico.

escandinavo e, segundo Nielsen, até recentemente (com relação à data da publicação), se pensava que a inscrição era uma fraude (p. 78).

germânico do Noroeste e do Oeste, tanto em espaço quanto em tempo; no modelo dinâmico, por sua vez, a primeira ruptura do *continuum* Norte-Oeste foi do rúnico primitivo. Vale reparar, vendo por um ângulo diferente, que poderia haver um *continuum* dialetal Norte-Oeste a partir do qual as características do rúnico primitivo e do germânico do Oeste começaram gradualmente a tornar-se visíveis (NIELSEN, 2000, p. 381).

O segundo modelo também permite explicar alguns paralelos que o IA compartilha com o rúnico primitivo. Em vista disso, seria possível criar a hipótese de que teria ocorrido uma imigração de falantes do rúnico primitivo entre 400 e 450 para as ilhas britânicas, participando, assim, da fusão de uma língua germânica independente. Uma convergência linguística tardia focada apenas na combinação de características do germânico do Oeste e do Noroeste ocorreu na Inglaterra e quando o IE surgiu após o ano 700, ele já era uma língua bastante homogênea. Mas mesmo assim o IA manteve um grau de variabilidade que se entrelaça tanto com a Escandinávia quanto com a região do mar do Norte na Alemanha (NIELSEN, 2000, p. 290-293). O germânico do Oeste se dissolveu com as inovações da parte sul (i.e. AAA) e as inovações do germânico Ocidental eram contemporâneas com as do rúnico primitivo.

O autor resume seus gráficos da seguinte maneira: o modelo estático é sincronico e orientado pela modelo da teoria de ondas, ao passo que o modelo dinâmico é diacrônico e foca na herança genética e nas quebras dialetais.

2.3.2.3 SN³ – A Era das síncope

Esta sincronia se inicia no séc. VI e percorre até por volta da metade do séc. VIII. É a sincronia que tem como característica principal as síncope do *a*, *i* e *u* após sílabas longas e, por isso, foi dado esse nome, seguindo a terminologia de Seip (1955, p. 19). Nielsen (2000) afirma que tais fenômenos como síncope, mutação vocálica e ruptura

também ocorreram em outros dialetos do germânico (p. 256). Os seguintes estudiosos trataram do período de transição: Antonsen (1994, 1975), Grønvik (1998, 1987), Birkmann (1995), Schulte (1998), Isakson (2000) e Barnes (1998) e entre as apresentações de Linguística Histórica que ultrapassam o material evidenciado pelas inscrições rúnicas após 500 d.C. devem ser mencionados também Skautrup (1944), Seip (1955), Wessén (1995, 1975) e Haugen (1976).

Ocorreram, portanto, mudanças no nórdico primitivo (NP)⁶⁵ e, assim, surgiu, um período de transição, chamado nessa dissertação de Era das síncope⁶⁶ (500-750), que faz a ponte entre o final do rúnico primitivo e o início da Era viking, que tem o alfabeto *futhark mais jovem*⁶⁷ de dezesseis letras (NIELSEN, 2000, p. 95, 255).

Nielsen (2000) afirma que a essa sincronia pertencem as pedras rúnicas de Sölvesborg, do condado de Blekinge⁶⁸, Suécia (por volta do ano 625, i.e., Gummarp, Istaby, Stentoft), a pedra rúnica de Björketorp, que está localizada a 35 milhas ao leste de Sölvesborg (ano 675) e a pedra rúnica Eggja (700, Sogndal, Noruega), que tem 180 runas em sua inscrição. O autor também insere na análise dessas características transicionais as pedras rúnicas Glavendrup, Rønninge e Tryggevælde (Dinamarca, por volta do ano 900), que fazem parte de um período um pouco posterior, considerado como o início da Era viking; as duas primeiras são da região de Fyn e a terceira da região do Leste de Sjælland e todas têm características homogênicas (p. 95, 98).

Algumas características dessas pedras rúnicas apresentadas por Nielsen (2000, p. 95-98, 255-265) são:

⁶⁵ Nórdico primitivo (tradução de *Early Norse*) para indicar a fase em que começaram a surgir características tipicamente nórdicas do período de transição do rúnico primitivo.

⁶⁶ Nielsen (2000) define o período de transição como o período em que as características mais antigas tipicamente nórdicas aparecem e cita Birkmann (1995), que afirma que esse período vai entre 500 e 750 d.C. (p. 268, nota 26). Esse termo também é utilizado por Skard (1973) e Seip (1955). Haugen (1976) chama esse período de *Common Scandinavian* e afirma que dura de 550 até 1050, ou seja, ele não separa em duas sincronias. Vikør & Torp (2000, p. 113) inserem esse período no rúnico primitivo (i.e. *eldre runetid*), ou seja, não distinguem um período transicional.

⁶⁷ Tradução proposta de *Younger Futhark* e *Yngre Futhark*, no inglês e norueguês respectivamente.

⁶⁸ Era território dinamarquês a partir do séc. IX, aproximadamente.

a) os descendentes da runa **jāra* **[j]*, que é representada por *ᚿ*, ** (Gummarp, Stentofte e Björketorp na Suécia; Eggja na Noruega⁶⁹) e ᚠ (Istaby, Suécia) passaram a denotar *a*, ou seja, o nórdico começou a perder a inicial **j-* (rúnico primitivo **jāra* > AN *ár* “ano”; mas AAA *jār*, IA *gēar*, AFris. *jēr* e Go *jer*). Há outras pedras desse período citadas por Nilsen (2000) na página 256. Ele também afirma que a perda desse *j-* provavelmente não ocorreu muito antes do ano 600 d.C.; a pedra rúnica de Vallentuna (Vallentuna, Suécia, 600 d.C.), que é arqueologicamente a mais antiga a ter tal característica, corrobora com tal afirmação.*

b) perda do *w-* antes de vogais arredondadas anteriores, que não se reflete, por exemplo, nas inscrições da região de Blekinge: na pedra rúnica de Gummarp (600-650) *hapu(-)wolafa* “lobo da batalha”, mas há tal inovação em *orte* “formou” na pedra rúnica By (Buskerud, Noruega, 500-550 d.C.) e na pedra Sölvesborg (Sölvesborg, Blekinge, Suécia, 675 d.C.), porém não há na pedra de Tjörkö, *wurte* (Blekinge, Suécia, 500 d.C.). Essa característica também se encontra em inscrições a partir de 700 como *upin* (“Odin”, IA *Wōden*, tema em *a*) e o particípio perfeito *unin* (“ganhado”, IA *wunnen*), ambos no fragmento do crânio de Ribe (Dinamarca, 725 d.C.) e em *ulfs* (“do lobo”, gen.m.s., em IA *wulfes*) em uma inscrição do início da Era Viking (Tryggevælde, Dinamarca, cerca de 900 d.C.). Primeiramente, Nielsen (2000) afirma que, ao menos que as formas com *-w* sejam arcaísmos, uma variação deve ter ocorrido na Escandinávia durante um período dificilmente determinado; em segundo lugar, o princípio da perda do *w-* deve ter sido um evento relativamente precoce, por conta da pedra rúnica By (500-550 d.C.), que é subsequente ao período das bracteatas (400-500).

c) mistura entre as runas *ᚱ* *r* e *ᚷ* (*z*): na pedra Istaby (Blekinge, Suécia, cerca de 650 d.C.) há *afatz* *ᚱᚷᚠᚠᚷ* “após” com *z* *ᚷ* e não *r* *ᚱ*, como era esperado (< germ. **after*). Isso sugere que nesse

⁶⁹ A antiga runa **ansuz* *f* passou aparentemente a ser utilizada para a nasal (NIELSEN, 2000, p. 98)

período o *z* estava se aglutinando com o *r* em posição silábica final e seguido por uma obstruente. No fim dos primórdios da Era Viking, deixou de existir a distribuição etimologicamente correta de *-z* *[*-z*] e *-r* *[*-r*] como representações dos sons germânicos *[*z*] e *[*r*] e, conseqüentemente, na pedra rúnica dinamarquesa de Tryggevælde (Dinamarca, cerca de 900 d.C.) tem-se: **R†P†*I†R ʁNʁIʁ** “irmã de Ragnhild”, onde se percebe que o *-R* (< germ. **rangnhildīz*) e o *-ʁ* (< germ. **swestēr*) estão sendo utilizados incorretamente, mas não se encontra tal erro em **ʁNʁIʁ suniz** (< **suniwiz* “filhos” em Glavendrup) e **RN††ʁ runaz** (< **rūnoz* “runas” em Glavendrup). Nielsen conclui que a mistura entre os dois sons não está entre os desenvolvimentos mais antigos e, ainda assim, é difícil sugerir uma data precisa para tal emergência.

d) a cisão do alofone */ð/ do fonema germânico *[*d*] e a fusão com o fonema *[*θ*] ainda não tinha se completado até o séc. VIII, momento em que formas como *uiþz* “contra” e *upin* “Odin”, inscritas no fragmento do crânio de Ribe (Dinamarca, 725 d.C.), testemunham a reestruturação. A palavra NP *uiþz* remonta ao germânico **wipra* e a palavra *upin*, ao germânico **wodanaz*. Em todas as línguas germânicas, menos o AN, a última tem *d* [**d*], quer dizer, se reestruturou, e a primeira tem formas como ing. *with* (< IA/AS *wip*) e Go. *wipra*.

Outros exemplos são as palavras *hagiradaz* (nome pessoal, caixa de Garbølle, Sjælland, Dinamarca, 400 d.C.) e *dohtriz* (“filhas”, runa Tune, Noruega, 200-450 d.C.) A primeira apresenta o *d* /*ð/ (germ. < **-rēdaz* “conselho”, que deveria ser pronunciado [**d*]) e, portanto, é um alofone do fonema *d* [**d*] da segunda palavra. Por conta disso, apenas o antigo nórdico tem cognatas de **-rēdaz*, cujo *d* [**d*] germânico é pronunciado [**ð*] (compare IA *ræd* ≈ AS *rād* ≈ AFris. *rēd* ≈ AAA *rāt*, mas AN *rað*); o gótico, por ser parcialmente uma boa fonte de conservação, tem a palavra *-rēdan* “aconselhar”. No mesmo período

havia *prijoz* (“três”, runa Tune), que tem étimo no germ. **prī-* (compare IA *prī* ≈ Afris. *thrē* ≈ AS *thrīe* ≈ AAA *drī* ≈ Go. *preis*).

e) apócope do *a*, *i* e *u*, que são fundamentais para compreender a transição do RP para o nórdico. Podemos separar três processos aqui: a apócope dessas vogais (-*u* > -Ø), suas retenções na pedra rúnica por conta de conservações (-*u* se mantém) e suas retenções porque sofreram o encurtamento vocálico de uma forma anterior longa (-*ū* > -*u*). Atesta-se a síncope dessas vogais na posição final em sílabas não acentuadas e seguidas de sílabas longas.

■ Com relação ao *a*:

Nas inscrições suecas de Stentofen, de Istaby e de Björketorp, que são atribuídas à região de Blekinge, há respectivamente, *wolafz*, -*wulafz* (ambas significando “do lobo” gen.s.com tema em *a*; < germ. **wufaz*; compare AN *úlfs*) e *hAerAmAlausz* (“sem descanso”; < germ. **lausaz*; compare AN *lauss*). Mas há conservações em *hermAlAsAz* na pedra de Stentofen. Após uma sílaba curta, o *a* se conserva em *eka* (“eu”, Stentofen; compare AN *ek* e a forma -*Ak* na Björketorp). Na pedra rúnica norueguesa de Eggja, do mesmo período, ocorreu a síncope do *a*: *fiskz* (“peixe”, nom.m.s. com tema em *a*, < germ. *fiskaz*; compare AN *fiskr*) e *stain* (“pedra”, ac.m.s. de tema em *a*, < germ. **staina-*; compare AN *stein*⁷⁰), enquanto as pedras rúnicas em rúnico primitivo Tune (Østfold, Noruega, 200-450 d.C.) e Vetteland (Noruega, Rogaland, 350 d.C.) conservam o *a* na palavra *staina*. A respeito das pedras suecas: *haukz* passou por processo de síncope (“falcão”, nom.m.s. com tema em *a*, pedra de Vallentuna, Suécia, 600 d.C.; < germ. **haðukaz*; compare AN *haukr*), mas a pedra de Ellestad (Söderköping) conserva o *a* após sílaba curta (*eka* “eu”).

⁷⁰ Propomos o desenvolvimento da seguinte maneira: germ. **staina* > RP *staina* > NP *stAin* > AN *stein*

Na Dinamarca, tanto as inscrições do crânico de Ribe (725 d.C.) *upin* (“Odin” < germ. **wodanaz*; AN *Oðinn*) e o particípio perfeito *unin* (“ganhado” < germ. **wunnanaz*, compare AN *vinnandi*) quanto a inscrição de mesmo período na pedra de Flemløse 1 [st]Ain (“pedra”, nom.m.s. de tema em *a*, < germ. **stainaz*; compare AN *steinn*, Fyn, Dinamarca, 725 d.C.) apresentam síncope e assimilação (*-*naz* > *-*nz* > *-*nn*⁷¹).

Na pedra de Eggja há vários casos de *a* não acentuado como, por exemplo, o sufixo -*a* de *gotna* (“homens”, marcador de tema em *n*, no caso gen.m.p.; compare AN *gotna*), que provém do sufixo -*ō* do proto rúnico, ou seja, a vogal não apenas deixou de ser arredondada, mas também se encurtou (NIELSEN, 2000, p. 98). Ele também é visto em *runaz* (“runas”, caso ac.f.p. de tema em *ō*, Istaby, Björketorp, Glavendrup, < germ.**runōz*; AN *rúnar*;). Uma palavra em que o *a* se mantém é *stAbA* (“bastões, ac.m.p. com tema em *a*, Gummarp, Suécia; < germ. **staban(n)* < **stabanz* (compare Go. -*ans dagans* “dias” e AN *daga*, *steina*), por conta da nasal. O *a* também é visto na palavra *stAinAz* (“pedras, nom.m.p., com tema em *a*, pedra de Rävsaal, Bohuslän, Suécia, 600-650 d.C.; < germ. **stainōz*; compare Go. -*ōs* em *stainōs* e também AN *steinar*). Propomos: germ. **stainōz* > RP *stAinAz* > NP **stAinAR* > AN *steinar*.

Nielsen explica que a vogal longa *ō*, ao ser encurtada, se identificou com a vogal curta não acentuada mais próxima foneticamente: a vogal *a*. Nesses casos ocorreu a manutenção do *a* por conta do encurtamento que passou a partir do *ō*. Vale considerar aqui que a transformação do *ō* para o *ū* ocorre quando não há influência de alguma nasalização ou consoante em seguida, compare *lapu* (“convite”

⁷¹ De acordo com Nielsen (2000, p. 263), com base na palavra *wulafz* (“lobo”, nom.m.s. com tema em *a*, Istaby, Suécia, 625 d.C.), assume-se que a forma *stAin* no nórdico primitivo foi inicialmente **stAinz* (comparado com a terminação -*az* do RP). Portanto, propomos: germ. **stainaz* > RP **stAinAz* > **stAinz* > NP *stAinn* > AN *steinn*. Nielsen (2000) afirma que tal assimilação ocorreu após 700 d.C., compare com a palavra *upin* “Odin” do fragmento do crânio de Ribe (725 d.C., < germ. **wodanaz*).

nom.f.s.; bracteata de Darum, Jutlândia, Dinamarca, 450-550 d.C., germ. < **lapō*).

De acordo com Nielsen (2000), cronologicamente deve-se concluir que a síncope causada pelo *a* esteve em operação na Dinamarca, Noruega e Suécia antes e por volta do ano 600 e a conservação vista principalmente na inscrição de Ellestad (2000) sugere que a mudança não se concluiu em todos os lugares ao mesmo tempo (p. 9-12, 21, apud NIELSEN (2000, p. 260).

■ Com relação ao *i*:

Com relação à síncope do *i*, na posição final e após sílaba longa, *hAidz* (“brilho”, < germ. **haidiz*), e *barutz* (“quebra”, 3ª p.s, < germ. **brikidi*), ambas da pedra rúnica de Björketorp (675 d.C.) sofrem a síncope; por outro lado, há uma conservação do *i* em *hidez* e *bariutip* na pedra de Stentoften (650 d.C.). A pedra de Eggja também passa por tal inovação: *manz* (“homens”, nom.p. com tema consonantal; < germ. **manniz*; compare AN *menn*).

O *i* não acentuado é visto em *trutin* (“marido, senhor”; ac.m.s.com tema em *a*; Glavendrup, Dinamarca, 900 d.C.; < germ. **druhtinā*; compare AN *dróttinn*, AI *dryhten*, AS *druhtin* e AFris. *drochten*) e em *suniz* (“filhos”, nom.m.p com tema em *u*; Glavendrup, < germ. **sunīz* < germ. **suniuiz*, compare AN *synir*, AS/AAA *sunī*). No primeiro, provavelmente por estar anterior a outra sílaba não acentuada e o segundo por vir de uma vogal longa (**iui* > **ī* > *i*) e também:

■ *uarpi* (“aquele que tornar”, 3ªp.s.subj.; Glavendrup e Tryggevælde, Dinamarca, 900 d.C.; < germ. **werdai*, compare AN *verði*)

■ *traki* (“aquele que arrastar”, 3ªp.s.subj., Glavendrup e Tryggevælde; < germ. **dragai*)

Essas duas últimas formas provêm do germ. *-*ai*, compare Go. *waírpai*;

■ *sati* e *karpi* (“erigiu” e “fez”, 3^ap.pret.s.ind. dos verbos fracos da Classe 1; Glavendrup, Tryggevælde e Rønninge). Propomos o seguinte desenvolvimento etimológico: AN *setti* < NP *sati* < PR *sate*⁷² < germ. **satidē*⁷³ e AN *gerði* < NP *karpi* < PR **karpe* < germ. **garwidē*).

A respeito dos substantivos, há, por exemplo, a palavra *welAdAude* (“morte insidiosa”, caso dat.m.s. com tema em *a*, Björketorp). Como parte integrante da composição, *-dAude*, que de acordo com Antonsen provém de um germ. **daupai*, compare AN *daudi*, AI *dēoðe*, AAA *tōde*, etc., portanto, em um monumento não tinha ocorrido a transição para *i*. Há, portanto, uma fusão que gerou *ē* a partir do reflexo de dois sufixos germânicos (*-*aie* *-*ē*) distintos (NIELSEN, 2000, p. 162). Percebemos também, nos dois exemplos acima que a vogal *ē* resultou na vogal *i* no rúnico de transição ou nórdico primitivo.

O sufixo *-iz* do patronímico *hAeruwulAfiz* (caso nom.m.s., Istaby) representa uma contração do germânico *-*ijaz* por meio de *-*īz*, que tem uma vogal longa e explica porque não ocorreu a síncope, mesmo com a redução da vogal para *-īz* (Nielsen, 2000, p. 96).

Com relação ao *hagestumz* (“corcéis”, caso dat.m.pl., Stentoft), de acordo com Nielsen, não há dúvidas de que o *e* representa o *i*, compare germ. **hanhistaz* “cavalo” e **hangistaz* “corcel” (ambas no caso nom.m.s.). A respeito da inscrição rúnica de Eggja, há uma considerável variável entre *i* e *e* em sílabas finais não acentuadas: *made* “friccionou”, *sakse* “faca, espada”; *huni* “topo do mastro”, *misurki* “malfeitor”, *wiltiz* “selvagem”, que, de acordo com Nielsen, seria uma variação influenciada por harmonia vocálica (*i* depois de uma vogal fechada e *e*, depois de uma não fechada). Tanto o sufixo de *sakse* quanto de *huni* remontam ao sufixo do germânico *-*ai*. Além do mais, *made* (< germ. **mawidē*⁷⁴) é o pretérito singular indicativo de um verbo

⁷² Forma encontrada na pedra de Gummarp, por exemplo. Provavelmente pronunciado [*ē]

⁷³ Nielsen afirma que a forma *sate* perdeu o *i* medial não acentuado após sílaba curta, compare com a forma *satido*, 1^a p.sing.ind. na runa de Rö, Bohuslän, Suécia, 400 d.C.).

⁷⁴ De acordo com Spurkland (2005, p. 70)

fraco, similar ao *sate* (< germ. **satide*). Portanto, Nielsen afirma que o *ē* e o *ī* se fundiram em posição não acentuada, resultando em *i*.

Nielsen afirma que há controversias se a síncope do *a* e do *i* ocorreram no mesmo período ou se a do *a* foi um evento mais precoce. Grønvik (1987, p. 171) constata que o nórdico primitivo (diferentemente do gótico) preserva o *-i* (e o *-u*) quando seguidos de uma sílaba curta após o período de início da síncope (apud NIELSEN, 2000, p. 260).

■ Com relação ao *u*:

A respeito da síncope do *u*, ela ocorreu, como esperado, em posição final não acentuada e após sílaba longa como, por exemplo nas palavras *sba* (“profecia”, nom.f.s., germ. < **spahu* < **spahō*, Björketorp, 625 d.C., compare AN *sp̥*), em que ocorreu um alongamento vocálico compensatório e na palavra *fahi* (“eu pinto”, 1ª p.s., germ. < **fāhiu* < **faihiu*, pedra de Noleby, Västergötland, Suécia, 600 d.C.). Por outro lado, na palavra *solu* **[sōlu]* (“sol”, dat.f.s. com tema em *ō*; Eggja, Sogndal, Noruega, 700 d.C; AN *sólu* ≈ *sól* < *solu* < RP **[sōlō]* < germ. **sōwulōi*⁷⁵) não houve a perda da vogal, por conta talvez, de acordo com Nielsen, de distinção. A síncope também não ocorreu após sílaba curta: *alu* (“mágica, proteção”, ac.n.s., tema em *u*, pente de Setre, Noruega, 650-700 d.C. e pedra de Kinneve, Suécia, 600 d.C., compare AN *q̥l*). No território dinamarquês pré-Era Viking⁷⁶, o *-u* também desapareceu após uma sílaba longa mas se conservou após uma curta: como exemplos de sílabas curtas em posição anterior *asmu(n)t* (nome pessoal, ac.m.s.) e *sunu* (“filho”, ac.m.s. com tema em *u*, 750-800; < germ. **sunu-*, compare AN *son*), ambas gravadas na pedra rúnica da igreja de St. Nicolai em Sölvesborg. De maneira similar, o *-u* foi mantido em *brupursunu* (“filho do irmão”, ac.m.s.), mas caiu posteriormente em *kupumu(n)t* (compare AN

⁷⁵ Nossa proposta de desenvolvimento etimológico

⁷⁶ A região conhecida como Skåneland, localizada no sul da península escandinava e que compreende as províncias atualmente suecas Blekinge, Halland e Scania, como também a ilha dinamarquesa de Bornholm, era território dinamarquês a partir, aproximadamente, do séc. IX. A data da pedra rúnica foi retirada em Nielsen (2000, p. 100).

Gudmund, ac.m.s.), ambos na pedra rúnica de Fyn, Dinamarca, 790 d.C. A vogal, porém, foi sincopada um pouco depois nas pedras de Tryggevælde e Rønninge (compare *sun*, ac.m.s. 900 d.C.). As pedras suecas de Rök e de Kälvesten (825 d.C.) têm a forma não sincopada (*sunu*, ac.m.s.).

Outras formas em que se conserva o *u* nas runas dinamarquesas do ano de 900 d.C. são: *karpu* (“fizeram”, 3pes.pret.pl.ind., Glavendrup, 900; < terminação do germ. **-dēdun*) (compare AN *gørðu*; Go. *-dēdun*, AAA *-tun*), *raupum* (“vermelho”, Rønninge), *faþur* (“pai”, ac.s.), *brupur* (“irmão”, ac.s.) (compare AN *faður*, *bróður*) (NIELSEN, 2000, p.95-100). O sufixo *-ur* deve provir de um sufixo do IE *-or-*, que se tornou *-ur-* quando precedido de *u*: no germânico seria **faðorum* e **brōporum* (CAMPBELL, 1959, §631, apud NIELSEN, 2000, p. 99). Temos a hipótese de que o *-u* se manteve, por exemplo, em *karpu* e *raupum* por conta da nasalização posterior.

A síncope do *u* não ocorreu, por exemplo, na forma *writu* **[wrītu]* (“escrevo”, 1ª p.s.; < germ. **writō*; fibula de Eikeland, Rogaland, Noruega, 500 d.C., compare AN) porque o *u* é reflexo do sufixo de 1ªp.s. do germânico, quer dizer, o *-ō*; o mesmo ocorre em *gibu* (“eu dou”, bracteata de Sjælland II, Dinamarca, 450-550 d.C.; < germ. **gibō*).

A respeito dessas três síncopes, Nielsen (2000) conclui que a síncope do *u* é posterior à do *i* e, especialmente, à do *a* (p. 261) e, apesar da evidência do *sunu*, Grønvik assume que o *i* e o *u* foram sincopados contemporaneamente após uma sílaba curta (1987, p. 171-172 apud NIELSEN, 2000, p. 261).

f) as inscrições rúnicas anteriores ao ano de 700 d.C. não indicam a implementação da mutação causada pelo *i* das vogais anteriores. A síncope do fator condicionante *-i-* em palavras como *barutz* (“quebra”, 3ª p.s, Björketorp, Suécia, 675 d.C.) e *manz* (“homens”, Eggja, Sogndal, Noruega, 700 d.C.), com cognatos no AN *brýtr* e *męnn*, sugere que a formação dos fonemas gerada pela mutação causada pelo *i* ocorreu anteriormente ou, pelo menos, ao mesmo tempo que a síncope do *i* nessas

palavras. No geral, as inscrições do *futhark* mais jovem da Era Viking (início) não representam grafemicamente as vogais que sofreram a mutação (NIELSEN, 2000 p. 108 e 261), mas a inscrição no fragmento do crânico de Ribe (cerca de 725 d.C.) grafa *ia* (para *æ*) na palavra *uiarki* [**værki*] (“dor”, dat.m.s. < germ. **warki-*, compare AN *verk*), que provavelmente representa o reflexo do *a* mutacionado pelo *i* (STOKLUND, 1996, p. 206 e 1997, p. 26, apud NIELSEN, 2000, p. 261). Da mesma maneira, assume-se que a forma sincopada nAkdan (“nu”, Eggja, Sogndal, Noruega, 700 d.C.) deve ter passado pela mutação do *u* (apesar da escrita com *A*), por conta da forma no AN *nøkviðr*.

Nielsen (2000) conclui que a mutação causada pelo *i* e pelo *u* não deve ter sido iniciada após a síncope das vogais condicionantes (p. 261).

g) as atestações mais antigas da ruptura do *e* antes de *a* e *u* não acentuado são: *hAerAMA-* (Björketorp, Suécia, 675 d.C.) e *hAeru-* (“espada”, Istaby, Suécia, 625 d.C., compare AN *hjör-*). Magnússon (2008) apresenta as seguintes cognatas para *hjör-*: AI *heoru*, AS *heru* e Go. *hairus* (< germ. **heru*). Compare a forma sem ruptura: *herAmA-* (“resto”, Stentoften, Suécia, 625 d.C., mas AN **hjarm-*). Outros exemplos são *hialb* (“ajuda”, fragmento do crânico de Ribe, Dinamarca, 725 d.C., germ. < **helpō*) e *skialta* (“escudo”, Rønninge, Dinamarca, 900 d.C., compare AN *skjaldar* em gen.m.s. com tema em *u*). Tradicionalmente, a datação do processo de criação de fonemas a partir da ruptura se vinula com a síncope do *a* e do *u* (BRØNDUM-NIELSEN I, 1950, §93), mas a manutenção do *-a-* e *-u-* nas runas de Blekinge certamente não contradiz a interpretação de Steblin-Kamenskij, que afirma que a ruptura do AN não se deve ao desaparecimento das vogais traseiras não acentuadas (1957, p. 90-91, apud NIELSEN, 2000, p. 262). De acordo com Steblin-Kamenskij, o que de fato verifica-se é o surgimento de um alofone a partir do /*ě*/, o [*e^a*], que consequentemente se transformou em um cluster fonêmico /*ia*/. O autor ainda explica que esse alofone em forma de ditongo coincide com o alofone não silábico de /*i*/ em

tais combinações como /iū, iō/, como um resultado de mudança fonética gradual, portanto, a ruptura se deve à existência de tais combinações (p. 90-91, apud NIELSEN, 2000, p. 262).

h) É evidente que ocorreu uma mudança drástica ao comparar as formas sufixais *barutz* (-z) (“quebra”, 3ª p.s., Björketorp, Suécia, 675 d.C.) e *bariutip* (-ip) (Stentoften, Suécia, 625 d.C.). No primeiro caso ocorreu a síncope do *i*, o que fez com que permitisse a aglutinação da fricativa dental com a consoante final do radical verbal; portanto, embora a síncope do *i* não tenha ocorrido primeiramente após sílabas curtas no nórdico (compare *sítiz* “senta” na pedra Rök, Suécia, cerca de 825 d.C.), a incerteza criada a partir da primeira onda de síncope do *i* criou a necessidade de haver uma nova terminação sufixal para substituir a plosiva alveolar (ou terminação zero), que alterna com a fricativa, representando as formas da 3ª p.s. Há basicamente duas explicações da inserção do -z na 3ª p.s.⁷⁷ (< germ. *-idi*). De acordo com Nielsen (2000) o presente singular do nórdico passou de um modelo de três formas para um de duas formas: uma marcando a primeira pessoa (o falante) e o outro marcando a segunda e terceira pessoa. Independente da explicação sobre a introdução do -z na terceira pessoa, poucas dúvidas surgem a respeito da cronologia da mudança, que acontece claramente nas inscrições de Blekinge (p. 264).

A síncope do *a*, *i* e *u* após sílabas longas esteve em uma posição pivô nos desenvolvimentos fonológicos e morfológicos mais drásticos nessa sincronia. Anteriores às mutações e síncope, estão a queda do *j*- e especialmente a queda do *w*- antes de vogais traseiras arredondas e, após 700 d.C., ocorreu a cisão do alofone /**ð*/ de [**d*] e a fusão com [**θ*] e ainda posteriormente a coalescência do -z [**-z*] final não acentuado com o -r [**-r*].

⁷⁷ a) mudança de -ð para -z (-R) (HAUGEN, 1976, p. 158; Brøndum-Nielsen VIII, 1973, §782,1) e b) transferência da terminação de 2ª p.s. para a 3ª p.s. (Krahe, II, 1969 §69). Arlotto (1972, p. 154-156) afirma que do ponto de vista semântico a terceira pessoa é mais indefinida (i.e. a parte sobre a qual se fala) do que a primeira e a segunda pessoa, uma situação que se adequa à observação tipológica de que a maioria das línguas no mundo tem a forma de terceira pessoa não marcada (apud NIELSEN, 2000, p. 264).

No período de transição, portanto, começaram a desenvolver características nórdicas, mas o momento definitivo de quando isso ocorreu não é muito exato. Foi demonstrado no item e) que a síncope do *a* já ocorria antes e por volta do ano 600 d.C. Com relação à redução do *ō* para *a*, é de importância perceber que a inscrição de Stentoften tem *runoz* (“runas”, ac.f.p. com tema em *ō*), ao passo que as inscrições de Björketorp e Istaby têm *runaz*; portanto, tanto o *-oz* quanto o *-az* são reflexos do germânico **-ōz*, e o AN *-ar* de *rúnar* é uma herança desse desenvolvimento. Há outros casos como: *runo* (“das runas”, nos casos gen.f.p., Stentoften e Björketorp, < germ. **runō*). No AN é *rúna* (gen.f.p.) e *rúnar* (ac.f.p.). Em outras palavras, há um paralelo direto da terminação em *-a* com tema em *a* com o germ. **-ōz*, **-ō*; e as variantes de Blekinge, acima citadas, sugerem que a mudança de *-ō-* para *-a-* era um processo em evolução.

Grønvik (1987) postula uma mudança com três estágios do RP para o nórdico (primitivo) no que se refere às formas do nominativo/acusativo masculino singular/plural com tema em *a*. A forma intermediária seria aquela em que o RP *-a(-)* (< germ. **-az*; nom.m.s. com tema em *a*) é sincopado e a vogal *-ō-* não reduzida (RP **dagoz* < germ. **dagōz*, nom.f.p. com tema em *a*)⁷⁸; além do mais, nesse estágio no caso ac.m.p. com tema em *a* do RP **-an* (< germ. **-anz*) é retida a nasalização (**-ã*) (p. 168-169 apud NIELSEN, 2000, p. 263). Em seguida, o RP **dagoz* viraria **dagaz* no NP, que, por sua vez, se transformaria em AN *dagar*. O germ. **stainaz* sofreria tais leis: RP **stAinAz* > **stAinz* > NP *stAinn* > AN *steinn*.

Nielsen (2000) conclui que o início do sistema nórdico esteve, de acordo com Grønvik, intrinsicamente atado à apócope do *a* e, portanto, é um ponto de vista que ele não sente a necessidade de discordar (p. 263).

⁷⁸ No exemplo dado por Grønvik ele utiliza a palavra *runoz* que, apesar de não ter tema em *a*, mas em *ō*, tem a mesma terminação de nom.p. (compare germ. **runōz*). O autor exemplifica com a fíbula de Eikeland (Rogaland, Noruega, 500 d.C.), que exibe o nome pessoal *wiz* com a síncope (< germ. **wizaz*) e também a palavra *runoz* (NIELSEN, 2000, p. 270, n. 37)

O fator mais importante para comprovar que apenas o AN seria uma continuidade do RP é a vogal *o*. Demonstraremos tal comprovação a seguir.

De acordo com Nielsen (2000, p. 79), as vogais não acentuadas do IA, com base nos manuscritos mais antigos, eram: *[i]*, *[æ]*, *[u]*, e *[a]* e do AS, *[i]*, *[æ]* / *[a]*, *[u]*, e *[a]* / *[ɔ]*.

Comparação entre o desenvolvimento da vogal **-ō-* do germânico com a vogal correspondente do antigo nórdico e com o inglês e saxão antigos, que não era acentuada:

Germ.	RP > AN	IA	AS	AAA
*-ōn ⁷⁹	-o > -a/Ø	*(-a) ⁸⁰ > -æ (-e) ⁸¹	*(-a) > -e ou -a ⁸²	*(-a) > -a
*-ai ⁸³	-e > -i	*(-ē) > -æ (-e)	*(-ē) > *-e ou -a	-e
*-e ¹	-a	*(-a) > -æ (-e)	*-a > -e ou -a	
*-ō ⁸⁴	-o > -a	*(-ō) > -a	*(-ō) > -o ou -a	-o

⁷⁹ Terminação de casos como nom.s.f. de tema em *n*, ac.s.f. de tema em *ō* e 1ª pess.pret.ind. Portanto, a forma germânica em nom.s.f. com tema em *n* **tungōn* originou IA *tunge*, AFRis. *tunge*, AS **tunge* ou **tunga*, AAA *zunga*, mas RP **tungo* (> AN *tunga*). Há o correspondente *lamo* (em forma n.s.f. com tema em *n*, de Udby, Skovgårde, Dinamarca, c. 200 d.C.). Como exemplo de ac.s.f. em *ō* há germ. **runōn* que originou IA **rune* (há, por exemplo, *giefe*), AS **runa*/**rune* (há, por exemplo, *geƿa*), AAA **runa* (há *gēba*), mas RP *runo* > PN **runa* > AN *rún*. Essa terminação provém do IE **-ām* (Sanscr. *Āsvām* “égua” e lat. *filiam*). Com relação à 1ª pess.pret.ind: IA **fawode* (mas há *fremede*), AS **tōida* ou **tōide* (há *fremida*), AAA **zawita*, mas PN *tawido* (> AN **táða*). Essas reconstruções foram tiradas de Nielsen (2000, p. 77-79).

⁸⁰ Nielsen (2000) inclui o estágio do germânico do Noroeste **(-a)* antes de se tornar *-æ* (p. 101).

⁸¹ Na versão (Moore) da Nortúmbria (norte da Inglaterra e sudeste da Escócia) do hino de Caedmon, o típico *-es* do IA era escrito inicialmente como *-aes* ou *-æs*: *-ricaes* “do reino”, *metudaes* “de Deus”, *-cynnæs* “do parentesco” e não *rices*, *metodes* e *cynnes*, portanto, gen.sing. *-æs* (< **-as*). Posteriormente o *-æ* seria escrito *-e*.

⁸² No manuscrito Heliand S é *-e* (*thiorne*, *ine*, *ire giboren*) e no Heiland C, *-a* (*thiorna*, *ira*, *giboran*).

⁸³ Terminação do dativo masculino singular com tema em *a*. No RP há *woduride* “cavaleiro furioso”, cuja segunda parte da composição teria origem no germ. **ridai*. Não existente em inscrições rúnicas, porém reconstruído há **dage* “dia”, que gerou o AN *degi*. No IA corresponde a **ride* (há, entretanto, *dage* “dia”, *cyninge* “rei” ou **dagæ/cyningæ*). No AS Heliand C há *cuninga* e no Heliand S há *cuninge*. No alemão antigo, por sua vez, *tage*, *cuninge*.

*-au ⁸⁵	-o > -a	*(-ō) > -a	*(-ō) > -o ou -a	-ō
--------------------	---------	------------	------------------	----

Com base nessa tabela, percebe-se que o germânico *-ōn (no Go. *tuggō* “língua”) se mantém como -o no RP (200-550), que se transformou em -a na sincronia posterior (600-900 d.C.); ao passo que aparece como *-æ nos primeiros textos do IA. No AS, por sua vez, há as terminações -e ou -a, que serão explicadas abaixo. O germânico *-ō (no Go. *tuggōnō*) corresponde ao rúnico primitivo -o, que virou -a no período de transição; no germânico do Noroeste, por outro lado, se transformou em *-a (*-ō), tendo em vista que no IA/AS há a terminação -a (com cognata -o no AS), no AAA -o foi conservado.

O germânico *-ai, que vira *-æ no IA e AS, se funde com o -æ, originado do germânico do Noroeste *-a (<-ōn ou -e¹); no RP, por sua vez, é inscrito como -e (> AN -i).

De acordo com Nielsen (p. 83) é possível determinar um sistema vocálico não acentuado do germânico do Noroeste, mas é óbvio que tal sistema não poderia ter existido até o reflexo fronteado de *-a (<-ōn ou -e¹) ter se fundido com o descendente de *-ai.

Com relação à mudança do -o para o -a (em sincronia anterior -ō), pode ser interpretado como um processo tardio em cadeia: no IA foi completado no tempo da emergência dos primeiros textos (cerca de 700), ao passo em que no AS não foi concluído até o séc. IX e XX (Klein, 1977, p. 528-9, apud NIELSEN, 2000, p. 83). A fusão do germânico *-a e *-ai nas línguas germânicas do Noroeste deve, portanto, ter sido antecedida por um sistema vocálico não acentuado

⁸⁴ Terminação do caso gen.pl. de radical em *n*. No RP há *arbijano* “dos herdeiros” que teria origem em um germ. **arbijanon*. No IA há *gumena* “dos homens” e *tungena* “das línguas” e no AS *gumono* e *tungono*, mas há também *gumona*, no AAA, por sua vez, *hanono* “dos galos”. Por exemplo, no manuscrito Heiland S é -a (*uuillia*, *kuninga*, *gumona*) e no Heliand C, -o (*uuilleo*, *cuningo*, *gumono*).

⁸⁵ Terminação do caso gen.sing.(masc.) de radical em *u*. Há no RP *magoz* “do menino”, que é herança do germ. **magauz*. No IA corresponde a **maga* (com atestação em *suna* “do filho”) e no AS *suno* ou **suna* e no AAA **suno*.

consistente de cinco vogais: /i, æ, a, o, u/, compare com a forma do AAA. O AAA não passou por tal fusão.

Na bracteata de ouro de Undley, Suffolk, Inglaterra (fim do séc. V) está inscrito *gægogæ mægæ medu*. Eichner (1990) compreende a primeira parte como “será destinado” (< germ. *ga-gō-gai; verbo em 3ªp.pr.s.subj.), *mægæ* (*mægæ*) (dat.m.s. com tema em *a*) e *medu* (nom.f.s. com tema em *ō*) (p. 315-318, apud NIELSEN, 2000, p. 91). Portanto, de acordo com Nielsen, se a transliteração de Odenstedt (1983, 1990) de *f* como *æ* e a tradução de Eichner estiverem corretas, a bracteata de Undley carregará o momento da evolução desse sistema vocálico não acentuado no germânico do Noroeste, quer dizer, há a terminação *-ai, que deu origem à terminação verbal em *gægogæ* e também ao dativo da palavra *mægæ*. Uma vez que ocorreu um fronteamento da vocal não acentuada *a* (< germ. *ē¹) para *æ* em *gæ-* (< germ. do continuum Norte-Oeste *ga-; RP *magoz* “filho”, AS/AAA *māg* “parente”, mas Go. *mēgs* “genro”), a inscrição mostra que nesse tempo uma fusão deve ter ocorrido entre os reflexos não acentuados do germânico *-a e *-ai, sugerindo, assim um sistema não acentuado de quatro unidades (/i, æ (<*-ai e *-a), (a <) ̄, u/). O -u de *medu* (mēdu) remonta ao germânico *-ō e a síncope desse -u só ocorreria em tempo posterior (compare IA *mēd* “recompensa”).

Geograficamente, há dois textos no AS que marcam as duas formas apresentadas: textos do grupo -e e -a da parte leste e sudeste da área (Ostfália e Engern) e textos do grupo -a e -o, da parte sudoeste (Vestfália). De acordo com Klein (1977, p. 529, apud Nielsen, p. 82), o sistema fonológico desses dois sistemas era respectivamente /-i, -æ(e), -a, -u/ e /-i, -a, -o, -u/ e ambos seriam reflexos de um sistema vocálico mais antigo /-i, -æ, -̄, -u/, que teria origem em um sistema de cinco vogais ainda anterior /i, æ, a, o, u/. Decisivo para a diferença do número de vogais não acentuadas, em comparação com o AAA que tinha cinco (/i, -e, -a, -o, -u/), foi o fronteamento do -a para -æ, que se fundiu com o -e /-æ/ (< germ. *-ai; germ. *dagai “dia” no caso dat.m.s.

com tema em *a* > AAA *tage*, IA *dæge*). A fusão entre os reflexos do germânico **-ai* e **-a* ocorreu em toda a área do AS, sendo representados por *-a* no grupo de textos do tipo “a” e *-e* no grupo de textos do tipo e.

Dois textos, Heliand S e Heliand C, demonstram essas diferenças: em palavras em que há *-æ* (< germ. **-ōn*, *-e¹*) no Heliand S, há *-a* no Heliand C e em palavras em que há *-a* (< germ. **-ō* ou **-au*) no Heliand S, há *-o* no Heliand C. Nielsen (2000) afirma que no grupo *-e*, *-a* do AS (Heliand S) a transformação **-a* > **-æ* foi seguida da mudança de *-o* para *-a* fazendo com que esse modelo de AS parecesse com o grupo vocálico do primórdio do IA e também do primórdio do AFris. Aparentemente houve uma forma **-ō* (< germ. **-ō*) antes de dar origem ao *-a* do germânico do Noroeste.

Conclui-se que ao assumir que *lamo*, *runo* e *tawido* derivam do germânico **-ōn* e que *arbijano* e *magoz* dos, respectivamente, germ. *-ō* e **-au*, as vogais do germânico do Noroeste *-e*, *-a* (*-a*, *-o*) não poderiam ter origem no RP, em que ocorreu uma fusão. De acordo com Samuels (1972), não é possível que as línguas do germânico do Noroeste (e o AAA) pudessem reviver distinções vocálicas consistentes uma vez perdidas pela fusão (p. 34, apud NIELSEN, 2000, p. 89). Portanto, uma vez que a distribuição das duas vogais do IA é etimologicamente determinada, *æ* como desenvolvimento do germ. (**-on*) e *a* do germânico **-ō* e **-au*, o vocalismo do IA (germânico do Noroeste) não poderia ser originado do rúnico primitivo no que se refere ao *ō* (p. 102). Nielsen também conclui que o AAA é muito mais conservador do que as outras línguas do germânico do Ocidente no que diz respeito à preservação do comprimento silábico, mas, ao mesmo tempo, muito mais inovativo em desenvolver um sistema longo que correspondente completamente com o sistema curto (p. 89-90). Nielsen (2000) explica a hipótese de haver uma forma comum tanto para o nórdico quanto para o germânico do Noroeste, mas afirma que as informações demonstradas pelas runas de Blekinge, Eggja, entre outras, evidenciam uma transição gradual do RP para o nórdico, que é o sucessor legítimo (p. 103).

2.3.2.4 SN⁴ – A Era dos Vikings

Este é o período (do séc. VIII até 1050) em que os dialetos começaram a se fixar em suas áreas: os dinamarqueses olhavam mais para o Oeste (Inglaterra e França), os suecos para o Leste (Báltico e Rússia) e os noruegueses para o oeste e Norte (SEIP, 1931, p. 38). O autor também apresenta as inovações linguísticas desse período. Inicialmente ele cita o aparecimento dos artigos definidos enclíticos e da forma reflexiva (*kalla* “chamar” > *kallast* “ser chamado”). Com relação aos vocalismos, o autor cita:

► Mutação causada por consoante palatal (mutação do *g*, *k* e *ng*): é parecido com a mutação causada por *i*. Ocorre em casos que um *i* surge em vez de *ě* (PG *slaginaR*, compare alemão *geschlagen*) ou do *ē*, que é mais antigo (compare AN *degi* de germ. **dagē*). O *i* influencia o *a*, que vira *e*. Portanto, *genginn* “ido”, *tekinn* “tomado”, mas *malinn* “pintado” e *farinn* “viajado”. Esse processo ocorre especialmente na parte oeste da Escandinávia (Noruega e Islândia).

► Mutação causada pelo -R: é uma assimilação de contato e tem a mesma consequência que a mutação causada pelo *i*. A palatal R, que no PG surgiu de um *s*, influencia por assimilação de contato a vogal anterior. Tal processo ocorreu antes da mesclagem entre os dois *r* (o -R e o *r* mais antigo). Portanto: germ. **glaza* “vidro” (compare AN e isl. *glar*, mas din. *glar*) e do PG **suR* “porca” formou-se *sýr* no AN e isl. Essa modificação não ocorreu em todo o norte. No sueco há em alguns dialetos, no dinamarquês não há.

► Mutação causada pelo *u*: ele já ocorreu em período anterior após sílabas longas e, em seguida, caiu. Uma vez que o *u* após consoantes curtas se manteve após o ano de 800, essa nova mutação causada pelo *u* dificilmente aconteceu antes do séc. IX. Além do mais, ela ocorreu em sua maior parte na parte Oeste.

► Monotongação: *ei* (do antigo *ai*) torna-se *ē* e *au* e *ey* tornam-se *ø* longo. É um processo compartilhado pelas línguas

germânicas e, antes de virem para o norte, já havia ocorrido no antigo saxão e antigo frísio; por conta disso, é um processo que foi do sul para o norte. Em 800 já ocorria no noroeste da Alemanha, em 900 na Dinamarca (*rispi*, na runa de Asferg, 970-1020, corresponde ao AN *reisti* “elevou”), etc. Por volta do ano 1000 a monotongação já havia dominado a Dinamarca. Na Suécia ela ocorre no Sul após o ano 1000, no centro um pouco mais tarde (*stin*, na runa U 1143 do tipo Ingvar, entre 1036 e 1041, corresponde ao AN *steinn* “pedra”). Segundo Skard, o processo se concluiu por volta de 1200, com exceção de algumas áreas no Oeste, Norte e Leste. A respeito da Noruega, na Era Viking esse processo não foi de grande importância. Uma ocorrência é a monotongação das formas superlativas *mestr* e *flestr* (compare com a forma comparativa *meiri* e *fleiri*). Ambas as palavras significam *mais*, mas o primeiro tipo é incontável e o segundo é contável. Portanto, a monotongação é um processo muito mais do Leste do que do Oeste.

► Ruptura do e: na Era Viking a ruptura foi realizada em palavras como mioðr “hidromel” < meðuR, com a provável apócope do *u* após sílaba curta. Em palavras que restaram o *a* e o *u* final acredita-se que a ruptura ocorreu por volta do ano 900, pois os escaldos rimam *blað* “folha” e *fjaðrar* “da pena (do pássaro)”.

► Fechamento sonoro: o nasalizado *ǫ* vira *ó* no fim da Era Viking. Tem-se essa hipótese por conta da utilização da runa ansuz ʀ (*a*) após o ano 1000 no lugar da vogal *o*, que resultava numa uma confusão. A palavra *Ólafr* (< *ǫlafr*), por exemplo, vêm de **AnulaiðaR* e *Ósló* (< *ǫss*) de **ansuR-*).

► Abertura sonora e > æ: os escaldos separam nas rimas o *e* original (por exemplo, no pronome *ek* “eu” (de *eka*)) e o *e* (æ) gerado na mutação do *a* causada pelo *i* (como em *ferð* “viagem”, de **farði*). Mas o *e* original que fica entre *v* e *r* (como, por exemplo, *sverð* “espada”) ou que fica após *v* e parcialmente após *b*, *r*, *l* em “sílabas fechadas” (como, por exemplo, *vegr* “caminho”) soa sempre como *æ* já em poemas anteriores ao ano 1000. Isso pressupõe uma mudança de *e* para *æ*, que

também se apresenta na língua escrita antes do ano 1200. Dessa maneira, isso mostra que o *e* nessa posição se abriu e recebeu uma pronúncia que corresponde à de hoje em dia (compare com sua forma original em palavra como no alemão *Schwert* “espada”) (Skard, 1973, p. 59). Essa abertura sonora ocorreu em diferentes dialetos; no dinamarquês e sueco ocorreu de maneira universal antes do ano 1000 (SEIP, 1955, p. 48).

Com relação aos consonantismos, os autores citam a aférese do *h* (antes de *r*, *l* e *n*). O processo ocorreu no dinamarquês já por volta de 800, mas no islandês ainda se mantém. Nos manuscritos mais antigos de norueguês a aférese ocorreu em todas essas posições. A aférese do *v* ocorreu já por volta de 800 na parte Oeste, mas o *v* se mantém em expressões fixas e também em alguns dialetos do sul e sudeste da Noruega (Agder, Telemark, Viken) e também no sueco e dinamarquês. O *v* também some após sílaba longa: *Noregr* “Noruega” (< **Norðvegr*) e mais raramente *Norvegr* (SKARD, 1973, p. 59). Seip e Skard apresentam outras quedas, que não consideraremos aqui (1955, p. 49 e 1973, p. 59, respectivamente).

Alguns processos assimilatórios são, por exemplo uma nasal junto com um plosiva vozeada: *mp* > *pp* (lat. *campus* > AN *kappi* “luta”); *nt* > *tt* (germ. **wintruz* > AN *vetr*, mas din. *vinter* “inverno” e *nk* > *kk* (germ. **brinkaz* > AN *brekka*, mas din. *brink* “beirada), por outro lado, AN *drekka*, din. *drikke*, sue. *dricka* e ale. *trinken*. Esses processos ocorreram muito mais no nórdico do Oeste. No dinamarquês e sueco e partes dos dialetos noruegueses do leste esses processos ocorrem mais no final das sílabas. O processo *ht* > *tt* (*nátt* “noite” e *átta* “oito”) é geral e ocorre no período anterior, da Era das Síncopes.

Assimilações progressivas que ocorrem em toda a área nórdica: *lp*, *np* para *ll*, *nn* (*gull* “ouro”, *annarr* “segundo”, mas ale. *Gold* e *ander*). E também as mudanças de *lR*, *nR* e *sR* para *ll*, *nn* e *ss* ocorrem em toda a área nórdica, principalmente em nom.s.m. de substantivos, adjetivos e participios fortes: *stóll* “cadeira” (< **stolR*), *heill* “saudável”

(<*heilR), *heitinn* “chamado” (< **heitinR* < *haitinaR* < germ. **haitandz*), etc. (SKARD< 1973, p. 60). Seip apresenta muitos outros processos entre as páginas 50 e 53 (1955).

De acordo com Skard (1973) e Seip (1955), a separação entre o Oeste e o Leste já se iniciou no período anterior, uma vez que a parte Leste tem formas sem a mutação causada pelo *a* (*hult* em sue., mas *holt* em nor. “madeira”) (p. 28, 65; p. 59). A mutação causada por consoante palatal, a causada pelo *u* e as assimilações são mais fortes no oeste, ao passo que a ruptura é mais frequente no Leste. Por outro lado, a fronteira entre essas duas configurações linguísticas não é rígida: a monotongação tão frequente no Leste não se aplica na ilha sueca de Gotland e ela é presente nos dialetos noruegueses do Leste.

2.3.2.5 SN⁵ – O antigo nórdico

Esta sincronia percorre de 1050 até 1350. Seip (1955) divide esse período em três fases: primórdios do nórdico antigo (1050 até 1150), norma de Trønder e norma de Bergen (1150-1300) e do antigo nórdico até o médio norueguês (1300-1370). Skard (1973) coloca essas três fases em um único grupo: o antigo nórdico. Indrebø (1951) segue basicamente o mesmo raciocínio, mas considera desde o 700 até 1350 como *den norrøne tid* “a era nórdica”, dentre o qual há o *vikingtidi* “era dos vikings”, de 700 até 1050 e o *gamalnorsk* “norueguês antigo”, de 1050 até 1350. A única diferença de Skard para Indrebø é que ele inicia a era viking em 800. Haugen (1976), por sua vez, chama o período de 500 até 1050 de *common scandinavian* e de 1050 até 1350, de *old scandinavian*. Torp & Vikør (1993) chamam todo o período de 700 até 1350 de *norrønt* (p. 32) e o divide em duas fases: *yngre runetid* “era das runas mais novas” (700-1050) e *klassisk norrøn tid* era nórdica clássica (1050-1350).

Os autores também afirmam que o período nórdico clássico foi de grande importância literária na Noruega, apesar de terem sido os

islandeses aqueles que mais contribuíram para a nova escrita, uma vez que eram designados pelos próprios reis noruegueses para escreverem suas bibliografias. Uma norma escrita, na verdade, não existia nesse período e a maior parte das escrituras eram realizadas em mosteiros e chancelarias, onde se iniciaram algumas convenções, mas mais variadas, uma vez que havia muitos centros políticos, econômicos e religiosos. Apesar dessa variedade, até aproximadamente 1350, é considerado que os letrados na Noruega escreviam em um idioma, hoje chamado de *gammalnorsk mál* “antigo nórdico norueguês”, que não se diferenciava muito do *gammalislandske mál* “antigo nórdico islandês”, uma vez que foram os próprios noruegueses que colonizaram a Islândia em 874. Essa, portanto, era a língua das sagas islandesas e norueguesas.

Seip (1931) afirma que a língua escrita se mudou abruptamente por volta de 1370. Até esse momento, não se podia falar de língua nacional na Noruega, muito pelo contrário, os manuscritos refletiam o crescimento das divergências dialetais e cada centro tinha sua própria tradição de escrita (HAUGEN, 1976, p. 189). Segundo o autor (p. 190), os manuscritos mais antigos da Noruega se originaram em Nidaros (atual Trondheim), a sede do arcebispo (de 1152) e de alguns reis, e em Bergen, apesar de Hákon V Magnusson (1299-1319) ter consagrado Oslo como capital e movido a chancelaria real para lá em 1299; por conta disso, havia duas tradições diferentes nesse período: de Trondheim e de Oslo. Seip (1931, p. 342) afirma também que antigamente a Noruega tinha uma língua mãe (*gammalnorsk mál*) utilizada como uma língua escrita, mas esta nunca teve tempo e tranquilidade para desenvolver-se de maneira homogênea sob a influência de uma língua falada central, devido às concorrências já citadas entre as tradições e entre os tais centros políticos, econômicos e religiosos. Além dos conflitos internos, a influência política do sueco e do dinamarquês também bloquearam o desenvolvimento dessa nova formação linguística nativa no final do século XIV.

Neste período ocorreram muitas reduções vocálicas em posição atona. Nesta posição, e após uma sílaba longa, o *a* pode sofrer um afrouxamento para *æ*. Isso ocorreu, por exemplo, na palavra *fulæ* “horrível” em uma inscrição rúnica (Trondheim, ac.f.sg. ou gen.m.sg.) (< *fúla*). Seip cita o manuscrito islandês (i.e. Livro de sermões do antigo islandês) em que ocorrem reduções: *elle* por *ella* “senão”, *feóre* por *færa* “viajar” (eó = *æ*). Tais reduções em pequenas palavras átonas ocorrem no norueguês em um período posterior. Seip cita outras reduções que envolvem o norueguês do leste (1955, p. 72). A realização da mutação causada pelo *u* também foi variada em certas áreas, o que causou uma variação dialetal: nas partes mais antigas do livro de sermões do antigo nórdico foram utilizadas formas sem mutação como *stuð* (em vez de *stoð* “apoio”). No livro de sermões do antigo islandês há em alguns sermões casos sem a mutação, pois são uma versão do livro de sermões do antigo norueguês. Conclui-se que os noruegueses têm menos mutação causada pelo *u* do que os islandeses, mesmo que ambos dialetos sejam do Oeste.

Skard (1973) também cita que após 1300 encontram-se formas de plural com redução: *manædær* “meses”, formas pronominais como *annær* “segundo, outro” e *hennær* “dela” e verbos *orkæ* “influenciar, afetar”, *orkær* (no pres.), *orkædæ* (no pass.), *orkæt* (no part.). O norueguês do leste começa a enfraquecer as vogais cheias que se encontram no sufixo de palavras com duas sílabas quando a primeira sílaba é longa, mas mantém a vogal cheia quando ela é curta e isso explica a *jamvekslov* “lei balanceada”, que justifica a existência em alguns dialetos de dois tipos de verbos: uns que termina em *-e* e outros que terminam com *-a*. O enfraquecimento fez com que a vogal final *a* (e *u*) tenha se afrouxada e, assim, passada a ser pronunciada como um *e* puxado para *ø*: “vogal média” que foneticamente se transcreve como *ə*.

Essa forma de redução parece ter começado em Oppland e tal tendência ficou mais forte por volta de 1200, de maneira que se disseminou em toda a área do Leste.

O norueguês do Oeste segue um outro princípio. Antes de 1300 parece ter havido uma tendência sob desenvolvimento, especialmente no *bergensk*, e em um dialeto do Leste, no Sul de Østfold, que seguiu o modelo do norueguês do Oeste. Neste caso o comprimento da raiz não teve nenhuma influência na redução. A distribuição ocorreu de maneira que a redução se realizou após uma raiz curta ou longa, nas áreas com dialetos que terminam apenas com -e (há regiões no Sul e no Norte e, também, o dialeto de Bergen), ou não se realizou em nenhuma situação, nas áreas com dialetos que terminam com -a (parte sudoeste) (p. 91-92). Processos de redução após 1300 são apresentados por Seip (1955) no período entre o antigo nórdico e norueguês médio (p. 252-253).

Uma outra característica dialetal são: *tn > nn*, *tl > ll*, *hv > v*, manutenção de *vr* (SEIP, 1955, p. 83), que ocorreram no Sudeste. Outras assimilações são comentadas pelo autor nas páginas 78 e 79. Outros desenvolvimentos são:

► Harmonia vocálica: encontra-se nas pedras rúnicas de 1050 até 1150. Há uma assimilação progressiva uma vez que a qualidade vocálica na sílaba final é determinada pela vogal da sílaba anterior: vogais altas na raiz pedem *i* e *u* (*himni* “céu” no dat.sg.ind., *guðum* “deus” no dat.pl.ind.) e vogais baixas pedem *e* e *o* (*lande* “terra, pais” no dat.sg.ind. < *landi*, *toco* “tomaram, pegaram” < *toku*) (SKARD, 1973, p. 90-91).

► Mais processos de síncope.

► *Jamning* (assimilação entre vogais): prep. *ifir* em vez de *yfir* “sobre”; *firir* em vez de *fyrir* “na frente de”. Junto com a *jamvekslov* “lei de balanço”, esse processo teve uma grande importância em alguns dialetos: assimilação parcial entre vogais: *vita > veta* “saber”; e total: *vita > vata*, *vâtâ* “saber” (SKARD, 1973, p. 93)

► Mutaço causada pelo *u*: novamente ocorre esse processo com a conseqente queda do *u*, s que nas regies onde no havia ocorrido anteriormente como, por exemplo, na costa e nas cidades

(SKARD, 1973, p. 93). Uma forma especial de mutação causada pelo u é conhecida como mutação por conta de consoante labial, quer dizer, ocorre a labialização do *i*: *silfr* > *sylfr* “prata”, etc. Seip atribui esse processo ao período das normas de Bergen e de Trondheim (1955, p. 123).

► Mutação progressiva causada pelo *j*: processo mais comum no nórdico do Leste, uma vez que se iniciou no sueco por volta de 1050 e no dinamarquês por volta de 1100. No norueguês é mais comum nos dialetos do leste e no Islandês e Feroês nunca ocorreu. Exemplo: *fjall* > *fjæll* “montanha” e *jafn* > *jæfn* “o mesmo” (Skard, p. 93). Seip também atribui esse processo ao período das normas (p. 122-123)

► Motongação: ocorrem casos de monotongação no norueguês do Leste e do sudeste e, apesar de haver casos no islandês, isso se deve por conta da origem norueguesa do escriba. No ano de 1200 há muitos exemplos de monotongação, principalmente antes de uma consoante longa ou combinação de consoantes, mas também há vários casos antes de consoante não geminada, ou seja, sílaba longa: *gleyma* > *gløma* “esquecer”; *draume* > *drøme* “sonhar” e *seint* > *sent* “atrasado”. Após 1300, uma vez que o norueguês do leste ganhou força, essa simplificação ficou ainda mais comum.

► Epêntese: ela pode ocorrer em várias posições, mas no antigo nórdico é mais comum antes do *r* (*Olafr* > *Olaver*). Após 1300 esse processo começou a se difundir. A qualidade da vogal é indeterminada, uma vez que algumas vezes correspondem com a vogal da sílaba ou anterior e, mais frequentemente, insere-se um e ou æ. Na parte oeste (Voss e parcialmente em Hardanger) e na Islândia há bastante casos com *u*, já na parte Leste, *a* (Skard, 1973, p. 94). Seip apresenta esse processo em várias fases: nos primórdios (p. 68 e 72), na fase das normas (137-141) e no antigo nórdico (257-259).

► Tjukk L “L espesso”: o *-rð* antigo se desenvolveu diferentemente no norueguês do leste e do oeste: no do leste o *r* e o *ð* se assimilaram para a velar *ʃ*, portanto *-oʃ*; no oeste, por sua vez, o *ð*

caiu e portanto ficou -or. Seip (1955) apresenta esse processo na página 177.

Seip afirma que em 1152 o arcebispado foi inserido em Trondheim-Nidaros e isso possibilitou o desenvolvimento de uma língua escrita mais normatizada. Trondheim sempre tinha sido a sé para o rei e Bergen, a cidade residencial. Portanto, foi a língua escrita em Trondheim e no Oeste da Noruega que tornou o modelo padrão. Seip faz uma lista dos manuscritos mais antigos e aqueles a partir do séc. XIV entre as páginas 87 e 95. A partir do séc. XIV começaram a aparecer os diplomas, que são cerca de 80 escritos em norueguês (p. 96). Nos manuscritos mais antigos utiliza-se uma norma do oeste e uma norma de Trondheim (p. 102).

Ainda restam muitos outros processos de menor documentação que não foram considerados aqui. Apesar de serem pouco documentados, eles são muito importantes para a determinação da sincronia.

2.3.2.6 SN⁶ – O médio norueguês

Esta sincronia se inicia em 1350 e termina em 1523. Torp e Vikør (1993) alegam que a partir de 1370 apareceram novas características que apenas podem ser explicadas pelo fato da língua falada ter sofrido significantes alterações, que em seguida refletiriam na escrita, e que por isso seria vista por estudiosos do séc. XIX e XX como uma nova sincronia, chamada de *mellomnorsk*, cuja escrita era muito mais instável do que a do antigo norueguês. Essa transição também é sempre vista relacionada à grande epidemia conhecida como *Svartedauden* "peste negra" (1349-50) que assolou a Noruega, uma vez que dizimou grande parte dos letrados, por exemplo, padres e funcionários da chancelaria. Por conta disso, a maioria dos eruditos nascidos após a peste não conseguiu receber instrução mediante a escrita tradicional, como as gerações anteriores, de maneira que emprestavam características da

língua falada para a escrita (p. 116-117). Haugen (1976) também assume que grande parte do clero foi afetado pela peste (p. 286). Ademais, a partir de 1400 ocorreram modificações na língua escrita, mas estas não tiveram relação com a língua falada, pois começaram a aparecer nos documentos noruegueses elementos suecos e dinamarqueses e, até mesmo, textos totalmente fundamentados nessas duas línguas. Isso seria uma consequência da união nórdica entre Noruega, Dinamarca e Suécia, conhecida como União de Kalmar (1397-1521), com o centro da Dinamarca. Por conta disso, uma gradual transição para o dinamarquês como língua escrita se iniciou a partir de 1400, uma vez que os dinamarqueses obtiveram cada vez mais integração na administração norueguesa e até os próprios noruegueses começaram a escrever em uma forma misturada entre os dois idiomas, sem que haja qualquer tipo de normatização em cada um desses idiomas (p. 117).

Portanto, esse período chamado anteriormente de intermediário, que abrange 1350 até aproximadamente 1550 (1325-Indrebø e Seip; -1523 Skard, -1550 Haugen e Vikør -1536), grande parte dos acadêmicos estão em consenso por chamar de *mellomnorsk* ou *middle scandinavian*. Venås (2002, p. 35) também atesta que é um momento em que ocorreram grandes modificações linguísticas, que causaram o desenvolvimento para um "novo norueguês"; foi o período em que o sistema flexional sintético cedeu lugar para um novo sistema analítico. Ele também cita o grande número de palavras importadas do médio baixo alemão por conta dos milhares diplomas da Liga Hanseática.

Alguns desenvolvimentos sonoros considerados por Skard Indrebø (1951), (1973):

a) Mudança no acento e na quantidade vocálica. No norueguês a partir desse período a quantidade de uma vogal e uma consoante seguinte são dependentes: se uma vogal for longa, a consoante seguinte será curta e se a vogal for curta, a consoante seguinte será longa, mas ambas não podem ser tanto curtas quanto longas ao mesmo

tempo igual ocorria na sincronia anterior. Anteriormente era [V:K], [VK:], [VK] e [V:K:] e a partir desse período apenas [V:K] e [VK:].

b) No período anterior a qualidade era a mesma seja a vogal curta ou longa e a partir dessa sincronia as vogais curtas ficaram mais abertas e reduzidas e as vogais longas ficaram fechadas (para a reconstrução do AN foi utilizado RANKE & HOFFMANN (1988) e BARNES (2008)):

Longas			Curtas		
sól ['so:l] "sol"	>	sol ['su]	golf *['golv] "chão"	>	golv ['golv]
hús *['hu:s] "casa"	>	hus ['hu:s]	tunga *['tunga] "língua"	>	tunge tunə]
tré *['tre:] "árvore"	>	tre [tre:]	hestr *['hestr] "cavalo"	>	['hæst]

c) Redução vocálica em posição átona. Em médio norueguês ocorre a maioria das reduções em posição átona: *a*, *i* e *u* (o) > æ ou e. A redução ocorre com mais frequência na terceira sílaba do que na segunda, em sílaba aberta do que em sílaba fechada, após prefixo longo do que prefixo curto. Alguns dialetos reduziram significante ao ponto de serem confundidos com formas dinamarquesas; o dialeto de Trøndelag, por exemplo, teve um desenvolvimento em que a vogal final sofreu apócope após sílaba longa: *bíta* > *bit* "morder" e *vísa* > *vis* "canção".

d) mutação causada pelo *u* (INDREBØ, 1951, p. 226; SKARD, 1973, p. 144) em outros contextos.

e) simplificação de ditongo, que é um processo mais comum nos dialetos do Leste, com possíveis influências diretas do sueco (SKARD, 1973, p. 144)

f) epêntese: foi nesse período que ficou quase uma regra

indicar a epêntese na escrita, uma vez que ela já estava sendo pronunciada por muito tempo: *ákr* > *áker* “campo”.

g) queda do *r* de plural em adjetivos, no artigo determinado (enclíticos) e pronomes: AN *spakir* > *spake* “sábio, esperto” (adj. nom.pl); AN *prestarnir* > *prestane* “os padres” e *peir* > *dei* “eles”. Na forma nominativa singular, o *r* cai em quase todos os lugares: AN *svart(e)r* > *svart* “negro” e *hest(e)r* > *hest* “cavalo”. Nos verbos fortes e verbos terminados em -ja ocorre a queda em todos os dialetos (com exceção daqueles da parte sudeste): *ég kemr* > *eg kjem* “eu venho” e *ég telr* > *eg tel* “eu conto”, mas as classes do tipo *kasta* ocorre a queda apenas no Oeste e no Norte: *ég kastar* > *eg kasta* “eu arremeço, jogo”.

h) queda definitiva do *ð* em algumas posições que tinha se iniciado no AN.

i) queda do *m*, especialmente no norueguês do oeste, que atinge a terminação do dativo (i.e. -um; e onde o dativo foi mantido), de maneira que aparecem as formas *hono* (AN *honum*, *honom*, “ele” no dativo), preposições *gjøno* (AN < (*i*)*gegnum*) “por meio de”) e *myllo* (AN < (*i*)*millum* “entre”).

j) queda do -*n*, que começou por volta de 1200.

k) *ð* > *d*. Nem sempre o *ð* caía em sílaba final após vogal em posição átona: em alguns dialetos ocorreu o desenvolvimento *ð* > *d* como em AN *svaraði* > *svarde* (*svarte*) “respondeu” (cai em AN *kastaði* > *kasta* “jogou, arremeçou”). Essa transição também começou no AN e não veio a terminar no médio norueguês (SKARD, 1973, p. 146).

l) em palavras tônicas ocorre o desenvolvimento *p* > *t*; nas átonas, *p* > *d*. O primeiro se iniciou por volta no início de 1300 e foi completamente realizado antes de 1450: *ping* > *ting* “coisa”. O segundo, por exemplo: *pú* > *du* “tu”, etc. (SKARD, 1973, p. 146; INDREBØ, 1951, p. 229-230). A escrita *ð* desaparece por volta de 1300 e é substituída por *d* ou *dh*; a escrita *p*, por sua vez, mantém-se por mais tempo, mas foi substituída por *th* por volta de 1500.

i) *hv* > *v*. A queda do *h*- se iniciou na área do germânico ocidental, onde ele caiu por volta de 800 (**hwaz* > *waz* “o que”). A

queda ocorreu no dinamarquês por volta de 1250 e, no sueco no fim do séc. XIV. A respeito do norueguês, a queda se iniciou no Sudeste, no séc. XIV ou mais cedo, uma vez que está mais perto da antiga fronteira com a Dinamarca. A partir daí a tendência se espalhou para o oeste e para o norte, o que fez com que trombasse em uma outra tendência: a mudança $hv > kv$, pois o k - reforça esse som inicial no *cluster*, diferentemente do h - que estava caindo nas regiões mais ao sul; portanto, ocorreu um reforço $hv > kv$ para manter os sons mais claros. Em consequência disso, no período final do médio norueguês, separou-se o dialeto do sudeste, com a queda do h - e o resto do país com o kv -mantido, com exceção de algumas áreas intermediárias que têm a pronúncia $[gv-]$ com escrita hv (SKARD, 1973, p. 146-147; INDREBØ, 1951, p. 233-234).

2.3.2.7 SN⁷ – A era dinamarquesa

Este período (1523-1848) é chamado por Indrebø de *nynorsk* (norueguês novo), que inclui as fases *reformasjonstidi* "era da reforma" de 1525 até 1814 e *etter 1814* "após 1814". Seip pouco contribui para esse período. Skard não nomeia os próximos períodos, mas os divide em inúmeros períodos datados, que se inicia a partir de 1523. Haugen designa como *modern scandinavian* (1550 até atualmente) e Vikør & Torp como *moderne norsk* (1536 até atualmente), que é separado em *dansketid* "era dinamarquesa" (1536-1814), *nasjonal renessanse* "renascimento nacional" (1814-1907) e *moderne tid* "tempos modernos" (1907 até atualmente). Nessa dissertação propomos, com base em um ponto de vista mais linguístico do que político, a data da era dinamarquesa até 1848, que é a data da primeira grande obra de Ivar Aasen (i.e. *det norske Folkesprogs Grammatik*), a partir de cujo momento se iniciou as discussões de uma escrita legitimamente norueguesa.

Venås (2002) certifica que todas as línguas nórdicas continentais na época da Reforma, baseadas em critérios internos,

obtiveram um estágio significativamente diferente da língua conhecida pelas fontes escritas da Idade Média, de maneira que se justifica designar um novo período a partir da Reforma, que é aquele que permanece até os dias de hoje. Uma característica comum desse período é a substituição de um meio de expressão caracterizado em terminações flexionais por uma ordem fixa das palavras com amplo uso de preposições e palavras gramaticais; isto nos indica que havia um estágio sintético que passou para um estágio analítico (p. 36-37).

Segundo Vikør & Torp, nesse período no ano de 1536, ocorreu a dissolução da antiga igreja católica pela substituição da religião de Estado luterana e a abolição do Conselho do Reino Norueguês pelo rei Christian III da Dinamarca e Noruega e, assim, todo o poder de regência passava para esse rei e, conseqüentemente, para o Conselho do Reino Dinamarquês.

Como consequência linguística, o dinamarquês foi a única língua permitida a ser utilizada na Noruega: a Bíblia veio a ser traduzida para esse idioma em 1550 e isso fez com que influenciasse e causasse a impressão na população de que essa era a língua escrita mais "correta" e que merecia "maior respeito". Mas ela ainda não estava normatizada no século XVI, de maneira que elementos tanto dela quanto do norueguês eram comuns; porém, gradualmente surgiu uma língua escrita mais formalizada, baseada no modo de fala de prestígio de Copenhagen. A necessidade de normas surgiu somente no século XVIII, uma vez que o ensino obrigatório público foi inserido, com o ensino de leitura para a plebe (1739). A maioria dos funcionários públicos após 1660 eram dinamarqueses e, naturalmente eles falavam o dinamarquês, preferencialmente aquele da variante de Copenhagen, mas com o tempo a administração pública ficava cada vez mais influenciada pelos "nascidos na Noruega", quer dizer, homens noruegueses de pais dinamarqueses; por conta disso, iniciou-se uma tendência que utilizava a língua falada dinamarquesa com pronúncia norueguesa, especialmente em assuntos formais e, por conta disso, parece ter surgido no final do século XVIII uma língua falada muito

comum no círculo aristocrático, aceita como "bela", até mesmo para os dinamarqueses e que era o embrião para o *bokmål* moderno, uma das línguas oficiais da Noruega e a mais utilizada (TORP e VIKØR, 1993, p. 117-118).

Como a língua escrita nesse período era basicamente o dinamarquês, teríamos que procurar registros escritos informais que representassem de alguma maneira os dialetos noruegueses a fim de estabelecer as características e desenvolvimentos dessa sincronia. Portanto, essa sincronia determinada pelos autores é muito mais política do que linguística. Seria relevante realizar um estudo, com base no médio norueguês escrito, em reconstruções de como os dialetos noruegueses poderiam ser nesse período de domínio dinamarquês e comparar com os dialetos atuais para determinar exatamente os cortes sincrônicos desse período político.

2.3.2.8 SN⁸ – A era norueguesa

Da mesma maneira que a anterior, esta sincronia (1848 – atualmente) também é de cunho muito mais político do que linguístico e é nesta começam as reflexões e as discussões para o ressurgimento de uma língua escrita norueguesa, como apresentadas no subcapítulo 1.4. No início desse período, obviamente, a maioria dos textos ainda são escritos em dinamarquês, mas são introduzidos textos escritos com base nos dialetos que, num momento posterior, seriam sistematizados e postos em uma única norma, o *landsmaal* (*nynorsk*).

Colocamos esse período como a sincronia atual porque é nele que surgem os primeiros textos escritos em dialetos e também ocorrem as reformas na escrita, que representam o modo de falar norueguês, seja com base no *fornorsking* de Knud Knudsen seja com base no *målreising* de Ivar Aasen, embora haja, como já considerado, textos dispersos e de cunho informal em dialetos nas sincronias anteriores.

Em nossa pesquisa consideramos um texto como norueguês

apenas se nele houver características suficientes para isso, uma vez que houve uma transição gradual de implementação dessas características na escrita e muitos meios de comunicação se recusavam a utilizá-las como, por exemplo, alguns jornais e editoras. A respeito do *landsmaal* (*nynorsk*) é muito mais fácil determinar uma vez que ele é norueguês por excelência, pois ele não foi formado por meio de uma adaptação. Por outro lado, para que um determinado texto possa ser considerado *riksmaal* (*bokmål*) nesse período de transição, devem haver as seguintes características no texto, que basicamente são aquelas impostas na reforma de 1907:

1) Ensurdimento *b, d, g > p, t, k*.

Obrigatório: *dræbe > dræpe* “matar”; *aaben > aapen* “abrir”; *vide > vite* “saber”; *kage > kake* “bolo”;

Obrigatório manter: *skib* “navio”, *vaaben* “arma”, *arm* “braço”, *saglig* “adj. objetivo”, *aabenbar* “evidente”, *videnskap* “conhecimento”;

Optativo: *eple/æble* “maçã”, *bot/bod* “multa”, *klok/klog* “inteligente”, *bok/bog* “livro”.

2) Plural em *-er* (<-e)

Obrigatório: na forma indeterminada do gênero comum; *heste > hester* “cavalos”

Optativo: em algumas palavras como *dage/dager* “dias”

3) Plural sem a terminação do gênero neutro na forma indeterminada

Obrigatório: *huse > hus* “casas”

Optativo: em algumas palavras como *blad/blade* “folhas”

4) Passado e particípio de verbos fracos como no dinamarquês *-ede* dividido em três classes:

- Pass.-et e part. -et (*kastede* > *kastet*; *fiskede* > *fisket* “jogar; pesar”) (tanto no pass. quanto no pret.)
- Pass. -te e part. -t (*svarede* > *svarte* e *svaret* > *svart* “responder”)
- Pass. -(d)de e part. (d)d (*boede* > *bodde* e *boet* > *bodd*; *levede* > *levde* e *levet* > *levd* “morar, viver”)

5) Supressão da forma do neutro em -t nos adjetivos terminados em -ig:

et heldigt barn > *et heldig barn*; *et ærligt menneske* > *et ærlig menneske* “uma criança sortuda”; “um homem honrado”

6) Encurtamento de verbos e substantivos:

Optativo: *drage* ≈ *dra*; *have* ≈ *ha*; *blive* ≈ *bli*; *tage* ≈ *ta* (inf.); *sagde* ≈ *sa* (pass.); *fader* ≈ *far*; *moder* ≈ *mor*; *broder* ≈ *bror*

Obrigatório: *i fjæder* > *i fjær*; *foder* > *fôr*

A discussão sobre a passagem do dinamarquês para o *riksmål* e a formação do *nynorsk* está no subcapítulo 1.4.

Portanto, uma determinada palavra na língua portuguesa pode ter a origem nas cinco sincronias pretéritas da língua portuguesa (étimo de herança) ou ser um empréstimo (étimo de empréstimo) ou decalque (étimo de decalque), entre outras maneiras que uma palavra pode entrar na língua.

Com relação ao *bokmål*, as palavras vão provavelmente ter étimo de empréstimo (do dinamarquês), a não ser que seja uma tradução direta para o *bokmål* de uma outra língua diferente do dinamarquês. Também é possível que a palavra tenha sido apenas utilizada em textos dinamarqueses publicados da Noruega (influência de substrato), de maneira que seja possível rastreá-la até a sincronia mais

antiga do norueguês, o que seria uma palavra herdada. Com relação ao *nynorsk*, uma palavra pode ser toda rastreada até a sincronia mais antiga do norueguês, ser uma criação com base nos dialetos, o que no caso seria um neologismo, ou ter entrado na língua por meio de empréstimo ou decalque.

2.4 Étimo (de herança, de língua anterior e de empréstimo), a origem e o *terminus a quo*

2.4.1 Definição do étimo

Define-se o étimo como a palavra (localizável ou reconstruída) na sincronia pretérita mais recente que corresponda à forma de um item pesquisado na sincronia atual. Esse étimo pode ou não ser atribuído à mesma língua da palavra que está sendo pesquisada. Além do mais, ele pode ter a mesma forma e/ou significado da palavra pesquisada, mas com mais frequência isso não ocorre. A Etimologia é a busca e/ou a coleta do étimo, com base no sentido de étimo. A origem de uma palavra, por sua vez, não se confunde com o étimo da palavra, pois é um conceito mais vago. Diferentemente do étimo, a origem de uma palavra pode remontar a etapas anteriores à sincronia pretérita imediatamente anterior à sincronia estudada⁸⁶.

Escolhemos nomear o étimo de palavras herdadas como *étimo de herança*, que se distingue do étimo de palavras emprestadas, designado *étimo de empréstimo*.

No que se refere ao primeiro tipo, chamamos de *sincronia atual* a linha de tempo posterior à data de nascimento do mais antigo falante vivo de uma determinada língua até o dia de hoje. Qualquer dado anterior a esse período de tempo pertencerá a uma *sincronia pretérita*. Por ser um construto metodológico passível de diferentes

⁸⁶ Esta definição foi retirada com base no manual do NEHiLP, 2004, p. 20

recortes, nesta dissertação a sincronia imediatamente pretérita à atual é a sincronia do *português antigo* (ou seja, S⁴, cf. subcapítulo 2.3.1 desta dissertação). Dependendo da pesquisa, um outro pesquisador pode definir outras sincronias como, por exemplo, uma sincronia imediatamente pretérita à atual como o português do séc. XIX. Os recortes podem ser arbitrariamente homogêneos (i.e., por décadas, séculos, etc.), ou então recortes de diferente extensão com base em eventos históricos de impacto social que supostamente possam ter influenciado no vocabulário e na estrutura de uma língua⁸⁷.

De acordo com a definição acima, o étimo de herança de uma determinada palavra se encontra ou é reconstruído em uma sincronia mais recente que corresponda com sua forma. Se ao analisarmos a palavra *água* ['agwa] na sincronia atual (S⁵), perguntássemos qual seria o seu étimo de herança, de acordo com essa definição, teríamos a resposta *['agwa] (português antigo, S⁴), com as seguintes grafias (exemplos retirados de Cunha, 2007):

Aagua:

E entam frey Gill tornou-sse ao moesteiro com sua aagua [...]
(Cronica da Ordem dos Frades Menores, sec. XV)

Agoa:

[...] e emcheo aquellas vazilhas de agoa [...] (Cronica da Ordem dos Frades Menores, sec. XV)

O mortal se tolhe per peemdemça, ligeyra e per contriçom e per agoa beemta. (Tratado de confissom, Chaves, 8 de agosto de 1489)

Agua:

[...] muitas barcas hiam contra a agua. (Vida e feitos de Júlio César) (sec. XV)

⁸⁷ Manual do NEHiLP, 2014, p. 20

Aguoa:

Trazem o leyte seco a maneyra de hũa pasta. ho qual lançam em aguoa [...] (séc. XV)

Percebe-se que as grafias *aagua*, *agoa*, *agua* e *aguoa* representam a reconstrução fonética *['agwa] da sincronia 4, que provavelmente não é muito diferente da pronúncia do português atual (S⁵) ['agwa].

Porém, tanto em dialetos do português moderno quanto no português antigo e no galego-português e, possivelmente, no iberorromânico do noroeste peninsular, há a variante com metátese, *['awga]. Algumas abonações (exemplos retirados de Cunha (2007) e do corpus TMILG (*Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega*):

Auga:**Sincronia do galego-português:**

[...] é como Santa Maria tolleu a auga da fonte ao cavaleiro [...]
(*Cantiga de Santa Maria*, 48, 1264-1284)

Sincronia do português antigo:

[...] se ffoy a hũa peego d'auga muy fria [...] (*Vida de sam Bernardo*, séc. XV)

Aauga:**Sincronia do português antigo**

O abbade dê aauga aas mãos aos hospedes. (Regra de nosso padre o muy bem aventurado sam Beeto Abade, séc. XV)

Algua:**Síncronia do galego-português:**

[...] e o cervo do monte a augua volvia [...] (Lírica profana galego-portuguesa, cap. 05, 1240-1300)

Síncronia do português-antigo:

[...] esta fonte çara-se em guisa que nõ corre alguma della. (Orto do Esposo, séc. XIV)

Augoa:

Síncronia do português-antigo

[...] quãta uez que emtrarem na ygreia que deytem da augoa beemta [...] (Tratado de confissom, Chaves, 8 de agosto de 1489)

Augua:

Síncronia do português-antigo

[...] e que moyra ante que receba a augua do bautismo [...] (Crónica da tomada de Ceuta por el rei D. João I, séc. XV)

Auguoa:

Síncronia do português-antigo

E auya dhuuma parte a caua com muyta auguoa, e da outra era toda seca [...] (Crónica del rei dom Joham I de boa memória e dos reis de Portugal o décimo: parte primeira, séc. XV)

Por meio da reconstrução, temos a hipótese de que essa variante já existia desde a sincronia 2 (iberorromânico do noroeste peninsular). Portanto, ao indagarmos sobre o étimo do item lexical *auga* na sincronia atual, que existe nos dias de hoje em dialetos portugueses, e que também é a forma padrão do galego, temos como resposta *['awga] na sincronia S⁴.

Em vista disso, de acordo com nossos pressupostos, o étimo do elemento lexical na sincronia S⁵ se encontra na sincronia S⁴, que tem o étimo na sincronia S³, que, por sua vez, tem o étimo na sincronia S², etc.

Exemplifiquemos também com o elemento lexical *chão*. O étimo do português atual tem a pronúncia reconstruída *['tʃẽw] com as seguintes grafias na sincronia 4: *chão* (O livro de Vita Christi), *chãao* e *chaão* (obras de Gomes Eanes de Zurara) e *chãão* (Orto do esposo) com pronúncia reconstruída *['tʃẽw] nessa sincronia. A reconstrução de pronúncia *['tlanu] (sem registro escrito), que é atribuído ao conjunto de sistemas conhecido como *iberorromânico* (S¹), tem como étimo *planum*, na sincronia 0 (conjunto de sistemas do latim). É importante frisar que não devemos confundir o étimo da sincronia do conjunto de sistemas do latim S⁰ com a origem do elemento lexical, como apresentaremos no subcapítulo 2.4.4.

Uma vez que apenas as línguas ibéricas do Noroeste (português, galego e leonês) têm uma forma substantiva, cria-se a hipótese de que quando os romanos chegaram na Península Ibérica no séc. III a.C. esse elemento lexical latino era ainda apenas um adjetivo, que só foi se substantivar no mínimo a partir do séc. I a.C., quando chegaram à Gallaecia. Fora da península ela não se substantivou até os dias de hoje.

No que tange à palavra *auga*, exemplificada anteriormente, o étimo do elemento lexical na sincronia 4 (português antigo) seria S³ (galego-português) *['awga], com as abonações *auga* e *alqua*, que por sua vez tem étimo na sincronia 2 *['agwa], sem abonações. Em vista disso, foi na sincronia 2 que ocorreu a metátese.

Representação do elemento lexical *chão*:

S⁴ *chãao*, *chaão*⁸⁸, *chãão*⁸⁹ e *chão*⁹⁰ *['tʃão]: no conjunto de sistemas conhecidos como *português antigo*

⁸⁸ Zurara, Gomes Eanes de. *Crónica do conde D. Duarte de Meneses*. Edição diplomática de Larry King. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1978. Manuscrito do século XV do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Livraria, 520. [Citam-se, nas transcrições, os números da página e da linha] (CUNHA, 2007)

⁸⁹ Orto do esposo: texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário de Bertil Maler. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956. 2 v. ORTO do esposo: correções dos vols. I e II, estudo das fontes e do estado da língua, glossário, lista dos livros citados e índice geral. Stockholm: Almqvist e Wiksell, 1964. v. 3. Manuscrito CCLXXIII/198, da Biblioteca Nacional de Lisboa, designado pelo editor ms. A,

S³ *chão* e *chãa*⁹¹ *['tʃão]: no conjunto de sistemas conhecido como *galego-português*

S² *['tʃano] no conjunto de sistemas conhecido como *iberorromânico do Noroeste*

S¹ *['tlanu] no conjunto de sistemas conhecido como *iberorromânico*

S⁰ *plānum* no conjunto de sistemas latino

Em vista disso, o elemento lexical *['tʃão] da sincronia 3 tem étimo na sincronia 2 (sistema iberorromânico do noroeste peninsular) *['tʃano]. Há várias cognatas para a palavra *chão* nas línguas românicas:

■ Iberorromânico ocidental: gal. *chan*⁹², ast. *llanu*⁹³, cast. *llano*⁹⁴, arag. *plan*

■ Iberorromânico oriental: catalão *pla*⁹⁵; valenciano *pla*;

■ Galorromânico meridional: gascão, não há (atual: gasc. *sòu*); provençal, não há (atual: prov. *sòl*)⁹⁶

confrontado com o de nº CCLXXIV/212, da mesma Biblioteca, nomeado ms. B. [Citam-se, nas transcrições, os números da página e da linha.] (CUNHA, 2007)

⁹⁰ Vita Christi em linguagem português. Edição fac-similar e crítica. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1957-1968. 2 v. Incunábulo de 1495, cotejado com os apógrafos por Augusto Magne. [Citam-se, nas transcrições, feitas diretamente do fac-símile do Incunábulo de 1495, os números do fôlio e da linha, adotando-se o critério de fazer preceder o número da linha da letra *b*, para a segunda coluna do fôlio reto, *c*, para a primeira coluna do fôlio verso, e *d*, para a segunda coluna do fôlio verso.] (CUNHA, 2007)

⁹¹ Afonso X. *Cantigas de santa Maria*. Editado por Walter Mettmann. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1972. v. 4. Texto do século XIII. [Citam-se, nas transcrições, os números da poesia e do verso, de acordo com o critério de numeração adotado pelo editor] (CUNHA, 2007)

⁹² O vaso caeu ao *chan* (informação de nativos). *Chan* aqui tem o sentido idêntico ao pt. *chão*

⁹³ Sentido de *chão*: *tarren* (*El xarron cayeu nel tarren*). Como adjetivo: *llanu* (*el tarren e/ye llanu*), mas também pode ser um substantivo como, por exemplo, *el llanu ta plagao de praos com arboles frutales* “o campo está ocupado por campos de árvores frutíferas”.

⁹⁴ Sentido de “*chão*”: *suelo* (*el jarrón se cayó al suelo*). *Terra* é usado para “Terra” e em alguns casos como “piso”, dependendo da sentença. *Llano* tem o sentido adjetival de *pla* no catalão, mas também pode ser um substantivo que significa “campo llano”.

⁹⁵ Sentido de *chão*: *terra* (*el gerro ha caigut a terra*). *Pla* tem o sentido de uma reta com relação a uma perspectiva geométrica, ou do adjetivo plano: *aquest pla és perfecte* “esta reta é perfeita”, *el sòl és pla* (o solo é plano). Há também a forma *sòl* dada no exemplo anterior, que significa “solo”.

⁹⁶ Sentido de “*chão*”: *sòl* (*lo vas es tombat al sòl*, com consequência no presente).

- Galorromânico setentrional: francês antigo *plain* (de acordo com o TLF, em 1155 tinha o sentido de “qui presente une surfasse plane, unie”; no atual *sol*, a partir de 1538, de acordo com o LPR);
- Retorromânico oriental: friulano *plàn*⁹⁷;
- Retorromânico ocidental: *rumantsch grischun*/alto engadino (puter) *plaun*; subselvano *plàn*; sobremirano *plang*; baixo engadino (válader) *plan*.
- Italorromânico: piemontês *pian*⁹⁸; emiliano (bolognese)⁹⁹ *pian*; ital. *Piano*

A forma na sincronia S¹ tinha como variante nos territórios mais ao sul a cognata *['lanu], que perdeu o *[t] inicial, que geraria futuramente *llano* em espanhol. De acordo com Teyssier (2001), a inicial latina *pl-* sofreu, de primeiro encontro, a palatalização do *l*. Esse fenômeno ocorreu na zona que compreendia o galego-português, o leonês e o castelhano, e ainda uma pequena parte do território entre a Catalunha e Aragão. Em castelhano, por outro lado, posteriormente, a consoante inicial cairia e isso faria com que resultasse apenas o *l* palatal, transcrito // [λ]. O mesmo processo ocorreu na parte oriental do leonês, mas na parte ocidental, junto com o galego-português, a evolução foi mais profunda: a consoante inicial seguida de *l* palatal deu origem à africada [tʃ], transcrita em galego-português como *ch-*. O autor também afirma que a zona moçárabe não sofreu tal processo metaplasático e, por conta disso, o galego-português e o leonês ocidental isolam-se dos vizinhos do Leste e do Sul. Apesar de nos exemplos haver palavras do asturiano em *ll-* [λ], nos dialetos mais ao

⁹⁷ Sentido de “chão”: *tiàre* ou *tiere* (*El vâs al còle pâr tiàre*); *plàn* teria um sentido parecido com *piano* em italiano

⁹⁸ Mas no sentido de “chão”: *tèra* (*êl vas a l'é drocà na tèra*); *pian* tem sentido de “superfície, camada, nível”: *I soma al pian dij babi* “estamos no mesmo nível que os sapos”, quando algo vai muito mal.

⁹⁹ Sentido de chão: *tera/teraa* (*al vescovo l'è casche a tera/al ves l'è casche' in teraa*).

oeste, perto da Galícia, há regiões em que tais palavras começam com ch- [tʃ] (p. 16)

Na definição acima, postula-se que “o étimo pode ter a mesma forma da palavra pesquisada, mas com mais frequência terá aspecto e/ou significado distintos”. De fato, o étimo de grau S¹, antes da formação das variantes *['lanu] ≈ *['tlanu], era um adjetivo e não um substantivo. Por conta disso, na discussão etimológica podemos retratar essa substantivação do adjetivo, que afetou o português, o galego e o asturiano; todas as outras línguas e dialetos utilizam essa palavra na forma adjetival.

Em síntese, as sincronias mostram todo o trajeto gráfico, fonético, fonológico e morfológico que uma determinada palavra sofreu até a atualidade. A forma do elemento lexical na sincronia latina (S⁰) é, de fato, a que mais chama a atenção do leitor que se prende apenas à sincronia do português atual e do latim.

Propomos a seguinte representação para a representação das sincronias:

2.4.2 Étimo de empréstimo ou de decalque

O *étimo de empréstimo ou de decalque*, como o próprio nome já indica, não é criado nas sincronias anteriores. Não sendo herdada, a palavra provém de um outro sistema em determinada sincronia. Por conta disso, a palavra futebol tem *étimo de empréstimo* no inglês *football*.

Também vale considerar que uma palavra emprestada pode conter diferentes acepções, que nem sempre tem o étimo na mesma língua. Isto significa que a acepção X da palavra A pode ter étimo no alemão ao passo que a acepção Y da mesma palavra A pode ter étimo no inglês. Um exemplo ocorre, como está registrado na parte de análise, com a palavra *deflação*, que tem duas acepções: financeira e geológica; a acepção da primeira, que tem sua origem no inglês, veio para o português ou do alemão ou do inglês, já a acepção da segunda,

que tem sua origem no alemão, pode ter chegado ao português por meio do espanhol, francês, inglês ou alemão. Portanto, consideramos que uma palavra pode ter várias acepções e cada uma delas tem o seu étimo.

2.4.3 *Terminus a quo*

Durante o estudo etimológico de uma determinada palavra é importante encontrar a primeira ocorrência documentada de cada uma de suas acepções. Embora seja impossível conhecer a datação exata da formação ou surgimento de uma determinada palavra, em suas várias acepções, é possível investigar as datações mais antigas de cada uma delas. A esse registro mais antigo chamamos de *terminus a quo*. Ele é, portanto, a primeira abonação de um determinado elemento lexical dentro de todas as sincronias que compõem uma língua.

Tanto palavras emprestadas quanto palavras herdadas têm *terminus a quo* e este também pode se encontrar em sincronias anteriores. Tomemos, por exemplo, o *terminus a quo* de *casa*, que se encontra na sincronia denominada *galego-português* (S⁴):

En casa do ric' estava un crerigo d'avengeo que ao capelan disse [...] (CSM, 75, séc. XIII)

Entendemos que seja possível inserir o *terminus a quo* nessa sincronia anterior porque ela faz parte da formação da língua em estudo, o português.

Há, no entanto, algumas palavras cuja formação ou surgimento é mais facilmente reconhecido, os termos técnicos, os quais, em grande maioria, são registrados, mas só depois de um certo tempo passam a ser utilizados pelas pessoas que fazem parte do ambiente ao qual a palavra pertence (não necessariamente se popularizando e se tornando conhecidos por leigos). Por outro lado, as palavras populares são

normalmente formadas antes de serem registradas e, não raros os casos, muitas palavras nunca são registradas por se manterem apenas na esfera de uso coloquial.

Segundo Viaro (2011), a datação do limite mais antigo tem sua importância porque só por esse meio teremos certeza de que a palavra já estava sendo usada numa determinada sincronia; portanto, se ela foi registrada no momento de sua criação ou empréstimo, ou apenas séculos depois, é uma questão que se coloca apenas hipoteticamente (p. 107). O *terminus a quo* também não se delimita ao lema, mas prolonga-se para as acepções de uma palavra, para as variantes ortográficas e também para as suas flexões. Tanto a penúltima quanto a última são importantíssimas para a reconstrução das sincronias pretéritas, além de serem úteis para o estudo de irregularidades (das flexões) e para a Paleografia (das variantes ortográficas). O *terminus a quo* só é relevante quando há uma transcrição do seu contexto de uso, quando há um vínculo da obra em que esse contexto se encontra e, por fim, quando há uma referência da localização da mesma obra.

2.4.4 Origem

A origem, por sua vez, pode remontar a etapas anteriores às sincronias pretéritas. Portanto, uma palavra na língua portuguesa pode ter origem na língua latina e ao mesmo tempo ter um étimo de empréstimo em uma língua vernácula. Isso acontece muito com palavras cultas difundidas pelo francês como, por exemplo, lat. *alimentum* ► fr. *aliment* (1120) ► pt. *alimento* (1584). Em vista disso, ao determinamos a origem de um elemento lexical, propomos que ela deva remontar à língua em que criou tal elemento, que pode ser tanto a língua em estudo (i.e. *gourmetização*, que tem origem no próprio português) quanto outros idiomas.

Voltando ao elemento lexical *água*. Sabemos que o étimo da sincronia S¹ é *aquam* na sincronia S⁰. Se levarmos em considerações

propostas de estudos do IE e de outros ramos como, por exemplo, do germânico, veremos que há cognatas no gótico *ahva* “rio, águas” e AAA *aha* “riacho, rio, água”, como apresentam Lehmann (1986) e Seebold (2008), respectivamente. Lehmann (1986) e Kroonen (2013) propõem a forma no germânico **ah^wō*, que gerou também IA *á* “rio”, IA *ēa* “rio”, “água”, AS *aha*. De acordo com Kroonen, é uma isoglossa germânico-italica, que tem sido considerada com originária de uma língua não IE (Beekes, 1998). Ringe (2006, p. 96), ademais, afirma **ah^wō* “rio” provém de um pós-IE **ák^weh₂* “água corrente” e sugere a comparação com o latim *aqua*.

Lehmann (1986) também afirma que a única cognata explícita é *aqua* do latim, mas que também há especulações de que possa ter cognatas em nomes de rios de outras línguas como, por exemplo, lituano *Akelé*, ilírio *Aquilo*, venético *Aquileia*, rio *Oká* na Rússia.

De Vaan (2008) afirma que no proto-italico o elemento lexical tem a forma **ak^wā* e não fornece nenhuma cognata no úmbrico e no osco. Procuramos por elas e não as encontramos além de *utur* no úmbrico, que remete ao verbo **u^hed-* “brotar”, “jorrar” do IE, que teria, entre muitas formas derivadas, a forma **ud-or-*, que deu origem à forma do úmbrico, do grego antigo *ὔδωρ*; a forma **u^hod-or-*, que deu origem à forma germânica **u^hadara-* (> IE *waeter* ≅ AAA *wazzar* ≅ AS *watar* ≅ AN *vatn*) e do russo antigo *voda* “água”.

Kroonen (2013) também afirma que é mais possível que o germânico **ah^wō* seja uma variante do IE, compare o hitita *hapa-* “rio”, sanscrito *áp-*, avéstico *ap-* < **h₂ep-*, lat. *amnis* “rio, corrente” < **h₂epni* e irlandês antigo *ab*, *aub* “rio” < **h₂epHon-* (com **-pH-* > **-b-* como em sânscrito *píbatī* (“beber” < IE **pi-ph₃-é-*). De acordo com o autor, **-pH-* desenvolveu para **-k^w-* no germânico e no latim e compara com **agra-*, **aujō-* e **ēgja-*. Rix (2001, p. 311), por outro lado, afirma que a forma original do IE é **h₂ep-* “água” e esta derivou uma forma **h₂ap-* (a partir desta surgiram *áp-* no védico, talvez *hāppa* no hitita “para a água”, *ap-*

no avéstico “água”, *āp-* no tocário A e no tocário B, etc.) e também uma forma **h₂p-h₃on-* (a partir dela surgiram as formas *hapā* no hitita, *amnis* no latim “rio, corrente”; *ab*, *oub*, *aub* “rio” no irlandês antigo); mas não há uma forma no germânico. Ringe (2006, p. 98) afirma que consoante **b* é rara no germânico, e também no IE, tanto que as formas **h₂ébō* “rio” e **píbeti* “ela está bebendo” não sobreviveram no germânico. Em vista disso, a hipótese de Kroonen é rechaçada.

Rix (2001) complementa que as formas do hitita *ekuzi/leukzi*, *akuanzi* “beber” (< **h₁eg^{uh}-*) se relacionam com lat. *ēbrius* “bebado e muito pouco com lat. *aqua* e gótico *ahva*, uma vez que a transformação de um *h₁e-* para *a-* no latim e no germânico não seria regular. De acordo com Beekes (2011, p. 147), *h₁e* desenvolvia em *e* no latim e *i* no germânico. Um outro elemento trata-se de que no germânico e latim temos **k^w* e não **g^{wh}*. Em vista disso, é possível excluir *aqua* e as cognatas germânicas.

Kroonen (2013) também cita uma forma germânica derivada **a(g)wjō*, que teria formado IA *ey* “ilha”, IA *ieg*, *ēg*, *ig* “ilha”, MBA *ōge*, *ōch*, *ou(we)*, MAA *ouwe* “prado”, “península” “rio”. Ringe (2006, p. 109) registra a forma derivada germânica como **ah^wjǎ* “ilha” > **ag^wjǎ* > **aujō*.

Concluimos que, de fato, a forma pós-IE *ák^weh₂* “água corrente”, que teria originado o germânico **ah^wō* “rio” e o proto-italico **ak^wā* “água”, são cognatas. Em vista disso, a origem formal da palavra *água* ocorreu em uma etapa posterior do IE, que Beekes define como um período de isoglossas, talvez por conta de um empréstimo de alguma língua fora do IE; porém, tanto **ak^wā* quanto **ah^wō* também poderiam ser duas formas que seriam dois vestígios das descendentes de uma forma anterior, que teria gerado muitas outras que não deixaram vestígios nas línguas de hoje.. A origem do significado ocorreu, de fato, no proto-italico, que deu uma nova acepção, de “água”. A origem formal é, portanto, a língua que criou a forma da palavra.

Em vista disso, distingue-se a origem formal (significante) da origem semântica (significado), pois elas podem remeter, como visto acima, a caminhos completamente diferentes.

Continuando com o item lexical *deflação*, a sua origem é alemã, uma vez que foi nessa língua que ocorreu a derivação a partir do verbo latino *deflare* “assoprar removendo” e inseriu a acepção geológica “de erosão”. Por isso, tem tanto a origem formal quanto a origem semântica no alemão. Não encontramos nem em dicionários nem em *corpora* uma atestação da palavra *deflatio* no latim.

A respeito da sua acepção financeira, a origem semântica é inglesa, embora a origem formal continue sendo alemã. O inglês tomou emprestada do alemão a palavra com a acepção geológica no ano de 1891 e apenas em 1909 inseriu a acepção financeira, que foi para o alemão só em 1920:

Para exemplificar nas línguas escandinavas, tomemos como exemplo a palavra nor. *koke* “ferver, cozinhar, fazer comida, cozer”, cujas cognatas nas línguas escandinavas são din. *koge* (ant.din. *kōgæ*) e sue. *koka* (ant.sue. *kōka*).

Segundo Bjorvand e Lindeman (2000), a palavra é um empréstimo do médio baixo-alemão *kōken* que tem origem no lat. *coquere* (p. 471). O verbo é restrito apenas nas línguas do germânico ocidental, sendo as formas escandinavas um empréstimo do médio baixo-alemão, que é um empréstimo antigo do latim (DUDEN, p. 462); compare AAA *kohhōn*, AHol. *coken*, AFranc. *kokia* (KLUGE, 2002). O germânico tinha a palavra **seupan* "borbulhar, ferver", formando as cognatas AN *sjóða*, IA *sēoðan* (ing. *seethe*), AAA *siodan*, Got. *sieden*, etc. No islandês moderno a palavra é *sjóða*, indicando que continuou com a forma e significado do AN, ao passo que o norueguês utiliza a forma *koke*, mas há também a cognata *syde* "borbulhar intensamente" ou *sodd* "sopa de carne". Portanto, no período de contato com o médio baixo-alemão, as línguas escandinavas continentais emprestaram essa palavra, junto com outras referentes à alimentação como, por exemplo, *frokost* "café da manhã" (MBA *vrōkost*, AN *dagverðr* "de valor para o dia", isl. *morgunmatur* "comida da manhã", *morgunverður*), *kjökken* "cozinha" (MBA *kokene*, do mlat. *cucina*; AN e isl. *éldhus* "sala onde se acende o fogo") e *tallerken* "prato" (MBA *tallorken*, diminutivo de *tallor*, de origem românica, fra. *tailloir*, ita. *tagliere*; AN *diskr*, *skutildiskr*, *skutill*, isl. *diskur*).

Concluimos que tenha ocorrido um empréstimo do latim para o antigo frâncico (*kokia*) e a partir dele, para outras línguas germânicas ocidentais, surgindo, assim, *koken* no MBA, que emprestou para as línguas escandinavas. Não acreditamos que essa palavra tenha vindo do estágio anterior, pois não a encontramos em nenhum *corpus* do antigo saxão. Portanto, a palavra tem origem latina e étimo baixo-alemão médio.

No português, *cozinhar* (*terminus a quo* 1364, datação de Houaiss), tem étimo de empréstimo do francês (que surgiu no séc. XIII, de acordo com LPR), sendo um decalque (*cuisin-* ≥ *cozinh-* e *-er* ≥ *-ar*), pois o francês é a primeira língua a atestar essa palavra e é um decalque porque tanto *cuisine* quanto *cozinha* são palavras herdadas do latim vulgar **cocina*. Isto nos mostra que ocorreu um decalque do

radical e do sufixo. Também não poderíamos desconsiderar que *cuisiner* e *cozinhar* sejam derivações separadas; não haveria, desse modo, uma influência do francês. Outra possibilidade é a existência de uma forma no latim vulgar **cocinare*, que se espalhou para as outras línguas. A penúltima hipótese é menos provável porque senão talvez encontraríamos abonações mais antigas que séc. XIII (como ocorre no francês) e a última também é porque o francês no período era uma língua de cultura, inclusive na culinária. Portanto, a palavra provavelmente tem étimo francês e origem formal e semântica também no francês, já que é uma formação de *cuisin-* mais o sufixo *-er*, caso não haja uma forma **cocinare* no latim vulgar; o português, portanto, apenas teria traduzido. Com relação à palavra *cozinhar* com acepção de “enrolar alguém”, esta teria a origem semântica diferente, ao passo que a origem formal seria a mesma.

Propomos nessa dissertação, como mostrado anteriormente que uma palavra tem a origem do seu significante e do seu significado; portanto as mudanças de significante, desde que haja uma regularidade das leis fonéticas para a origem de um significado. Analisemos a palavra pt. esp. it. *casa* “casa”, fr. *chez* “em casa de”, “no país de”, “no local de trabalho de”, “em”, “entre” e ing. *chez* “at the home of”.

Com relação ao étimo de *herança* da palavra *casa* ['kaza], o étimo de sincronia 4 (galego português) apresenta um z apical (i.e. ʒ ['kaʒa]) com grafias *cas*, *casa* e *cassa* que, de acordo com as leis fonéticas ocorridas nas sincronias anteriores, não apresenta diferença fonética nas sincronias 3, 2 e 1. O étimo de língua latino (S⁰) apresenta uma consoante surda e apical (i.e. *casam* ['kaʃam]), mas possivelmente deveria haver uma variante ['kaʒam]. Conforme a linha La Spezia-Rimini¹⁰⁰ do latim vulgar, que marca um número de isoglossas que diferenciam as línguas românicas abaixo e acima dela. Abaixo dessa linha estão os dialetos que mantêm o *[s] latino e suas

¹⁰⁰ Essas isoglossas dividem o norte da Itália a partir da cidade de La Spezia (Ligúria) e segue até Rimini (Emília-Romanha), segundo os estudos de Linguística Românica (BASSETTO, Vol. I, 2013, p. 251)

consoantes plosivas na posição intervocálica (*[p], *[t] e *[k]); acima, os dialetos que sonorizam essas consoantes.

O idioma de origem de uma determinada palavra é aquele em que a palavra foi criada. A palavra *casa* remete à palavra *casa* no latim, que, segundo o *Oxford Latin Dictionary* (1968), significava “uma morada pequena e humilde”, “cabana”, “casebre”. O latim, por outro lado, tinha a palavra *domus* para “a construção em qual uma pessoa vive, casa, morada”. Por mais difícil que seja qualificar semanticamente os objetos e compará-los entre as sincronias, como, por exemplo, a palavra *casa* que no séc. III tinha uma acepção, comparada com a acepção de *casa* no Brasil do século XXI, podemos aceitar que hoje em dia *casa* faz referência a uma moradia vista de maneira geral (que difere de *mansão*, *cabana*, *barraco*, etc.) e que no período latino, *casa* era onde moravam as pessoas mais humildes.

A palavra *domus*, por sua vez, tinha um sentido mais geral, que hoje é empregado pela palavra *casa*. Para saber exatamente quando ocorreu a mudança de sentido (de moradia simples para moradia geral) seria necessário um estudo aprofundado em textos latinos mas pode-se ter a certeza de que tal mudança semântica ocorreu anteriormente ao isolamento do romeno, que se iniciou no século III e terminou pelo menos no século XVIII. Como objeção a uma possível hipótese de que a palavra romena *casă* poderia ser um empréstimo após o fim do isolamento romano, há uma atestação da palavra no manuscrito de Coresi (1577) de Psaltirea Scheiana (1482), Mss. 449 B.A.R. no salmo V, 9: [...] eu [...] întraïu în casa ta [...] ¹⁰¹ (p. 11) ¹⁰².

Também para estes estudos é muito importante pesquisar em fontes mais antigas. Duarte Nunes de Lião no capítulo VII da obra *Origem da Lingoa portuguesa* (1606) que trata, entre outras coisas, da *Corrupção per impropriedade de significação alhea*, afirma: “e como

¹⁰¹ Eu entro para tua casa (trad. nossa)

¹⁰² Disponível em: <http://digital-library.ulbsibiu.ro/dspace/handle/123456789/204>

nefta palaura cafa, que lignificando proprieamente na lingoa latina as choupanas, ou choças, que fañ as cafas rufticas, chamamos cafas, así as que fañ grandes & reas como as do campo” (p. 40). Portanto, a origem do significante da palavra *casa* é bem mais antiga que a origem do significado com referência à língua portuguesa.

Tomaremos como base algumas obras etimológicas para investigar a origem do significado. De Vaan (2008) afirma que *casa* no latim significava “cabana, casebre” e cita Walde-Hoffmann (1930-1954) que declara que *casa* reflete um desenvolvimento dialetal de **kat-ja* (a partir de **kat-* “trançar”). De Vaan (2008) certifica que isso é concebível, mas uma conexão com palavras europeias para “cabana, local de moradia” (**ket-*, **kot-*) também seria aceita: av. *kata-* “câmara”, AEE *комѣсь* “cell, nest”, ATch. *kot* “booth, stall” (market), AI *heaðor* “incarceration, jail”. Mesmo assim, de acordo com de Vaan (2008), por conta do *-a-* e do *-s-* após essa vogal curta pode ser possível que *casa* seja um empréstimo.

Pokorny (1959) afirma que a palavra surgiu a partir de **kat-* “ligar ou tecer; corrente, rede” e que a partir dela surgiram derivativos como *catēna* “cadeia, corrente” (< **cates-nā*), *cassis* “capacete de metal emplumado” (por causa da forma *catēna*, seria de preferência uma formação a partir **kat-s-is* do que **ka-ti-s*) e talvez *casa* “cabana primitiva” (originalmente a partir de um leve entrelaçado, provavelmente dialetal a partir de **catjā*, como osco *Bansae* de *Bantiae*). De acordo com o autor, essa palavra também estaria relacionada com a língua galesa *cader* “fortaleza”, antigo irlandês *cathir* “cidade”, talvez AN *hadda* “anel, alça de chaleira” (**hapipōn*: *catēna*, mas completamente incerto), AS *heaðor* “prisão, encarceramento”. O autor ainda fornece vários exemplos em línguas eslavas e algumas já foram citadas acima (Vol II, p. 534)

Concluimos que a origem formal dessa palavra pode ser:

**kat-* → **kat-ja* (Walde-Hoffmann)

**ket* ou **kot-* → **kat-ja* (de Vaan)

**catijā* (Pokorny)

A palavra francesa *chez*, por outro lado, se apresenta a partir de uma outra hipótese.

O LPR afirma que a palavra *chez* tem o étimo em *chies* na data de 1190 e que no francês antigo *chiese* (ou *chese*) significava “maison, habitation”. O TLF cita que a primeira atestação da palavra *chez* (em forma *chiés*) no sentido preposicional (i.e. “na habitação de”) está na obra *Couronnement de Louis*, que é uma canção de gesta do ciclo de Guilherme d’Orange, portanto, é datada entre 1130 e 1160. Na obra há o trecho: *chiés Simon fustes le lepros ostelez* “na casa de Simon os leprosos foram alojados” (LANGLOIS, 1984, p. 24 e p. 747). O TLF afirma que *chez* vem do latim *casa* e que a irregularidade do final da palavra é explicada pela posição pretônica que essa palavra tinha diante de um substantivo ao ser utilizada de maneira preposicional. O FEW também afirma que a palavra é do séc. XII. O francês antigo também tinha a palavra *chiese* (ou *chese*) com o sentido de “mansion, habitation”.

Portanto, a palavra latina *casa* sofreu, por conta das leis fonéticas, a transformação para *chiese/chese* e, por ser uma palavra que tem um locativo de essência, o que permite facilmente que ela se transforme em um advérbio ou preposição, se transformou na preposição *ches/chies*, mas como já demonstrado acima, o substantivo *chese* parece ter se mantido até o séc. XIV. Afirmaremos, portanto, de acordo com nossa hipótese, uma vez que não encontramos em documentos na sincronia *latim comum* o mesmo processo de transformação da palavra *casa* de substantivo para preposição, que a palavra *ches/chies* (que futuramente seria *chez*) continua a ter origem de significado latina ou anterior ao latim, mesmo que a origem de significante seja diferente daquele da sincronia anterior, ou seja, da sincronia *latina comum*.

Convém certificar que essa transformação de *casa* para a classe de preposição ocorre em muitas outras línguas: cabo-verdiano (*na ká Mimita* “na casa da Mimita”), catalão (*a ca l’Albert* “na casa do Alberto”), galego (*vai cas Rosa* “vai para a Rosa”), italiano (*ca’ d’Andrea* “na Andrea”, mas raro, aragonês (*boy ta ca Pilar*) “vou para a Pilar”, friulano (*čhadaldiaul* “casa do diabo, com o diabo, inferno”). Com relação às línguas nórdicas, temos um processo parecido com a preposição nbok. dan. e sue. *hos* “junto de”, “em casa”. De acordo com Bjorvand e Lindeman (2000), elas são uma forma átona de *hus* “casa” e, portanto, o significado original seria “na casa de alguém”. Vemos aqui também um enfraquecimento da palavra em posição anterior ao substantivo que segue.

2.4.5 Um estudo de caso para apresentar o étimo e a origem em uma palavra norueguesa

Estudaremos a palavra *rettighet* (grafia atual). De acordo com o dicionário *Bokmålsordbok* da Universidade de Bergen (NbUiB):

Rettighet (*etter l.ty.*) *frihet, privilegium – politiske, økonomiske rettigheter*

“Rettighet (do baixo alemão) liberdade, privilégio – direitos políticos, econômicos (trad. nossa)”

Em uma carta escrita em médio norueguês no dia 6 de maio de 1353 (*Diplomatarium Norvegicum*, Vol. 2. N. 319¹⁰³), período em que a Noruega já sofria forte influência do médio baixo-alemão (SKARD, 1973, p. 158), por conta da Liga Hanseática, encontra-se a forma *rettighæit*. Trata-se de uma carta escrita em nome do rei Magnus VI da Suécia e

103

Disponível

em:

http://www.dokpro.uio.no/perl/middelalder/diplom_vise_tekst.prl?b=1451&s=n&str=rettigh%C3%83%C2%A6it

Noruega¹⁰⁴. Há também a forma *rettigheit* em uma carta escrita em Bjerke (Noruega) em 1 de fevereiro de 1436 (Diplomatarium Norvegicum, Vol. 5. N. 655¹⁰⁵).

Com relação ao médio baixo-alemão, que era a principal língua do comércio nesse período (da Liga Hanseática), encontra-se a forma cognata *rechticheit* em uma carta escrita na data de 1342 (carta retirada do livro publicado pela *Dem Vereine für lübeckische Geschichte und Alterthumskunde*, 1873, p.30). Também há a cognata do médio alto-alemão *rechticheit* nas canções de Rumelant v. Sachsen (século XIII) e de Heinrich Frauenlob (fim do século XIII), encontrada no *Mittelhochdeutsche Begriffsdatenbank (MDHBDB)*.

Uma das conclusões possíveis é de que a palavra norueguesa *rettighæit* tem étimo médio baixo-alemão ou médio alto-alemão. O grau de certeza é maior para o primeiro caso, tendo em vista que os reis, padres, nobres e mercadores trocavam cartas em médio-norueguês, médio-dinamarquês e médio baixo-alemão, demonstrando que havia uma compreensão desses três idiomas nessas esferas, pois são idiomas muito próximos; além disso, há várias atestações dessa palavra nos diplomas da Liga Hanseática.

Vemos que o médio alto-alemão, por sua vez, também influenciou as línguas escandinavas, mas isso ocorreu em período posterior. Como a primeira atestação nessas cartas está em antigo norueguês, descarta-se a possibilidade de ter sido criada no antigo dinamarquês ou antigo sueco.

Com relação à formação da palavra, a argumentação de que a própria língua norueguesa poderia ter derivado essa palavra a partir de *rettig-* integrado ao sufixo importado *-heit* não se sustenta, porque há

¹⁰⁴ A carta trata-se de uma troca dos “regalos da manhã” (Morgengave, Morgengabe: dote que o marido destina à esposa). Em vez da rainha Blanca possuir a região governada pela tesouraria de Tunsberg como um feudo pessoal, ela teria Bahus, Malstrand e Elvessyssel, com exceção de Ranrike, Vettahered e Borgesyssel.

¹⁰⁵ Disponível em:

http://www.dokpro.uio.no/perl/middelalder/diplom_vise_tekst.prl?b=5257&s=n&str=rettigheit

apenas a forma *rett* nas línguas escandinavas e não ★*rettig* e o sufixo –*heit* tem origem no oeste germânico (Schmidt, 2007, p. 58):

germ. **rehta* > AS *reht* ($\cong$ AAA *reht* $\cong$ AN *réttr* > LEsc *rett*) > MBA *reht*

IE *h³reg-* → adj. **h³reg-to-* > (av. *rāšta-* $\cong$ lat. *rectus* $\cong$ gr. *ὀρεκτός* $\cong$ germ. **rehta-* [> Go. *raihts* $\cong$ AN *réttr* $\cong$ Afris. *riucht* $\cong$ AS *reht* $\cong$ AAA *reht*]) (com base em KROONEN, 2013, p. 408)

O sufixo –*ig* também tem origem germânica. Ringe (2006, p. 295) afirma que um número de sufixos inovativos, que terminam em **-ga-*, ficaram muitos produtivos no germânico e que o mais importante para a história do inglês foi **-a-ga-* (exemplo, **stainagaz* “pedregoso”, **mōdagaz* “bravo” e **hailagaz* “sagrado”). Também há exemplos reconstruíveis em **-u-ga-* (exemplo, **handugaz* “capaz, esperto”) e em **-ī-ga* (**mahtīgaz* “poderoso”).

Procuramos por palavras com alguns desses sufixos nas runas e encontramos *alssualtuhr*, interpretada pelos runólogos como *allsvaldugr* “todo poderoso” (G 306M, programa *rundata* e SNÆDAL, 2013, p. 5). Há as cognatas do segundo elemento –*valdugr* em AS, que é *giweldig*). Seip (1955) afirma que o sufixo –*agr* se encontra apenas na palavra *heilagr* “sagrado” e que sua manutenção ocorreu por ser sagrada e que –*ugr* tem origem a partir de uma metáfora do –*agr* causada por –*u*. O –*igr* também pode ser um desenvolvimento causado por palatalização em casos gramaticais em que há um *i* final, porque há as variantes *auðigr* e *auðugr* “rico” (p. 207). Também é possível que tenha existido originalmente um sufixo em *i* por conta de algumas palavras que têm um *i* no gótico como, por exemplo, *gabeigs* “rico”. De acordo com Orel (2003), seria possível a existência das duas variantes no período do germânico. Possivelmente o autor sugeriu a variante com –*u-* por conta da variante do AN:

germ. **geþanan* → germ. **gabigaz* ≈ **gabugaz*
 (> Go. *gabeigs* ≈ *gabigs* ≅ AAA *kebic* ≈ *kepic* ≅ IA *gifig* ≅ AN
göfugr ≈ *göfigr*)¹⁰⁶

No próximo exemplo, Orel (2003) considera a possível existência apenas da palavra **maxtigaz*, ou seja, não havia um ★*maxtugaz*:

germ. **magh-ti*-¹⁰⁷ “poder” → **maxtigaz* (> Go. *mahteigs* ≅ AAA *mahtig* ≅ IA *meahtig* ≅ AS *mahtig* ≅ AFris. *elle-machtich* “todo poderoso” ≅ AN *máttigr*)

Nesse caso vemos a manutenção do sufixo inicial *-igaz*. Ocorre também um prolongamento regular no AN *-ht-* > *-tt-* (NOREEN, 1903, p. 91). Outro exemplo de tal manutenção é na palavra *naudigr* “necessário, forçoso”, que é herdada de **naudigaz* e tem as cognatas MAA *notec* ≅ MBA *nodech* ≅ IA *níedig* ≅ AFris. *nodich* (com base nos exemplos de VRIES, 1977, p 405).

Orel (2003) propõe uma variação entre **-igaz* e **-ugaz*. As outras cognatas têm a terminação em *-ig*. Hægstad (1909) afirma que nas línguas do germânico do oeste resultaram-se os sufixos *-ig*, *-îg* e *-ag* (p. 45).

Um exemplo em que as línguas do germânico do oeste apresentam herança da terminação em **-agaz* é:

germ. **blōðagaz* ≈ **blōðigaz* “sangrento” (> AAA *bluotag* ≈ *bluotig* ≅ AS *blōdag* IA *blódig* ≅ AFris. *blōdich* ≅ AN *blóðugr* ≈ *blóðigr*)

O que importa saber aqui é que o sufixo *-igr* quase não é produtivo no AN. Com relação ao *-ugr* vemos produtividade nessa sincronia, como também casos gerados por metafoia [*-agaz* > *-ugaz*

¹⁰⁶ Com base em OREL (2003, p. 121); LEHMANN (1986, p. 134)

¹⁰⁷ De acordo com Pokorny (695, II Band, p. 695)

por metáfora causada por *u*, seguida de manutenção] ou mantidos do antigo –*ugaz*:

germ. **burđiz* > Go. *gabaurps* $\cong$ IA *ge-byrd*, $\cong$ AFris. *berd* $\approx$ *berde* $\cong$ AS *giburd*, AAA *giburt* ($\cong$ AN *burðr* “fardo, nascimento” $\rightarrow$ *burðugr* “nascido em berço de ouro”)

germ. **xantjanan* > IA *hentan* “seguir” $\cong$ (AN *henta* “ajustar, ser apropriado” $\rightarrow$ *hentugr* “apropriado”)

AN *glens* “brincadeira, piada” $\rightarrow$ *glensugr* “engraçado”

AN *dreyra* „sangrar”¹⁰⁸ $\rightarrow$ *dreyrugr* “sangrento”

germ. **dugiþō* > IA *duguð* $\cong$ AAA *tugund* ($\cong$ AN *dygð* “virtude, honestidade” $\rightarrow$ *dyguðr* “honesto”)

Há outros casos como *hold* “carne” $\rightarrow$ *holdugr* “corpulento, robusto”; *mál* “língua” $\rightarrow$ *málugr* “falador, tagarela”, *snjór* “neve” $\rightarrow$ *snjóugr* “coberto de neve” e *skyn* “percepção, informação” $\rightarrow$ *skynja* “investigar” $\rightarrow$ *skynjugr* “compreensivo, sensato, esperto”. Nesses casos não há cognatas em outras línguas germânicas. Portanto, há casos em que a forma derivada só existe no AN, seja seu sentido ou sua forma (*mál* com o sentido de “língua”, *henta* com o sentido de “ser apropriado”, *dreyra* com o sentido de “sangrar”, as formas *hold* “carne”, *glens* “gracejo” e *skyn*) ou ocorreu a derivação apenas no AN (*snjór* $\rightarrow$ *snjóugr*; *dygð* $\rightarrow$ *dyguðr* e *burðr* $\rightarrow$ *burðugr*).

A palavra *ferðugr* “pronto” tem as cognatas MAA *vertic* $\approx$ *vertic* $\cong$ MBA *verdich* $\cong$ MHol. *vaerdich*. De acordo com de Vries (p. 118) essa palavra do AN foi emprestada ou influenciada pelo MBA. O mesmo ocorre com a palavra AN *sálugr* “pobre, miserável” que, de acordo com de Vries (p. 461), é empréstimo do MBA *salich* “contente, devoto, favorável, miserável”. Nesses casos percebemos que o empréstimo

¹⁰⁸ Literalmente “deixar cair” (< germ. **drauzian*), mas no Go. *gadrausjan* “precipitar-se” e AAA “pingar”.

ocorreu pela língua escrita, uma vez que os escrivães se preocuparam em “substituir”, “traduzir” todos os morfemas emprestados pelos nativos.

Encontramos, no entanto, algumas formações exclusivamente em *-igr* como: *orð* → *orðigr* “comunicativo, eloquente”, no AAA encontramos *wortecliche* “com palavras” no dicionário de Lexer; *snúðr* “pressa” → *snúðigr* “rápido”, no MBA *snud* “pressa”. Se havia uma palavra MAA **wortec* e uma palavra MBA **snudich*, que teriam sido emprestadas ao AN, não sabemos e, portanto, precisaria ser realizada uma pesquisa mais aprofundada.

Além do mais, a respeito do sufixo *-het*, ele tem origem no oeste germânico (Schmidt, 2007, p. 58), como apresentado na nota 78. A palavra do AN *heiðr* (< germ. **haiduz* “modo, maneira; estado, condição”), portanto, não passou por um processo de gramaticalização em que viraria um sufixo. As línguas do germânico do Oeste, que passaram por tal processo, provavelmente entendiam as palavras como: *cind-* + *-heit* “essência/posição/cargo de criança”, ou seja, “infância”

Ressalta-se que é importante o conhecimento de outras línguas cognatas para poder analisar uma língua específica. Percebe-se que a palavra *rettighet*, com um grande grau de certeza, não foi criada no AN pelo fato de que este sistema utilizava com mais frequência o sufixo *-ugr* (esperaria um ★*rettug*) e, além disso, a segunda parte da palavra (*-het*) é uma forma gramaticalizada, que ocorreu apenas nas línguas germânicas do oeste. Em suma, não havia a base **rettig* nas línguas escandinavas; por outro lado, o antigo alto-alemão tinha *rehtic*¹⁰⁹ e o médio alto-alemão, as formas *rehtec* ≈ *rihtec* (LEXER, M. *Mittelhochdeutsches Handwörterbuch*). Com relação ao médio baixo-alemão, não encontramos a palavra *rehtec* ou *rihtec*, mas a composição *rechtigheit*¹¹⁰ em 1368 e a forma *rechticheit* no dicionário de Schiller &

¹⁰⁹ Com base em SEEBOLD (2008), Fragmentos de Mondseer (Matthäusevangelium). Disponível em: <http://titus.uni-frankfurt.de/texte/etcs/germ/ahd/monsee/monse.htm>

¹¹⁰ *Diplomatarium Norvegicum*, Vol. 8, N. 84 (Maio de 1368, não cita o local, em médio baixo-alemão)

Lübben (1875, Bd. III, p. 434). Pela forma da palavra podemos concluir que a derivação em *rechtigheit* ocorreu no médio alto-alemão, que a emprestou para o médio baixo-alemão. Portanto, a palavra norueguesa, nesse caso, tem o étimo médio baixo-alemão e origem médio alto-alemã.

2.5 A discussão etimológica: herança, empréstimo, decalque, derivação, entre outros

De acordo com Viaro & Bizzocchi (2016, no prelo), a discussão etimológica:

[...] se detém na argumentação de cada proposição etimológica, na variação (diatópica, diafásica, diastrática, diacrônica) da forma e do significado da palavra e nos cognatos interlinguísticos (e eventualmente nas suas disparidades formais ou semânticas). São considerados pertinentes os comentários fundamentados sobre a atualidade da palavra ou sobre sua raridade, seu grau de especialização, sobre seu uso ou desuso. Também são pertinentes questões sintáticas que envolvam aspectos morfossintáticos de concordância (como gênero, número ou regências específicas), assim como da participação da palavra em lexias.

Nesta mesma discussão e também de acordo com os autores, classificam-se os vocábulos em cultos ou eruditos (*cultismos*) e vulgares ou populares (*vulgarismos*). Além do mais, tais categorias se referem à origem do vocábulo e não ao seu uso, quer dizer, podem haver palavras herdadas, como *escorreito*, que só ocorrem no registro ultraformal e também cultismos, como *operário*, que são de amplo uso em todos os níveis da linguagem. Há também gradações: semicultismos, que surgem a partir de hibridismos de elementos cultos e vulgares, seja por combinação ou por vulgarização da forma greco-latina e semivulgarismos, ou seja, vocábulos existentes na língua desde seus primórdios, que surgiram no período conhecido como “latim

cristão”, quase sempre conectados à Igreja, disseminados na fala popular, porém, com baixa frequência de uso e também restritos a certos gêneros discursivos em que a fala era mais controlada. Por conta disso, é necessário conhecer bem as sincronias pretéritas. Metaplasmos irregulares, como no caso de *escola*, *cabido*, *cônego* e *missa* indicam os chamados semivulgarismos. Há casos, por fim, inclassificáveis como os neologismos fonológicos (*popêrô*, *tilim-tilim*) e as derivações de sílgas (*ufologia*, *petista*, *aidético*) e os nomes próprios (*amperímetro*, *kantiano*), bem como as recomposições (*reprografia*, *informática*, *metrô*, *minissaia* e *showmício*).

Apresentaremos processos que podem ser discutidos na etimologia:

2.5.1 Herança

Os vernáculos ou hereditários são vocábulos herdados diretamente do sistema linguístico numa sincronia imediatamente anterior, sem a intervenção de outro sistema qualquer (VIARO & BIZZOCCHI, 2016, no prelo). Com relação à neologia fonológica, os autores não fornecem exemplos ou qualquer explicação.

2.5.2 Empréstimo

O empréstimo, de acordo com os autores, é aplicado a tudo aquilo que não é criado em sincronia nem é herdado. À vista disso, seria um elemento lexical proveniente de outro sistema numa determinada sincronia. Bizzocchi (2013) realiza um vasto desenvolvimento tipológico referente ao empréstimo, assim como também o faz com as palavras herdadas.

Viaro & Bizzocchi (2016, no prelo) também afirmam que, salvos uns poucos casos (*status*, *habitat*), palavras do grego e do latim já

ingressam plenamente “nacionalizadas” ao português, ao passo que alguns estrangeirismos (muitas vezes utilizado como sinônimo de empréstimo), ou estão nacionalizados na grafia (*futebol, abacaxi*) ou não (*pizza, bonbonnière*).

Outros processos de empréstimo citados pelos autores é a *retroversão*, em que a palavra de um sistema A é admitida pelo sistema B e, tempos depois, retorna para A: *fetiche* ◀ fr. *fétiche* (“feitiço” >> “fetiche”) ◀ *feitiço*. Também pode ocorrer com palavras cultas: fr.ant. †*parformer* ► ing. *perform* ► fr. *performer*.

A entrada na língua de um cultismo com a forma fonética do idioma a partir do qual foi importado produz muitas vezes uma divergência entre a forma assumida por esse cultismo e a que seria esperada se ele proviesse diretamente do grego ou latim: gr. *φρένησις* ► lat. *phrenēsis* ► fr. *frénésie* ► pt. *Frenesi*. Bizzocchi (2013) chama esse processo de *Empréstimo de cultismo estrangeiro sem adaptação grafo-fonética* (p. 20); tais palavras mantêm seu status de cultas.

Outro tipo ocorre quando uma língua importa um semicultismo, que mantém o caráter semiculto na língua-alvo, de acordo com Viaro & Bizzocchi (2016, no prelo): lat. *necessariŭs* ► fr. *nécessaire* (com adaptação da terminação) ► pt. *nécessaire* na acepção de “bolsa ou estojo feminino para utensílios de toalete”. Bizzocchi (2013) chama esse processo de *Empréstimo de semicultismo estrangeiro* (p. 24). Quando a palavra entra por transmissão oral de um cultismo indireto, isto é, a partir de outra língua que não o grego e o latim, Viaro & Bizzocchi (2016, no prelo) afirma que pode ser reproduzida na grafia a pronúncia dessa palavra pela língua. Bizzocchi (2013) chama esse processo de *Empréstimo de cultismo estrangeiro com reprodução gráfica da pronúncia original* (p. 25): fr. *estime* ► ing. *esteem* [is'ti:m] (e não ★*estime* [is'tajm]).

Por fim, de acordo com Viaro & Bizzocchi (2016, no prelo), cultimos podem ser emprestados acompanhados de desinência, que se incorporam ao radical da palavra na nova língua: fr. *privé* ► pt. *privé*,

com a manutenção da desinência de particípio -é [e] e não ★[ɛ]. Tendo em vista que é um elemento francês e não latino, ele confere aos termos portugueses um caráter híbrido, isto é, semiculto (p. XYZ). Bizzocchi (2013) confere a esse processo o nome de *Empréstimo de cultismo estrangeiro acompanhado de desinências* (p. 25).

2.5.3 Decalque

O decalque é a tradução de um vocábulo (ou dos elementos que o compõem) de um sistema diferente do estudado por equivalentes do sistema em questão. Viaro & Bizzocchi (2016, no prelo) exemplifica com a palavra *relação*, que não seria uma palavra herdada e tampouco um mero empréstimo, porque não se trata de uma mudança fonética regular, mas sistemática. Portanto seria um tradução parcial, ou para nós *decalque parcial*. Exemplos:

- francês †*estrangier* ≥ *estrangeiro*;
- inglês *goalkeeper* ≥ *goleiro*;
- esp. *cañón* ≥ *canhão*

Rash (1989, p. 18), por outro lado, não concorda que processos desse tipo sejam decalques, mas *hybrid loan* ou *loanblend* (cita Haugen, 1953, p. 390 e 402 e T.E. Hope 1971, p. 578 “partial morphemic substitution”). Trata-se da substituição parcial de morfemas da língua de empréstimo e esse processo ocorre em derivativos e componentes analisáveis.

Betz (1949; 1959) separa os decalques em dois tipos de acordo com a intensidade: *Lehnübersetzung* “tradução de empréstimo” (*loan translation* para Weinreich (1953) e *exact* para Haugen (1956)), que é a tradução de elemento por elemento, e o *Lehnübertragung* “transferência parcial mais livre” (*Loan rendition* para Weinreich e *approximative* para Haugen). Rash (1989, p. 19) afirma que uma palavra

estrangeira proporciona a base para a tradução, mas o resultado não corresponde exatamente ao termo original. Haugen (1956) insere o tipo *exact* e *approximative* dentro da classificação *borrowed creation*. Exemplos de *Lehnübersetzung* seriam:

- Al. *Großvater* (≤ fr. *grand-père* “avô”)
 - Go. adj. **armahairts*¹¹¹ (≤ lat. *misericors* ← *miser* “pobre, miserável” + *cors* “de coração”) ≥ AAA *armherz* (séc. IX) > [↔ *irbarmen* “ter misericórdia” (sec. IV) < **ir-bi-armen* ou **ir-ab-armen*¹¹² ≅ Go. **ga-arman*¹¹³ (≤ lat. *miseseri*)] > MAA *barmherze* ≈ *barmherzic* → MAA *barmherzekeit* ≈ *barmherzkeit* ≈ *barmherzickeit* > ale. *Barmherzigkeit*).
- lat. *regnum coelorum* “reino do céu” ≥ *himinríki*, em que *himinn* significa “céu” e *ríki*, “reino”
- MBA *dōmkerke* ≥ AN *dómkirkja* “catedral”.

Exemplos de *Lehnübertragung*:

- ing. *hovercraft* “máquina de pairar” (em pt. “aerobarco”) ≥ ale. *Luftkissenboot* “barco de almofada de ar”
- ing. *jukebox* “caixa de desordem”¹¹⁴ ≥ ale. *Musikkiste* “caixa de música”

¹¹¹ Há atestação apenas do plural *armahairtei*. É uma composição de *arma-* “pobre” (Nom.sing. **arms*) e *-hairto* “coração”. A terminação -s em **-hairts* é marca de adjetivo no caso nominativo e singular. Lehmann (1986) cita as teorias de Raumer (1845, p. 345) e Kluge (1909), que afirmam que tanto o gótico quanto as línguas germânicas do Ocidente têm essa palavra como um decalque do latim *misericors*. Carr (1939, p. 3-4), por outro lado, sugere que o AAA *armeherz* foi emprestado do Go. uma vez que essa palavra não existe no baixo alemão e por cor conta do -e-, e também -a-, após *arm-*. Osthoff (1894) propôs que, nas palavras de Lehmann, o proto-germânico *armoz* por si só adquiriu o significado de “misericordioso” e adicionou o sufixo *-hairts* para seguir o modelo latino. De acordo com Lehmann, mais crédito tem a proposta de Üçok (1938, p. 36), que afirma que **arma-hairts* é um decalque dos modelos gregos e latinos, uma vez que aos germânicos faltavam as gentilezas de presentear (p. 43). Isso provavelmente se sustenta porque os góticos foram os primeiros que tiveram contato com os ensinamentos da Bíblia.

¹¹² De acordo com o DUDEN, o -b- é resto de um prefixo *bi-* ou *ab-*. Kluge (na entrada *erbarmen*) afirma que seria um prefixo *ab-*, como no Al *of-earmian* “ter pena ou compaixão”.

¹¹³ Há atestação de 3p.pres.s. *armaip* e 3p.pret.pl. *gaarmaida*.

¹¹⁴ O dicionário de Oxford (CD-ROM) afirma que *juke* vem da língua africana Gullah e significa “desordem”.

Para Haugen (1956), além do *borrowed creation* também há o *borrowed extention*, que são chamados por Betz (1949) de *Lehnbedeutung*, também conhecidos como *semantic loan or extension* “extensão ou empréstimo semântico”. Nesse caso, o significado de uma palavra estrangeira é inserido a uma palavra nativa e, assim, concede à palavra nativa um novo significado. Há dois tipos: *analogical extension* “extensão analógica” (Haugen, 1953, chama de *synonymous extension*) e a *substitutive extension* “extensão substitutiva” (Haugen, 1953, chama de *homonymous extension* “extensão homônima”). A extensão analógica, por sua vez, também tem dois tipos: *semantic analogy* “analogia semântica” (chamada por Haugen, 1953, de *homologous extension*) e *phonetic analogy* (chamada por Haugen, 1953, de *homophonous loan extension*):

- analogia semântica: o modelo estrangeiro é lembrado apenas semanticamente (exemplo: lat. *faciem* (“face” e “visão”) ≥ ale. *Gesicht* (“visão” >> “face”).

Outros exemplos são lat. *nuclĕus* (“caroço” >> “núcleo de uma célula ou de um átomo”) ≥ ale. *Kern* (ambas as acepções, cf. *Kernphysik*, “Física Nuclear”) e ing. *star* (“corpo celeste” >> “pessoa famosa”) ≥ pt. *estrela*² “pessoa famosa” ≡ *estrela*¹ “corpo celeste” < lat. *stellam* “corpo celeste”

- analogia fonética: a similariedade é puramente fonética: fr. *banquette* ≥ ale. *Bancket*

A analogia fonética é diferente dos empréstimos regulares (*pure loanwords*), que são palavras inteiras derivadas de uma outra língua e adaptadas para uso nativo. Tanto a forma fonêmica e seu significado são importados para a língua recipiente: *parole*, *service*, *visite*, *discours*, etc. (Rash, 1989, p. 18).

Um outro tipo é o *Lehnschöpfung* (Betz, 1949), que corresponde não ao tipo *borrowed* de Haugen, mas de *Native* (de

subtipo *induced*). De acordo com Betz, é uma recriação independente da forma para a tradução de uma palavra estrangeira” e ela sempre ocorre, de acordo com Rash (1989), quando o *loan translation* ou o *loan rendition* não é possível por conta de razões formais e semânticas (p. 19)

Nesta presente dissertação analisaremos apenas os internacionalismos, que em grande parte se encaixam na categoria chamada por Bizzocchi (2013) de *tradução de cultismo* (p. 21) e por Rash (1989) de *hybrid loan* (p. 18). Entendemos que é de fato uma tradução e chamaremos de *decalque de cultismo*, no caso *decalque parcial de cultismo*, pois trata-se da tradução dos morfemas de um vocábulo estrangeiro por equivalentes nacionais. De acordo com Bizzocchi, esse processo ocorre quando há a substituição a partir de palavra grega, latina ou de cultismo criado em outra língua, quer dizer, a substituição de qualquer morfema da palavra culta por outro, de natureza semiculta ou vulgar, com significado equivalente. O autor exemplifica o tipo de decalque total como lat. *superponere* > pt. *sobrepôr* e de decalque parcial como lat. *emotio* > pt. *emoção*. O sufixo *-ção* é um equivalente nacional, que substitui o latino *-tionem*, e, por isso, é um sufixo herdado, abstraído de palavras herdadas como *canção* e *lição*, por exemplo.

A respeito dos sufixos fr. *-tion*, it. *-zione* e esp. *-ción*, não podemos considera-los como equivalentes nacionais, uma vez que são empréstimos do latim *-tionem* e, em seguida, sofreram adaptação ortográfica. Estas mesmas línguas têm seus correspondentes nacionais (como *-ção* no português): fr. *-son*, it. *-gione* e esp. *-zone*. Nas línguas germânicas também ocorre o empréstimo do sufixo latino, com possível adaptação ortográfica, como no norueguês que passa de *-tion* para *-sjon* em 1917. Ademais, o autor afirma que essas palavras que surgem por decalque são consideradas semicultismo, quer dizer, a palavra *emoção* seria considerada um semicultismo; por conta disso, se alguma língua emprestar essa palavra do português, a palavra também será um semicultismo. Em suma, todas as palavras terminadas com esses

sufixos surgem por meio do decalque de cultismo (ou de semicultismo, quando vem por meio indireto, quer dizer, passou por uma língua intermediária antes de chegar na língua-alvo).

Bizzocchi (1998, p. 124) também cita a categoria empréstimos de restituição, nos quais parte de um vulgarismo ou semicultismo estrangeiro é traduzido por elementos cultos gregos ou latinos:

ing. *feed back* ≥ *retroalimentar*

fr. *opérationnel* ≥ *operacional* (sufixo -el volta para -al)

Este é o processo inverso do *decalque de cultismo* citado acima.

Viaro & Bizzocchi (2016, no prelo) também cita outros processos etimológicos, que não comentaremos nessa dissertação, pois não são relevantes a ela.

2.5.4 Derivação

A diferença básica entre o étimo e a derivação é que na primeira a mesma palavra sofre mudanças fonéticas e semânticas sem nenhum aumento ou decréscimo de elementos de formação como, por exemplo, os prefixos e sufixos; ao passo que na segunda trata-se claramente de palavras distintas (VIARO, 2011, p. 99). Por conta disso, uma palavra pode ser derivada de uma palavra com *étimo de empréstimo* e, mesmo assim, ter origem na língua que criou a derivação. A palavra *gourmet* tem étimo francês, mas a palavra *gourmetização* é portuguesa:

fr. *gourmet* ► *gourmet* → *gourmetização*

Tomemos também, como exemplo, a palavra norueguesa *djervhet* "valentia". Ela é formada pelo substantivo *djerv* "valente" e pelo sufixo *-het*, que é formador de substantivos; portanto:

djerv → *djervhet* (derivação morfológica)

Tal palavra tem cognatas em outras línguas escandinavas como, por exemplo: nbok. *djervhet* ≅ sue. *djävhet* ≅ din. *djærvhed* ≅ nyn. *djervheit* (≈ *djervskap*), mas tanto no AN quanto no isl. é *dirfð*.

Para a formação de substantivos abstratos, o *nynorsk*, que segue relativamente os modelos dos dialetos noruegueses, utiliza o sufixo *-skap*, junto como os sufixos *-dom* e o *-leik*, que foram muito produtivos após a era das síncope, por terem um certo peso sonoro e serem mais recentes (SKARD, 1973, p. 101)¹¹⁵. A língua precisava de novos sufixos para criar palavras abstratas por conta do irreconhecimento dos sufixos. Dessa forma, nessa mesma Era das síncope, os sufixos herdados *-skap*, *-dom*, *-leik*, mas também o *-ing*, ganham mais produtividade. Além da síncope, outros fatores importantes que contribuíram para a perda de reconhecimento de relação entre a palavra derivada e a palavra original foram a mutação consonantal e o *bryting* (quebra vocálica), ou seja, o que antes era **sōkīni* "busca" e *sōkian* "buscar", acabou se transformando em *sókn* e *sækja* (p. 29-31). O sufixo *-he(i)t*¹¹⁶, no século XIV, também contribuiu para a substituição dos antigos sufixos.

¹¹⁵ Segundo Seip (1934), o período da síncope fez com que o AN perdesse uma grande quantia de prefixos e sufixos pois eles se simplificaram de tal maneira que os falantes não mais os reconheciam e, por conta disso, não eram mais produtivos; os falantes não conseguiam, por exemplo, reconhecer na palavra *stjórn* "controle, poderio" o sufixo formador de abstratos *-īni* (*stjórn* < **[steurīni]*). Outros sufixos que perderam essa capacidade foram *-īn*, *-ipō* e *-pi*.

¹¹⁶ No dinamarquês completamente, mas nos dialetos noruegueses apenas em algumas condições (AASEN, 1864, 267; Seip, 1934, p. 89), ao passo que no islandês nada ocorreu. Segundo Skard (1973), esse sufixo veio para substituir os antigos sufixos *-dom*, *-skap* e *-leik* (p. 155). O islandês não passou por esse processo porque estava isolado do continente em que ocorria o fenômeno

Skard (1973) afirma que a alta frequência da ocorrência da palavra alemã *rettigheit* nas cartas dos reis (p. 155), ajudou na divulgação do sufixo. O médio baixo-alemão e o médio alto-alemão tinham várias palavras formadas a partir de *-heit*¹¹⁷, pois tal sufixo teve sua origem apenas nas línguas do germânico do Oeste.

Como havia muita troca cultural por conta do comércio, cujas palavras representavam abstrações, essas línguas escandinavas acabaram por emprestar esse sufixo: o dinamarquês, como já dito, foi a língua que mais dele se utilizou, pois não só criou derivações com o adjetivo, mas também com o particípio, ex. *Forrykthed* “demência, demência”:

MAA *ver-* + *-rücken* → MAA *verrücken* ≅ MBA *vor-* + *-rucken* → MBA *vorrucken* (≥ din. *forrykke*¹¹⁸)

No caso acima, as palavras MAA *verrücken* e MBA *vorrucken* tinham apenas o sentido de “puxar do lugar que se encontra” e não é possível afirmar com certeza, sem um estudo de datação, quem emprestou para quem; o MBA emprestou essa formação para o dinamarquês. A forma participial no MAA, no entanto, se desenvolveu em uma nova acepção¹¹⁹ que influenciou o dinamarquês:

ale. *verrückt* (“movido para outro lugar” >> “louco”) ≥ din. *forrykt* (ambas as acepções)

comercial da Liga Hanseática, no qual participavam principalmente a Dinamarca, a Noruega e o norte da Alemanha.

¹¹⁷ De acordo com Kluge (CD-ROM, 2002) há as variantes *-keit* e *-igkeit* no alemão, que foram geradas a partir dos adjetivos terminados em *-ig* (MBA *-ec*: *-ec-heit* = *ec-keit*; *ig-keit*). No AAA era *-heit*, no AS *-hed*, IA *-had* e AFranc. *-hed(e)* (do germânico do oeste **-haidu* “tipo e modo; aparência). Ela ocorre também no Go. *haidus* “jeito e modo”, no AN *heiðr* “honra, dignidade”, no IA *had* “entidade, pessoa, rank, linhagem”, etc.

¹¹⁸ De acordo com o *Ordbok over det danske Sprog* e *Den danske Ordbog*, é um empréstimo do médio alemão.

¹¹⁹ A partir do séc. XVI ganhou a acepção de “enlouquecido”. Esse último sentido foi fortalecido por *sinnverrückt* “cujo senso foi puxado do lugar” e construções similares (Kluge, sobre a acepção *verrückt*)

Em seguida, o dinamarquês realizou uma derivação:

din. *forrykt* → *forrykthed* “loucura”

Os verbos MAA *rücken* e MBA *rucken*¹²⁰ tinham cognatos em outras línguas germânicas:

germ. *rukjan*-¹²¹/**rukk/gōn*¹²² > [ASue. *rykk(i)a* (> sue. *rycka*)¹²³
 ≅ AN *rykkja* (> nyn. *rykkje*) ≅ AD *rykkja* (> din. *rykke*) ≅ AAA
rucchen].

A respeito do sufixo, havia no AAA as variações AAA *fir-lfar-* > ale. *ver-*; AS *for-* > MBA *vor-*. De acordo com Kluge, esse prefixo era diferenciado no gótico em três maneiras: *faur-* *fra-* e *fair-* e essa tríade representa a relação com as línguas fora do germânico: ai. *pura*, *prá* e *pári*; gr. *parà*, *pró* e *peri*; l. (*por-*), *pro* e *per*, etc. Possivelmente, esses prefixos remetem ao **per-* “ir para o outro lado” do IE. No caso em questão, é o significado do *faur-* do gótico que importa. A ele pertencem as funções que podem ser imputadas aos pontos de partida marcados espacialmente de maneira significativa (“para o outro lado, em um outro local”, portanto, *verschlafen* “dormir demais” e *versetzen* “mudar de local, deslocar”). Ao *fra* pertencem as palavras *verarbeiten* “usar, utilizar”, *verbrauchen* “gastar, consumir” e *verschwinden* “desaparecer” e também para expressar contrariedade como, por exemplo, *verspielen* “perder”, *vergehen* “passar, decorrer” e *verlernen* “desaprender”. A respeito do *fair-*, não há nenhuma correspondência funcional. Uma vez que a coincidência desses três casos é antiga, separará-los no alemão moderno não teria sentido.

¹²⁰ De acordo com Kluge (CD-ROM)

¹²¹ Hellquist (1922, p. 665)

¹²² Kroonen (p. 417)

¹²³ Hellquist (1922, p. 665)

Em suma, o significado original de *verrückt* era “movido para outro lugar” e a partir do século XVI começou a ter o sentido de “louco”. De fato, no dicionário de LEXER (1872) sobre o médio alto-alemão, não encontramos nenhuma entrada com o significado de “louco”. O dinamarquês tomou esse novo significado do alemão e criou um substantivo por derivação.

A língua escrita da Noruega, que logo seria dominada pela Dinamarca, também adotou essas formações com tais afixos; nos dialetos noruegueses, por outro lado, tais afixos parecem não ter causado influência, salvo em alguns casos, por isso temos a formação atual do *nynorsk* em *djervskap*. Skard (1973) afirma que esse sufixo ficou tão produtivo que é praticamente impossível determinar se uma determinada palavra foi formada com base no norueguês ou se foi um empréstimo (p. 155).

O item lexical *djerv* não poderia ter vindo do médio baixo-alemão porque a forma nessa língua era *derve* (de VRIES, 1977, p. 77; FICK, A.; FALK, H., 1909, p. 202). Portanto, não apenas o sufixo deve ser considerado para um estudo etimológico, mas também a base em que ele foi inserido.

O item lexical *djervhet* serve como um exemplo de derivação, pois foi formado em uma das línguas escandinavas em contato com o médio baixo-alemão no período da Liga Hanseática por meio de uma raiz nativa e um sufixo importado. Poderia ter sido formada no sueco, que exerceu influência entre 1319 e 1355, no dinamarquês, que exerceu influência de 1397 até 1814 (com a participação da Suécia até 1523, devido à União de Kalmar) (TORP, A; VIKØR, S., 2000, p. 117) ou até mesmo no norueguês, provavelmente na cidade de Bergen, porque foi lá que o médio baixo-alemão foi utilizado como língua falada, ou seja, onde havia mais *Kontor* “escritórios” da liga hanseática (TORP, A; VIKØR, S., 2000, p. 300). Portanto, seria necessária uma investigação etimológica para saber em qual das línguas escandinavas tal palavra foi criada por derivação e, conseqüentemente, emprestada para as outras línguas

escandinavas. Uma hipótese é possível: em uma das três línguas escandinavas a palavra foi criada e as outras duas tem o *étimo de empréstimo* que remete à língua que a formou.

2.6 Levantamento da amostragem para análise e o método de pesquisa

Exemplificamos com 9 palavras da língua portuguesa sufixadas em -ção e que têm cognatos na língua norueguesa.

Tomamos como base as palavras do Dicionário Houaiss Eletrônico (DHE), que fornece informações sobre a etimologia e a datação mais antiga. As palavras norueguesas foram coletadas em quatro dicionários: o *Bokmålsordboka* (NbUiB), o *Norsk ordbok* de Tor Guttu (NTG), que tratam do *bokmål*, o *Norsk Riksmålordbok* (ROB), que pega palavras do período do *riksmål* e o *Nynorskordboka* (NyUiB), que trata do *nynorsk*.

Como textos muito antigos noruegueses e portugueses não são acessíveis manualmente, foi necessária a busca de textos *online*. Apesar de haver uma ampla acessibilidade a esses textos, nem sempre eles são digitalizados e, por impossibilitarem por conta disso a busca de palavras pelo ctrl + F, dificultam nosso trabalho. Por conta disso, foi utilizado o programa Abbyy FineReader 12, que digitaliza o texto escaneado por meio da tecnologia *Optical Character Recognition* (OCR). Dessa forma é possível buscar por palavras terminadas em X-sjon (ou X-tion em textos mais antigos), mas nem sempre o reconhecimento chega perto do aceitável, uma vez que a maioria desses textos são manuscritos e, por isso, há uma considerável variação de grafia, fazendo com que o OCR não reconheça os caracteres de maneira adequada. Uma maneira aceitável de tentar resolver esse problema é fazer várias buscas com caracteres possíveis que estão representando erroneamente o "-tion" como, por exemplo, "cion", "rion", ou apenas fazer a realização da busca em "ion" ou "io". Uma vez que esse encontro vocálico -io- não é comum nas línguas escandinavas, a não ser quando utilizado em palavras desse tipo, tal problema pode ser satisfatoriamente resolvido.

Uma maneira muito melhor, porém, muito mais demorada, de resolver o problema da má leitura dos caracteres é treiná-los no texto. Trata-se de um programa que reconhece um caractere do manuscrito que, em seguida, é combinado, por meio do usuário, a um caractere representativo; obviamente que não precisa realizar o treinamento do texto inteiro, de 3 a 5 páginas já pode ser suficiente para garantir um treinamento adequado com base na grafia do copiadador, mas é sabido que tal grafia pode variar até mesmo em caracteres iguais. Embora haja seus pontos negativos, tal procedimento é muito mais positivo pois sem ele não seria possível a busca dentro de tais documentos, uma vez que eles não são acessíveis, estão em grande quantidade e são muito antigos, o que não seria possível o manuseamento deles.

Também utilizamos a Biblioteca Nacional Norueguesa (*Nasjonalbibliothek*), que possui digitalizados todos os livros publicados na Noruega até o ano de 2000. Como o campo de pesquisa é muito bom, quer dizer, tem um reconhecimento de OCR satisfatório, foi possível buscar as palavras por esse meio.

O *Google Books* nos ajudou a buscar textos de português e de outras línguas românicas e germânicas. Também podemos citar as dezenas de *corpora* utilizados, que estão listados na parte da bibliografia.

2.7 Obras, dicionários e *corpora* utilizados

Para a realização dessa pesquisa é necessária uma bibliografia que tenha livros escritos em várias fases da língua portuguesa e norueguesa, *Google Books*, obras lexicográficas como dicionários atuais e antigos e sites que têm *corpora* online de textos de difícil acesso em papel.

Aqui estão indicadas sistematicamente obras que podem ser utilizadas durante a pesquisa, em subgrupos: A) dicionários atuais para um panorama semântico mais preciso de alguma palavra em questão, tanto no português, quanto no norueguês; B) dicionários em sincronias anteriores; C) obras de cunho etimológico; D) obras em idiomas do mesmo tronco linguístico do português e do

norueguês; E) corpora para a investigação da existência de alguma palavra, em toda a diacronia, a ser datada ou retroagida. Todas elas estão citadas na bibliografia.

- A) Poderão ser utilizados os dicionários *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (versão online), *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*, o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Caldas Aulete, o *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* da Michaelis; para o *bokmål* podem ser utilizados o dicionário online *Bokmålsordboka*, fornecido pela Universidade de Bergen, o dicionário online *Norsk ordbok* de Tor Guttu e o *Lexin Bokmålsordbok* fornecido pelo *Utdanningsdirektoratet*; para o *nynorsk*, o dicionários online *Nynorskordboka* e o *Norsk Ordboka 2014*, ambos, fornecidos pela Universidade de Oslo e o *Lexin Nynorskordbok*, fornecido pelo *Utdanningsdirektoratet*.
- B) Os possíveis dicionários em sincronias anteriores da língua portuguesa a serem utilizados são as obras de Jerônimo Cardoso como, por exemplo, o *Hieronymi Cardosi Lusitani de Monetis tã Graecis quã Latinis. Item de Ponderibus & Mësuris ad praesentem vsum redactis, Anacaephaleosis*, o *Index Totius Artis* de Antônio Vélez, o *Diccionario Lusitanico-Latino de Nomes Proprios* de Pedro de Poiares, as obras de Rafael Bluteau, como o *Vocabulário Portuguez*, o *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum digesta*, o *Thesouro da lingua portugueza*, ambos de Bento Pereira, o *Diccionario da língua portugueza* de Antonio de Moraes Silva, o *Diccionario Etymológico, Prosódico e Orthográfico da Língua Portuguesa* de J. T. Silva Bastos; para o norueguês, podem ser utilizados o *Norsk Riksmålsordbok* da Det Norske Akademi for Sprog og Litteratur o *Ordbog over det gamle Norske Sprog* de Johan Fritzner, o *Ordbog over det norske Folkesprog* de Ivar Aasen, o *Ordbog over det danske Sprog* (dinamarquês, eletrônico), que dá uma visão geral entre 1700 e 1955, o *Ordbog til det ældre danske Sprog* de Otto Kalkar (dinamarquês).

- C) Obras de cunho etimológico possíveis de serem consultadas são, para o português, o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* de Antônio Cunha, *Etimologia e Por Trás das Palavras*, ambos de Mário Eduardo Viaro, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de J. P. Machado; outras obras de palavras do tronco latino também podem ser utilizadas como, por exemplo, o *Dictionnaire Étymologique de la langue Latine* de Alfred Ernout e Antoine Meillet, para a língua latina, o *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* de Meyer-Lübke, para línguas latinas em geral, o *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana* de J. Corominas, para o castelhano, o *Dizionario Etimológico della Lingua Italiana* de M. Cortelazzo e P. Zolli, para a língua italiana. Para o norueguês podem ser utilizados o *Etymologisk ordbog over det norske og det danske sprog* de Hjalmar Falk e Alf Torp, o *Nynorsk Etymogisk Ordbok* de Alf Torp, o *Våre Arveord* de Harald Bjorvand e Fredrik O. Lindeman, o *Dansk Etymologisk Ordbog* de Edwin Jessen, o *Dansk Etymologisk Ordbog de Niels Å. Nielsen*, sendo os dois últimos para a língua dinamarquês. Outras obras etimológicas de línguas do tronco germânico possíveis de serem utilizadas são o *Svensk Etymologisk Ordbok* de Elof Hellquist (online), o *Etymologisk Svensk Ordbok* de Frederik A. Tamm e A. Noreen, ambos para o sueco, o *DWDS* (online), o *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache* de Friedrich Kluge, o *Herkunfts-Wörterbuch* da Duden, os últimos três para o alemão, o *Oxford Dictionary of English Etymology* de Charles Onions, o *Klein's Comprehensive Etymological Dictionary of the English Language: Unabridge* de Ernest Klein, ambos para o inglês, o o *Altnordisches Etymologisches Wörterbuch* de Jan de Vries, para o nórdico antigo.
- D) Obras de outros idiomas de mesma raiz também podem ser consultadas, como é o caso do *Dicionário Electronico de la Lengua Española* da Real Academia, para o espanhol, o *Vocabolario della Lingua Italiana* de Nichola Zingarelli, para o italiano, o *Le Petit Robert* do Robert Le Petit, para o francês e o *Dicionário e-Estraviz*, para o galego. Para o norueguês, podem ser utilizados o *Svenska Akademiens Ordbok*,

para o sueco, o *Deutsches Universalwörterbuch* da Duden, para o alemão e o *Longman Dictionary of Contemporary English* da Logman Group, para o inglês.

- E) Os corpora para consulta de palavras em toda a diacronia do português são: o Corpus do Português dos Professores Mark Davies e Michael J. Ferreira, as Cantigas de Santa Maria, o Corpus informatizado do português medieval (CIPM), as obras disponibilizadas pelo GMHP, como o corpus literário do português, o DICIWeb e o Corpus Histórico do Português de Tycho Brahe. A maioria desses corpora fornecem maneiras de pesquisar tanto por uma determinada palavra em um século específico, quanto pela frequência das palavras em ordem cronológica nas obras contidas neles que são de várias áreas literárias. Para o norueguês, podem ser utilizados os corpora *Diplomatarium Norvegicum* (textos de 1050 até 1570), o Regesta Norvegica (833-1390), o *Medieval Nordic Text Archive* (textos de aprox. 1200), *Oslo-korpuset av taggedede norske tekster* (atual), o *Tekstsamlingen* do Dokumentasjons-prosjektet, o KorpusDK (atual), o Arkiv for danske Litteratur (século anterior e atual) e o Studér Middelalder på Nettet (medieval), sendo os três últimos dinamarqueses.

2.8 Grau de certeza

2.8.1 Introdução

Já em 1922 foi dada a primeira sugestão sobre os graus de certeza nos étimos por Jespersen (p. 307):

It's of course, impossible to say how great a proportion of the etymologies given in dictionaries should strictly be classed under each of the following heads: (1) certain, (2) probable, (3) possible, (4) improbable, (5) impossible – but I am afraid the first two classes would be the least numerous.

De acordo com Viaro & Bizzocchi (em prelo), é possível definir o grau de certeza por meio de um número e, para isso, é necessário confirmar a aplicação regular das leis fonéticas em cada sincronia. Os autores definem os seguintes graus de certeza:

Grau de certeza	Número	Aplicação das leis fonéticas	Tipos de dados	Significado
Certo	[1]	Regular	Não reconstruídos	Mantido
Provável	[2]	Regular	Reconstruídos	Mantido
Provável	[2]	Irregular (em apenas um <i>locus</i>)	Não reconstruídos	Mantido
Possível	[3]	Regular	Não reconstruídos	Não mantido
Possível	[3]	Regular	Não reconstruídos	Não mantido
Possível	[3]	Irregular (em apenas um <i>locus</i>)	Reconstruídos	Mantido
Improvável	[4]	Irregular (em apenas um <i>locus</i>)	Reconstruídos ou não	Não mantido
Improvável	[4]	Irregular (em mais de um <i>locus</i>)	Reconstruídos ou não	Mantido
Impossível	[5]	Irregular (em mais de um	Reconstruídos ou não	Não mantido

	<i>locus</i>)
--	----------------

Resumidamente (sendo i = número de *loci* irregulares):

Regularidade das leis fonéticos ($i \leq 1$)	Sim		Sim		Sim		Sim		Não	Não	Não	Não
Reconstrução	Sim		Sim		Não		Não		Sim	Sim	Não	Não
Manutenção do significado	Sim		Não		Sim		Não		Sim	Não	Sim	Não
Número de loci irregulares	0	1	0	1	0	1	0	1	>1	>1	>1	>1
Grau de certeza	[2]	[3]	[3]	[4]	[1]	[2]	[3]	[4]	[4]	[5]	[4]	[5]

De acordo com Viaro & Bizzocchi (2016, em prelo), os graus de certeza são acrescidos de + quando há uma atuação analógica. Por exemplo, se uma proposição etimológica de grau 4 não segue as leis fonéticas porque necessita de uma explicação de cunho etimológico, os autores afirmam que sua notação será [4+], o que equivaleria a algo como [4,5]. Se houver duas explicações analógicas, o resultado será [4++] ou [4,75], etc. A respeito das substituições, decalques e empréstimos, ao contrário, nunca terão um grau de certeza menos que 3, mas, inversamente serão acrescidos de -. Dessa maneira, se uma notação tiver valor [3-], isso quer dizer que teremos algo parecido com [2,5] e [3--] algo como [2,25], etc.

Porém, com referência ao grau de certeza para palavras com étimo de empréstimo, das três características acima citadas apenas o caráter semântico deve ser considerado, uma vez que o empréstimo é feito em sincronia.

2.8.2 O *terminus a quo* e outros elementos que podem fortalecer/enfraquecer a determinação do *étimo de empréstimo* ou de *decalque*

Com relação ao *étimo de empréstimo*, a coleta dos *termini a quo* de uma determinada palavra nas línguas cognatas é o primeiro procedimento que se deve realizar para descobrir o caminho que ela percorreu entre as línguas. No entanto, além desse procedimento de coleta, propomos outros procedimentos que podem de alguma maneira fortalecer ou enfraquecer a hipótese no caminho percorrido por ela:

- (1) verificar se a palavra é atribuída a algum tema, que é difundido exclusivamente por alguma(s) língua(s). Um estudo sobre o tema pode determinar em que momento a língua, que domina determinado tema, influenciou de maneira mais massiva outras línguas. Duden (2014) afirma, por exemplo, que um grande número de empréstimo de palavras italianas para o alemão ocorreu entre os sécs. XV e XVI por causa dos negociantes italianos que viajavam para outras cidades (p. 68). Outro exemplo é a Psicologia, tema muito trabalhado pelos alemães, e muitas palavras desse tema são empréstimos do alemão entre no fim do séc. XIX e início do séc. XX;
- (2) a representação escrita do item lexical em correspondência com sua pronúncia. Eventualmente essas palavras podem vir emprestadas junto com o objeto ou a ideia;
- (3) levar em conta o radical (sua forma e significado);
- (4) cruzamentos panromânicos, como apresentado por Freitas (2013, p. 443);
- (5) a semântica da palavra. Suas acepções podem ajudar na determinação do caminho percorrido por ela.

Iremos exemplificar com a palavra *fascismo* em seu sentido original. Hoje em dia *fascismo* ou *fascista* tem outros sentidos (i.e. sinônimo de “reacionário” ou “autoritário”) e não necessariamente com a ideologia original. No que diz a respeito ao ponto 2, de línguas de influência em determinados temas, ele acaba sendo irrelevante no estudo dessa palavra, pois o fascismo descrevia a situação que ocorria apenas na nação italiana e, conseqüentemente, a palavra muito provavelmente tem sua origem na língua dessa nação. De acordo com a *Encyclopædia Britannica Ultimate Reference Suite*, o fascismo foi uma ideologia política e movimento em massa que dominou muitas regiões da Europa central, sul e do Leste entre 1919 e 1945. O primeiro líder europeu fascista foi Benito Mussolini, que sugeriu essa palavra para seu partido. Ela é uma derivação da palavra latina *fascēs* (feixe de varas) usado como símbolo de uma autoridade penal na Roma antiga. Por conta do contexto histórico-social, é fácil concluir que a palavra tem origem italiana e, além do mais, as datas da primeira aparição nos outros idiomas apresentam a italiana como sendo a primeira. Os dicionários de norueguês não datam essa palavra. O *Dizionario interattivo Etimologico* de Zanichelli (2000) afirma que a primeira abonação ocorreu em 1919 por Benito Mussolini.

A respeito do *terminus a quo* de cada uma das palavras temos:

Dicionário	Língua	Palavra	Étimo	Datação
Houaiss	Port.	fascismo	it. fascismo	1921
Corominas	Esp.	fascismo	It. fascismo (p. 329)	X
Zanichelli	It.	fascismo	X (deriv. de fascio)	1919
Le Petit Robert	Fr.	fascisme	it. fascismo	1921
Caprona	Nor.	fascisme	it. fascismo	X

NbUiB	Nor.Bok.	fascisme	it. fascismo	X
Katlev	Din.	fascisme	Derivado do latim fascis-	X
SAO	Sue.	Fasc(k)ism	it. fascismo	1922
Dud.Herk.	Ale.	Faschismus	it. fascismo	X
Kluge	Ale.	Faschismus	it. fascismo	X
Ety.Woord.	Hol	fascisme	It. fascismo	1923
Chr.Woord.	Hol	fascisme	it. fascismo	1923
Oxford	Ing.	fascism	it. fascismo	x

O primeiro registro em que há a palavra *fascisme* na Biblioteca Nacional é o jornal *Nordre Bergenhus Amtidende* de 17 de novembro de 1922:

“Eu (Ole Jakob Skattum¹²⁴) desejo que muitos alunos de ginásio que querem se associar a essa organização necessária para a sociedade, que possivelmente pode se tornar o início de um fascismo norueguês” (trad. nossa).

A respeito do português, encontramos por meio do Google Books a primeira atestação em 1922 na revista portuguesa *Ilustração portuguesa*:

¹²⁴ Geógrafo (presidente da *Norsk Geografisk Selskap*), educador, político do partido *Frisinnede Venstre* (esquerdaliberal de mente aberta) e reitor da escola Vestheim

“[...] (em 1819 e 1820), tornaram-se, agora, o fascismo, principal, se não o único arbitro dos destinos dos governos d’aquele paiz”.

O Houaiss data em 1921 e não especifica o local de onde tirou essa informação.

Como foi uma palavra de rápida divulgação, há várias hipóteses para determinar por onde a palavra chegou tanto ao norueguês quanto ao português: se chegou ao português via espanhol (cuja primeira atestação é, de acordo com nossa pesquisa no *Google Books*, de 1921¹²⁵), via francês (também 1921) ou diretamente do italiano (mais provável). É visível que nas línguas escandinavas a palavra chegou um ou dois anos depois e possivelmente direto do italiano por causa da rápida difusão da palavra e dos meios midiáticos

A respeito do primeiro procedimento, o item lexical *fascismo* é de um tema político e social. Nem o italiano nem qualquer outra língua é a principal representante de empréstimos de palavras cujas acepções são políticas e sociais no início do séc. XX; em vista disso, o alemão, o francês e o inglês também poderiam divulgar palavras de cunho político e social nesse período. O procedimento 1 não se aplica para esta palavra.

O procedimento 2, a relação entre escrita e pronúncia (em uma sincronia em que se sabe de fato qual era a pronúncia), pode ajudar a determinação de um étimo. Vejamos sons de *-sci-* nas línguas românicas com a mesma palavra cognata: fr. *fascinant* [fasi'nã], esp. *fascinante* [fasθi'nante], pt. *fascinante* [fasi'nēti], mas no it. *affascinante* [affafi'nante]. O alemão grava palavras com *-sz-* (*Faszination*, *Disziplin*, *konfiszieren*) porque as emprestou em um período em que o *-sc-* do francês era pronunciado *[ts], mas na palavra mais recente *Faschismus* temos [ʃ] e não **Faszismus*, que é o mesmo caso com o ing. *fascism* ['fæʒɪzəm]. No francês há, para *fascisme*, tanto a pronúncia [fajism] quanto a [fasism], no holandês, norueguês português também há essa variação de [ʃi] ou [si], o dinamarquês pronuncia ao modo francês com [si] como também o islandês: *fasismi* ['fa:ʃiʂmi]. Portanto, concluímos que o elemento lexical tem

¹²⁵ La Reforma social : revista mensual de cuestiones sociales, económicas, políticas, parlamentarias, estadísticas y de higiene pública.

origem italiana e é o étimo de possivelmente todas as línguas apresentadas porque elas produzem o som [ʃi], grafado -sci- no italiano, em uma combinação de consoantes que não corresponde ao som que naturalmente reproduziriam. Outra conclusão que podemos tomar é a de que ele provavelmente entrou meu meio da oralidade por conta da pronúncia “à italiana” e a pronúncia com [s] no português, por exemplo, começou a ser reproduzida por conta da influência da língua escrita. O único problema que pode ocorrer na determinação do étimo em itens lexicais como essa é se a língua a qual a palavra foi emprestada modificar o som original por conta da escrita.

Também é muito importante considerar o radical do elemento lexical, pois ele pode ser um vernáculo de uma língua específica e aqui trata-se do procedimento 3. No caso de *fascismo*, há o radical *fasci-*, que vem de *fascio* “feixe”, o que remonta totalmente ao italiano e não ao francês *faix*, português *feixe* ou espanhol *feje*.

O procedimento 4 tem a ver com a hipótese de Freitas (2013) sobre os cruzamentos panromânicos. Na hipótese de Freitas postula-se que não há “em duas ou mais línguas românicas o mesmo empréstimo latino, uma vez que tende a ocorrer primeiro em uma das línguas, e desta, passar a outras” (p. 443). Com relação aos elementos lexicais internacionais e de grande divulgação, também é possível aplicar essa hipótese muito além do mundo românico, possivelmente como um cruzamento panromânico e pangermânico.

Como definidores do grau de certeza, podemos utilizar, junto a esse procedimento, o prestígio de uma língua (francês, por exemplo), a proximidade geográfica (espanhol) e, obviamente, o *terminus a quo*. No que tange ao elemento lexical *fascismo*, confirma-se a hipótese do panromanismo, pois surgiu em uma única língua que passou para as outras línguas românicas, mas também espalhou também para o mundo germânico. O prestígio e a proximidade geográfica não são relevantes nesse caso, uma vez que esse elemento lexical foi emprestado para as outras, não por ser prestigioso, mas por necessidade de expressão desse novo modelo político. Além do mais, como ocorreu num período de grande propagação de mídia, o espaço geográfico teve pouco efeito.

A semântica da palavra, procedimento 6, também é importante para definir o étimo de uma palavra. Durante o empréstimo da palavra, pode ocorrer apenas a transmissão de uma de suas acepções, que pode sofrer transformação na língua receptora e, novamente, ser emprestada para outras línguas em contato. Portanto, é importante saber o significado da palavra em cada uma das línguas cognatas. No caso da palavra *fascismo*, ela surgiu com apenas uma acepção e, assim, passou para as outras línguas.

3 Análise

A análise está dividida em duas partes. Na primeira parte se apresenta os dados coletados em todas as línguas cognatas. O *terminus a quo* e os procedimentos que podem fortalecer/enfraquecer a determinação do étimo estão elencados e discutidos na segunda parte. Nela também apresentaremos a ficha de Etimologia do elemento lexical tanto para um dicionário português quanto para um norueguês (tanto *bokmål* quanto *nynorsk*). O modelo da ficha é o seguinte:

Elemento lexical (gênero)

Acepção do elemento lexical

Hipótese 1 do caminho percorrido pela elemento lexical

Hipótese 2 do caminho percorrido pela elemento lexical

Etc...

Comentários (se necessário)

Ano da primeira abonação. Obra da primeira abonação

Trecho em que o elemento lexical ocorre (apenas para o norueguês, pois no português já foi citado na análise)

Origem do significado da acepção

Origem do significante da acepção

Étimo de empréstimo

Localização da obra

Ao lado de cada hipótese colocaremos sua porcentagem. Quando houver um colchete entre uma língua e sua datação, na sequência de línguas por quais o elemento lexical passou, isso significará que essa língua pode ter sido ou não um intermédio por qual o elemento lexical passou. Por exemplo:

pt. ◀ esp. ◀ [it.] ◀ fr.

No exemplo acima temos a hipótese de que o francês foi o ponto de partida do elemento lexical que, em seguida, surgiu no espanhol, sendo ou não o italiano uma língua intermediária. Nesta representação, o étimo do elemento lexical no português só pode ser espanhol. Exemplo de uma hipótese apresentada na análise da palavra *navegação*:

20% (◄ din. na Noruega *navigation* 1766 ◄ din. *navigation* 1707 ◄ ale. *Navigation* 1589 ◄ hol. *navigatie* 1549 ◄ [fr. *navigation* 1538] ◄ pt. *navegação* 1499)

Neste caso, o elemento lexical tem a primeira abonação na língua portuguesa e o dinamarquês emprestou do alemão. Como o holandês não está em colchetes, o étimo da palavra alemã só pode ser holandês (tendo em vista que é a primeira abonação do alemão é uma tradução de uma obra holandesa); o holandês, por sua vez, uma vez que o francês apresenta os colchetes, pode ter étimo francês e português.

Um exemplo de porcentagem seria:

25% pt. ◄ esp.

25% pt. ◄ it.

25% pt. ◄ fr.

25% pt. ◄ ing.

No exemplo acima temos 4 hipóteses e, como não conseguimos encontrar dados que reforçam uma delas, cada uma tem 25% de chances de ser verdadeira. Se, por outro lado, a primeira abonação for uma tradução de alguma dessas obras, por exemplo, uma obra de língua italiana, afirmaremos que há 100% de chances de ser um empréstimo do italiano.

Abaixo da ficha do norueguês *bokmål* e caso a obra seja anterior à cerca de 1907, que foi o ano, como apresentado no subcapítulo 1.4.2.5, em que ocorreu o primeiro acordo ortográfico para o *bokmål*, colocaremos indícios linguísticos para comprovar se a obra está, de fato, escrita em norueguês. Esta adaptação ortográfica não ocorreu repentinamente e muitos jornais ainda não a

utilizavam após o ano de 1907; por outro lado, já havia pensadores e linguístas que utilizavam elementos noruegueses muito antes desse ano.

A respeito do *nynorsk*, por não ter sido uma norma que surgiu de uma base dinamarquesa e, portanto, desde seu início já era norueguesa, não é necessária tal a apresentação de qualquer indício.

3.1 Aberração/Aberrasjon

3.1.1 Apresentação dos dados

3.1.1.1 Mundo germânico

Norueguês

Significados em dicionários atuais (a partir de 1901 em *nynorsk* e 1907 em *bokmål*):

Dic.	Significado	Etimologia	Datação
NbUiB	<ol style="list-style-type: none"> 1. (astron.) mudança aparente na posição de uma estrela por causa do movimento da luz e da terra; 2. Diferença entre um objeto e a imagem do mesmo quando os raios de luz dele são quebrados por meio de uma lente; 3. (biol.) modificação anormal em um cromossomo durante a divisão das células 	Do lat. <i>aberrare</i> “divergir, discrepar”	Não consta
NyUiB	<ol style="list-style-type: none"> 1. Igual 2. Erro na imagem refletida por uma 	Do lat. <i>aberrare</i> “divergir,	Não consta

	lente 3. Igual	discrepar”	
NTG	1. Igual 2. Igual (aberração esférica e cromática) 3. Igual	Do latim “desvio, discrepância”	X
ROB	1. (lit., fis.) desvio a diferentes pontos de encontro de raios de luzes que vêm de uma mesma fonte e passam por uma lente ou são refletidos de um espelho 2. (astron.) modificação de lugar notável da estrela em consequência do movimento simultâneo da luz e da Terra	do latim <i>aberratio</i> (“engano, equívoco, erro”; “perder-se”)	X

Obras em dinamarquês publicados na Noruega

O primeiro registro deste elemento lexical está no jornal *Den Norske Rigstidende* de 10 de novembro de 1831, mas faz parte de uma listagem de livros dinamarqueses publicados em setembro de 1831: *Begyndelses-Grundene af Læren om Aberrationen, ved H. J. Hansen. En astronomisk Monographie [...]*

“Fundamentos iniciais do ensino da aberração, com H. J. Hansen. Uma monografia astronômica [...]” (trad. nossa).

A segunda abonação ocorre no livro sobre política e economia de Strøm (1833) e não tem nenhuma acepção técnica:

[...] i det man, ved en Aberration fra hiint hovedprincip lod seg forleede til at udviide [...] (p. 38)

“Enquanto, em um desvio do princípio fundamental, deixou-se levar a ampliar [...]” (trad. nossa)

No mesmo período, há outros registros em jornais com um sentido mais geral, de desvio, como por exemplo em *Aberration i Anskuelsen* “aberração no entendimento” (*Den Constitutionelle* 10.03.1836) e [...] *som en Aberration fra de naturlige Forholde* “como uma aberração das relações naturais” (*Den Constitutionelle* 06.04.1836), *Aberrationer fra Sandheden* “desvios da verdade” (*Morgenbladet*, 20.08.1847), etc.

Em 1841 atesta-se pela primeira vez o elemento lexical com acepção astronômica nos livros noruegueses, se não considerarmos a citação do jornal acima, na obra de Arago (1841, tradução de Langberg):

Bradley opdagede, da han søgte at bestemme
Fjrstjernernes aarlige Parallaxe, at de ikke ere ubevæge-
lige; men at i den Tid, som Jorden bruger for at
gjennemløbe Ekliptiken, synes de i Jordbanens Plan
liggende Stjerner at beskrive rette Linier, de som ligge
lodret over samme eller ved Ekliptikens Poler, Cirkler,
og endelig de, som have en mellemliggende Beliggenhed,
Ellipser, der ere meer eller mindre langstrakte, efter-
som de ligge nærmere ved den første eller anden af
hine to Stillinger. Heri bestaaer det Phænomen, som
man benævner Lysets Aberration; det vil skaffe os

“Bradley, se empenhando em determinar as paralaxes anuais das estrelas fixas, descobriu que elas não são imóveis; mas que parecem descrever, durante o período em que a Terra usa para atravessar sua órbita, tais como

aquelas que estão no plano dessa órbita, linhas retas; que estão em um plano perpendicular a essa órbita, a descrever círculos e que estão em planos intermediários, a descrever elipses mais ou menos alongadas, de acordo com o fato de estarem mais ou menos perto de uma ou de outra dessas posições. Trata-se do fenômeno chamado de Aberração da Luz [...] (trad. nossa)

No jornal *Morgenbladet*, edição de 21 de junho de 1851, informa-se sobre o famoso escritor sueco de sua época Carl Jonas Love Almqvist, que fugiu da Suécia por suspeita de fraude e tentativas de envenenamento do usurário Johan Jacob von Scheven a quem ele devia 18.000 *riksdaler*:

[...] maatte han ved deres Udklækkelse eller Udførelse have været besat af en dæmonisk Aberration eller Manomani, til hvilken man maa søge et Modstykke i Goethes Faust eller Eugen Arams historie [...]

“[...] ele teria com sua imaginação ou realização sido possuído por uma aberração demoníaca ou *Manomani* a qual deve-se buscar um equivalente no Fausto de Goethe ou na história de Eugene Aram [...]” (trad. nossa)

Como uma acepção de “erro” encontramos no livro sobre o surgimento da saga dos reis, de Gjessing (1873):

I Frisbogen er i dette Cap. det Granmar tiltænkte Sæde udeladt ved Aberration fra [...] (p. 27)

“No livro de Fris e nesse capítulo, o sítio destinado ao Granmar é omitido por erro [...]” (trad. nossa)

Em algumas obras encontramos a preferência pelo uso da forma nórdica em vez da forma latina: dicionário dano-norueguês-francês de Sundby (1883), abaixo citado, e o manual de física de Schiøtz (1881), em que aparece: *den sfæriske Afvigelse (Aberration)*.

Na acepção óptica, a primeira abonação está no livro de Arndtsen (1853):

Dette benævner man her som ved huuspeilene den sphæriske Aberration. (p. 70)

“Isso chama-se aqui como em espelhos côncavos de aberração esférica.” (trad. nossa)

Obras lexicográficas

No dicionário de palavras estrangeiras de M. C. Hansen (1851) atesta-se o seguinte:

Aberration, en, Forvildelse; Afvigelse fra den lige Retning

“Aberração, gen.com. variação, discrepância do caminho ou da direção” (trad. nossa)

Nos dicionários de inglês-dano-norueguês-inglês:

Inglês	Dano-Norueguês	Autor	Tipo	Ano
Aberration	<i>Afvigelse</i> “discrepância”, <i>Vildfarelse</i> “erro, engano”	Geelmuyden	Geral	1855, 1872

No dicionário de francês-dano-norueguês de Sundby (1883/1884):

Francês	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
Aberration	(Estrela; de estado normal) <i>Afvigelse</i> ; <i>Forvildelse</i>	Sundby	Geral	1883/1884

Concluimos que a abonação com acepção astronômica ocorre no ano de 1831 e com acepção geral, já a partir de 1833. A acepção óptica surgiu apenas

em 1853. Os dicionários bilíngues, por outro lado, não atestam esse elemento lexical.

Cognatas em outras línguas germânicas

Dinamarquês (publicado na dinamarca)

O corpus *Renæssancens Sprog i Danmark* cita apenas Pedersen (1510) como obra que tem a cognata correspondente, porém, apenas na forma latina *aberratio*, que teria como tradução *villfarelse* “erro”, “engano”, “desvio”.

Pelo *Google Books* encontramos o elemento lexical em um artigo de Horrebow (1747) publicado em uma revista chamada:

Om Fixstjernernes Aberrationer som nu, efterat deres rigtige Theorie og Aarsage er funden, bør kaldes Refractioner eller Anaclases. (p. 107)

“Sobre as aberrações das estrelas fixas que agora, depois que suas teorias e causas foram encontradas, devem ser chamadas de refrações ou anáclases” (trad. nossa)

No capítulo XII. *Forklaring over adskillige fremmede Sprogs Ord, som i Almindelighed bruges og indføres udi Breve [...] og Skrifter [...]* “Explicação sobre diferentes palavras de línguas estrangeiras que no geral são utilizadas e inseridas em cartas [...] e escrituras [...], do livro *Arithmetica aurea mercatoria* de Arnoldus Bondesøn (1755) não há registro desse item lexical.

Com acepção astronômica ele ainda aparece no léxico de conversação de Kofod (1816):

Sex Aar efter bekjendtgjorde han [James Bradley] sin Opdagelse af Lysets Aberration [...] (p. 504)

“Seis anos depois ele [James Bradley] publicou sua descoberta sobre a aberação da luz [...]” (trad. nossa)

Na enciclopédia concisa de palavras, expressões e modos de falar estrangeiros de Meyer (1837), temos:

Aberration, en, Forvidelse; Afgang fra Banen el. fra den lige Retning (om Planeter og Lystraaler)

"Aberração, gênero comum, perde-se, extraviar-se, induzido, imoral, equivocado; variação, discrepância do caminho ou da direção (de planetas e raios de luz)" (trad. nossa)

Na tradução dinamarquesa da obra *Kosmos* (Band I) (1847) de Alexander von Humboldt, ocorre a tradução de *Abirring des Lichtes* por (*Lysets Aberration*). Essa obra tem o mesmo tema da obra de Arago, acima citada e *Abirring* é uma formação alemã de mesmo sentido.

O elemento lexical tem a acepção no *Almennyttigt Dansk Konversations-Lexikon* (1849-1860, mas o volume 1 é de 1849) de: *Forvildelse, Aftvigelse fra Banen eller den lige Retning (Se Lysets Aberration)* "perde-se, extraviar-se", "induzido", "imoral", "equivocado"; "variação, discrepância do caminho ou da direção (veja Aberração da Luz)" (trad. nossa). No verbete *Astronomi*, dentro da acepção 1) *Den sphæriske Astronomi* "a astronomia esférica" afirma-se que se ocupa com as aparições no céu [...] com o ensino sobre aparições gerais como *Nutation, Aberration, Parallaxe*.

Na acepção óptica, a primeira abonação encontrada no dinamarquês está na obra de Hompel (1849):

Derimod tjener Iris som et kunstigt Diaphragma til at indskrænke den altfor stærke sphæriske Aberration [...]

"Entretanto, a íris serve como um diafragma artificial para reduzir a aberração esférica muito forte [...]" (trad. nossa) (p. 47).

No sueco

De acordo com o Svenska Akademiens Ordbok, o primeiro registro da cognata correspondente *aberration* é de 1745, na obra de Anders Johan von Höpken, com a acepção da astronomia e da física.

Retrodatamos este item lexical porque encontramos uma abonação mais antiga na revista *Kungliga Svenska Vetenskapsakademiens Handlingar*, edição de 1744, feita por Wargentin:

[...] af fix-stiernornas så kallade aberration, hvilken den berömlige Engländeren Herr Bradley nyligen uptäckt [...] (p. 139)

“[...] da então chamada aberração das estrelas fixas, que o famoso inglês Mr. Bradley recentemente descobriu [...]” (trad. nossa)

Na acepção física e geométrica encontramos o *terminus a quo* também na revista *Kungliga Svenska Vetenskapsakademiens Handlingar*, edição de 1753, com o título de *Geometrisk Aberrationer* de A. G. Kästner (p. 126).

No inglês:

De acordo com Oxford (CD-ROM, 2010), a cognata correspondente *aberration* apareceu no inglês no final do séc. XVI e tem apenas uma acepção:

A fact, an action or a way of behaving that is not usual, and that may be unacceptable

De acordo com o dicionário etimológico de Murray (1888-1933), no período havia muitas acepções, que podem ser resumidas. O primeiro registro é de 1594 e tem a acepção de *a wandering from the path of rectitude, or standard of morality; morality irregularity*, quer dizer, tem a acepção de “engano, infração, distração, desvio” e é a terceira acepção:

Error in religion and aberration in manners.

Encontramos, no entanto, uma abonação cinco anos mais antiga no corpus *Early English Books*, que se encontra em uma obra de 1589¹²⁶ de Job Throckmorton:

[...] M. Some in his calme conceite can wel afforde it to be, for it semeth he dare goe noe farther then to An aberration of the Christian Church (...)

“[...] M. Some em seu pacífico pensamento pode bem permitir que isto assim seja, pois parece que ele não se atreve a ir mais longe do que a *Uma aberração da Igreja Católica* [...]” (trad. nossa)

De acordo com *The Christian Research Institute* (CRI), a aberração é diferente da heresia, que é o falso ensinamento dos elementos básicos que

126 *M. Some laid open in his coulours VVherein the indifferent reader may easily see, hovve vvretchedly and loosely he hath handeled the cause against M. Penri. Done by an Oxford man, to his friend in Cambridge.*

fundamentam a fé histórica cristã, que dizer, as heresias são ensinamentos que abertamente negam uma de suas doutrinas fundamentais (trindade, Jesus Cristo como divindade, ressurreição). Por outro lado, quando um ensinamento não nega manifestamente a teologia bíblica, mas é igualmente perigoso e inconsistente com a confissão ortodoxa da fé, ele é denominado aberração. O autor do trecho acima, Job Throckmorton (1545-1601), de acordo com Auchter (2001), era um protestante inglês, de visão puritana, membro do Parlamento, que autorizou as sátiras anticlericais de um autor anônimo (ou autores) cujo pseudônimo era Martin Marprelate. Esse autor (ou autores) anônimo escreveu os tratados de Marprelate, que circularam ilegalmente na Inglaterra e no País de Gales entre os anos de 1588 e 1589 tinham como principal objetivo atacar o episcopado do anglicanismo.

Concluimos que o termo aberração nesse caso, é uma conduta da igreja católica que desvia e é inconsistente com a verdadeira fé, do ponto de vista do protestantismo puritano, ou seja, condiz com a acepção dada por Murray (i.e. *wandering from the path of rectitude, or standard of morality; morality irregularity*).

A primeira acepção do dicionário de Murray é *a wandering away, a straying*. A segunda (1610-1631), *a deviation or divergence from a direct, prescribed, or ordinary course of mode of action*; quer dizer, tem o sentido de “partida”. A quarta (1823), *a wandering of the intellect, an abnormal state of any intellectual faculty*, ou seja, erro de julgamento, uma lacuna de imaginação; a quinta, *deviation from the ordinary or normal type of any natural production*.

A acepção óptica surgiu apenas em 1753 na *Cyclopaedia, Supplement*, Vol 1 de Ephraim Chambers:

Aberration, in optics, is used to denote that error or deviation of the rays of light, when inflected by a lens or speculum, whereby they are hindered from meeting or uniting in the same point.

A acepção astronômica é, de acordo com o dicionário, *the displacement of the true position of a heavenly body to na observer on the earth, occasioned by the joint effect of the earth's motion, and the non-instantaneous transmission of light; hence also called aberration of light*. Como primeiro registro está a obra de Lardner, Astron. (1856):

The apparent displacement produced by aberration is always in the direction of the earth's motion.

Na *Biblioteca Nacional da Noruega*, diferentemente, encontramos a obra de Maupertuis, Camus, Clairaut, Le Monnier e Celcius (1738):

This Aberration of the fixt Stars seemed at first subject to so great Varieties, that it was not till after a long Course of Observation that Mr. Bradley discovered the Theory (...) (p. 69)

No ano seguinte, o item lexical também aparece no artigo de Smith (1739) na revista *Philosophical Transactions*:

It may be imagined, perhaps, at first View, that (if our Reasoning is just) the Errors of refracting Telescopes, occasioned by different Refrangibility of Light, may be corrected by a like Artifice: But the Aberration of the Rays from the principal Focus it here so great (...) (p. 334)

Esta é a revista em que apareceu pela primeira vez as primeiras observações do astrônomo James Bradley (1693 – 1762) do que viria a ser conhecido como aberração da luz. Essa descoberta foi evidência conclusiva para o movimento da Terra e, por isso, corrigiu as teorias de Aristarchus e Kepler. Ela foi anunciada pela primeira vez por James Bradley na edição de janeiro de 1727 dessa mesma revista¹²⁷, mas não encontramos no artigo *aberration*.

No dicionário inglês que explica termos difíceis de Coles (1717), *aberration* significa *going astray*, quer dizer, ainda não havia a acepção acima.

Concluimos que esse elemento lexical com a acepção de “comportamento não aceitável” surgiu no final do séc. XVI, mas a acepção científica apenas em 1739 e foi transportada para o domínio da óptica e física, uma vez que aparece na obra de Chambers (1753).

No alemão

Nem no Duden (Das Herkunftswörterbuch) nem no Kluge há uma cognata correspondente como entrada.

¹²⁷ Disponível em <http://rstl.royalsocietypublishing.org/content/35/399-406.toc>

No corpus *Deutsches Textarchiv*, o primeiro registro é de 1764. Ao procurar no *Google Books*, a primeira obra a registrar essa cognata é a revista de medicina *Sammlung von Natur- und Medicin- wie auch hierzu gehörigen Kunst- und Literatur-Geschichte* (1718) de Johan Kanold:

Die hiervon erfolgende, und gewiss sehr gemeine, metaschematismi morborum in abdomine, die angustiae asthmaticae Pectoris, Vertigines, Sufurrus & Gravitates capitis, u.d.g.m. sind oft kräftiger zum Beweis obiger aberration (...) (p. 773)

“A *metaschematismi morborum in abdomine*, a *angustiae asthmaticae pectoris, vertigines, Sufurrus & Gravitates capitis, u.d.g.m.*, que ocorrem a partir disso e que são certamente muito cruéis, são sempre mais evidentes para a aberração acima [...]” (trad. nossa)

Na Enciclopédia Universal de Zedler (1731-1754) não encontramos nenhuma citação de *Aberration*.

A obra *Erklärung über das ... 1734 in der Grafschaft Schackenburg ... gefundene güldene Horn [...]* de Gutacker (1736), que relata sobre a descoberta por Erich Lassen de um dos itens arqueológicos rúnicos mais famosos, o segundo chifre de Gallehus, tem essa cognata. Ao descrever o terceiro círculo do objeto arqueológico, temos:

Das ander Thier mit 2. Köpfen ist ein Monstrum naturae, woraus die Druiden wegen Unvollkommenheiten und aberration der Natur ein Ormen (...) (p. 17)

“O segundo animal com duas cabeças é um *Monstrum naturae*, de que os druidas por conta de suas imperfeições e aberração da natureza, um augúrio [...]” (trad. nossa).

Com acepção científica, a primeira atestação está num artigo que é uma continuação de um outro, *Fortsetzung des im vorigen Stücke abgebrochnen Auszuges, aus den Schriften der kaiserl. Petersburg-Akademie* (1751):

[...] Abhandlung von der aberration der Fixsterne (p. 354).

“(...) tratado da aberração das estrelas fixas” (trad. nossa)

A respeito da acepção óptica, encontramos o seguinte trecho por meio do *Google Books* na obra *Göttingische Anzeigen von gelehrten Sachen* (97. Stück. 13 de agosto de 1763):

[...] und es ist möglich, durch die Vereinigung zwei verschiedener durchsichtiger Körper die Aberration zu vermeiden, die aus der verschiedenen Brechbarkeit der Strahlen entsteht. (p. 783)

“[...] e é possível, por meio da unificação de dois corpos diferentes e transluzentes, evitar a aberração que é gerada a partir da distinta refrangibilidade dos raios.” (trad. nossa)

No holandês

O banco de etimologia afirma que, de acordo com Philippa (2003-2009), a cognata *aberratie* aparece pela primeira vez em 1658 com o sentido de *afdwaling* “desvio” e em 1853 com a acepção de “aberração da luz”. É um empréstimo do francês *aberration* (1624) do latim *aberratio*. N. van der Sijs (2001) também afirma que o item lexical com a acepção de “desvio” é de 1658 e vem do francês.

O WNT (*Woordenboek der Nederlandsche Taal*); no entanto, afirma que o item lexical com acepção de “desvio” surgiu apenas em 1888; com a acepção de “aberração da luz”, concorda com os outros.

Pelo Google Books encontramos uma abonação com a acepção astronômica em um artigo de Struyck (1761):

In het berekenen van deeze Plaatsen, is de Parallaxis, Aberratie en Refractie [...] (p. 305)

“No cálculo desses locais, a paralaxe, aberração e refração [...]” (trad. nossa)

3.1.1.2 Mundo românico

Português:

Os dicionários de língua portuguesa atestam a etimologia desse elemento lexical da seguinte maneira:

Dicionário	Étimo	Datação
Houaiss (online)	lat. <i>aberratio</i> , onis, “processo de se afastar	1813 (<i>Diccionario da Lingua Portuguesa</i> [...] por

	de, desvio do bom caminho”, der. do v. <i>aberrare</i> “errar longe, extraviar-se”, de <i>ab-</i> “afastamento” + <i>errare</i> “errar, vagar”; na acepção de “desvio do juízo” é decalque do fr. <i>aberration</i> (1733).	Antonio de Moraes Silva (2a edição), Lisboa [= MS ²].
--	---	---

O dicionário cita 9 acepções. Da primeira até a quinta tratam-se de *desvios*, quer dizer, de padrão, de regularidade, de natureza, de moralidade, de bom senso. A sexta acepção é do campo astronômico: *desvio angular aparentemente de um astro na direção do observador, provocado pela composição da velocidade da luz e da velocidade do nosso planeta; aberração da luz, aberração das fixas*. A sétima trata-se da óptica: *desvio dos raios luminosos que atravessam um sistema óptico, provocando uma distorção na imagem*. A acepção oito é da medicina e a nove, é da teratologia, *corpo de conformação anômala*. Também são citadas várias locuções: *aberração da luz, aberração das fixas, aberração de esfericidade, aberração esférica, aberração geométrica, aberração planetária*, etc.

A primeira versão do dicionário de Antonio de Moraes Silva, *Diccionario da Lingua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva* (1789) não tem a entrada desse elemento lexical. Ele foi inserida apenas na segunda edição de 1813 com a acepção de *movimento aparente das estrelas fixas*. Houaiss apenas cita a data e a obra, como acima demonstrado. Na terceira (1823) e quarta edições (1831) descrevem-se a mesma acepção. Não tivemos acesso às edições seguintes. Na oitava (1890), por outro lado, há a acepção: *(do Lat. aberratio) (t. astr.) Movimento aparente das estrelas fixas; (t. De opt.) Aberração da luz; dispersão de seus raios; (t. med.) desmancho na disposição dos órgãos e no exercício das suas funções*.

No *Corpus Lexicográfico do Português* não encontramos *aberração*, apenas a forma latina *aberratio*, como por exemplo, Bento Pereira em sua obra *Prosodia* (1697) afirma que *aberratio* significa “o desvio do caminho direito”, com base em Cícero; em sua outra obra *Thesouro* (1697), *desvio* e *sincada* são traduzidos por *declinatio*, *aberratio*.

No vocabulário de Bluteau (1728, p. 689) não há *aberração*, mas *aberratio*, que aparece nas seguintes entradas: *allucinaçam*, *desvarão*, *digressam*, *distracçam* (*mentis aberratio*) e *divertimento e desatenção* (*mentis aberratio*). Bluteau cita Cícero nessas entradas. Este item lexical é entendido por ele como “variedade do juízo”, “quando o orador aparta do seu principal assumpto”, quer dizer uma digressão, é uma “cousa que diverte os sentidos, ou o pensamento de qualquer seria occupaço”.

No *Diccionario* de Carlos Folqman (1755), a entrada *distracçam* é entendida como “inquietação, ou divertimento do pensamento; *mentis aberratio*, ou *avocatio*”.

Em *Parvum Lexicon* (1798) de Pedro José da Fonseca, *aberratio* é traduzido por “desvio, apartamento”.

Nenhuma das obras do *Corpus Lexicográfico* prova a existência desse elemento lexical no período até 1798.

Nos dicionários de etimologia da língua portuguesa encontramos as seguintes atestações:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Cunha (1999)	Aberração	Do fr. <i>aberration</i> , deriv. do latim <i>aberratione</i> -	XIX (“desvio, desacerto, deslocamento”)

Por meio do *Hathitrust Digital Library*, pudemos encontrar a abonação em um livro mais antigo e, assim, retroagir o *terminus a quo* dado pelo Houaiss e

pelo Cunha a respeito da acepção científica óptica. Nele há o artigo *Elogio Historico de João Le Rond D'alembert*, escrito por Francisco de Borja Garção Stockler, contido na obra *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo I (1797):

Este grande Geometra tinha affirmado contra a expressa decisão de Newton, que a aberração de refrangibilidade nos Telescopios podia destruir-se, combinando na composição das suas lentes diversas materias [...] (p. 572).

A respeito de *aberração* com uma acepção não científica, por meio da *Hereoteca Digital Brasileira*, a encontramos no artigo *Particularidades e observaçoens, sobre os Ministros de Finança de França, que tem sido mais celebres, desde 1660, até 1791; 1 volume, 8o Londres, 1811* na parte de *Literatura e Sciencias* na edição de fevereiro de 1812 do *Correio Braziliense*:

Não são somente os Ministros de Finanças os que tem experimentado ésta aberração do juizo nacional; tem-se ella extendido até os reys, a todos os objectos do Governo, e aos objectos que lhe são extranhos, Luiz XIV., tem sido exaltado, e quase adorado: quando empregava a uma vã magnificencia, a substancia de seus subditos; quando fazia correr o sangue humano por guerras injustas [...] (p. 165).

Espanhol:

Nos Corominas encontramos a seguinte entrada:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
COROMINAS (1984)	Não consta	Não consta	Não consta

O Corominas apenas cita *aberrar*, que vem do lat. *aberrare* “desviar-se do caminho.

Ao pesquisar no Google Books a obra mais antiga que cita a acepção astronômica é a de Zuñiga (1743):

Si las observaciones de la segunda operacion se quieren corregir tambien 3 ½“, que padeciò mas de Aberracion de la luz à 31 de Julio [...] (p. 16)

Como primeiro registro de *aberração* com a acepção não científica temos a tradução da obra do abate francês Barruel (1813):

De este modo al miesmo tiempo em que el filosofismo celebraba sus triunfos, debia el orgullo de la secta verse humillado por la aberracion y extravagancia mais impía del mais querido de los iniciados. (p. 219)

A acepção óptica é do ano de 1781, na obra *Elementos de matemática* de Benito Bails:

Como hemos tomado P y P' para representar la aberracion media, la aberracion que se destruye, por medio de la fórmula antecedente, es la de los rayos intermedios. (p. 523)

Italiano:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
ZINGARELLI	aberrazióne	Voc. culto, lat. <i>aberratione(m)</i> . V. <i>aberrare</i>	1750
Deli	aberrazióne	Voc. culto. Lat. <i>aberrare</i> “desviar-se, errar, afastar-se” (comb. de <i>ab</i> “de” e <i>errare</i> “vagar”), com der. <i>aberratione(m)</i> “distração, diversão”. A difusão de <i>aberração</i> influenciou certamente o fr. e o	1750 (F. Algarotti, “irregularidade de órgãos e funções”); 1772 (D’Alb. “desvio aparente dos astros de suas posições”); 1819 (Il Conciliatore, “desvio moral, perda”) e 1829

		ing. <i>aberration</i> , usado em inúmeras acepções.	(Tram. “defeito na formação ou imagem de parte de um sistema óptico”).
--	--	--	--

O Zingarelli cita quatro acepções: 1) sinônimo de degeneração, perversão, desvio da norma; 2) med. anomalia, irregularidade dos órgãos e de suas funções; 3) fís. Defeito na formação da imagem de parte de um sistema óptico e 4) astron. Desvio aparente dos astros de suas posições devido a composição vetorial da velocidade da luz com a do observador.

Nos *corpora* utilizados não encontramos *aberração*. No Google Books, por outro lado, encontramos datas mais antigas:

Artigo XII da obra de Lioni (1722), com acepção óptico:

Per venir a capo del Problema, era d'uopo correggere nelle lenti sferiche l'aberrazione (p. 390)

“Para resolver o problema, era necessário corrigir a aberração nas lentes esféricas” (trad. nossa)

Del Faggiol (1739), com acepção astronômica:

[...] l'aberrazione del Manfredi: cioè intanto che il terrestre spettatore [...] (p. 27)

“[...] a aberração de Manfredi: isto é, enquanto que o espectador terrestre [...]” (trad. nossa)

Aqui se faz referência ao astrônomo bolonhês Eustachio Manfredi, a quem, de acordo com Gualandi e Bònoli (2004, p. 479), se deve o termo “aberração”. Os autores citam o artigo “Chi fu il primo a parlare d'aberrazione?” de G. H. D'Arturo (Coelum, III, 1933), da qual não tivemos acesso. Os autores afirmam que isto está provado na obra de Manfredi chamada *De annuis*

inerrantium stellarum aberrationibus, de 1729. De fato, Manfredi utilizou essa cognata correspondente, mesmo que em latim, antes de Bradley, pois este não a utilizou no artigo de 1727 e que só foi utilizada primeiramente por Smith em 1739, como mostrado acima. Conclui-se que a ideia parece ter sido introduzida primeiramente por Manfredi, mas o *terminus a quo* em italiano deve-se a Del Faggiol (1739).

Com relação à acepção não científica, encontramos uma atestação mais antiga na obra *L'elviennesi o sai lettere provinciali filosofiche* (tomo III, 1786):

[...] non ravvisar che allievi deliranti, e nel più alto grado di aberrazione! Perdonate, Cavaliere, perdonate un errore, a cui il mio cuore non ha avuto parte [...] (p. 267).

“[...] não reconhecer senão alunos delirantes e no mais alto grau de aberração! Perdoe, Cavaliere, perdoe um erro que o meu coração não tinha parte” (trad. nossa)

Francês:

Nos dicionários de francês (incluindo os etimológicos):

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Le Petit Robert (2014)	Aberration	Lat. <i>aberratio</i> , par l'anglais	1753; “afastamento” 1633

O *Französisches Etymologisches Wörterbuch* (FEW) afirma que *aberratio* significa “ação de vaguear para lá e para cá” (1624) e que vem do inglês.

O *Le Trésor de la Langue Française informatisé* afirma que o primeiro registro é de 1624 *action de s'écarter* “desviar, afastar-se de” (Philippe d'Aquin¹²⁸, *Discours des sacrifices de la loy mosaïque*, 52 ds R. hist. Litt. Fr., I, 52) e também o coloca como a primeira acepção:

¹²⁸ Philippe d'Aquin foi um médico de origem judaica-francesa e filólogo hebraísta

Un desvoyement et aberration du vray chemin.

“Um desvio e aberração do caminho verdadeiro” (trad. nossa)

O dicionário afirma que essa acepção é uma derivação do latim *aberrare* ou do próprio francês **aberrer* e que também há no latim medieval *aberratio* “erro, pecado” (1081, Gebehardus, *Ad Hermannum*, 2 ds Mittellat. W. s.v.), já no latim clássico havia apenas o significado de “possibilidade de diversão, desvio”.

Em 20 de junho de 1733 surge, de acordo com o TLFi, a segunda acepção, que é do campo da astronomia, com o sentido de “fenômeno causado pelo efeito de que as estrelas são vistas da Terra em uma direção diferente da posição que elas realmente se encontram” (Volt., éd. Moland *Corresp.*, I, 354):

[...] par le moyen du feu et à calculer l'aberration de la lumière.

“[...] por meio do fogo e calcular a aberração da luz” (trad. nossa)

O FEW também coloca essa data como *terminus a quo*. Essa acepção, de acordo com o TLFi, vem do inglês e é o termo que exprime o fenômeno descrito pelo astrônomo inglês James Bradley em 1728, talvez por intermédio do latim científico (lat. *aberratio* empregado pelo astrônomo italiano Manfredi em 1730).

Em março de 1775 *aberration* surge com a acepção de “ação de se desviar das regras”, que seria a terceira acepção (a) para o TLFi:

[...] toutes les aberrations auxquelles il peut être sujet dans la pratique (...)

“(...) todas as aberrações que podem estar sujeitas na prática [...]” (trad. nossa)

Esta acepção também está de acordo com FEW, que afirma que é “desvio de imaginação, erro de julgamento, falta de direção”

O TLFi também cita uma terceira acepção (b), que surgiu em 1835 com a acepção de senso moral, quer dizer, erro de julgamento. O FEW cita a mesma data e explica que o sentido é de “aberração momentânea da mente, dos sentidos”.

De acordo com o TLFi, é difícil determinar a formação dessa acepção: como extensão da primeira acepção seria pouco provável; talvez, o emprego figurativo das acepções 2 e 4, mas mais provavelmente é um empréstimo do sentido figurativo do inglês *aberration* (dep. 1594 “engano, infração, distração, desvio” – domínio moral – e dep. 1610-1631 com sentido 1, dep. 1823 com sentido 3b).

De acordo com o TLFi, o item lexical em 1798 aparece com a quarta acepção, a da óptica. O FEW tem a mesma opinião. O TLFi afirma que ela surgiu pela transposição de Chambers ao domínio da física em 1753 (Chambers, *Cycl. Supp.*), que também passou ao latim científico (1760, Samuel Klingenshierna, *De aberratione luminis in superficiebus et lentibus sphericis refractorum*, ds. *Philosoph. Transactions*, t. 51, part. II, no LXXXVI, p. 944) e então para o francês em 1798.

Latim:

Além da cognata no latim científico, podemos citar as acepções dadas por Lewis (2002) e pelo dicionário de Glare (1968):

Um alívio de alguma coisa, uma diversão; talvez apenas em Cícero (e em apenas duas passagens):

[...] sive hanc aberrationem a dolore delegerim. (ad Att., 12, 38)

“[...] ou preferisse desse divertimento (desvio) da tristeza.” (trad. nossa)

[...] verumtamen aliam aberrationem a molestiis nullam habemus. (ad Fam. 15, 18)

“[...] entretanto, não temos nenhuma outra distração de nossos problemas” (trad. nossa)

Os dicionários também afirmam que o verbo *aberro* significa: 1) vaguear para longe, dispersar, se perder; 2) dispersar-se de um assunto, uma digressão de discurso; 3) desviar de um propósito; 4) afastar de, divergir de (um padrão, um modelo), variar, discordar; 5) errar, fazer um erro e 6) se livrar de.

Não encontramos essa cognata em DuCange (1883-1887).

3.1.2 Determinação do étimo

Terminus a quo (mais antigo ao mais novo)

Mundo romano	
Francês	1624 “ação desviar, partir, afastar”; 1733 (astr.) 1775 “ação de desviar-se de regras” 1798 (óptica) 1835 “desvio de senso moral, erro de julgamento”
Italiano	1722 (óptica) 1739 (astr.) 1786 “desvio moral”
Espanhol	1743 (astr.) 1781 (óptica) 1813 “desvio de regras”
Português	1797 (opt.) 1812 “desvio moral, de regras” 1813 (astr.)
Mundo Germânico	
Inglês	1589 “desvio de conduta, de moralidade” 1739 (astr.) 1753 (óptica)
Holandês	1658 (Philippa), 1888 (WNT) “aceção de desvio”; 1761 (astron.)
Alemão	1718 (med.teratologia) “desvio de padrão, de forma física padrão”

	1751 (astr.) 1763 (ópt.)
Sueco	1744 (astron.)
Dinamarquês	1747 (astron.) 1849 (óptica)
Dinamarquês na Noruega	1831 (astron.) 1833 (desvio [de um princípio]) 1853 (óptica)
Bokmål	1910 (desvio) 1910 (ópt.) 1915 (astr.)
Nynorsk	1911 (astr.) 1918 (ópt.)

1) A respeito das línguas de influência em determinados temas, a primeira acepção de “desvio” remete a um desdobramento da forma latina e, por isso, poderia ser de qualquer língua românica e até germânica. Tanto a acepção astronômica quanto a acepção óptica, por outro lado, são científicas e há maior possibilidade de ter sido originada em línguas científicas como, por exemplo, inglês, francês e alemão.

2) A relação entre escrita e pronúncia não nos proporciona nenhuma pista para a investigação do étimo, uma vez que cada língua pronuncia o radical *aberr-* da mesma maneira.

3) O radical do item lexical é *aberr-* e remete ao latim; portanto, não seria um radical exclusivo de nenhuma língua descendente.

4) Aqui a hipótese dos cruzamentos panromânicos de Freitas (2013) se confirma. Tanto a acepção astronômica (latim científico) quanto a de desvio (com seus desdobramentos) são empréstimos do latim, que ocorreram em apenas uma única língua, ou seja, francês e inglês, respectivamente. Entendemos, por outro lado, que seria extremamente possível que outras línguas emprestassem em momentos diferentes o termo emprestado por essas línguas caso a obra latina tenha grande relevância para tradução.

5) Por meio dos caminhos semânticos conseguimos rastrear e confirmar ou negar atestações dos dicionários utilizados.

Além do *terminus a quo*, os procedimentos 1) e 5) foram importantes para a definição da etimologia.

3.1.3 Fichas

3.1.3.1 Para o português

Aberração s.f.

Acepção: “desvio”

25% (◀ it. 1786◀ [fr. 1755 “ação de desviar-se de regras”]◀ ing. *aberration* “desvio de conduta, 1589”◀ lat. *aberratio* “desvio de conduta”, acepção 4 do dicionário de latim)

25% (◀ fr. 1755 “ação de desviar-se de regras”◀ ing. *aberration* “desvio de conduta, 1589”◀ lat. *aberratio* “desvio de conduta”, acepção 4 do dicionário de latim)

25% (◀ ing. *aberration* “desvio de conduta, 1589”◀ lat. *aberratio* “desvio de conduta”, acepção 4 do dicionário de latim)

25% (◀ lat. *aberratio* “desvio de conduta”, acepção 4 do dicionário de latim)

Comentário: não encontramos nenhum indício que nos dê uma certeza por qual língua esse item lexical chegou ao português, já que o *terminus a quo* não é uma tradução. A hipótese é de que o inglês tenha emprestado o item lexical do latim e, em seguida, difundido para os outros idiomas. Afirmar que a *aberração* veio diretamente do inglês ou do latim medieval, ou teve intermédio do francês e italiano seria apenas uma especulação.

1812. *Particularidades e observaçoens, sobre os Ministros de Finança de França, que tem sido mais celebres, desde 1660, até 1791*

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 25% latim medieval, 25% francês, 25% inglês e 25% italiano

Local: Heremoteca digital

Acepção: “astronômica”

20% (◀ esp. aberración, 1743 ◀ [it. aberrazione, 1739] ◀ [ing. aberration, 1739] ◀ [fr. aberration, 1733] ◀ lat. cient. aberration, 1729)

20% (◀ it. aberrazione, 1739 ◀ [ing. aberration, 1739] ◀ [fr. aberration, 1733] ◀ lat. cient. aberration, 1729)

20% (◀ ing. aberration, 1739 ◀ [fr. aberration, 1733] ◀ lat. cient. aberration, 1729)

20% (◀ fr. aberration, 1733 ◀ lat. cient. aberration, 1729)

20% (◀ lat. cient. aberration, 1729)

Comentário: A primeira abonação em português não é tradução, portanto, pela falta dela não sabemos qual foi a língua intermediária. As opções aqui são muitas e o autor da segunda edição de Bluteau (i.e. Antônio de Moraes) pode ter lido sobre esse termo em qualquer uma dessas línguas. Os colchetes indicam que pode ter um intermédio da língua.

1813. *Diccionario da Lingua Portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva* (2ª edição)

Origem do significado da acepção: latina científica

Origem do signficante da acepção: latina científica

Étimo de empréstimo: 20% latim científico, 20% francês, 20% inglês, 20% italiano e 20% espanhol

Local: Dicionário do Houaiss

Acepção: “óptica”

25% (◀ fr. aberration 1798 ◀ [esp. aberración 1781] ◀ [ing. aberration, 1753] ◀ it. aberrazione, 1722)

25% (◀ esp. aberración 1781 ◀ [ing. aberration, 1753] ◀ it. aberrazione, 1722)

25% (◄ ing. *aberration*, 1753 ◄ it. *aberrazione*, 1722)
 25% (◄ it. *aberrazione*, 1722)

Comentário: as obras etimológicas afirmam que foi o inglês que tomou uso da cognata com acepção astronômica e começou a utilizá-la na acepção óptica (Chambers), mas encontramos uma atestação em italiano de 1722, o que invalidaria tal proposição. Também podem ser duas utilizações (inglês e italiano) coincidentes, mas a italiana não teria feito uso da astronômica porque esta ainda não existia. Aceitaremos como primeira abonação a italiana, que hipoteticamente poderia ter emprestado para o inglês.

1797. *Elogio Historico de João Le Rond D'alembert*, escrito por Francisco de Borja Garção Stockler

Origem do significado da acepção: italiana

Origem do significante da acepção: latina científica

Étimo de empréstimo: 25% francês, 25% espanhol, 25% inglês, 25% italiano

Local: Google Books

3.1.3.2 Para o norueguês

Aberrasjon s.m.

Acepção: “desvio de conduta”

Bokmål:

50% (◄ din. da Noruega *aberration*, 1833 ◄ din. ??? ◄ fr. *aberration*, 1775 ◄ ing. *aberration* “desvio de conduta, 1589” ◄ lat. *aberratio* “desvio de conduta”, acepção 4 do dicionário de latim)

50% (◄ din. da Noruega *aberration*, 1833 ◄ din. ??? ◄ ing. *aberration* “desvio de conduta, 1589” ◄ lat. *aberratio* “desvio de conduta”, acepção 4 do dicionário de latim)

Comentário: os dois trajetos estão apresentados acima, mas o elemento lexical é 100% de étimo dinamarquês. Consideramos uma

intermediação com o dinamarquês da Dinamarca por motivos de obviedade, pois como já existia no dinamarquês da Noruega, provavelmente haveria no dinamarquês da Dinamarca, mas não encontramos um exemplo em nenhum dos *corpora*. O elemento lexical não pode ter vindo do francês, porque de acordo com o *Le Trésor de la Langue Française informatisé*, a cognata francesa com acepção de “desvio de conduta” só apareceu em 1775 (a acepção de “desvio de caminho, afastamento” é de 1624) e, portanto, ainda de acordo com o dicionário, é provavelmente um empréstimo do sentido figurativo do inglês *aberration* com acepção de 1594 “desvio de conduta”, no nosso caso 1589, porque retroagimos.

1910. *Jean Jacques Rousseau*. 1 de Gerhard Gran

Citação: [...] *naar han betragter frøken Lamberciers straf som aarsaken til sine aberrationer* [...] ¹²⁹

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: dinamarquês

Local: Nasjonalbibliothek

Característica de texto em *bokmål* nessa obra:

- Consoantes surdas: *aapen* “aberto”, *vite* “saber”, *kake* “bolo”, *klok* “inteligente” e *bok* “livro”;
- Plural indefinido em -er: *hester* “cavalos”; *veier* “caminhos”
- Tempo pretérito em -et (*kastet* “jogar”), -te (*svarte* “responder”) e -dde (*bodde* “morar”)
- Supressão da forma do neutro em -t nos adjetivos terminados em -ig: *et heldig barn* “uma criança sortuda”
- Encurtamento de verbos e substantivos: *ha* “ter”, *dra* “ir, viajar”, *bli* “tornar-se”, *far* “pai”, etc.

¹²⁹ Quando ele encara o castigo da senhorita de Lambercier como a causa de suas aberrações [...] (trad. nossa)

Nynorsk:

Não consta

Acepção: “astronomia”

Bokmål:

20% (◀ din. na Noruega *Aberration*, 1831 ◀ din. *Aberration*, 1747 ◀ sue. *aberration*, 1744 ◀ ing. *aberration*, 1739 ◀ fr. *aberration*, 1733 ◀ lat. cient. *aberration*, 1729)

20% (◀ din. na Noruega *Aberration*, 1831 ◀ din. *Aberration*, 1747 ◀ ing. *aberration*, 1739 ◀ fr. *aberration*, 1733 ◀ lat. cient. *aberration*, 1729)

20% (◀ din. na Noruega *Aberration*, 1831 ◀ din. *Aberration*, 1747 ◀ ing. *aberration*, 1739 ◀ fr. *aberration*, 1733 ◀ lat. cient. *aberration*, 1729)

20% (◀ din. na Noruega *Aberration*, 1831 ◀ din. *Aberration*, 1747 ◀ fr. *aberration*, 1733 ◀ lat. cient. *aberration*, 1729)

20% (◀ din. na Noruega *Aberration*, 1831 ◀ din. *Aberration*, 1747 ◀ lat. cient. *aberration*, 1729)

Comentário: como o elemento lexical *aberração* com essa acepção já havia na Noruega em textos em dinamarquês, consideramos que naturalmente seria um empréstimo dessa língua, portanto a hipótese é de 100% de que o étimo seja dinamarquês. Por conta da primeira abonação em dinamarquês ser do ano de 1747 e, também, por não ser nenhuma tradução, fica incerto saber por qual caminho a o elemento lexical chegou nessa língua. A melhor hipótese está dada acima. O fato de ter sido divulgada pelo inglês (artigo de Smith e teoria de Bradley) indica que é muito possível que tenha passado pelo inglês, que tomou emprestado do francês (artigo de Voltaire). Mas também não podemos excluir que esse elemento lexical tenha entrado na língua dinamarquesa por conta do artigo em francês de Voltaire.

03 de abril de 1915. Jornal *Bergens tidende*

Citação: *S. har aabenbart ingen anelse om, at vi i aberrationen og i fiksstjernernes aarlige parallakse har fuldgyldige beviser for jordens løp*

*om solen*¹³⁰. (p. 13)

Origem do significado da acepção: latina científica

Origem do significante da acepção: latina científica

Étimo de empréstimo: 100% do dinamarquês

Local: Nasjonalbibliothek

Característica de texto em *bokmål* nessa obra:

- Consoantes surdas: *aapen* “aberto”, *vite* “saber” e *bok* “livro”;
- Plural indefinido em -er: *hester* “cavalos”;
- Tempo pretérito em -et (*kastet* “jogar”), -te (*svarte* “responder”) e -dde (*bodde* “morar”)
- Supressão da forma do neutro em -t nos adjetivos terminados em -ig: *et heldig aar* “um ano favorável”
- Encurtamento de verbos e substantivos: *ha* “ter”, *dra* “ir, viajar”, *bli* “tornar-se”, *far* “pai”, etc.

Nynorsk:

20% (◀ din. na Noruega *Aberration*, 1831 ◀ din. *Aberration*, 1747 ◀ sue. *aberration*, 1744 ◀ ing. *aberration*, 1739 ◀ fr. *aberration*, 1733 ◀ lat. cient. *aberration*, 1729)

20% (◀ din. na Noruega *Aberration*, 1831 ◀ din. *Aberration*, 1747 ◀ ing. *aberration*, 1739 ◀ fr. *aberration*, 1733 ◀ lat. cient. *aberration*, 1729)

20% (◀ din. na Noruega *Aberration*, 1831 ◀ din. *Aberration*, 1747 ◀ ing. *aberration*, 1739 ◀ fr. *aberration*, 1733 ◀ lat. cient. *aberration*, 1729)

20% (◀ din. na Noruega *Aberration*, 1831 ◀ din. *Aberration*, 1747 ◀ fr. *aberration*, 1733 ◀ lat. cient. *aberration*, 1729)

20% (◀ din. na Noruega *Aberration*, 1831 ◀ din. *Aberration*, 1747 ◀ lat. cient. *aberration*, 1729)

¹³⁰ “S. não tem nenhuma suspeita de que nós, na aberração e na paralaxe anual das estrelas fixas, temos provas suficientes sobre a volta da terra em volta do sol” (trad. nossa)

Comentário: nesse período ainda não havia sido registrado o elemento lexical em *bokmål* e, por isso, temos a hipótese de que ele é um empréstimo do dinamarquês.

1911. *Stjernegransking i gamall og ny tid* de Sigurd Einbu

Citação: James Bradley [...] fann i 1728, at det merkelege stadskiftet, denne sjerna hadde, kom av aberrationen av ljøset. (p. 40)¹³¹

Origem do significado da acepção: latina científica

Origem do significante da acepção: latina científica

Étimo de empréstimo: 100% do dinamarquês

Fonte: *Nasjonalbibliothek*

Acepção: “óptica”

Bokmål:

25% (◀ din. na Noruega *aberration*, 1853 ▶ din. *aberration*, 1849 ▶ fr. *aberration*, 1798 ▶ ale. *Aberration* 1763 ▶ ing. *aberration*, 1753 ▶ it. *aberrazione*)

25% (◀ din. na Noruega *aberration*, 1853 ▶ din. *aberration*, 1849 ▶ ale. *Aberration* 1763 ▶ ing. *aberration*, 1753 ▶ it. *aberrazione*)

25% (◀ din. na Noruega *aberration*, 1853 ▶ din. *aberration*, 1849 ▶ ing. *aberration*, 1753 ▶ it. *aberrazione*)

25% (◀ din. na Noruega *aberration*, 1853 ▶ din. *aberration*, 1849 ▶ it. *aberrazione*)

Comentário: já havia a difusão desse item lexical em dinamarquês em livros publicados na Noruega. De acordo com o *Le Trésor de la Langue Française informatisé*, essa acepção surgiu pela transposição de Chambers ao domínio da física em 1753, mas o encontramos no italiano na acepção da física e ótica na obra de Leoni (1722). Se este item lexical passou antes pelo francês ou alemão, ou se veio direto do inglês para o dinamarquês, não conseguimos descobrir.

1910. *Lærebog i fysik for realgymnasiet og tekiske skoler*. 2 de D. Isaachsen e G. Holtsmark

¹³¹ James Bradley [...] descobriu em 1728 que a evidente mudança de estado que essa estrela tinha vinha da aberração da luz. (trad. nossa)

Citação: [...] *randstraalernes og centralstraalernes foreningspunkter kaldes den sfæriske avvikelse eller sfæriske aberration*¹³². (p. 118)

Origem do significado da acepção: italiana

Origem do significante da acepção: latina científica

Étimo de empréstimo: 100% dinamarquês

Local: Nasjonalbibliothek

Característica de texto em *bokmål* nessa obra:

- Consoantes surdas: *aapen* “aberto”, *vite* “saber”, *klok* “inteligente”;
- Plural indefinido em -er: *ganger* “vezes”
- Tempo pretérito em -et (*opdaget* “descobrir”)
- Encurtamento de verbos e substantivos: *ha* “ter”, *dra* “ir, viajar”, *bli* “tornar-se”, *far* “pai”, etc.

Nynorsk:

25% (◀ nbok. aberration, 1910 ◀ din. na Noruega *aberration*, 1853 ◀ din. aberration, 1849 ◀ fr. aberration, 1798 ◀ ale. Aberration 1763 ◀ ing. aberration, 1753 ◀ it. aberrazione)

25% (◀ nbok. aberration, 1910 ◀ din. na Noruega *aberration*, 1853 ◀ din. aberration, 1849 ◀ ale. Aberration 1763 ◀ ing. aberration, 1753 ◀ it. aberrazione)

25% (◀ nbok. aberration, 1910 ◀ din. na Noruega *aberration*, 1853 ◀ din. aberration, 1849 ◀ ing. aberration, 1753 ◀ it. aberrazione)

25% (◀ nbok. aberration, 1910 ◀ din. na Noruega *aberration*, 1853 ◀ din. aberration, 1849 ◀ it. aberrazione)

Comentário: neste caso podemos afirmar que o elemento lexical é um empréstimo do *bokmål* porque esse manual de física, em que há a abonação do elemento, é uma tradução do mesmo manual acima, em *bokmål* para essa acepção. Nas páginas informa-se que a *Studentmaallaget* envia “uma tradução em *landsmaal* do livro de Isaachsen

¹³² Os pontos de união do raio da borda e do raio raio central são chamados desvio esférico ou aberração esférica. (trad. nossa)

e Holtsmark” e que o livro foi traduzido de acordo com a 5ª edição pelo tradutor Sverre Havig.

1918. Lærebok i fysik for realgymnasiet og dei tekniske skulane. 2 de D. Isaachsen e G. Holtsmark

Citação: [...] *og avstandet millom desse punkt vert kalla det sfæriske avviket (den sfæriske aberration)*¹³³ (p. 115)

Origem do significado da acepção: italiana

Origem do significante da acepção: latina científica

Étimo de empréstimo: 100% norueguês *bokmål*

Local: Nasjonalbibliothek

Origem do significante:

Aberratio em latim é uma derivação de *aberro* que, por sua vez, se originou a partir da composição entre o prefixo *ab-* “para longe” e do verbo *errare*, portanto, *aberrare*. De acordo com Ernout & Meillet (1932 [2001⁶]), erro significa, em primeiro lugar, “vaguear”, “ir a uma aventura” (daí *errantes*, Cic. N.D. 3, 51) e, em segundo lugar, numa acepção moral, “desviar-se da verdade”, “errar”. É um elemento lexical arcaico (proto-italico) e clássico; portanto, panromânico, com exceção do romeno. *Aberrare*, portanto, seria “vaguear para longe” e *aberratio*, aquilo que “desvia-se do caminho”.

De acordo com de Vaan (2008), *erro* tem a forma **ers-āje-* no proto-italico e **h1ers-o/h2-* “erro” no indo-europeu, com cognatas no armênio *erām* “borbulhar; ser incansável” < **ersā*; no gótico *airzeis* “errado”, “enganado”, *airzjan*, AAA *irren* “estar enganado”, “levar ao erro” < **erz-(i)io-*.

¹³³ [...] a distância entre esse ponto é chamada de desvio esférico (aberração esférica) (trad. nossa)

3.2 Adoção/Adopsjon

3.2.1 Apresentação dos dados

3.2.1.1 Mundo germânico

Norueguês

Significados em dicionários atuais (a partir de 1901 em *nynorsk* e 1907 em *bokmål*):

Dic.	Significado	Etimologia	Datação
NbUiB	de <i>adoptere</i> "adotar" ¹³⁴	do lat. <i>ad</i> "para, até" e <i>optare</i> "escolher"	Não consta
NyUiB	sinônimo: <i>adoptering</i> . Adotar.	do latim. Veja <i>adoptere</i> ¹³⁵ "adotar"	Não consta
NTG	det å <i>adoptere</i> "adotar"	lat. vsubst. <i>adoptere</i> ¹³⁶	Não consta
ROB	det å adoptere(s) "adotar"	do latim <i>adoptare</i>	Não consta

Analisaremos apenas a acepção de "adotar como próprio filho".

¹³⁴ De acordo com o dicionário, *adoptere* "adotar": 1) tomar para si como um próprio filho; 2) aprovar, autorizar, admitir. Exemplos: 1) "adotar uma criança", "mandar para adoção de pais adotivos"; 2) "adotar uma proposta"

¹³⁵ Basicamente o mesmo sentido da anterior.

¹³⁶ Segue parcialmente o modelo dos outros. 1a) tomar para si como um próprio filho; 1b) adotar uma proposta, *systemet er adoptert fra England*, "o sistema adotou da Inglaterra", ou seja, nos modelos ingleses; 2) mandar à adoção. Nesse caso o norueguês utiliza o advérbio *bort* "para longe". *Adoptere bort sitt barn* "mandar seu filho à adoção".

Livros em dinamarquês publicados na Noruega

A primeira atestação do item lexical está no livro de Henrik Steenbuch (1815). Ela se encontra no parágrafo § 6 "Sucessão é linear e paternal" (p. 23).

"[...] mediante a qual o rei Carlos XIII foi coroado rei da Noruega de acordo com as leis constitucionais 1ª e 6ª – parágrafo a linhagem de adoção emitida anteriormente pela Sua Majestade para o príncipe Carl Johan [...]" (trad. nossa)

O livro de P. J. Collet (1859) afirma:

Adoption eller Antagelse af Fremmede i Barns Sted, med den Virkning, at de indtræde i den Adopterendes Familie, omtales ei i vor nugældende Lovgivning (p. 316)

"A adoção ou admissão de estranhos no local dos filhos, com o efeito de que eles ingressam na família adotiva, é mencionada em nossa legislação atualmente vigente" (trad. nossa)

Livros escolares

No livro de texto sobre História Geral de Albert Lassen (1837) há três citações de *Adoption*. Todas as acepções são de de "adoção real" como, por exemplo:

Riget faar ved Adoption en Række af gode Keisere i det andet Seculium (p. 794)

"O reino recebe pela adoção uma série de bons imperadores no século II." (trad. nossa)

No livro de texto sobre a história do mundo para ensino médio de Nissen (1870) *adoption* é citado uma vez, com o sentido de que Augusto tomou Nero como seu filho.

Manuais

Há no manual sobre a religião cristã (PETRI, 1854)” uma atestação de *adoption* em que afirma-se:

[...] *at Christus blot ved Adoption er Guds Søn (Adoptianismus) [...] (p. 90)*

[...] que Cristo apenas pela Adopção é filho de Deus (adocionismo) (trad. Nossa)

Bíblia

Esse elemento lexical não aparece na Bíblia. Tomemos por motivos de comparação a Vulgata, que tem 5 registros de *adoptatio*:

[...] *ut adoptionem filiorum reciperemus* (Galatas 4:5)

[...] *adoptionem filiorum expectantes [...] (Romanos 8:23)*

[...] *accepistis Spiritum adoptionis filiorum* (Romanos 8:15)

[...] *quorum adoptio est filiorum* (Romanos 9:4)

[...] *in adoptionem filiorum per Iesum Christum* (Efésios 1:5)

Nenhuma tradução para o dano-norueguês (dinamarquês da Noruega), para o *bokmål* ou para o *nynorsk* utilizou *adoption* (*adopsjon*), por outro lado utiliza-se elementos lexicais como: *udkaarelse*, *sønlig udkaarelse* (1870, dinamarquês), *barnekaar*¹³⁷ (1904, *bokmål*), *banekår* (1930, *bokmål*), *få rett til å være Gud/hans barn, å bli/være Guds barn*¹³⁸ (*bokmål*, 2011); *få barneretten*¹³⁹, *barnekår* (1938, *nynorsk*), *å vera/bli Guds born*¹⁴⁰, *retten til å vera Guds born, få rett til å vera hans born* (2011, *nynorsk*).

¹³⁷ Tradução literal: condições de criança, filho

¹³⁸ Tradução literal: ter direito de ser a criança de Deus/dele, tornar-se/ser a criança de Deus.

¹³⁹ Tradução literal: obter o direito de criança, de filho

¹⁴⁰ Tradução literal: ser/tornar-se filho de Deus, o direito de ser filho de Deus, obter o direito de ser filho dele

Como a Bíblia tinha o intuito de ser alcançada pela população não tão letrada, era de se esperar que fossem utilizados elementos lexicais mais transparentes ou de cunho popular.

Obras lexicográficas

No dicionário de palavras estrangeiras de M. C. Hansen (1851) atesta-se o seguinte: *Adoption, en, Antagelse i Barns Sted* “adoção, aceitação no lugar do filho” (trad. nossa).

Nos dicionários de inglês-dano-norueguês-inglês como de Geelmuyden (1855, 1872) e Brynildsen (1892), a cognata correspondente inglesa *adoption* tem as correspondentes *Adoption, Antagelse e Anvendelse*.

No dicionário latim-dano-norueguês:

Latim	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
Adoptio	Adoption	Johansen	Geral	1887
Adoptatio	Adoption, antagelse i barns sted	Johansen	Geral	1887

No dicionário de francês-dano-norueguês de SUNDBY (1883/1884):

Francês	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
Adoption	Adoptering, Antagelse, Knæsatning, Udkaarelse (bibl.), Ætledning	Sundby	Geral	1883/1884

Concluimos que *adoption* tem dois sentidos básicos (1. de adoção familiar e 2. de aceitação, admissão). Nesta análise estudaremos apenas a primeira acepção.

Cognatas em outras línguas germânicas

Dinamarquês (publicado na Dinamarca)

Tanto no ODS quanto no dicionário etimológico de Katlev (2000) não há nenhuma entrada para *adoption*, apenas *adoptere* (p. 447). No dicionário de Kalkar (2000) não encontramos nenhuma entrada. No dicionário de palavras estrangeiras de Meyer (1844, p. 14) há a entrada *Adoption* como *Antagelse i Barns Sted*.

No dicionário de Matthias Moth, que coletou palavras por todo o país, inclusive Noruega, nos anos entre 1697 e 1719, não há uma entrada para tal elemento lexical.

Com base no *corpus* sobre a língua do renascimento na Dinamarca (*Renæssancens Sprog i Danmark*), nos dicionários de latim-dinamarquês de Tursen (1561), de Pedersen (1510), Smith (1563) e de Colding (1626) encontramos apenas entradas: *adoptiuus* (*som tages til søn* “pego como filho”), *Filius adoptiuus* (*vdkaaret barn* “criança escolhida”) e *adoptatio* (*Vdkaarelse* “escolha”). Também não encontramos registros de *adoption* no *corpus* de textos entre 1500-1700. Tampouco encontramos formas flexionadas do verbo *adoptere*, mas sim com o verbo *udkaare*.

A primeira abonação com a acepção de “adoção de filho” se encontra em Holberg (1745):

Neronis Adoption eller Antagelse udi Søns Sted blev av Raadet samtykket.

“A adoção ou a tomada de Nero em posição de filho foi aprovada pelo conselho” (trad. nossa)

No sueco

No dicionário *Svenska Akademiens Ordbok* (SAO)¹⁴¹ não encontramos uma cognata correspondente. Pelo Google Books, por outro lado, foi possível encontrar o primeiro registro virtual dessa cognata: *Romerska Folkets Hemseder* (de Hr. D' Arnay, 1777), que é uma tradução do francês. Trecho:

[...] en blott adoption: foerst, att den som adopterade, skulle vara aeldre ean den som adopterades [...] (p. 340)

“[...] uma simples adoção: em primeiro lugar, aquele que adotou deveria ser mais velho do que o adotado” (trad. nossa).

No inglês:

De acordo com Oxford (CD-ROM, 2010), a cognata correspondente *adoption* tem os seguintes significados:

1. The act of adopting a child
2. The decision to start using something such as an idea, a plan or a name
3. (BrE, politics) the act of choosing somebody as a candidate for an election

De acordo com o dicionário, ela surgiu no inglês médio e vem do latim *adoptio(n-)*, de *ad-* “para” + *optio(n-)* “escolha”, do radical *optare* “escolher”

De acordo com o dicionário etimológico de Murray (1888), essa cognata veio diretamente ou por meio do francês para a língua inglesa. Com a acepção de *the action of voluntarily taking into any relation; of taking into sonship* ela aparece pela primeira vez em John Wyclif *Rom.* VIII. 23 (1382).

Foi encontrada, entretanto, um registro mais antigo no *Corpus of Middle English Prose and Verse*:

[...] and maki him his zone be adopcioun (Ayenbite of Inwyt de Michael of Northgate, 1340, p. 101, manuscr. British Museum MS. Arundel 57, vol. 1)

“[...] e fez dele seu filho por adoção” (trad. nossa)

¹⁴¹ Disponível em: <http://g3.spraakdata.gu.se/saob/>

Esta é uma prosa confessional escrita no dialeto de Kent e, de acordo com Thomson (1907, p. 396), foi realizada com base em um original francês por um “tradutor muito incompetente”.

No alemão

De acordo com DHW (*das Herkunftswörterbuch*, 2014), *Adoption* significa *Annahme an Kindes statt* “aceitação como filho (trad. nossa)” e tem origem no século XVI, como empréstimo do latim *adoptio*.

A primeira abonação possível de determinar com o Google Books é da obra *Der neü Layenspiegel von rechtmässigen ordnungen* [...] (1512):

Aber ain schlechte Adoption mag beschehen [...] (folio xxxviii-b)

“Mas uma adoção ruim pode ocorrer [...]” (trad. nossa)

O único elemento lexical que encontramos no século XV que se refere a adoção é *adoptiuus*, em um poema chamado *Ehebüchlein* (parte 3, página 53, capítulo 3, linha 8) de Albrecht von Eyb (1420 – 1475).

No holandês

O banco de etimologia afirma que, de acordo com Philippa (2003-2009), a cognata correspondente *adoptie* aparece pela primeira vez em 1616 com o sentido de *aaneming (als kind)* “tomar como criança” (trad. nossa), citando o *Woordenboek der Nederlandsche Taal* (WNT):

[...] by adoptie, contract van houwelick, testament oft andere wettighe dispositie (VI. Placcaertb. 2, 657)

“[...] por adoção, casamento, testamento e outras disposições legais” (trad. nossa)

3.2.1.2 Mundo românico

Português:

Os dicionários de língua portuguesa atestam a etimologia desse item lexical da seguinte maneira:

Dicionário	Étimo	Datação
Houaiss (online)	lat. <i>adoptiō,ōnis</i>	XV (ver Cunha, Índice do Vocabulário do Português Medieval)

O Houaiss define três acepções:

1. (jur.) processo legal que consiste no ato de se aceitar espontaneamente como filho de determinada pessoa, desde que respeitadas as condições jurídicas para tal
2. (p. ext.) aceitação espontânea de (pessoa ou animal, ger. doméstico) como parte integrante da vida de uma família, de uma casa
3. (p. ext.) aceitação, admissão do que antes era externo, alheio, estranho ou não era conhecido ou cogitado.

O dicionário define a etimologia da seguinte maneira: lat. *adoptio, onis* “adoção”, de *adoptatio, onis* “adoção, perfilhamento”, ver *opt-*; f.hist. sXV *adoço*, sXV *adopçom*.

De acordo com o Corpus do Português, o *terminus a quo* se encontra na obra *Sacramental* de Clemente Sanches de Vercial (1488):

A outra chamã adopcio que he quando alguû toma por filho a outra que tem padre & esta em seu poderio & este non pasa a ho poderyo do que ho perfilhou & esta sse pode fazer por autoridade doutro qual quer juiz que a ja jurdiçon & mero er mixto jimperio. Porem de sse alguû tomasse por filho a outro ã ssua cassa oulamte algûas testemunhas seria nẽguû tal adopçio ou arrogaço darlhe liçça que case [...]

Ainda de acordo como Corpus do Português, nesse mesmo período, entre 1400 e 1500, havia outras formas: *adopçom*, *adopçam* e *adopcio*. Concluímos que não é um elemento lexical herdado pois o português não esperaria um radical *adop-* e sim *au-* ou *oo-*. Como havia também várias formas de grafia para o sufixo (i.e. *-çom*, *-çam*, *-cio* e *-çio*) não podemos concluir nada sobre qual língua poderia ter emprestado para o português, uma vez que essas grafias eram comuns nesse período (i.e. *liçã*, *liçam*, *liçõ*; *cançã*, *cançõ*, *cançion*), quer dizer, não havia uma forma padrão e o escriba simplesmente escrevia da maneira que ele falava.

O vocabulário histórico-cronológico do português medieval (VHCPM), de Cunha, apresenta a primeira atestação em 1495 (*Vita Christi em lingoagem português*).

No vocabulário de Bluteau (1728, p. 689) encontramos a seguinte entrada para *adoção*:

ADOPC,AM,Adopçâm, ou Adopção. Perfilhamento. A acção de adoptar a alguém por filho. Para este acto ser legitimo, o adoptante hã de ser de condição livre, hã de passar de dezouto annos, não há de ser molher, & há de ser capaz para a geração. Do parentesco por adopção. [...]

Antes desse período havia outros elementos lexicais que supriam esse significado como, por exemplo, *perfilhamento*, citada no dicionário escolar de latim-português de Jerónimo Cardoso (1562) como correspondente do latim *adoptio(onis)*. Na tradução ao português das regras de São Bento (séc. XV) temos (junto com o latim):

Recebestes spiritu de adopçom e de perfilhamento de filhos [...] (VHCPM)

Accepistis spiritum adoptionis filiorum [...]

No vocabulário de Bluteau tem-se que *perfilhamento* é sinônimo de *adopção*. O Corpus do Português apresenta esse sinônimo em 1300 (*Terceyra Partida de Afonso X* - 1300):

[...] como deue ser feita a carta. do perfilhamẽto do homẽ que esta ẽ poder de seu padre natural

Também há *filhamēto* na mesma obra:

[...] *assi como diz ẽno Titulo dos filhamẽtos, ou lhi desse, ou lhi promettesse algũa herdade*

No século XIV também há *filhaçom* e *afilhamēto*. Como não há a formação *filhamēto* na língua latina, tem-se a hipótese de que seja um item lexical que se formou em alguma língua do romance.

Espanhol:

Nos Corominas encontramos a seguinte entrada:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
COROMINAS (1984)	Adopción	Ø	Ø

No *Corpus do espanhol* encontramos a primeira atestação da cognata correspondente no século XIII (*siete partidas* de Afonso X, que viveu entre 1252 e 1284):

Adopçio en latin tanto quiere dezir en romançe como porhijamiento. E este porhijamiento es vna manera que establesçieron las leyes por la qual pueden los onbres ser hijos de otros maguer non lo sean natural mente.

Aqui também encontramos um sinônimo de *adopción*, que é *porhijamiento*.

Italiano:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
ZINGARELLI	adozione	di <i>ăd</i> e <i>ōptio</i>	1347

Deli	adozióne	lat. <i>adoptāre</i>	1347
------	----------	----------------------	------

De acordo com o Deli, esse item lexical se encontra em alguma obra de Bartolomeo da S. Concordio (1262-1347).

O *Tesoro della lingua Italiana delle Origini* (TLIO) afirma que essa cognata com o ato de “adotar um filho” foi registrada pela primeira vez na obra *Cronia deli Imperadori* (1301), p. 178.4:

[...] e la generacion de la mare descendi da Enea, e fo nievo de Iulio Cesaro, e per adotion el foy fyo.

Elementos lexicais com o sufixo grafado em *-tion* eram comuns no séc. XIII e XIV.

- Obra *Patto del Sodano* (1225, ven.): *indition*;
- *Sermone* de Pietro da Bescapè (1274, lomb.): *devotion, fornication, mention, oration*;
- *Opere volgari* de Bonvesin da la Riva (XIII, mil.): *attention, condition, creation, desperation, intention oration, perdition, tribulation*, etc.
- *Scritti spirituali veneti* (XII, ven.): *consolation, salvation*

Mas também havia a grafia *-zione*:

- *Rosa fresca* de Celo d’Alcamo (1231-1250, tosc.): *maladizione*
- *Rime* de Bonagiunta Orbicciani (XIII, lucch.): *menzione*
- *Rime* de Ruggieri Apugliese (XIII, sen.): *destruzione, konsolazione*;
- *Rettorica* de Brunetto Latini (1260-1261): *accusazione, affezione, aflizione, azione, comparazione, costituzione, contenzione, deliberazione*, etc..
- *Trattati morali* de Andrea da Grosseto (1268, tosc.): *benedizione, cauzione, circunspezione, cogitazione, comparazione, compensazione, concluzione*, etc.

E também as em *-gione*:

- *Breve di montieri* (1219): *rasgione*
- *Promemoria riguardante* (1230-1231, tosc. pis.): *scomunicagio(n)e*
- *Frammento d'um libro di conti di mercanti di panni* (1247, tosc. prat.): *pisgione, rasgione*
- *Poesie de Abate di Tivoli* (1230-1250, tosc.): *isperagione, stagione*
- *Rime de Bonagiunta Orbicciani* (XIII, lucch.): *istagione, pensagione*

Essa última forma é herdada, mas as duas primeiras são de itens lexicais que vêm por empréstimo, que pode ser tanto do latim (-tio) como do francês (-tion). Portanto, não é possível determinar se *adotio* é um empréstimo do francês ou do latim.

Francês:

Nos dicionários de francês (incluindo os etimológicos)

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Le Petit Robert (2014)	adoption	lat. jur. <i>adoptio</i>	XIII
TLF	adoption	lat. <i>adoptio</i>	1279

Entre seus significados, o TLF afirma que o sentido de *action d'adopter* foi primeiramente registrado em 1279, na obra *Somme le Roi*¹⁴² de Flère Laurent: *fil par adoption* “filho para adoção”.

Em todas as edições do dicionário latino-gálico de Robert Estienne (1539, 1543, 1549 e 1552) afirma-se que essa cognata tem o significado de *adoptio* ou *adoptatio* no latim.

O FEW (*Französisches Etymologisches Wörterbuch*) constata que a acepção de “ação de adotar uma criança legalmente” existe desde o séc. XIII; a

¹⁴² Em ms Chartres, fº 29 rº ds GDF. Compl.

acepção de “graça especial que, no batismo, os cristãos viram crianças de Deus” (séc. XII); “preferência dada a um estilo, a uma maneira de ver (desde 1789).

Latim:

1. Adopção para uma família, de uma pessoa.

Quae deinde causa cuique sit adoptionis [...] (Cic. De Domo Sua, I, 34)

“Qual é então a causa da adoção de cada [...]” (trad. nossa)

2. Aplicado ao processo de enxerto; a uma planta enxertada (GLARE); transformação de plantas (LEWIS). Termo muito utilizado em Plínio, *naturalis* (livro 15, 41; livro 16, 1; livro 17, 129).

3.2.2 Determinação do étimo

Terminus a quo (mais antigo ao mais novo)

Mundo Romano	
Francês	1279
Espanhol	Segunda metade séc. XIII
Italiano	1301
Português	1488
Mundo Germânico	
Inglês	1340
Alemão	1512
Holandês	1616
Dinamarquês	1745
Sueco	1777

Dinamarquês na Noruega	1815
<i>Nynorsk</i>	1889
<i>Bokmål</i>	1912

Por conta da datação, fica bem evidente que o francês foi a primeira língua a utilizar esse elemento lexical por meio de uma tradução do latim científico, mas não necessariamente foi ele que o emprestou para o português.

1) A respeito das línguas de influência em determinados temas, é difícil fazer qualquer conclusão porque este item lexical já era utilizado no latim, no âmbito jurídico e, por conta disso, não foi nenhuma língua vernácula que se apropriou dele e deu a ele uma acepção técnica.

2) A relação entre escrita e pronúncia não nos proporciona nenhuma pista para a investigação do étimo, uma vez que cada língua pronuncia o radical *adopt-* da sua maneira. Desconfiamos que o empréstimo da cognata italiana *adotion* pudesse provar um empréstimo francês, mas vimos que também poderia ser um empréstimo latino e o fato do italiano ter outros itens lexicais terminados com o sufixo *-tion* (junto com *-zion*) no séc. XIII apenas indica variantes gráficas para representar o som compreendido pelo escriba.

3) O radical é *adopt-* e remete ao latim; portanto, não seria um radical exclusivo de nenhuma língua descendente.

4) Neste item lexical o cruzamento panromânico de Freitas não se confirma, uma vez que, por ter uso jurídico e de grande uso social (i.e. ato de adotar), ela poderia ter sido emprestada do latim para cada língua românica separadamente.

5) A questão semântica é pouco relevante para descobrir o caminho que o elemento lexical percorreu até o português e o norueguês uma vez que ele manteve sua acepção original.

No presente caso, apenas os *termini a quo* são relevantes para a etimologia desse elemento lexical.

3.2.3 Fichas

3.2.3.1 Para o português

Adoção (s.f.)

25% (◀ it. *adotion* 1301 ▶ [esp. adopção 1250-1300] ▶ [fr. *adoption* 1279] ▶ lat. *adoptio*)

25% (◀ esp. adopção 1250-1300 ▶ [fr. *adoption* 1279] ▶ lat. *adoptio*)

25% (◀ fr. *adoption* 1279 ▶ lat. *adoptio*)

25% (◀ lat. *adoptio*)

Comentário: o elemento lexical pode ter chegado no português por meio dessas quatro línguas. Como ocorre a adaptação dos sufixos durante o empréstimo e nenhum vestígio da língua de empréstimo é deixado nele, não é possível determinar com certeza qual foi a língua que o emprestou. Mesmo que a primeira abonação italiana registrada seja *adotion*, sem o -p-, entre 1351-1374 já havia *adoption* (obra *trionfi* de Francesco Petrarca) e *adozione* (1333, pis.; 1336, fior.; 1342, pis.).

1488. *Sacrammental* de Clemente Sanches de Vercial

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 25% latim, 25% francês, 25% espanhol, 25% italiano

Local: Corpus do português

3.2.3.2 Para o norueguês

Adopsjon (s.m.)

Bokmål

25% (◄ din. na Noruega *adoption* 1815 ◄ din. *adoption* 1745 ◄ ale. *Adoption* 1512 ◄ ing. *adopcioun* 1340 ◄ fr. *adoption* 1279 ◄ lat. *adoptio*)

25% (◄ din. na Noruega *adoption* 1815 ◄ din. *adoption* 1745 ◄ ing. *adopcioun* 1340 ◄ fr. *adoption* 1279 ◄ lat. *adoptio*)

25% (◄ din. na Noruega *adoption* 1815 ◄ din. *adoption* 1745 ◄ fr. *adoption* 1279 ◄ lat. *adoptio*)

25% (◄ din. na Noruega *adoption* 1815 ◄ din. *adoption* 1745 ◄ lat. *adoptio*)

Comentário: apesar de haver quatro hipóteses de trajeto, em todos eles o étimo é dinamarquês. O elemento lexical já estava sendo utilizado por muito tempo no dinamarquês e, por isso, consideramos que o étimo de empréstimo no *bokmål* é do dinamarquês. Como não estamos lidando com traduções, qualquer uma das quatro opções acima de entrada na língua é possível.

1912. *Jornal Trondhjems Adresseavis de 01 de abril de 1912*

Trecho: *Arbeidet gjælder en lov om egteskapers indgaaelse og opløsning og om adoption*¹⁴³

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 100% dinamarquês

Local: Nasjonalbiblioteket

Comentário: esta obra por estar na data de 1912 nos livra da necessidade de análise para definir se a entendemos como escrita em norueguês.

¹⁴³ O trabalho refere-se a uma lei sobre a celebração casamento, separação e sobre adoção (trad. nossa)

Nynorsk

25% (◄ nbok. *adoption* 1912 ◄ din. na Noruega *adoption* 1815 ◄ din. *adoption* 1745 ◄ ale. *Adoption* 1512 ◄ ing. *adopcioun* 1340 ◄ fr. *adoption* 1279 ◄ lat. *adoptio*)

25% (◄ nbok. *adoption* 1912 ◄ din. na Noruega *adoption* 1815 ◄ din. *adoption* 1745 ◄ ing. *adopcioun* 1340 ◄ fr. *adoption* 1279 ◄ lat. *adoptio*)

25% (◄ nbok. *adoption* 1912 ◄ din. na Noruega *adoption* 1815 ◄ din. *adoption* 1745 ◄ fr. *adoption* 1279 ◄ lat. *adoptio*)

25% (◄ nbok. *adoption* 1912 ◄ din. na Noruega *adoption* 1815 ◄ din. *adoption* 1745 ◄ lat. *adoptio*)

Comentário: apesar de haver quatro hipóteses de trajeto, em todos eles o étimo é norueguês *bokmål*. Esse elemento lexical já estava sendo utilizada há alguns anos na norma e, por isso, consideramos que o étimo de empréstimo vem dela. Igualmente com o caso do *bokmål* acima, como não estamos lidando com traduções, qualquer uma das quatro opções acima de entrada na língua é possível.

1916. *Tru og liv: ei kristendoms læra for lærarskularne* de Håkon Wergeland

Trecho: *Han [Jesus] er den einaste som kjenner Faderen av di han er den einaste som er «Sonen». Me andre er det etter adoption [...]*.¹⁴⁴

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 100% dinamarquês

Local: Nasjonalbiblioteket

Origem do significante:

De acordo com Ernout & Meillet (1932 [2001⁶]), *adoptio* é uma derivação de *optio* “faculdade ou liberdade de escolher” e inicialmente significava “escolha” e, pela língua do direito, recebeu a acepção “adoção”, que é oposto à *naturalis*. *Optio* seria um substantivo verbal de um suposto **opiō* “eu escolho”, que

¹⁴⁴ Ele “Jesus” é o único que reconhece o Pai porque ele é o único que é o “Filho”. Nós somos filhos a partir da adoção (trad. nossa)

tem vestígios em P. F. 222, 24 *praedotient* (l. *praedopiont?*), *praeoptant*. **Opio* foi substituído pelo frequentativo (p. 464). De acordo com Sloman (2016), a partir do radical do supino formava-se verbos frequentativos: *iacio* “eu jogo”, cuja forma no supino é *iactum* → *iacto* “eu arremeço”.

Optō, por sua vez, e também de acordo com os autores, significa “escolher” (compare proto-italico, Ru. 852, *opta ocus: rapi te... mauis na trahi*); significado antigo, tomado pela língua da poesia imperial e no uso comum e clássico “escolher em sua mente, desejando” e daí surgiu *optatio* (Cícero) por meio do particípio *optatus* e a derivação *adopto*, que recebeu um sentido técnico da língua do direito “adotar” e, a partir do particípio, *adoptatio* “adopção, perfilhamento” (p. 464).

Em suma, tanto o substantivo *optio* (← **optus*), que derivou *adoptio* e que é um deverbis de **opio* quanto o verbo *opto* (← **optum*, supino de **opere*), que derivou *optatio* e, conseqüentemente, por derivação *adoptatio*, têm acepções parecidas de acordo com Ernout & Meillet (1932 [2001⁶]).

3.3 Argumentação/argumentasjon

3.3.1 Apresentação dos dados

3.3.1.1 Mundo germânico

Norueguês

Significados em dicionários atuais (a partir de 1901 em *nynorsk* e 1907 em *bokmål*):

Dic.	Significado	Etimologia	Datação
NbUiB	Apresentação de argumentos; meio com que se argumenta, prática de demonstrar provas	X	X
NyUiB	Apresentação de argumentos; meio com que se argumenta	X	X
NTG	Utilização de argumentos	Substantivo verbal latino de <i>argumentere</i>	X
ROB	Ação de argumentar; meio com o qual se argumenta	X	X

Podemos admitir, portanto, uma única acepção para *argumentasjon* em norueguês, que seria a prática de demonstrar provas, uma coleção de argumentos, etc. No português também temos essa acepção. De acordo com Houaiss: 1) arte, ato ou efeito de argumentar; 2) troca de palavras em

controvérsia, disputa, discussão; 3) conjunto de ideias, fatos que constituem os argumentos que levam ao convencimento ou conclusão de algo. Todas essas acepções também resumiremos em uma só.

Livros em dinamarquês publicados na Noruega

A primeira atestação do elemento lexical está em um livro de Bredo Henrik von Munthe af Morgenstjerne (1808, p. 22):

Jeg har saa gode Tanker om Recensentens juridiske Kundskaber, at jeg ikke tvivler paa, at han jo føler det Urimelige i en saadan Tiltale; og dog er Recensentens Argumentation imod mig af selvsamme Beskaffenhed (p. 22-23)

“Eu aprecio os conhecimentos jurídicos do crítico. Não duvido que ele sinta, de fato, uma insensatez em uma acusação como essa. Todavia, a argumentação do crítico contra mim é de mesma natureza” (tradução nossa)

Outros excertos são:

Mod Argumentationerne for Emancipationen fulgte især Mauguin at paavise, at de engelske Kolonier havde lidt ved Emancipationen; at Sukkerproductionen havde formindsket sig [...] (jornal *Den Constituionelle*, 12 de junho de 1836)¹⁴⁵

“De encontro às argumentações pela emancipação, Maugin veio a demonstrar que as colônias inglesas sofreram por conta da emancipação; que a produção de açúcar diminuiu [...]” (trad. nossa)

Manuais

No manual sobre a história da Igreja de Heinrich Guericke (1842) há o seguinte trecho:

Dette Concil udtalte Anathemaet over alle, der forfærdigede Christusbilleder, som om de (ifølge en besynderlig Argumentation) enten vare Nestorianske eller Eutychianske Kjætttere (...) (Vol. 1, p. 268)

“Esse conselho declarou que todos aqueles que elaboraram imagens de Cristo se tornassem anátemas, como se eles (de acordo com uma curiosa argumentação) fossem hereges nestorianos ou eutiquianos [...]” (trad. nossa)

¹⁴⁵ Disponível em <http://www.nb.no/nbsok/nb/b9ecc2bf8336f71e930c824245aa3023?index=158>

Obras lexicográficas

No dicionário de palavras estrangeiras de M. C. Hansen (1851) o verbete *argumentation* tem o significado de *Bevisførelse* (*demonstração, argumentação, prática de provas*).

Vejamos na tabela as entradas em dicionários de inglês-dano-norueguês-inglês:

Inglês	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
Argumentation	Bevisførelse; Ordstrid “briga em palavras”	Geelmuyden	Geral	1855, 1872
	Begrundelse, Bevingeførelse “linha de argumentação”	Brynildsen	Geral	1892
Dano-norueguês	Inglês			
Argumentation	Argumentation, reasoning	Larsen	Geral	1880
	Argument(ation), reasoning	Brynildsen	Geral	1892

Nos dicionários de dano-norueguês-francês:

Dano-norueguês	Francês			
Argumentering	Argumentation	Sundby	Geral	1883

No dicionário de latim-dano-norueguês de Johanssen (1885):

Latim	Dano-norueguês			
Argumentatio	Bevisførelse	Ø	Geral	1887

Dicionários de Dano-Norueguês-Francês:

Dano-norueguês	Francês			
Argumentering, Bevisførelse	Argumentation	Ø	Geral	Sundby, 1883

Conclui-se que em todas essas obras não há nenhuma diferenciação radical de acepção. Este elemento lexical desde seu aparecimento teve um sinônimo (i.e. *bevisførelse*), que nada impediu sua contínua utilização.

Outras cognatas nas línguas germânicas

Dinamarquês (publicado na Dinamarca)

Não encontramos registro da cognata correspondente em nenhum dos dicionários utilizados. No Google books, o primeiro registro se encontra no artigo *Mod detaf Kammeradvocat [...]* da revista *Astraea* (Vol. 1, 1797):

Gartman junior har endelig ved sit Brev af 2. Octbr. 1793 saavelsom ved sin Paastand om Boets Extradition, afgjort ved Eragtning af 9 Novbr. 1793, erkiendt Ugyldigheden af Kammeradvocatens Argumentation under dette Nummer (p. 292).

“Gartman junior, finalmente, com sua carta de 2 de outubro de 1793, assim como sua alegação sobre a extradição de Boets, determinada pela decisão de 9 de novembro de 1793, reconheceu como inválida a argumentação dos advogados da câmara sob esse número”. (trad. nossa)

No sueco

De acordo com o SAOB, o elemento lexical *argumentation* foi primeiramente reportado em 1721 no sueco, na obra de Andreas Rydelius chamada *Nödiga förnufftz öfningar: 2 uppl. 1-5*), com um sentido mais ligado à lógica de “conclusão, dedução”; apenas a partir de 1802 que ele passou a ter o sentido de “desenvolvimento de uma prova” com a obra de Carl Gustaf Leopold chamada *Samlade skrifter: 1-3 (2 uppl.), 4-6. Sthm 1800-02. 2 uppl. 1814-33*).

No inglês:

De acordo com Oxford (CD-ROM, 2010), a cognata correspondente *argumentation* já existia no *Late Middle English* e chegou via francês antigo, que emprestou do latim *argumentatio(n-)*, derivado de *argumentat-* “conduzido como um argumento” que, por sua vez, vem de *argumentari*.

O dicionário de MURRAY & BRADLEY (1901) fornece três acepções para esse item lexical: 1) ação ou operação de inferir uma conclusão de proposições como premissas; emprego metodológico ou apresentação de argumentos; raciocínio lógico ou formal; 2) intercâmbio de argumentos, discussão, debate e 3) uma sequência ou cadeia de argumentos, um processo de raciocínio,

que seria igual a *argument*. Tomaremos essas três acepções como uma só. O *terminus a quo* dessa item lexical, de acordo com os autores, se encontra na obra de William Caxton, *Vitas Patrum* (W. de W. II 293 b.) de 1491.

(...) *thou sekest it by argumentacyon.*

[...] *você busca isto pela argumentação.* (trad. nossa)

Consideraremos, portanto, que essa obra de 1491 é o *terminus a quo* de *argumentation* em inglês.

No alemão

O *Herkunftswörterbuch* (DUDEN) afirma que a cognata correspondente significa *Beweisführung* “argumentação, arguição, demonstração de provas”, de origem latina com o mesmo significado e que entrou na língua alemã no séc. XVI. O dicionário etimológico de Pfeifer (DWDS) sustenta que esse elemento lexical surgiu na língua no início do século XVI, com o sentido de *Beweisführung* e *Begründung* “fundamentação, prova” e veio do latim *argumentatio*.

Encontramos seu *terminus a quo* no Google Books com a obra *Confessio odder Bekantnus des Glaubens etlicher Fürsten und Stedte* [...] (1530):

Es ist warlich ein fein argumentation / als wenn einer Spreche von einem beklagten im halsgericht / wilchem das leben gefristet were [...] (página 7 do cap. *von vergebung der sunden*)

“É certamente uma boa argumentação. Como se alguém falasse de um réu em um tribunal, a quem a vida tivesse sido levada de maneira miserável” (trad. nossa)

No holandês

No *Etymologiebank* encontra-se os dados de van der Siljs (2001, *Chronologisch Woordenboek*), P.A.F. van Veen en van der Siljs (1997, *Van Dale Etymologisch woordenboek*) e *Woordenboek der Nederlandsche Taal* (WNT), que afirmam que a esse elemento lexical surgiu em 1573, com o significado de *bewijsvoering* “argumentação, disputa, demonstração”. Ele seria um empréstimo do francês *argumentation* que, por sua vez, emprestou do latim *argumentationem*, derivação de *argumentari*. O WNT afirma que o sentido sua acepção é “ação de

argumentar, também com o pensamento sobre a natureza ou o valor dos termos utilizados ou para utilizar argumentos; argumento ou evidência sobre a natureza e conteúdo” e cita a obra de Wielant (Pract. Civ. 31 [ed. 1573]).

3.3.1.2 Mundo românico

Português:

O dicionário Houaiss atesta a etimologia desse elemento lexical da seguinte maneira:

Dicionário	Étimo	Datação
Houaiss (online)	Lat. <i>argumentatio</i> , <i>onis</i> , “raciocínio lógico, demonstração”	1537 (Pedro Nunes <i>Tratado da Sphera</i>)

Nos dicionários de etimologia da língua portuguesa encontramos as seguintes atestações:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Cunha (1999)	argumentação	do lat. <i>argumentatio</i>	XVI
VHCPM (2007)	Ø	Ø	Ø

O *Corpus do Português* cita a mesma datação e obra considerada por Houaiss:

E que a tal argumentaçam nam valha: vemolo craramente nas partes das sobreditas quartas. (Tratado da Sphera com suas anotações, NUNES, 1537)

Ao buscar esse elemento lexical no corpus lexicográfico, não o encontramos nem nas obras de Jerônimo Cardoso (1569-1570) nem na de Velez (1599). Na obra de Agostinho Barbosa (1611), *disputa* é a tradução de *disputatio*, *argumentatio* e *dispectatio*. Barbosa tem como *corpus* as obras clássicas. Na obra de Bento Pereira, *Prosodia*, de 1697, há *argumentatio* com a acepção de *argumento comprido*. No verbete *meditação* da obra *Thesouro* (1697) de mesmo autor, *argumentaçam* em português corresponde à *argumentatio* em latim. Na obra de Pedro José da Fonseca (1798), o verbete *argumentatio* está traduzido como *disposição, e explicação do argumento*. O autor afirma que todas essas acepções são para compreender as obras de Cícero. Estas três obras estão de acordo com o dicionário de Lewis (2002): *argumentatio* é tanto uma condução de provas como a própria prova. Em Carlos Folqman (1755) não há a entrada para esse item lexical; há, por outro lado, a entrada *argumento* que, segundo o autor, se traduz por *argumentum* e *argumentatio*, como é esperado em Cícero, em que *argumentatio* também tem o sentido de “prova”. Folqman exemplifica com: *Argumentum, ou argumentationem ad dialecticas rationes conformare*¹⁴⁶.

Na obra de Bluteau, Vocabulário (1712-1728), há a seguinte acepção:

argumentaçam. (Termo Dialectico) He hum dos nomes, que dão os Logicos à terceyra operação do Entendimento, & val o mesmo, que oraçãõ, que os homens inventaraõ para o discurso, no qual se infere huma cousa da outra. Na Argumentaçãõ distinguem os Logicos Antecedente de consequente, & de consequencia. Cicero lhe chama *Argumenti explicatio, onis*. Fem. *Argumentatio*, no dito orador quer dizer syllogismo, ou argumento, & naõ Argumentaçãõ, que he explicação do argumento.

Concluimos que o *terminus a quo* é, como afirmado por Houaiss, a obra de Pedro Nunes de 1 de dezembro de 1537, *Tratado da Sphera*. Citação da obra não fornecida pelo Houaiss:

E auemos mais de notar que esta argumentação não concrude. Estes dous arcs sam iguaes [...] (p. bii, p. 29 do documento).

¹⁴⁶ Moldar argumento, ou argumentação, para as razões dialéticas. (trad. nossa)

O dicionário de Houaiss também não indica que essa obra é uma tradução para o português da obra latina *Sphaera mundi* (1230) de Giovanni Sacrobosco.

Espanhol:

Nos Corominas encontramos a seguinte entrada:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
COROMINAS (1984)	argumentación	<i>Deriv. de argüir (tomado del lat. arguere)</i>	1457 (Palencia, Perfección, p. 351a (Nougué, Bhisp. LXVI)

No Corpus do Espanhol, a primeira atestação está no livro *introductiones latinae* de Antonio de Nebrija (1481).

Com relação à acepção no período, *argumentación* é, de acordo com o dicionário de Palencia (1490), *la que faze alos afirmantes enla disputaçion. Ca el argumento es la mesma sentençia que da fe: & la argumentation explica la sentençia por la oraçion o razonamiento: delos argumentos hay vnos probables & necessários* (fol. XXXv). No dicionário também se afirma que *silogismo & induçion “son dos espécies de argumentación”* e que *“ca silogismo en griego quiere dezir en latin argumentaçion ineuitable. es silogismo postrera conclusion dela proposiçion & dela assumpto & de la confirmaçion”*. Não há a atestação desse elemento lexical no dicionário de Nebrija (1495).

Afirmamos, portanto, que o *terminus a quo* no espanhol se encontra na obra *Tratado de la perfección del triunfo militar* de Palencia (1457), como demonstra o Corominas.

Italiano:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
ZINGARELLI	Argomentazione (o † argomentazione)	Voc. culto lat. <i>argumentatione(m)</i> , da <i>argumentum</i> “argomento”	Ø
Deli	Argomentazióne	vocábulo culto do lat. <i>argumentu(m)</i> (de <i>arguere</i> “demonstrar”)	1481, C. Landino (“modo de argumentar”)

O corpus *OVI dell'italiano antico* nos mostra que o primeiro registro da cognata correspondente *argomentazione* se encontra em 1313-1314, no dialeto fiorentino, na obra *La Sfera di Alfragano* de Zuccherio Bencivenni. Tal obra seria uma versão de Bencivenni do *Sphaera mundi* (1230) de Giovanni Sacrobosco.

O TLIO atesta a mesma obra como *terminus a quo* e, além disso, sugere a seguinte acepção: *ragionamento volto a dimonstrare una tesi (attraverso la discussione di argomenti in sucessione logica)*. Exemplifica com:

Doviamo sapere che se alcuno argomentasse in questo modo la sua argomentazione non varebbe in questo modo: (Sfera di Alfragano de Zuccherio Bencivenni, Pt. III, cap 3, p. 129: 13)

“Devíamos saber que se alguém argumentasse deste modo sua argumentação não variaria na seguinte maneira: questi due archi sono iguali” (trad. nossa)

Analizamos uma versão editada por Wolfgang Hopyl de 1489 e há, de fato, esse elemento lexical:

Et notanduz q non valet talis argumētatio. Isti duo arcus sūt eqles [...] (B.ii, p. 15 do documento online)

Francês:

Nos dicionários de francês (incluindo os etimológicos)

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Le Petit Robert (2014)	Ø	latin <i>argumentatio</i>	XIV (obras de Eustache Deschamps ¹⁴⁷ . 1) ação, arte de argumentar; 2) coleção de argumentos que tendem a uma conclusão
TLF	<i>argumentacion</i>	Empréstimo do latim <i>argumentatio</i> , derivado de <i>arguer</i>	1291-1328 (<i>argumentacion</i> , no sentido de ação de argumentar, L'Ovide moralisé, XI, 193, IGLF.
GODEFROY-Complement (1891-1902)	<i>argumentacion</i>	Ø	Ação, arte de argumentar. (Oresme, Eth. 147) ¹⁴⁸ ;
FEW (2003)	Ø	Emprestado do latim <i>argumentatio</i> "argumentação, argumentos"	env. 1320, Tobler-Lommatzsch; GIPar, 1350; Oresme, DG,

¹⁴⁷ Suas obras são a partir do ano de 1393

¹⁴⁸ Obra de 1370-1374, de acordo com Corpus Eve (disponível em: <https://eve.revues.org/634>)

		derivado <i>argumentari</i> Roques	de -	1380. Ação de argumentar
--	--	--	---------	-----------------------------

Ao procurar pelo elemento lexical no Frantext, encontramos a primeira atestação em 1370, na obra de Nicole Oresme, *Le Livre de Ethiques d'Aristote*, p. 287.

Tanto o TLF quanto o FEW sugerem uma obra mais antiga. O primeiro coloca um período de tempo possível e o segundo afirma que é de 1320, de acordo com o dicionário etimológico de Tobler & Lommatzch (1925-2002), mas não tivemos acesso a esse dicionário. Tomaremos, portanto, como relevantes para essa pesquisa as informações do TLF, que registra a obra *L'Ovide Moralisé* como *terminus a quo*. De acordo com *Arlima*¹⁴⁹ (*Archives de Littérature du Moyen Âge*), é uma obra anônima antigamente atribuída ao Philippe de Vitry e a “Crestien Li Gois”, mas tais afirmações parecem ser infundadas. Diferentemente do TLF, o *Arlima* afirma que a obra foi composta entre 1317 e 1328. Com base nos tomos de Boer (1915-1938), que apresentou todo o poema de 72.000 versos octossílabos, tivemos acesso ao verso (p. 122, vers. 192, Tomo IV, Livro XI, 1936) em que aparece o elemento lexical:

<i>Par lor argumentacion</i>	193
<i>Menoit à redargucion</i>	194
“Pela argumentação deles Leva à impugnação” (trad. nossa)	

O autor cita no primeiro livro da obra (1915, Tomo 1, p. 44-47) que dos 19 manuscritos encontrados, 10 fazem parte do séc. XIV, 5 do séc. XV, 1 do séc. XIV ou XV e 3 sem data. Tentamos ter acesso aos manuscritos com base nas informações do *Arlima*, que descreve os manuscritos insere a localização de todos eles¹⁵⁰, mas não tivemos acesso a eles nas bibliotecas como, por exemplo,

¹⁴⁹ http://www.arlima.net/mp/ovide_moralise.html#mss

¹⁵⁰

http://archive.wikiwix.com/cache/?url=http%3A%2F%2Fwww.arlima.net%2Fmp%2Fovide_moralise.html

na *Bibliothèque Nationale de France*, na área do *Mandragore*, que é uma base de manuscritos, uma vez que todos os links para os manuscritos estavam quebrados¹⁵¹. Por conta disso, confiaremos na informação do TLF de que o *argumentation* surgiu entre 1291 e 1328 mesmo que não tenhamos provas concretas para isso.

Latim:

As seguintes acepções foram recolhidas referentes a esse item lexical, de acordo com Lewis:

1) Uma condução de provas

i. Nam argumentatio nomine uno res duas significat, ideo, quod et inventum aliquam in rem probabile aus necessarium, argumentatio vocatur et ejus inventi artificiosa expolitio (Cic. Inv. 1, 40)

“Pois a argumentação significa duas coisas sob um único nome; quer dizer, qualquer discussão a respeito de qualquer coisa que é provável ou necessária é chamada de argumentação; e também é o polimento sistemático de tal discussão [...]” (trad. nossa)

ii. Est ergo (ut supra dictum est) explicatio argumenti argumentatio (de Partitionibus Oratoriae, cap. 13, 46)

“Portanto, como dito acima, a explicação dos argumentos é a argumentação” (trad. nossa)

2) A própria prova

Etiamme in tam perspicuis rebus argumentatio quaerenda est aut conjunctura capienda? (Cic. Rosc. Am. 35)

Mesmo em casos tão evidentes, deve-se procurar por argumento ou obter conjecturas? (trad. nossa)

¹⁵¹ <http://mandragore.bnf.fr/jsp/rechercheExperte.jsp>

3.3.2 Determinação do étimo

Terminus a quo (mais antigo ao mais novo)

Mundo romano	
Francês	1291-1328
Italiano	1313-1314
Espanhol	1457
Português	1 de dezembro de 1537
Inglês	1491
Alemão	1530
Holandês	1573
Sueco	1721
Dinamarquês	1797
Dinamarquês na Noruega	1808
Nynorsk	1 de agosto 1869
Dialeto norueguês	1893
Bokmål	1907

Inserimos o campo dialeto norueguês acima para indicar que esse item lexical já havia sido inserido no sistema *den dana daglegtala* “fala culta do dia-a-dia”, utilizado pelo autor Hans Jæger. Esse sistema, como considerado no subcapítulo 1.4.2.1. sobre as línguas na Noruega antes de 1814, é uma mistura do dano-norueguês com uma boa parte de inserção de elementos nativos e que a partir do século XVII foi a língua materna de parte da elite norueguesa. De acordo com *Språkrådet*¹⁵² (Conselho linguístico estatal da Noruega), ele, assim como

¹⁵²

http://www.sprakradet.no/Vi-og-vart/Publikasjoner/Spraaknytt/Arkivet/Spraaknytt_2002/Spraaknytt_2002_2/Polfaremnorsk/

outros autores (i.e. Fridtjof Nansen e Roald Amundsen), desprezava a sociedade burguesa com suas convenções e regulamentos e, por conta disso, escreveu três romances onde tentou ajustar a escrita com a sua fala, a *den danadaglegtala* “fala culta do dia-a-dia”. Apesar dessa língua falada ter muitos elementos do dinamarquês, adaptados com uma pronúncia norueguesa, consideramos como norueguês e não dinamarquês, sendo, assim, uma etapa anterior ao *bokmål*, que tem a normatização escrita dessas modificações, e Jæger em suas obras representou essas modificações na escrita num período bem anterior à obrigatoriedade da utilização de tais modificações na escrita (ano de 1907). E mesmo que essa forma não seja tão radical como, por exemplo, os dialetos do leste, que proveram a base para o *landsmål*, consideramos ainda assim que seja um tipo de dialeto norueguês, mesmo com muitas influências dinamarquesas.

A primeira abonação do italiano é uma tradução do latim científico e a do francês é uma obra religiosa, só que não é uma tradução. Concluímos que não é possível saber, pela falta de mais informações que os manuscritos poderiam fornecer, qual dessas obras surgiu primeiro.

1) A respeito das línguas de influência em determinados temas, a acepção de “condução de provas” não remete a nenhum tema específico, provavelmente tenderia a ir na direção do Direito e da Retórica, que são áreas muito difundidas na língua latina.

2) A relação entre escrita e pronúncia não nos proporciona nenhuma pista para a investigação do étimo, uma vez que cada língua pronuncia o radical *argument-* da sua maneira.

3) O radical do elemento lexical é *argument-* e remete ao latim; portanto, não seria um radical exclusivo de nenhuma língua descendente.

4) Neste elemento lexical os cruzamentos panromânicos de Freitas não se aplicam, pois vimos que não foi uma língua que espalhou para todas as outras, mas sim que pode ter havido duas frentes principais (i.e. francês e italiano). Até mesmo para o português ele não veio diretamente de uma língua vernácula e sim diretamente da tradução do latim, cuja obra traduzida é a mesma da qual o italiano emprestou.

5) A questão semântica é de pouca relevância para esse item lexical porque ele permaneceu basicamente a mesma (“condução de provas” ou “a própria prova”).

No presente caso, apenas o *terminus a quo* de fato ajuda na determinação do étimo. O procedimento (1) é parcialmente relevante.

3.3.3 Fichas

3.3.3.1 Para o português

Argumentação s.f.

100% (◀ lat. cient. *argumentatio*)

Comentário: Verificamos que a primeira abonação aparece na obra de Pedro Nunes, que é uma tradução da obra latina *Sphaera mundi* (1230) de Giovanni Sacrobosco

1 de dezembro de 1537. *Tratado de sphaera com a Theorica do Sol e da Lua. E ho primeiro liuro da Geographia de Claudio Ptolomeo Alexandrino.*

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 100% latim científico

Local: Biblioteca Nacional de Portugal

Discussão a respeito das informações do Houaiss:

O Houaiss afirma que *argumentação* vem do latim e a primeira abonação se encontra no ano de 1537. Nossa pesquisa está de acordo com essas informações.

3.3.3.2 Para o norueguês

Argumentasjon, s.m.

Nos dialetos noruegueses:

16,66% (◀ nyn. *argumentation*, 1869 ◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ sue. *argumentation* 1721 ◀ hol. *argumentatie*, 1573 ◀ ale. *Argumentation* 1530 ◀ ing. *argumentation*, 1491 ◀ fr. *argumentation*, 1291-1328 ◀ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ nyn. *argumentation*, 1869 ◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ hol. *argumentatie*, 1573 ◀ ale. *Argumentation* 1530 ◀ ing. *argumentation*, 1491 ◀ fr. *argumentation*, 1291-1328 ◀ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ nyn. *argumentation*, 1869 ◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ ale. *Argumentation* 1530 ◀ ing. *argumentation*, 1491 ◀ fr. *argumentation*, 1291-1328 ◀ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ nyn. *argumentation*, 1869 ◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ ing. *argumentation*, 1491 ◀ fr. *argumentation*, 1291-1328 ◀ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ nyn. *argumentation*, 1869 ◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ fr. *argumentation*, 1291-1328 ◀ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ nyn. *argumentation*, 1869 ◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ latim medieval *argumentatio*)

Não há indícios concretos para demonstrar o caminho exato que o item lexical levou para chegar até o norueguês. Temos a hipótese de que o étimo é 100% norueguês *nynorsk* porque esse item lexical é atestado desde 1869 nas obras de Aasmund Olavsson Vinje, como demonstrado abaixo; o ponto de partida foi o latim medieval. É possível que ele tenha chegado ao dinamarquês pelo alemão, pelo sueco, pelo inglês, pelo francês ou diretamente do latim medieval.

1893. *Syk kjærlihet: roman* de Hans Jæger

Trecho: *Deres svar paa defensors uigjendrivelie argumentation var taushet*¹⁵³

¹⁵³ A resposta deles sobre a argumentação incontestável do defensor foi o silêncio (trad. nossa)

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 100% norueguês *nynorsk*

Local: Nasjonalbiblioteket

Bokmål:

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ sue. *argumentation* 1721 ◀ hol. *argumentatie*, 1573 ◀ ale. *Argumentation* 1530 ◀ ing. *argumentation*, 1491 ◀ fr. *argumentation*, 1291-1328 ◀ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ hol. *argumentatie*, 1573 ◀ ale. *Argumentation* 1530 ◀ ing. *argumentation*, 1491 ◀ fr. *argumentation*, 1291-1328 ◀ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ ale. *Argumentation* 1530 ◀ ing. *argumentation*, 1491 ◀ fr. *argumentation*, 1291-1328 ◀ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ ing. *argumentation*, 1491 ◀ fr. *argumentation*, 1291-1328 ◀ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ fr. *argumentation*, 1291-1328 ◀ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ◀ din. *argumentation* 1797 ◀ latim medieval *argumentatio*)

1907. *Forkjel og vurdering: artikler om kirkestriden* de M. J. Gjessing

Trecho: [...] *naar man ser hen til den Argumentation, som vedkommende Prest benytter sig av.*¹⁵⁴

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 100% dinamarquês

Local: Nasjonalbiblioteket

¹⁵⁴ Quando se anseia pela argumentação da qual serve-se o padre em questão (trad. nossa)

Comentário: temos a hipótese de que o item lexical é 100% de étimo dinamarquês porque ele já estava em uso há muito tempo no dinamarquês escrito na Noruega. Rechaçamos a hipótese de que teria étimo no norueguês *landsmaal* (*nynorsk*) porque havia um conflito contra essa norma.

Discussão a respeito das informações dos dicionários do *bokmål*:

Os dicionários NbUiB e o ROB nada afirmam sobre o étimo desse item lexical. O NTG apenas sugere que ele é um substantivo verbal de *argumentere*, o que estaria correto se estivéssemos tratando da língua latina e não da norueguesa.

Nynorsk:

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ▶ din. *argumentation* 1797 ▶ sue. *argumentation* 1721 ▶ hol. *argumentatie*, 1573 ▶ ale. *Argumentation* 1530 ▶ ing. *argumentation*, 1491 ▶ fr. *argumentation*, 1291-1328 ▶ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ▶ din. *argumentation* 1797 ▶ hol. *argumentatie*, 1573 ▶ ale. *Argumentation* 1530 ▶ ing. *argumentation*, 1491 ▶ fr. *argumentation*, 1291-1328 ▶ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ▶ din. *argumentation* 1797 ▶ ale. *Argumentation* 1530 ▶ ing. *argumentation*, 1491 ▶ fr. *argumentation*, 1291-1328 ▶ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ▶ din. *argumentation* 1797 ▶ ing. *argumentation*, 1491 ▶ fr. *argumentation*, 1291-1328 ▶ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ▶ din. *argumentation* 1797 ▶ fr. *argumentation*, 1291-1328 ▶ latim medieval *argumentatio*)

16,66% (◀ din. na Noruega. *argumentation* 1808 ▶ din. *argumentation* 1797 ▶ latim medieval *argumentatio*)

Comentário: o elemento lexical surgiu primeiramente no *landsmål* do que no *riksmål* ou *bokmål* e, por isso, concluímos ser um empréstimo do dinamarquês.

1 de agosto 1869. A. O *Vinjes skrifter i Utval. B. 5 : Innanlandsk politik* publicado pela Det Norske Samlaget em 1889

Trecho: [...] *Hammarstad slog meg og i eit Ordskiye om vaare politiske Stormenn til Jordi med denne sama Argumentation: «Ja, du ser, at du ikki kann berga deg»*¹⁵⁵

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 100% dinamarquês

Local: Nasjonalbiblioteket

Discussão a respeito das informações do dicionário de *nynorsk*:

O NyUiB nada afirma sobre o étimo desse elemento lexical e, portanto, nossa pesquisa ajuda nesse sentido.

Origem do significante:

O elemento lexical latino *argumentatio* é uma derivação a partir do participio *argumentatus* do infinitivo passivo do verbo *argumentor* (-*aris*, -*ari*, -*atus sum*) “aduzir prova, argumentar”. De acordo com Ernout & Meillet 1932 [2001⁶], *argumentor* é um denominativo de *argumentum* “prova”, “argumento”, “justificação”, “razão” (p. 46).

Fortson IV (2004) afirma que um sufixo homófono acentuado era utilizado para formar verbos denominativos, que derivam de substantivos ou de outras partes da fala como, por exemplo, ing. *to head*, *to chair*). No IE esses verbos eram formados ao adicionar o sufixo *-*je/o-* diretamente à raiz de um substantivo. Portanto, a partir de **h₁neh₃mn-* “nome”, formava um verbo denominativo **h₁neh₃mn-je/-* “nomear”, que reflete no hitita *lamn-iya-zzi* “nomes” (*lamn-* “nome”, com l substituído pelo n), grego *onomaínō* “eu nomeio” (< pré-grego **enom̥-je/o-*) e germânico **namnjan* “nomear” (compare no gótico *namnjan* e no AAA *nemnen*). De acordo com o autor esses verbos se tornaram extremamente produtivos na maioria das línguas filhas do IE. Por exemplo, o

¹⁵⁵ Hammarstad bateu em mim e em uma discussão sobre nossos aristocratas políticos de Jordi falou com a mesma argumentação: “sim, você vê que você não pode se salvar” (trad. nossa)

grego criou muitos denominativos a partir de substantivos cuja raiz terminava em -*id-*; a combinação resultante pré-grega **id-je/o* se tornou (por meio de mudanças fonéticas regulares) gr. *-ize/o* e isso então foi reanalisado como um sufixo denominativo separado. Este sufixo foi até o inglês (i.e. *-ize*) (p. 90)

Sihler (1995) afirma que a inserção do sufixo é mais transparente no védico, pois o *-ya-* fica preservado em todas as posições, ao passo que tanto no grego quanto no latim, e outras línguas IE, ele permanece disfarçado pela perda do *-y-* intervocálico, contração e outras mudanças fonéticas. O autor também registra que as funções dos denominativos eram das mais variadas: de factivo (escravizar), incoativo (envelhecer), agentivos (verbos com acepção de, por exemplo, agir como um determinado animal), instrumentativos (forçar, telefonar), locativos (centrar, alistar), etc. (p. 511). De acordo com o autor, o tipo do IE, que permaneceu produtivo, é geralmente encontrado na 4ª conjugação (portanto, *finire* “terminar” de finis “fim”, etc.). Este tipo tratava originalmente substantivos de tema em *-a* e alguns com tema em *-o*, e de uma formação factiva deadjetival (i.e. *novare* “renovar”). Porém, isto se propaga além das bases funcionais em latim, que forma derivativos com base em todas os temas como, por exemplo, *levare* “elevar” (de *levis* “leve”), *laudare* “louvar, elogiar” (de *laus* “louvor”), *nominare* “nomear” (de *nomen* “nome”). Há também denominativos intransitivos, que são sempre depoente, como, por exemplo, *laetari* “ser feliz” (de *laetus* “feliz”), embora há muitas exceções a essa generalização (p. 514-515).

O item lexical *argumentum*, por sua vez, é uma composição a partir do verbo *arguo* (“eu provo”, “eu demonstro”, “eu mostro”, “eu indico”) mais o sufixo *-mentum* “meio, resultado de”. *Arguo*, por fim, provém de um proto-italico **argu-* “brilhante” que, por sua vez provém do IE **h₂erǵ-u-* “branco”, com cognatas no hitita *arkuṽae-zī* “fazer um apelo” (< **arkuṽe/a-* < **arkuje/a-*, Melchert 1998, < IE **h₂orǵ-u-je-* “deixar claro”, Kloekhorst 2008: 206); sânscrito *árju-na* “branco, claro”; gr.ant. *ἄργυρος* “prata”, gr.ant. *ἄργυρος* “branco reluzente”, toc.A. *ārki*, toc.B. *ārkwī* “branco” (de VAAN, 2008, p. 53). De acordo com o autor, provavelmente *arguo* é um verbo denominativo que significaria “deixar brilhante, clarear”, que surgiu a partir do adjetivo **argu-* “brilhante” (p. 53).

3.4 Deflação/Deflasjon

3.4.1 Apresentação dos dados

3.4.1.1 Mundo germânico

Norueguês

Significados em dicionários atuais (a partir de 1901 em *nynorsk* e 1907 em *bokmål*):

Dic.	Significado	Etimologia	Datação
NbUiB	Queda de preço e aumento no valor do dinheiro, contrário a <i>inflasjon</i>	Pelo ing. do lat.	Não consta
NyUiB	(diminuição do montante de dinheiro e outras medidas que levam a) queda do preço e aumento do valor do dinheiro	Pelo ing. do lat. de- e flatus “vento”	Não consta
NTG	1. Redução do montante do dinheiro para estabilizar o valor do mesmo; queda e medida econômica de dim 2. Erosão causada pelo vento	De <i>de-</i> II e latim <i>flatus</i> “vento”, quer dizer “diminuição da força do vento”	Não consta
	1. (financ.) transição da inflação para uma	De. Lat. deflare	

OB	<p>condição financeira e de crédito normal (indicado com queda de preço e efeito de redução econômico) [...]</p> <p>2. Erosão causada por vento</p>	“voar para longe”;	
----	---	--------------------	--

Trataremos das duas acepções, que também existem no português.

Livros em dinamarquês publicados na Noruega

A primeira atestação do elemento lexical com a acepção geográfica está na enciclopédia *Illustreret norsk konversations leksikon* (1908):

Defi'nitiv (lat.), afgjort, bestemt, endelig (modsat terimistisk og provisorisk, s. d.).
Deflation, se **Denudation**.
Defle'ktor, nautisk instrument, hvormed foretages imaskorrektion og deviationsundersøgelse ombord

“Deflation, veja denudation” (trad. nossa)

Denudation, de acordo com a enciclopédia, significa na geologia a retirada de partes que ficam na superfície da crosta.

O livro, apesar de ser de 1908 está escrito basicamente em dinamarquês pois encontramos muitas características dinamarquesas:

1) Uso das consoantes sonoras: *aaben* (em vez de *aapen*) “aberto”, *mod* (em vez de *mot*) “contra”, *kage* (em vez de *kake*) “bolo”; 2) utilização da terminação -e na forma indeterminada do gênero comum: *gange* (em vez de *ganger*) “vezes” e *penge* (em vez de *penger*) plural de “dinheiro”; 3) plural com a terminação do gênero neutro na forma indeterminada: *huse* (em vez de *hus*); 4) passados e particípios de verbos fracos terminados em -ede como *kastede* (em

vez de *kastet*) “jogou” e *svarede* (em vez de *svarte* “respondeu”); 5) uso do sufixo neutro *-t* nos adjetivos terminados em *-ig* como *et heldigt* (em vez de *et heldig*) “um ... sortudo” e 6) verbos e substantivos não encurtados: *drage* “puxar”, *have* “ter” e *broder* “irmão”.

No período em que se escrevia dinamarquês não foi encontrado o elemento lexical com a acepção financeira.

Cognatas em outras línguas germânicas

Dinamarquês (publicado na Dinamarca)

A respeito dos dicionários, a cognata está atestada no dicionário online de palavras estrangeiras de Meyer (1924) tanto na acepção de geologia quanto na de economia.

No Google Books há a obra *Økonomisk revue* (vol. 4, 1921) em que se encontra a cognata no sentido econômico:

At gennemføre en deflation av pengeværdien uten at gjøre [...] (p. 524)

“Realizar uma deflação do valor do dinheiro sem fazer [...]

(trad. nossa)

O *terminus a quo* da acepção geológica foi encontrada na obra de Bøving-Petersen (1912):

[...] af Vindens “æoliske” Virksomhed, den saakaldte Deflation eller Bortblæsning. (p. 85)

“[...] do efeito “eólico” do vento, que é chamado deflação ou sopro para fora” (grifo e trad. nossos)

No sueco

No sueco encontramos a primeira atestação com a acepção econômica em 1920 no jornal *Anglo-Swedish Trade*:

Bankmännen frukta [...] en deflation [...] (p. 101)

“O banqueiro temia [...] uma deflação [...]

(trad. nossa).

A acepção geológica não foi encontrada.

No inglês:

No Oxford (CD-ROM, 2010) se apresentam duas acepções para a cognata correspondente *deflation*: 1) a redução no montante de dinheiro na economia de um país para que os preços caiam ou permaneçam os mesmos e a ação do ar sendo removido de algo e 2) a ação do ar sendo removido de alguma coisa. O primeiro registro é do séc. XIX (no sentido de “liberar o ar de algo inflado”).

O dicionário etimológico de Murray não apresenta essa cognata.

No Google Books o registro mais antigo com a acepção econômica é, de fato, de 1920. Um exemplo é o livro *High Prices and Deflation* de Edwin W. Kemmerer:

The hardships therefore and the resulting political difficulties of carrying through a program of price level reduction through deflation (...) (p. 63)

No *corpus* pago de jornais antigos *Newspapers* encontramos esse item lexical em uma data bem mais antiga:

Theirs would be the irresponsible power to say then “the common good” requires an inflation of the currency, decreasing prices, and when a deflation, increasing prices! (The Commoner, 24 de dezembro de 1909, p. 15)¹⁵⁶

O primeiro registro da acepção geográfica está na revista *Scottish Geographical Magazine* (Volume 7, 1891), na parte de *Book review*:

The disintegration of rocks in a desert is confined to their exposed surfaces, and were “deflation” or the transporting action of the wind to cease, denudation would quickly come to an end (p. 504).

¹⁵⁶ Disponível em: <https://www.newspapers.com/image/49594187/?terms=deflation%2Bprices>

No alemão

O *terminus a quo* da cognata correspondente *Deflation* com o sentido geográfico está na obra de Johannes Walther (1891):

Bei seiner hohen Bedeutung glaube ich, dass es nützlich ist, diesen Denudationsprocess mit einem besonderen Namen zu bezeichnen, und so schlage ich vor, das Wort „Deflation“ für die denudierende Thätigkeit bewegter Luft zu gebrauchen (p. 382)

“Por conta de sua grande importância eu acho que é relevante indicar esse processo de denudação com um nome especial e, então, proponho utilizar a palavra “Deflação” para o efeito denudante do vento agitado.” (*trad. nossa*)

No dicionário de *Meyers Konversations-Lexikon* (IV Band, 1894) afirma-se que *Deflation* significa *Denudation* “desnudação”, quer dizer, há apenas a acepção geológica.

Com a segunda acepção encontramos a primeira abonação no jornal alemão *Die Uhrmacher-Woche* de 23 de outubro de 1920:

Die Rückkehr zur effektiven Goldwährung ist nicht zu empfehlen, weil sie eine plötzliche Deflation (Papierwertsteigerung) zur Folge hätte (...)

“O retorno ao padrão-ouro efetivo não é recomendável pois ele teria como consequência uma deflação repentina (aumento do valor mobiliário) [...]” (*trad. nossa*)

No holandês

O *Woordenboek der Nederlandsche Taal* (WNT) afirma que há duas acepções:

1. (geo.) efeito removedor do vento no solo
2. (econ.) aumento em valor do dinheiro

Como étimo da acepção geológica registra-se que o item lexical veio do inglês *deflation* (1893), que por sua vez vem do alemão *Deflation* (1891, primeiro relatado pelo acadêmico alemão J. Walther). Como primeiro registro: *Gedaanteverand. Aarde* de Escher (1916). A respeito da segunda acepção, vem do francês *déflation* (1909), também no ing. *deflation* (1920) e no ale. *Deflation* (início do séc. XX). Como primeiro registro *Financ. D. Ondern.* de V. Ketel (1944).

M. Philippa e.a. (2003-2009) cita datas anteriores. A acepção geológica entra na língua em 1913 (Baale) diretamente do alemão (1891), ou por meio do inglês, pelo geólogo John Walther, que divulgou esse elemento lexical, uma analogia com outro elemento lexical técnico, a *erosão*. Imediatamente após sua introdução, ela foi entendida no alemão como oposição à *Inflation*. Em agosto de 1891 o elemento lexical foi introduzido no inglês com a acepção de “esvaziamento de algo que está inchado”. Em 1920, após a Primeira Guerra Mundial e, consequentemente, a crise monetária, *deflation* no inglês recebe primeiramente um sentido econômico, que ocorre também no francês em 1922. O holandês tem essa acepção, que veio talvez pelo francês, emprestado do inglês. Afirma-se que o primeiro registro ocorreu em 1929 com Kramers II.

Não entendemos o motivo do dicionário afirmar que “imediatamente após sua introdução”, ela foi entendida no alemão como oposição à *Inflation*, pois a introdução na língua foi em 1891, quer dizer, foi um elemento lexical criado por John Walther, e o mesmo elemento lexical com acepção econômica só apareceu em 1920.

3.4.1.2 Mundo românico

Português:

Os dicionários de língua portuguesa atestam a etimologia desse elemento lexical da seguinte maneira:

Dicionário	Étimo	Datação
Houaiss (online)	ing. <i>deflation</i> (1893) na acp. geológica e (1920) na acp. econômica, der. de <i>to deflate</i> 'diminuir a força', do lat. <i>deflatum</i> , supn. de <i>deflare</i> 'soprar por cima', der. de <i>flo</i> 'soprar,	1926 (Cândido de Figueiredo Novo Dicionário da Língua Portuguesa)

	bafejar'; ver <i>inch-</i>	
--	----------------------------	--

No dicionário de Houaiss há duas acepções: 1) (econ.) ato ou efeito de frear a inflação com medidas monetárias (redução do meio circulante) ou financeiras (controle do crédito, enquadramento de preços etc.); 1.1.) (econ.) redução do papel-moeda em circulação, a fim de provocar o aumento do poder aquisitivo de uma moeda avaliada em ouro ou em mercadoria 2) (geo.) transporte pelo vento de pequenos detritos desagregados que se encontram nas anfractuosidades das rochas.

Pela pesquisa sabemos que, diferentemente do que fala Houaiss, *deflação* com acepção geológica entrou em 1891.

Nos dicionários de etimologia da língua portuguesa encontramos as seguintes atestações:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Cunha (1999)	Deflação	Do ing. <i>deflation</i> , palavra criada por oposição a <i>inflation</i>	Séc. XX
VHCPM (2007)	Não consta	Não consta	Não consta
MACHADO (1900)	Deflação	Do inglês	1920

Nos dicionários mais antigos não encontramos esse item lexical.

Com base na *Hermenoteca*, retrodatamos o item lexical para 1920 (jornal *A Federação*, 11 de dezembro de 1920):

[...] conforme o fluxo e refluxo dos descontos, afim de evitar as crises commerciaes e bruscos movimentos de inflação e deflação de crédito

A respeito da acepção geográfica, curiosamente não encontramos nenhum resultado no período das outras línguas (até o primeiro quarto do séc. XX). No Corpus do português encontramos apenas um resultado, que não está datado e só a o título da obra: *erosão dos solos*, quer dizer, não tem relevância para essa dissertação.

No Google Books, também não encontramos nada muito antigo. O *terminus a quo* da acepção geológica é o dicionário de Freire (1954).

Não encontramos nenhuma abonação mais antiga nos acervos da Folha e da Veja.

Espanhol:

Nos Corominas encontramos a seguinte entrada:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
COROMINAS (1984)	Não consta	Não Consta	Não Consta

Encontramos a entrada *deflación* no dicionário da *Real Academia Española*, que afirma que é um termo da economia (*descenso del nivel general de precios*) e que vem do fr. *déflation*, que por sua vez vem do ing. *deflation*.

No ano de 1923 encontramos o primeiro registro tanto do elemento lexical com sentido da Geografia quanto da Economia:

[...] el defensor más caluroso de la denudación por deflación, considera que así se forman también los oasis [...] (Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, Vol 3, 1923, p. 176).

[...] 330 millones, se rebajaría a 132 mil millones y esto es mucho más lógico que una deflación progresiva. (La Comunidad económica mundial y la amenaza de su decadencia, Vicent Gay y Forner, 1923, p. 296)

Italiano:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
ZINGARELLI	deflazióne	<ol style="list-style-type: none"> 1. fr. <i>déflation</i>, do inglês <i>deflation</i> “sgonfiamento”, contraposto a <i>inflation</i> “gonfiamento” 2. (geo.) de lat. <i>deflare</i> “assoprar” 	<ol style="list-style-type: none"> 1. 1931 (econ.) condição do sistema econômico caracterizada pela redução da circulação monetária e, consequentemente, diminuição do nível geral dos preços 2. 1913 (geol.) remoção, pelo vento, formada de grânulos de areia para a desintegração de rochas.
Deli	deflazióne	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ingl. <i>deflation</i> (1920 nessa acepção), propr. “sgonfiamento”, de <i>inflation</i> “inflazione”, a palavra chegou até o italiano provavelmente e através do fr. <i>déflation</i> (1922). 2. Mesma definição do 	<ol style="list-style-type: none"> 1. 1919 (A. Cabiati: SLI X, 1984, 118). Mesma definição do Zingarelli 2. 1913 (geol.) Mesma definição do Zingarelli

		Zingarelli	
--	--	------------	--

Não compreendemos o motivo pelo qual o Deli afirma que a obra no italiano é de 1919 ao passo que a cognata correspondente provavelmente veio do francês (1922), que por sua vez veio do inglês (1920), quer dizer, é anacrônico. Por conta disso preferimos escolher a primeira abonação encontrada no Google Books, o livro *La deflazione dei salari de Biondi* (1921).

Nem nos *corpora* nem no *Google Books* encontramos uma datação mais antiga.

Francês:

Nos dicionários de francês (incluindo os etimológicos):

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Le Petit Robert (2014)	déflation	Do alemão <i>Deflation</i> ; do latim <i>deflare</i> “remover ao soprar”	1909
TLF	déflation	No inglês há desde 1891	1. (fin.) 1909 2. (geo.) 1932

Le Petit Robert apenas cita a acepção geológica e também que o primeiro registro está no ano 1909, em uma entrada na *Larousse mensuel* de Claude Augé (1907-1910). Verificamos a fonte e de fato o elemento lexical está registrado no mês de março (no 25, p. 420). Nesta entrada não se encontra nenhuma informação sobre a acepção financeira. Porém, pelo *Google Books* encontramos uma obra um ano mais antiga em que se registra essa acepção (i.e. *La Presqu'île du Sinai* de Raymond Weill, 1908):

En somme, la démolition du terrain se poursuit par le double mécanisme de l'érosion et de la déflation [...] (p. 59)

“Em suma, a demolição do terreno continua pelo duplo mecanismo de erosão e de deflação” (trad. nossa)

O TFL afirma o contrário: que a acepção financeira é de 1909, ou seja, mais nova que a acepção geológica, de 1932. Constatamos essas afirmações como erradas.

O *terminus a quo* da abonação financeira está na obra de Yves-Guyot & Raffalovich (1921), que se chama *Inflation et Déflation*.

Latim:

Não consta, mas há a forma verbal *deflo* no dicionário de Gaffiot (1934), que afirma que o significado é “remover assoprando” e cita a obra de Varro (116 a.C. – 27 a.C.), *De Re Rustica*, 64:

Amurcam cum ex olea expressa, qui est umor aquatilis, ac retrimentum conditum in vas fictile. Id quidam sic solent tueri; diebus XV in eo quod est levissimum ac summum deflatum ut traiciant in alia vasa [...]

“A amurca, espremida das olivas e que é um fluído aquoso, é armazenada com junto com os sedimentos em um vaso de barro. Alguns têm o costume de fazer assim para preservar: após quinze dias os sedimentos que, estando mais leves, sobem até o topo são assoprados para fora [...]” (trad. nossa)

Também encontramos essa cognata correspondente na obra lexicográfica de Estienne (1552):

Deflo/ deflas, deflare - souffler.

3.4.2 Determinação do étimo

Terminus a quo (mais antigo ao mais novo)

Mundo Romano	
Francês	1908 (geo.) 1921 (fin.)
Italiano	1913 (geo.) 1921 (fin.)
Espanhol	1923 (geo.) 1923 (fin.)
Português	1954 (geo.) 1920 (fin.)
Mundo Germânico	
Alemão	1891 (geo.) 1920 (fin.)
Inglês	1891 (geo.) 1909 (fin.)
Holandês	1913 (geo.) 1929 (fin.)
Sueco	1920 (fin.)
Dinamarquês na Noruega	1908 (geo.) Não encontramos (fin.)
Dinamarquês	1912 (geo.) 1921 (fin.)
Bokmål	1920 (geo.) 1920 (fin.)
Nynorsk	1951 (geo.) 1927 (fin.)

Por conta da datação, fica bem evidente que o inglês foi a primeira língua a utilizar *deflation* na acepção financeira. No que tange a acepção

geológica, pode ser tanto originária no inglês quanto no alemão. Só que definimos como um elemento lexical alemão, porque o próprio autor (Johannes Walther) atribui a ele em sua obra de 1891 a invenção desse elemento lexical.

1) A respeito das línguas de influência em determinados temas, encontramos geólogos importantes em toda a Europa. A *The Encyclopedia of Geology* cita como principais geólogos: Agassiz, Cuvier, Darwin, Du Toit, Hall, Hutton, Lyell, Murchison, Sedgwick, Smith, Steno, Suess, Walther e Wegener, quer dizer, 9 falantes de inglês (maioria quase absoluta da Austrália), 3 de alemão, 1 de francês e 1 dinamarquês. Portanto, há mais probabilidades de termos que vêm da geologia serem do inglês. Como a geologia é uma área absolutamente ampla, para esse estudo ser mais pontual teríamos que compreender quais escolas são mais influentes no tema geologia sedimentária e, especificamente, estratigrafia. Influentes na época em que aparecem a maioria das abonações desse item lexical foram: Gignoux (francês), Grabau (inglês norte-americano), Walther (alemão), quer dizer, não encontramos uma exclusividade de apenas uma língua no estudo desse tema. Esse item lexical com acepção financeira se encontra no tema da economia, que tem pensadores das mais diferentes nacionalidades. Por conta disso, esse definidor é irrelevante para o seu estudo.

2) A relação entre escrita e pronúncia não nos proporciona nenhuma pista para a investigação do étimo, uma vez que cada língua pronuncia o radical *defl-* da sua maneira.

3) O radical do item lexical é *defl-* e remete ao latim; portanto, não seria um radical exclusivo de nenhuma língua descendente.

4) O elemento lexical (e suas duas acepções) não são formações no latim; em vista disso, não é possível aplicar a hipótese de Freitas.

5) A questão semântica nos ajuda a descobrir o trajeto percorrido pelo elemento lexical (com suas duas acepções), quer dizer, o elemento apareceu pela primeira vez com a acepção geológica, que foi emprestado para o inglês. No inglês ele recebeu uma nova acepção e, em seguida, foi emprestado para o alemão e para outras línguas.

No presente caso, além do *terminus a quo*, o procedimento (5) é relevante para a etimologia desse elemento lexical.

3.4.3 Fichas

3.4.3.1 Para o português

Deflação (s.f.)

Acepção geológica:

25% (◀ esp. *deflación* 1923 ▶ fr. *deflation* 1909 ▶ ing. *deflation* 1891
 ▶ ale. *deflation*, 1891)
 25 % (◀ fr. *deflation* 1909 ▶ ing. *deflation* 1891 ▶ ale. *deflation*, 1891)
 25 % (◀ ing. *deflation* 1891 ▶ ale. *deflation*, 1891)
 25 % (◀ ale. *Deflation*, 1891)

Comentário: aqui as possibilidades são muitas. Como a primeira abonação no português ocorreu de maneira tardia, é muito difícil dizer qual língua que passou esse elemento lexical para o português, já que a primeira abonação não é uma tradução. Outro ponto para se considerar é que nenhuma dessas cognatas tem um *terminus a quem* (quando a palavra deixa de ser usada) anteriormente à inserção na língua portuguesa. Todas essas línguas são científicas, portanto, 25% de chances para cada uma.

Comentário 2: o alemão fez uma derivação do verbo latino *deflo* e inseriu uma nova acepção, mais especificamente, restringiu a acepção original apenas para a acepção geológica.

1954. *Dicionário da Língua Portuguesa (Laudelino Freire)*

Origem do significado da acepção: alemã

Origem do significante da acepção: alemã (derivação a partir do verbo latino *deflare*)

Étimo de empréstimo: 25% francês, 25% espanhol, 25% inglês e 25% alemão

Local: Acervo da Folha

Acepção financeira:

50% (◀ ale. *deflation* 1920 ◀ ing. *deflation*, 1909)

50 % (◀ ing. *deflation*, 1909)

Comentário: são duas por conta das datações. Descartamos que esse item lexical possa ter étimo nas últimas línguas românicas porque os *termini a quo* delas são mais recentes.

Comentário 2: esse elemento lexical ganhou essa acepção no inglês talvez por conta da analogia com uma acepção anterior, também existente na língua inglesa: “a remoção do ar de alguma coisa”. Como exemplo temos o *non-deflation inner tube* que “reduz as chances de punção e esvaziamento de ar” (The New York Times, 3 de maio de 1908, p. 30). Ela tem origem inglesa pois não tem nada a ver com o significado do latim.

1920. Artigo da Folha Ilustrada

Origem do significado da acepção: inglesa

Origem do significante da acepção: empréstimo do alemão para o inglês ou derivação do inglês com base no verbo latino *deflare*

Étimo de empréstimo: 50% inglês, 50% alemão

Local: Acervo da Folha

Discussão a respeito das informações do Houaiss:

O Houaiss apenas insere um *terminus a quo* (1926) e não indica a qual acepção está se referindo. No campo etimologia ele insere informações já contidas em outros dicionários a respeito do inglês, que a primeira abonação da acepção geológica é 1892 e da econômica, 1920 e (ambas estão erradas de acordo com nossa pesquisa), portanto não entendemos o motivo do Houaiss não ter pelo menos inserido dois *termini a quo*. O dicionário não define qual é, na verdade, o étimo desse elemento lexical português e apenas cita o significado dos componentes do item lexical latino *deflate* “soprar por cima”, que é uma composição formada pelo prefixo *de-* e o verbo *flo* “soprar, bafejar”. No que tange a obra de Machado, ele apenas cita que vem do inglês (1920) e não cita em qual acepção e a de Cunha, apenas que é do séc. XX. A origem do significante da

acepção pode ser alemã ou inglesa porque pode ter ocorrido tanto um empréstimo do elemento lexical alemão com acepção geológica e a inserção do significado financeiro quanto a uma inserção desse novo significado financeiro inglês no significante que já havia nesse idioma com a acepção de “ação do ar sendo removido de alguma coisa”.

3.4.3.2 Para o norueguês

Deflasjon (s.m.)

Bokmål:

Acepção geológica:

33,33% (◀ din. na Noruega. *deflación* 1908 ▶ fr. *deflation* 1909 ▶ ing. *deflation* 1891 ▶ ale. *Deflation*, 1891)

33,33% (◀ din. na Noruega. *deflación* 1908 ▶ ing. *deflation* 1891 ▶ ale. *Deflation*, 1891)

33,33% (◀ din. na Noruega. *deflación* 1908 ▶ ale. *Deflation*, 1891)

Comentário: como esse elemento lexical já estava difundido nos jornais noruegueses escritos em dinamarqueses, temos a hipótese de 100% de que foi o dinamarquês que passou para o *bokmål*. A respeito dos caminhos para chegar até o dinamarquês há as três possibilidades acima.

1920. *Aschehougs konversationsleksikon. 2: Blindeundervisning-Détaille*

Trecho: *Denudation [...] vindens d. (deflation) [...]*¹⁵⁷

Origem do significado da acepção: alemã

Origem do significante da acepção: alemã (derivação a partir do verbo latino *deflare*)

Étimo de empréstimo: 100% dinamarquês

Local: Nasjonalbiblioteket

Esta obra por estar na data de 1920 nos livra da necessidade de análise para definir se a entendemos como escrita em norueguês.

¹⁵⁷ Denudação [...] d. do vento (deflação) [...] (trad. nossa)

Acepção financeira:

50% (◀ ale. *deflation* 1920 ◀ ing. *deflation*, 1909)

50 % (◀ ing. *deflation*, 1909)

Comentário: são duas possibilidades por conta das datações.

22 de abril de 1920. Artigo o jornal *Trondhjems Adresseavis*

Trecho: [...] *idet det under deflationen er krediitorerne, kapitalisterne, som tjener paa debitorernes bekostning*¹⁵⁸ (p. 4)

Origem do significado da acepção: inglesa

Origem do significante da acepção: empréstimo do alemão para o inglês ou derivação do inglês com base no verbo latino *deflare*

Étimo de empréstimo: 50% inglês e 50% alemão

Local: Nasjonalbiblioteket

Esta obra por estar na data de 1920 nos livra da necessidade de análise para definir se a entendemos como escrita em norueguês

Discussão a respeito das informações dos dicionários:

O dicionário NbUiB afirma que este elemento lexical vem do inglês que, por sua vez, vem do latim. Ambas as afirmações não estão corretas, pois a forma do elemento lexical surgiu no alemão.

O NTG cita também apenas a acepção financeira, afirma que é uma derivação de *deflatus* e desconstrói esse elemento lexical de maneira totalmente errônea: *de-* II “redução, “privação” e *flatus* “vento”. O erro ocorre ao afirmar de uma maneira que o leitor possa vir a pensar que o elemento lexical é uma criação norueguesa a partir de *deflatus*; ele, na verdade, é uma formação que se assimilou com a ideia anterior existente na língua inglesa (i.e. da ação do ar sendo removido de algum lugar, quer dizer, também não é bem exata com a acepção do latim clássico) e em seguida ganhou a acepção de “remoção da quantia de dinheiro na economia de um país”, mas também pode ter ocorrido,

¹⁵⁸ “[...] enquanto sob a deflação são os credores, os capitalistas, que se beneficiam às custas dos devedores”(trad. nossa)

como já mencionado acima, o empréstimo do significante alemão e, em seguida, a inserção do novo significante inglês. Percebe-se, portanto, que ocorreu um empréstimo do latim *deflatus* com acepção clássica “removido assoprando”, que recebeu um novo sentido tanto no alemão (para “erosão”) quanto no inglês (“ação do ar sendo removido de alguma coisa”).

O segundo erro é afirmar que *-flatus* significa “vento”, uma vez que ele é a forma participial de *flo* “assoprar”, quer dizer, é um particípio que anda nesse caso junto com o afixo e não um elemento lexical por si só que se juntou com o afixo *de-*, portanto, o dicionário comete um erro anacrônico. O ROB, por sua vez, cita as duas acepções e afirma que *deflare* significa “voar para longe”, o que não está incorreto, mas pode fazer o leitor pensar que esse elemento lexical foi criado no norueguês com base no verbo latino *deflo* e, assim, desconsiderar todas as considerações etimológicas realizadas até agora.

Nynorsk:

Acepção geológica:

33,33% (◀ bokm. *deflation*, 1920 ▶ din. na Noruega. *deflación* 1908 ▶ fr. *deflation* 1909 ▶ ing. *deflation* 1891 ▶ ale. *Deflation*, 1891)

33,33% (◀ bokm. *deflation*, 1920 ▶ din. na Noruega. *deflación* 1908 ▶ ing. *deflation* 1891 ▶ ale. *Deflation*, 1891)

33,33% (◀ bokm. *deflation*, 1920 ▶ din. na Noruega. *deflación* 1908 ▶ ale. *Deflation*, 1891)

Comentário: esta cognata já existia no *bokmål*, portanto temos a hipótese de que foi esta norma que passou para o *nynorsk*.

1951. *Norsk allkunnebok. 3 bandet* de Sudmann

Trecho: *Deflasjon: den geol. verksemda til vinden*¹⁵⁹

Origem do significado da acepção: alemã

Origem do significante da acepção: alemã (derivação a partir do verbo latino *deflare*)

Étimo de empréstimo: 100% bokmål

¹⁵⁹ Deflação: a atividade geológica do vento (trad. nossa)

Local: Nasjonalbiblioteket

Acepção financeira:

50% (◀ bokm. *deflation*, 1920 ◀ ale. *deflation* 1920 ◀ ing. *deflation*, 1909)

50 % (◀ bokm. *deflation*, 1920 ◀ ing. *deflation*, 1909)

Comentário: esta cognata já existia no *bokmål*, portanto temos a hipótese de 100% de que foi esta norma que passou para o *nynorsk*.

1927. *Engelsk-norsk ordbok*

Trecho: [...] *deflate* [...] ~ion [...] fig. *deflasjon*, *nedgang i (penge)setelmengd (tidt:) auke i pengeverdet*¹⁶⁰

Origem do significado da acepção: inglesa

Origem do significante da acepção: alemã

Étimo de empréstimo: 100% *bokmål*

Local: Nasjonalbiblioteket

Discussão a respeito das informações dos dicionários noruegueses:

O dicionário NyUiB também afirma que a cognata vem do inglês, que por sua vez vem do latim. Este dicionário repete o que o NTG afirma (comentado acima) no que diz respeito ao elemento lexical *deflatus*.

Origem do significante:

O elemento lexical *deflation* é uma formação a partir do particípio do verbo latino *deflo* que, por sua vez, é uma composição a partir do prefixo *de-* “para longe” e do verbo *flo* “assoprar”, portanto, “assoprar para fora”. Ernout & Meillet 1932 [2001⁶] afirmam que *flo* também tinha um sentido técnico “derreter [metal]”. Uma de suas derivações é *deflo* (raro): “soprar” e “ignorar”.

De Vaan (2008) afirma que *flo* provém do IE **b^hleh₁-/*b^hlh₁-* “assoprar”. Se *flare* (de *flo*) estiver relacionado com *fleo* “chorar”, “lamentar” (de *flere*), a raiz era provavelmente **b^hlh₁-*. O particípio pretérito pode refletir diretamente **b^hlh₁-to-*, como Schrijver postula, mas pode ser secundário. O pretérito é explicado por

¹⁶⁰ “[...] *deflate* [...] ~ion [...] fig. Deflação, queda na quantia de cédula, (sempre:) aumento no valor do dinheiro (trad. nossa)

Schrijver (1991, p. 402) a partir de **b^hlh₁-C-*, o grau zero do presente da raiz do IE (aceito por Meiser, 1998), porque ele espera **falje/o-* como resultado do segundo mencionado. Rix (2001) reconstrói como **b^hlh₁-ie-*, mas não explica como **flaje- > flā-* surge dessa pré-forma. Alternativamente, pode-se diferenciar “assoprar” de “chorar”, uma vez que os significados são suficientemente diferentes e, assim, reconstruir IE **b^hlh₂-* para *flare*; ainda assim, deixaria sem explicação o germânico **ē* em AAA *blāen*, Go. *blesan* “assoprar”.

3.5 Gravitação/Gravitasjon

3.5.1 Apresentação dos dados

3.5.1.1 Mundo germânico

Norueguês

Significados em dicionários atuais (a partir de 1901 em *nynorsk* e 1907 em *bokmål*):

Dic.		Significado	Etimologia	Datação
B	NbUi	Força de atração universal entre todas as massas do universo. Sinônimo: <i>tyngdekraft</i>	Nova formação latina a partir de <i>gravis</i> “pesado”.	X
B	NyUi	Força de atração universal entre todas as massas do universo. Especialmente: força de atração da terra. Sinônimo: <i>tyngdekraft</i>	Nova formação latina a partir de <i>gravis</i> “pesado”.	X
	NTG	Força de atração entre massas	de lat. nova formação < <i>gravitere</i>	X
	ROB	(Fis.) força de atração entre	Lat. construção nova <i>gravitatio</i> de	X

	massas.	<i>gravitare</i>	
--	---------	------------------	--

Livros em dinamarquês publicados na Noruega

A primeira atestação do elemento lexical está na revista *Provinzialblade* de 1779 (II Bind, No. 20, 1779, p. 160)¹⁶¹ da cidade de Bergen:

“[...] no momento em que a explosão ocorre, a terra sente o mesmo que acontece com um canhão quando a bala é disparada. De acordo com as leis da gravitação, em um equilíbrio, da maneira que o canhão está [...]” (trad. nossa)

Livros escolares

O livro de física para *middelskolen* de H. Christie (1871) cita que a *gravitação* universal (*den almindelige Gravitation*) é uma atração entre corpos, e é universal e o livro de geografia matemática para o ginásio (JOHANSEN, p. 1883) afirma que a formação de atração é chamada de *tyngdekraft* ou *gravitation* (p. 44), mas também *tygnde* (p. 49)

Manuais

No manual sobre mecânica de Christopher Hansteen (1838) está atestado:

Tyngden paa Jorden er altsaa et specielt Tilfælde af den almindelige Tiltrækning; og af denne Grund kalder man ogsaa denne almindelige Kraft, den almindelige Tyngde eller Gravitation.

“O peso na terra é também um caso especial da atração universal e,

¹⁶¹ Disponível em: <https://digitalt.uib.no/handle/1956.2/2883>

por esse motivo, é também chamada de força universal, peso universal ou gravitação”. (trad. nossa)

No manual sobre física de Schiøtz (1881) há basicamente o termo *almindelige Gravitation* “gravitação universal”.

Obras lexicográficas

No dicionário de palavras estrangeiras de M. C. Hansen (1851) encontramos a seguinte explicação para o elemento lexical:

Gravitation, Tyngdekraft, trykket af et Legemes eiendommelige Tyngde; Legemernes Henstræben til (Jordens, Solens) Middelpunkt, gravitere

“Gravitação, “força do peso”, empurrado pelo peso particular de um corpo; atração dos corpos para o centro (da Terra, do Sol), gravitar” (trad. nossa)

As entradas em dicionários de inglês-dano-norueguês-inglês:

Inglês	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
Gravitation	Falkraft, Gravitation, Tygning	Larsen	Geral	1888
	tyngdekraft	Brynildsen	Geral	1892
Dano-norueguês	Inglês			
Gravitation	gravitation	Larsen	Geral	1888
Gravitation	Gravitation	Brynildsen	Geral	1892

No dicionário de LARSEN (1888), os termos *tyngde* e *tyngdekraft* estão traduzidos para *gravity* e *force of gravity*, respectivamente; no de Brynildsen (1892), o termo *tyngdekraft* é *gravitation* ou *force of gravity*.

No dicionário alemão-dano-norueguês de Kaper (1885) :

Alemão	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
Gravitation	Tyngdekraft	Kapper	Geral	1885

Concluimos que há vários sinônimos para o termo *gravitation* e que o terminus a quo é de 1779.

Cognatas em outras línguas germânicas

Dinamarquês (publicado na Dinamarca)

Não encontramos nenhuma obra no *Google Books* e nos *corpora* que seja mais antiga que aquela acima citada publicada na Noruega.

No sueco

O dicionário Svenska Akademiens Ordbok (SAO) consta que a cognata correspondente foi primeiramente registrada no sueco em 1728 no livro de Mårten Triewald *Notifikation, om trettio publicke föreläsningar öfver nya naturkunnigheten* e que é um elemento lexical do neolatim derivada de *gravitare*.

No inglês:

De acordo com Oxford (CD-ROM, 2010), a cognata correspondente *gravitation* tem os seguintes significados:

1. A force of attraction that causes objects to move towards each other.

O dicionário afirma que esse elemento lexical é da metade do século XVII e vem do neolatim *gravitatio(n-)*, derivação do verbo *gravitare*, que é uma derivação de *gravitas*, que significa “peso”. O dicionário de Murray & Bradley (1901) afirma que *gravitation* tem *terminus a quo* em cerca de 1645 e que tal elemento lexical está registrado na obra *The Harleian Miscellany, or a Collection of scarce, curious, and entertaining Pamphlets and Tracts, as well in Manuscript as in Print, found in the late Earl of Oxford's Library* (Vol. V, 1810). Na indagação se encontra:

The sea is wide and deep, yet not as the air, that compasseth the sea and land; nor so passible in any part as the air is supposed to be in some parts thereof: for, if the opinion be true, that gravitation is from the magnetism of the earth, then, the more remote from the earth, the less is the gravity (...) (p. 501)

Portanto, *gravitation* não foi utilizada primeiramente por Isaac Newton, mas foi consideravelmente divulgada por sua teoria.

No alemão

Nenhum dos dicionários e *corpora* nos forneceram uma data mais antiga do que aquela encontrada pelo *Google Books* com o livro *Nova telluris, das ist: Neue Betrachtung der Erde [...]* (1712), tradução da obra de William Whiston, sucessor de Isaac Newton. Entre vários trechos escolhemos:

[...] das Gesetz der gravitation, oder druckenden Triebes / auf eben denselben zielend / entdeckt: und vice versa, wo das Gesetz der Gravitation, oder schwermässigen Druckung bekant ist [...] (p. 150)

Tradução da parte correspondente de Whiston (1696):

[...] the Law of Gravitation tending towards the same is discovered; and vice versa, where the Law of Gravitation is known [...] (p. 25)

O dicionário etimológico de Kluge afirma que *Gravitation* entrou na língua alemã no sec. XIX e que é uma formação neoclássica correspondente a *gravitas*. Na versão online do *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm* afirma-se que *Gravitation* é uma cognata correspondente do francês. De acordo com nossa pesquisa, ela é do séc. XVIII e veio do inglês.

Aqui faremos duas observações. Primeiro, por ser um livro de tradução do inglês, cujo termo foi primeiramente utilizado na língua inglesa, afirmaremos que o étimo é inglês. Segundo, o elemento lexical *gravitation* aparece várias vezes em minúsculo, diferentemente dos outros substantivos alemães, que estão, por regra, em maiúsculo; portanto, isso provavelmente ocorre porque o tradutor via *Gravitation* como sendo um elemento lexical estrangeiro.

No holandês

O banco de etimologia cita Philippa (2003-2009), que afirma que *gravitatie* significa *zwaartekracht* “força do peso”, que veio para o holandês em 1832. O dicionário também afirma que é um neologismo internacional (inglês em 1645, de acordo com o dicionário de Oxford e francês, 1717, de acordo com Rey), considerado como um elemento lexical neolatino, *gravitatio*, formado a partir do verbo *gravitare* que, por sua vez, é formado com base no latim *gravitas* “peso, gravidade” que, por fim, é uma derivação de *gravis* “pesado”.

Outras obras citadas pelo banco como, por exemplo, G.J. van Wyk (2003), N. van der Sijs (2001), P.A.F. van Veen em N. van der Sijs (1997) também afirmam que a cognata correspondente surgiu em 1832, diretamente do neolatim. O WNT, diferentemente, cita a data de 1847 da obra *Kunstwdt.*, com base em Kramers.

3.5.1.2 Mundo românico

Português:

Os dicionários de língua portuguesa atestam a etimologia desse elemento lexical da seguinte maneira:

Dicionário	Étimo	Datação
Houaiss (online)	fr. <i>gravitation</i> (1717) ‘id’, do ing. <i>gravitation</i> (c1645)	1726 (Brás Luís de Abreu. Portugal Médico, 1726)

	'id', este do lat. cien. <i>gravitation</i> -, <i>gravitatio</i> ; popularizado em fr. pelas traduções das obras de Sir Isaac Newton.	
--	---	--

Não encontramos nenhuma atestação mais antiga tanto no Corpus do Português quanto no *Google Books*. Também não há nada sobre o elemento lexical no Vocabulário Português e Latino de Bluteau.

Nos dicionários de etimologia da língua portuguesa encontramos as seguintes atestações:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Cunha (1999)	gravitação	Do fr. <i>gravitation</i> , deriv. do lat. cien. <i>gravitatio</i> , a partir do lat. <i>gravitas –atis</i> .	XVIII
VHCPM (2007)	X	X	X

Não tivemos acesso ao documento de 1726 intitulado *Portugal médico ou Monarquia médico-lusitana* de Brás Luís e Abreu, citado por Houaiss. O Corpus do Português só atesta esse elemento lexical no século XIX.

Também não encontramos nenhuma entrada nos dicionários que fazem parte do *Corpus Lexicográfico do português*.

Espanhol:

Nos Corominas encontramos a seguinte entrada:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
COROMINAS (1984)	gravitación	[...] aunque no fué creado por Newton, como suele decirse, su difusión se debe realmente a este gran físico [...]	Ø

De acordo com o Corpus do Espanhol, a atestação mais antiga é de 1728, contida na obra *Texto Critico Universal* de Benito Jerónimo Feijoo:

[...] como se haya penetrado bien lo que hemos dicho de las dos fuerzas de gravitación, y elasticidade del Aire; advirtiendo, que em algunos fenómenos es causa únicamente la gravitación [...]

Italiano:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
ZINGARELLI	gravitazione	ingl. <i>gravitation</i> , de <i>gravitate</i> “gravitare”	1731
Deli	gravitazione	Ø	1731

Apesar desses dois dicionários datarem *gravitazione* como sendo do ano de 1731, encontramos no Google Books uma abonação mais antiga no artigo *Metodo d’investigare l’Orbite de’ Pianeti* [...], contido no *Giornale de Letterati D’Italia* (tomo secondo, Anno MDCX, articolo XV, p. 455, 1710):

[...] e perciò questa forza B m, ovvero C c è la gravitazione del Pianeta verso il Sole S [...].

“[...] e então essa força B m ou C c é a gravitação do planeta em direção ao sol S [...]” (trad. nossa)

Francês:

Nos dicionários de francês (incluindo os etimológicos)

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Le Petit Robert (2014)	gravitation	lat. scient. <i>gravitatio</i> , de <i>gravitas</i>	1717
TLF	gravitation	Empr. à l’angl. <i>gravitation</i> (ca 1645)	1717

TLFi afirma que o *terminus a quo* de *gravitation* se encontra na obra de Hartsoeker (bib. Anc. Et Mod., VII, p. 306 ds BRUNOT t. 6, p. 548, note 3). FEW fornece outra data, 1722. Não tivemos acesso ao conteúdo dessa obra citada pelo TLFi.

Latim:

Não encontramos nenhum resultado para *gravitatio* nos dicionários de Du Cange (1883), Glare (1968) e Lewis (2002).

A abonação mais antiga encontrada em latim ocorre na obra de Deusingii (1643):

Scholastici actum primum in corporibus gravibus gravitatem absolutè vocant, actum secundum gravitationem solent appellare. (p. 140)

“Os eruditos chamam o primeiro ato em corpos pesados de gravidade absoluta, o segundo ato eles tendem a chamar de gravitação.” (trad. nossa)

3.5.2 Determinação do étimo

Terminus a quo (mais antigo ao mais novo)

Mundo Romano	
Francês	1711
Italiano	1710
Português	1726
Espanho	1728
Mundo Germânico	
Inglês	1645
Alemão	1712
Sueco	1728
Dinamarquês na Noruega	1779
Dinamarquês	Não achamos nada mais antigo que 1779 (Dinamarquês na Noruega)
Holandês	1832
<i>Nynorsk</i>	1889
<i>Bokmål</i>	1908

Por conta da datação, fica bem evidente que o inglês foi a primeira língua a utilizar este item lexical por meio de uma tradução do latim científico.

1) No que tange às línguas de influência em determinados temas, nenhuma conclusão podemos tomar porque o elemento lexical tem uma acepção científica astronômica e qualquer país que tenha astrônomos significativos poderia ter derivado o elemento lexical *gravitas* para criar um novo termo que explicasse o fenômeno descoberto ou que necessita de explicação. Além do mais, também é muito provável que o elemento lexical em estudo tenha sido

primeiramente registrado em latim científico, já que esta era a principal língua científica entre os séc. XVI e XIX

2) A relação entre escrita e pronúncia não nos proporciona nenhuma pista para a investigação do étimo, uma vez que cada língua pronuncia o radical *gravit-* da sua maneira.

3) O radical do elemento lexical é *gravit-* e remete ao latim; portanto, não seria um radical exclusivo de nenhuma língua descendente.

4) Neste elemento lexical o cruzamento panromânico de Freitas (2013) se confirma, uma vez que foi o inglês que o emprestou do latim científico e o divulgou para as outras línguas, mesmo que o francês tenha também contribuído em anos posteriores.

5) A questão semântica é pouco relevante para descobrir o caminho desse item lexical até o português e até o norueguês uma vez que ele manteve sua acepção original.

No presente caso, apenas o *terminus a quo* é relevante para a etimologia de *gravitação*.

3.5.3 Fichas

3.5.3.1 Para o português

Gravitação s.f.

25% (◀ it. *gravitazione* 1710 ◀ [fr. *gravitation* 1702] ◀ [ing. *gravitation* 1645] ◀ lat cient. *gravitatio*, 1643)

25% (◀ fr. *gravitation* 1702 ◀ [ing. *gravitation* 1645] ◀ lat cient. *gravitatio*, 1643)

25% (◀ ing. *gravitation* 1645 ◀ lat cient. *gravitatio*, 1643)

25% (◀ lat cient. *gravitatio*, 1643)

Comentário: como a primeira abonação não é nenhuma tradução e o elemento lexical era difundido em todas essas quatro línguas até 1726, esses

quatro caminhos são possíveis. Por conta de uma data mais antiga e pelo alemão sempre ter sido uma língua científica, também é possível que seja um étimo de empréstimo dessa língua e, assim, cada uma das hipóteses teria, nesse caso, 20%.

1726. *Portugal médico ou Monarquia médico-lusitana* de Brás Luis e Abreu

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 100% dinamarquês

Local: Houaiss

Discussão a respeito das informações do Houaiss:

O Houaiss indica a obra e a data da primeira abonação (1726, *Portugal médico ou Monarquia médico-lusitana*) e afirma que o elemento lexical vem do inglês *gravitation* (cerca de 1645), que por sua vez vem do latim científico *gravitatio*. É um termo, segundo o dicionário, popularizado em francês pelas traduções das obras de Sir Isaac Newton. As considerações de Houaiss estão parcialmente corretas, mas a o elemento lexical, como vimos, não necessariamente vem do inglês. O termo pode sim ter sido popularizado por conta das traduções, mas não é algo que devemos tomar como único, pois há muitos artigos do final do séc. XVII na famosa revista científica *Philosophical Transactions of the Royal Society of London* em que aparece esse termo. Portanto, os principais divulgadores foram o inglês e o francês. Porém, a respeito do português, não temos nenhuma prova de que o termo veio diretamente dessas duas línguas, como também não temos nenhuma prova de que veio diretamente do italiano, latim científico ou alemão.

3.5.3.2 Para o norueguês

Gravitasjon (s.m.)

Bokmål:

25% (◄ din. na Noruega. *gravitation* 1779 ◄ din. *gravitation* ??? ◄ sue. *Gravitation*, 1728 ◄ [ale. *gravitation* 1702] ◄ [ing. *gravitation* 1645] ◄ lat cient. *gravitatio*, 1643)

25% (◄ din. na Noruega. *gravitation* 1779 ◄ din. *gravitation* ??? ◄ ale. *gravitation* 1702 ◄ [ing. *gravitation* 1645] ◄ lat cient. *gravitatio*, 1643)

25% (◄ din. na Noruega. *gravitation* 1779 ◄ din. *gravitation* ??? ◄ ing. *gravitation* 1645 ◄ lat cient. *gravitatio*, 1643)

25% (◄ din. na Noruega. *gravitation* 1779 ◄ din. *gravitation* ??? ◄ lat cient. *gravitatio*, 1643)

Comentário: o elemento lexical já estava sendo utilizado por muito tempo no dinamarquês e, por isso, consideramos que o étimo de empréstimo no *bokmål* é do dinamarquês. Mesmo que não tenhamos encontrado uma forma mais antiga no dinamarquês da Dinamarca, temos a hipótese de que ela exista. De todos esses empréstimos, o alemão é o único que tem o *terminus a quo* em uma tradução do inglês, portanto é o único que podemos garantir que tem étimo de empréstimo inglês.

1908. *Lærebok i fysik for realgymnasiet og tekniske skoler. 1*

Trecho: *men gravitationen vil ogsaa være konstant naar avstanden er konstant*¹⁶²

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 100% dinamarquês

Local: Nasjonalbiblioteket

Comentário: Esta obra por estar na data de 1908 nos livra da necessidade de análise para definir se a entendemos como escrita em norueguês.

¹⁶² Mas a gravitação também será constante quando a distância for constante. (trad. nossa)

Discussão a respeito das informações dos dicionários de *bokmål*:

O dicionário NbUiB afirma que o elemento lexical é uma nova formação latina a partir de *gravis* “pesado”. O NTG e o ROB afirmam que é uma nova formação latina a partir de *gravitere*. Os dois últimos estão corretos, pois ocorreu de fato uma derivação desse verbo latino, mas todos não estão de acordo com o que entendemos por etimologia. Nenhum dos dicionários inseriram a primeira abonação.

Nynorsk:

25% (◀ din. na Noruega. *gravitation* 1779 ▶ din. *gravitation* ??? ▶ sue. *Gravitation*, 1728 ▶ [ale. *gravitation* 1702] ▶ [ing. *gravitation* 1645] ▶ lat cient. *gravitatio*, 1643)

25% (◀ din. na Noruega. *gravitation* 1779 ▶ din. *gravitation* ??? ▶ ale. *gravitation* 1702 ▶ [ing. *gravitation* 1645] ▶ lat cient. *gravitatio*, 1643)

25% (◀ din. na Noruega. *gravitation* 1779 ▶ din. *gravitation* ??? ▶ ing. *gravitation* 1645 ▶ lat cient. *gravitatio*, 1643)

25% (◀ din. na Noruega. *gravitation* 1779 ▶ din. *gravitation* ??? ▶ lat cient. *gravitatio*, 1643)

Comentário: este elemento lexical entrou no *landsmaal* (*nynorsk*) antes de entrar no *riksmål* (*bokmål*), portanto concluímos que o étimo dela é dinamarquês.

1889. *Fri Forhandling: ymse Stykkje (paa norsk og dansk) um Tru og Tanke* de Arne Garborg

Trecho: *Det er altso dette, som tilslutt vert den sanne Lov um Tyngdi: eit aalment gjensidigt Tildrag millom alle Ting, Himmeldraget, “Gravitationen”.*¹⁶³

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 100% dinamarquês

¹⁶³ É, portanto, isso que por fim se torna a verdadeira lei do peso: uma atração comum entre todas as coisas, a atração do céu, “a gravitação” (trad. nossa)

Local: Nasjonalbiblioteket

Discussão a respeito das informações do dicionário de *nynorsk*:

O dicionário NyUiB também afirma erroneamente que *gravitatio* é uma formação a partir de *gravis*. Da mesma maneira que os outros, ele também não cita nenhuma abonação.

Origem do significante:

O elemento lexical latino *gravitatio* é um substantivo deverbal formado a partir do particípio *gravitatus* do verbo *gravitare*, que é uma derivação a partir do substantivo *gravitas* “peso”. Este último se formou a partir do adjetivo *gravis* “pesado” e o sufixo *-tas*, que cria substantivos que indicam estado.

O sufixo *-tas/-tatis*, de acordo com Pike (2011), é universalmente entendido como uma herança do IE **-tāt-*. Há, por exemplo, no grego antigo *-της, -τητος*, no védico *-tāt-* (junto com uma variante de tema em i, *-tāti-*) e no avéstico *-tāt-* (p. 1-2). Segundo o autor, a literatura recente sobre esse sufixo tem pouco a dizer e apenas repete a longa e não apoiada ideia de que o sufixo continua o **-teh₂-t*, que reflete uma raiz *-t* secundária construída em um abstrato **teh₂-* (MIGNOT, 1972, P. 13; RIEKEN, 1999, p. 93-94; RINGE, 2006, p. 61-62 e FORTSON, 2010, p. 125); ele também apresenta outras teorias (p. 5).

O elemento lexical *gravis*, por sua vez, tem a forma **g^wra(w)-u* no proto-itálico com a cognata no osco *bravús* que pode, de acordo com de Vaan (2008), significar pesado (< **g^wreh₂-u-o-*). A forma no IE seria **g^wreh₂-u-* “pesado”, com as cognatas no scr. *gurú-* “pesado”; gr. ant. *βαρύς* “pesado”; *grūts* “pesado, difícil, grávida” (< **g^wrh₂-u-to-*); Go. f.pl. *karujos* “pesado, opressivo”; toc.B. *krāmār* “pesado” e toc.A. *krāmārts* “pesado” (p. 272).

3.6 Infecção/Infeksjon

3.6.1 Apresentação dos dados

3.6.1.1 Mundo germânico

Norueguês

Significados em dicionários atuais (a partir de 1901 em *nynorsk* e 1907 em *bokmål*)

Dic.	Significado	Etimologia	Datação
NbUiB	Matérias infecciosas (de microorganismos) penetram em um organismo e causam doenças.	Do lat. <i>infisere</i>	X
NyUiB	Matérias infecciosas (de microorganismos) penetram em um organismo e causam doenças.	Do lat. tardio <i>infisere</i>	X
TG	1. Matérias infecciosas (de microorganismos) penetram em um organismo e causam doenças: <i>se contagiar por infecção</i> 2. doença de infecção: ter uma infecção. Sinônimo: <i>betennelse</i>	do lat. <i>infisere</i>	X
ROB	1. Pegar infecção (que consiste de bactérias ou organismos parecidos) 2. Doença, condição	ty. <i>infektion</i> , fr. <i>infection</i> fra lat. <i>infectio</i>	X

	doentia, inflamação gerada dessa maneira		
--	---	--	--

Não distinguiremos essas duas acepções.

Livros em dinamarquês publicados na Noruega

A primeira atestação do elemento lexical está no jornal *Morgenbladet*, edição do dia 09 de abril de 1824:

franske Dr. Audouard, der viste Menneskeheden
saa store Tjenester i Barcelloga, medens den gule
Feber rasede der saa frygteligt, har i Videnskabs
Academiets Samling den 5te April forelæst en
Afhandling om sine Jagttagelser over denne Syg-
dom og dens Oprindelse, og fundet denne Sidste
i en speciel **Infection**, som de Skibe, der bruges
til Slavehandelen, fører med sig.

“[...] enquanto a febre amarela se disseminava lá terrivelmente, um estudo foi lido no encontro da Academia de Ciências no dia 5 de abril a respeito dos aspectos dessa doença e sua origem. E a origem foi encontrada em uma infecção especial, que é carregada pelos navios do tráfico negreiro” (trad. nossa)

Em um livro de atos que fazem referência à epidemia de cólera na Noruega em 1853, temos trechos como:

Med Antagelsen af en saadan Luftsmitte (Infection) [...] (p. 158)

“Admitindo de que um tal contágio pelo ar (infecção)” [...] (trad. nossa)

Jeg maa derfor ogsaa i Forbindelse med Conradis Bemærkning anføre, at Roche senere omhandler Infection fra Luften, som han anseer for det eneste Medium, hvorigjennem Contagiet kan virke [...] (p. 66)

“Por conta disso, eu devo, de acordo com a observação de Conrad mencionar que Roche posteriormente trata da infecção do ar, que ele considera como o único meio pelo qual o contágio pode ser realizado [...]” (trad. nossa)

Na notícia do jornal Fredriksstad Tilskuer de 16 de abril de 1878 registra-se a notícia de uma infecção relacionada à água contaminada:

Det Udbrud af Nervefeber, der nylig har fundet Sted i Drammen, er antageligt en ved Drikkevandets Infektion fremkaldt Epidemi.

“O acesso de febre tifoide, que recentemente ocorreu em Drammen, é provavelmente uma epidemia provocada por uma infecção de água potável” (trad. nossa)

Obras lexicográficas

No dicionário de palavras estrangeiras de M. C. Hansen (1851) o verbete *infection* tem o significado de *Smitte* e *smitsom Syge* “contágio” e “doença contagiosa”.

Vejamos na tabela as entradas em dicionários de inglês-dano-norueguês-inglês:

Inglês	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
Contagion, infection (of disease)	sygdomssmitte	Larsen	Geral	1880
Infection	Smitte, Smitstof, smitsom Sygdom	Geelmuyden	Geral	1855, 1872
Dano-norueguês	Inglês			
Infektionssygdom	Infectious	Larsen	Geral	1880

	disease			
--	---------	--	--	--

Nos dicionários de dano-norueguês-francês:

Dano-norueguês	Francês			
Befængelse, Inficering, Kropssmitte	Infection	Sundby	Geral	1883
Infektions-sygdom	Maladise, contagieuse			

No dicionário de alemão-dano-norueguês de Kaper (1885)

Alemão	Dano-norueguês			
Infektion	Smitte	Kaper	Geral	1885

Nota-se que o item lexical latino concorria com correspondentes germânicas e que também surgiu uma forma mesclada, com radical latino e sufixo germânico (i.e. *inficering*). Aparentemente a língua dano-norueguesa tinha muitos sinônimos para representar a acepção de “infecção”.

Outras cognatas germânicas

Dinamarquês (publicado na Dinamarca)

Nos dicionários de 1510 até 1626 não encontramos o registro da cognata *infektion*. No dicionário de Smith (1520) afirma-se que *siuge*, *modgang* e *forderuilsæ* correspondem aos elementos lexicais latinos *infectio*, *corruptio*,

interemptio, pestis, pernicies, etc. (Smith, 1520). No dicionário das obras do escritor Ludvig Holberg (1684-1754) também não a encontramos.

O dicionário de palavras estrangeiras de Meyer (1837) mostra a seguinte definição para *infection* (*infektion* ou *inficering*): é um *smitte* (sinônimo, contágio) (na aquisição de substâncias nocivas e parcialmente desconhecidas no corpo); doença contagiosa; elas podem ser agudas (como o tifo, etc.) e crônicas como, por exemplo, a sífilis.

O *terminus a quo* foi encontrada no *Google Books* na obra de Callisen (1809):

[...] *men dette troer Commisionen at maate allene tilskrives en føregaaende Infektion førend Vaccinationen har gjort sin Virkning.* (p. 63)

“[...] mas isso a comissão acha que se atribui apenas a uma infecção antes da vacinação ter dado efeito” (trad. nossa)

No sueco

A cognata correspondente, de acordo com o dicionário SAOB, aparece pela primeira vez no sueco em 1656 no jornal *Nyia aviser*:

Gvdh beware vår armee för thenne (dvs. pesten) och annor infection.

“Deus proteja nosso exército disso (quer dizer, a peste) e outra infecção” (trad. nossa)

No inglês:

De acordo com Oxford (CD-ROM, 2010), a cognata correspondente *infection* já havia no inglês médio tardio e tem origem no latim tardio *infectio(n)-*, do latim *inficere* “dip in, taint”, derivado de *in-* “into” + *facere* “put, do”.

O dicionário de MURRAY & BRADLEY (1901) afirma que ela tem *terminus a quo* em 1398 numa tradução para o inglês realizado por John Trevisa da obra em latim de Bartholomeus Anglicus (1203 – 1272) chamada *De Proprietatibus rerum* “sobre as propriedades das coisas”.

Não tivemos acesso ao manuscrito da obra traduzida por Trevisa, mas por meio do Middle English Dictionary conseguimos obter as transcrições.

Realizaremos aqui uma comparação do elemento lexical nas obras latinas e na inglesa:

Trecho 1 (*Of infection of the eie through indurate blood*)

Tradução inglesa de 1398:

The ygen haueþ anopir passioun þat vnhiȝtip ham & is infeccioun of blood.

“Os olhos têm outra enfermidade que o deixa feio e, por isso, é uma infecção do sangue” (trad. nossa)

Tradução inglesa 1582 (Livro 7, capítulo 17, obtida no Early English Books):

The eien haue another passion that defileth them, and that is infection of blood.

Versão latina do séc. XIII ou XIV¹⁶⁴, da Universidade de Victoria

Não encontramos o trecho. Essa é a versão mais antiga que tivemos acesso e parece estar incompleta ao comparar com a versão latina abaixo.

Cópia latina de 1471 (Köln¹⁶⁵, Livro 7, cap. 17, p. 118 do documento online):

No manuscrito da versão latina de 1488, de Heinrich Knoblochzer¹⁶⁶, tal trecho ocorre no capítulo 16.

¹⁶⁴ Disponível em: <http://spcoll.library.uvic.ca/Digit/bart/introduction.htm>

¹⁶⁵ impressão de Jan Veldener, Johann Schilling. Disponível em: <http://digital.ub.uni-duesseldorf.de/ink/content/zoom/4091798>

¹⁶⁶ Disponível em: <http://digital.ub.uni-duesseldorf.de/urn/urn:nbn:de:hbz:061:1-112875>

Versão francesa, cerca de 1487¹⁶⁷ de Jean Syber (Livro 7, cap. 16, slide 150):

Une aultre maladie et laidure vient a loeil du sang corrompu qui se essëble [...]

Versão espanhola de 1494¹⁶⁸ de Fray Vicente de Burgos (Livro 7, cap. 16):

[...] no menos al ojo outra fuziedad y enfermedad de sangre corrõmpida q se ayuta [...]

Neste trecho percebe-se que o espanhol e o francês utilizam o elemento lexical *corromper* para indicar o sentido de “infecção”.

Trecho 2 (Of the soule reasonable)

Versão inglesa de 1398:

Wyn & opir licour takeþ infeccioun of a vessel þat is afoystid.

Versão inglesa de 1582 (Livro 3, capítulo 13):

As wine and other licour taketh infection of a vessel that is sustie

Versão latina do séc. XIII ou XIV¹⁶⁹, da Universidade de Victoria

Não encontramos o trecho.

Cópia latina de 1471 (Köln, Livro 3, cap. 13, p. 13 do documento online):

[...] vinũ alius quicũqz liquor ex vase corrupto cõtrahit infectione

¹⁶⁷ Disponível em: <http://bibliotheque-numerique.bibliotheque-agglo-stomer.fr/collection/659-le-propretaire-des-choses/>. Há traduções desde 1372, realizada por Jean Corbechon, mas não tivemos acesso a esses manuscritos.

¹⁶⁸ Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=o5uY3F0BDOUC&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PT146

¹⁶⁹ Disponível em: <http://spcoll.library.uvic.ca/Digit/bart/introduction.htm>

Versão francesa, cerca de 1487 de Jean Syber (Livro 3, cap. 13, slide 45):

[...] ainsi que le vin qui est bon de soy mais quant il est mis en vng maul, uais vaisseau il en trait vne mauuaise faucur [...]

Versão espanhola de 1494 de Fray Vicente de Burgos (Livro 5, cap. 13):

[...] como veemos enel vino et cada vn licor que avn que puro y bueno sea seuio es muchas vezes por la ynfeçion del vaso podrido ynfecto gastado et por esto quando [...]

Neste trecho há uma correspondência entre as versões inglesas e a latina e uma correspondência entre a francesa e a espanhola, embora as quatro apresentem uma certa relação.

Trecho 3 (Of the skinne)

Tradução inglesa de 1398

Não apresentamos o trecho porque não tivemos acesso à obra completa.

Tradução inglesa 1582 (Livro 5, capítulo 64):

Sometime of infection of humours, as it fareth in leprous, and in the that haue the Morpheu.

Versão latina do séc. XIII ou XIV (na parte XXVI do livro):

Cópia latina de 1471 (Köln, Livro 5, cap. 64, p. 91 do documento online):

Versão francesa, cerca de 1487 de Jean Syber (Livro 5, cap. 64, slide 120):

[...] qui vient par dedens sicõe par degastement de lumeur substancialle qui fait froncer et rider la pel/elle la corrompt et la fait [...]

Versão espanhola de 1494 de Fray Vicente de Burgos (Livro 5, cap. 64):

[...] por causa intrinseca como por guasto de humor sustãcial ~q la haze affugar y encoger et corrompe et haze [...]

Neste trecho também há uma grande correspondência entre o inglês e o latim, que se diverge um pouco das versões espanhola e francesa, que não utilizam *infecção*.

Trecho 4 (Of fleame)

Tradução inglesa de 1398

Não apresentamos o trecho porque não tivemos acesso à obra completa.

Tradução inglesa 1582 (Livro 4, capítulo 9):

Ther be ome anne, of vnkindly, fleames. Same is sower, colde and dry, through minglyng of melancholy, some is salte, hot and dry, through infection of red Cholera.

Versão latina do séc. XIII ou XIV (na parte XXVI do livro):

Não encontramos o trecho no manuscrito.

Cópia latina de 1471 (Köln, Livro 4, cap. 9, p. 44 do documento online):

Versão francesa, cerca de 1487 de Jean Syber (Livro 4, cap. 9, slide 67):

Ilz sont quatre especes de fleume nō naturel, car il est aigre et froid et sec pource quil est mesle avec melancolie. Il est salle et chault et sec pource que il est mesle avec la colle rouge q le corrompt.

Versão espanhola de 1494 de Fray Vicente de Burgos (Livro 4, cap. 9)

Es denotar que iij son los espeçie d fiema no natural / es a saber agria et fria et seca por la mixtiō hecha com colera / et et salada cali~ete et seca por la ynfeçion de la colera ruuia [...]

Neste trecho há também relação entre o inglês eo latim, ao passo que o francês e o espanhol são mais próximos, mas apenas o espanhol utiliza a cognata.

Trecho 5 (Of touching)

Tradução inglesa de 1398

Pe tast demep bittir swete for infexioun of pe roof of pe moup.

Tradução inglesa 1582 (Livro 3, capítulo 21):

And the tast yt supposeth bitter to be swēete, through infection of the roofe of the mouth (...)

Versão latina do séc. XIII ou XIV (na parte XXVI do livro):

Não encontramos o trecho no manuscrito

Cópia latina de 1471 (Köln, Livro 3, cap. 21, p. 30 do documento online):

Versão francesa, cerca de 1487 de Jean Syber (Livro 3, cap. 21, slide 53):

Não apresenta nenhuma cognata relacionada ao termo estudado, apesar de haver grande relação com as outras partes do capítulo.

Versão espanhola de 1494 de Fray Vicente de Burgos (Livro 4, cap. 21)

[...] ao menos haze el gusto por la ynfeçião del paladar algũa vez juzgãdo le dulce o amargo [...]

Aqui também há uma relação entre o inglês e o latim, ao passo que o francês apresenta uma certa disparidade. O espanhol, por sua vez, está mais próximo e utiliza a cognata.

Concluimos que esse elemento lexical é um empréstimo do latim científico para o inglês; e, também, que o francês e o espanhol traduziram de uma fonte diferente. É interessante perceber também a preferência em utilizar palavras flexionadas de *corromper* para expressar o sentido estudado aqui, mesmo que já houvesse, como veremos em seguir, o registro de uma cognata francesa em uma obra de 1314 (tradução da obra latina de Mondeville). O uso das flexões mostra que *corromper* seria um sinônimo de *infecção*.

O dicionário etimológico de Onions está de acordo com as atestações anteriores, ou seja, o elemento lexical é de XIV (John Trevisa) e tem étimo no antigo francês ou no latim tardio.

No alemão

Apenas o das *Herkunftswörterbuch* (DUDEN) anota uma datação aproximada (séc. XVI). Encontramos o *terminus a quo* da cognata no Google Books na obra de Hundt (1529):

Dieweyl die andere vrsach der pestilentz / aufz voranderûg der lufft in ihrer selbstendigkeyt und qualitetê durch die vormischung der faulen dunst / und bredem des erdtreych vnd wasser also in der lufft eine infection machen / welche den menschlichen coerper die aller ferligeste ist. [...] (p. 3-4)

“Enquanto as outras causas da pestilência por conta da modificação do ar em sua pureza e qualidade devido ao ar impuro e o vapor do solo e água produzem uma infecção no ar que é perigosa aos corpos humanos [...] (trad. nossa)

Não encontramos nenhuma obra mais antiga no *Deutschen Textarchiv* (DTA).

No holandês

No *Etymologiebank* encontra-se os dados de M. Philippa e.a. (2003-2009), que cita a obra de *van den Werve* (1553) como o primeiro registro de *infectie*, que significa *besmetting (met ziekten)* “contaminação (com doenças)” (trad. nossa). Na entrada também afirma-se que é um empréstimo do francês *infection* (1314 em Rey), que é uma denominação médica relacionada à “manchado (com pensamentos nefastos)”, uma expansão de significado do latim cristão a partir do latim tardio *infectio* “tingimento, mancha, mácula, contaminação, que é uma derivação do latim clássico *inficere* “pintar, tingir, manchar, contaminar”.

O próprio banco de dados realiza uma retrodatação ao citar que no *etymologiewiki*¹⁷⁰ desde 2011 já havia sido descoberto que o *terminus a quo* da cognata está em 1485 na mesma obra de Bartholomeus Anglicus citada anteriormente, ou seja, a *De Proprietatibus rerum*, que foi traduzida para o holandês em 1485 com o título *Van den proprieteiten der dinghen* (livro 5)¹⁷¹:

[...] *onderwijlen van infectien der humoren als lazerie* (p. 102v)

[...] *qñz ex humoris infectione vt in morpheam et in leprā patientibus* (edição de Colônia: Veldener & Schilling, 1471, Livro 5, cap. 64, p. 91 do documento online)

(...) às vezes a partir da infecção dos humores como nos leprosos [...] (trad. nossa)

O WNT coloca como *terminus a quo* uma data muito mais nova, 1664.

Huizenga (2008) afirma que a obra em latim *Chirurgia Magna* do italiano Lanfranco de Milão teve três independentes traduções para o holandês médio. A primeira tradução data do séc. XIV e foi realizada em Flandres, a segunda é da metade do séc. XV em Guelders e a terceira, um pouco após a metade do séc. XV (na parte noroeste da Holanda) (p. 428).

3.6.1.2 Mundo românico

Português:

Os dicionários de língua portuguesa afirmam que a etimologia deste elemento lexical é a seguinte:

Dicionário	Étimo	Datação
Houaiss (online)	Lat. <i>infectio, onis</i> “ação de tingir, tintura”, p ext., “mácula, desonra, estupro”. José Pedro	1566

¹⁷⁰ <http://www.etymologiewebsite.nl/>

¹⁷¹ Disponível em: <http://wemal.let.uu.nl/digitaleedities.html>

	Machado supõe intermediação do fr. <i>infection</i> (sXIII) “mancha, mácula (de pecado)”, (1314) “invasão (de uma parte do corpo) por germes infecciosos”, (1484) “moléstia infecciosa”, f.hist. 1566 <i>infeçam</i>	
--	---	--

Não encontramos nenhuma atestação mais antiga tanto no Google Books e no *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval* não há o registro dessa cognata porque provavelmente não existia. De acordo com o dicionário etimológico de Cunha, ela foi primeiramente registrada no século XVI como *infeição*; portanto, está de acordo com Houaiss.

Ao consultar o *Corpus Lexicográfico*, constatamos que no dicionário de Jerónimo de Cardoso não há nenhuma entrada para *infecção*; mas há a forma latina *infectio*, que é traduzida por *tingidura* (edição de 1562), *siue infect9, us. Ho tingir e tingidura por infectio* (1570, 1694). Com relação à *infectus*, há dois sentidos: *cousa corrompida ou por fazer* e *cousa tingida* (1570, 1694).

No dicionário de Barbosa (1611) e de Pereira (1697) também não há nenhuma entrada para *infecção*, apenas *tingidura*, que significa *infectus*. No segundo há *inficionar* com o sentido latino de *inficio*, *corrompo*.

O dicionário de Bluteau (1713) cita:

INFECC,AM. Qualidade de cousa infecta. Vid inficionado. Contagio, onis. [...] Alterado da Infecção, maligna [...]

Ainda no dicionário de Bluteau há na entrada *contaminar* registro da forma *infeçaõ* e na entrada *impureza*, *infecçaõ*.

Na obra de Feijó (1734) *infecção* é explicado como *qualidade de cousa inficionada*.

No corpus do português encontram os o *terminus a quo* com sentido de “algo corrompido”:

[...] o filho de Deus perfeito satisfazedor pollo pecado nem perfeito estruidor do pecado se nom fosse destruidor e purgador da corucom e do tingimento e infeicom que se segue do pecado (Corte Imperial, séc. XV)

Com relação à acepção de contaminação com germes infecciosos, e como não encontramos nenhuma data mais antiga, consideramos o *terminus a quo* citado por Houaiss: *Crónica do felicissimo rei D Manuel composta por Damião de Góis (1566)*:

[...] Portugueses, que seriam atte quarenta, por~q hos mais erã já mortos de doença, por há terra ser de mãos ares, & doentia, da q~l infeicam Pero danhaia faleçeo dahi a poucos dias [...] (livro II, fol. 16)

No dicionário do Houaiss não há essa citação, apenas a localização da obra.

Nos dicionários de etimologia da língua portuguesa encontramos as seguintes atestações:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Cunha (1999)	Infecção	<i>Infeição</i> . Do lat. tardio <i>infectio -onis</i>	XVI
VHCPM (2007)	X	X	X

Espanhol:

Nos Corominas encontramos a seguinte entrada:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
COROMINAS (1984)	infección	<i>Infición</i> , Garcilaso; lat. <i>infectio</i> ; de aqui el derivado <i>inficionar</i> que se usó antes em lugar de <i>infectar</i>	1530

O dicionário de Nebrija traduz o elemento lexical *infectio* como *teñidura* ou *tintura* (*Dictionarium hispano-latinum*, 1495) e *por la tintura* (*Dictionarium latino-hispanicum*, 1492).

Ao pesquisar no corpus do DiCCA-XV, encontramos em 1440 (manuscrito original de 1417) a obra chamada *Tratado de la Lepra* de Enrique de Villena em que se registra:

Lepra perseuerans erit. E tal como esta ya auia fuerça de transpassar su ynfecçion em outra cosa. por esto mando que fuese quemada la ropa e lo que çerca.

Nesse caso, entretanto, ainda não há o sentido de infecção causada por bactérias, mas sim de uma condição em que acreditava-se que as mulheres menstruadas sofriam e que originava o mau-olhado.

Na edição impressa da tradução espanhola da obra de Bartholomeus Anglicus (*de proprietatibus rerum*), por Vicente de Burgos (1494) há o termo, como demonstrado acima na parte do inglês. A obra original, de acordo com Surget (1980) é do séc. XIV. (p. 8).

Italiano:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
ZINGARELLI	infezióne	Palavra culta, lat tardio <i>infectare</i>	1363
Deli	infezi óne	Palavra culta, lat. tardio <i>infectione(m)</i> , de <i>infectus</i> “infectado”, intensivo de <i>inficere</i> , lit. meter (fazer) dentro (in-), misturar porque originalmente refere-se ao processo de pintura, por em um banho de tinta, “tingir, impregnar” e então “infectar, corromper”. Do particípio passado <i>infectu(m)</i> surgiu <i>infetto</i> e do tardio <i>infectione(m)</i> (“tingir, tintura”, sec. IV/V d.C., Teodoro Prisciano, médico), surgiu <i>infezione</i> .	1363 (Matteo Villani), contaminazione, contagio, anche fig.

No *Corpus OVI dell'Italiano antico* encontramos um registro mais antigo (1321-1330, *Vite di eremiti dalle "Vite dei santi Padri"* de Domenico Cavalca), mas não tem a acepção medicinal:

Credo veramente che ti venga puzza e orrore di tanti mali, e non solamente gli tuoi orecchi, ma eziando l'aria riceva infezione di questo parlare.

“Acredito piamente que a ti venha o fedor e o horror de tantos males e não apenas por tuas orelhas, mas até mesmo o ar recebe a infecção dessa conversa” (trad. nossa)

Este trecho, no entanto, tem a acepção de corrompimento e não medicinal. O *Corpus OVI* também apresenta como primeira obra a registrar essa acepção a *Cronica* de Matteo Villani (por volta de 1348 e 1363), de acordo com o OVI:

[...] perché pareo che questa impestifera infezione s'appicasse per la veduta e per lo toccamento [...]

“[...] uma vez que parecia que esta infecção pestífera se transmitia pela visão e pelo toque [...]” (trad. nossa)

Francês:

Nos dicionários de francês (incluindo os etimológicos)

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Le Petit Robert (2014)	infection	bas latin <i>infectio</i>	XIII (pensamento impuro); 1314 (corrupção, putrefação)
TLF	infection		Fim sec. XIII (impureza, pecado); 1314 (invasão de um órgão por germes infecciosos) Henry

			de Mondeville, <i>Chirurgie</i> , éd. A. Bos. par.2058, 2107.
GODEFROY- Complement (1891- 1902)	Infection		H. de Mondeville, <i>Chirurgie</i> , f. 95 v6
FEW (2003)	Infection		Pensamento, sentimento impuro (Job); decadência das células por germes infecciosos (H. de Mondeville)

Percebemos uma concordância em todas essas obras. O elemento lexical inicialmente não tinha o sentido de “contaminação por bactérias”, mas a partir do início do séc. XIV ganhou tal sentido. O *terminus a quo* no francês seria a tradução da obra latina de H. de Mondeville chamada *Chirurgie*, contida em Bos (1896, Vol. II, p. 188):

Melancolie innaturel, non pas porrie, est double: l'une occupe, aussi comme universelment, tout le cors, et ceste est double: car l'une occupe tant seulement la char, et fait lepre; [l'autre occupe tant seulement le cuir, et ceste est double: la .I. occupe tout le cuir, et fait uterique noire]; l'autre occupe la seule partie du cuir, et fait morfea noire ou autres infections noires ou cuir, et aucune fois chancres et pustules et neus et leur semblables.

O trecho acima seria uma tradução do original latino de 1312. Este trecho da versão latina de Mondeville está no livro de Hirsch & Gurlt (1892, p. 329):

Melancholia innaturalis non putrefacta est duplex: alia occupat quase universaliter totum corpus et haec est duplex: una occupat solam carnem et facit lepram, alia occupat solam cutem, et haec est duplex: prima ocupat totam et facit icteritiam nigram, alia occupat solam partem et facit morpheam nigram aut ceteras nigras cutis infectiones et aliquando cancro et pustulas et nodos et similis.

De acordo com Clarke (1931), a obra foi traduzida para o francês por volta de 1314. Pilcher (1895) afirma que ele foi o cirurgião de Felipe, o Belo e de seu sucessor, Luís X e que sua obra é o primeiro tratado medieval sobre cirurgia, mas foi substituído pela obra mais famosa *Chirurgia magna* de Guy de Chaliac.

Latim:

Nos dicionários de Lewis (2002) e de Glare (1968), apenas o primeiro apresenta a cognata *infectio*, que tem a acepção de “tintura” no latim tardio (i.e. *infectio capillorum*, Theodorus Priscianus, séc. IV); além dessa acepção, também havia uma acepção de “não realização de alguma coisa coisa”, porém, cada uma tinha uma origem diferente, como está demonstrado abaixo na origem do significante.

3.6.2 Determinação do étimo

Terminus a quo (mais antigo ao mais novo)

Mundo Romano	
Francês	1314 (da obra em latim de Mondeville)
Italiano	1348-1363 (houve uma tradução da obra de Lanfranc em 1309)
Espanhol	1440 (houve uma tradução por Vicente de Burgos da obra de Bartholomaeus (sec. XIV), edição impressa em 1494)
Português	1566
Mundo Germânico	
Inglês	1380 (da obra em latim de Lanfranc)

Alemão	1529
Holandês	1485 (da obra de Bartholomeus Anglicus) (havia traduções do Lanfranc no séc. XIV, que não encontramos)
Sueco	1656
Dinamarquês	1809
Dinamarquês na Noruega	1824
<i>Bokmål</i>	1892
<i>Nynorsk</i>	1918

Não faremos distinções de significados extremamente precisos e técnicos dentro da própria acepção de “doença, contágio”; apenas a diferenciamos da antiga acepção latina de “tingidura” e de uma pré-acepção “doença na alma”. O inglês médio, por exemplo, é citado por reconhecer duas acepções que envolvem o sentido de “doença, contágio”, com subacepções: 1) a) *a morbid condition of a bodily part, a humor, etc.* (1398); (b) *an infectious disease; also, any kind of disease* (1425); (c) *something which causes disease or death, infection in the air, poison, any morbid agent* (1425) e 2) (a) *contaminated state or condition, filthiness; rustiness [1st quot.]* (1398); (b) *something which contaminates, filth* (1398); (c) *mental or spiritual contamination* (1443). Portanto, não tomaremos essa diretriz.

Percebe-se que há a tradução de três obras latinas que resultam no surgimento desse elemento lexical em traduções vernáculas: *De proprietatibus rerum* de Bartholomaeus Anglicus (1235), *Chirurgia Magna* (1296) de Lanfranc de Milan e *Chirurgia* (1312) de Henri de Mondeville.

De acordo com de Moulin (1988), Lanfranc foi a ponte entre os cirurgiões parisienses e italianos e suas atividades formam a base da cirurgia francesa (p. 46-47). McCallum (2008) também atesta que, com Henri de Mondeville, ele foi o fundador da escola de cirurgia francesa do séc. XIV.

Bartholomeus Anglicus, embora não tenha sido um cirurgião, foi precursor da enciclopédia e autor de um dos livros mais lidos do medievo (STEELE, 1893, p. 1). Concluímos que os três livros foram muito populares em um período muito próximo na Europa.

Houve muitas traduções de todas essas obras e não tivemos acesso a elas. No que diz respeito à obra de Lanfranc, além das citadas acima (i.e. inglês em 1380, italiana de 1309 e holandesas do séc. XIV), sabemos que houve traduções para o alemão no séc. XIV e XV por conta do artigo de Keil e Müller chamado *Deutsche Lanfrank-Übersetzungen des 14. und 15. Jahrhundert* (1971), mas também não tivemos acesso a ele. Com relação à obra de Mondeville, além da tradução francesa de 1314, há dezenove manuscritos que carregam o nome do autor como, por exemplo, em inglês no ano de 1392. A maioria desses manuscritos se encontram na *Bibliothèque Nationale*, embora haja alguns holandeses no *British Museum*, uma tradução para o provençal em Florença, etc. (CLARKE, 1931, p. 474-475).

No que tange a obra de Bartholomaeus Anglicus, Surget (1980) afirma que a primeira tradução para o vernáculo foi para o italiano (tradução de Vivaldo Belcazer, 1309), em seguida para o francês (tradução de Jean Corbechon, 1372), para o provençal (oferecida a Gaston III, 1391), e então a versão inglesa de Trevisa (1398). Houve também a versão espanhola de Vicente de Burgos, anônimas tanto em flamengo quanto em anglo-normando ao mesmo tempo em que os manuscritos latinos continuam sendo copiados e distribuídos por toda a Europa (p. 8-9)

Em 1470, funcionava pela primeira vez a máquina de impressão de Gutemberg. Entre os anos 1470-1480 o livro já havia sido impresso na Basiléia (1470 e 1475) e em Colônia (1472 e 1475). Em Lyon na data de 29 de julho de 1480 foi produzida a primeira edição do texto original de Bartholomaeus Anglicus. A primeira edição do *Le Propriétaire des choses*, traduzido por Corbechon, surgiu em 1482 (SURGET, 1980, p. 17). Também surgiu a versão de Guillaume Leroy (1486) (p. 45), de Jean Syber (1487) (p. 55). Houve também edições entre 1480 e 1500 como, por exemplo, em Nuremberg (1483, 1492), Strassbourg (1491). A

versão flamenga surgiu em 1479, a holandesa, em 1485 e a espanhola em 1494, em Toulouse.

É visível a dificuldade em fazer uma gênese de todas as versões dessas três grandes obras e, assim comparar o elemento lexical, uma vez que não temos acesso à maioria delas. Por conta disso, consideraremos o que temos em mão, uma vez que não é possível afirmar que esse elemento esteja registrado nas obras não acessadas.

1) Por ser inicialmente um elemento lexical de cunho técnico (tintura), que com o tempo passou a ser utilizado em outras áreas (no plano moral, alma corrompida) e, em seguida, no plano medicinal, nada podemos dizer sobre seu tema, pois foi um desenvolvimento que ocorreu dentro do próprio latim. Por outro lado, ao receber a acepção medicinal no latim e, em seguida, ser emprestada para as línguas vernáculas, conhecer quais regiões da Europa estudavam, por exemplo, a medicina poderia esclarecer a determinação de qual foi a primeira língua que utilizou esse elemento lexical e, possivelmente, passou para as outras línguas vernáculas. Como visto acima, a França e a Itália eram países que estudavam a cirurgia e a medicina. Mas, contra isso, podemos argumentar que *infecção* não necessariamente poderia surgir apenas em temas relacionados à cirurgia e à medicina, mas também, por exemplo, em anotações de viagens, em uma narrativa que alguma infecção dizimou parte da tripulação. Concluímos que aplicar um tema a esse elemento lexical é muito difícil e apenas gera especulações.

2) A relação entre escrita e pronúncia não nos proporciona nenhuma pista para a investigação do étimo, uma vez que cada língua pronuncia o radical *infec-* da sua maneira.

3) O radical é *infec-* e remete ao latim; portanto, não seria um radical exclusivo de nenhuma língua descendente.

4) Neste elemento lexical os cruzamentos panromânicos de Freitas não se aplicam, pois vimos que não foi uma língua que o espalhou para todas as outras, mas sim que houve duas frentes principais (i.e. francês, que traduziu Mondeville; inglês, que traduziu Lanfranc, sem contar as traduções diretas do latim para espanhol, holandês e italiano que não tivemos acesso). Portanto, o que

houve, na verdade, foi um elemento lexical latino científico que foi traduzido para as outras línguas em épocas diferentes, mas isso não significa que não tenha também ocorrido empréstimos dele entre as vernáculos.

5) A questão semântica poderia ajudar ainda mais se tivéssemos tido acesso a todos os manuscritos das três obras acima citadas. Talvez uma separação ainda mais radical da acepção do elemento lexical (i.e. infecção no corpo, infecção no ar, infecção em uma substância, no queijo, por exemplo) pudesse ajudar melhor na determinação do caminho até o português e o norueguês.

No presente caso, apenas o definidor (1) é relevante para a etimologia desse elemento.

3.6.3 Fichas

3.6.3.1 No português

Infecção s.f.

25% (◀ esp. *infección* 1440 ◀ [it. *infezione* 1348-1363] ◀ [fr. *infection* 1314] ◀ lat. cient. *infectio*)

25 % (◀ it. *infezione* 1348-1363 ◀ [fr. *infection* 1314] ◀ lat. cient. *infectio*)

25 % (◀ fr. *infection* 1314 ◀ lat. cient. *infectio*)

25 % (◀ lat. cient. *infectio*)

1566. *Crónica do felicissimo rei D Manuel composta por Damião de Góis*

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 25% francês, 25% espanhol, 25% italiano e 25% latim científico

Local: Houaiss

Discussão a respeito das informações do Houaiss:

O dicionário não deixa muito claro qual seria o étimo do elemento lexical, pois afirma que o latim tinha *infectio* na acepção de “ação de tingir, tintura” e, conseqüentemente, “mácula, desonra, estupro” e cita Joaquim Machado que supõe intermediação do fr. *infection* (sXIII) “mancha, mácula (de pecado)”, (1314) “invação (de uma parte do corpo) por germes infecciosos” e (1484) “moléstia infecciosa”.

3.6.3.2 No norueguês

Infeksjon, s.m.

Bokmål:

20% (◀ din. na Noruega. infektion 1824 ▶ din. infektion, 1809 ▶ sue. infection, 1545 ▶ [ale. Infection, 1529] ▶ [hol. Infectie, 1485] ▶ [ing. infection 1380] ▶ [fr. infection 1314] ▶ latim cient. infectio)

20% (◀ din. na Noruega. infektion 1824 ▶ din. infektion, 1809 ▶ ale. Infection, 1529 ▶ [hol. Infectie, 1485] ▶ [ing. infection 1380] ▶ [fr. infection 1314] ▶ latim cient. infectio)

20% (◀ din. na Noruega. infektion 1824 ▶ din. infektion, 1809 ▶ hol. infectie, 1485 ▶ [ing. infection 1380] ▶ [fr. infection 1314] ▶ latim cient. infectio)

20% (◀ din. na Noruega. infektion 1824 ▶ din. infektion, 1809 ▶ ing. infection 1380 ▶ [fr. infection 1314] ▶ latim cient. infectio)

20% (◀ din. na Noruega. infektion 1824 ▶ din. infektion, 1809 ▶ fr. infection 1314 ▶ latim cient. infectio)

Comentário: como esse elemento lexical já estava difundido nos jornais noruegueses escritos em dinamarqueses, concluímos que foi o dinamarquês que passou para o *bokmål*. A respeito dos caminhos para chegar até o dinamarquês as possibilidades são muitas e não deixa de ser algo totalmente especulativo, pois não encontramos traduções como *terminus a quo* para que pudéssemos afirmar com certeza.

1892. *Illustreret verdensgeografi: skildringer og livsbilleder: lande og folk. 1*

Trecho: *Men em stor fordel [...] frembringe hurtigere og sterkere gjæring*

*ved ostens infektion ved gjærbakterier vilde vise sig praktisk*¹⁷²

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: dinamarquês

Local: Nasjonalbiblioteket

Comentário: a obra apresenta várias características de que está escrita na língua norueguesa: encurtamento (*ut* “fora”, *trakt* “funil”), plural em -er (*trakter* “funis”), passado em -et (*glimret* “brilhou”), plural sem a terminação do gênero neutro na forma indeterminada (*sine statelige nybygde hus* “as casas estatais recém-construídas dele) e encurtamento de verbos e substantivos (*ha* “ter”, *dra* “andar”, *ta* “pegar”).

Discussão a respeito das informações dos dicionários de bokmål:

Os dicionários NbUiB e NTG afirmam que o elemento lexical vem do latim *infisere* e apenas o ROB sugere uma intermediação com o francês ou alemão. Eles também não indicam sua datação. Por meio de nossa pesquisa, determinamos o étimo e a datação.

Nynorsk:

20% (◀ nbok. *infektion* 1892 ▶ din. na Noruega. *infektion* 1824 ▶ din. *infektion*, 1809 ▶ sue. *infection*, 1545 ▶ [ale. *Infection*, 1529] ▶ [hol. *Infectie*, 1485] ▶ [ing. *infection* 1380] ▶ [fr. *infection* 1314] ▶ latim cient. *infectio*)

20% (◀ nbok. *infektion* 1892 ▶ din. na Noruega. *infektion* 1824 ▶ din. *infektion*, 1809 ▶ ale. *Infection*, 1529 ▶ [hol. *Infectie*, 1485] ▶ [ing. *infection* 1380] ▶ [fr. *infection* 1314] ▶ latim cient. *infectio*)

20% (◀ nbok. *infektion* 1892 ▶ din. na Noruega. *infektion* 1824 ▶ din. *infektion*, 1809 ▶ hol. *infectie*, 1485 ▶ [ing. *infection* 1380] ▶ [fr. *infection* 1314] ▶ latim cient. *infectio*)

20% (◀ nbok. *infektion* 1892 ▶ din. na Noruega. *infektion* 1824 ▶ din. *infektion*, 1809 ▶ ing. *infection* 1380 ▶ [fr. *infection* 1314] ▶ latim cient. *infectio*)

¹⁷² Mas uma grande vantagem [...] para produzir fermentação mais rápida e mais forte com a infecção do queijo pelas bactérias de fermentação se mostraria prática. (trad. nossa)

20% (◀ nbok. *infektion* 1892 ◀ din. na Noruega. *infektion* 1824 ◀ din. *infektion*, 1809 ◀ fr. *infection* 1314 ◀ latim cient. *infectio*)

Comentário: este elemento lexical já existia no *bokmål*, portanto temos a hipótese de que foi ele que emprestou para o *nynorsk* por meio do contato.

1918. *Den Nye rettskrivning: reglar og ordlistor. II: Landsmål* de Den Departementale rettskrivningskomite

Trecho: *infeksjon, ein*¹⁷³

Origem do significado da acepção: latina

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: 100% bokmål

Local: Nasjonalbiblioteket

Discussão a respeito das informações do dicionário de *nynorsk*:

O dicionário NyUiB também afirma que o elemento lexical vem do latim *infisere* e não sugere nenhuma datação.

Origem do significante:

De acordo com Ernout & Meillet 1932 [2001⁶], o adjetivo *factus* “feito” é antônimo de *infectus* “não feito”, cujo neutro *infectum* é utilizado na gramática (Varrão) para designar o tempo do presente (que marca a ação não concluída) por oposição ao tempo do perfeito, *perfectum*. *Infectus* é arcaico e clássico; porém, com exceção de alguns casos em textos jurídicos, não sobreviveu à língua imperial, que viu o desenvolvimento de *imperfectus*. A homonímia com *infectus*, do verbo *inficiō*, também foi uma desvantagem (p. 210).

No entanto, o *infectio* estudado aqui é o resultado desse último citado pelos autores. Este elemento lexical é o resultado da derivação a partir do participio *infectus*, do verbo *inficere*. De acordo com os autores, *inficio*, cujo significado original devia ser “colocar dentro”, se especializou, em um momento seguinte, na língua dos tintureiros e adquiriu o significado de “colocar em molho,

¹⁷³ Infecção, uma (trad. nossa)

em um banho, numa tinturaria” e, conseqüentemente, “tingir”, “colorir”, “impregnar” (p. 212). Por conta da associação entre o prefixo *in-* com o radical -*fact-* veio a ocorrer a apofonia com influência de sílaba fechada e, como em muitos outros casos, o *a* passa para *e*, ou seja, *infect-*. Percebe-se que no período *contagio* era um elemento lexical para algo que, *grosso modo*, seria a atual “infecção”.

3.7 Libração/Librasjon

3.7.1 Apresentação dos dados

3.7.1.1 Mundo germânico

Norueguês

Significados em dicionários atuais (a partir de 1901 em *nynorsk* e 1907 em *bokmål*):

Dic.	Significado	Etimologia	Datação
NbUiB	Não consta	Não consta	Não consta
NyUiB	Não consta	Não consta	Não consta
NTG	Não consta	Não consta	Não consta
ROB	Movimento oscilatório da lua, pelo qual algumas partes, que normalmente não são vistas, são observadas.	Lat. libratio “ato de pesar”	

Livros em dinamarquês publicados na Noruega

A primeira atestação desse elemento lexical está no jornal *Den Norske Rigstidende* do dia 13 de abril de 1821:

af Maanen, og tillige, hvorfor de ikke vise sig i hver Lunation, da de kun kunne vise sig, naar Maanens Stilling mod Jorden (Libration) er næiagtig den samme.

“da Lua, e também porque eles não aparecem em cada lunação (referência aos vulcões), uma vez que eles apenas podem aparecer quando a posição da lua contra a Terra (Libração) é exatamente a mesma” (Trad. nossa)

É sabido que a libração da lua foi descoberta pelo astrólogo polonês Johannes Hevelius, que a mapeou (BURNS, 2001, p. 138). Esse trabalho se encontra na obra *Selenographia, sive Lunae descriptio* (1674). No entanto, de acordo com a *Encyclopedia online Treccani*, a libração é um fenômeno que ocorre por conta da rotação e da translação da lua, o que faz com que a lua não se mostre para um observador da Terra sempre o mesmo hemisfério e, por efeito desse fenômeno, a parte da lua visível para a Terra é um pouco mais que a metade (cerca de 59/100) da superfície total. A enciclopédia também afirma que a libração foi descoberta por G. Galilei que o chamou de *titubazione* e, em seguida, descrito e estudado por G. B. Riccioli, J. Hevelius, F. M. Grimald e G. Cassini.

Kopal (1969) afirma que Galileo Galilei foi o primeiro que detectou o deslocamento periódico dos pontos lunares alternadamente em direção ao limite leste e ao limite oeste da superfície visível da lua. Afirma que na obra *Dialogo sopra i due massimi sistemi del modo* (1632) Galilei deu à afirmação de Salviati duas causas possíveis: quer dizer, a libração em latitude e a libração diurna – enquanto o grosso do fenômeno que ele observou ocorria graças à libração em longitude. O autor também afirma que a libração foi reconhecida como tal por Riccioli e Hevelius entre 1638 e 1641 e em 1654, em uma carta de Hevelius a Riccioli, o astrônomo expressou a opinião de que a verdadeira causa da libração observada em longitude é a não uniformidade do movimento da Lua em sua órbita (implícita, na verdade, na segunda lei de Kepler conhecida desde 1609) (p. 22-23).

Independentemente de quem leva o crédito por ter descoberto esse fenômeno, analisaremos quem de fato utilizou o termo libração para explicá-lo, mas como a própria enciclopédia afirma que Galilei o explicava com o termo titubação e Kopal, que cita a explicação de Hevelius a Riccioli, temos a hipótese de que pode ter sido de fato Hevelius o criador desse termo.

Obras lexicográficas

No dicionário de palavras estrangeiras de M. C. Hansen (1851) temos a seguinte explicação para a palavra:

Libration, en, Dinglen, svaiende Bevægelse

“Libração, oscilação, movimentação que se encurva” (trad. nossa)

Nos dicionários utilizados para analisar as outras palavras não encontramos definições para *libration*.

Cognatas em outras línguas germânicas

Dinamarquês (publicado na dinamarca)

A respeito dos dicionários, o elemento lexical está atestado no dicionário de palavras estrangeiras de Meyer (1837)¹⁷⁴:

Libration: en, Dinglen, Svaien, svaiende Bevæelse (Maanens)

É praticamente a mesma definição do dicionário de Hansen (1851), acima citado. Em nenhum dos outros dicionários utilizados encontramos uma entrada para esse elemento lexical. No *Grand Dictionnaire Royal Danois et François* (1759)¹⁷⁵ não há o elemento lexical *Libration*, mas sim *Svæven*:

Stiærnes Svæven – mouvement de libration

A falta de atestação, por ser um grande dicionário, provavelmente nos mostra que esse elemento lexical não existia ainda na língua dinamarquesa em 1759. A tradução também não está ao pé da letra, pois em dinamarquês significa “movimento dos astros”, quer dizer, *stiærne* “astro, estrela” é posto como sinônimo de *libration* em francês.

¹⁷⁴ Disponível em <https://books.google.dk/books?id=EjZVAAAAcAAJ&printsec=titlepage&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>

¹⁷⁵ Disponível em https://books.google.com.br/books?id=MY1FAAAAcAAJ&pg=PA450&dq=libration*+bev%C3%A6gelse&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=libration*&f=false

Não encontramos nada mais antigo no Google Books e nos *corpora* utilizados.

No sueco

O dicionário *Svenska Akademiens Ordbok* (SAO)¹⁷⁶ consta que tal cognato correspondente foi primeiramente registrada no sueco em 1795 no livro de Astronomie 1-2 de Daniel Melanderhjelm.

No inglês

No Oxford (CD-ROM, 2010) não há uma entrada para *libration*, ao passo que o dicionário etimológico de Murray (1903) postula três acepções para esse elemento lexical:

1. A. The action of librating; motion like that of the beam of a balance oscillating upon its pivot; swaying to and fro. B. The state of being balanced or in equipoise; equipoise, balance
2. Astron. A real or apparent motion of an oscillating kind. Libration of the moon: an apparent irregularity of the moon's motion which makes it appear to oscillate in such a manner that the parts near the edge of the disk are alternately visible and invisible
3. † Weighing

O dicionário afirma que a primeira atestação é de 1603, mas com a segunda acepção apenas em 1669 na obra *Philosophical Transactions* IV de John Flamsteed: *If the Libration of the Moon be known, the protraction of the Star's way in this Appearance will be facile*. O Google Books mostra o mesmo resultado.

No alemão

Não encontramos o cognato alemão nem nos dicionários de etimologia nem nos dicionários antigos da língua alemã. No *Deutsche Textarchiv* (DTA), por

¹⁷⁶ Disponível em: <http://g3.spraakdata.gu.se/saob/>

outro lado, há obras em que ela é citada. Como primeiro registro há o livro de Erasmus Francisci, *das eröffnete Lust-Haus der Ober- und Nieder-Welt* (1676):

Solche libration, oder Hin- und Wieder- Bewegung (...) von dem Mond (...) (p. 420)

“Tal libração, ou o movimento ocasional [...] realizado pela lua [...]”
(trad. nossa)

No holandês

O dicionário de N. van der Sijs (2001) afirma que *libratie* é o balancear aparente de corpos celestes e tem como primeiro registro a data de 1824, do francês. P.A.F. van Veen e N. Van der Sijs (1997) fazem o mesmo comentário, mas descrevem melhor o possível caminho do elemento lexical: fr. *libration* < latim *libratio* “equilíbrio”, de *librare* “balancear”, de *libra* “balança”.

3.7.1.2 Mundo românico

Português:

Os dicionários de língua portuguesa atestam a etimologia desse elemento lexical da seguinte maneira:

Dicionário	Étimo	Datação
Houaiss (online)	lat. <i>libratio</i> “ação de nivelar, nivelamento; movimento regular, oscilação”	1716 (Bluteau)

No dicionário de Houaiss há duas acepções: 1) fis. Movimento oscilatório de um corpo cuja tendência de movimento é rotacional, não contendo, porém, energia suficiente para efetuar uma rotação completa e 2) astr. oscilação, aparente ou real, de um corpo celeste. Trataremos apenas da segunda acepção, que é a existente no norueguês.

Nos dicionários de etimologia da língua portuguesa encontramos as seguintes atestações:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Cunha (1999)	Libração	Não consta	1813
VHCPM (2007)	Não consta	Não consta	Não consta

Ao pesquisarmos no corpus lexicográfico, encontramos as informações abaixo.

Bento Pereira na obra *Prosodia* (1697) afirma que o elemento lexical latino *libratio* significa *pezo, pezadura, igualdade*.

A obra *Vocabulário de Bluteau* (VOL, 5, 1716) define *libração* da seguinte maneira:

He hum movimento com suspensão, & alternativa inclinação de huma parte para outra. Com oculos de longa mira se tem observado na Lua hü movimento, a que os Astronomos chamãrão de Libração, que consiste, em que as maculas deste Planeta hora apparecem por huma banda, & hora por outra, em hum tempo visiveis por estarem no Hemisferio da Lua, que olha para a terra, & em outro tempo invisiveis, por estarem no Hemispherio opposto. Porém ainda não assentãrão os Astronomos a certeza deste movimento, & fazem pouco caso delle. Libratio, onis. Fem. Acha se esta palavra em Vitruvio no cap. 18. do livro 10. em sentido que se póde accommodar a este, porque falla o dito Author na acção de pôr huma cousa em equilibrio.

Este elemento lexical também está citado na entrada *systema*. Bluteau explica que *Systema* é um elemento lexical excogitado pelos astrônomos e vale o mesmo que coordenação, composição, disposição, situação e colocação dos grandes corpos do mundo respectivamente, ao centro do universo com suposições e hipóteses que servem de fundamento para explicar e determinar todos os fenômenos, aparências, movimentos e mudanças do planetas e orbes celestes. Ele estabelece que há três sistemas principais: ptolemaico, copernicano e thyonico. Em seguida escreve:

[...] no Systema Ptolemaico [...] està o globo terraqueo, immovel, no centro do mundo, rodea o ar este dous elementos, & he o ar cercado do elemento do fogo, debazxo do concavo do Ceo da Lua. Chama Ptolomeo a esta primeyra parte do seu Systema Região elemental. A segunda parte do dito Systema, chamada região Etherea, começa do Ceo da Lua até o primeyro movel inclusive, & entre estes dous esfericos limites se encerrão outros nove Ceos, a saber, o de Mercurio, de Venus, do Sol, de Marte, de Jupiter, de Saturno, o Ceo, a que chamão Firmamento, em que estão as Estrellas fixas, & os dous ceos crystallinos, hum de Libração, que se move do Oriente para o Occaso, & outro de Trepidação, que vay do Norte para o Sul [...]

Na entrada *céo*, Bluteau define os doze corpos celestes e em quarto lugar está o *segundo Ceo Cristallino*, que também é [...] *excogitado, para explicar o movimento de libração, ou trepidação, que leva a Esphera celeste de hum Polo para outro, donde nace a differença, que em varios tempos se chama na mayor declinação do sol.*

A respeito da acepção latina, Bluteau a cita na entrada *librar*, que é *suspender, como em balança, que em Latim he Libra. He ter huma cousa hum certo movimento, como se se quizera pôr em equilibrio, inclinando quase insensivelmente hora para hũa parte, hora para outra. Librare, (O, avi, atum Ovid. Columel. Vid. Libração.* Na entrada sobre *Stática* o autor também o cita: *divide.se a Statica em Acrostatica, que contempla a libração dos corpos suspensos no ar [...].*

No dicionário *Parvum Lexicon* de Fonseca (1798), *libratio* significa movimento de libração em Vitruvius.

Não encontramos registros mais antigos no Google Books ou no Corpus do português.

Espanhol:

Nos Corominas encontramos a seguinte entrada:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
COROMINAS (1984)	libración	De <i>libratio</i> “ação de nivelar, balancear”	1640, Nieremberg

Corominas cita apenas o sentido que não é da astrologia. No Google Books, por outro lado, a encontramos como primeira abonação com acepção da astrologia na obra De Los Reyes (1650):

El cielo vndecimo es el primer moble, que com igual, y rapido mouimiento se mueue sobre los polos del mundo em espacio de veiente y quatro horas, arrebatando tras si todos los inferiores Orbes, los quales se mueu~e del Ocaso, al Oriente, sobre los polos del Zodiaco cõ próprio mouimiento. Siguese la decima esfera, que sin el curso com que sigue al primer moble, tiene outro proprio de libracion, com el qual se mueue de Septentrion a Medio día, y de Medio día al Septentrion.

No entanto, não consideramos essa abonação como aquela que tem a acepção astronômica relacionado com a libração da lua. Tal abonação se encontra na obra traduzida do francês de Ladvocat (1754):

Hevelke, ó Hevelio (Juan) Regidor [...] Este es el que descubrió una especie de movimiento de libracion em la Luna [...] (p. 302).

Italiano:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
ZINGARELLI	librazióne	Voc. culto, lat. libratione(m), da libratius	1631

Deli	librazióne	Não consta	Leggera oscillazione (av. 1642, E. Diodati), (Astron.) “apparente leggerissima oscillazione della luna per cui è osservabile dalla Terra più che metà della sua superficie (1630- 31, G. Galilei, che scoprì il movimento e lo chiamò <i>titubazione</i>).
------	------------	------------	---

Zingarelli afirma que há duas acepções: 1) (astrom.) ligeira oscilação da lua, devido à órbita elíptica que desenha ao redor da terra; 2) (raro) balancear, oscilar.

Não encontramos as referências para a obra de data 1642 acima citada, mas provavelmente não tem a ver com nossa acepção pois o primeiro a utilizá-la provavelmente foi Hevelius, em latim e em 1647. Além do mais, como afirma o Deli, encontramos cartas e obras de Galileo Galilei em que ele cita o elemento lexical *librazione*, mas que não é um termo para a explicação do fenômeno lunar. Para tal, ele utiliza o termo *titubazione* em uma carta de 1637 intitulada, que se encontra nas *Opere di Galileo Galilei* de 1744, tomo II:

[...] si scopriranno altre mutazioni in confermazione di questa, che possiamo quasi chiamare Titubazione della Luna [...] (p. 49)

"[...] você vai descobrir outras mutações na confirmação desta, que podemos quase chamar de titubação da lua [...]" (trad. nossa)

Trechos em que aparece o elemento lexical *librazione* na obra *Dialogo sopra i due massimi sistemi del modo* (1632):

Accaderà, per la quarta maraviglia, che il giorno della massima obblività sarà l'istesso che quello del passaggio fatto per linea retta, e nel giorno della librazione apparirà l'arco del viaggio piu che mai incurvato. (p. 340)

“Acontecerá, pela quarta maravilha, que o dia da máxima obliquidade será o mesmo que aquele do curso feito pela linha reta, e no dia da libração o arco do curso aparecerá mais encurvado do que nunca”. (trad. nossa)

Com a acepção de libração lunar encontramos a primeira abonação em uma obra de F. A. di C. (1724):

[...] a Luna deve far intorno alla Terra come questa intorno al Sole, ch' alle volte presenta al medesimo le parti Settentrionali, ed alle volte l'Australi, il che contribuisce parimente a dette librazioni della Luna. (p. 92-93)

“[...] a lua deve estar em torno da Terra como esta está em torno do sol, que às vezes apresenta as mesmas partes setentrionais e, às vezes, as partes austrais, que contribui da mesma maneira à dita librações da lua” (trad. nossa)

Francês:

Nos dicionários de francês (incluindo os etimológicos)

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Le Petit Robert (2014)	libration	latim <i>libratio</i>	1547
TLF	libration	Empr. Do lat. <i>libratio</i> “nivelamento” (cp. Vitruve) TLL); “movimento regular, balanceamento” e em baixo latim fig. “equilíbrio”. Como termo de	1547 1. “nivelamento” (Jean Martin, trad. l'Architecture de Vitruve, B4 vo ds GDF. Compl.); 2.a) 1704 astron. (Trév.); b) 1867

		astronomia, a língua inglesa atesta <i>libration of the moon</i> em 1669.	phys. (Litttré); 3 . 1731 fig. “balanceamento harmônico, equilíbrio” (Boulainvilliers, <i>Réfutation des erreurs de Benoît de Spinoza</i> , p. 203)
--	--	---	--

Godefroy, na parte *Complément*, afirma que *libration* significa *nivellement* e cita como primeira ocorrência a obra traduzida de 1547 por J. Martin (*Vitruve*). FEW faz o mesmo comentário (1547, Jan Martin, *Vitruve*, *Anotations*, Db.).

Encontramos, diferentemente, a primeira abonação com a segunda acepção (astronômica) no *Le Iovrnal des Scavans* (24 de janeiro de 1667):

Les Astronomes trouueront dans cet ouurage plusieurs choses tres remarquables touchant le diametre apparent du Soleil & des autres Astres, le mouuement de libration de la Lune, les éclipses, les parallaxes, & le refractions [...] (p. 14)

“Os astrônomos encontram nesse livro várias coisas muito notáveis no tocante ao diâmetro aparente do sol e dos outros astros, ao movimento de libração da lua, aos eclipses, às paralaxes e às refrações [...]” (trad. nossa)

Latim:

Tanto o dicionário de Oxford e de Lewis propõem dois sentidos básicos para *libratio*:

1. Nivelamento:

Fortasse qui Archimedis libros legit, dicet non posse fieri veram ex aqua librationem (Vitr. 8, 5, 3)

“É possível que algum leitor dos trabalhos de Arquimedes diga que não pode ocorrer nivelamento por meio da água” (trad. nossa)

2. Posição horizontal, nível:

circa terrae librationem (Vitr. 6, I, 5).
 “no nível da terra” (trad. nossa)

Como primeira atestação do sentido de libração da lua, há a obra de Johannes Hevelius chamada *Selenographia, sive Lunae* (1647). Neste tratado Hevelius mostrou a diferença entre seu trabalho e o de Galileo Galilei e criticou a qualidade das representações da lua em *Sidereus nuncius* (1610). Trecho da obra:

Atque sic cum motu Librationis Lunae est comparatum. (p. 237)

“E então é comparado com o movimento de libração da lua.” (trad. nossa)

3.7.2 Determinação do étimo

Terminus a quo (mais antigo ao mais novo)

Mundo Romano	
Francês	1667
Italiano	1724
Português	1716
Espanhol	1754
Mundo Germânico	
Inglês	1669
Alemão	1676
Sueco	1795

Holandês	1824
Dinamarquês na Noruega	1821
Dinamarquês	1837
<i>Bokmål</i>	1922
<i>Nynorsk</i>	1976

1) A respeito das línguas de influência em determinados temas, nenhuma conclusão podemos tomar porque, como considerado no ponto (1), o elemento lexical tem uma acepção científica astronômica e qualquer país que tenha astrônomos significativos poderia ter se apropriado desse elemento lexical latino e dado a ele uma nova acepção de acordo com o estudo astronômico.

2) A relação entre escrita e pronúncia não nos proporciona nenhuma pista para a investigação do étimo, uma vez que cada língua pronuncia o radical *libr-* da sua maneira.

3) O radical do elemento lexical é *libr-* e remete ao latim; portanto, não seria um radical exclusivo de nenhuma língua descendente.

4) Aqui a hipótese dos cruzamentos panromânicos de Freitas (2013) não se confirma, porque seria extremamente possível que tanto o francês (1667) quanto o italiano (1724) emprestassem esse elemento lexical da obra latina de Hevelius, já que era uma obra muito conhecida, quer dizer, não necessariamente o francês emprestou essa palavra para o latim.

5) A questão semântica é pouco relevante para essa análise, uma vez que a acepção do elemento lexical estudado não se mudou durante o tempo.

No presente caso, apenas o *terminus a quo* é relevante para a etimologia desse elemento lexical.

3.7.3 Fichas

3.7.3.1 Para o português

Libração (s.f.)

25% (ale. Libration, 1676 ◀ [ing. libration, 1669] ◀ [fr. libration, 1667] ◀ lat. cient. *libratio* “da lua”, 1647)

25% (◀ ing. libration, 1669 ◀ [fr. libration, 1667] ◀ lat. cient. *libratio* “da lua”, 1647)

25% (◀ fr. 1667 ◀ lat. cient. *libratio* “da lua”, 1647)

25% (◀ lat. cient. *libratio* “da lua”, 1647)

Comentário: a primeira abonação está na obra de Bluteau, portanto, esse elemento lexical pode ter sido emprestado por ele tanto do francês quanto diretamente do latim científico. Que ele tenha utilizado uma edição alemã (1676) ou inglesa (1669) também não é de se descartar.

1716. Vocabulário de Bluteau

Origem do significado da acepção: latim científico

Origem do significante da acepção: latim científico

Étimo de empréstimo: 25% francês, 25% latim científico, 25% alemão, 25% inglês

Local: Vocabulário online de Bluteau

Discussão a respeito das informações do Houaiss:

O dicionário apenas afirma que o elemento lexical vem do latim *libratio* “ação de nivelar, nivelamento; movimento regular, oscilação”, o que não deixa de estar correto, mas não afirma que o elemento lexical também pode ter vindo do francês. A datação também está correta.

3.7.3.2 Para o norueguês

Librasjon, s.m.

Bokmål:

33,33% (◀ din. na Noruega *libration*, 1821 ▶ ale. *Libration*, 1676 ▶ [fr. *libration*, 1667] ▶ lat. cient. *libratio* “da lua”, 1647)
 33,33% (◀ din. na Noruega *libration*, 1821 ▶ fr. *libration*, 1667 ▶ lat. cient. *libratio* “da lua”, 1647)
 33,33% (◀ din. na Noruega *libration*, 1821 ▶ lat. cient. *libratio* “da lua”, 1647)

Comentário: a obra em dinamarquês está em um jornal da Noruega de 1821 e só encontramos a primeira abonação em dinamarquês na Dinamarca anos depois. Provavelmente há na Dinamarca uma obra mais antiga que essa da Noruega. É possível que tenha passado para o dinamarquês diretamente do francês, pelo alemão e até mesmo pelo latim científico, mas temos a hipótese de que há 100% de chances do étimo do *bokmål* ser dinamarquês. Outro comentário relevante é a etimologia dada por ROB, que está presente no início dessa análise: que vem do latim “ato pesar”, quer dizer, não houve no dicionário uma preocupação em investigar todo o caminho desse elemento lexical, mas apenas citar a acepção existente no latim clássico, o que vai totalmente contra nosso entendimento sobre Etimologia.

1922. Aschehougs konversationsleksikon. 6: Kasette-Löwen

Citação: *Libration, Maanens, se Maanen*.¹⁷⁷

Origem do significado da acepção: latim científico

Origem do significante da acepção: latim científico

Étimo de empréstimo: 100% dinamarquês

Local: Nasjonalbiblioteket

Característica de texto em *bokmål* nessa obra:

¹⁷⁷ Libração: da lua, consulte lua (trad. nossa)

Não é necessário avaliar, pois a obra é de 1922.

Discussão a respeito das informações dos dicionários de *bokmål*:

Apenas o ROB atesta esse elemento lexical, que teria vindo do latim. A respeito de sua origem ele está correto, mas não determina o étimo de acordo com nossos pressupostos.

Nynorsk:

33,33% (◀ nbok. *libration*, 1922 ◀ din. da Noruega *libration*, 1821 ◀ ale. *Libration*, 1676 ◀ [fr. *libration*, 1667] ◀ lat. cient. *libratio* “da lua”, 1647)

33,33% (◀ nbok. *libration*, 1922 ◀ din. da Noruega *libration*, 1821 ◀ fr. *libration*, 1667 ◀ lat. cient. *libratio* “da lua”, 1647)

33,33% (◀ nbok. *libration*, 1922 ◀ din. da Noruega *libration*, 1821 ◀ lat. cient. *libratio* “da lua”, 1647)

Comentário: o manual de escola em *nynorsk* é uma tradução realizada por Truls S. Ringnes do manual *Matematisk geografi: for gymnaset* em *bokmål* de Akexander (1974) e, por isso, o étimo é norueguês *bokmål*.

1976. *Matematisk geografi for gymnaset*

Citação: *Librasjon til månen fører til at ein frå jorda kan observere 59% av måneoverflata (p. 206)*¹⁷⁸

Origem do significado da acepção: latim científico

Origem do significante da acepção: latim científico

Étimo de empréstimo: 100% *bokmål*

Local: Nasjonalbiblioteket

Discussão a respeito das informações do dicionário de *nynorsk*:

O dicionário de *nynorsk* não atesta um cognato correspondente.

¹⁷⁸ A libração da lua faz com que alguém possa observar a partir da Terra apenas 59% da superfície da lua (trad. nossa)

Origem do significante

O elemento lexical latino *libratio* é uma derivação a partir do particípio *libratus*, de *librare* “nivelar, balancear” que, segundo de Vaan (2008), existe desde Catão, o Velho (234-149 a.C.) na língua latina. Esse significante ganhou um significado científico com Hevelius, o de balanceio da lua. *Librare*, por sua vez, é uma derivação de *libra* “medida de peso”, termo existente desde Plauto (254-184 a.C.).

De acordo com o autor, libra remete a um proto-italico **leipra* “medida de peso” e não há nenhuma forma para o IE.

3.8 Navegação/Navigasjon

3.8.1 Apresentação dos dados

3.8.1.1 Mundo germânico

Norueguês

Significados em dicionários atuais (a partir de 1901 em *nynorsk* e 1907 em *bokmål*):

Dic.	Significado	Etimologia	Datação
NbUiB	arte de navegar; aprendizagem de como se determina a posição e o curso de um navio ou avião	X	X
NyUiB	arte de navegar; aprendizagem de como se determina a posição e o curso de um navio ou avião	do latim "viagem de navio"	X
NTG	navegar; aprendizagem de navegar	fr., der. lat. de navigere	X
ROB	arte de navegar; aprendizagem de navegar	lat. navigatio	X
NO2014	Aprendizagem de navegar	X	X

Percebe-se que há basicamente dois significados: “arte de navegar” e “aprendizagem em navegar”. Apenas no NbUiB e no NyUiB vemos a inclusão de “avião” como objeto em que se navega.

Com relação ao verbo correspondente, *navigere/navigera* “navegar”, em todos os dicionários significa a) determinar o curso ou a posição e b) conduzir o movimento de um navio ou de uma aeronave (como um condutor).

O ROB exemplifica com um texto de Wergland (30 de junho de 1831):

skibsbygningskunsten, navigationen, er den tidsalderens triumf?

“É a arte de construir navios, a navegação, o triunfo da época?” (tradução nossa)

Não compreendemos o motivo pelo qual o ROB não colocou também a definição de navegação como “a arte de construir navios”, uma vez que exemplifica dessa maneira.

Percebemos que esse termo não é utilizado com o sentido de “andar de navio”, maneira utilizada nas línguas latinas.

Livros em dinamarquês publicados na Noruega

Com relação ao período anterior, encontramos a primeira atestação desse elemento lexical no jornal *Norske Intelligenssedler* de 15 de outubro de 1766:

"O serviço do marinheiro Peder Nørholms em informar sobre a navegação de acordo com o modelo inglês está disponível por meio de um custo barato [...]" (trad. nossa)

Em 1771, em um livro de registros cronológicos sobre as regulações reais de Martinus Nissen (1771), publicado em Trondheim, encontramos o seguinte trecho:

Forord. af 15de Febr. 1768. befaler: at alle de, som i henseende til Commerciens og Navigationen, Skibs-Byggeriet og Saltvands-Fiskeriene [...]

"A regul. de 15 de fevereiro de 1768 ordena: todos aqueles relacionados ao comércio, à navegação, à construção de navios e pescas em salgada [...]" (trad. nossa)

O elemento lexical também é encontrado em uma tradução realizada por Henrich Dedechen em Bergen do livro de John Mair (1775). O livro desse autor¹⁷⁹ trata sobre o método das partidas dobradas, que é utilizado na Contabilidade. O autor tinha o intuito, de acordo com o título, em aplicar o método italiano de Contabilidade nos livros de Copenhague. No final do livro há um apêndice, que também foi traduzido, onde se encontra a "explicação de várias palavras e modos de falar estrangeiros utilizados no comércio". E lá se encontra *Navigation* traduzido como *Skibsfart* "viajar de navio", que é um elemento lexical dinamarquês de origem herdada.

Na mesma cidade, Bergen, também havia a moderna e internacional revista *Provinzialblade*, publicada por Claus Fasting (1778), um funcionário público, autor, crítico e redator da cidade. Encontramos *Navigationsakt* (p. 82) "Atos de Navegação", *Engelske Navigationsakt* "Atos ingleses de Navegação", *Navigationskonsten* "arte da navegação" (p. 212) e *Navigation*:

[...] hvor der gives Underretning av de dueligste Lærere i Astronomie, Geographie, Navigation o.s.v.

"[...] onde são dadas informações sobre os professores mais competentes em Astronomia, Geografia, Navegação, etc." (p. 278) (trad. nossa)

¹⁷⁹*Book-keeping Methodised: or, a Methodical Treatise of Merchant-accompts, according to the Italian Form [...]* (Dublin, 1772)

Os Atos de Navegação foram uma série de leis atribuídas para restringir o comércio de carga inglês aos navios ingleses entre o século XVII e XVIII. O Grande Ato de Navegação de 1651 tinha como objetivo atingir a Holanda, a maior rival comercial da Inglaterra (*Enciclopédia Britannica Ultimate Reference Suite*).

No século XVIII há mais abonações. No livro de Lyder Sagen (1824) encontramos o termo *Navigationskole* "escola de navegação", que é, de acordo com o autor, um sinônimo de *Styrmandsskole* "escola de capitão" (p. 623). A *Navigationskole* de Bergen era da seguinte maneira definida pelo o autor:

De, der bestemtes til Søefarten, besøgte en saare maadelig Navigationskole og lærte nogle mekaniske Beregninger af en eller anden Styrmandsbog [...]

"Aqueles que decidiam ir para a "navegação" frequentavam uma Escola de Navegação muito ruim e aprendiam alguns cálculos mecânicos por meio de um ou outro "livro de capitão" [...] (trad. nossa)

Percebe-se que há uma pequena diferença de significado entre *Søefarten* e *Navigation*; o primeiro parece ser "a atividade de viajar no mar" e o segundo, um termo consagrado relacionado à matéria de estudo. O sentido técnico de *Navigation*-, como alguém que precisa adquirir habilidades para realizar, é reforçado quando é posto como sinônimo de *Styrmand*-, que significa "capitão". O termo *Styrmand* é posto muitas vezes nos dicionários como sinônimo de *Navigation*.

Nesse ponto encontramos o elemento com o sentido de "matéria a ser estudada" ou como parte integrante de composições que têm a ver com o estudo dessa matéria.

Livros escolares

No livro de texto sobre História Geral de Albert Lassen (1837) há nove citações de *Navigation*, mas todas como formas compostas *Navigationsact*. No livro de texto sobre Geografia de Carl N. S. Platou (1840) há apenas o termo

Navigationsact, no de Geelmuyden (1851) há duas: *Navigationskole* e *Navigationslov* "Lei da Navegação" (p. 156) e no de Daa (1859), apenas uma, *Navigationsskole*. No livro de texto de Nissen (1870) há várias menções do *Navigationsact*. No livro de Lütke (1875), que explica as palavras e também fornece anotações sobre tais palavras do livro de Petersen¹⁸⁰, que serve para treinar a leitura de textos, afirma-se que a cognata francesa *navigation* deve ser entendida como *Søfart* (p. 19).

No livro de leitura de Schjøth (1889) para a *middelskolen*, que é uma reestruturação do *Verdenshistorie* "história do mundo" de Nissen e Daa, há apenas o termo *Navigationsakt* "atos de navegação".

No livro de P. A. Munch (1840) sobre os eventos mais importantes na história do mundo também há apenas esse elemento lexical. No livro de leituras de H. Smith Hjort (1847) há apenas uma atestação do elemento *Navigationsskole*.

Na seleção de trechos de leitura noruegueses e dinamarqueses para o exame da *middelskole* de Broch (1888) há uma passagem do escritor dinamarquês Ole Drachmann, em que há uma nota explicando para os alunos que *navigation* significa *styrmandskunst*:

[...] og Oles navigation var reel. (p. 248)

"[...] e a navegação de Ole era real" (trad. nossa)

Nos livros escolares são encontradas, portanto, apenas as composições que têm a ver com a matéria "navegação" e tal cognata, em francês, é explicada como *søfart* e, em dinamarquês, como *styrmandskunst*, ou seja, o sentido original francês de "ação de viajar de navio" só é representado pelo elemento herdado *søfart*, ao passo que a forma do elemento emprestado é entendido como algo técnico, como "arte de pilotar o navio".

¹⁸⁰ Escritor de manuais escolares

Manuais

No manual sobre navegação de Geelmuyden & Wille (1892) há por volta de 60 atestações do elemento lexical e todas tem o sentido técnico e de doutrina como, por exemplo: *da man i Navigationen som Regel kunbruger 5 Decimaler* [...] (p. 14) “visto que se usa na navegação, por regra, apenas 5 decimais [...]. Basicamente o elemento vem acompanhado pela proposição *i* “em” nesse livro para indicar “na doutrina da navegação”.

Procuramos também por *Seilads* e encontramos várias entradas, que significam a “ação de navegar”: *Dette kan for enhver kortere Seilads ske* [...] (p. 79) “Pode acontecer em navegações mais curtas [...]”. Nesse caso entendemos como um sinônimo de *Navigation*.

Obras lexicográficas

A *navegação* como “ação de navegar” parece corresponder no período, entre outros elementos lexicais, como ao já citada *Seilads*, ao elemento *Farten*, como é demonstrado no dicionário de frases inglês-norueguês de Hedley Laycock (1852, p. 61):

Is the navigation of this coast very difficult?

Er Farten paa denne Kyst meget vanskelig?

No dicionário de palavras estrangeiras de M. C. Hansen (1851) há os verbetes *Navigation*, *Navigations-Act* e *Navigations-Skole*:

Navigation, en, Skibsfart, Styrmandskunst. Navigations-Act, en, den engelske Søfarts-Lov. Navigations-Skole, Søkole, Sømandskole. (p. 209)

Navegação, uma, “viagem de navio”, doutrina da pilotagem. Ato de Navegação, um, lei inglesa da “viagem no mar. Escola de Navegação, “escola do mar”, “escola do marinheiro” (*trad. nossa*)

No livro *den norske Søret: en Haandbog for Søfarende, Skibsredere og Handlende* “direitos de navegação: um manual para marinheiros, armadores e

comerciantes" de Hjelm-Hansen (1862) há duas atestações de *Navigation: Kyndighed i Navigationen* (p. 9) "especialista na navegação" e *Prøve i Navigationen* "prova em navegação" (p. 10). Há também uma abonação para *Navigations-Examen* "exame de navegação" (p. 9). Como "ato de navegar" encontramos *Seilads* (p. 10) e *Søfarten* (p. 14)

Vejamos na tabela as entradas em dicionários de inglês-dano-norueguês-inglês:

Inglês	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
navigation	Fart, Navigation, Seilads, Søfart	Clausen	Especializado (marítimo)	1875
	Beseiling, Søfart, Navigation	Larsen	Geral	1888
	Beseiling, Skibsfart	Brynildsen	Geral	1892
Dano-norueguês	Inglês			
Navigation	navigation	Clausen	Especializado (marítimo)	1875
Skibsfart	navigation	Lund	Escolas ¹⁸¹	1881

¹⁸¹Vocabulário inglês para as *Middelskoler* e para as *Borgerskole*. *Middelskole* era o modelo de escola fundada a partir de 1869. Após passar por três anos na *allmueskole* (escola geral), os alunos poderiam frequentar por seis anos essa escola, que tinha uma grade de latim e de inglês; em seguida, poderiam ir para o ginásio. O *Borgerskole* era o modelo de escolas fundado

Navigation	navigation	Larsen	Geral	1888
Navigation	navigation	Brynildsen	Geral	1892
Skibsfart	navigation	Grüner	Comércio	1892

No dicionário de Clausen (1875) também encontramos muitas composições como: *Navigations-bog* "livro de navegação", *Navigations-kundskaber* "conhecimentos em navegação", *Navigations-instrumenter* "instrumentos de navegação", *Navigations-love* "leis de navegação", *Navigations-lærer* "professor de navegação", *Navigations-skole* "escola de navegação", *Navigations-tabeller* "tabelas de navegação" (p. 335), ou seja, isso demonstra que o termo é muito técnico.

Com relação ao vocabulário inglês para as *Middelskoler* e para as *Borgerskole* de James Lund (1881), percebemos que os alunos não tinham um conhecimento sobre o elemento *Navigation* e, por conta disso, há uma entrada que o explica como sendo sinônimo de *Skibsfart* "viagem de navio".

No dicionário de dano-norueguês-inglês de Larsen (1888), há também as seguintes composições: *Navigationsakt* "Navigation Act", *-bog* "book of n.", *-elev* "pupil of n.", *-eksasen* "examination of n.", *Navigationskundskaber* "knowledge in n.", *Navigationslove* "n. laws", *Navigationslærer* "teacher of n.", *Navigationskole* "nautical academy" *Navigationstabeller* "navigation tables".

No dicionário de norueguês-inglês de Brynildsen (1892) os resultados são parecidos com o de Larsen e no dicionário de palavras estrangeiras com autor desconhecido (1892) há as atestações *Navigation* como *Seilads*, *Styrmandskunst* e *Navigations-skole* como *Sømandskole* (p. 150).

No dicionário latim-dano-norueguês de Johansen e de francês-dano-norueguês de Aaholm:

nas cidades da Noruega a partir do início do séc. XVIII e voltada para o comércio e trabalhos manuais.

Latim	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
Navigatio	Seilads, Søreise	Johansen	Geral	1887

Francês	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
navigation	Navigation	Aaholm	Geral	1861

No livro de Aaholm percebemos que a entrada é muito pobre, pois fr. *navigation* não significa apenas *Navigation* em dano-norueguês.

Na lista de palavras de francês-norueguês (*landsmaal*) para o ginásio (RAKNES, 1914, p. 90) encontramos a seguinte atestação:

Francês	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
navigation	Sjøreis, sigling, ferdseil, skipsføring	Raknes	Lista de palavras (ginásio)	1914

Vemos aqui que o autor traduz por meio de quatro sinônimos o sentido original da cognata francesa *navigation* para os alunos leitores de *landsmål*.

Já no dicionário de mão alemão-dano-norueguês de Kaper (1885) a entrada *Navigation* em alemão se apresenta como *Navigation*, *Seilads* e

Styrmandskunft e também há as formas compostas *Navigations-lehrer* (*Navigationslærer*) e *Navigations-schule* (*Navigationsskole*).

Alemão	Dano-norueguês	Autor	Tipo	Ano
Navigation	Navigation, Sejlads, Styrmandskunft	Kapper	Geral	1885

Veremos nas páginas seguintes que o significado de *Navigation* na língua alemã também é específico como no dinamarquês e norueguês, tanto que nesse dicionário a tradução dano-norueguesa não saiu do âmbito técnico.

Na enciclopédia norueguesa sobre conhecimentos gerais de JOHNSEN (1884), há duas entradas que tratam de navegação: *Marine- og Postdepartamentet* "Departamento da Marinha e de Correios" e *Navigation*. Na primeira há a informação de que, além de muitas coisas, tal departamento trata dos *Navigations- og lodsvæsenet*, ou seja, dos fundamentos da navegação e da praticagem [...] (p. 427). Na entrada *Navigation*, afirma-se que ela significa *Skibsfart* "viagem de navio" e *Sjømandsvidenskab* "ciência do marinheiro". Também são citados a *Navigationskole* e o *Navigationsakt* (p. 574).

Dicionário de dinamarquês para *landsmaal*:

Dinamarquês	Norueguês	Autor	Tipo	Ano
Navigation	Skipsstyring	Vidsteen	Geral	1907

Concluimos que não há nenhuma entrada que nos permite afirmar que *Navigation* tem um sentido de "viajar de navio". Descobrimos vários sinônimos, principalmente por meio das obras que têm o inglês como língua componente. O

inglês, assim como o dinamarquês, também tem acepções específicas e com uso técnico, principalmente nas formas compostas.

Conseguimos provar essa especificidade também por meio de traduções.

Traduções

Analisamos *Mémoires de Garibaldi* (Josef Garibaldi. *En Selvbiografi*, de 1861) de Alexandre Dumas, "as viagens de Gulliver"¹⁸², *Gullivers Rejser* (1878) de Jonathan Swift (1878) e *Les Grands voyages et les grands voyageurs* (1878) de Júlio Verne (*Jordens Opdagelseshistorie. [1] : De store Reisereisendes Historie, eller Jordens Opdagelseshistorie fra de ældste Tider til Udgangen af det 17de Aarhundrede*, de 1879).

Na autobiografia de Garibaldi há duas atestações de *Navigation*, ambas com o significado de "doutrina de navegação" (DUMAS, 1861, p. 42 e 44). Também colocamos a passagem original em francês (DUMAS, 1860, p. 92):

[...] havde det mindste Bekjendtskab til Navigation eller Geografi [...]

[...] eût la moindre connaissance en navigation, la moindre notion géographique [...]

"[...] tinha o mínimo de conhecimento sobre navegação ou geografia [...]"
(trad. nossa)

Nas viagens de Gulliver há uma atestação para *Navigation* em dinamarquês (1878, p. 4), que corresponde ao inglês *navigation* (1776, Part 1, p. 2): [...] til at lære Navigation og andre Dele af Mathematiken "aprender navegação e outras partes da Matemática".

Na versão original em inglês há mais duas atestações, que não correspondem ao *Navigation* do dinamarquês:

¹⁸² Texto extraído do livro *Into Several Remote nations of the World. In Four Parts. By Lemnuel Gulliver, first a Surgeon, and then a Captain of several SHIPS* (1776), de Jonathan Swift.

1) [...] *experienced in the navigation of those seas* (1776, Part II, p. 3)
 [...] *erfaren i Sjøfarten på disse Farvande* (1878, p. 116) e 2)

2) [...] *The Author shews his Skill in Navigation* (1776, Part II, p. 78)
 [...] *Forfatteren viser sin Dygtighed i Sjøvæsenet* (1878, p. 170).

A primeira, como já dito, significa "viagem no mar" e a segunda, "essência do mar". Ambos os elementos lexicais são sinônimos de *Navigation*. Também não esperaríamos uma cognata inglesa com o sentido de "viajar de navio", já que nesse idioma ela também tem um sentido técnico.

Com relação ao livro de Júlio Verne, encontramos sete casos em que *Navigation* está de acordo com a forma francesa *navigation*. Três deles são utilizados no sentido de "doutrina de estudo". Um termo significa a "ação técnica de navegar":

[...] *la hauteur du soleil et d'appliquer l'astrolabe aux besoins de la navigation.*
 (1878, p. 119)

[...] *Solens Høide ved at anvende Astrolabiet i Navigationens Tjeneste* [...]
 (1879, p. 135)

"[...] a altura do sol ao aplicar o astrolábio para necessidades da navegação"
 (trad. nossa)

No francês original se encontra também *l'art de la navigation* (1878, p. 315), que está traduzido para o dinamarquês apenas como *Navigation* (1879, p. 352), ou seja, é a "doutrina", que também é encontrada em [...] *i alt, hvad der vedkom Navigationen* (1879, p. 379), que está no original como [...] *toutes les branches connues de la navigation* [...] (1878, p. 341); em português, "em tudo que concerne a navegação" (trad. nossa).

Alguns casos em que o francês original *navigation* não corresponde com o dinamarquês: *Après six jours de navigation* [...] (1878, p. 8) e no dinamarquês *Efter seks Dages Seilads* [...] (1879, p. 10) "depois de seis dias de navegação"; *La navigation continua dans les conditions meilleures* [...] (1878, p. 11), dinamarquês [...] *gik det bedre med Reisen* [...] (1879, p. 12) "melhorou com a navegação"; [...] *après une longue et périlleuse navigation* [...] (1878, p. 335), em

dinamarquês [...] *etter en lang og farlig Reise* [...] (1879, p. 373) "depois de uma longa e perigosa navegação". Compare a tradução se analisarmos o verbo francês *naviguer* "navegar" em frases como:

[...] *navigué tout ce qui avait été navigué jusqu'à lui* [...] (p. 120)
 [...] *havde beseilet alle de dengang kjendte Have* [...] (p. 135-136)

"navegado tudo que tinham navegado naquele período" (trad. nossa)

[...] *nous navigâmes plus de cinquante lieues en vain* (p. 356)
 [...] *vi [...] seilede over femti Mile sydover* [...] (p. 394)

"navegámos mais de cinquenta léguas para o sul" (trad. nossa)

Isso nos mostra que *beseile* e *seile* são utilizados para representar "navegar de barco", portanto, está de acordo com as formas que vimos anteriormente como, por exemplo, no dicionário de inglês-dano-norueguês em que há *Beseiling* para o sentido de "viajar de barco", sendo, assim, *Navigation* um termo técnico que lida com a doutrina, comércio ou posicionamento de um navio.

Exemplo da uma divulgação de uma escola de navegação em jornais noruegueses (Lillesands-Posten, 29 de agosto de 1878):

Cognatas em outras línguas germânicas

Dinamarquês (publicado na Dinamarca)

De acordo com o *Ordbog over det Danske Sprog* (ODS), a primeira atestação da cognata dinamarquesa ocorre no livro de H. O. Pflug (1707).

No dicionário etimológico de Katlev (2000) não há nenhuma entrada para *navigation*, apenas *navigere* (p. 447). O dicionário ODS afirma que ela tem origem no latim *navigatio*, que é uma derivação de *navigere*. No dicionário de palavras estrangeiras de Meyer (1837, p. 365) há a entrada *Navigation* como *Skibsfart, Seilads, Søfart e Styrmandskonst*.

No dicionário de Matthias Moth, que coletou palavras por todo o país, inclusive Noruega, nos anos entre 1697 e 1719, afirma-se que a cognata (na forma *navigasion*) tem origem francesa e significa *Seilaß, Søkonst* e *Sømandskab*. No dicionário de latim-dinamarquês de Tursen (1561), disponível no *corpus* da língua dinamarquesa na época da Renascença, *Nauigatio* representa *Seylaß* em dinamarquês e *Nauigare* como *ath seyle*; no de Pedersen (1510), que também faz parte do *corpus*, por sua vez, só há *nauigare* como *at segle*. Não encontramos nenhuma entrada em que há a cognata dinamarquesa *Navigation*.

Também não encontramos textos com essa cognata no *corpus* de textos entre 1500-1700, mas há, por exemplo, *Seiladtz* no livro de Sthen (1578), que também se encontra no *corpus*. A seguir um trecho de uma oração presente no livro:

[...] *skin du for oss i denne vor Skibs reise oc Seilatz, som en salig Naadestierne* [...]

[...] brilhe para nós em nossa viagem de navio e navegação, como uma bem-aventurada estrela de graça (trad. nossa) [...]

Concluimos que esse elemento lexical, de fato, entrou na língua dinamarquesa em 1707.

No sueco

De acordo com o Svenska Akademiens Ordbok (SAO) o primeiro registro da cognata sueca *navigation* é de 1617. Tal registro trata-se de uma carta enviada pelo político sueco Johan Skytte em que se consta: *till alle frije commerciers och navigations* “a todos os comércios e navegações livres”. Esta carta está registrada no livro *Rikskansleren Axel Oxenstiernas Skrifter och Brefvexling*, X (1900, p. 198).

No inglês:

De acordo com Oxford (CD-ROM, 2010), a cognata inglesa *navigation* tem os seguintes significados:

1. the skill or the process of planning a route for a ship or other vehicle and taking there.
2. The movement of ships or aircraft

O elemento lexical tem origem no começo do século XVI, com o significado de "travel on water". Ele vêm do francês ou do latim *navigatio(n-)*, do verbo *navigare*, de *navis* "ship" e + *agere* "drive".

O dicionário etimológico de Onions (1966) também afirma que este elemento é do século XVI, com origem no francês (antigo) ou latim e o dicionário etimológico de Skeat (1956) afirma que a primeira ocorrência aparece em *Macbeth* (1606), Shakespeare, o que é errôneo como mostrado abaixo.

As seguintes acepções semânticas e suas abonações são definidas no dicionário etimológico de Murray (1908), que afirma que o elemento lexical veio do francês (uma cognata já existia no francês no séc. XIV) ou do latim:

1. The action of navigating; the action or practice of passing on water, esp. the sea, in ships or other vessels; sailing.

Esta acepção tem a primeira abonação em 1533, na obra de Thomas Elyot chamada *The castel of health*. O dicionário cita o trecho (livro 2), mas o encontramos completo no corpus *Early English Books*:

Nauigation or rowynge nigh to the lande, in a clame water, is expediēt for them that haue dropsies, lepries, palsepes, called of the vulgar people, takynges, and fransies (p. 52)

2. The art or science of directing the movements of ships on the sea including more especially the methods of determining in a ship's position and course by the principles of geometry and nautical astronomy.

Esta acepção é de 1559 (Cunningham, *Cosmographical Glasse*).

O dicionário também afirma que há uma terceira acepção entre 1527-1599, que significa *a voyage; an expedition or journey by sea or water* (*In this nauigation ... was discovered, that these Islands nothing set by golde*), em R. Thorne in *Hakluyt Voy.*

Também havia uma quarta acepção, que não é relevante para essa análise. A quinta tem, que de acordo com o autor não era mais utilizada no período em que o dicionário foi publicado (1908), tem a ver com o *shipping business; trade or intercourse carried on by sea or water*, como no trecho *this Navigation is very necessary that the lower Oestreich being fertill, may supply the upper ... with wine and corne* (1617, Moryson, Itin. I. 21). A sexta acepção indica que navegação também poderia significar *a passage or course by which one may sail* e, no período, também é rara; a sétima, *a natural inland channel* e, por fim, a oitava que é um *attributive, as navigation branch, channel, deck, limit, season como, por exemplo, a navigation act or law, a legal enactment regulating navigation or shipping; a navigation coal, steam-coal, etc.* Como exemplo o autor cita a obra de Blackstone *Comm.*, de 1765 e cita o trecho *the navigation-acts*.

De acordo com o livro, já citado anteriormente, de John Mair (1772), o elemento lexical *navegação* era difícil de ser compreendido, uma vez que é um

verbete registrado no *merchant's dictionary; or, the abstruse words and terms that occur in merchandise* [...]. Na entrada apresenta-se *Navigation* como sendo the *art of sailing* "arte de navegar" e também *sea-trade* "comércio do mar" (p. 407).

Das acepções acima citadas apenas a primeira e a segunda têm relevância para essa pesquisa, já que são as duas que existem na língua norueguesa.

No alemão:

De acordo com DHW (*das Herkunftswörterbuch*, 2014), *Navigation* é a “determinação do curso e local em uma viagem por mar, ar ou pelo espaço”. Esse substantivo é atestado desde o século XVI e foi emprestado do latim *navigatio* “Schiffahrt”.

Nos *corpora* encontramos a tradução da obra do cartógrafo holandês Lucas Janszoon Waghenauer (1589) chamada *Der erst Theil dess Spiegels der Seefart / von Nauigation des Occidentischen Meers* [...]. A holandesa original chama *Teerste Deel vande Spieghel der Leevaerdt, vande nauigatie der Westersche Zee* [...] (1584).

No holandês:

O holandês tem a seguinte atestação para a cognata *navigatie* (van Dale, online):

1. (*kennis, nodig voor*) *van een schip of vliegtuig naar een bep. doel*.
 “1. (conhecimento, necessário para) de um navio ou avião para um determinado propósito” (trad. nossa)

O banco de etimologia nos fornece muitas informações de vários dicionários. Philippa (2003-2009) afirma que a cognata *navigatie* aparece pela primeira vez em 1549 com o sentido de *scheepvaart* “navegação, ato de navegar”,

citando o WNT (*Woordenboek der Nederlandsche Taal*). O WNT cita como primeira abonação:

[...] aengaende andere partien vander Navigatie, als Schippers, Bootgesellen, Kostumen ende Rechten van der Zee (Gr. Placaetb. 4)

“[...] que tem relação com outras partes da navegação, como capitães, camaradas do barco, costumes e leis do mar” (trad. nossa).

De acordo com Philippa e.a. (2003-2009), até o século XVIII a cognata tinha o significado de *scheepvaart* “transporte marítimo” e *scheepvaartwezen* “doutrina de transporte marítimo”, mas no século XIX esse significado ficou obsoleto e se formou o significado atual *stuurmanskunst* “arte de pilotagem”, por meio de um empréstimo renovado do francês ou empréstimo semântico do inglês *navigate*. Philippa também afirma que o termo com a acepção de *scheepvaart* foi emprestado do francês, do elemento lexical com a acepção que, de acordo com o TLF (*Trésor de la langue française*), surgiu em 1538, ou seja, “ação de viajar sobre a água”, mesmo já existindo desde 1284 o sentido “viagem pelo mar”.

3.8.1.2 Mundo românico

Português:

Os dicionários de língua portuguesa atestam a etimologia desse elemento lexical da seguinte maneira:

Dicionário	Étimo	Datação
Houaiss (online)	lat. <i>navīgatīo, ōnis</i>	1385
Aurélio (2009)	lat. <i>navigazione</i>	Ø
Michaelis (1998)	lat. <i>navigazione</i>	Ø

Houaiss afirma que este elemento se encontra na obra *Descobrimentos Portugueses* (1944) de João Martins da Silva Marques. Como não tivemos acesso a essa obra, não pudemos citar o trecho do livro que apresenta essa e nem sua acepção.

Não encontramos nenhuma atestação mais antiga no *Corpus do português*.

No vocabulário de Bluteau (1728, p. 689) encontramos a seguinte atestação para navegação:

O andar por agua, & particularmente no mar. Aquelle que inventou esta Arte, enſinou aos homens o modo de andar por hum elemento, pelo qual ló andavão os peixes. Delta melma Arte, q~ antes de inventada poderia parecer ſuperior à natureza, resultarão grandes conveniencias para o commercio [...]

Vemos aqui a “navegação” sendo vista como uma arte e doutrina, da mesma maneira que ocorre com o material das línguas germânicas acima apresentado.

Nos dicionários de etimologia da língua portuguesa encontramos as seguintes atestações:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Machado (1995)	nauegaçam	lat. navigatione-	1510
Cunha (1999)	nauegaçam	lat. navigatio	XIV
VHCPM (2007)	X	X	X

De acordo com o *Corpus do Português*, o documento mais antigo com essa cognata se encontra em *Mosteiro de Santa Maria da Vitória do século XV* (1499)¹⁸³ e tem a acepção voltada ao “arte, ofício de viajar ao mar”:

[...] Dom Manuel [...] daquém e dalem maar em Africa Senhor de guine e da conquista nauegacam e comércio d'etiopia arabia persia e jndia [...]

Na obra de João de Barros (*Décadas da Asia*, do séc. XVI) afirma-se:

[...] convém que saibamos como no título da real Coroa destes reinos, se compreendem três cousas distintas ûa da outra [...] a primeira é conquista, a qual trata da milícia; a segunda navegação, a que responde a geografia, e a terceira comércio, que convém da mercadoria.

Entendemos o trecho acima que *navegação* tem a acepção de “arte, ofício”, que trata da análise do espaço para que ocorra a navegação.

Alguns trechos do Diário de bordo de Fernão de Magalhães (cerca de 1525), retirado do *Corpus do Português*:

Trecho 1: *[...] e tem mays indústria na arte da navegação [...]*

Trecho 2: *[...] e home entendido na arte da navegação [...]*

Trecho 3: *[...] e a navegação do mar perigosa [...]*

Trecho 4: *Não tem navegação mays q algûas almadias pequenas e poucas [...]*

Trecho 5: *[...] por q hyão enfadados daquela longa e duvidosa navegação [...]*

Trecho 6: *[...] podem ser mil e oytocêtas leoguas pouocomays ou menos, segundo a navegação fezerão do estreyto de magalhães.*

Espanhol:

Nos Corominas encontramos a seguinte entrada:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
COROMINAS (1984)	navegación	Ø	1440

¹⁸³ Apesar do *Corpus do Português* não datar, determinamos essa data porque o primeiro rei a utilizar essa Titulatura foi o D. Manuel I de Portugal em 1499.

De acordo com Corominas, a atestação da cognata espanhola se encontra na obra *Visión deleitable* de Alfonso de la Torre. Acreditamos seja esse o trecho a qual Corominas se refere (retirado do corpus do espanhol):

ANSI como sobre el andar delos caminhos por la tierra & la nauegación por la mar.

A respeito da acepção “arte da navegação”, encontramos entradas no Corpus do Espanhol. A mais antiga é de 1520, obra de Bartolomé de las Casas chamada *Brevísima relación de la destrucción de África*:

[...] mandó poner mucha diligencia sobre que se hiciese arte de navegar, y encomendólo a dos médicos [...] Martín de Bohemia, que decía haber sido discípulo de Juan de Monte Regio, grande astrónomo, los cuales hallaron esta cierta manera de navegación, de que agora usamos por el altura del Sol [...]

Italiano:

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
ZINGARELLI	navigazione	navigatiōne(m)	1308
Deli	navigazione	Ø	1304-1308

De acordo com o Deli, a cognata italiana se encontra em Dante. Com base no corpus OVI *dell'Italiano antico*, a cognata se encontra na obra *Convivio* (IV, cap. 28). Trecho:

[...] la naturale morte è quasi a noi porto di lunga navigazione e riposo.

[...] a morte natural é como se fosse nosso porto de longa navegação e ropouso.

Francês:

Nos dicionários de francês (incluindo os etimológicos):

Dicionário	Forma	Étimo	Datação
Le Petit Robert (2014)	navigation	lat. navigatio	1265
TLF	navigation	lat. navigatio	1284 e 1538
DAUZAT (1993)	navigation	Ø	XIII (J. De Meung)
LAROUSSE	navigation	X	1265 (de Meung)

TLF afirma que *navigation* tem duas etimologias:

- 1) 1284: sentido de “viagem sobre o mar” e atesta o livro *Art de Chevalerie* de Jean de Meung, que é uma tradução da obra *De Re Militari* de Flavius Vegetius. Trecho tirado do livro de Robert (1897):

Mais puis la natevité de navigacion, c'est a dire puis que li tans de nagier est commenciés [...] (p. 169)

"Mas depois do nascimento da navegação, quer dizer, depois que começamos ir ao mar" (trad. nossa)

- 2) 1538: sentido de “ação de viajar sobre a água” e “arte e ofício do navegador” e atesta que tirou tal informação do dicionário de Robert Estienne *Dictionarium latinogallicum*.

As edições afirmam o seguinte:

(1539 e 1549) – *Naigation, Nauigatio. Selon que les nauigations aurons cousté, Quanti nauigationes constiterint* (p. 401 e 325)

(1543) - *Nauigatio, nauigationis, verbale, Nauigation* (p. 469)

(1552) - *Nauigatio, nauigationis, Verbale. Cic. Navigation, Navigage*

No dicionário de Nicot (1606) há a seguinte entrada:

Navigation, Nauigatio.

*Selon que les navigations aurent cousté, Quanti nauigationes constiterint.*¹⁸⁴

Latim:

Apesar do *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine* de Ernout & Meillet não tratar do verbete *navigationem*, o *Lexicon Totius Latinitates* de Forcellini atesta sua existência no período de Cícero. Procuramos algumas atestações no período:

[...] nulla enim post hiemen fuit ante eam diem navigatio (Cicero, Epistulae ad Familiares, livro 10, 33)

“[...] pois foi o primeiro dia desde o inverno que a navegação foi possível” (trad. Nossa)

[...] eosdem aiebant nuntiare te prima navigatione transmissurum (Cicero, Epistulae ad Quintum, livro 2, 4)

“você tinha a intenção de atravessar tão breve quanto a navegação fosse possível” (trad. nossa)

Isso nos mostra que a língua latina já tinha um elemento lexical com o sentido de “viajar pelo mar” e que ele não foi uma criação de nenhuma língua romana.

¹⁸⁴“Dependendo de quanto a navegação irá custar” (trad. nossa)

3.8.2 Determinação do étimo

Terminus a quo (mais antigo ao mais novo)

Mundo Romano	
Francês	1284 “viagem ao mar”; 1538 “ação de viajar na água” e “arte e ofício de navegador”
Italiano	1304-1308 “ato de navegar” Não encontramos nada no período com acepção de “arte de navegar”
Português	1385 “sem acepção”; 1499 “arte, ofício de navegar”;
Espanhol	1440 “ato de navegar”; 1520 “arte de navegar”
Mundo Germânico	
Inglês	1533 “ação de navegar”; 1559 “arte ou ciência de direcionar os movimentos dos navios no mar”
Holandês	1549
Alemão	1589
Sueco	1617
Dinamarquês	1707
Dinamarquês na Noruega	1766
<i>Bokmål</i>	1892
<i>Nynorsk</i>	1916

1) A respeito das línguas de influência em determinados temas, espera-se que *navegação* seja um elemento lexical necessário para línguas de regiões que se utilizam desse meio de comércio. Mesmo assim, teríamos um grande número de regiões (Portugal, Espanha, França, Holanda, norte da Alemanha, Dinamarca, etc.) e não poderíamos fazer uma hipótese mais certa.

O ideal provavelmente seria relacionar países com tradição de navegação com países que foram importantes divulgadores de cultura e literatura. De acordo com Maurer Jr. (1951), a França tinha um grande centro ou centros de irradiação, onde criavam e, sobretudo, dissipavam inovações de forma e estrutura linguística. No período em que se formavam as línguas românicas, a França teve sua hegemonia pela rica literatura nela florescente e pela cultura latina (universitária, teológica, filosófica, etc) (p. 218) e esse período de influência é anterior ao apogeu de navegação de Portugal e Holanda, por exemplo. Em suma, a França, com sua literatura e cultura de divulgação, poderia ter registrado esse elemento lexical muito antes do período em que regiões como Holanda, Portugal, Espanha e norte da Alemanha tivessem escrito alguma coisa sobre a navegação.

2) A relação entre escrita e pronúncia pode nos ajudar nos empréstimos dentro da Península Ibérica. Alguma língua desse local emprestou o elemento lexical, que sofreu metamorfismo *-i- > -e-* e, assim, passou a ser registrado na grafia; em seguida, este elemento foi emprestado para outras línguas da Península. De certa maneira, isto está relacionado com o procedimento (3) abaixo. Também é possível que alguma dessas línguas da Península Ibérica tenha herdado a palavra latina *navigatio* (e por isso a forma é herdada, como seria possivelmente *navegação* e, então, não seria um metamorfismo), em que ocorreu a influência da pronúncia na escrita. Em seguida, o elemento lexical que surgiu, com pronúncia herdada, foi emprestado para as outras línguas.

3) O radical é *navig-* e remete ao latim; portanto, não seria um radical exclusivo de nenhuma língua descendente. O radical *naveg-*, por outro lado, não remete ao latim e nos fornece informações importantes. Uma vez que todas as línguas da Península Ibérica têm a forma com *-e-* (arag. ast. cast. gal. *navegación*, cat. *navegació*, oc. *navegacion* e pt. *navegação*) pode-se criar a hipótese de que a vogal *-e-* no radical *naveg-* sofreu um metamorfismo¹⁸⁵ após o empréstimo do latim ou do francês, uma vez que ocorreu em um radical culto a passagem do latim *-ĩ-* para *-e-*, que é comum a todas as línguas vernáculas; as outras línguas mantêm o *-i-* que caracterizam o radical como culto. Também é

¹⁸⁵ i.e. modificação fonética que ocorre em um cultismo por analogia com metaplasmos que ocorrem em palavras herdadas

possível que esse elemento lexical seja herdado no português, uma vez que por meio do desenvolvimento fonético de *navigat-* resulta-se um *navegaç-* (mas também, de acordo com o metaplasma do NEHilP, *naviguez-*, *navigaç-*, *navilz-* e *naviaç-*). O problema é que esse elemento surgiu apenas tardiamente na línguas portuguesa (1385) e espanhola (1440). A primeira hipótese, portanto, seria a mais provável: em alguma das línguas ibéricas (provavelmente o português por ter a atestação mais antiga) ocorreu o empréstimo de *navigatio* (latim) ou *navigation* (francês) e, talvez, por ser muito utilizada, ele sofreu um metamorfismo e, em seguida, emprestou para os outros dialetos.

Por outro lado, há outros elementos lexicais anteriores à entrada do termo *navegação*, mas com o mesmo radical. As mais antigas, de acordo com o *Corpus do Espanhol*, é *nauegar* (siete partidas, 1252-1284). Com base no *Corpus do Português* e no VHCPM, *navegar*, *navegantes*, *navegam* existem desde o séc. XV. Portanto, podemos concluir que *navegação* possa ser uma derivação na própria língua portuguesa (em 1385) com base no verbo *navegar*, que possivelmente existia antes dessa data (encontramos *navegar* apenas em 1419). A respeito do verbo *navegar*, não o encontramos no séc. XIII, o que pode implicar um empréstimo do espanhol *nauegar*, que existe desde o séc. XIII (*Siete partidas*), e isso fez com que pudesse formar a cognata *navegação* no português; além do mais, ela não seria um empréstimo do espanhol, porque surgiu apenas em 1440, ou seja, depois do português. O empréstimo do verbo *navegar* diretamente do latim, seguido de metamorfismo, também seria possível.

4) Aqui a hipótese dos cruzamentos panromânicos de Freitas (2013) não se confirma. O elemento lexical apareceu primeiramente no francês (1265), que foi a língua de divulgação de cultura, mas não temos nenhuma prova de que a cognata no italiano (1304-1308) não tenha sido um empréstimo direto do latim e possa também ter emprestado às outras línguas (até mesmo a alguma língua ibérica como português ou espanhol, que teria realizado o metamorfismo). Com relação ao português, caso não seja um empréstimo do francês seguido de metamorfismo, também poderia ser uma derivação na própria sincronia do português antigo. O espanhol, assim como as outras línguas ibéricas, por sua vez, provavelmente emprestou a cognata correspondente do português por conta da presença do -e- no radical e por apresentar abonação posterior, mas também

é possível que o espanhol tenha derivado a partir do verbo *navegar* (que existe desde o séc. XIII) e tenha emprestado para outras línguas românicas, menos o português em que a cognata aparece anterior a 1440. As línguas românicas que têm o radical com *-i-* poderiam ter emprestado a cognata francesa ou latina.

5) Por termos estudados as acepções do elemento lexical, conseguimos definir os caminhos que elas tomaram em outras línguas. A acepção básica, “ato de viajar”, pode ter sido um empréstimo do latim com metamorfismo (no caso do português) e sem metamorfismo (no caso do francês) ou até mesmo uma derivação em cada uma dessas línguas a partir do verbo (*navegar* e *naviguer*), mas o surgimento da acepção “arte de navegar” foi criada na língua portuguesa (1499), que possivelmente emprestou para o francês (1538) e, este, para o inglês (1559), mas também é possível que o próprio português tenha emprestado diretamente para o inglês, por ser uma grande potência de navegação no período.

Além do *terminus a quo*, os procedimentos 3) e 5) também nos ajudam para a definição do étimo desse elemento lexical.

3.8.3 Fichas

3.8.3.1 Para o português

Navegação s.f.

Acepção: “arte de navegar”

(◀ 1499 nova acepção criada para a *navegação*, 1385 ← *navegar* ◀ esp. *navegar*).

(◀ 1499 nova acepção criada para a *navegação*, 1385 ← *navegar* ◀ lat. *navigare*¹⁸⁶).

(◀ 1499 nova acepção criada para a *navegação*¹⁸⁷, 1385 ◀ fr. *navigation* 1284 ◀ lat. *navigatio*).

¹⁸⁶ Com processo de metamorfismo: *-i-* > *-e-*.

¹⁸⁷ Com processo de metamorfismo: *-i-* > *-e-*.

(◀ 1499 nova acepção criada para a *navegação*¹⁸⁸, 1385 ◀ lat. *navigatio*).

Comentário: o elemento lexical com a acepção “arte de navegar”, independente do trajeto (derivação no próprio português, empréstimo do francês ou latim com processo de metamorfismo), é uma criação da língua portuguesa. A origem do significado é portuguesa e do significante, latina. O português parece ter sido a primeira língua a utilizar o elemento com essa acepção, com base em [...] *Dom Manuel [...] daquém e dalem maar em Africa Senhor de guine e da conquista nauegacam e comércio d'etiopia arabia persia e jndia [...]*.

1499. *Mosteiro de Santa Maria da Vitória do século XV*

Abonação não disponibilizada pelo Houaiss

Origem do significado da acepção: portuguesa

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: formada no português

Local: Corpus do português

3.8.3.2 Para o norueguês:

Navigasjon (s.m.)

20% (◀ din. na Noruega *navigation* 1766 ◀ din. *navigation* 1707 ◀ sue. *navigation* 1617 ◀ [ale. *Navigation* 1589] ◀ [hol. *navigatie* 1549] ◀ [fr. *navigation* 1538] ◀ pt. *navegação* 1499)

20% (◀ din. na Noruega *navigation* 1766 ◀ din. *navigation* 1707 ◀ ale. *Navigation* 1589 ◀ hol. *navigatie* 1549 ◀ [fr. *navigation* 1538] ◀ pt. *navegação* 1499)

20% (◀ din. na Noruega *navigation* 1766 ◀ din. *navigation* 1707 ◀ hol. *navigatie* 1549 ◀ [fr. *navigation* 1538] ◀ pt. *navegação* 1499)

20% (◀ din. na Noruega *navigation* 1766 ◀ din. *navigation* 1707 ◀ fr. *navigation* 1538 ◀ pt. *navegação* 1499)

20% (◀ din. na Noruega *navigation* 1766 ◀ din. *navigation* 1707 ◀ pt. *navegação* 1499)

¹⁸⁸ Com processo de metamorfismo: -i- > -e-.

Comentário: o elemento lexical do *bokmål* tem étimo dinamarquês porque ele já estava sendo utilizada por muito tempo na Noruega. Se teve intermédio para o dinamarquês do sueco, alemão ou holandês não conseguimos descobrir. É muito provável que foi o francês que emprestou para as línguas germânicas. De acordo com as abonações, foi o holandês a primeira a utilizar e a primeira abonação do alemão é uma tradução do holandês, portanto, a cognata alemã tem étimo holandês. É possível que o francês tenha emprestado o elemento do português, pois, como vimos, foi a primeira língua a utilizar com a acepção de “arte de navegar”.

1892. *Illustreret verdensgeografi: skildringer og livsilleder: lande og folk.*

1 de Yngvar Nielsen

Trecho: I den navigation som hørte med til jægteseilassen, dannet de det første grundlag¹⁸⁹

Origem do significado da acepção: portuguesa

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: dinamarquês

Local: Biblioteca Nacional norueguesa

Consideramos que a cognata está em um texto norueguês, mesmo anterior 1907, porque ele tem as seguintes características:

- *ta, drar* em vez do din. *tage, drage* “pegar”, “ir, viajar”
- *skog, brøt, ute, aapen, bak, like* em vez do din. *skov, brød, ude, aaben, bag* e *like* “floresta, rompeu, fora, aberto, atrás, igual”
- supressão do morfema *–t*, que marca adjetivos neutros, em elementos lexicais terminados em *–ig* como, por exemplo, *almindelig, rimelig*, em vez de *almindeligt, rimeligt* “comum, justo”

¹⁸⁹ Eles construíram o primeiro fundamento na navegação que estava ligada à “viagem de navio para caça” (trad. nossa)

- *far* em vez de *fader* "pai"

Nynorsk:

20% (◀ nbok. *navigation* 1892 ◀ din. na Noruega *navigation* 1766 ◀ din. *navigation* 1707 ◀ sue. *navigation* 1617 ◀ [ale. *Navigation* 1589] ◀ [hol. *navigatie* 1549] ◀ [fr. *navigation* 1538] ◀ pt. *navegação* 1499)

20% (◀ nbok. *navigation* 1892 ◀ din. na Noruega *navigation* 1766 ◀ din. *navigation* 1707 ◀ ale. *Navigation* 1589 ◀ hol. *navigatie* 1549 ◀ [fr. *navigation* 1538] ◀ pt. *navegação* 1499)

20% (◀ nbok. *navigation* 1892 ◀ din. na Noruega *navigation* 1766 ◀ din. *navigation* 1707 ◀ hol. *navigatie* 1549 ◀ [fr. *navigation* 1538] ◀ pt. *navegação* 1499)

20% (◀ nbok. *navigation* 1892 ◀ din. na Noruega *navigation* 1766 ◀ din. *navigation* 1707 ◀ fr. *navigation* 1538 ◀ pt. *navegação* 1499)

20% (◀ nbok. *navigation* 1892 ◀ din. na Noruega *navigation* 1766 ◀ din. *navigation* 1707 ◀ pt. *navegação* 1499)

1916. *Utvalde skrivter. 1* de Rasmus Steinsvik:

Trecho: *eg veit ikkje um dei lærer navigation av dette slaget paa skipperskulane*¹⁹⁰

Origem do significado da acepção: portuguesa

Origem do significante da acepção: latina

Étimo de empréstimo: *bokmål*

Local: Biblioteca Nacional norueguesa

Origem do significante:

De acordo com Mallory & Adams (2006, p. 249), o elemento lexical latino *navis* tem cognatas $\cong$ gr. *naûs* $\cong$ Alr. *nāu* $\cong$ Oss. *naw* $\cong$ sanscr. *nau-*, todos significando "barco" (< IE **néhaus* "barco" $\leftarrow$ **(s)néha-* "nadar").

No latim:

navis "navio" + *agĕre* $\rightarrow$ **nauagere* > ***nauigare***

¹⁹⁰ Eu não sei se eles ensinam navegação desse modo nas escolas de navio (trad. nossa)

nauigare > *nauigatus* + *io* → ***nauigatio***

O verbo *nauigare* se formou a partir da metafonía a/i do radical e da mudança da conjugação, como ocorre com outros verbos como:

- *sedere* "sentar, estar sentado" X *sedare* "acalmar, assentar, fazer sentar, apaziguar"; "parar, seder" (ERNOUT & MEILLET, [1932 (2001⁶)], p. 609-610);

- *placere* "agradar, satisfazer" X *placare* "tentar concordar, aceitar, agradar" (ERNOUT & MEILLET, [1932 (2001⁶)], p. 511);

- *dicere* "dizer, declarar" X *dicare* "dedicar, devotar, consagrar, atribuir"

De acordo com Ernout & Meillet 1932 (2001⁶), tais verbos da primeira conjugação apresentam um aspecto causativo e, portanto, "navegação" poderia ter um sentido de "fazer mover-se o navio".

3.9 Plastinação/Plastinasjon

3.9.1 Apresentação dos dados

3.9.1.1 Mundo germânico

Norueguês

Este elemento lexical não está registrado em nenhum dicionário norueguês. Além do mais, nem *Google Books* nem na Biblioteca Nacional norueguesa foram encontrados resultados sobre ele. Na *web*, por outro lado, foram encontrados 32 resultados e a maioria é do ano de 2002. São eles:

Metoden som von Hagens bruker for å konservere de døde kroppene, kalles plastinasjon [...] (jornal NRK, 27 de fevereiro de 2002¹⁹¹).

“O método que von Hagens utiliza para conservar os corpos mortos, chamado de plastinação [...]” (trad. nossa)

Den tyske legen Günther von Hagens har brukt sin lidenskap for menneskets anatomi til å gjøre karriere som kunstner. Med utgangspunkt i en teknikk han startet å utvikle i 1977, kalt plastinasjon [...] (Jornal Dagens Medisin, 11 de março de 2004¹⁹²).

“O médico alemão Günther von Hagens tem utilizado sua paixão pela anatomia humana para fazer carreira na arte. Com ponto de partida em uma técnica que ele começou a desenvolver em 1977, chamada plastinação” [...] (trad. nossa)

Plastinasjon kaller han [von Hagens] teknikken, som på mange måter er en slags variant av utstopping. (jornal VG, 24 de março de 2010)

“Plastinação é chamada por ele [von Hagens] a técnica que de várias maneiras é um tipo de variante taxidermia.” (trad. nossa)

¹⁹¹ Disponível em <https://www.nrk.no/viten/doden-pa-utstilling-1.1850595>

¹⁹² Disponível em <http://www.dagensmedisin.no/artikler/2004/03/11/vil-du-bli-et-vakkert-lik/>

Cognatas em outras línguas germânicas

No Dinamarquês (publicado na dinamarca)

Também não foram encontrados registros nem em dicionários nem no *Google Books*. No *Google* há 29 resultados para esse cognato correspondente, que foi introduzido pela primeira vez em 2008 na língua dinamarquesa:

De er blevet præsserveret ved hjælp af en metode kaldet plastination. (Revista Aniston, 29 de setembro de 2008¹⁹³).

“Eles foram preservados com ajuda de um método chamado plastinação” (trad. nossa)

No sueco

Também não foram encontrados registros nem em dicionários nem no *Google Books*. No *Google* há 29 resultados para esse cognato correspondente, que foi introduzido pela primeira vez em 2006 no sueco:

Plastination. Tysken Gunter von Hagen tar ett ovanligt grepp i sitt konstskapande, när han torkar människolik, preparerar dem med plast och sedan visar upp muskler och organ för allmänheten (site de notícias Mynews, 17 de novembro de 2006¹⁹⁴).

“Plastinação. O alemão Gunther von Hagen se engaja de maneira incomum em sua arte, quando ele seca antropomorfos, prepara-os com plástico e, em seguida, mostra os músculos e órgãos para o público” (trad. nossa).

No inglês:

Nos dicionários de inglês esse cognato também não está registrado. A primeira abonação encontrada está em um resumo de 1981 da revista *Acta Anatomica* (Vol. 111, no. 1-2, p. 140):

[...] recommended as a most useful dehydration method for plastination and paraffinization.

¹⁹³ Disponível em <http://aniston.dk/bodies-udstilling-i-koebenhavn.49911.html>

¹⁹⁴ Disponível em <http://www.mynews.se/Plastination-goer-doeden-till-konst,170404.html>

Em um *website* que trata da vida do cientista, o *Body Worlds*, afirma-se que ele descobriu e desenvolveu o processo de *plastinação* entre 1977 e 1995 e que sua primeira maior publicação foi em 1979 e chama-se *Impregnation of Soft Biological Specimens with Thermosetting Resins and Elastomers*. Entretanto, nesse artigo o elemento lexical não é citado. O autor também patenteou nos EUA¹⁹⁵ e na Grã-Bretanha¹⁹⁶ sua descoberta e em nenhuma das patentes ele foi citado. Há apenas o seguinte trecho nas patentes norte-americanas:

The chest and abdominal cavity of the rat were opened. All details of the plastic-impregnated anatomical structure were fully preserved including the eyes, the plexus, brachialis, the vessels of the mesentery, but also the individual hairs of the fur.

No alemão

Não encontramos a cognata correspondente em nenhum dicionário até agora utilizado. No DUDEN (*Deutsches Universalwörterbuch*), por outro lado, ela é citada como método de conservação.

A primeira abonação do cognato alemão também é da mesma revista que a abonação inglesa citada acima. Trecho de um resumo de M. F. Lischka, R. Mayr, W. Mayerhoffer da revista *Acta Anatomica* (1981, Vol. 111, no. 1-2, p. 92):

Mit einem neuen Kunststoffimprägnationsverfahren "Plastination" [1] können erstmals (...)

"Com um processo de impregnação de plástico (sintético) "plastinação" [1], pela primeira vez podem [...]" (trad. nossa)

Também analisamos a primeira patente alemã DE 27 10 147, que foi criada em 1978, e não encontramos a abonação dessa cognata. Porém, encontramos a descrição do processo:

¹⁹⁵ USA patents 4,205,059 (1981), 4,244,992 (1981), 4,278,701 (1982), 4,320,157.

¹⁹⁶ GB patente 27 10 147 (1978)

Es liegt eine plastifizierte Maus vor, deren Brust- und Bauchhöhle eröffnet ist.

“Está à disposição um rato plastificado, cuja cavidade do peito e barriga está aberta” (trad. nossa)

Também há uma patente austríaca (AT360272 (B)), mas a cognata não foi encontrada nela.

Como não há mais dados, podemos concluir que há 50% de chances desse elemento lexical ter sido criado no inglês e 50%, no alemão. O fato de o inventor ser alemão não justifica uma preferência pela por um elemento lexical alemão, uma vez que ele mesmo publicou seu principal artigo em inglês.

No holandês

A cognata correspondente holandesa também não se encontra nos dicionários holandeses. No *Google Books* a primeira atestação é de Lundelin & James-Kester (1998):

Professor Von Hagens en zijn team verwijderen vuil uit de voorkant van een mannenlichaam op een fluorescerend rooster alvorens tot de plastinatie [...] (p. 74)

“Professor Von Hagens e sua equipe removem sujeira da frente de um corpo humano por meio de uma grade fluorescente antes da plastinação (....)” (trad. nossa)

3.9.1.2 Mundo românico

Português:

Da mesma maneira que as línguas germânicas, nenhum dicionário de português reconhece uma cognata *plastinação*. Buscamos em acervos de revistas e jornais como, por exemplo, da *Veja* (1998), *Estadão* (1997), *Folha de São Paulo* (2003), no *Corpus do Português* e também no *corpus* de Portugal chamado *Linguateca* com mais de 1 bilhão de palavras, que existem em jornais, revistas brasileiros, portugueses e de Moçambique.

O primeiro registro se encontra num pedido de credenciamento em 1991 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro do curso de pós-graduação em Anatomia Humana, em nível de mestrado. Além disso, para aprimorar a qualidade do mesmo está a uma das seguintes medidas:

Criação de um laboratório de plastinação, que é um novo método de conservação de cadáveres, inicialmente desenvolvido na Alemanha e já em uso na USP e na UFF¹⁹⁷

Embora, muito possivelmente essa cognata esteja registrada numa data anterior a essa, uma vez que segundo o documento já havia o laboratório de *plastinação* na USP e na UFF, tomaremos como *terminus a quo* a data de 1991.

Espanhol:

Também não encontramos uma cognata correspondente no espanhol em nenhum dos dicionários de espanhol até agora consultados. Pelo *Google Books* encontramos como primeiro registro um documento da Universidade Nacional Autônoma de México chamado de *Metas Mínimas de Trabajo* (1988):

Asimismo se pretende la adaptación de um espacio para el Laboratorio de plastinación [...] (p. 32)

No *Corpus do Espanhol* encontramos na data de 1998 e no *Corpus da Real Academia Española* na data de 2002, portanto o *terminus a quo* é 1988.

Italiano:

Também não há o registro de uma cognata italiana em dicionários italianos. No *Google Books* o primeiro registro está no livro *Enciclopedia Medica Italiana* (1984):

¹⁹⁷ Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/cd005487.pdf>

[...] è oggi possibile ottenere la conservazione di pezzi con gradi di consistenza i più disparati: dall'estremamente duro al notevolmente morbido e plastico (plastinazione) (p. 2063).

(...) hoje é possível obter a conservação de partes com graus de consistência de maneiras muito diversas: do extremamente duro ao notavelmente suave e plástico. (trad. nossa)

Francês:

Como em todos os outros casos, não encontramos o registro de uma cognata francesa nos dicionários franceses. Não temos acesso ao *Frantext* por ser de uso apenas de assinantes. Como registro mais antigo, encontramos no *Google Books* o livro *La Plastination: de la Theorie a la mise em Application*, de Philippe Poncot (1993).

Também há uma patente francesa (FR2382855), mas não foi encontrada uma abonação desse item lexical.

3.9.2 Determinação do étimo

Terminus a quo (mais antigo ao mais novo)

Mundo Romano	
Italiano	1984
Espanhol	1988
Português	1991
Francês	1993
Mundo Germânico	
Inglês	1981
Alemão	1981

Holandês	1998
<i>Bokmål</i>	2002
Sueco	2008
Dinamarquês	2008
<i>Nynorsk</i>	Não consta

1) A respeito das línguas de influência em determinados temas, tanto a língua inglesa quanto a alemã são línguas de ciência já no séc. XX e ainda nos dias de hoje.

2) A relação entre escrita e pronúncia não nos proporciona nenhuma pista para a investigação do étimo, uma vez que cada língua pronuncia o radical *plastin-* da usa maneira, uma vez que o elemento lexical entrou pelo meio escrito e não oral.

3) O radical do elemento lexical é *plastin-* e ele não tem significado algum em nenhuma das línguas românicas ou germânicas. Trata-se de uma invenção que utiliza um radical *plast-*, um interfixo *-in-* e o sufixo *-ação*. O que confirma mais ainda essa hipótese é não haver nenhum registro de forma verbal anterior às abonações do substantivo, quer dizer, *plastinieren* e to *plastinate* “plastinar” surgem depois de *plastination*.

4) Não aplicaremos aqui os cruzamentos panromânicos de Freitas. Por ser um elemento lexical inventado, obviamente ela teria um ponto de partida apenas na língua que o criou.

5) Uma vez que ele tem uma única acepção para todas as línguas, este campo de semântica não é relevante para o estudo da etimologia.

Apenas *terminus a quo* ajuda de alguma maneira na definição da etimologia do elemento lexical em estudo. O procedimento (1) proporciona duas opções: o inglês e o alemão, mas também há elementos lexicais científicos do séc. XX criados, por exemplo, no italiano.

3.9.3 Fichas

3.9.3.1 Para o português

Plastinação (s.f.)

33,33% (◀ esp. *plastinación* 1988◀ [it. *plastinazione* 1984] ◀ ing. *plastination* 1981 ou ale. *Plastination* 1981)

33,33% (◀ it. *plastinazione* 1984 ◀ ing. *Plastination* 1981 ou ale. *Plastination* 1981)

33,33% (◀ ing. *plastination* 1981 ou ale. *Plastination* 1981)

1991. *Pedido de credenciamento em 1991 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro do curso de pós-graduação em Anatomia Humana, em nível de mestrado*

Entrada não disponibilizada no Houaiss

Origem do significado da acepção: alemã ou inglesa

Origem do significante da acepção: neologismo com sufixo latino

Étimo de empréstimo: 50% alemão, 50% inglês

Local: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cd005487.pdf>

Comentário: O significante da acepção é um neologismo, pois tem um radical *plast-*, que remonta ao “plástico”, junto com um interfixo *-in-* e o sufixo latino *-tion*.

3.9.3.2 Para o norueguês

Plastinasjon (s.m.):

Bokmål:

50% (◀ hol. *plastinatie* 1998 ▶ ing. *plastination* 1981 ou ale. *Plastination* 1981)

50% (◀ ing. *plastination* 1981 ou ale. *Plastination* 1981)

2002. Jornal *online* NRK, 27 de fevereiro de 2002

Entrada não disponibilizada nos dicionários noruegueses

Origem do significado da acepção: alemã ou inglesa

Origem do significante da acepção: neologismo com sufixo latino

Étimo de empréstimo: 50% alemão ou inglês, 50% holandês

Local: <https://www.nrk.no/viten/doden-pa-utstilling-1.1850595>

Origem do significante:

Ele foi inventado pelo criador da palavra, como explicado acima.

4 Considerações finais

O objetivo dessa dissertação, como mostrado no subcapítulo 1.1., foi realizar a etimologia de elementos lexicais internacionais (*internacionalismos*), utilizando alguns exemplos de palavras sufixadas em *-ção* na língua portuguesa e que têm cognatas na língua norueguesa (*-sjon*). No mesmo subcapítulo indagamos sobre quais outros meios poderiam ser utilizados para definir o étimo de um internacionalismo quando a forma das cognatas nada indica e, então, definimos 5 procedimentos:

- (1) atribuição da palavra a uma determinada especializada (tema)
- (2) a representação escrita em correspondência com a pronúncia;
- (3) a consideração do radical (sua forma e significado);
- (4) cruzamentos panromânicos, como apresentado por Freitas (2013);
- (5) a semântica da palavra

Após a análise dos elementos lexicais sufixados em *-ção*, concluímos que o procedimento (1) não é muito decisivo para fortalecer a determinação do étimo porque estes elementos geralmente fazem parte de temas que envolvem a ciência e a filosofia, que não são exclusivos de nenhuma língua; no entanto, pode nos dar alguma dica, como ocorre com o elemento lexical *aberração*, tanto na acepção óptica quanto na astronômica, que possivelmente seria um elemento lexical alemão, inglês, francês, italiano ou latino. Por meio do *terminus a quo*, contudo, definimos que o elemento com acepção astronômica é latino e, com acepção óptica, italiano. A respeito do elemento lexical *argumentação*, que tem a acepção de “condução de provas”, percebemos que tenderia a ir na direção dos temas Direito e Retórica, dos quais se escreveu muito na língua latina. O elemento lexical *infecção*, com a acepção de tema da medicina, poderia ter principalmente ocorrido em línguas de regiões com grande influência na medicina como, por exemplo, a França e a Itália. Em vista disso, o procedimento (1) pode ajudar a nos dar uma pista para a determinação do étimo.

De toda a amostragem utilizada, o procedimento (2) foi aplicado apenas parcialmente e hipoteticamente ao elemento lexical *navegação*. Em

algumas das línguas ibéricas pode ter ocorrido o empréstimo do elemento lexical *navegação*, que sofreu o metamorfismo *-i- > -e-* e, em seguida, emprestou para as outras línguas. Este procedimento está interligado com o (3), que se encontra abaixo.

O procedimento (3) foi aplicado apenas ao elemento lexical *navegação*. Demonstramos que a variação de radical *navig-* e *naveg-* pode apresentar dois caminhos diferentes que o elemento lexical percorreu. O radical *navig-* remete ao latim e, em vista disso, não seria um radical exclusivo de nenhuma língua descendente; o radical *naveg-*, por outro lado, remete apenas a línguas da Península Ibérica.

A respeito do procedimento (4) de Freitas (2013), em que se postula que não há “em duas ou mais línguas românicas o mesmo empréstimo latino, uma vez que tende a ocorrer primeiro em uma das línguas, e desta, passar para as outras” (p. 443), verificamos que ele não se aplica ao elemento lexical *infecção*, pois não foi apenas uma língua que espalhou o elemento lexical latino *infectio* para as outras, mas sim que houve no mínimo duas frentes principais (i.e. francês, que traduziu Mondeville; inglês, que traduziu Lanfranc, sem contar as traduções diretas do latim para espanhol, holandês e italiano que não tivemos acesso). Em vista disso, um elemento lexical latino científico de grande relevância foi traduzido para outras línguas vernáculas em épocas diferentes, mas isso não significa que tenha ocorrido empréstimos dentre as vernáculas. Este procedimento também não se aplica ao elemento lexical *adoção*, uma vez que, por ter uso jurídico e de grande uso social, ele poderia ter sido emprestado do latim para cada língua românica separadamente. O mesmo ocorre com o elemento lexical *argumentação*, pois vimos que não foi apenas uma língua que espalhou para todas as outras, mas sim que pode ter havido duas frentes principais (francês e italiano). A respeito do elemento lexical *libração*, a hipótese também não se confirma porque seria extremamente possível que tanto o francês quanto o italiano emprestassem esse elemento lexical da obra latina de Hevelius, já que ela era muito conhecida. A hipótese possivelmente se confirma com *gravitação*, uma vez que foi o inglês que emprestou do latim científico e o divulgou para as outras línguas e, também, *aberração*, tanto com a acepção astronômica,

que foi divulgada pelo francês, quanto com a acepção de “desvio” (e seus desdobramentos), que foi divulgada pelo inglês.

O procedimento (5) também tem sua importância porque, por meio do estudo das acepções da palavra, conseguimos definir o caminho que um elemento percorreu pelas línguas até chegar naquela estudada. Ele nos ajudou no elemento lexical *aberração*, *deflação*, *navegação*.

No caso do elemento *adoção* (e apenas com a acepção de “tomar como filho”), *gravitação*, *libração* e *plastinação*, apenas o *terminus a quo* foi relevante para a determinação do étimo.

Recapitulando nossa pergunta no subcapítulo 1.1. sobre *quais outros meios poderiam ser utilizados para definir o étimo de um internacionalismo quando a forma das cognatas nada indica*, concluímos que há uma grande complexidade, de fato, na análise de palavras com grande divulgação (como é o caso dos internacionalismos), uma vez que têm formas e até mesmo pronúncias parecidas. Estes meios citados acima, que chamamos de procedimentos em nossa dissertação, ajudam na pesquisa etimológica, pois nos dão pistas; no entanto, o principal elemento é a busca dos *termini a quo* de cada uma das línguas envolvidas no estudo.

Registramos o étimo e datação de cada uma das palavras da amostragem e cada um deles diverge do que registram os dicionários utilizados (Houaiss para o português e os cinco utilizados para o norueguês):

Aberração: o dicionário Houaiss afirma que tem étimo latino e que é uma derivação do verbo *aberrare*. Em nossa pesquisa determinamos que, com a acepção de “desvio”, há 25% de chances de o étimo provir do latim medieval, 25% francês, 25% inglês e 25% italiano; com a acepção da “astronomia”, 20% latino científico, 20% espanhol, 20% inglês, 20% italiano, 20% francês e, com acepção “óptica”, 25% italiano, 25% espanhol, 25% inglês e 25% italiano. O dicionário Houaiss, portanto, afirma que a palavra veio diretamente do latim; afirma ainda que a primeira abonação é de 1813, mas pela pesquisa descobrimos que a primeira abonação óptica é de 1797, de desvio é de 1812 e, por fim, a acepção astronômica é de 1813.

Aberrasjon: os dicionários noruegueses afirmam que o elemento lexical também vem do latim tanto para o *bokmål* quanto para o *nynorsk*. Em nossa pesquisa determinamos que, no *bokmål*, todas as acepções do elemento lexical têm étimo dinamarquês, sendo a primeira abonação no ano de 1910 para as acepções “desvio” e “óptica” e 1915, para a acepção “astronômica”. A respeito do *nynorsk*, não encontramos um elemento lexical com a acepção de “desvio”. O elemento lexical com acepção “astronomica” tem étimo dinamarquês e primeira abonação em 1911 e com acepção “óptica” tem étimo norueguês bokmål e primeira abonação em 1918.

Adoção: o dicionário Houaiss afirma apenas que a primeira datação está registrada no *Vocabulário do Português Medieval* de Cunha, quer dizer, não houve a preocupação em demonstrar no próprio dicionário a primeira abonação. No Vocabulário de Cunha há três abonações: duas no *Vita Christi em linguagem português* e uma na *Regra de nosso padre o muy bem aventurado sam Beão Abade*, ambas datadas como do séc. XV. Em nossa pesquisa, no entanto, propomos uma data exata (i.e. 1488). A respeito do étimo, o dicionário apenas remete, igual aos dicionários do norueguês, à origem do item lexical, registrando que *adoptio* vem de *adoptatio* “adoção, perfilhamento”, o que é errôneo pois cada um desses elementos lexicais vem de desenvolvimentos diferentes, como apresentado por Ernout & Meillet (1932 [2001⁶]) na parte latina da análise desse elemento lexical. Determinamos que o étimo pode ser 25% italiano, 25% espanhol, 25% francês e 25% latino.

Adopsjon: com relação ao *bokmål*, os dicionários NbUiB, NTG e ROB afirmam na parte da etimologia que esse elemento lexical vem do latim, mas na verdade eles querem dizer que o latim é a origem. O NbUiB registra que ele vem do lat. *ad* “para, até” e *optare* “escolher”, o NTG, que é um substantivo verbal do latim *adoptere* e o ROB, que vem do latim *adoptare*. Nenhum dos três dicionários apresentam o *terminus a quo*. Definimos o étimo como dinamarquês e que o *terminus a quo* se encontra no jornal *Trondhjems Adresseavis* em 1912. A respeito do *nynorsk*, determinamos que o étimo é norueguês bokmål com primeira abonação em 1916. O dicionário NyUiB também confunde a origem do elemento

lexical com o étimo, pois afirma que o étimo seria “do latim, formada a partir de *adoptere*”.

Argumentação: o dicionário Houaiss afirma que tem étimo latino. Em nossa pesquisa determinamos que há 100% de chances étimo ser latino medieval, pois a primeira abonação aparece na obra de Pedro Nunes, que é uma tradução da obra latina *Sphaera mundi* (1230) de Giovanni Sacrobosco. Portanto, neste caso o Houaiss está correto. Assim como o Houaiss afirma, a primeira abonação é de 1537.

Argumentasjon: apenas o NTG fala algo sobre a etimologia, que é um substantivo verbal latino de *argumentere* e nenhum deles coloca a datação. Em nossa pesquisa determinamos que, *nos dialetos noruegueses*, o primeiro registro é de 1893 e têm étimo norueguês *nynorsk*. O *bokmål* tem étimo no dinamarquês e primeira abonação em 1907 e o *nynorsk*, por fim, também tem étimo no dinamarquês e primeira abonação em 1869.

Deflação: o dicionário Houaiss apenas insere um *terminus a quo* (1926) e não indica a qual acepção está se referindo. Em nossa pesquisa definimos que a primeira abonação para a acepção “geológica” é 1954 e para a acepção “financeira”, 1920. No campo etimologia ele insere informações já contidas em outros dicionários a respeito do inglês, que a primeira abonação da acepção geológica é 1892 e que a primeira abonação da acepção econômica é 1920. Já que ele inseriu para o inglês o *terminus a quo* de cada acepção, não entendemos o motivo de não ter feito o mesmo para o português. O dicionário não define qual é, na verdade, o étimo desse elemento lexical português e apenas cita o significado dos componentes do item lexical latino *deflate* “soprar por cima”, que é uma composição formada pelo prefixo *de-* e o verbo *flo* “soprar, bafejar”. Determinamos que há 25% de chances do étimo do elemento lexical com acepção geológica ser: espanhol, francês, inglês ou alemão; e 50% de chances do elemento lexical com acepção “financeira” ser: alemão ou inglês. A origem do significante da acepção “financeira” pode ser alemã ou inglesa porque pode ter ocorrido tanto um empréstimo do elemento lexical alemão com acepção geológica e a inserção do significado financeiro quanto a uma inserção desse novo

significado financeiro inglês no significante que já havia nesse idioma com a acepção de “ação do ar sendo removido de alguma coisa”.

Deflasjon: o dicionário de norueguês NbUiB afirma que a palavra veio do latim, por meio do inglês; o NTG, que vem do prefixo *de-* e de *flatus*, quer dizer, é como se a palavra tivesse sido criada no próprio norueguês por meio de elementos latinos; o ROB, por sua vez, afirma que vem do latim *deflare* e, nesse caso, também nos dá a impressão de que foi o norueguês que derivou esse verbo e formou o elemento lexical *deflation*. Nenhum dos dicionários nos fornece a data da primeira abonação. Em nossa pesquisa determinamos que, no *bokmål*, o elemento lexical com acepção da “geologia” tem étimo dinamarquês e primeira abonação em 1920; o elemento com acepção “financeira” tem 50% de chances de ser alemão ou inglês e tem a primeira abonação em 1920. A primeira abonação no dinamarquês só surgiu em 1921. A respeito do *nynorsk*, a primeira abonação com acepção da “geologia” é de 1951 e tem étimo norueguês *bokmål*; já a primeira abonação com acepção “financeira” é de 1927 e também tem étimo no norueguês *bokmål*.

Gravitação: o dicionário Houaiss indica a obra e a data da primeira abonação (1726, *Portugal médico ou Monarquia médico-lusitana*) e afirma que o elemento lexical vem do inglês *gravitation* (cerca de 1645), que por sua vez vem do latim científico *gravitatio*. É um termo, segundo o dicionário, popularizado em francês pelas traduções das obras de Sir Isaac Newton. As considerações de Houaiss estão parcialmente corretas, mas a o elemento lexical, como vimos, não necessariamente vem do inglês. O termo pode sim ter sido popularizado por conta das traduções, mas não é algo que devemos tomar como único, pois há muitos artigos do final do séc. XVII na famosa revista científica *Philosophical Transactions of the Royal Society of London* em que aparece esse termo. Portanto, os principais divulgadores foram o inglês e o francês. Porém, a respeito do português, não temos nenhuma prova de que o termo veio diretamente dessas duas línguas, como também não temos nenhuma prova de que veio diretamente do italiano, latim científico ou alemão. Determinamos que há 25% de chances do étimo ser italiano, francês, inglês ou latino científico. A primeira abonação do Houaiss está correta.

Gravitasjon: o dicionário NbUiB afirma que o elemento lexical é uma nova formação latina a partir de *gravis* “pesado”. O NTG e o ROB afirmam que é uma nova formação latina a partir de *gravitere*. Os dois últimos estão corretos, pois ocorreu de fato uma derivação desse verbo latino, mas nenhum está de acordo com o que entendemos por etimologia. A afirmação dos dicionários faz parecer que foi o norueguês que formou esse elemento lexical com base no latim *gravis* ou de *gravitere*. Nenhum dos dicionários inseriram a primeira abonação. Determinamos que o étimo do *bokmål* é dinamarquês, com primeira abonação em 1908; o *nynorsk* também tem étimo dinamarquês, com primeira abonação em 1889.

Infecção: O dicionário Houaiss não deixa muito claro qual seria o étimo do elemento lexical, pois afirma que o latim tinha *infectio* na acepção de “ação de tingir, tintura” e, conseqüentemente, “mácula, desonra, estupro” e cita Joaquim Machado que supõe intermediação do fr. *infection* (sXIII) “mancha, mácula (de pecado)”, (1314) “invasão (de uma parte do corpo) por germes infecciosos” e (1484) “moléstia infecciosa”. Houaiss afirma que a primeira abonação é de 1566. Determinamos que há 25% de chances do étimo ser francês, espanhol, italiano ou latim científico e concordamos com a datação fornecida pelo Houaiss.

Infeksjon: Os dicionários NbUiB e NTG afirmam que o elemento lexical vem do latim *infisere* e apenas o ROB sugere uma intermediação com o francês ou alemão. Eles também não indicam sua datação. Por meio de nossa pesquisa, determinamos que o étimo do *bokmål* é dinamarquês e a primeira abonação é de 1892. A respeito do *nynorsk*, o dicionário NyUiB também afirma que o elemento lexical vem do latim *infisere* e não sugere nenhuma datação. Determinamos que o étimo é norueguês *bokmål* e a primeira abonação de 1918.

Libração: o dicionário Houaiss apenas afirma que o elemento lexical vem do latim *libratio* “ação de nivelar, nivelamento; movimento regular, oscilação” e determina a primeira abonação em 1716. Em nossa pesquisa, descobrimos que há 25% de chances do étimo ser francês, latim científico, alemão ou inglês. A primeira abonação está de acordo com o Houaiss.

Librasjon: Apenas o ROB atesta esse elemento lexical, que teria vindo do latim. A respeito de sua origem ele está correto, mas não determina o étimo de

acordo com nossos pressupostos. Determinamos que o étimo do bokmål é dinamarquês e a primeira abonação é de 1922. A respeito do nynorsk, o dicionário não registra esse elemento lexical. Determinamos que o étimo é norueguês bokmål, com a primeira abonação em 1976.

Navegação: o dicionário Houaiss afirma que a primeira abonação é de 1385 e que o étimo é latino. Nós determinamos que o elemento lexical com a acepção de “arte de navegar” é português. A primeira abonação com essa acepção é de 1499.

Navigasjon: o dicionário NTG de bokmål afirma que o elemento lexical vem do francês, que é uma derivação do latim; o ROB afirma que vem do latim e o NbUiB, por sua vez, nada afirma. Nenhum deles apresenta a data da primeira abonação do elemento. Determinamos que o étimo é dinamarquês e que a primeira abonação ocorreu em 1892. A respeito do nynorsk, o dicionário NyUiB afirma que vem do latim e não cita nenhuma datação. Em nossa pesquisa, por outro lado, determinamos que o étimo é norueguês bokmål e a primeira abonação é de 1916.

Plastinação: o dicionário Houaiss não tem essa palavra como entrada. Determinamos que ela tem 33,33% de chances de ser espanhol, italiana ou inglesa (ou alemã). Sua primeira abonação é no ano de 1991.

Plastinasjon: nenhum dicionário registra esse elemento lexical. Determinamos que há 50% de chances do étimo ser holandês ou inglês (ou alemão) no *bokmål*, com a primeira abonação em 2002. Não há esse elemento lexical no *nynorsk*.

Apresentamos acima apenas os resultados que obtivemos tanto na língua portuguesa quanto na norueguesa. Durante a análise também retrodatamos elementos lexicais de outras línguas.

Na subcapítulo sobre o étimo, também definimos que o étimo pode ser de dois tipos: de herança e de empréstimo (que também pode ter uma subdivisão em étimo de decalque). Também propusemos que as palavras tenham duas origens: a origem do significante e a origem do significado, uma

vez que elas muitas vezes seguiram caminhos distintos até chega na palavra em questão.

Concluímos que, com base no que entendemos por étimo, muitas palavras importadas existentes no norueguês (*bokmål*, especialmente) só poderiam ter étimo dinamarquês, por conta do contato, pois o elemento lexical já estava sendo utilizado na Noruega muito antes do surgimento das duas normas norueguesas. A respeito do *nynorsk*, os étimos têm grande possibilidade de serem norueguês *bokmål*, pois esta é a norma mais utilizada em toda a Noruega e, em vista disso, justificamos novamente por meio do contato: muitos livros em *nynorsk* são traduções de livros em *bokmål*, principalmente quando se tratam de livros educacionais.

Também a respeito da análise de palavras com étimo de herança, realizamos um estudo sobre as sincronias pretéritas do norueguês no subcapítulo 2.3.2., se influenciando pela maneira com que Viaro (2015) realizou para as sincronias pretéritas do português, o que abre as portas para uma pesquisa mais aprofundada sobre os étimos de herança na língua norueguesa.

A respeito dos *corpora*, nunca poderemos tomá-los como finitos e, por conta disso, na maioria das vezes tampouco poderemos afirmar que o étimo de empréstimo é 100% verdadeiro, pois apenas utilizamos obras que se encontram *online* como, por exemplo, aquelas existentes no Google Books ou na Biblioteca Nacional Norueguesa (*Nasjonalbibliothek*); o número de obras não digitalizadas é muito maior. Portanto, quanto mais obras forem digitalizadas, mais dados teremos para a determinação do étimo. Um problema encontrado é a falha na digitalização, quer dizer, muitas vezes a palavra pode estar em uma determinada obra, mas por uma falha de digitalização não foi possível encontrá-la durante a pesquisa. Consideramos, portanto, como necessária a contínua digitalização de textos antigos, não apenas para conservá-los contra a idade e contra furtos, mas também em prol dos estudos etimológicos. O desenvolvimento de programas que digitalizem,

por meio do OCR ou de novas tecnologias, com mais precisão também seria de extrema importância para os estudos etimológicos.

5 Referência Bibliográfica

- AASEN, I. *Prøver af landsmaalet i Norge*. Christiania: Carl Werner, 1853.
- _____. *Norsk Grammatik*. Christiania: Mallings Forlagsboghandel, 1864.
- _____. *Norsk Ordbog: med dansk Forklaring*. Christiania: Mallings Forlagsboghandel, 1873.
- de AGUIAR, A. *História da literatura portuguesa*. Universidade da Califórnia: 1976
- AMUNDSEN, L.; SEIP, D. A. *Henrik Wergelands Skrifter*. Bind 2. Oslo: J. W. Cappelens Forlag, 1959
- ANTONSEN, E. H. *A concise grammar of the older runic inscriptions*. Tubingen: Max Niemeyer Verlag, 1975
- _____. *The Earliest Attested Germanic Languages*, Revisited. *NOWELE*, Amsterdam & Philadelphia, v. 23, n.1, p. 41-68, 1994.
- _____. *Runes and Germanic Linguistics* (Trends in Linguistics). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002
- ANDREE, K. *Verdenshandlens Geografi*. B.2. Christiania [Oslo]: J. Rasch, 1873
- ARNAULT, S. D. *A batalha de Trancoso*. Coimbra: Faculdade de Letras/Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1951
- AUCHTER, D. *Dictionary of Literary and Dramatic Censorship in Tudor and Stuart England*. Conn: Greenwood Press, 2001.
- AZEVEDO, V. *Passando a limpo*. Clube dos autores, 2009.
- BARNES, M. P. The Transitional Inscriptions. In: DÜWEL, K. (Org.). *Runen-inshcriften als Quellen interdisziplinärer Forschung*. Berlin: Gruyter, 1998. P. 448-461.
- _____. *A New Introduction to Old Norse. Parte I: Grammar*. Londres: Viking Society for Northern Research, 2008.
- BARNEY, S. et al. *The Etymologies of Isidore of Seville*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- BASSETTO, B. F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2005

BEEKES, J. *Comparative Indo-European Linguistics: An Introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 2011

BETZ, W. *Deutsch und Lateinisch: Die Lehnbildungen der althochdeutschen Benediktinerregel*. Bonn: Bouvier, 1949

_____. *Lehnwörter und Lehnprägungen im Vor- und Frühdeutschen. Deutsche Wortgeschichte*. Ed by. F. Maurer and F. Stroh, I.127-147. Berlin: de Gruyter, 1959

BIRKMANN, T. *Von Ågedal bis Malt*. Berlin: Gruyter, 1995.

BIZZOCCHI, A. *Léxico e ideologia na Europa ocidental*. São Paulo: Annablume/FAPESP/UNIP, 1998.

_____. *A Ideologia das raízes*. Língua Portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 40, 2009.

BOER, C. de. *Ovide Moralisé: poème du commencement du quatorzième siècle publié d'après tous les manuscrits connus par C. De Boer*. Tomo I (Livros I-III). Amsterdam: Johannes Müller, 1915. (Disponível em: https://archive.org/stream/DeBoerOvideMoralise1/De_Boer_Ovide_moralise_1#page/n0/mode/2up)

BRAMLEY, H. R. *The Psalter, or Psalms of David and Certain Canticles with a Translation and Exposition in English by Richard Rolle of Hampole edited from manuscripts by the Rev. H. R. Bramley, M.A.* Oxford: At the Clarendon Press, 1884. Disponível em: <https://archive.org/stream/psalterorpsalms00bramgoog#page/n12/mode/2up>

BREMMER, R. F. *An Introduction to Old Frisian: History, Grammar, Reader, Glossary*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

BROWN, F. et al. *A Hebrew and English lexicon of the Old Testament: with an appendix containing the Biblical Aramaic : based on the lexicon of William Gesenius as translated by Edward Robinson*. Oxford: Clarendon Press, 1980. Disponível em: <http://www.biblestudytools.com/lexicons/hebrew/> e <http://www.greeklatin.narod.ru/bdb/0.htm>

BRØDUM-NIELSEN, J. *Gammeldansk Grammatik, I-VIII*. København: Schultz, 1950-1973

BURNS, W. E. *The Scientific Revolution: an Encyclopedia*. California, Denver, Oxford: ABC-CLIO, 2001.

BURSILL-HALL, S. Some notes on the Grammatical Theory of Boethius of Dacia. In: PARRET, H. *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin: de Gruyter, 1975, p. 164-188

CAMPBELL, L.; POSER, W. *Language Classification: History and Method*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire de Mots*. 2 tomos. Paris: Éditions Klincksieck, 1968.

CLARKE, C. C. Henri de Mondeville. *Yale Journal of Biology and Medicine*, vol. 3, n. 6, 1931. P. 459-478. (Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2606324/?page=2>)

do COUTO, H. H. *Ecolingüística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007

CUNNINGHAM, L.; EGAN, K. J. *Christian spirituality: themes from the tradition*. Paulist Press, 1996

CURCHIN, L. Celticization and Romanization of Toponymy in Central Spain. *Emerita*, 65, p. 257-279, 1997.

CURCHIN, L. *Toponyms of Lusitania: a re-assessment of their origins*. Conimbriga, 46, p. 129-160, 2007.

CURCHIN, L. Los topónimos de la Galicia Romana: nuevo estudio. *Cuadernos de estudios gallegos*. vol. 55, n.121, p. 109-136, 2008. Disponível em: <http://estudiosgallegos.revistas.csic.es/index.php/estudiosgallegos/article/view/41/41>

de MOULIN, D. *A History of Surgery: with emphasis on the Netherlands*. Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1988

EGAN, H. D. *An Anthology of Christian mysticism*. Liturgical press, 1991

ENDRESEN, R. T. Fremmedordenes byggeklosser. In: JOHNSEN, E.; BLOM, Ø. (Org.). *Vårt eget språk: i går og i dag*. Bind 1. Oslo: Aschehoug, 1987. p. 157-169.

FLO, R. *Midlandsmaal: etter framlegge fraa rettskrivingsnemndi i 1899 ved Arne Garborg*. Kristiania: Norli, 1906

FORTSON IV, B. W. *Indo-European Language and Culture*. Oxford: Blackwell, 2004.

FREITAS, É. *O tempo e o mento. História do sufixo latino –mentum e de seu desenvolvimento na língua portuguesa, em contraste com outras línguas românicas*. Volume 1. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013

HUIZENGA, E. Unintended Signatures: Middle Dutch Translator of Surgical Works. In: GOYENS, M.; de LEEMANS, P.; SMETS, A. *Science Translated: Latin and Vernacular Translations of Scientific Treatises in Medieval Europe*. Leuven: Leuven University Press, 2008.p. 415-448.

GRAUTOFF, F. *Urkundenbuch der Stadt Lübeck*. Vierter Theil. Lübeck.

GREEN, D. H. *Language and history in the early Germanic world*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998

GRØNVIK, O. *Fra Ågedal til Stre*. Oslo: Universitetsforlaget, 1985

_____. *Untersuchungen zur älteren nordischen und germanischen Sprachgeschichte*. Frankfurt am Main: Lang, 1998.

HALL, J. R. C. *A Concise Anglo-Saxon Dictionary for the use of students*. New York: The Macmillan Company, 1916

HANSEN, E. *Dialekter i Norge*. Bergen: Vigmostad & Bjørke AS, 2010

HARRISON, H. *Surnames of the United Kingdom: a concise etymological dictionary* London: The Morland Press, LTD, 1918

HAUGEN, E. The analysis of linguistic borrowing. *Language*, v. 26, p. 210-231, 1950.

_____. *The Norwegian language in America: the bilingual community*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1953

_____. *The scandinavian languages: an introduction to their history.* Cambridge, Massachusetts: Harvard university press, 1976.

_____. *Riksspråk og folkemål: norsk språkpolitikk i det 20. århundre.* Oslo: Universitetsforlaget, 1968.

_____. *Scandinavian Languages Structures: A Comparative Historical Survey.* Minnesota: University of Minnesota Press, 1982

HAZENFRATZ, R. *Andrene Wisse.* Kalamzoo, Michigan: Medieval Institute Publications, 2000. Disponível em <http://d.lib.rochester.edu/teams/publication/hasenfratz-andrene-wisse>

HELANDER, H. Language contact outside Scandinavia V: Loan from Latin and Greek. In: BANDLE, Oskar. (Org.). *The Nordic Languages: An international Handbook of the History of the North Germanic Languages.* Vol 2. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2002, p. 2086-2095.

HERCULANO, Alexandre (1810-1877). Reflexões ethnographicas, philologicas e historicas a proposito de uma publicação recente sobre a origem celtica da lingua portugueza. In: *O Panorama: Jornal litterario e instructivo da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis*, Série 2, v. 3, p. 391-394. Lisboa, 1844

HOCK, H. H. *Principles of Historical Linguistics.* Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991.

HOGNESTAD, K. R. *Det trykte ord - bokens historie i Norge.* Til Opplysning, Trondheim, Nummer 3, 2000.

HOEL, O. L. *Nasjonalisme i norsk målstrid (1848-1865).* KULTS skriftsserie nr. 51, Oslo: Norges Forskningsråd, 1996

HOVEDHAUGEN, E. et al. *The History of Linguistics in the Nordic Countries.* Helsinki: 2000

HÆGSTAD, M. *Norsk maallære Grammatik i Landsmaalet.* Bergen: Nygaard, 1901.

_____. *Innledning til Gamalnorsk ordbok.* Kristiania [Oslo]: Samlaget, 1909.

ILARI, R. *Linguística Românica.* São Paulo: editora ática, 1999.

- INDREBØ, G. *Norsk Målsoga*. Bergen: John Grieg, 1951
- ISAKSON, B. The Emergence of a Scandinavian Language: Development until around 900. *NOWELE*, Amsterdam & Philadelphia, v. 36, n.1, p. 3-43, 2000.
- JÄHR, H. Dialekter og dialekt-bruk i Norge. In: JÄHR, H (org.). *Den store dialektboka*. Oslo: Novus, 1990
- JAKOBSEN, A. *Norskhet i språket hos Petter Dass*. 1. Svorkmo: Håløygminne, 1952
- JESPERSEN, Otto. *Language: its nature, developement and origin*. London: George Allen & Unwin, 1922 (1954¹⁰)
- JOHNSON, C. *Globalization of Hesychasm and the Jesus Prayer: Contesting Contemplation*. Bloomsbury Academic, 2010.
- KELLY, L. G. Modus significandi: an interdisciplinary concept. *Historiographia Linguistica*, Amsterdam, vol. 6, n.2, p. 157-180, 1979.
- KLEIN, E. A Comprehensive Etymological Dictionary of the Hebrew Language. Jerusalem: Carta the Isreal Map & Pub Co Ltd, 1987
- KLIMOV, G. A. *Einführung in die kaukasische Sprachwissenschaft*. Hamburg: Buske, 1994.
- KNUDSEN, K. *Hvem skal vinne?: eller de historiske, dansknorske målstræveres stadpunkt*. Kristiania: eget. forlag, 1886.
- KOCH, J. *Celtic culture: a historical encyclopedia*. Santa Barbara: ABC-Clio, 2006
- KOPAL, Z. *The Moon*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1969
- KRAHE, H. *Germanische Sprachwissenschaft. Wortbildungslehre*. Berlin: 1969
- KOCSÁNY. P. *Grundkurs Linguistik: ein Arbeitsbuch für Anfänger*. Paderborn Fink, 2010.
- KURATH, H; KUHN, S. M. *Middle English Dictionary*. Michigan: Ann Arbor, University of Michigan Press, 1952-2001)
- LANE, G. *Christian Spirituality: A Historical Sketch*. Loyola Press, 2005.
- LIE, B. *Svend Bidevind: skolehistorier*. Kristiania [Oslo]: Aschehoug, 1901.

- LIENHARD, J (ed.). *The Fathers of the Church: Catecheses. St. Clement of Rome to St. Augustine of Hippo*. Eerdmans, 2009
- MAURER, T. H. *A Unidade da România ocidental*. São Paulo: Editora da USP, 1951
- MCCALUM, J. E. *Military Medicine: from ancient times to the 21th century*. Oxford, Santa Barbara, Denver: ABC Clio.
- METCALF, G. *On Language diversity and relationship from Bibliander to Adelund*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2013.
- de MOULIN, D. *A history of surgery: with emphasis on the Netherlands*. Dordrecht, Boston, Lancaster: Martinus Nijhoff Publishers, 1988
- MUHLE, H. *De origine linguarum variarum. Stirpeque ac Matre Græcæ. Latinæ & Germanicæ. Hebræa dissertatio*. Kiloni. Sumptibus Joh. Seb. Richelii, 1692
- NESSE, A. Written and spoken languages in Bergen in the Hansa era. In: BRANMÜLLER, Kurt; FERRARESI, Gisella (Org.). *Aspects of multilingualism in European language history*. Amsterdam: Benjamins, 2003. p. 61-84.
- NIELSEN, H. F. *The Continental Backgrounds of English and its Insular Development until 1154*. Odense: Odense University Press, 1998
- NIELSEN, H. F. *The early runic language of Scandinavia: studies in Germanic dialect geography*. Heidelberg: C. Winter, 2000
- NOREEN, A. *Geschichte der nordischen Sprache: besonders in altnordischer Zeit*. Strassburg: Trübner, 1913
- PARASCHKEWOW, B. *Wörter und Namen gleicher Herkunft und Struktur: Lexikon etymologischer Dubletten im Deutschen*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2004.
- PIKE, M. *Latin -tas and Related Forms*. Tese (doutorado) – University of California, California, 2011. (Disponível em: https://www.academia.edu/2216769/Latin_-t%C4%81s_and_Related_Forms)
- PILCHER, J. E. *Guy de Chauliac and Henri de Mondeville – A Surgical Retrospect*. Annals of Surgery. 21 (1). 84-102, 1895.

PRÓSPER, B. M. *Lenguas y religiones prerromanas del occidente de la península ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2002.

RANKE, F; HOFFMANN, D. *Altnordisches Elementarbuch*. Berlin/New York: de Gruyter, 1988

RASH, F. J. *French and Italian lexical influences in German speaking Swizerland (1550-1650)*. Berlin/New York: de Gruyter, 1989.

RASK, R. *Undersögelse om det gamle Nordiske eller Islandske Sprogs Oprindelse*. Kjöbenhavn: Paa den Gy dendalske Boghandlings Forlag, 1818.

REICHERT, H. Nordic language history and religion/ecclesiastical history I: The pre-Christian period. In: BANDLE, Oskar. (Org.). *The Nordic Languages: An international Handbook of the History of the North Germanic Languages*. Vol 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2002. p. 389-402.

RINGE, D. *From Proto-Indo-European to Proto-Germanic*. Oxford: Oxford University Press, 2006

RISCHEL, J. Nordic contributions to historical linguistics before 1800. In: BANDLE, Oskar. (Org.). *The Nordic Languages: An international Handbook of the History of the North Germanic Languages*. Vol 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2002a. p. 108-115.

_____. The contribution of the Nordic countries to historical-comparative linguistics: Rasmus Rask and his followers. In: BANDLE, Oskar. (Org.). *The Nordic Languages: An international Handbook of the History of the North Germanic Languages*. Vol 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2002b. p. 124-132.

RIX, H (org.). *Lexikon der Indogermanischen Verben: die Wurzeln und ihre Primärstammbildungen*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 2001.

RUDBECK, O. J. *Specimen usus linguæ Gothicæ. in Eruendis atque illustrandis obscurissimis quibusvis Sacræ Scripturæ locis: addita analogia linguæ Gothicæ Cum Sinica. Nec non Finnonicæ Cum Ungarica*. Upsalis. Joh. Henr. Werner, 1717.

SALMONS, J. *A History of German*. Oxford: Oxford University Press, 2012

SAMUELIAN: *Classical Armenian culture: influences and creativity*. Peeters Publishers, 1979.

SÃO LUIZ, D. F. de (Cardeal Saraiva). *Memoria em que se pretende mostrar, que a lingua portugueza não he filha da latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos*. Memorias da Academia de Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typ. da Academia, 1837. Ed. Facsimiliar da Biblioteca Nacional de Lisboa.

SCARDIGLI, P. Contact with non-Germanic languages I: Relations to the West. In: BUNDLE, O (org.). *The Nordic Languages*. Bd. 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2002, p. 572-582

SCHILLER, K; LÜBBEN, A. *Mittelniederdeutsches Wörterbuch* (6 Bände). Bremen: Verlag von J. Kührtmann's Buchhandlung, 1875

SCHLEICHER, A. *Compendium der vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen*. Weimar: Hermann Böhlau, 1861

SCHMIDT, W. *Geschichte der deutschen Sprache*. Stuttgart: Hirzel Verlag, 2007.

SCHULTE, M. *Grundfragen der Umlautphonemisierung*. Berlin: Gruyter, 1998.

SCHUMANN, R. *Germanische Sprachgeschichte*. Ein Überblick, 2009. (Material de aula)

SCHWARZ, W. *Geschichte der deutschen Sprache: ein Lehrbuch für das germanitische Studium*. Stuttgart: Hirzel, 2007.

SEIP, D. A. *Norsk språkhistorie til omkring 1370*. Oslo: Aschehoug, 1931

_____. *Studier i norsk språkhistorie*. Oslo: Aschehoug, 1934

_____. *Norsk språkhistorie til omkring 1370*. Oslo: Aschehoug, 1955

SELLEY, R. C.; COCKS, L. R. M.; PLIMER, I. R. *Encyclopedia of Geology*. Oxford, UK: Elsevier Ltd., 2005.

SIHLER, A. *New Comparative Grammar of Greek and Latin*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1995

SIMENSEN, E. The Old Nordic lexicon. In: BUNDLE, O (org.). *The Nordic Languages*. Bd. 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2002, p. 951-962

SKARD, V. *Norsk språkhistorie*. Bd 1, til 1523. Oslo: Univeritetsforlag, 1973

- _____. *Norsk språkhistorie*. Bd. 2, 1523-1814. Oslo: Universitetsforlag, 1972
- SKAUTRUP, P. *Det danske sprogs historie*. København: Gyldendal, 1994.
- SPURKLAND, T. *Norwegian Runes and Runic Inscriptions*. Suffolk: The Boydell Press, 2005.
- STAROSTIN, S.A. *Gipoteza o genetičeskij svjazjax sinotibetskix jazykov s enisejskimi i severnokavkazskimi jazykami*. Moskau, 1984.
- STEELE, R. *Medieval Lore: an epitome of the science, geography, animal and plant folk-lore and myth of the middle age*. London: Elliot Stock 62, Paternoster Row, E. C., 1893
- STUDZINSKI, R. *Reading to live: the envolving practice of Lectio divina*. Cistercian Publications Inc, 2010.
- TELEMAN, U. The role of language cultivators and grammarians for the Nordic linguistic development in the 16th, 17th and 18th centuries. In: BUNDLE, Oskar. (Org.). *The Nordic Languages: An international Handbook of the History of the North Germanic Languages*. Vol 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2002, p. 1379-1396.
- TIEFENBACH, H. *Altsächsisches Handwörterbuch*. Berlin/New York: De Gruyter, 2010
- TORP, A; VIKØR, L. S. *Hovuddrag i norsk språkhistorie*. Oslo: Gyldendal Norsk Forlag AS, 2000.
- TORP, A. Sørlandet. In: JAHR, H. *Den store dialektboka*. Oslo: Novus, 1990
- van COETSEM. *The Vocalism f the Germanic Parent Language. Systemic Evolution and Sociohistorical Context*. Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, 1994.
- VENNEMANN, T.; HAMEL, E. Vaskonisch war die Ursprache des Kontinents. In: *Spektrum der Wissenschaft. Deutsche Ausgabe des Scientific American*. Heidelberg: Spektrumverlag, 2002.
- VENÅS, K. *Den fyrste morgonblånen: tekster på norsk frå dansketida*. Oslo: Novus, 1990

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011

_____. Reconstrução fonético-fonológica de seis sincronias do latim ao português. *Estudos linguísticos e literários*. Salvador, n. 52, ago-dez, p. 94-145, 2015.

VILLAR, F. *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2000.

VOLMERT, J. Internationalismen und die Rolle des Lateins als „Muttersprache Europas“. In: BUCKHARDT, A.; LINKE, A. WICHTER, S. *Internationalismen II: Studien zur interlingualen Lexikologie und Lexikographie*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2003

WEINREICH, U. *Der yivo un die problemen fur undzer tsayt*. Yivo-bleter, New York, vol. 25, n.1, p. 3-18, 1945.

_____. *Languages in contact*. New York: 1953 (tradução alemã com um prefácio de A. de Vincenz, München, 1977.

WESSÉN, E. *Svensk språkhistoria, I. Ljudlära och ordböjningslära*. 4. Upplagan. Stockholm: Filologiska föreningen vid Stockholms högskola, 1955.

_____. *De nordiska språken*. 10. Upplagan. Stockholm: AWE/Gebbers, 1975.

WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao português*. Rio de Janeiro: tempo brasileiro, 1973

ZILMER, K. “He drowned in Holmr’s sea – his cargo-ship drifted to the sea-bottom, only three came out alive”: records and representations of baltic traffic in the Viking Age and the Early Middle Ages in early nordic sources. 401 páginas. Dissertação – Universidade de Tartu. Estônia, 2005. (Disponível em: <http://dspace.ut.ee/bitstream/handle/10062/741/zilmer.pdf?sequence=5&isAllowed=y>)

Corpus:

Português:

CORREIO BRAZILIENSE ou ARMAZEM LITERARIO (Vol. III). Londres: Impresso por W. Lewis, Paternoster.Row., 1809.

GOIS, D. *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel composta per Damiam de Goes, Diuidida em quatro partes....* Lisboa: em caso de Francisco Correa, 1566-1567.

GOULÃO, Dr. A. S. 2º anno. – physica e metereologia. 205-207. *O Instituto, Jornal Scientifico e Litterario*. Segundo volume. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1854. (Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=iR7mAAAAMAAJ&pg=PA206&dq=%22aberra%C3%A7%C3%A3o%22+%C3%B3ptico&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)

NUNES, P. *Tratado de sphaera com a Theorica do Sol e da Lua. E ho primeiro liuro da Geographia de Claudio Ptolomeu Alexa[n]drino ...* Lixboa: per Germão Galharde empremidor, 1 Dezembro 1537.

STOCKLER, F. De B. G. Elogio Historico de João le Rond D'Alembert. *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tomo I (desde 1780 até 1788)*. Lisboa: Na Typografia da Aacademia, 1797. (Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433004321901;view=1up;seq=9>)

Dinamarquês/Norueguês:

AAHOLM, N.M. *Norsk-fransk ordsamling og Parleur: Vocabulaire et dialogues: norvégiens-français*. Christiania [Oslo]: Malling, 1861.

AF MORGENSTIERNE, B. H. V. *Antikritik, eller et Ord til Publicum i Anledning af Hr. Procurator Debes's Kritiske Bemærninger o.s.v.* Christiania [Oslo]: Paa Forfatterens, trykt hos N. J. Berg, 1808.

ARAGO, F. *Aragos populære forelæsninger over Astronomien*. Tradução de Chr. Langberg. Christiania [Oslo]: Johan Dahl, 1841

ARNDTSEN, A. *Physik til Brug ved Borger- og Realskoler. Efter "Müllers Physik", "Naturens Bog", etc.* Christiania: Feilberg & Landmarks Forlag, 1853.

ASTRAEA, *ET TIDSSKRIVT*. Første Bind. Kjøbenhavn, trykt hos Directeur Joh. Frederik Schulz, Kongelig og Universitetsbagtrykker, 1797-1808

Billeder til Norgeshistorien for Skolen og Hjemmet efter nordiske Malere. Kristiania [Oslo]: Asbj. Knutsen, 1879.

BRANDT, F. *Forelæsninger over den norske retshistorie*. 1. Kristiania [Oslo]: Damm, 1880.

BROCH, C. *Udvalg af norske og danske læsestykker til middelskole-examen: samt prøver af svensk*. Kristiania [Oslo]: Cappelen, 1888

BØVING-PETERSEN, J. O. *Vor klodes saga: en skildring af jordens udvikling og fortidsliv*. København, Gyldendal, 1912

CALLISEN, H. *Physisk medizinske betragtninger over Kiöbenhavn* (Vol. 2). København: Frederik Brummer, 1907.

CHRISTIE, H. H. *Lærebog i Fysik for Middelskolen*. Kristiania [Oslo]: Mallings, 1871

COLLET, C. *Mod Strømmen. Ny Række*. Kjøbenhavn: Schous Forlag, 1885.

COLLETT, P. J. *Den norske Familieret*. Christiania [Oslo]: Chr. Tønsberg Forlag, 1859.

DAA, L. K. *Lærebog i Geografien*. Kristiania [Oslo]: Abelsted, 1859

DUMAS, A. *Josef Garibaldi. En Selvbiografi, udgivet af Alexander Dumas*. Udgivet paa Norsk af Anthon Bang. Christiania: M. C. Fabritius's Forlag, 1861.

FÆRDEN, A. O. *Om Forhandlingerne den 12te Febr. d. A. af Norges Forsvar i det skandinaviske Selskab, fra norsk Standpunkt*. Christiania [Oslo]: Det Skandinaviske Selskab i Kristiania, 1867.

GEELMUYDEN, I. *Lærebog i Geografien til Skolebrug*. Christiania [Oslo]: Mallings, 1851.

_____. *Lærebog i geografien*. Kristiania [Oslo]: Mallings, 1893.

GEELMUYDEN, C.T.H.; WILLE, C. *Lærebog i Navigationen*. Christiania [Oslo]: Jacob Dybwads Forlag, 1892.

GJESSING, A. *Undersøgelse af Kongesagaens Fremvæxt*. 1. Christiania: Christiania Videnskabs-Selskab, 1873.

GUERIKE, H. E. F. *Haandbog i Kirkehistorien. Deel 1.* Christiania [Oslo]: Dahl, 1842

GUNNERUS, J. E. *Hans opvækkelige Hyrdebrev til det velærværdige, høj- og vellærde Præsteskab i Tronhjems Stift.* Tronhjem : Jens Christensen Winding, 1758

HANSTEEN, C. *Lærebog i Mechaniken. D. 2: Faste legemers Bevægelseslære.* Christiania: Johan Dahl, 1838.

HISTORISK PHILOSOPHYSKE SAMLINGER. Christiania : Det Kongelige Selskab for Norges Vel, 1813

HJELM-HANSEN, P. *Den norske Søret: en Haandbog for Søfarende, Skibsredere og Handlende.* Christiania [Oslo]: H.J. Jensen, 1862.

HJORT, H. Smith. *Norsk læsebog. Anden Afdeling.* Christiania [Oslo]: I Comission hos A Dzwonkowski, 1847

HOLBERG, L. *Dannemarkes Riges Historie: deelt udi 3 Tomer. T. 2.* Kjøbenhavn: trykt udi Hans Kongl. Majestæts og Universitets Bogtrykkerie af J. J. Høpfner, 1733.

_____. *Dannemarkes Riges Historie ved Ludvig Holberg, Tomus III.* Kjøbenhavn: trykt udi Hans kongl. Majests. og Universitets Bogtrykkerie, af Johan Jørgen Høpfner, 1735.

HOLBERG. L. *Adskillige Heltinders og navnkundige Damers sammenlignede Historier: efter Plutarchi Maade.* Kjøbenhavn: Trykt paa Autors Bekostning udi H. K. Majest. og Univ. Bogtrykkeri af Johan Jørgen Høpfner, 1745.

HOMPEL, C. *Ugeskrift for Læger. Anden Række. Bind X. (no. 1-26).* Kjöbenhavn: Forlagt af Universitetsboghandler C. A. Reitzel, 1849.

HORREBOW, P. Om Fixstjernernes Aberrationer som nu, efterat deres rigtige Theorie og Aarsage er funden, bør kaldes Refractioner eller Anaclases. *Skrifter, som udi det Kiøbenhavnske Selskab af Lærdoms og Videnskabers Elskere ere Fremlagte og Oplæste i Aaret 1747. Tredie Deel, 107-121.* Kjøbenhavn: Trykt af Gottmann Friderich Kifel, 1747. (Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=U7FZAAAAcAAJ&pg=PA109&dq=aberration&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=aberration&f=false)

HUMBOLDT, A. *Kosmos: Udkast til en fysisk Verdenbeskrivelse, B.1.* Kjøbenhavn: Eibe, 1847

JANZON, G. *Mørke og Lys: Omvexlinger i Provsten Carlings Familie.* Christiania [Oslo]: Grams Forl., 1858

JOHANSEN, J. *Latinsk Ordbog.* Christiania [Oslo]: Cappelen, 1887

JOHANSEN, O. *Lærebog i mathematisk Geografi for Realgymnasiet.* Kristiania [Oslo]: Cammermeyer, 1883

LANGLOIS, E. *Le Couronnement de Louis, chanson de geste du XII^e siècle.* Paris: libraire honoré Champion, 1984.

LASSEN, A. *Lærebog i den almindelige Historie. D. 1 : Lærebog i de gamle Staters Historie.* Christiania [Oslo]: Hviid, 1830

_____. *Lærebog i den almindelige Historie. D. 3-5 D. 4 : Lærebog i de nyere europæiske Staters Historie Indeholdende de europæiske Staters Historie fra den westphalske Fred indtil Frederich den andens Død.* Christiania [Oslo]: Hviid, 1837

LASSEN, H. *Henrik Wergelands Samlede Skrifter. Efter det norske Studentersamfunds Foranstaltning udgivne af Hartvig Lassen.* Syvende Bind. Christiania [Oslo]: Chr. Tönsbergs Forlag, 1853.

LÜTKE, F. *Ordforklaringer og Anmerkinger til H. H. Petersens franske Læsebog.* T.hjem, 1875

LYNG, G. V. *Hedenskabets Levnetsløb: Atten populære Foredrag.* Christiania [Oslo]: Abelfeld, 1866

MAIR, J. *Det methodiske Bogholderie, eller En ordentlig Indretning af Kiøbmænds Bøger efter den italienske Maade : hvorudi denne Videnskab bliver nøye forklaret, og bragt til Udøvelse ved forskjellige Exempler i alle Handelens Greene (trad. por DEDECHEN).* Bergen: trykt hos ... H. Dedecken, 1775

MOD DET AF KAMMERADAVOCAT SCHØNHEIDER I OVENSTAAENDE
INDLÆG ANBRAGTE, HAR JUSTITSRAAD ULDALL PAA OBERAUDITEUR
ROSENSTANDS OG EGNE VEGNE OPPONERET FØLGENDE EXTRACTVIIS

ANFØRTE GRUNDE. *Astræa, et periodisk Skrivt*. V. 1., n. 3., p. 284-303, 1797.
(disponível em: <https://books.google.com.br/books/reader?id=tYvAQAAMAAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&output=reader&pg=GBS.PP1>)

MORGENSTIERNE, B. *Antikritik, eller et par ord til Publicum i Anledning af Hr. Procurator Debe's Kritiske Bemærkinger o.s.v.* Christiania [Oslo]: Paa Forfatterens Forlag, trykt hos N. J. Berge, 1808

MUNCH, P. A. *Verdenshistoriens vigtigste Begivenheder : fra de ældste Tider indtil den franske Revolution i kortfattet Fremstilling*. Christiania [Oslo]: Cappelen, 1840

NISSEN, M. *Extract og Register over Deres Kongelige Majestæters til Dannemark og Norge &c. &c. Forordninger, Forbude, Placater, Ordonancer, Fundatzer, Reglements, Laugs-Artikler, Privilegier, Rescripter og Placater som fra Aaret 1670 til 1768 ere udgangne. H. 3 : Extract og Register over Deres Kongelige Majestæters til Dannemark og Norge &c. &c. Forordninger, Forbude, Placater, Ordonancer, Fundatzer, Reglements, Privilegier, Rescripter, Cancelliets, Generalitetets og Commissariatets, Cammer og General Kirke-Inspectiones Collegii samt General Postamtets Breve og Ordres, som fra Aaret 1670 til 1771 ere udgangne*. Trinhiem: Trykt paa Autors Bekostning hos Jens C. Winding, 1771

NISSEN, R. T. *Lærebog i Verdenshistorien for Middelskolen*. Christiania [Oslo]: 1870

PETRI, L. A. *Lærebog i den christelige Religion*. Christiania [Oslo]: Johan Dahl, 1854

PFLUG. H. O. *Den danske Pillegrim eller en almindelig geographisk og derhos kort historisk Beskrivelse over den heele bekiendte Verden*. 1707

PLATOU, C. N. S.. *Lærebog i Geographien*. Christiania [Oslo]: Hviids Enke, 1840

SAGEN, Lyder. *Bergens Beskrivelse*. Bergen: Trykt paa Udgiv. Forlag hos Cht. Dahl. R.S., 1824

SCHIØTZ, O. E. *Lærebog i Fysik*. Kristiania: P. T. Mallings, 1881

SCHJØTT, H. *Lærebog i verdenshistorien for middelskolen: en omarbeidelse af Nissen's og Daae's Verdenshistorie. 3 : Den nyere tid.* Kristiania [Oslo]: Malling, 1889

SCHWACH, C.U. *Mauritz Hansens Noveller og Fortællinger : efter Forfatterens Død samlede og ordnede.* B. 2. Christiania: Chr. Tønsbergs Forlag, 1856.

SCHØNING, G. *Heimskringla edr Noregs Konunga-sögor.* Havnæ [København]: Augusti Friderici Steini, 1777

STEENBUCH, H. *Bemærkninger over Norges Grundlov af 4de November 1814.* Trondhjem [Trondheim]: trykt paa Forfatterens Forlag af. A. Steen, 1815.

STORM, G. P. A. *Munch. Samlede Afhandlinger.* I (1831-Marts 1849). Kristiania [Oslo]: Cammermeyer, 1873

STORTINGSFORHANDLINGER. 1874, Del 1. Stortingsforhandlinger. 23

STRØM, H. C. *Politiske og økonomiske Betragtninger og Forslag. 1ste Række.* Christiania [Oslo]: Trykt i det Wulfsbergske Bogtrykkerie, 1833

SWIFT, J. *Gullivers Rejser: til Lilleput og Brobdingnag.* Kristiania [Oslo]: Cammermeyer, 1878

VERNE, J. *Jordens Opdagelseshistorie. [1] : De store Reisere og de store Reisendes Historie, eller Jordens Opdagelseshistorie fra de ældste Tider til Udgangen af det 17de Aarhundrede.* Kristiania [Oslo]: P. T. Malling, 1879.

Alemão:

CASPAR, S. *Christliche Leichpredigt/ Vom Absterben vnd Begräbnüß deß Ertzvaters Jacobs/ aus dem 49 vnd 50. Capitel des Buchs Moysis.* Leipzig: Valentin Am Ende> 1612. (Disponível em: <http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/527026>)

CONFESSIO ODDER BEKANTNUS DES GLAUBENS ETLICHER FÜRSTEN UND STEDTE; UBERANTWORT KEISERLICHER MAIESTAT AUFF DEM REICHSTAG GEHALTENN ZU AUGSPURG, ANNO. M. D. XXX. Ronneburg: 1557. (Disponível em:

https://books.google.com.br/books/reader?id=mBk_sL_sEKUC&hl=pt-BR&printsec=frontcover&output=reader&pg=GBS.PT5)

DER NEÜ LAYENSPIEGEL VON RECHTSMÄSSIGEN ORDNUNGEN IN BURGERLICHEN UND PEINLICHN REGIMENTEN: MIT ADDITON: AUCH DER GULDIN BULLA; KÖNIGKLICH REFORMATON LANDFRIDEN AUCH BEWÄRUNG GEMAINER RECHT VN ANDERN ANTZAIGEN. 1512 (Disponível em:

https://play.google.com/books/reader?id=LHdmAAAACAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PP3)

ECKARD, M. *Eine Christliche Leichpredigt/ Bey dem Begrebnis der Ehrntugendreichen frawen Justinae/ des Edlen/ Ehrnuhesten/ Wolbenambten Herrn Johann Lieben*. Leipzig: Michael Lantzenberger, 1601. (Disponível em: <http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/510288>)

FORTSETZUNG DES IM VORIGEN STÜCKE ABGEBROCHENEN AUSZUGES, AUS DEN SCHRIFTEN DER KAISERL. PETERSBURG AKADEMIE. *Hamburgisches Magazin, oder gesammlete Schriften, zum Unterricht und Vergnügen aus der Naturforschung und den angenehmen Wissenschaften überhaupt*. Bd. 7 ersters Stück. 339-356. Hamburg, bey Georg Christ. Grund, und in Leipzig bey Adam Heinr, 1751. (Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=QC1RAAAACAAJ&pg=PA354&dq=aberration+und&hl=pt-](https://books.google.com.br/books?id=QC1RAAAACAAJ&pg=PA354&dq=aberration+und&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=aberration%20und&f=false)

[BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=aberration%20und&f=false](https://books.google.com.br/books?id=QC1RAAAACAAJ&pg=PA354&dq=aberration+und&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=aberration%20und&f=false)

GÖTTINGISCHE ANZEIGEN VON GELEHRTEN SACHEN: UNTER DER AUFSICHT DER KÖNIGL. GESELLSCHAFT DER WISSENSCHAFTEN. Der erste Band. Göttingen: gedruckt bey Pockwitz und Barmeier, 1763.

GUTAKER, P. E. *Erklärung über das am 21. April 1734 in der Grafschaft Schackenburg gefundene güldene Horn*. Altona, 1736. (Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=wrZYAAAAACAAJ&pg=PA17&dq=aberration+und&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=hernahmen&f=false)

HUNDT, M. *Eyn kurtzes und sehr nutzbarlichs Regiment wider dye schwynde und erschreckliche kranckheit der pestilentz auß bewerten und geuebten ertzten tzu samen getragen, sampt einem kurtzen bericht der schweyßkranckheyt*. Lepzig: Valentin Schumann, 1529. (Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=3iJgAAAAcAAJ&pg=PT7&dq=infeccion+durch+das&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=infeccion%20durch%20das&f=false)

KANOLD, J. Von Witterungs-Krankheiten im Monat Merz, Anno 1718. *Sammlung von Natur- und Medicin- wie auch hierzu gehörigen Kunst- und Literatur-Geschichten so sich von 1717-26 in Schlesien und anderen Orten begeben ... und als Versuch ans Licht gestellt*. 771-784, 1718. (Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=tGBVAAAAcAAJ&pg=PA773&dq=aberration+und&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=snippet&q=aberration&f=false)

MICRAELIUS, J. *Drittes Buch Deß Alten Sächsischen Pommerlandes*. Stettin: Rhete, 1639.

SCHUMANN, V. *Eyne christiliche Meditation vnd Beschaulikeyt, darin vill nützlichs tzur Seligkeyt verfasset ist*. Durch Valten Schumann, 1528.

STEINMANN, W. F. *Makroskopische Präparationsmethoden in der Medizin*. Stuttgart/New York: Thieme, 1982

WALTHER, J. Die Denudation in der Wüste und ihre geologische Bedeutung. Untersuchungen über die Bildung der Sedimente in den ägyptischen Wüsten. In: *Abhandlungen der Mathematisch-Physischen Klasse der Königlich-Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften*, 16, 3, Abhandlungen der Königlich-Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften 27, 345 - 570, VIII Taf.. Leipzig: S. Hirzel, 1891 (disponível em: http://digital.slub-dresden.de/fileadmin/data/302335757/302335757_tif/jpegs/302335757.pdf)

WAGHNAER, L. J. *Der erst Theil dess Spiegels der Seefart: von Navigation des Occidentischen Meers ...* Amsterdam: Cornelius Claußsohn, 1589. (Disponível em: <http://reader.digitale-sammlungen.de/resolve/display/bsb11302848.html>)

WELLICH, G. *Christliche Leichpredigt. Vber den schönen Spruch des Geistreichen Hoherlauchten Apostels S. Pauli/ 2. timoth. 4. vers. 7. Ich habe einen gutten Kampff gekämpffet/ etc. Bey dem Begräbnüs Weylandt Des Ehrwürdigen/ Achtbaren vnd Wolgelarten [H]Ehrn Christoff Frümters.* Oels: Johan Bössemesser, 1618

WIRTSCHAFTS- UND HANDELSLEBEN. *Die Uhrmacher-Woche.* 27. Jahrgang, Nr. 43. Leipzig, 23 de outubro de 1920. 506-507.

Espanhol:

BAILS, B. *Elementos de Matemática.* Tomo VI. Madrid: Por D. Joachin Ibarra, Impressor de Cámara de S. M. y de la Real Academia, 1781. (Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=xqxJAAAAMAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR)

BARUEL, A. *Memorias para servir á la História del Jacobinismo, escritas em francês por el abate Barruel.* Tradução de F. R. S. V. Observante de la província de Mallorca. Tomo Primeiro. Palma: em la imprenta de Felipe Guasp., 1813

DE LOS REYES, C. G. J. *El filosofo ocupacion de nobles y discretos contra la cortesana ociosidad: sobre los libros de cielo y mundo, meteoros, paruos naturales, ethica, economica, politica de Aristoteles y esfera de Sacro Bosco (...).* Madrid, Por Domingo Garcia y Morràs, 1650

De HUERTA, G. *Tradvcion de Los Libros de Caio Plinio Segundo de la Historia Navural de Los Animales. Hecha por El Licenciado Geronimo de Huerta, Medico, y Filosofo (...).* Primera Parte. Madrid: Por Luis Sanchez, 1598. (Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=PteaSerXIPkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>)

LADVOCAT, J. B. *Diccionario Historico Abreviado, que contiene La Historia de Los Patriarcas, Principes Hebreos, Emperadores, Reyes (...).* Tomo III. Tradução de Don Agustin Ibarra. Madrid: em la imprensa de Joseph Rico, 1754

ZUÑIGA, J. de. *Observaciones astronomicas, y physicas hechas de orden de S. Mag. en los reynos del Perú. Por Jorge Juan, Comendados de Aliaga em el Orden de S. Juan, Socio Correspondiente de la R. Academia de las Ciencias de Paris, y. D. Antonio de Ulloa, de la R. Sociedad de Londres, ambos Capitanes de Fragata de la R. Armada. De las Quales se Deduce La Figura, y Magnitud de la Tierra y se aplica a la Navegacion.* Madrid: 1748. (Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=Uu8wIEQQ4tYC&pg=PA16&dq=aberraci%C3%B3n&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=aberraci%C3%B3n&f=false)

Francês:

AUGE, C. *Mensuel Illustré Revue Encyclopédique Universelle.* 1907 à 1910. Paris: Librairie Larousse

BAPT. P. Ioanne. *Astronomia Reformata. Le Iovrnal des Scavans.* Paris, 24 de Janeiro de 1667. Paris: chez lean Cvsson, ruë s. lacques, à l'Image de S. lean Baptiste. (Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=fhbFqFzv_5oC&pg=PA14&dq=libration+%22lune%22&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=libration*&f=false)

BOER, C. de. *Ovide Moralisé: poème du commencement du quatorzième siècle publié d'après tous les manuscrits connuns par C. De Boer.* Tomo IV (Livros X-XIII). Amsterdam: N.V. Noord-Hollandsche Uitgevers-Maatschappij, 1936. (Disponível em: https://archive.org/stream/DeBoerOvideMoralise4/De_Boer_Ovide_Moralise_4#page/n0/mode/2up)

BOS, A. *La Chirurgie de Maitre Henri de Mondeville. Traduction contemporaine de L'auteur publiée d'après le Ms. Unique de la Bibliothèque Nationale par le Dr. A. Bos.* Vol. II. Paris: Librairie de Firmin Didot Et Cie Rue Jacob, 56, 1898.

DUMAS, A. *Mémoires de Garibaldi (traduits sur le manuscrit original par Alexandre Dumas).* Paris: Michel LévyFrères, Libraires-Éditeurs, 1860

ROBERT, U. *L'art de chevalerie / trad. du "De Re militari" de Végèce, par Jean de Meun; publ. Avec une étude sur cette traduction et sur "Li Abrejançe de l'ordre de chevalerie" de Jean Priorat, par Ulysse Robert.* Paris: Librairie de Firmin Didot, 1897. (Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k548098/f233.image>)

VERNE, J. *Les grands voyages et les grands voyageurs. Découverte de la Terre , [1re-2e parties] par Jules Verne... Dessins par L. Benett et P. Philippoteaux... Fac-similé d'après les documents anciens et cartes par Dubail et Matthis.* Paris: J. Hetzel , 1878

WEILL, R. *La Presqu'île du Sinai – Etude de Geographie et D'Histoire.* Kesseinger Publishing, 1908.

YVES-GUYOT; RAFFALOVICH, A. *Inflation et Déflation.* Paris: Librairie Félix Alcan, 1921.

Holandês:

STRUYCK, N. Bericht om trent de Verschyning van Venus in de Zon, op den 6 Juny 1761. *Uitgezogte Verhandelingen uit de Nieuwste Werken van de Societeiten der Wetenschappen in Europa en van andere Geleerde Mannen.* Zesde Deel. 305-314. Amsterdam: F. Houttuyn, 1761. (Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=antUAAAcAAJ&pg=PA305&dq=%22aberratie%22+%22van%22&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=%22aberratie%22%20%22van%22&f=false)

WAGHENAER, L. J. *Teerste deel vande Spieghel der Zeevaerdt ...* Leiden: Christoffel Plantijn, 1584. (Disponível em: <http://objects.library.uu.nl/reader/index.php?obj=1874-210220&lan=en#page/85/89/77/85897763828196631021025139408982461487.jpg/mode/1up>)

Inglês:

CELSIUS, A. [et al.]. *The Figure of the Earth, determined from observations, made by order of the French King, at the polar circle*. London: Printed for T. Cox [et al.], 1738. (Disponível em: <http://www.nb.no/nbsok/nb/3011d718624f2c296b79658dacabcc77?index=13#5>)

CHAMBERS, E. *A Supplement to Mr. Chambers's Cyclopaedia: or, universal Dictionary of Arts and Sciences in two Volumes*. Vol. London, 1753. (Disponível em: <https://archive.org/details/Cyclopaediachambers-SupplementVolume1>)

KEMMERER, E. W. *High Prices and Deflation*. London, Oxford: Princenton University Press, 1920

SMITH, C. A New Method of Improving and Perfecting Catadioptrical Telescopes, by Forming the Speculums of Glass instead of Metal. *Philosophical Transactions*. Vol. 41. 326-340, 1739. (Disponível em: <http://rstl.royalsocietypublishing.org/content/41/452-461/326.full.pdf+html>)

SWIFT, J. *Into Several Remote nations of the World. In Four Parts. By Lemnuel Gulliver, first a Surgeon, and then a Captain of several SHIPS*. London: Benj. Motte, 1776.

The Harleian Miscellany, or a Collection of scarce, curious, and entertaining Pamphlets and Tracts, as well in Manuscript as in Print, found in the late Earl of Oxford's Library, interspersed with Historical, Political, and Critical Notes. Vol. V. London: Printed for Robert Dutton, Gracechurch-Street, 1810. (Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=laQQAAAAYAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR)

WHISTON, W. *A new theory of the earth, from its original, to the consummation of all things. Wherein the creation of the world in six days, the universal Deluge, and the general conflagration, as laid down in the Holy Scriptures are shewn to be perfectly agreeable to reason and philosophy. With a large introductory discourse concerning the genuine nature, stile, and extent of the Mosaick history of creation*. Londres: Printed by R. Roberts, for Benj. Tooke at the Middle-Temple-Gate in

Fleet-Street, 1696. (Disponível em:
<http://lhdigital.lindahall.org/cdm/ref/collection/earththeory/id/1468>)

Italiano:

Del FAGGIOL, R. P. *Ragguaglio di una grotta, ove sono molte ossa di belve diluviane nei monti veronesi, e dei luoghi in quei contorni; e strati di pietra, tra i quali stanno i corni ammoni; e ove si ritrovano altre produzioni marítime impietrite, e come in disegno si dimostra. Con rífflessioni sopra queste materie.* Verona: Nella stamperia dei Fratelli Merlo, 1739

F. A. di C. *Teatro Fisicosmografico: ovvero Trattato di Cosmografia, ove fisicamente si spiega il Sistema del Mondo, e come in esso si fomano i principali fenomeni.* Londra: Per. J. Bettenham, 1724

GALILEI, G. *Dialogo di Galileo Galilei Linceo Matematico Sopraordinario Dello Stvdio di Pisa. E Filosofo, e Matematico primario del Serenissimo Gr. Dvcadi Toscana. Doue ne i congressi di quattro giornate si discorre sopra i due Massimi Sistemi Del Mondo Tolemaico, e Copernicano (...).* Fiorenza: Per Gio: Batista Landini, 1632. (Disponível em: http://lcweb2.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=rbc3&fileName=rbc0001_2013rosen1350page.db&recNum=8)

GUALANDI, A.; BÒNOLI, F. Eustachio Manfredi e la prima conferma ossevativa della teoria dell'aberrazione annua della luce. *Atti del XXII congresso nazionale di storia della fisica e dell'astronomia.* 476-481. Genua, 2004.

L'ELVIENNESI O SAI LETTERE PROVINCIALI FILOSOFICHE. Tomo III. Napoli: Presso vincenzo Orsini, 1786. (Disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=esiKel-twqEC&pg=PA267&dq=%22aberrazione%22+filosofia&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=%22aberrazione%22&f=false)

LIONI, G. *Supplementi al Giornale de' letterati d'Italia.* Tomo I. Venezia: Apresso Gio. Gabbriello Hertz, 1722. (Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=8gyTUSErt0oC&printsec=frontcover&dq=%22aberrazione%22>)

[22aberrazione%22&hl=pt-](#)

[BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=%22aberrazione%22&f=false\)](#)

METODO D' INVESTIGARE L'ORBITE DE' PIANETI, NELL'IPOTESI CHE LE FORZE CENTRALI O PURE LE GRAVITÀ [...]. *Giornale de' Letterati D'Italia*, Venezia, p. 447-467, 1710. (Disponível em:

<https://books.google.com.br/books/reader?id=anxcAAAACAAJ&hl=pt->

[BR&printsec=frontcover&output=reader&pg=GBS.PP1\)](#)

OPERE DI GALILEO GALILEI DIVISE IN QUATTRO TOMI. Tomo secondo. Padova: nella stamperia del Seminario: 1744

TASSI, F. *Della misera dell'uomo, Giardino di consolazione, Introduzione alle virtù di Bono Giamboni aggiuntavi La scala dei claustrali. Testi inediti, tranne il terzo trattato, pubblicati ed illustrati com note dal dottor Francesco Tassi*. Firenze: Preso Guglielmo Piatti, 1836. (Disponível em: https://archive.org/stream/bub_gb_G81CAAAAIAAJ#page/n3/mode/2up)

Latim:

ANGLICUS, B. *De proprietatibus rerum*. Köln: Drucker der Flores Sancti Augustini (Jan Veldener). Vielmehr Johann Schilling (Solidi) auf Kosten von William Caxton, 1471. (Disponível em: <http://digital.ub.uni-duesseldorf.de/urn/urn:nbn:de:hbz:061:1-145937>)

DEUSINGII, A. *De Vero Systemate Mundi Dissertatio Mathematica qua Copernici Systema Mundi reformatur: sublatis interim infinitis penè orbibus, quibus in systemate Ptolemaico humana mens distrahitur*. Amstelodami: Apud Ludovicum Elzevirium, 1643. (Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=52vooe9EqaQC&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PP1)

HEVELIUS, J. *Johannis Hevelii Selenographia sive lunae descriptio : atque accurata, tam macularum ejus, ... delineatio, ...; addita est, lentes expoliendi nova ratio, ut et telescopia diversa construendi, et experiendi, ... explicatur*. Hünefeld: Gedani, 1647

HIRSCH, A.; GURLT, E. *Die Chirurgie des Heinrich von Mondeville (Hermondaville) nach Berliner, Erfurter und Pariser Codices zum ersten Male – nebst einer Abhandlung über Synonyma und einem Glossar von Moritz Steinschneider – hrsg. Von Julius Leopold Pagel*. Berlin, 1892. (Disponível em: <https://archive.org/details/diechirurgiedes00pagegoog>)

SACROBOSCO, J. *Sphaera Mundi: Textus de Sphaera Iohannis de Sacrobosco : cum additione quantum necessarium est adiecta, nouo co[m]mentario nuper edito ad vtilitatem studentiu[m] philosophice Parisien[sis] Accademie illustratus*. Parisij: per Vvolffgangu[m] Hopyl, 1494 duodecima Februarij. (Disponível em: http://data.bnf.fr/13746667/johannes_de_sacro_bosco_de_sphaera/)

Médio baixo-alemão:

DEM VEREINE FÜR LÜBECKISCHE GESCHICHTE UND ALTERTHUMSKUNDE. *Urkunden-Buch der Stadt Lübeck*. Tomo IV. Lübeck: Ferdinand Grautoff, 1873 (Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=iAQPAAAAYAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PA3)

Sueco:

KÄSTNER, A. G. Om Geometrisk Aberrationer. *Kong. Svenska Vetenskapsacademiens Handlingar*. Vol. 14. 126-136, 1753 (disponível em: https://books.google.com.br/books?id=Lb44AAAAMAAJ&pg=PA126&dq=aberration+svenska&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=aberration%20svenska&f=false)

RIKSKANSLEREN AXEL OXENSTIERNAS SKRIFTER OCH BREFVEXLING. Utgifna af Kongl. Vitterhets- Historie- och Antiquitets-Akademien. 10 Bandet. Stockholm: P. A. Norstedt et Söners Förlag, 1900. (disponível em: <https://archive.org/stream/rikskanslerenax01palagoog#page/n8/mode/2up>)

Dicionários, enciclopédias, etc:

ALMENNYTTIGT DANSK KONVERSATIONS-LEXIKON. København: P. Larsen, 1849-1860. (Disponível na Nasjonalbibliothek e em <http://enzyklotheek.de/allgemeinenzyklop%C3%A4dien/d%C3%A4nische-zyklop%C3%A4dien/almennyttigt-dansk-konversations-lexikon-over-alt-1849>)

BARBOSA, A. *Dictionarium lusitanico latinum*. Bracharae Bracharae: typis, & expensis Fructuosi Laurentij de Basto, 1611

BASTOS, J. T. *Diccionario Etymologico, Prosodico e Orthografico da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Livrara Editora, 1912. (disponível na bibdig.biblioteca.unesp.br/)

BEEKES, R. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden: Brill, 2010

BJORVAND, B; LINDEMAN F. O. *Våre arveord: etymologisk ordbok*. Oslo: Institutet for sammenlignende kulturforskning, 2000

BLOCH, O. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Presses universitaires de France, 1964

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.

_____. *Vocabulario de sinonimos, e phrases portuguezas*. Lisboa: Patriarcal Officina de Musica, 1728

_____. *Diccionario Castellano y Portuguez para facilitar a los castellanos el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino*. Lisboa: Occidental Officina de Pascoal da Silva, 1721

BONDESØN, A. *Arithmetica Aurea Mercatoria eller den Gyldene Kiøbmands Reigning, hvilken efter den viit-berømte Italienske Practique med adskillige nyttige Exempler, alle Species Arithmeticae saaledes oplyset, at baade Ungdommen og andre, deraf kand bekomme grundig Information og Underviisning: Efter Danmarks Vægt og Maal indrettet*. Kjøbenhavn: trykt hos Andreas Garvig Godiche, 1755. (Disponível em: <https://archive.org/stream/arithmeticaaure00bondgoog#page/n2/mode/2up>)

BRYNILDSEN, J. *Norsk-engelsk*. Kristiania [Oslo]: Mallings boghandels forlag, 1892

_____. *Norsk-engelsk*. Kristiania [Oslo]: Aschehoug, 1917

de CAPRONA, Y. *Norsk etymologisk ordbok: tematisk ordnet*. Oslo: Kagge forlag, 2013

CARDOSO, J. *Breve Dictionarium Vocum Ecclesiasticarum*. In *Dictionarium latinolusitanicum*. Coimbra: João de Barreira, 1569-1570

CLAUSEN, P. A. *Norsk-engelsk sø-ordbog*. Kristiansand: Grøntoft, 1875

COLES, E. *An English Dictionary explaining the difficult Terms that are used in Divinity, Husbandry, Physick, Philosophy, Law, Navigation, Mathematicks, and other Arts and Sciences. Containing many thousand of hard Words (and proper Names of Places) more than are in any other English Dictionary or Expositor. Together with the Etymological Derivation of them from their proper Fountains, whether, Hebrew, Greek, Latin, French, or any other Language*. London: S. Collins, 1717

COROMINAS, J; PASCUAL, J.. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Madrid: Editorial Gredos, 1984.

CORTELAZZO, M.; ZOLLI, P. *Il nuovo etimologico. Deli. Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*. Bolona: Zanichelli Editore SpA, 1999, CD-ROM

CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 1982 3ª ed. 2007 Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 1982 [2007³]

CUNHA, A. G. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007, CD-ROM.

DAUZAT, A. *Dictionnaire étymologique et historique du français*. Paris: Larousse, c1993.

DUDEN. *Herkunftswörterbuch: Etymologie der deutschen Sprache*. Berlin/Mannheim/Zürich: Dudenverlag, 2014

DUCANGE, D. *Glossarium mediae et infimae latinitatis / conditum a Carolo Dufresne Domino Du Cange ; auctum a monachis Ordinis S. Benedicti ; cum supplementis integris D.P. carpenterii et additamentis Adelungii et aliorum ; digessit G.A.L. Henschel*. Niort: L. Favre, Imprimeur-Éditeur, 1883.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA ULTIMATE REFERENCE SUITE. CD-rom. Chicago: Encyclopædia Britannica, 2015.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1932 [2001⁶]

ESTIENNE, R. *Dictionarium Latinogallicum*. A Paris: De l'imprimerie de Robert Estienne, 1539. (Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k505878/f1>)

_____. *Dictionarium Latinogallicum*. Parisiis: Ex officina Roberti Stephani typographi Regii, 1543. (Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=GGwI2fnCqj0C&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PP7)

_____. *Dictionarium Latinogallicum*. A Paris: De l'imprimerie de Robert Estienne, 1549. (Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=hyJWAAAAYAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PR4)

_____. *Dictionarium Latinogallicum*. Parisiis: Ex officina Roberti Stephani typographi Regii, 1552. (Disponível em: <https://artfl-project.uchicago.edu/content/dictionary-latinogallicum>)

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FICK, A.; FALK, H. *Vergleichendes Wörterbuch der Indogermanischen Sprachen*. Dritter Teil. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1909.

FOLQMAN, C. *Diccionario Portuguez, e Latino*. Lisboa: Na officina de Miguel Manescal da Costa, (transcrição de Paula Cristina Araújo), 1755

da FONSECA, P. J. *Parvum lexicum latinum lusitana interpretatione adjecta*. Olisipone: Typographia Regia, 1798

FREIRE, L. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Volume II. Rio de Janeiro: A Noite, S.A., 1954

GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin-Français*. Paris: Hachette, 1934

GAMILLSCHEG, E. *Etymologisches Wörterbuch der französischen Sprache*. Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, 1997.

GEELMUYDEN, I.. *Engelsk Ordbog : udarbejdet fornemmelig efter B.H. Smart's Pronouncing Dictionary of the English Language, London 1852 : med Angivelse af Ordenes Udtale efter Walter's Methode*. Christiania [Oslo]: Malling, 1855.

_____. *Engelsk Ordbog : med Angivelse af Ordenes Udtale efter Walker's Methode : fornemmelig til Skolebrug*. Christiania [Oslo]: Malling, 1872

GLARE, P. G. W. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon P, 1968.

GODEFROY, F. *Dictionnaire de L'ancienne Langue Française et de tous ses dialectes Du IX au XV Siècle*. Genève-Paris: Slatkine, 1891-1902 [1982].
Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4191t/f3.image>. Último acesso em: 1 de outubro de 2015

GRAND DICTIONNAIRE ROYAL DANOIS ET FRANÇOIS. Kiøbenhavn: trykt hos :M. Svare, 1759

GRÜNER, H. C. *Norsk-engelsk handels-ordsamling med varianter og synonymer*. Christiania [Oslo]: Cammermeyer, 1892

HANSEN, M. C. *Fremmed-Ordbog, eller Forklaing over de i det norske Skrift- og Omgangs-Sprog almindeligst forekommende fremmede Ord og Talemaader*. Christiania [Oslo]: Tønsbergs Forlag, 1851

HELLQUIST, E. *Svensk etymologisk ordbok*. Lund: C.W.K. Gleerups förlag, 1922.

HENNE, H. *Grammatisch-kritisches Wörterbuch der Hochdeutschen Mundart, mit beständiger Vergleichung der übrigen Mundarten, besonders aber der Oberdeutschen. Bd. 1-4. Zweite vermehrte und verbesserte Ausgabe. Mit einer Einführung und Bibliographie von Helmut Henne. Neudruck der Ausgabe Leipzig, Breitkopf 1793-1801*. Hildesheim, New York: Olms, 1970.

HULSIUS, L. *DICTIONARIVM Teutsch und Frantzösisch, Deßgleichen Frantzösisch und Teutsch:Sampt einem nothwendigen unnd gründlichen Bericht, wie die Frantzosen Teutsch, und die Teutschen Frantzösisch recht außsprechen sollen*. Framckfort am Mainn: L. Hulsii Wittiben, 1607.

JOHNSEN, J. C. *Norsk Haandlexikon for almennyttige Kundskaber*. Band II. Kristiania [Oslo]: Johnsens Forlag, 1884.

KALKAR, O. *Ordbog til det ældre danske sprog (1300-1700)* (OADS). Bergen: Historisk institutt/Statsarkivet i Bergen, 2000 (Disponível em: <http://www.hist.uib.no/kalkar/>)

KAPER, J. *Tysk-dansk-norsk Haand-Ordbog*. Kjøbenhavn: Gyldendal, 1885

_____. *Dänisch-Norwegisch-Deutsches Hand-Wörterbuch*. Kopenhagen: Verlag der Gyldendalchen Buchhandlung, 1889

KATLEV, J. *Politikens Etymologisk Ordbog*. København: Politikens forlag, 2000

KLUGE, F. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. Bearb. Von Elmar Seebold. 24. Berlin/New York: de Gruyter, 2002. CD-ROM

KOFOD, H.A. *Conversations-Lexicon, eller Encyclopædisk Haandbog over de i selskabelig Underholdning og ved Læsning forekommende Gjenstande, Navne og Begreber. 1 : A og B*. Kjøbenhavn: A. Coldin, 1816

_____. *Conversations-Lexicon, eller Encyclopædisk Haandbog over de i selskabelig Underholdning og ved Læsning forekommende Gjenstande, Navne og Begreber. 3 : D, E, F*. Kjøbenhavn: A. Coldin, 1817

KROONEN, G. *Etymological Dictionary of Proto-Germanic*. Leiden/Boston: Brill, 2013

LAROUSSE. *DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE ET HISTORIQUE DU FRANÇAIS*. Paris: Larousse.

LARSEN, A. *Dansk-norsk-engelsk Ordbog = : A Dictionary of the Dano-Norwegian and English languages*. Kjøbenhavn : Gyldendal, 1880

LARSEN, A. *Dansk-norsk-engelsk ordbog*. Kjøbenhavn: Gyldendalske Bokhandel, 1888

LAYCOCK, H. *Engelsk-norsk Parleur*. Christiania [Oslo]: Feilberg & Landmark, 1847

LE PETIT ROBERT DE LA LANGUE FRANÇAISE. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2014, CD-Rom

LEHMANN, W. P. *A Gothic Etymological Dictionary. Based on the third edition of Vergleichendes Wörterbuch der Gotischen Sprache by Sigmund Feist*. Leiden: E. J. Brill, 1986

LEWIS, C. *A Latin Dictionary founded on Andrew's Edition of Freund's Latin Dictionary. Revised, Enlarged, and in Great Part Rewritten by Charlton T. Lewis, Ph.D.* Oxford: At the Clarendon Press, 2002.

LUND, J. *Engelsk ordsamling til brug i Middel- og Borgerskoler*. Kristiania [Oslo]: Cammermeyer, 1881

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa : com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995.

MATASOVIĆ, R. *Etymological Dictionary of Proto-Celtic*. Leiden/Boston: Brill, 2009.

MEYER, L. *Kortfattet Lexikon over fremmede, i det danske Skrift- og Omgangs-Sprog forekommende Ord, Konstudtrykt og Talemaader tilligemed de i danske Skrifter mest brugelige, fremmede Ordforkortelser*. Kjøbenhavn, paa den Brummerske Boghandels Forlag, 1837. (Disponível em: https://books.google.dk/books?id=EjZVAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=da&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)

_____. *Kortfattet Lexikon over fremmede, i det danske Skrift- og Omgangs-Sprog forekommende Ord, Konstudtrykt og Talemaader tilligemed de i danske Skrifter mest brugelige, fremmede Ordforkortelser*. Kjøbenhavn: Forlag af J. H. Schuboths Boghandling, 1844.

MEYERS KONVERSATIONS-LEXIKON. Vierter Band. Leipzig und Wien: Bibliographisches Institut, 1894.

MICHAELIS: MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MURRAY, J. A.H.; BRADLEY, H. *A New English Dictionary on Historical Principles*. Oxford: At the Clarendon Press, 1888-1933.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: F. Alves [etc.] 1952-1955

NEBRIJA, A. de. *Dictionarium latino hispanicum*. Impressum Salmantice [Juan de Porras], 1492

_____. *Dictionarium hispano latinum*. Salmantice [Juan de Porras], 1495

NYHUUS, H. *Illustreret norsk konversations leksikon*. Bind II. Kristiania [Oslo]: Forlagt af H. Aschehoug & Co. W. Nygaard: 1908

ONIONS, C. T. *The Oxford Dictionary of English Etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966

OREL, V. *A Handbook of Germanic Etymology*. Leiden: Brill, 2003

OXFORD. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2010, Cd-Rom

PALENCIA, A. *Universal vocabulario en latin y en romance*. 2 tomos. Sevilla, 1490. (Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/universal-vocabulario-en-latin-y-en-romance-tomo-i--0/>)

POKORNY, J. *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*. Band I, II, III. Bern: A. Francke AG, 1959

RAKNES, O. *Fransk-norsk ordliste for gymnasi : til dei franske lære- og lesebøkene av Bødtker og Høst og Hermanstorff og Wallem*. Oslo: Samlaget, 1914.

SEEBOLD, E. (org.). *Chronologisches Wörterbuch des deutschen Wortschatzes*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2008

SILVA, A. de M. *Diccionario da Lingua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro*. 1ª edição. Lisboa: na Of. De Simão Thaddeo Ferreira, 1789. (Disponível em: <https://archive.org/stream/diccionariodalino00mora#page/n3/mode/2up>)

_____. *Diccionario da lingua portugueza recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segnda edição novamente emendado, e muito*

acrescentado. 2ª edição. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. (Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/2/aberra%C3%A7%C3%A3o>)

_____. *Diccionario da lingua portugueza recopilado de todos os impressos até o presente*. 3ª edição. Lisboa: Tip. M. P. de Lacerda, 1823. (Disponível em: [https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.\\$b418683](https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.$b418683))

_____. *Diccionario da lingua portugueza composto por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Quarta edição, reformada, emendada, e muito accrescentada pelo mesmo autor; posta em ordem, correcta, e enriquecida de grande numero de artigos novos e dos synonymos por Theotonio José de Oliveira Velho*. Lisboa: Na impressão Regia, 1831. (Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nnc1.0035534206;view=1up;seq=11;size=150>)

_____. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 8ª edição. Lisboa: editora – empreza litteraria Fluminense de A.A. da Silva Lobo. Sede – Rio de Janeiro, Sucursal – Lisboa, 1890.

SKEAT, W. W. *An Etymological dictionary of the English language*. Oxford: Clarendon Press, 1956.

SUNDBY, T. *Dansk-norsk-fransk Haand-Ordbog. B. 1 : A-L*. Kjøbenhavn Gyldendal, 1883

_____. *Dansk-norsk-fransk Haand-Ordbog. B. 2 : M-Ø*. Kjøbenhavn : Gyldendal, 1884

de VAAN, M. *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*. Leiden/Boston: Brill, 2008.

VELEZ, A. *Index totius artis, 1599? in Emmanuelis Aluari e Societate Iesu De institutione grammatica libri tres. Antonii Vellesii ex eadem Societate Iesu in Eborensi Academia Praefecti studiorum opera aucti & illustrati*. Évora: Manuel de Lira, 1599

VIDSTEEN, C. *Dansk-norsk ordbog*. Lervik: Kommission hos det vestlandske Maalkontor, 1907

de VRIES, J. *Altnordisches Etymologisches Wörterbuch*. Leiden: E. J. Brill, 1977

ZINGARELLI, N. *Lo Zingarelli 2008: Vocabolario della lingua italiana di Nicola Zingarelli*. Bolona: Zanichelli Editore SpA, 2008, CD-ROM

Dicionários ou enciclopédias online utilizados:

DAHLERUP, V. *Ordbog over det Danske Sprog* (ODS – 1700-1955). (Disponível em: <http://ordnet.dk/ods>)

DWDS (*Das Wortauskunftssystem zur deutschen Sprache in Geschichte und Gegenwart*). (Disponível em: <http://www.dwds.de/>)

GAMMELDANSK ORDBOG. (Disponível em: <http://gammeldanskordbog.dk/>)

GRANDE DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão beta. Rio de Janeiro: Objetivo, 2009. Disponível apenas para assinantes em: <http://houaiss.uol.com.br>. Último acesso em 1 de outubro de 2015.

HANSEN, A.; EEGHOLM-PEDERSEN, S. *Holbergordbog*. (Disponível em: <http://holbergordbog.dk/>)

LE ENCICLOPÉDIE ONLINE TRECCANI. (Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/>)

LE TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ (TLFi). Analyse et traitement informatique de la langue française (Atilf), CNRS et l'université de Lorraine. (Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/>)

LEXER, M. *Mittelhochdeutsches Handwörterbuch*. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1872. (Disponível em: <http://woerterbuchnetz.de/Lexer/?sigle=Lexer&mode=Vernetzung&lemid=LV02257#XLV02257>)

MEYER, L. *Meyers Fremmedordbog: Historisk fremmedordbog*. Gyldendal, 1924. (Disponível em: <http://meyersfremmedordbog.dk/>)

MOTH, M. *Moths Ordbog*. (Disponível em: <http://mothsordbog.dk/>)

PHILIPPA, M. *Etymologisch Woordenboek van het Nederlands*. (2003-2009). Disponível em: <http://www.etymologiebank.nl/>. Último acesso em: 1 de outubro de 2015

SVENSKA AKADEMIENS ORDBOK (1521-atual). Versão online. (Disponível em: <http://g3.spraakdata.gu.se/saob/>)

Von WARTBURG, W. *Französisches Etymologisches Wörterbuch (FEW)*. (Disponível em: <https://apps.atilf.fr/lecteurFEW/index.php/>)

WOORDENBOEK DER NEDERLANDSCHE TAAL (1500-1921). s-Gravenhage: M. Nijhoff, 1882-1998. Disponível em: <http://gtb.inl.nl/>. Último acesso em: 1 de outubro de 2015

Corpus online utilizados:

Geral:

ARLIMA. *Les Archives de littérature du Moyen Âge*. (Disponível em: <http://www.arlima.net/>)

ECHO. *Cultural Heritage Online*. (Disponível em: <http://echo.mpiwg-berlin.mpg.de/home/search>)

Hathitrust Digital Library. (Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/mb?colltype=updated>)

MANDRAGORE. *Base des manuscrits enluminés de la BnF*. (Disponível em: <http://mandragore.bnf.fr/jsp/rechercheExperte.jsp>)

Alemão:

ANNO (*Historische Zietungen und Zeitschriften*). (Disponível em: <http://anno.onb.ac.at/anno-suche#searchMode=simple&resultMode=list&from=1>)

DigiPress (*Digitaliserte Zeitungen Bayerns*). (Disponível em: <http://digipress.digitale-sammlungen.de/>)

DTA (*Deutsches Textarchiv*) (1600-1900). (Disponível em: <http://www.deutschestextarchiv.de/>)

MDHBDB (*Mittelhochdeutsche Begriffsdatenbank*). (Disponível em: <http://mhdbdb.sbg.ac.at/>)

MDZ. Münchener DigitalisierungsZentrum (Digitale Bibliothek). (Disponível em: <http://www.digitale-sammlungen.de/>)

Obra de Johan Heinrich Zedlers: *Grosses vollständiges Universal-Lexicon aller Wissenschaften und Künste*. (Disponível em: <http://www.zedler-lexikon.de/index.html?c=standardsuche&l=de>)

SLUB. Das Sächsische Landesbibliothek – Staats – und Universitätsbibliothek Dresden. (Disponível em: <http://digital.slub-dresden.de/kollektionen/>)

Süddeutsche Zeitung Archiv. (Disponível em: <https://archiv.szarchiv.de/Portal/restricted/Start.act>)

Dinamarquês:

Diplomatarium Danicum. (Disponível em: <http://diplomatarium.dk/>)

Renæssancens Sprog i Danmark. A língua dinamarquesa na época da Renascença. (Disponível em: <http://xn--renssancesprog-2ib.dk/>)

Espanhol:

Corpus do espanhol (1200s-1900). (Disponível em: <http://www.corpusdelespanol.org/hist-gen/2008/x.asp>)

DiCCA-XV (Diccionario del castellano del siglo XV en la Corona de Aragón). (Disponível em: <http://ghcl.ub.edu/diccaxv/>)

Francês:

The ARTFL Reference Collection. Corpus lexicográfico francês. (Disponível: <https://artfl-project.uchicago.edu/content/artfl-reference-collection>)

Galego:

Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Galega (TMILG). (Disponível em: <http://ilg.usc.es/tmilg/>)

Holandês:

Corpus de dicionários etimológicos: *Etymologiebank*. (Disponível em: <http://www.etymologiebank.nl/>)

Inglês:

Corpus of Middle English Prose and Verse. (Disponível em: <http://quod.lib.umich.edu/cgi/t/text/text-idx?page=simple&c=cme>)

Early English Books Online. (Disponível em: <http://quod.lib.umich.edu/e/eebogroup/>)

Newspapers. (disponível em <https://www.newspapers.com/>)

Italiano:

EDIZIONE DIGITALE DELLE OPERE COMPLETE DI GALILEO GALILEI. (Disponível em: <http://pinakes.imss.fi.it:8080/pinakestext/home.jsf>)

LARSON, P.; ARTALE, E. *Corpus OVI dell'Italiano antico*. (Disponível em: [http://gattoweb.oiv.cnr.it/\(S\(pvyeqvv3zyx414nyp1vwzsrh\)\)/CatForm01.aspx](http://gattoweb.oiv.cnr.it/(S(pvyeqvv3zyx414nyp1vwzsrh))/CatForm01.aspx))

Norueguês:

Diplomatarium Norvegicum. (Disponível em: http://www.dokpro.uio.no/dipl_norv/diplom_field_eng.html)

Nasjonalbiblioteket. Acervo da biblioteca nacional. (Disponível em: www.nb.no)

Português:

Acervo da Folha. Jornais da Folha de 1921. (Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/>)

Acervo do Estadão. Jornais do Estadão. (Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>)

Acervo da Veja. Revistas da Veja (Disponível em: <http://veja.abril.com.br/complemento/acervodigital/index-novo-acervo.html>)

Corpus lexicográfico do Português. (Disponível em: <http://clp.dlc.ua.pt/DIClweb/default.asp?url=Home>)

Corpus do português (s.XIII-XX). (Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/>)

Hemeroteca Digital Brasileira. (Disponível em:
<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>)